

**A Revolução dos Cravos e o Mito Revolucionário
da Esquerda Francesa**

Inês Leitão Ferreira de Almeida

**Dissertação de Mestrado em História Contemporânea
Orientador: Professor Doutor Fernando Rosas**

Versão Corrigida e Melhorada Após Defesa Pública

Setembro de 2016

Dissertação de Mestrado apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em História Contemporânea
Realizado sob a orientação científica do Professor Doutor Fernando Rosas

À memória de meu avô João.

À minha mãe, por tudo.

RESUMO

Todas as Eras têm os seus mitos. Estes estão, por norma, nos estudos académicos, associados ao foro do religioso, por serem os rituais espirituais e as superstições uma prática societária generalizada e transversal à cronologia das comunidades humanas.

A História Contemporânea assiste, particularmente no século XX, à constituição de um tipo de mito, favorecido pela massificação da política: o mito político. Nele encontramos, dentro do grupo alargado que é a “esquerda”, um mito revolucionário, dado o carácter de ruptura anunciado por todos os quadrantes deste colectivo.

O conceito de “mito” permite-nos abordar a História numa perspectiva cultural, mais abrangente do que uma análise puramente política. Para o explorar, escolhemos como foco a visão francesa de uma geração específica, a do Maio de '68, por ser de um tempo de movimentos sociais particularmente intensos, da entrada de novos grupos sociais na política, das vivências singulares daquela juventude, bem como da projecção internacional e influência socio-política que esse acontecimento teve.

A partir das referências essenciais dessa geração, isto é, da sua herança política, este trabalho centra-se na recepção e reflexão da geração francesa sobre a Revolução portuguesa de 1974. O seu claro envolvimento permite-nos tentar compreender um mundo, depois derrubado pela chegada do neo-liberalismo, em que o 25 de Abril foi a derradeira esperança.

Os acontecimentos em si, os sujeitos e os próprios micro-processos revolucionários portugueses – Reforma Agrária, Auto-gestão, Movimentos de Trabalhadores e Moradores, Nacionalizações, Descolonização –, tudo é objecto de estudo e comentário pela voz da esquerda francesa, na sua diversidade.

Palavras-chave: revolução portuguesa, mito revolucionário, esquerda francesa, imprensa francesa, maio de 68.

ABSTRACT

All eras have their myths. These myths are, in academic studies, normally associated with the religious field, since spiritual rituals and superstitions are a generalized social practice, transversal to the chronology of human communities.

Modern History witnesses, particularly on the 20th century, the building of a kind of myth, favoured by the massification of politics: the political myth. In it we find, among a large group of the so called “left wing”, a revolutionary myth, given the nature of rupture announced by all spectrum of this collective.

The concept of “myth” allows us to approach History in a cultural perspective wider than the purely political analysis. To explore it, we chose as focus the French vision of a specific generation, the May 68’s, for being from a time of particularly intense social movements, the arrival of new social groups in politics, the singular life experiences of that youth, as well as the international projection and the social political influence of that event.

From the main references of that generation, that is its political heritage, this paper is centered on the acceptance and reflection of the French generation about the Portuguese Revolution of 1974. This generation’s clear involvement allows us to try to understand a world, later brought down by the arrival of neo-liberalism, to which the 25th April was the final hope.

Events themselves, subjects and Portuguese revolutionary micro-processus of their own – Agrarian Reform, Self-Management, Workers and Dwellers Movements, Nationalizations and Decolonization –, all of it is object of study and critic by the French left wing voice, in its diversity.

Keywords: portuguese revolution, revolutionary myth, french left wing, french press, may 68.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
PARTE I – A GERAÇÃO DO MAIO DE ‘68.....	5
CAPÍTULO 1 - O MITO REVOLUCIONÁRIO.....	5
1.1. O Palco.....	5
1.2. Os Protagonistas.....	6
1.3. A Narração.....	8
1.4. O Tempo.....	9
1.5. As primeiras tradições revolucionárias.....	10
1.6. Percurso francês ao longo do século XX	12
1.7. Traços para delinear uma geração.....	15
1.8. A esperança na Revolução vinda do exterior.....	17
1.9. O Maio de ‘68, <i>le temps des cerises</i> ?.....	21
1.10. Após o fim das barricadas de Saint-Michel	26
PARTE II - A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS	27
CAPÍTULO 1 - QUE REVOLUÇÃO? ETAPAS DO PREC	32
1.1. 25 de Abril a 28 de Setembro.....	32
1.1.1. Portugal un cri: “Liberdade!”.....	32
1.1.2. Acalmia dos primeiros meses	35
1.2. 28 de Setembro a 11 de Março.....	36
1.2.1. A Crise Palma Carlos e o 28 de Setembro	36
1.3. 11 de Março a 25 de Novembro	38
1.3.2. Eleições	39
1.3.3. Avanços Populares e Anti-comunismo primitivo	41
1.3.4. Escalada de Outono: <i>des oeillets, c’est fini</i>	50
1.3.5. 25 de Novembro.....	55
CAPÍTULO 2 – SUJEITOS DA REVOLUÇÃO	59
2.1. Comunistas Ortodoxos	59
2.2. Esquerda radical	64
2.3. Trotskistas.....	70

2.4. Socialistas.....	75
CAPÍTULO 3 - O FIM DOS MONOPÓLIOS E A REFORMA AGRÁRIA	83
CAPÍTULO 4 - A LEGITIMIDADE REVOLUCIONÁRIA E O FENÓMENO DA AUTO-GESTÃO	90
CAPÍTULO 5 - PODER POPULAR	96
CAPÍTULO 6 - TEMAS EM DESTAQUE	105
6.1. A Descolonização	105
6.2. A Imprensa.....	107
CONCLUSÃO	110
1. O Caminho Português para o Socialismo e a Derrota – o que faltou?.....	110
2. O Fim do Mito Revolucionário dos Anos 60	113
ANEXO I.....	114
ANEXO II	176
ANEXO III.....	181
ANEXO IV	214
BIBLIOGRAFIA	216

LISTA DE SIGLAS

AMI – Agrupamento Militar de Intervenção
AOC – Aliança Operária Camponesa
CDS – Partido do Centro Democrático Social
CDR – Comités de Defesa da Revolução
CEE – Comunidade Económica Europeia
CERES – Centre d’Études, de Recherches et d’Éducation Socialiste
CFDT – Confédération Française Démocratique du Travail
CGT – Confédération General des Travailleurs
CIA – Central Intelligence Agency
CICAP – Centro de Instrução e Condução Auto do Porto
COPCON – Comando Operacional do Continente
CR – Conselho da Revolução
CRT – Comités Revolucionários de Trabalhadores
CRDP - Corpos Revolucionários de Defesa Popular
ELP – Exército de Libertação de Portugal
FA – Forças Armadas
FEC (m-l) – Frente Eleitoral Comunista (marxista-leninista)
FEN – Frente dos Estudantes Nacionalistas
FLN – Front de Libération Nationale
FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique
FSP – Frente Socialista Popular
FUP – Força da Unidade Popular
FUR – Frente de Unidade Revolucionária
GNR – Guarda Nacional Republicana
LCI – Liga Comunista Internacionalista
LUAR – Liga de Unidade e Acção Revolucionária
MDLP – Movimento Democrático de Libertação de Portugal
MDP – Movimento Democrático Português
MES – Movimento de Esquerda Socialista
MFA – Movimento das Forças Armadas
MNA - Mouvement National Algérien
MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola

MRPP – Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado
NEP – Nova Política Económica
PAIGC – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde
PCF – Partido Comunista Francês
PCP – Partido Comunista Português
PIDE-DGS – Polícia Internacional e de Defesa do Estado - Direcção-Geral de Segurança
PPD – Partido Popular Democrático
PREC – Processo Revolucionário em Curso
PRP-BR – Partido Revolucionário do Proletariado – Brigadas Revolucionárias
PS – Partido Socialista
PSF – Partido Socialista Francês
PSP – Polícia de Segurança Pública
PSU – Parti Socialiste Unifié (liderado por Pierre Mendès France)
PUP – Partido de Unidade Popular
RALIS – Regimento de Artilharia de Lisboa
RASP – Regimento de Artilharia da Serra do Pilar
RFA – República Federal da Alemanha
SDS – União de Estudantes Socialistas (na Alemanha)
SUV – Soldados Unidos Vencerão
UEC – União dos Estudantes Comunistas
UJC – União da Juventude Comunista
UDP – União Democrática Popular
URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

INTRODUÇÃO

Objectivos Gerais

O “mito político” é um conceito pouco explorado pelos estudos académicos, embora, enquanto ideia, seja comentado como uma percepção real em pano de fundo nas culturas contemporâneas, no caso composto, na maioria das vezes, por projecções associadas a construções nacionalistas ou, quando muito, a uma apresentação do Mundo em Ocidente/os restantes. Neste contexto, a influência do marxismo na Europa, aliás seu berço, é de enorme importância para a compreensão do conceito de esquerda e, dentro dele, um imaginário que se vai construindo.

É sobre as interligações entre os conceitos de mito, esquerda e tradição revolucionária que esta dissertação se pretende debruçar. Referentes à geração de Maio de '68 em França, os conceitos apresentam-se num canto do cisne na Revolução Portuguesa de 1974/75, a qual acaba por ser o centro da redacção. À luz desta apresenta-se a mitologia cultural e revolucionária.

A dissertação é, assim, construída em duas partes: uma primeira em que se exploram os vários pontos de referência da esquerda francesa desse tempo; uma segunda em que se aplicam os conceitos propostos ao caso português em específico.

Metodologia: fontes

As fontes consideradas foram escolhidas a partir de uma triagem, de acordo com os órgãos de informação das principais filiações políticas francesas. Assim, acompanhamos o jornalismo francês de um quadrante político próprio, desde o 25 de Abril de 1974 a inícios de 1976, com o fim do processo revolucionário. É no acompanhamento da época, mais do que nas reflexões posteriores, que se centra a análise do pensamento francês. E ele não é pouco extenso, mesmo limitado ao curto prazo, se tivermos em conta os mais de 500 artigos publicados em jornais diários franceses, como o *Libération* ou o *L'Humanité*, bem como revistas socialistas de nome *Frontières* e *Repères* ou o *L'Humanité Dimanche* e o *L'Unité*, em extensas reportagens.

Por outro lado, e embora pertença ao campo dos estudos, parte das referências culturais, objecto da Parte I deste trabalho, são feitas tendo em consideração os

pequenos cadernos da época, dados a conhecer pelas Éditions Maspero¹, como no caso do Movimento Negro, da figura de Che Guevara ou do caso chinês. Não abordada por este método, porque de alcance limitado no desenvolvimento do raciocínio, a mentalidade francesa é em muito completada pela visão de Hervé Hamon e Patrick Roman nos seus dois volumes da obra *Génération*, a qual se propõe a reconstruir o contexto da geração por nós analisada.

A abordagem a que se propõe este trabalho é político-cultural, mais do que económica ou mesmo social. Nesse sentido, procuramos compreender o pensamento francês, excluindo as restantes perspectivas.

Estado da Arte

As obras feitas sobre a perspectiva de uma secção da população em relação a outra têm tendência a estar relacionadas com fenómenos colonialistas, pelas complexas redes de ligação de submissão, em vectores económicos, como políticos, sociais e mentais. A visão entre movimentos civis irmãos, em condições diferentes mas sem qualquer relação de imposição, é relativamente rara. Para mais, o entusiasmo e a expectativa enformados em mito, sem se referirem a consequências que não da História das Ideias são de um silêncio quase constante.

A conhecida obra de Josép Cervelló, *A Revolução Portuguesa e a sua Influência na Transição Espanhola (1961/1976)* faz parte das poucas obras no estilo. Propõe-se reflectir mais sobre consequências práticas de alterações políticas em Espanha do que a formar um retrato dos intelectuais espanhóis face ao assunto.

O caso de Nicos Poulantzas, com *A Crise das Ditaduras – Portugal, Grécia e Espanha*, seria de igual importância, não fora ter sido escrito em 1975, estando mais datado, porque escrito ainda no presente da acção histórica. O seu papel de análise vai assim equacionado a par com possíveis desenlaces da situação nos três países. Torna-se, portanto, mais do que um estudo, uma fonte da escola althusseriana. Tem, sobretudo, o contributo de apelidar Portugal, como a Espanha e a Grécia, de países não colonizados mas com estatuto intermédio de dependentes, porque com uma industrialização feita em co-relação com os países desenvolvidos.

¹ Sobre a importância das Edições Maspero ver ROSS, Kristin, *May '68 and Its Afterlives*, London, Chicago Press, 2002, pp. 80-90.

Existem, contudo, alguns trabalhos sobre a voz da imprensa nos acontecimentos portugueses. É o caso da análise de Immaculada Cordero Olivero no artigo “Lo que no debe ser”. La Revolucion Portuguesa en la prensa española” da obra colectiva *O Fim das Ditaduras Ibéricas* e o artigo de Carla Luciana Silva, “A Revolução de Abril na Imprensa Brasileira”, na obra sob coordenação de Raquel Varela, *Revolução ou Transição – História e Memória da Revolução dos Cravos*. No entanto, ambos se reportam a casos em que os próprios países vivem no regime ditatorial, pelo que o assunto veicula as vozes pró-regime ou de resistência, consoante quem fala, mais do que quem assiste sob um regime pluralista, como é o caso francês.

As descrições de Mário Mesquita sobre a imprensa internacional face ao PREC são, além de sobretudo feitas de uma perspectiva jornalística, sem qualquer interpretação histórica do que é dito, de um carácter generalista, como aliás não podia deixar de ser numa obra que pretende compreender todas as opiniões de todos os quadrantes políticos de tantos países do Mundo. A análise à opinião dos franceses, no geral, é feita, ainda que de forma reduzida, nesta obra.

Também no artigo de Victor Pereira, “Será que Verei Lisboa?” se fala das “peregrinações revolucionárias”. Apesar da enorme qualidade do artigo, este refere-se mais às deslocações turísticas para observação dos acontecimentos do que à opinião francesa do civil residente no seu país.

Por parte de autores franceses, a procura de uma opinião pública dos acontecimentos portugueses num quadrante político específico, existe no artigo de Kassen Fadi, “Les socialistes français face à la révolution démocratique au Portugal de 1974 a 1981”, a partir da Escola de Ciências Políticas, bem como a obra de Alex Macleod, *La Révolution Inopportune: les partis communistes français et italiens face à la Révolution Portugaise*. Estes acabam por se limitar, pois a um quadrante específico, sem procurar um cenário mais abrangente.

O documentário de Sérgio Tréfaut, *Outro País*, (1999), revela os múltiplos registos internacionais sobre o 25 de Abril, que este considera ainda por descobrir pelos próprios arquivos portugueses. Entre eles, encontram-se jornalistas de nacionalidade francesa, como é o caso dos fotógrafos Jean Gawmy, Guy le Querrec e Dominique Issermann ou os cineastas Michel Lequenne e Daniel Edivger, autores de *Setúbal*, *Ville Rouge*, e Thomas Harlam, que filmou o mais conhecido *Torre Bela*. O traço comum das suas vivências da Revolução Portuguesa é o reconhecimento da

enorme curiosidade da sua geração, os que vieram em “viagens políticas” e os que consideraram ter sido a observação de uma das revoluções mais belas do século XX.

Assim foi pela divisão de classes ainda clara na sociedade portuguesa e pela absoluta esperança dos seus participantes na concretização da Revolução.

A percepção face ao mito político é rara na historiografia, com algumas exceções. Num artigo proveniente da Revista de História das Ideias, Maria Manuela Cruzeiro propõe-nos uma leitura simbólica da Revolução de '74/'75. Intitulado “O Imaginário Político do 25 de Abril” o artigo fala-nos de um elemento excluído da actividade política racional: o capital simbólico, tão bem trabalhado pelas mãos de Pierre Bourdieu. Através desse capital simbólico, superar-se-ia a temporalidade histórica, isto é os acontecimentos, para estar atento à leitura imaginada – não como leitura falsa ou oposta à realidade, mas antes como percepção dos que a vivem.

“Num clima de vazio social, o mito é instrumento de reconquista de uma identidade abalada”, afirma encontrando no cruzamento entre as referências do passado e as utopias para o futuro um presente ideal. O período revolucionário propicia, então, uma visão maniqueísta da sociedade, substitui o herói individual pelo herói colectivo e “re-semantiza conceitos”, nas palavras da autora. Mais, esse presente revolucionário seria uma contra-mitologia do ideário estado-novista.

Ora se não seguimos esta linha de pensamento em absoluto, o seu raciocínio desenvolve ideias paralelas ao eixo central desta dissertação. O imaginário político de um potencial cenário revolucionário é sempre baseado na memória colectiva dos seus actores. É sobre essa memória colectiva revolucionária que nos debruçamos.

A visão de uma esquerda e sob a percepção face ao “mito político” está, portanto, por fazer.

No que ao caso do “mito político” diz respeito, ele tem proximidade, se bem que numa escala bastante diferente, à obra em dois volumes de Hervé Hamon e Patrick Roman, *Génération*, que reconstitui os antecedentes, o Maio de '68 e o tempo que se lhe seguiu.

PARTE I – A GERAÇÃO DO MAIO DE ‘68

CAPÍTULO 1 - O MITO REVOLUCIONÁRIO

1.1. O Palco

O século XX comporta múltiplas histórias, num mundo mais do que nunca em comunicação. Recheado de processos do inaugurar da Modernidade, isto é, da conclusão da implantação do capitalismo no Ocidente, este século concentra particularidades e vê levado a outro nível tensões desde sempre presentes. As novas formas de guerra e os horrores do totalitarismo são fenómenos interligados e, porventura, os mais difundidos sobre as décadas decorrentes de 1900. Entrelaçadas com a Guerra Civil europeia e a falência da democracia liberal e sua relativa recuperação no clima de pós-guerra, vieram as ideologias políticas contemporâneas. Estas vinham tomando forma, condicionadas pelo fim do feudalismo. Pelo avanço do capitalismo, pela sua concretização absoluta na Revolução Industrial e, depois, na progressiva conquista da sociedade pela lógica de Mercado, enquanto, em diálogo, o marxismo teórico se consolidava, o movimento operário ganhava força, os movimentos sociais ganhavam maior expressão como formas de luta. Perante a conjuntura hesitante das heranças oitocentistas, depois destruída em caos bélico, as ideias puderam tomar forma em novos tipos de regime, em ensaios de papel do Estado. Esse percurso, da teoria à prática, o fascismo e o comunismo têm em comum.

Apartemos agora caminho entre eles para pensar a esquerda, tomando-a como politização vaga, de valores com contornos igualitaristas e anti-capitalistas – deixemos, por enquanto, a especificidade, dado ser esta a pincelada necessária para a compreensão dos anseios de um todo tão variado. O ensaio de novas práticas, a luta, a tentativa-erro, enfim a concretização de Estados políticos que têm como guia pressupostos marxistas, pode ser vista como um enorme impulso ao imaginário da esquerda, bastante mais agudizado que nos séculos anteriores. A fertilidade de processos desencadeados nestas décadas permite-nos tentar reconstituir esse vago imaginário, na busca do mito revolucionário da esquerda. Neste anseio, já de si excessivamente abrangente, torna-se necessário analisar uma cultura específica. Foi escolhida a esquerda francesa, filha de uma Europa do pós-guerra, precisamente pelas

suas idiossincrasias, simultaneamente romantizadas e romantizantes. A construção feita procura abarcar um trajecto cronológico de cariz socio-político que culmina, para efeito de análises de fontes, na Revolução dos Cravos, a qual pode ser considerada a última grande Revolução do século XX².

1.2. Os Protagonistas

Os conceitos de direita e esquerda começaram por ser forjados, num termo mais literal, nos dias da Revolução Francesa, perante a convocação dos Estados Gerais, com os assentos divididos entre os que pretendiam a reforma e os que optavam pela ruptura alimentada pela soberania popular. Edmund Burke dividiu, por sua vez, as políticas dos conservadores das dos revolucionários. Os americanos, de uma forma mais radical, separavam-se entre os que exigiam independência e os que se consideravam ainda parte do Império Britânico. Criada a lógica binária, a partir das Revoluções Francesa, Inglesa e Americana, ela não mais deixou de ser aplicada em termos relativos às políticas existentes, sem encontrar no entanto uma forma estática³. Com a industrialização, avança-se com um dilema para os conservadores e progressistas, quanto ao investimento nas maquinarias e na ideia de progresso. Contudo, é o aparecimento do marxismo, derivado precisamente do advento industrial, que vem dar uma noção mais sólida ao que é o progresso e o que representa a ruptura. Tanto pelas suas obras, como pela repercussão destas no pensamento europeu e, mais tarde, mundial, Marx associa Revolução a ruptura numa luta de classes contínua entre opressores e oprimidos, o progresso à liberdade dos explorados pelo emprego da violência, o internacionalismo à união de sujeitos esmagados por Estados ditos burgueses numa só fraternidade. O pólo oposto passava a congregar conservadores de uma certa ordem pré-existente, com liberais a favor da globalização dos mercados, particularmente amplos no caso dos países colonialistas. As últimas décadas oitocentistas centram-se, sobretudo, no movimento operário e sua reivindicação proletária, perante a entidade patronal, respeitante aos seus direitos laborais, novos planos de acção política até aí não reconhecidos, tidos como exclusivos das assembleias parlamentares.

² Parágrafos baseados na leitura de TRAVERSO, Enzo, *À Feu et À Sang – de la guerre civile européenne 1914-1945*, Paris, Éditions Stock, 2007.

³ Cf. MALTEZ, José Adelino, “Direita” e “Esquerda” in *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*, Lisboa, Verbo, 1999, vol. 9, pp.450-456.

Os totalitarismos do novo século vêm alterar alguns aspectos da ideia de reforma e de ruptura. Os fascismos procedem à ruptura, proclamando-se da transformação absoluta, de revoluções de direita. Por sua vez, há uma única direita, a fascista, que se proclama como revolucionária. Enzo Traverso contrapõe com a manutenção desta direita das antigas elites económicas, militares e administrativas, pura fusão entre autoritarismo e conservadorismo⁴. Cobertos de uma capa de espontaneidade e de movimento massificado exerceriam uma violência ilegítima e de usurpação de poder.

A esquerda estalinista, pelo contrário, torna-se um Estado de existência permanente e carácter burocratizado. Constitui, portanto, uma excepção à procura da esquerda de um Estado que se constitua como temporário e de acção encaminhada para o socialismo. É um novo tipo de esquerda que surge.

A intermutação destes conceitos, bem como a utilização dos nacionalismos, causam variações inúmeras nos movimentos políticos de ambas as conotações. Por temor de degenerações, quer autoritárias, quer reformistas que não comportem já senão o embrião revolucionário, as primeiras procurando a concentração do poder em mãos fixas, as segundas procurando soluções dentro do sistema económico existente, a esquerda procede a inúmeras discussões do seu próprio carácter. Ela afirma-se ainda como revolucionária e esses dois processos como erros que delimitam a acção da própria esquerda.

A esquerda revolucionária tem a seu cargo inúmeros pensadores, desde os iniciais Marx e Engels, aos seus sucessores Lenine, Trotsky, Rosa Luxemburgo, Mao, os seus contemporâneos Proudhon ou Bakunine. Procurando uma solução para o que consideram ser o absoluto desajustamento do regime económico e, consequentemente, da organização social, todos eles têm em comum a oposição ao regime capitalista, sistema que segue e aperfeiçoa as desigualdades feudais, ódio à classe dominante, a burguesia, exigindo a igualdade e, para a alcançar, procurando solução nela, não no Reformismo, mas na Revolução. Esta tende a ser armada, procura eliminar a classe exploradora para que não retome nunca o poder e quer dá-lo ao proletariado, sendo os seus meios variados e, esses sim, discutidos.

Os franceses, herdeiros de uma tradição democrático-parlamentar, vendo o seu território ocupado pelo fascismo, atentos aos exemplos de regimes auto-denominados

⁴ Cf. TRAVERSO, Enzo, *op. cit.*, pp. 272-282.

comunistas, colectivo precocemente politizado na Europa tornam-se centrais na análise das duas faces da política e, sobretudo, na procura dos espíritos da Revolução idealizada.

1.3. A Narração

“Mito é a projecção reactiva no espaço social da linguagem e de outras formas sensíveis, de visões fantásticas, de desejo, de terrores, de explicações do universo e da vida, a um primeiro nível, directo e imediato, de um modo de apreensão do real e de religação com o mesmo real sem a mediação rigorosamente consciente da filosofia, da ciência ou da teologia”⁵. Esta definição é a de um conceito utilizado largamente pela Antropologia, oscilando entre teorias alegoristas, simbolistas, tautegoristas e estruturalistas sobre a sua criação, na ideia das histórias pagãs, por isso de índole religiosa, no campo da crença e do símbolo. Não é nesta acepção que procuramos utilizar a palavra. As expressões de Micrea Elíade, ainda que falando do mito atrás definido, são mais apropriadas para o caso em estudo: o mito vivo “fornece modelos para o comportamento humano”, “confere significado e valor à existência”, “conta uma história sagrada”, constitui “actividade criadora”⁶. Se trilharmos por aqui, se revirmos o termo como um conjunto de referências culturais, “modelos”, um imaginário de um indivíduo ou de uma geração, deparamo-nos com outras possibilidades de mito. O mito político, isto é, os vários traços de ideias e de experiências parte da memória colectiva que fazem a “crença” no futuro de uma sociedade através de um processo, também ele mitificado: a Revolução.

Esta, além de moldada pelo mito, pode ser consagrada como o sonho, o sonho que comandaria a vida de múltiplas gerações. Mas aqui esbarramos com novo conceito, desta feita muito utilizado pela Psicologia. A preocupação é então a de clarificar, mais uma vez, o sentido do conceito. Podemos aceitá-lo como uma criação a partir de aspectos do real de um contexto diferente. Contudo, não pode ser aceite a ideia de sonho como contraposição pura e simples a um real que constituiria a verdade. Os contornos oníricos como aspiração serão a forma mais acertada do conceito abstracto tomar traços políticos.

⁵ ANTUNES, Manuel, “Mito” in Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura, Lisboa, Verbo, 1999, pp. 68-73.

⁶ ELIADE, Micrea, *Aspectos do Mito*, Lisboa, Edições 70, s/d, pp. 9-13.

Palavras como mito, imaginário e sonho que serão utilizadas ao longo desta dissertação devem, portanto, ser vistas na sua explicação menos académica, numa reunião de ideias e heranças que afectaram a forma como a Esquerda, e especificamente a esquerda de uma geração, neste caso a geração conhecida como a do Maio de '68, viu a Revolução.

1.4. O Tempo

Se é certo que um colectivo de indivíduos nascidos na mesma época não partilham nunca os mesmos valores por factores simplesmente cronológicos, criados em ambientes diferentes, em espaços diversos, não é absurdo considerar as referências culturais de uma sociedade para compreender esse colectivo, mais preciso quanto maior for o foco. No caso específico do sonho revolucionário, o intento revela-se numa observação da esquerda, dado ser esta a facção que se afirma como revolucionária, contrapondo o sistema existente. Se considerarmos a esquerda como a concentração política que pensa como legítima a prossecução da Revolução para fins igualitários, tendo como inimigo o advento capitalista que não só prolonga as desigualdades como acentua a exploração das classes mais baixas para com as mais altas, ela tem uma memória colectiva comum.

“Por fim, esses modelos sucessivos de concretização desenharam em grandes traços os contornos invariáveis de uma utopia. Eles revelam todos à vez a espantosa unidade das representações e a constância das atitudes hexagonais na procura de paraísos encarnados. A esse respeito, a diversidade de mitologias políticas não saberia ocultar completamente a permanência da espera mais do que o estereótipo das práticas e das posturas, ou seja, a sua incansável reiteração. (...) Alteráveis e imutáveis, as percepções estrangeiras da esquerda francesa tratam também como revelações, fixando os contornos dos esquemas convergentes, demasiado invariáveis na forma e no tempo para não serem senão puras coincidências. Elas desmascaram a existência de um alicerce mitológico que passa pela procura da cidade ideal e da fábrica do homem novo. Os países comunistas funcionam como um potente estimulante para a imaginação. Cada um constrói, a partir de informações seleccionadas, a representação mais conforme o seu imaginário e as suas aspirações. Mas essa procura propriamente utópica de tábua rasa radical sobre a qual se edificará um mundo completamente

remodelado entra em sinergia com todas as representações idealizadas que não deixam de ser consoante a tradição utópica ela mesma”⁷.

1.5. As primeiras tradições revolucionárias

A tradição de forças revolucionárias modernas generalizadas em Revolução é pioneira em França. Como afirma Barrington Moore, a Revolução Americana não é senão a libertação de uma situação colonial; a Revolução Francesa requer a transformação absoluta e irreversível do feudalismo, revirando, mesmo nos seus aspectos mais momentâneos, as relações entre ordens, a partir daqui classes, nunca antes postas em causa de forma tão radical⁸. É certo que a burguesia é a classe vencedora da convulsão de 1789, mantém a exploração das classes mais desfavorecidas, recua em algumas das grandes decisões da aristocracia da noite de 4 de Agosto⁹, guardando certos resquícios de feudalismo, torna crucial o conceito da propriedade em substituição da anterior sacralidade conferida à linhagem. Contudo, é igualmente correcto encontrar no jacobinismo a primeira expressão do método revolucionário e da legitimação do uso da violência¹⁰, não por contrato entre as partes sociais, como no caso inglês, mas porque a maioria, contada em números e não em importância, na grande parte da população vinda de baixo, é quem detém a verdadeira legitimidade do poder de Governo, depois delegada. A figura do monarca, proprietário das terras francesas, Rei-Sol, rodeado dos seus aristocratas, encontra então o negativo da sua fotografia nas mudanças trazidas pela Revolução até 1793. Nem todos os recuos oferecidos pelo tempo no caminho percorrido conseguem apagar a abertura do mesmo. A consciência deste passado, retiradas as conotações nacionalistas e desconstruído o discurso da burguesia sobre os acontecimentos, tem certamente impacto nos jovens dos anos 60 do século XX, nomeadamente na figura jacobina revolucionária e violenta. O problema da propriedade tem resposta nas ideologias que se lhe seguiram.

⁷ *Histoire des Gauches en France* (dir. Jean-Jacques Becker e Gilles Candar), Paris, La Découverte, 2004, p. 475 e p. 481. As citações do francês são tradução livre da autora ao longo desta dissertação.

⁸ Cf. MOORE, Barrington, *As Origens Sociais da Democracia e da Ditadura*, Lisboa, Edições 70, 2010, pp. 123-127.

⁹ Cf. FURET, François, *La Révolution – De Tourgot à Jules Ferry, 1770 – 1880*, Paris, Hachette, 1988, pp. 85-88; Cf. FURET, François, *Revolutionary France 1770-1880*, Oxford, Blackwell Publishing, 2008, pp. 41-101.

¹⁰ V. LÖWY, Michael & SAYRE, Robert, *Revolta e Melancolia*, Lisboa, Bertrand Editora, 1997, pp. 149-185.

Herdeira do começo da tradição revolucionária moderna, a juventude francesa, com mais acesso do que nunca à sua própria história, dada a entrada massiva na Universidade nos anos 60 e o acesso fácil a conhecimento livresco, olha também a Comuna de Paris como inaugurando mais hábitos libertários, trilhando mais “espontaneidade”¹¹. Em 1871, durante breves meses, o sonho marxista parece ser cumprido – prenúncio do próprio como o começo das revoluções socialistas que se avizinham¹² -, os activistas com influências de Proudhon, homens da Internacional e anarquistas herdeiros de Bakounine lideram o incentivo a uma população *sans-culotte*, ainda proveniente do espírito de 1789, para dar origem à autonomia parisiense, desta feita sem chefes¹³. Abolidas as classes e a propriedade, sobretudo desaparecido o Estado, os indivíduos são administrados pela própria comunidade em Assembleia, com a fraternidade sempre sonhada pelos revolucionários¹⁴. Procura-se o começo da educação gratuita, a reorganização da produção, avança-se com a ideia de igualdade de género, ideias que, embora não tenham tempo de ser postas em prática, são um enorme avanço para o pensamento oitocentista original. Há ainda num aspecto mais lato, um internacionalismo por oposição a uma visão de Exército Estado-Nação, nunca até aí concebida na Idade Moderna. Sem parlamentarismo e, portanto, sem delegação de poderes, numa administração que se quer directa, torna-se o primeiro poder proletário da História: “faz aparecer o que não existia”. Até certo ponto vista criticamente pelo próprio Marx¹⁵, ela não deixa de ser, para a esquerda, umas das primeiras comunidades libertas do jugo do Estado burguês, ou de qualquer tipo de Estado, desde as obscuras comunidades medievais que o conseguiam fazer numa autoridade estatal ainda dispersa e sem controlo total das suas terras ou dos seus exércitos, longínquo no tempo, ou de comunidades em locais remotos do Mundo de espírito igualitário, mas em nada relacionadas com o “progresso técnico” e o “pensamento científico” da sociedade francesa. A Comuna é a prova de que a realidade marxista, iniciada em Paris, é possível, admiração partilhada, aliás, pelos revolucionários russos¹⁶.

¹¹ Cf. VANEIGEM, Raoul, *A Arte de Viver para a Geração Nova*, Lisboa, Letra Livre, 2014; DEBORD, Guy, *The Society of Spectacle*, Nova Iorque, Zone Books, 1994; *De la Misère en milieu étudiant considérée sous ses aspects économique, politique, psychologique, sexuel et notamment intellectuel et de quelques moyens pour y remédier*, Paris, Éditions de Comptoir, 2007.

¹² Cf. FURET, François, *La Révolution...*, p. 487.

¹³ *Ibidem*, p. 488.

¹⁴ FURET, François, *Revolutionary France...*, pp. 500-506.

¹⁵ *Ibidem*, pp. 498.

¹⁶ *Ibidem*, p. 501.

Segue-se, portanto, a referência cultural clássica: a Revolução Russa, o “Éden social”¹⁷. Independentemente da burocratização seguida, opinião aliás não compartilhada por toda a esquerda francesa, o começo fora auspicioso, a área coberta em nada se comparava à pequena Comuna de Paris, os líderes revolucionários eram inúmeros e inspiradores, os soviets eram prova de um poder mais legítimo que o eleitoralismo burguês, a planificação económica prova de que, após a NEP¹⁸, vinha o prometido socialismo. É uma Revolução que é continuada, com força própria, além de conjuntural e que requiere a consciencialização das massas, elemento acrescentado que faltou às revoltas russas anteriores. É a primeira revolução proletária da História da Europa. Sobretudo, os contributos teóricos de Lenine e Trotsky deixam os jovens franceses convictos de que a etapa russa não pode ser esquecida. Lenine é o líder que avança com a experiência socialista num país ainda primitivamente industrializado e cuja mão-de-obra é manifestamente na sua maioria camponesa, com absoluta dispersão da força operária, em nome de quem os bolcheviques exercem o seu poder. Trotsky é o líder do braço armado da Revolução que lidera o politizado Exército Vermelho. As suas teorizações sobre o futuro da Revolução que tomaram em mãos é vista com muito bons olhos pelos que anseiam poder concretizar o seu próprio processo revolucionário. Apesar da “crise moral” aberta por Khruchchev com a desestalinização, para muitos o exemplo foi tão forte que somente o fim do Muro de Berlim em 1989 trouxe a desilusão final¹⁹.

1.6. Percorso francês ao longo do século XX

A Frente Popular constitui uma referência da esquerda francesa, mais do que pela frente de esquerda governativa de carácter unificado e liderada pelo carismático León Blum, sobretudo pela transformação absoluta dos direitos dos trabalhadores, a partir da reivindicação sindical e da greve prolongada. Se o movimento operário tinha conhecido algumas vitórias no final do século XIX e começo do XX – “a Belle Époque da greve”, a Primeira Guerra veio desordenar os grupos sociais, destruir materialmente a sociedade francesa e trazer um enorme refluxo à luta laboral. Agravada pela Grande Depressão de '29, que se fez sentir sobretudo de '31 a '36, os

¹⁷ V. *Histoire des Gauches...*, p. 476.

¹⁸ Para siglas, consultar Lista de Siglas.

¹⁹ V. DEUTSCHER, Isaac, *A Revolução Inacabada*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, pp. 93-110.

trabalhadores pareceram ao longo dos anos '20 desiludir-se com a sua capacidade de mudar os seus direitos, especialmente depois da falha nas lutas sindicais dos anos '19 e '20. A luta entre socialistas-reformistas e comunistas-revolucionários pela posse dos sindicatos e a hegemonia junto do seio operário dividiu ainda mais um movimento já de si em declínio. Por sua vez, nem as instituições sindicais, nem as tradições familiares, tinham a capacidade de conferir a manutenção da luta como herança, ajudada pela amnésia induzida de certa forma pela entidade patronal e da nova entrada de imigrantes e camponeses, desenraizados e portanto menos aptos a uma luta operária da velha tradição²⁰.

É a necessidade de estabilizar a mão-de-obra nos anos seguintes que permite o reencontrar da tradição da reivindicação, numa nova geração que se aproxima. O emprego é distribuído entre homens franceses, muitos já empregados no sítio onde nasceram. Acrescido a esta tipificação há uma muito menor recorrência a mão-de-obra sazonal, o que garante a homogeneização da classe operária. O fim, para muitos, da esperança de ascensão social, derrota trazida pela crise, leva a muita mão-de-obra que tomava o seu trabalho como temporário a assumi-lo como definitivo e, portanto, querer ver os seus direitos garantidos. Estes são passos em frente no retomar da tradição da luta herdada. Quando começam a sair à rua, os mais velhos sindicalizados e, sobretudo, os que desconhecem o poder da sua mobilização e vêem os sindicatos conquistados pela defesa de interesses dos primeiros, deparam-se com a maior greve geral da história francesa até à data. Esta, com o apoio de muitos colarinhos brancos, obtém a concessão de direitos laborais de enorme importância que em muito melhora a vida dos operários. Com as novas leis sociais contra o desemprego, de protecção na velhice ou por doença, há um novo estatuto de trabalhador, cria-se uma nova tradição de luta colectiva, aparece o sindicalismo de massas, começa a lenda de Billancourt. Não sendo de forma alguma uma Revolução, o alcance dos direitos conquistados nos Acordos de Matignon relembram a importância e o vigor do operário em luta, constante nos escritos marxistas, fixada em '36, continuada em '68 e interrompida para depois²¹.

O fascismo sob o jugo do qual a maior parte da Europa Ocidental esteve durante a Segunda Guerra Mundial, transformou em muito o panorama aos olhos da população civil. De disputas de Estado transmutou-se em ocupações de pesadas

²⁰ Cf. NOIRIEL, Gérard, *Les ouvriers dans la société française – XIX^e – XX^e siècle*, pp. 153-195.

²¹ *Ibidem*.

consequências, perseguições, vidas militarizadas, quando não a obrigação de colaborar na denúncia de um sistema genocida. Mais do que os pormenores dos horrores desses tempos, importa reter o nível de barbaridade a que os povos europeus foram submetidos e que em muito veio alterar os seus comportamentos. Fruto dos nacionalismos exacerbados do século XIX e numa clara reacção ao advento marxista, o fascismo levou a sua guerra total à ideia, de ambos os lados, de que a paz sem a destruição do inimigo era impossível. A enorme violência vivida em guerras coloniais, sempre desvalorizada porque em espaço extra-europeu e, portanto, menos “civilizado”, estava agora dentro da Europa. Além da guerra em si, as cicatrizes que deixaram os fascismos foram de enormes feridas que dividiram parte das nações em dois. Foi o caso francês com a revolta dos resistentes face ao colaboracionismo. Parte de uma mesma identidade colectiva, esses mesmos resistentes insurgiam-se, tanto contra os colaboracionistas activos, pelos seus valores de indiferença perante o bem-estar colectivo, para benefícios pessoais, como contra a apatia moral do observador, síndrome do qual sofreu a maior parte da população, demonstrando que, como a vizinha Alemanha é exemplo máximo, o silêncio pode ser danoso. Em contrapartida, existe agora um novo tipo de herói: o militante. Quer o combatente político de extracto popular, quer o intelectual politizado, são admirados pelos valores e valentia que os levam a lutar, juntamente com a ideia de que é legítimo tomar as armas para si, quando causas extremas o exigem²².

A Resistência civil, quer na rede de fuga de combatentes ou prisioneiros e de sabotagem ao funcionamento das estruturas do ocupante alemão, quer nos movimentos para mobilização da população, através da propaganda ou do fornecimento de documentos falsificados para protecção dos perseguidos, dá prova de uma minoria disposta ao sacrifício contra o mal fascista, perante uma sociedade silenciada. Da resistência passiva, as gentes francesas vão-se juntando cada vez em maior número ao activismo político, depois da primeira vaga intelectual e da segunda vaga operária²³, à medida que se vai percebendo a maior probabilidade da vitória aliada. Além da perspectiva heróica do Partido Comunista, visto como o mais combativo, que dá novo fôlego ao militantismo, é de notar a grande presença feminina na *Résistance*. Ajudado pela não admissão da sua presença nos campos de batalha, o

²² Cf. TRAVERSO, Enzo, *op. cit.*.

²³ Cf. AMOUROUX, Henri, *La vie des français sous l'occupation – les années noires*, Paris, Fayard, 1961, pp. 337-399.

papel das mulheres é valorizado por figuras como Marie-Madeleine Méric-Fourcade ou Marie-Louise Disourt, que conseguem alcançar posições de chefia e se tornam indispensáveis no combate ao inimigo²⁴. Se bem que prematuro, este exemplo vai servir mais tarde de modelo às jovens revolucionárias, algumas participantes no Maio de '68 e que, porventura, participarão na segunda vaga feminista que se adivinha nas lutas dos anos 60. Esta vaga, entre macro e micro-processos de acção, conseguirá dar uma visibilidade pós-68 à mulher, que revolucionará, juntamente com o movimento negro e os movimentos anti-coloniais, o mundo das lutas de classes, pondo em perspectiva muitos outros tipos de igualdade por conquistar, trazendo para o campo do político o que antes era discriminação do quotidiano, tornando o feminino capacitado de direitos, não pela sua função maternal, como no caso da primeira vaga feminista mas, e pela primeira vez, por se constatar serem as diferenças de género uma construção social, mais do que uma desigualdade biológica²⁵.

1.7. Traços para delinear uma geração

A geração francesa nascida após a Segunda Guerra Mundial, liberta da Ocupação nazi, num país reconstruído materialmente e de feridas sociais saradas do tempo do colaboracionismo e da Resistência, com todo este passado digerido à pressa, tem perante si um fenómeno novo, consequência de um clima de paz, estabilidade política e de uma economia industrializada e capitalista: a sociedade de consumo. O chefe político desta nova sociedade é Charles de Gaulle, visto pelas gerações mais velhas como o libertador da França humilhada na Segunda Guerra, agora coordenador de uma sociedade próspera e apta para receber todos os bens materiais desejáveis, de intentos no máximo reformistas, procurando eliminar os factores de desconforto que criem revolta, ou pior, a desordem de uma Revolução. A geração da prosperidade é também a geração do baby-boom, amnistiada de quaisquer feridas sociais, filha do avanço da ideia de “classe média”, por oposição ao enquadramento da luta operária no final dos anos '30, no que parece ser uma verdadeira crise de identidade social por

²⁴ V. *La France des années noires* (dir. Jean-Pierre Azéma e François Bédarida), Paris, Seuil, 1993, vol. 1, pp. 385-412 e vol. 2, pp. 65-91.

²⁵ Cf. *Histoire des Femmes en Occident* (dir. Georges Duby e Michelle Perrot), Paris, Plon, pp. 499-518; GUIONNET, Christine & NEVEU, Erik, *Féminin/Masculin – sociologie du genre*, Paris, Armand Colin, 2004, pp. 17-19.

parte da geração anterior²⁶. Aquela nova geração corre agora o perigo de ser absorvida pela cultura do consumo. Esta começa a ter como público-alvo os jovens, coordenada e a tal ponto distorcida que criará o estereótipo da juventude idealista por natureza, incluindo a cultura de revolta temporária no próprio sistema, homogeneizando, padronizando e aniquilando forças que o queiram combater.

Serão os situacionistas a explorar todas essas contradições da sociedade dos anos sessenta, especialmente a partir das obras *A Arte de Viver Para a Geração Nova* e *A Sociedade do Espectáculo*, particularmente difundidas em partes dispersas como manifesto, acompanhadas do panfleto que inicia a revolta estudantil em Nanterre: *Da Miséria no meio estudantil*, à altura de autoria desconhecida, contribuindo para o espírito universalista das suas palavras. A favor da emoção, mais do que da razão, pela espontaneidade e anarquia colectivista – considerando os anarquistas os “anjos da pureza” –, esta corrente valoriza o movimento Dada e o movimento Surrealista por romper com a sociedade ortodoxa. É negada a legitimidade da ideologia partidária, apela-se ao fim da visão economicista das relações humanas e do “reino do quantitativo”, a favor da plurivalência do qualitativo e não da objectificação do indivíduo, tentando pôr em potência muito do niilismo activo, que Vaneigem considera ser de enorme potencial pré-revolucionário²⁷. Perante este despertar face à alienação consumista, numa sociedade em que o espectáculo detém um poder totalitário, em que os explorados são tratados com dignidade pela sua segunda condição de consumidores²⁸, os jovens tentam libertar-se da figura autoritária e paternalista de De Gaulle, simbolizada pelo cartaz em que o chefe de Estado afirma, nas palavras dos estudantes franceses, “sê jovem e está calado”²⁹. O jovem é visto com condescendência, quando não como uma forma de publicitar novos tipos de consumo, estando “condenado à mediocridade”. A Universidade passa a ser feita para a expansão de conhecimento técnico massivo, em vez de um incentivo à reflexão. Os que se crêem revoltados, afirmam os situacionistas, pertencem a uma esquerda ultrapassada e já integrada no sistema; a revolta já não é vista como uma ameaça pelos que trabalham na engrenagem capitalista mas como algo a ser estereotipado como uma fase temporária de toda a juventude, para mais publicitada como tal pela

²⁶ C. NOIRIEL, Gérard, *op. cit.*, pp. 210-228; BERSTEIN, Serge, *Nouvelle Histoire de la France Contemporaine*, Paris, Éditions du Seuil, 1999, vol. 17 – *La France de l'Expansion – I – La République gaullienne: 1958 – 1969*, pp. 179-210.

²⁷ VANEIGEM, Raoul, *op. cit.*, pp. 212-219.

²⁸ C. DEBORD, Guy, *The Society of Spectacle*, Nova Iorque, Zone Books, 1994.

²⁹ Cf. Anexo nº IV.

imprensa. É necessária, então, uma insurreição que leve à auto-gestão generalizada³⁰. Acompanhando estes factores específicos está a história de violência e confronto dos espíritos mais revolucionários com as forças de segurança francesas, as quais são vistas, mais do que protectoras, como opressoras³¹. Mas recuemos.

1.8. A esperança na Revolução vinda do exterior

A Guerra Civil espanhola é uma experiência extraordinariamente importante para a consciência colectiva francesa, afirma o ensaio *Da Miséria no meio estudantil*. Vizinha do palco de guerra de um encontro de conflitos nacionais, a França vê os inúmeros planos paralelos, descritos por Enzo Traverso, em disputa: a modernidade contra o conservadorismo; os partidários da Espanha tradicional, católica e agrária contra a Espanha moderna e republicana; a tradição imperialista castelhana que enfrenta as autonomias regionais; a luta de classes entre o proletariado urbano e rural face ao capital e à propriedade; a guerra política entre fascismo e democracia. Acrescentam-se os apoios exteriores bem conhecidos de Mussolini e Hitler do lado de Franco e da URSS do lado republicano, com a não intervenção britânica e a estreia do fenómeno das Brigadas Internacionais³². É um palco curioso de acontecimentos, mais pequeno que o da Segunda Guerra, com as lutas ideológicas em maior evidência, da qual os jovens franceses extraem, sobretudo, a participação de tantos indivíduos estrangeiros, tornando a guerra um dever de consciência, com a imagem do intelectual politizado a sobressair: a posição do observador neutro é condenada, como o é a absoluta apatia social europeia que permite todas as barbaridades da Segunda Guerra³³. Também a própria imagem de neutralidade por parte da Frente Popular, face às atrocidades no país ao lado, tornam o silêncio cada vez menos apelativo aos jovens de inspirações revolucionárias que roçam a vergonha no que diz respeito à posição francesa perante o conflito bélico espanhol. De referir a experiência do anarquismo colectivo, o qual tem aqui a sua referência de valentia de luta, único modelo empirista da ideologia anarquista.

³⁰ C. De la Misère en milieu étudiant..., p. 14, “somos, então, reconduzidos de uma nova juventude da revolta à eterna revolta da juventude”.

³¹ HAMON, Hervé & ROMAN, Patrick, *Génération*, Paris, Éditions du Seuil, 1987, vol. 1, pp. 403, a que chamam uma dialética “provocação-repressão-mobilização”.

³² Cf. TRAVERSO, Enzo, *op. cit.*, p. 73.

³³ *Ibidem*, pp. 97-107.

Para uma geração herdeira do mito comunista, é no seu tempo que começam as cisões da esquerda revolucionária, particularmente face à URSS, idealizada pela sua Revolução de 1917, primeira aplicação da teoria marxista, vista com admiração perante a sua economia planificada, a grande heroína da Segunda Guerra no combate ao nazismo, para em seguida se revelar uma desilusão revisionista, a partir do relatório Khruchchev e com a saída do livro *Arquipélago de Gulag*³⁴. O dito relatório Khruchchev vem demonstrar a fragilidade de uma Revolução que começa por ser simultaneamente burguesa e proletária, à partida por isso mesmo tão forte, mas condenada a degenerar a longo prazo. Numa economia cujo modo de produção não é moderno, dado o carácter agrário e disperso da economia russa, o controlo social dos meios de produção está dificultado e agravado pela escassez, o que acaba por impedir a igualdade. A burocratização do regime, domínio da vanguarda revolucionária, que de temporária passa a permanente, acompanhada do culto ao chefe, de um anti-igualitarismo permanente e da presença opressora e constante da polícia, transmutam uma revolução, de que nem a desestalinização consegue retirar o essencial, perante a resistência dos que com o sistema de progressão de carreira ascenderam a tantos postos, competindo com os seus colegas de trabalho, na ausência total de solidariedade de classe. A tudo isto se acrescenta o mito do socialismo numa só nação, afirma Isaac Deutscher, que isola a Revolução perante o perigo de ela desmoronar, mas que acaba por impedir a universalidade do carácter revolucionário e alimenta o mito do fracasso do socialismo, enquanto conceito³⁵.

Por último, a atitude imperialista e autoritária para com as democracias populares, vinda de um país que se afirma contra a intervenção paternalista americana e que se diz a favor da auto-determinação dos povos, é a incoerência que causa talvez maior impacto na opinião pública francesa. O avanço autenticamente colonial sobre a Europa de Leste, no fim da Segunda Guerra, numa protecção a cargo dos russos que se torna constante e integra estes territórios no seu domínio, é visto como uma grande contradição. Mas é o avanço com tropas sobre a Hungria, a repressão do movimento estudantil na Polónia e o esmagamento da Primavera de Praga que se podem contar como as machadadas finais na fé revolucionária, na inspiradora revolução de cunho leninista³⁶. Afinal, afirma Debord, o Partido russo tornou-se o dono do proletariado,

³⁴ HAMON, Hervé & ROMAN, Patrick, *op. cit.*, vol. 2, pp. 567.

³⁵ DEUTSCHER, Isaac, *op. cit.*, pp. 57-75.

³⁶ Cf. *Histoire des Gauches...*, p. 478.

com uma brutal acumulação de capital, somente alterando o tipo de propriedade. Há, portanto, uma classe dirigente burocratizada, afirmando-se como revolucionária, mas em parte semelhante à classe exploradora do mundo do capital³⁷.

O caso chinês influenciou, não directamente o Maio de '68, mas a sua geração, avançando sobre o espírito revolucionário em novos tons até aí desconhecidos, numa autêntica “sinofilia”³⁸. Sobretudo a partir do esculpir da imagem de Mao e da sua Revolução Cultural, traz-se novo fôlego ao mundo da experiência socialista. Além de romper, se bem que não de forma permanente, com a política bolchevique Partido-Estado durante o tempo que dura o apelo, Mao incentiva à luta massificada, afirmando a possibilidade de burocratização do próprio partido Comunista, algo inédito entre líderes de esquerda que seguiam a linha leninista do Partido como líder do proletariado. Abrem-se, então, novas portas à criatividade em termos de liderança, como na composição dos seus seguidores: há um envolvimento das massas que são legitimadas como primeiro referente, deixando para segundo plano o Partido e o Exército. Baseando a sua acção primeiramente no envolvimento estudantil com grande participação nas escolas e Universidades, traz os jovens como combustível para a mutação algo que, se não consciente, contribui sem dúvida para a crença na legitimidade do seu avanço, por parte dos estudantes da Sorbonne. Estes podem mesmo ir mais longe na sua análise, perante o casamento de Mao entre estudantes e operários, passando do plano das escolas para as fábricas, deixando a revolta evoluir por si própria, só aceitando travões como maneira de evitar a Guerra Civil até às suas últimas consequências, num estádio mais avançado. Por fim, a figura de Mao, chefe de inúmeras citações e do famoso Livro Vermelho, aparece como chefe das massas, não por liderar o Partido, mas pelo carácter revolucionário do seu apelo, não burocratizável a um nível que só o mito guevarista conseguirá ultrapassar³⁹.

O Vietname, irmão mais velho da China no caminho revolucionário e vanguarda do socialismo no Sudeste Asiático⁴⁰, foi um caso de inspiração revolucionária, sobretudo, por aliar, pela primeira vez, a luta de classes à luta de libertação colonial, o ataque ao capitalismo e ao imperialismo, intrinsecamente entrançados em teoria, num só golpe, num inimigo comum. Mais que isso, os jovens revolucionários vêem os seus países serem directamente os opressores, criando

³⁷ C. DEBORD, Guy, *op. cit.*

³⁸ V. *Histoire des Gauches...*, p. 480.

³⁹ C. BADIOU, Alain, *L'Hypothèse Communiste*, Paris, Nouvelles Éditions Lignes, 2009.

⁴⁰ C. ALMEIDA, Pedro Ramos de, *A Questão do Vietname*, Lisboa, Caminho, 1979, pp. 20-23.

movimentos civis, num activismo que é seu, mas é principalmente em nome dos que se libertam⁴¹. Além da mediatização feita pela participação francesa, mas sobretudo americana, de repercussões nos ditos movimentos sociais de grande mobilização nos países ocidentais, há a revolta do dito Terceiro Mundo. Cria-se uma certa ideia de purismo dos povos oprimidos, mais dignos da Revolução que os países industrializados, opressores na sua obsessão pela civilização, na prioridade constante conferida ao Ocidente, afinal tão decadente, como as Guerras, apesar de mundiais, não deixaram de provar⁴².

Acompanhando a exigência civil de paz no Vietname, pelos jovens americanos, vem a influência do surgimento do movimento negro nos Estados Unidos. Este, além do herói pacifista Martin Luther King e sua luta pelos direitos civis, tem em Malcom X e no Partido dos Panteras Negras uma inspiração de acção revolucionária, importante nos anos 60 para qualquer jovem francês. Recuperando heranças africanas, clamando pelo orgulho negro e aliando tais valores à revolta contra o capitalismo e o imperialismo, o movimento negro, que legitima certo nível de violência, causa tanto impacto como o discurso histórico de Luther King e o seu assassinato. A figura de Angela Davis, os discursos de Malcom X, Stokely Carmichael, Huey P. Winton, Bobby Seale ou Elridge Cleaver acrescentam um novo elemento de sujeitos oprimidos pelo sistema económico que os revolucionários franceses pretendem eliminar. Os Panteras Negras têm um enquadramento institucional de organização e acções de boicote impressionantes, depois dissolvidas em processos de cisão, mas que alimenta admiração durante os anos de juventude da geração francesa que aspira ao sonho revolucionário. A junção da revolta de certos países dependentes do imperialismo americano e a revolta interna desencadeada pelo movimento negro dão força à ideia de uma rebelião geral que pode alterar o mapa político mundial. São as inúmeras revoltas que proliferam, por múltiplos sujeitos que dão força à crença numa Revolução certa, inevitável no século XX.

Cuba pode ser considerada um dos países mais inspiradores para a geração francesa de '68, assumindo particular culto a figura incontornável de Ernesto "Che" Guevara. Este parece trazer um novo fôlego ao espírito revolucionário, com a sua tática de guerrilha, contrapondo uma certa ideia de "imobilismo" que vinha sendo

⁴¹ Sobre a importância do Vietnam nas fábricas ver ROSS, Kristin, *op. cit.*, pp. 80-90.

⁴² V. TRAVERSO, Enzo, *op. cit.*, pp. 35-119; LÖWY, Michael, *O Pensamento de Che Guevara*, Lisboa, Bertrand Editora, 1976.

criada pelos defensores de uma interpretação marxista, em que era necessário aguardar pelas condições definidas pelas obras de Marx e Engels. O papel de activo combatente e da morte na luta exerceu certamente o seu papel para prolongar e cristalizar a imagem do revolucionário. Contrapondo um regime socialista em muito burocratizado como era o da URSS, este caminho era novo e parecia ser aberto, pelo menos aquando das discussões sobre a estratégia económica a adoptar em território cubano. A ideia de semear vários focos insurreccionais, recuperava um pouco a base do fundamento teórico trotskista e do leninismo original, o internacionalismo proletário há muito ausente do discurso de países declaradamente socialistas. O carácter nacional da Revolução iniciada pela Revolução de 1917 parecia não deixar espaço para a esperança num mundo em transformação socialista. Fidel e Che recuperam essa intenção, numa clara solidariedade com o Vietname e no apelo à sublevação à Argentina e à Bolívia. A recusa em aliar-se à burguesia e vergar-se ao imperialismo é acompanhada de iniciativa imediata, fazendo a luta de classes acompanhar-se da libertação dos povos tanto tempo colonizados. É a continuação da libertação dos “sub-desenvolvidos”, desencadeada pelo Vietname⁴³.

1.9. O Maio de '68, *le temps des cerises*?

Na época que se segue à Libertação, De Gaulle torna-se a figura unificadora de uma França recentemente cortada ao meio, não tanto nos aspectos territoriais, como na atitude face à Ocupação, já anteriormente explorada. Além de o ser face à população, o Presidente francês é uno também face ao poder, pois as suas funções, primeiro provisoriamente e depois de forma permanente são menos plenas mas alicerçadas na Constituição, dão maior poder ao líder do que acontecia em qualquer das Repúblicas anteriores – é o bonapartismo em prol de um equilíbrio político⁴⁴. O gaullismo é um tipo de nacionalismo - o único valor absoluto é a Nação – que procura ser intemporal e universal, sendo o problema social e as opções económicas decorrentes do mesmo e das circunstâncias que se apresentam, ou seja, recorrendo àquilo a que a corrente designa como “pragmatismo” ou a noção de que existem regimes funcionais e não funcionais, sem que se aspire a nenhum regime ideal⁴⁵.

⁴³ Cf. LOWY, Michael, *op. cit.*, pp. 147-159; *Histoire des Gauches...*, pp.478-479.

⁴⁴ C. BERSTEIN, Serge, *op. cit.*, pp. 15-18.

⁴⁵ *Histoire des Droites en France* (dir. Jean-François Sirinelli), Paris, Gallimard, 1992, pp. 653-691.

Perante a Guerra da Argélia, o General retorna à presidência, depois de um breve afastamento, deparando-se com três guerras em simultâneo: a que confronta colonizador e colonizado; a guerra franco-francesa de opinião; a argelo-argelina que opõe FLN a MNA. A questão argelina passa muito pela exploração económica, sem a correspondente assimilação política por que ambicionam os colonos e na continuidade do esquema racista da pirâmide social da colónia, com uma elite muçulmana por integrar e uma mão-de-obra que não possui qualquer tipo de regalias comparáveis às da metrópole. A industrialização da colónia é um investimento em estruturas, não prolongadas à escolarização, às condições de trabalho e habitação. A consciencialização do tratamento explorador e racista, sobretudo a carga de colonizadores que recai sobre os franceses, acompanhada das brutalidades cometidas na guerra, entre massacres e a autêntica guerra total, tornam a luta pela Argélia e a sua descolonização apressada e consecutiva independência, um assunto traumático para os franceses. Este é, talvez, o factor que mais assegura a compreensão das aspirações dos países colonizados e o comprometimento com as causas revolucionárias do dito Terceiro Mundo. É numa perspectiva exterior e solidária que procuram assistir aos acontecimentos vietnamitas, cubanos ou chilenos, podendo exigir comportamentos morais e procurando uma amnésia colectiva de um processo por digerir⁴⁶.

A acompanhar este passado colonizador está uma dinâmica entre a polícia francesa e a sua população que contribui para a ideia de forças de segurança como inimigo e opressor violento. Assim, após a reorganização da polícia por Maurice Papon – depois condenado na década de 90 por crimes contra a humanidade, sob o regime de Vichy -, a qual passa pelo saneamento dos agentes policiais pertencentes à Resistência (“contra-purga”), considerados pouco severos na repressão das greves, e a militarização das forças policiais com membros vindos da Guerra da Argélia ou da Indochina, o endurecimento das forças de segurança é visível. É-o em Charonne – com a morte de nove pessoas em 1962 – e, sobretudo, no massacre de Paris a 17 de Outubro de 1961, em que a morte de dezenas a centenas de argelinos em protesto contra um recolher obrigatório específico para si, desarmados, é depois simbolizada pelos seus corpos flutuantes no Sena, num contraste com o silêncio jornalístico e a impunidade dos perpetradores desse massacre, garantida pelo seu líder, num esquecimento que dura até hoje. O entrelaçar do papel rácico neste massacre, sempre

⁴⁶ DROZ, Bernard, *Histoire de la décolonisation*, Paris, Éditions du Seuil, 2006, pp. 195-217.

de braço dado com o papel de colonizador, com a violência da intervenção policial na própria França, numa reconstrução do seu papel iniciada por Papon e só terminada nos anos 70, enquanto membro activo na democracia com consequente papel social que não é senão uma fissura numa sociedade que se queria uma no pós-Segunda Guerra. Diz, Kristin Ross, inclusive, que a polícia se torna um factor unificador na revolta. O silêncio acerca da violência estatal exercida sobre os civis não toma uma forma imediata mas contribui sem dúvida para a relação conflituosa se extremar, entre autoridade (“hipertrofia do Estado”) e os revoltosos⁴⁷.

Face a todo este passado, ajudado pelo começo do movimento nacionalista palestino após a Guerra dos Seis Dias, com greves belgas em 1960/1961 e uma greve mineira em 1963, os estudantes franceses vêm-se rodeados de imagens de focos de insurreição⁴⁸. O movimento estudantil francês não era, aliás, isolado. Os Estados Unidos viam os seus estudantes, filhos do baby-boom, exigirem outro tipo de vida que não a de quadros médios condenados a obedecer ao Estado e à integração no sistema. A paz no Vietname e alguns avanços no movimento negro, sobretudo num movimento mais de contra-cultura e anti-elite, é expandido em contra-sociedade, na criação do movimento hippie, do que de essência de reivindicação política. No caso espanhol e brasileiro, a luta por uma Universidade menos dogmática fazia-se acompanhar de uma resistência à ditadura. Por sua vez, o caso italiano e alemão são, porventura, os mais importantes para acompanhar o caso francês. Dada a proximidade geográfica e de condições, bem como o carácter marxista das suas reivindicações, estes são os movimentos irmãos que guiam os estudantes a pensar numa insurreição geracional que se pode tornar internacional. O que são afinal os estudantes desta geração senão “emancipados sob tutela”, escravos especializados do regime económico, “assalariado produtor de mais-valia”? Enquanto os franceses acreditam que a sublevação partirá do operariado, os italianos, também influenciados pelo Situacionismo, aceitam a ideia de que os estudantes podem ser o instrumento de insubmissão que seja o rastilho para uma convulsão social importante – Marcuse fala na possibilidade de minorias étnicas, trabalhadores do mundo dito subdesenvolvido ou “privilegiados dotados de consciência” desencadearem o fim do sistema. Franceses, como Nicos Poulantzas, afirmam que os estudantes não são uma classe e como tal

⁴⁷ Cf. ROSS, Kristin, *op. cit.*, pp. 19-65.

⁴⁸ BENSÂÏD, Daniel & KRIVINE, Alain, *1968 – fins et suites*, Paris, La Brèche, 2008, p. 12.

estão incapacitados de liderar a luta de classes. Na Alemanha Ocidental, a luta parece ter um carácter mais próximo da acção, dada a centralidade da RFA na vivência da Guerra Fria e, portanto, no confronto entre um mundo capitalista e imperialista proporcionado pelos americanos, rejeitado pelos jovens marxistas alemães, e um mundo revolucionário, mas que parecem pensar ser já burocratizado e degenerado. Procuram, assim, uma solução própria anti-autoritária, na qual se envolve o núcleo da União de Estudantes Socialistas (SDS), juntamente com a Escola de Frankfurt e do ideário de dadaísmo, existencialismo e psicanálise. A morte de um estudante numa manifestação universaliza a luta no meio estudantil, mas não a alarga de modo a conseguir o apoio dos trabalhadores⁴⁹. O colectivo juvenil europeu e algum americano está, portanto, em avanço contra a autoridade instalada.

A esperança atinge o seu apogeu no Maio de '68, com a luta com que muitos sonharam a poder ser feita pelas suas próprias mãos, em dias em que tudo parece possível. Diz-nos Alain Badiou que existiram quatro movimentos dentro desse grande e geral que apelidamos de Maio de '68. A revolta estudantil e liceal, baseada na ideologia, de vocabulário marxista, com a ideia de Revolução profundamente presente e com a legitimação da violência em pleno, cujo símbolo máximo é a Sorbonne. A perspectiva operária da maior greve geral da História de França, ultrapassando as estruturas sindicais, com muitos operários jovens a ocupar os locais de trabalho e a recusar a negociação, encontra o seu expoente máximo no caso da fábrica Renault-Billancourt. O Maio libertário é o da transformação de costumes, revolução sexual e implantação da semente feminista e de luta pelos direitos dos homossexuais, acompanhadas de uma valorização individual que será a grande sobrevivente do movimento. Pelas suas vozes múltiplas sem unificação possível, o símbolo deste tipo de Maio é o teatro de Odéon e sua invasão. Há ainda um último tipo de caminho percorrido em '68, o da procura de uma nova concepção política, diminuído o prestígio da via eleitoral, descredibilizados em parte os grupos marxistas que insistiam ser os legítimos representantes e líderes da Revolução. A acção libertária banaliza a violência civil e a ausência de hierarquia no movimento leva à crença de que a estrutura partidária é desnecessária.

⁴⁹ DUARTE, Marta Benamor Lopes Coutinho, *Foi Apenas Um Começo – A Crise Académica de 1969 na História do Movimento Estudantil dos Anos Sessenta e da Luta Contra o Estado Novo*, Lisboa, FCSH, 1997, pp. 33-91.

A aliança entre estudantes e operários torna a mobilização generalizada, o carácter libertário e anti-partidário parecem contrapor a lógica sindical, a solidariedade com o Vietname, parece demonstrar o carácter anti-colonial dos valores desta geração; a sua recusa em aceitar a URSS como exemplo a seguir, é uma forma explícita de recusa do socialismo burocratizado. É por isso o apogeu do contra-movimento relativo à reconstrução do Pós-Guerra: é a “revolta contra o pensamento organizado”, a imaturidade a servir de motor para a esperança e contra o conformismo instalado pela aniquilação dos instintos revolucionários que o sistema parecia ter conseguido fazer.

O facto de as estruturas terem acabado por não se alterar, a autoridade ter-se mantido intacta e tomado as mesmas formas, saldando-se numa derrota profunda do movimento sem horizonte delimitado, não elimina a “pedagogia de barricada”⁵⁰: da recusa de um determinismo histórico, da desconfiança para com a organização partidária, do desejo de um partido que seja verdadeiramente congregador dos interesses das massas, para passar ao plano governativo aquilo que as ruas não conseguem em representatividade, na apreensão da violência como meio legítimo contra uma polícia de carácter opressor, nos comités auto-organizados e numa juventude que soube experienciar o ambiente revolucionário que durante tanto tempo admirara nos exemplos exteriores. Aprendem, ainda, que a social-democracia é a ideologia que parece anestesiar o instinto revolucionário, não acabando com a luta de classes, antes cristalizando-a, garantindo que o individualismo domina mesmo os próprios actores da revolução estudantil⁵¹.

No começo dos anos 70, a esperança estudantil prolonga-se, particularmente nos meios maoistas, perante a possibilidade de levantamento dos próprios operários depois da convulsão causada pelos estudantes, acompanhados pelos operários, da estabilidade do sistema. Enquanto se inicia o governo de Salvador Allende, criador de grandes expectativas, e se dá conta de revoluções de costumes, com a abordagem de temas como a contracepção, o aborto, o feminismo revestido de novas ideias e a homossexualidade, as revoltas nos liceus continuam. Mais importante, a auto-gestão propaga-se por algumas fábricas, como é o caso da LIP, acompanhada de manifestações solidárias do sector agrário. O falhanço do levantamento francês, no caso específico, do levantamento operário em contexto mais geral e abstracto num

⁵⁰ VANEIGEM, Raoul, *op. cit.*, p. 239.

⁵¹ BENSÂÏD, Daniel & KRIVINE, Alain, *op. cit.*, pp. 81-85.

país de tantas revoltas, volta a esperança novamente para o exterior, em busca de um país que reúna condições que a França desiludida não parece ter⁵².

1.10. Após o fim das barricadas de Saint-Michel

O Chile, com a vitória de Salvador Allende, a sua tentativa de progredir na Revolução por meios pacíficos e depois o seu assassinato, a tomada de poder de Pinochet, rasto sangrento que este carrega pelo seu regime fora, inculca um trauma no imaginário colectivo francês, que em muito se repercutirá, aliás, na sua opinião sobre o avanço da Revolução portuguesa. A implicação dos Estados Unidos no golpe militar que põe Pinochet no poder dá nova sensação ao Ocidente de ser ele o sujeito que trava revoluções naturais e espontâneas, para mais numa solução que era eleitoral e não armada. O exercício da não-violência chileno, visto com grande admiração, é transmutado em consciência de não ser possível a Revolução que não por meios armados, dadas a capacidade de defesa e auto-sobrevivência da burguesia⁵³.

O golpe militar chileno e a Revolução Portuguesa imbricam-se como o negativo e o positivo de uma mesma fotografia, um o pesadelo, a outro o sonho, mas sempre em perigo de resvalar, como veremos, pelas reacções concretas francesas aos acontecimentos portugueses.

⁵² HAMON, Hervé & ROMAN, Patrick, *op. cit.*, vol. 2, pp. 423-608.

⁵³ *Ibidem*, pp.531-567; Chile – Socialismo Impossível (coord. e edição de Fernando Abreu), Lisboa, Base, 1993, pp- 7-37.

PARTE II - A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS

“A Revolução dos Cravos, em Portugal, oferece a última cena em que a extrema-esquerda europeia vem simular a insurreição final. Todos os ingredientes parecem reunidos para desencadear o levantamento: um Partido Comunista saído a direito do Komintern dos anos 30, uma parte do Exército manipulado e ingénuo. [Serge] July ele mesmo cria bastantes esperanças no MFA. Foi um fiasco, felizmente não mortífero, e o adeus definitivo à Revolução.”⁵⁴.

Perante o macro-cenário dos vários pontos de referência que nos permitem reconstituir o percurso das ideias revolucionárias francesas do século XX e depois de um prévio esclarecimento sobre a utilização de determinados conceitos próprios do tipo de análise pretendido à Revolução Portuguesa, é tempo de proceder à análise da miríade de artigos e certos livros que se nos propõem como fontes.

Chegados aqui, procuraremos compreender a visão específica da esquerda francesa sobre os quase dois anos de caminho revolucionário, partidos do golpe militar. Para tal, é necessário tomarmos esta esquerda como uma massa heterogénea e maioritariamente anónima de civis. Estes, nem sempre militantes num partido, ou sequer identificados com uma posição ideológica muito específica, não emitem, por norma, a sua opinião sobre campos de temáticas, de forma autónoma. Assim sendo, procurámos agregar as várias esquerdas na sua diversidade, assumida em obras e órgãos de comunicação como representativas de uma maioria expectante, sem tomar necessariamente a dianteira. Isto porque no presente trabalho, mais importante que a acção dos seus participantes, é a tentativa de compreensão do esquema mental da esquerda que fez o Maio de '68 e de Portugal como última esperança de concretização desse profetismo político, se assim lhe podemos chamar. Não deixa de ser necessário referir o paternalismo transversal a toda a relação dos franceses enquanto observadores da sociedade portuguesa.

Passemos, portanto, em escrutínio a imprensa escrita correspondente a esse intervalo, no caso dos comunistas ortodoxos e dos esquerdistas⁵⁵, bem como obras de

⁵⁴ HAMON, Hervé & ROMAN, Patrick, *op. cit.*, vol. 2, p. 629.

⁵⁵ Estes conceitos, embora muitas vezes utilizados na política e na historiografia num sentido pejorativo, não pretendem ser caracterizados com conotações negativas, mas apenas denominados com especificidade. A ortodoxia dos comunistas seria, então, a sua inserção num Partido Comunista, como acontece por toda a Europa e o esquerdismo uma maneira de ser de esquerda sem pertencer ao PC, de

importantes figuras da época, representativas das correntes ideológicas trotskista e socialista que estão em causa. Consideremos, por isso, os jornais correspondentes a esse intervalo de tempo, no caso até Dezembro de 1975: o jornal diário *L'Humanité* e a revista quinzenal respectiva, *L'Humanité Dimanche*, na observação da perspectiva do Partido Comunista francês; o jornal diário *Libération* pertencente a uma esquerda radical; a revista quinzenal *L'Unité*, parte dos órgãos do Partido Socialista francês, de forma a ter em conta algumas considerações que o Partido faz de forma particular ou vincada; as revistas *Repère* e *Frontière* como pertencentes ao CERES e, portanto, parte de uma escola de pensamento socialista relativamente independente e até dissidente, de costas voltadas à social-democracia. No caso dos livros, para a opinião trotskista, importam a obra colectiva de Daniel Bensaid, Carlos Rossi e Charles André Udry, *Portugal: La Révolution en Marche* e a de Gérard Filoche, *Printemps Portugais*.

Partida do marxismo-leninismo, a posição comunista, embora em França menos dependente das visões soviéticas, é talvez a mais ortodoxa. De acordo com uma expectativa de evolução da Revolução enquadrada no partido representante dos trabalhadores, o Comunista, as etapas revolucionárias serão portanto enquadradas, com direcção e liderança.

Para o PCF, espelhado no *L'Humanité*, a importância da Revolução portuguesa é moderada, se comparada com o impacto que tem no esquerdismo do *Libération*, por exemplo. O carácter do partido comunista produz processos políticos alheios encarados numa mentalidade pouco interventiva e de reduzida reflexão independente. O acompanhamento é baseado no partido homólogo, como estrutura que deve liderar os acontecimentos. Tal acontece no caso do PCP, como depois em relação ao MPLA, à FRELIMO ou ao PAIGC. Uma segunda característica do posicionamento dos comunistas ortodoxos franceses é, desta feita, uma questão de contexto: o da aliança com o PS. A ligação dos dois partidos franceses, liderados respectivamente por George Marchais e François Mitterrand, limitará as opiniões sobre os agentes da Revolução, não representando necessariamente toda a recepção da esquerda ortodoxa na sua tomada de posições.

acordo com uma de muitas facções. Por norma, ao longo deste trabalho, o termo esquerdistas é aplicado para descrever a esquerda radical, sendo os restantes quadrantes da esquerda não-comunista ortodoxa apelidados pela corrente específica (ex: trotskistas).

Numa primeira fase, as notícias são diárias, estando em formação a opinião sobre os acontecimentos inesperados. Depois de um primeiro receio de um golpe militar que traga um poder autoritário, segue-se a celebração do desmantelamento do antigo regime, bem como o acompanhamento dos avanços do novo em formação. Numa segunda fase, as notícias tornam-se esporádicas e centram-se na descolonização, na figura de Vasco Gonçalves, na Intersindical e nas eleições. O terceiro intervalo de tempo considerado como um conjunto é o que comumente designamos por Verão Quente: trata, não tanto da Reforma Agrária, a qual é vista somente ao nível das decisões governamentais e do conteúdo dos diplomas, nem tanto das nacionalizações que, embora louvadas, não são relatadas em extraordinário pormenor; é sobretudo acerca da acentuação do anti-comunismo de todas as facções e da “face descoberta” da reacção. Tal leva a um movimento de solidariedade nacional francês que constitui o apogeu da relação do comunismo marxista-leninista francês com a Revolução dos Cravos. Um último período trata de Setembro a Dezembro de 1975, limitando-se a notícias esporádicas, já no declínio de qualquer esperança de cumprimento das promessas revolucionárias, até em Dezembro se desconsiderar um futuro de qualquer interesse – os portugueses estão condenados à social-democracia, sob a qual os reaccionários disfarçam o seu poder económico de monopólios privados e exploração de capital à custa dos trabalhadores, como todo os países do Ocidente têm vindo a estar.

A análise do *Libération* é particularmente importante, pela exposição de um esquerdismo mais lato, dado existirem muitas subespécies, nem todas com espaço público para serem representadas. Esta esquerda radical parece ser dominante no jornal, como a esquerda adepta da tomada de armas pelos civis, do papel do COPCON enquanto líder do caminho para o socialismo. Pelo destaque conferido a Portugal, é porventura mais clara a construção da opinião dos esquerdistas franceses sobre a Revolução dos Cravos. É de lembrar ainda que a presença esquerdista na sociedade francesa é em muito relevante. Parte do Maio de ‘68 é dela fruto e nelas se encontram muitas das vozes que constituem a esperança no levantamento de massas, na vanguarda revolucionária operária, como estudantil. Esquerdistas fora da ortodoxia comunista estão mais imbuídos do desejo de contributo activo para ver realizado o sonho português do socialismo.

Desde logo, a atenção dada ao pequeno país de regime fascista subitamente derrubado e de mundo virado do avesso, propício à Revolução sonhada pela geração

que sustém o Mito, vê-se pelo número de vezes que Portugal e as suas aventuras políticas aparecem na primeira página, com profusos artigos e longas reportagens, algo menos recorrente no jornal do PCF. Protagonistas dos anos 60 franceses, como Serge July ou Robert Linhart, contribuem com o seu trabalho jornalístico, e intelectuais, como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir ou Pierre Victor (de nome Benny Lévy), visitam o país objecto de transformação para poderem contribuir com a sua experiência. A comparação com vários episódios do que poderíamos chamar a História Revolucionária, o anúncio da exibição de um filme sobre Portugal, a repetida crónica sobre aldeias de Portugal são disso exemplo.

É factual a menor representatividade do trostkismo, tanto na esquerda francesa, como na portuguesa. Uma esquerda que parte do marxismo-leninismo, não chegando ao vector estalinista, mas partilhando, ainda assim, muitas das ideias dos comunistas ortodoxos e urgindo na necessidade de universalização da Revolução de forma imediata. Esquerda ortodoxa, por vezes mais extrema que a radical, é sem dúvida uma esquerda diferente nos quadros de pensamento, a que nos é aqui apresentada. A obra na qual baseamos estes parágrafos, no que aos trotskistas diz respeito, é *Portugal: La Révolution en Marche*. Para garantir que, apesar de obra colectiva, ela não é representativa somente deste colectivo de autores, confirmámos a direcção das opiniões com a obra de Gérard Filoche, *Printemps portugais*.

Os socialistas parecem ter sido a única facção ideológica cuja posição acerca da Revolução portuguesa se divide brutalmente à medida que o processo revolucionário avança. Assim, enquanto vozes como François Mitterrand, Jean Daniel e Alain Touraine, dão à trajectória do partido de Soares a total aprovação, em fraternidade de partidos homólogos, alguns sectores da CFDT, a maioria do PSU e, sobretudo, o CERES, ala esquerda do PS, estão em profundo desacordo com aquilo que consideram uma viragem à direita. Não podemos, portanto, proceder a uma análise uniforme dos processos e seus agentes, mas sim à delineação de dois caminhos paralelos. Estes permitem-nos tentar compreender a opinião dos socialistas como grupo de variadas tendências, mais pronunciadas que no caso dos militantes de outras ideologias pelo seu maior número de militantes e apoiantes. Para tal, recorreremos à comparação constante entre o *L'Unité*, diremos o apoiante ortodoxo da liderança de Mitterrand, com os cadernos do CERES, na forma da revista *Frontières*, depois sucedida pela *Repères*. Se desenharmos o eixo entre esquerda e direita a partir da posição da respectiva tendência em relação ao capitalismo, poderemos arguir a

necessidade mais urgente, para o caso em estudo, de dar voz à esquerda socialista, que em tudo contesta a social-democracia e que vocifera “anti-capitalismo”. Assim sendo, é sobretudo ao CERES que daremos destaque.

CAPÍTULO 1 - QUE REVOLUÇÃO? ETAPAS DO PREC

1.1. 25 de Abril a 28 de Setembro

1.1.1. *Portugal un cri: “Liberdade!”*

O 25 de Abril encontra a esquerda francesa desprevenida, da esquerda radical aos socialistas. Como observadores longínquos, as várias esquerdas questionam-se sobre a legitimidade de um golpe militar, tendo em conta os tão recentes eventos chilenos, acompanhando o entusiasmo borbulhante da população portuguesa que vai transmutando a desconfiança e dúvida em encanto.

Desconhecendo ainda as personagens, tanto os comunistas ortodoxos, como a esquerda radical, festejam desde logo a libertação. As mais contidas notícias dos comunistas ortodoxos perguntam-se sobre a relação das forças políticas e oscilam entre a benevolência para com um povo martirizado por tantos anos de fascismo, a hesitação no temor de gentes ainda reaccionárias e a certeza dada pela voz de Álvaro Cunhal, de que a luta fora cumprida com grande sacrifício por tantos combatentes civis. Afinal, houve greves com graves consequências para os envolvidos, um movimento de trabalhadores em construção dentro dos constrangimentos, nem sempre possíveis de derrubar num regime repressivo, um movimento estudantil avançando contra os instrumentos violentos do fascismo e reclamando pelo fim da ordem, a massificação da luta anti-colonial, tanto através dos desertores e insubmissos, como das acções de resistência dos que estavam na guerra. A esquerda comunista procura saber sobre a abertura da prisão de Caxias e respectiva libertação dos presos políticos e mesmo da investigação na sede da PIDE-DGS, e correspondente desmantelamento da polícia política, e da Legião Portuguesa. Os jornais revelam a constituição e programa da Junta Nacional, reflectindo sobre as possibilidades de desempenho do seu papel. Não deixam de realçar o “oportunismo de direita” e o “aventureirismo Esquerdista”, projectando uma evolução estável para a democracia acompanhada da convocação de eleições para a Assembleia Constituinte⁵⁶.

⁵⁶ Cf. *L’Humanité*, 26/04/1974 e 29/09/1974.

Comentando os atrasos desenvolvimentistas do país e a necessidade de descolonização, defendendo os movimentos independentistas africanos, os comunistas ortodoxos celebram, simultaneamente, o derrube de um regime fascista com líricas descrições dos cravos, da multidão que sai à rua e canta sobre a Revolução, agora legitimada pelo entusiasmo popular de Norte a Sul, causado pelo MFA. Fala-se em tom festivo da vitória dos grandes opositores ao regime e da recuperação de liberdades, sobretudo a de imprensa e de manifestação, tão caras ao povo francês. “Nada nem ninguém poderá jamais apagar da História esse primeiro de Maio da liberdade e da esperança: essa explosão fulgurante da Primavera, depois da longa e fria noite de meio século de Inverno fascista. Numa atmosfera de festa da libertação, centenas de milhares de pessoas, invadiram, desde o princípio da tarde, as ruas da capital. (...) E esta tarde, cantamos e dançamos em todas as praças, em todas as avenidas, em todos os cruzamentos, num engarrafamento gigante e alegre (...). Os cravos vermelhos, símbolo da vitória sobre o fascismo, florem em todas as lapelas, nas armas dos militares no pára-brisas das viaturas, no guiador das motas e das bicicletas, no cabelo das mulheres, nas mãos de centenas de operários, de estudantes, de funcionários, de marinheiros, de soldados, coroando de vermelho a enorme multidão disputada entre a capital e todas as cidades de Portugal.”⁵⁷.

A esquerda radical decide-se a celebrar mais abertamente logo a 29 de Abril, fazendo da Revolução portuguesa capa do jornal *Libération* com o título “Portugal um grito: “Liberdade!””: fala-se da heterogeneidade da Junta, da primeira manifestação e da súbita avidez por uma imprensa livre, enquanto uma outra parte da população quer linchar membros da DGS; é queimada a sede do jornal de Marcelo Caetano (*Época*); será a experiência democrática portuguesa definitiva? Menos líricos que os artigos do periódico dos comunistas ortodoxos, porventura pelo tipo de jornal que está em análise, os esquerdistas encontram no golpe a certeza de uma mudança, daí a importância que lhe dão, a par e passo, contudo, com dúvidas perante os agentes políticos em causa. A curiosidade em seguir os acontecimentos portugueses supera a crítica ao levantamento ter sido militar e não popular, como acreditam ser. O artigo de Maurice Fabien termina com um comentário que, se aparenta ser erróneo, é afinal um aviso sobre as intenções revolucionárias dos receptores; ao afirmar não ser o dia do 25 de Abril o dia da verdadeira Revolução,

⁵⁷ *Ibidem*, 02/05/1974.

dizendo que esse estará ainda por vir, está, não a negar o fim de um regime antigo, mas a necessidade de instauração de um novo⁵⁸.

A manifestação do 1º de Maio é a lembrança do ambiente do Maio de '68⁵⁹, sendo descrita da seguinte maneira: “Em Lisboa, a manifestação do Primeiro de Maio começou às 15h e centenas de milhares de pessoas começaram a concentrar-se na praça Alameda D. Afonso Henriques [*sic*], desde o início da manhã. Toda a manhã, bandeiras portuguesas foram profusamente distribuídas. Automóveis buzinaem ao ritmo de “Morte à PIDE”. Os camiões militares transportavam soldados e passavam com crianças penduradas nas capotas e nas portas. Chegavam autocarros dos subúrbios. As organizações de esquerda tinham apelado ao Exército para manter a ordem. Um português declara: “A retransmissão de um jogo de futebol será em diferido para permitir transmitir em directo a festa”. Quando sabemos o que o futebol representa para os portugueses...”, é o reerguer de Portugal: “Liberto dos monstros e dos fantasmas de meio século de fascismo, Portugal renasce” ou, como se intitula o próprio artigo: “A poesia está na rua”⁶⁰. É a primeira grande celebração em que se vê as massas, tão ansiadas pelos esquerdistas, manifestarem a concordância e a alegria pelo fim de um regime que as oprimia; pedirem, inclusive, um regime socialista; estarem ao lado dos militares. É, agora, uma Revolução.

Para os socialistas franceses, o começo da Revolução portuguesa é visto com certo desinteresse, um simples golpe militar e o festejo da liberdade pela sua população. Mais preocupados com a sua união ao PC francês, não parecendo ver potencial no 25 de Abril português, revelam bastante mais problemas em lidar com o franquismo e a não intervenção da sua Frente Popular na Guerra Civil espanhola. Como toda a opinião internacional aguardam, sobretudo, pela descolonização portuguesa, no caso fazendo sempre comparações à saída dos franceses de território argelino⁶¹. É-lhe, no entanto, admirada a “economia de violência”⁶² no estrangulamento do fascismo e a multidão que acode ao 1º de Maio.

A visão dos trotskistas da Revolução portuguesa é singular relativamente às restantes esquerdas analisadas. Tomam como condições, primeiramente, o Exército

⁵⁸ *Ibidem*, 10/05/1974.

⁵⁹ *Libération*, 30/04/1974.

⁶⁰ Conferir Anexo I, dia 03/05/1974.

⁶¹ Cf. KASSEM, Fadi, “Les socialistes français face à la révolution démocratique au Portugal de 1974 à 1981”, *Revue d'Histoire Diplomatique*, nº 2, 2008, pp. 169-170.

⁶² *C. Frontières*, nº 17, 01/06/1974.

estar em crise: os oficiais, pela falta de evolução do regime, e, a pequena burguesia, do MFA, pela questão salarial. O Movimento é, então, considerado, paradoxalmente burguês, mas de ruptura; olhado com agrado, mas sempre acompanhado de uma imensa desconfiança. Assim, vão num sentido em muito contrário à constante referência à aliança Povo-MFA dos comunistas ortodoxos ou à aliança entre militares e organismos populares dos esquerdistas. Por sua vez, o segundo vector, que até aqui só Cunhal tinha referido, é o avanço das massas desde início – “A combinação entre a escalada das lutas anti-colonialistas e a escalada da classe operária portuguesa é a explicação fundamental do 25 de Abril (...) A força motriz da Revolução portuguesa revelou-se também desde as primeiras horas: é o operário, não o soldado (...). O caminho desviado dos golpistas do 25 de Abril não era senão a instauração do poder militar que teria sido autoritário, senão tirânico, se não fosse a erupção do movimento de massas”⁶³. Se os restantes esquerdistas radicais consideram a libertação das massas um avanço pós-golpe, para os trotskistas o movimento operário já estava em muito maduro e pronto para a luta. É, portanto, natural que o 25 de Abril e o 1º de Maio sejam intensamente festejados. Muito mais que a restante esquerda, a acção dos capitães é uma ofensiva na vida política e o facto de ser militar nunca é perdido de vista; algo que sai depois da mão das operações bélicas perante a pressão popular⁶⁴.

1.1.2. Acalmia dos primeiros meses

Após o entusiasmo com os primeiros dias de festejo, a esquerda francesa delineia um mapa político-estratégico dos dois eixos do novo Governo em formação: um liberal em torno de Spínola e um em torno da esquerda tradicional, formado pelo PCP, com a ajuda do PS; somente a extrema-esquerda portuguesa se recusa a participar em todo um processo considerado ilegítimo⁶⁵. Os comunistas ortodoxos franceses regozijam-se pela presença de comunistas no novo Governo Provisório, situação única num país ocidental⁶⁶. A esquerda do *Libération* apresenta as primeiras tensões entre Junta e MFA, as primeiras conversações entre Portugal e Moçambique, a aparente vontade de eliminar os grupos partidários de extrema-esquerda –

⁶³ Cf. FILOCHE, Gérard, *Printemps Portugais*, Paris, Édition Actéon, 1984, p. 21.

⁶⁴ C. BENSÂÏD, Daniel, ROSSI, Carlos & UDRY, Charles André, *Portugal: La Révolution en Marche*, Paris, Christien Bourgois Éditeur, 1975, pp. 9-37; FILOCHE, Gérard, *op. cit.*, p. 18.

⁶⁵ *Libération*, 04/05/1974.

⁶⁶ *L'Humanité*, 02/05/1974.

nomeadamente com a prisão do líder do MRPP, em Julho – e a garantia de uma intervenção da CIA nos assuntos portugueses, que dominam as notícias francesas sobre Portugal nos primeiros dias do mês de Junho de '74, não deixando de parte alguma investigação sobre a PIDE-DGS e a prisão de Caxias⁶⁷. É o começo da exposição da multiplicidade de acontecimentos no Portugal revolucionário. O cunho governamental é pouco importante para quem quer, sobretudo, acompanhar as convulsões sociais, traduzidas em possíveis movimentos populares.

Tudo parece estar em espera no Verão de '74. Portugal, antes país comprometido politicamente, assume agora o papel de vanguarda. As primeiras movimentações legislativas e governamentais, ao contrário dos movimentos na rua, revelam-se limitadas, procurando um equilíbrio e um consenso de centro que não é, nem o clamado pela população que solidifica em pouco tempo um movimento laboral por tantos anos tímido, nem o que o MFA exponencialmente politizado espera. Depois de tantos anos de ordem, as agitações são constantes, os perigos para todas as visões políticas inúmeros, o futuro que se segue incerto. Este período de convulsão é, apesar de tudo um de avanços moderados. Iniciado o processo de esvaziamento de poder político-institucional ele ainda detém, pela associação do Presidente às Forças Armadas, uma certa autoridade. Tudo se alterará com o 28 de Setembro.

1.2. 28 de Setembro a 11 de Março

1.2.1. A Crise Palma Carlos e o 28 de Setembro

O avanço de desejos presidencialistas por parte do primeiro-ministro Adelino Palma Carlos, influenciado por Spínola, provoca a queda do I Governo Provisório e a nomeação de Vasco Gonçalves para liderar o II Governo Provisório. Significa isto que, para o Presidente, há um avanço da esquerda e não uma imposição da moderação, como preferiria. Perante a tentativa de golpe de uma suposta “maioria silenciosa” que via em Spínola o seu chefe e que sai gorada nos seus intentos, a esquerda francesa encontra avanços claros da reacção. Todos se felicitam pela acção civil e militar, pronta a impedir os meios burgueses de recuar com as liberdades conquistadas e o socialismo prometido.

⁶⁷ *Libération*, 05 a 10/06/1974.

São duas as análises possíveis sobre o 28 de Setembro. A primeira, desde logo escrita pelos comunistas ortodoxos, com que concordam esquerdistas⁶⁸ e socialistas⁶⁹, é a interpretação clássica da derrota da direita, do apoio ao Exército, fazendo o elogio dos militares como sendo e querendo ser parte do corpo da nação e das forças democráticas, existindo para proteger o povo, do louvar da esquerda partidária combinada com força civil que protegeu o país de uma viragem à direita. Esta interpretação tem como centro de admiração o COPCON e o MFA pela sua intervenção rápida e protectora das conquistas democráticas contra uma direita venenosa e obscura. Depois, os grandes intervenientes não militares: o PCP, o MDP, os sindicatos e o povo: acorrendo dos locais de trabalho, com uma intervenção “organizada, disciplinada, massiva, resoluta das forças populares”, muito antes do Presidente da República, depois de ver o seu propósito falhado, pedir ao MFA para intervir e anular o avanço da suposta maioria silenciosa. Graças às barricadas, o fascismo não ressurgiu sob qualquer forma⁷⁰.

A segunda, parte da posição trotskista, toma o “avanço falhado” como uma consequência da imposição de uma evolução moderada pela mão dos oficiais, sem intervenção da burguesia, momentaneamente tolhida, ou do movimento operário. Assim, o programa do MFA avança ao sabor dos desejos do topo da hierarquia militar e esses são os inimigos. Face às leis anti-greve e anti-manifestação, ajudadas pelo ministro do trabalho comunista Adelino Gonçalves, acompanhadas da manutenção do estado da economia, o movimento popular força a conquista de certos direitos laborais e recua, acalmia que dura até à tentativa de Spínola de tomar o poder. Obra da reacção, onde se incluem os partidos centristas, estes deixarão de se ligar ao Presidente da República depois deste primeiro passo que se revela um erro. A luta é unitária, com a contribuição popular das barricadas, nomeadamente pelas Comissões de Trabalhadores da cintura de Lisboa, ajudadas pela Intersindical na redistribuição de recursos. O COPCON não é visto com bons olhos por trotskistas franceses; não avançou perante os pedidos de Spínola e Costa Gomes, pouco disposto a ceder desde logo a fracturas radicais. O MFA, face às várias correntes vigentes, não consegue avançar com nenhuma, nem sequer recuperar a disciplina usual a elementos das FA,

⁶⁸ *Libération Vacances*.

⁶⁹ V. Portugal: *La Révolution en Marche...*, pp. 38-76.

⁷⁰ *L'Humanité*, 30/09/1974.

enquanto a liderança da facção burguesa começa a falhar. Visto como positivo, evitará o esmagamento do poder popular e partidário pela mão dos militares⁷¹.

1.3. 11 de Março a 25 de Novembro

1.3.1. O 11 de Março: Radicalização, Começo da Revolução

O segundo avanço de Spínola falha mais uma vez, provocando um significativo avanço da esquerda portuguesa e radicalizando a Revolução. A esquerda francesa não deixa de se alegrar com este novo passo em frente.

Os comunistas ortodoxos encontram inúmeras razões de festejo: desde a derrota dos reaccionários à criação do Conselho de Revolução, como que um executivo do MFA, passando pela prisão dos contra-revolucionários, o fim de Spínola, um puro “reaccionário-fascista”, por ter encabeçado a tentativa de golpe. Suspeitam do envolvimento do CDS nestas manobras. Também acusam os esquerdistas - neste caso, a UDP - por esta possibilidade ter sido aberta. Desenvolvem a hipótese colocada por Otelo do envolvimento dos Estados Unidos. Há uma manifestação de celebração, convocada pelo PCP, MDP, MES, PS, UJC, UEC e sindicatos da FSP, mais uma manifestação da alegria revolucionária portuguesa. O povo, juntamente com os seus defensores partidários e militares, esteve na frente da linha de combate⁷².

Para os trotskistas, o 11 de Março, ao contrário do que acontece nas outras esquerdas, não é visto como uma tentativa da reacção impor a sua força à sociedade, como acontecera no Chile. É, antes, um ensaio não bem-sucedido de reorganização das forças militares, com o apoio das forças económicas e de Carlucci. Sem a presença de barricadas desta vez, encontramos piquetes e mobilizações laborais para combater a tentativa de golpe, por parte da população. Os militares defendem a população, particularmente os progressistas, a fracção da hierarquia militar que importa aos trotskistas: exemplo do RALIS, cuja radicalização corresponde às necessidades revolucionárias do povo⁷³.

⁷¹ V. *Portugal: La Révolution en Marche...*, pp. 38-84.

⁷² *L' Humanité*, 13/03/1975.

⁷³ V. *Portugal: La Révolution en Marche...*, pp. 85-192.

Os socialistas tomam a palavra para falar do fim da liderança de Spínola e seus apoiantes, o realce das forças progressistas no MFA, palavras mais afiadas por parte dos partidos e a consciencialização dos movimentos de massas do seu poder. Acompanhando a radicalização política e social, os Governos Provisórios de Vasco Gonçalves consideram-se autorizados a começar a derrubar as estruturas capitalistas-fascistas, com medidas económicas de real impacto, de forma a garantir que as alterações nas instituições políticas vão a par com transformações no campo económico, onde se movem forças prejudicadas pela Revolução. Daí advêm as nacionalizações, colectivizações de terra, a multiplicação das Comissões de Trabalhadores e Moradores, mas também a disputa entre PS e PC, particularmente depois das eleições, bem como as divisões internas no MFA. Ora, a radicalização do processo parece suscitar bastante mais interesse aos socialistas, particularmente aos da ala mais à esquerda. Portugal é agora um laboratório da experiência socialista⁷⁴.

1.3.2. Eleições

As eleições, consideradas arriscadas perante uma população vista como deveras ignorante e analfabeta pelos franceses, opção ideal para a reacção, foram afinal um sucesso, do ponto de vista dos socialistas franceses. Ganharam os partidos do proletariado. O CERES considera, sobretudo, que não é altura para ceder a uma aliança com os sociais-democratas, nem para desconsiderar o MFA ou opôr civis a militares⁷⁵. O PS deve ter em conta o papel da Assembleia Constituinte e não tentar ultrapassá-lo ou usá-lo para legitimar acções governativas ou qualquer outro tipo de representatividade⁷⁶.

Há uma participação massiva nas eleições, um ano após a Revolução. Apesar de não as considerarem a suprema constatação da voz popular ou a expressão do trilho revolucionário, os comunistas ortodoxos franceses não deixam de se emocionar ao descrever a liberdade de voto: “O povo português votou massivamente. (...) Muito tempo antes da abertura das urnas, já longas filas se tinham formado frente aos locais de voto. Em Lisboa, como no resto do país. Outra característica dominante: no conjunto, as operações eleitorais desenrolaram-se na acalmia (...) Um ambiente

⁷⁴ Cf. KASSEM, Fadi, “Les socialistes français...”, pp. 169-185 e *Repères*, n° 25, 01/09/1975, p. 8.

⁷⁵ C. *Frontières*, n° 23, 01/05/1975.

⁷⁶ Cf. *Repères*, n° 25, 01/09/1975 e n° 26, 01/10/1975, p. 41.

alegre, sem nenhum sinal de tensão, de nervosismo. Bom humor, sobretudo. Uma atitude de dignidade. O sentimento de ser, por uma vez – a primeira da sua vida – os actores e não os sujeitos. (...) Uma maravilhosa Primavera preparada em segredo pelos soldados nas selvas de África e pelos combatentes da longa, muito longa noite fascista.”⁷⁷.

Para a esquerda radical, a ida às urnas é a prova de que o MFA é afinal de confiança ao cumprir o prometido. Não deixa de recheiar de críticas o enfraquecimento do PCP, por culpa das suas próprias acções, afirma, levando à formação de uma maioria PS/PPD⁷⁸. A participação cívica é louvada por inesperada e responsável, demonstrando a ânsia de participar nesta nova sociedade em construção. Todos saem, bairros ricos e pobres de flor na lapela, depois de uma véspera de festejos intensos na Baixa da cidade, que obriga Vasco Gonçalves e Costa Gomes a falar de improviso.

“Estas eleições que membros do Conselho da Revolução definiam ontem como um “exercício pedagógico”, um “ensaio”, foram a aprendizagem, na saída da longa noite fascista do sufrágio universal. Esse “exercício” tornou-se expressão, o sinal de que o povo português era favorável à continuação do processo, a fazer a experiência do socialismo, de um socialismo à portuguesa”⁷⁹. Afinal, a esquerda ganha as eleições com 58% dos votos, o que Allende não fizera com 33% no Chile; pelo contrário, a Grécia votou à direita depois de ter saído de uma ditadura militar – o caso português é, portanto, único. Assim, o processo revolucionário pode acelerar, contando com um PC mais fraco⁸⁰. A vitória do PS é uniforme porque de Norte a Sul, a nível urbano e rural: é, então, o partido-chave para deslindar a situação política, solução que passa por uma oposição a uma concepção autoritário-soviética da Revolução. A extrema-esquerda está apagada pelo seu boicote ao processo eleitoral⁸¹,

⁷⁷ *L'Humanité*, 15/03/1975 a 26/04/1975; citação de dia 26/04/1975.

⁷⁸ *Libération*, 25/04/1975.

⁷⁹ *Ibidem*.

⁸⁰ *Ibidem*, 28/04/1975, onde nos é dito num excerto: “Vítima do seu sucesso institucional e dos seus métodos para conquista do poder parcial, da sua hostilidade ao movimento de auto-organização de lutas, o PC português aparece bastante mais fraco que os seus partidos irmãos francês e italiano, quando podíamos esperar, teoricamente, o inverso. (...) Nem totalmente eleitoralista como os PC francês e italiano, nem totalmente animador das lutas e movimentos sociais, o PCP representa, na época moderna, uma espécie de “revolucionários autoritários” que se batem para futuro pela criação da III Internacional.”.

⁸¹ *Ibidem*, 28/04/1975, da qual retiramos a seguinte citação: “A extrema esquerda, que não participa no Governo, que não assinou o pacto com o MFA – sem ser o FSP – não aparece aos olhos do eleitorado como ligado profundamente ao processo. (...) A realidade dos militantes de extrema esquerda, a sua capacidade de animação (dos movimentos sociais) não se reflecte nos resultados.”

o CDS é marginalizado, o PPD não deixa de ser moderado, não conseguindo romper com o MFA, MFA este que detém alguns dos 7% de votos em branco.

Embora não lhe confira excessiva importância, por descrever mais do poder partidário, apostando tudo no poder popular, o espanto da esquerda radical, com a participação de tantos e tantos nas eleições, é oportuno para a análise do equilíbrio de forças entre partidos. Se define melhor a relação entre eles, é sobretudo uma crença renovada na fidelidade à palavra do MFA. É, não tanto a solução para a política portuguesa, mas mais uma confirmação de que a maioria dos portugueses está nela envolvida, de que, mais do que uma classe política, há uma base que se vai politizando.

As eleições oficializaram a importância da Revolução. Esta prova é positiva para o MFA, voz política que defende em muito, especialmente na voz de Otelo, as ocupações, num contacto próximo com o povo, nunca esquecendo o objectivo socialista a que se propuseram. Com a aproximação do primeiro de Maio, a participação do MFA no cortejo é realçada pelo *Libération* – como se após as eleições, os esquerdistas franceses se decidissem a desistir de vez dos partidos portugueses e a apoiar as forças armadas de esquerda que se lhes apresentam como uma força aliada e não repressiva. “O povo e os soldados misturados. Milhões e milhões de cravos vermelhos. (...) As eleições foram a festa dos partidos, o 1º de Maio foi a festa do MFA. (...) E esse gigantesco campo de flores, de bandeiras vermelhas e de estandartes avançava, parava, mexia-se sem cessar”⁸². Entretanto, enquanto a extrema-esquerda faz a sua manifestação no Parque Eduardo VII, a LUAR faz piqueniques nos jardins dos palácios ocupados. O PS e o PCP iniciam um pequeno conflito, sem que se perceba a necessidade destas acções.

1.3.3. Avanços Populares e Anti-comunismo primitivo

No quadro político-institucional, mais do que na formação de processos, parte integrante da Revolução, a serem explorados mais à frente, o grande tópico analisado é, sobretudo, o anti-comunismo nas suas várias formas. A esquerda é unânime em considerar este processo um enorme perigo para a Revolução, embora divergindo na atribuição de culpas e nos agentes dessa ameaça. Também as divisões no seio do

⁸² *Ibidem*, 03/05/1975.

MFA e o perigo reaccionário são abordados sob diferentes perspectivas. Vejamos a cronologia de constante conflito, de acordo com as várias facções.

Com a situação governamental a agravar-se, perante as crescentes tensões ministeriais e a demissão de PS e PPD no seguimento do caso República, as reformas económicas avançam pelas mãos de Vasco Gonçalves, a apreensão dos seguidores franceses de Cunhal passa agora por um forte anti-comunismo que se anuncia em Portugal. Motivado pelos partidos que saíram da governação, dizem, o PC francês segue a situação com extrema preocupação, considerando o PC português vítima de uma enorme conspiração contra-revolucionária. Com o abandono de governo pelo PS, este inicia o que é considerado uma histeria anti-comunista.

Vai-se discutindo cada vez mais o papel da Igreja no discurso anticomunista e a responsabilidade de PPD e CDS no ataque às sedes locais⁸³. Com a criação do Directório, constituído por Costa Gomes, Vasco Gonçalves e Otelo Saraiva de Carvalho, pela Assembleia do MFA, aprovado pelos repórteres do *L'Humanité*, conta coordenar-se o poder político e o poder militar, de forma a parar a dualidade entre centro de decisão e centro de execução; os comunistas apelam à união dos democratas⁸⁴.

Perante este cenário, os comunistas ortodoxos afirmam estar a Revolução e as liberdades conquistadas em perigo. Este não vem do PCP, vem da esquerda revolucionária e da direita reaccionária; o anticomunismo, pelo contrário, abrirá a via à contra-revolução. As forças políticas democratas devem, portanto, tentar agir em concerto⁸⁵. Consideram a luta durante o tempo do fascismo prova suficiente do respeito do partido pelas liberdades, ao contrário do que o acusam. O desejo dos moderados de um socialismo político, que não seja uma democracia à Europa Oriental, nem uma social-democracia à Europa Ocidental, vai acabar a impedir, aos olhos dos comunistas franceses, a existência do V Governo Provisório tão necessário ao país⁸⁶.

É pelo mês de Agosto que Portugal começa a ser primeira página de jornal comunista, ao nascer um enorme movimento de solidariedade em França, da autoria do Partido Comunista, espalhando-se pela opinião pública, a vários tipos de esquerda e a muitos católicos praticantes, todos eles indignados com a violência anti-

⁸³ *L'Humanité*, 23/07/1975.

⁸⁴ *Ibidem*, 21 a 31/07/1975.

⁸⁵ *Ibidem*, 01 a 04/08/1975.

⁸⁶ *Ibidem*, 07 a 11/08/1975.

comunista em Portugal, muita dela propiciada pelos discursos dos líderes da Igreja e em pouco condenada pelos líderes católicos franceses. A inquietude francesa provém da sensação de estar em curso um ataque à jovem democracia. Inicia-se então um abaixo-assinado com a presença de personalidades, múltiplas organizações políticas e partidárias, locais, regionais e nacionais. São várias páginas de nomes, enquanto os jornais franceses discutem qual o exacto significado das declarações católicas portuguesas. A esquerda francesa, reunida, quer parar a reacção portuguesa; os sindicatos de todos os cantos do país garantem o seu apoio individual nesta luta; até nos mercados e nas praias, anónimos assinam por Portugal. A culpa é atribuída aos “imperialistas” e aos “reaccionários”, ajudados pelo anti-Cunhalismo do PS.

É de notar a ausência de grandes ataques a Mário Soares pelos comunistas franceses, não tanto pela simpatia pelo líder partidário português, mas por a aliança Mitterrand-Marchais depender de uma visão de alguma coesão, a qual seria destruída pelos ataques comunistas ao partido homólogo do seu aliado; os únicos ataques fortes são, por norma, feitos pela voz de Álvaro Cunhal em entrevistas, puro discurso directo. Também a ausência de ataques aos esquerdistas é pouco usual no órgão de comunicação do Partido Comunista. Podemos confortavelmente deduzir que quer passar uma imagem conciliadora e não agressiva.

A tensão vivida nestes dias reflecte-se agora nas ruas vazias de Lisboa: “Ruas vazias, lojas fechadas, praças desertas onde habitualmente se demora uma densa multidão ou se acotovelam vendedores de jornais e distribuidores de panfletos num estilo muito “Maio de 68”. Lisboa, neste 15 de Agosto, dá a impressão de ofegar um pouco, depois dos dias tumultuosos vividos esta semana e os ajuntamentos que tiveram lugar ontem à tarde.”⁸⁷.

Perante o ataque em Alcobaça à reunião do PCP, há nova preocupação pela cada vez maior probabilidade de um Pinochet, não entre o MFA, mas proveniente de força militares de topo spinolistas. O problema, consideram, não está em Lisboa e suas zonas circundantes, mas em lugares reaccionários de pequenos e médios agricultores. O aparecimento de população vinda das aldeias para protestar contra uma reunião comunista no Porto, é visto como pago pelos patrões. Houve falta de saneamento no Exército e todo o Norte está certamente contagiado dessa injustiça que parece ser o anti-comunismo. Além dos chefes militares, os comerciantes, com

⁸⁷ *Ibidem*, 16/08/1975.

os retornados à cabeça, retomam a luta contra o PCP, coisa que a direita apelida de “movimento popular”; pode utilizar um território fértil, mas não é acção espontânea; têm a ajuda do ELP e MDLP, os quais trabalham a partir de Espanha e com a ajuda da CIA. George Marchais critica agora a atitude do PS. Vasco Gonçalves é cada vez mais admirado pela sua resistência a tantos ataques, admitindo-se, no entanto, uma crise nas estruturas de poder. Face à ideia de um golpe de Estado protagonizado por Melo Antunes, a solidariedade do jornal é vincada. Na união do PCP com alguns grupos de esquerda é anunciado o assunto, que depois não é retomado face à queda dessa aliança. Com a violência reaccionária em Leiria, temos a união francesa nesta causa do PCF, PS, PSU, CGT, CFDT, FEN. Ataca-se, ainda, a solidariedade de muitas forças europeias para com Spínola – nomeadamente Giscard, Chirac e Poniatowski – e a chantagem de Carlucci, quanto à ponte aérea, caso não se mude de Governo⁸⁸.

No artigo do *L'Humanité* de 20 de Outubro faz-se uma caricatura da visão da direita da possibilidade de golpe de estado de esquerda: “As peças estão sabiamente expostas: Vasco Gonçalves apronta-se para reassumir as suas funções de primeiro-ministro, secundado pelo Almirante Rosa Coutinho e assegurado de bons e leais serviços dos generais Fabião e Otelo de Carvalho. E, pano de fundo, os oficiais da famosa 5ª divisão do MFA (“o braço armado do PC”), indo e vindo de caserna em caserna para semear a indisciplina e a revolta. Em tela de fundo, esquerdistas e comunistas confundidos – mas comunistas, sobretudo – fomentando greves, manifestações, insubordinações, puxando os cordelinhos do movimento “Soldados Unidos Vencerão” (S.U.V.), atirando azeite a todos os fogos e privando o sexto governo provisório de toda a possibilidade de agir antes de o derrubar para o fosso da História.”⁸⁹.

Sobre o progressivo ódio aos comunistas, acompanhado da posição mais activa destes no terreno, a esquerda diverge nas críticas. Se os comunistas ortodoxos defendem ser estas actividades produto de uma enorme campanha reaccionária, a esquerda radical afirma ser esta somente consequência da atitude dos próprios – a hostilidade à extrema-esquerda em que, à semelhança do que aconteceu no Maio de '68, se apela à atenção perante o “perigo esquerdista reaccionário”⁹⁰, a

⁸⁸ *Ibidem*, 18/08/1975 a 09/09/1975.

⁸⁹ *Ibidem*, 20/10/1975.

⁹⁰ *Libération*, 24/05/1975.

necessidade de controlo em mãos dos movimentos de massa, com tantas organizações espontâneas a serem minorizadas. A crescente voz crítica dos moderados, como Vasco Lourenço, tem razão de ser, com o revés de vir sempre atrelada uma reacção difusa⁹¹.

Agradados com o facto de a vanguarda do processo ter o seu papel no MFA, temem as suas fracturas, reforçadas pelos confrontos internos das forças políticas civis. O MFA vê as discussões no seu seio agravarem-se com o confronto verbal entre COPCON e CR, inclinados a planos bastante diferentes para o futuro do Portugal socialista. O diálogo baseia-se na escolha assumida que o MFA deve fazer entre Reformismo e Revolução. O caso *República* inclui-se neste processo. Com as dificuldades de entendimento das várias partes, tão heterogéneas, do Movimento, o processo, se já estava condicionado pelos agentes partidários, está, porventura, condenado a não avançar. Somente os organismos populares mantêm o seu papel com a ajuda dos grupos armados de esquerda⁹². Mas terão força para se impor?

As forças civis expressam-se, mas estão agora também elas divididas. A uma opinião, segue-se uma manifestação; a essa segue-se uma outra, noutro local do país, por motivos opostos, de opiniões inversas, desencontrados para possível entendimento; as greves paralisam o regular funcionamento social – caso da greve das comunicações que, para o *Libération*, impede a chegada de notícias sobre a situação portuguesa. É o início de um país fracturado. Perante a reacção hesitante das autoridades e com os centros de poder descentralizados, a situação torna-se instável, o Governo tem em mãos uma crise de autoridade – as ordens e contra-ordens dadas ao COPCON são exemplo disso mesmo.⁹³ Com o avançar do Verão, o caos agrava-se.

Além das questões teóricas e da representação das forças políticas, a demissão condicional do PS do Governo Provisório, graças ao suposto caso *República*, e da sua discórdia do documento do MFA, sobretudo porque se sabe apoiado pela social-democracia europeia, vão agravar a governabilidade do país. Será, então, a extrema-esquerda em conjunto com o PC, bem como as forças progressistas do MFA em

⁹¹ *Ibidem*, 30/05/1975.

⁹² *Ibidem*, 20 e 21/06/1975.

⁹³ *Ibidem*, 06/07/1975.

parceria com o CR, a definir o rumo da Revolução, daqui para a frente, afiançam os esquerdistas⁹⁴.

A inquietação oscila entre a situação em Angola e a manifestação do episcopado relacionada com a Rádio Renascença. Poderá o avanço reaccionário acelerar o processo revolucionário?, perguntam-se os esquerdistas franceses⁹⁵. A inexistência de soluções governativas, com tão fortes desejos de estrangulação da mutação revolucionária portuguesa, é caso crucial para estes franceses⁹⁶.

Quando os regimentos progressistas participam na manifestação das comissões de trabalhadores e de moradores, a população fica eufórica pela companhia dos soldados, pela mão do major Dinis de Almeida, querendo a dissolução da Constituinte. A esta fusão entre militares e população, a esquerda francesa assiste com satisfação.⁹⁷

No entanto, o jornal esquerdista francês acredita que o país, já de si partido em dois, vê a própria classe trabalhadora profundamente dividida. Isto significa o avanço da Contra-Revolução, estando Soares a representar o seu papel nela⁹⁸.

A publicação de um documento de quatro portugueses, figuras independentes, apartidárias, revolucionárias, todos antigos dirigentes do movimento estudantil anti-fascista – Martins Pereira, César Oliveira, João Gravinho e Jorge Sampaio, analisando eles próprios a situação portuguesa de um ângulo novo, revela a procura de novas perspectivas. Por sua vez, Cunhal começa o que apelidam de “psicose de guerra civil” para assustar a população, conseguindo, pelo contrário, isolar-se e recebendo a recusa em massa do comunismo soviético (“Então o comunismo era a esperança dos povos. Então, porque hoje em dia essa esperança tornou-se desconfiança.”⁹⁹), já terminado desde a Primavera de Praga, dizem. Soares, por sua vez, usa de toda a lógica institucional-ditatorial do PC para liderar um movimento anti-totalitário, fazendo-se indispensável para a condução do processo político, coisa que os esquerdistas recusam: os meios foram, afinal, o motivo porque os marxistas começaram por se dividir. O COPCON, perante a ameaça enunciada pelo PC de uma marcha das forças reaccionárias, contradiz o partido, recusando a ideia de barricadas e afirmando serem eles, militares, que devem proteger a população. Tendo em conta o

⁹⁴ *Ibidem*, 12-14/07/1975.

⁹⁵ *Ibidem*, 16/07/1975.

⁹⁶ *Ibidem*, 17/07/1975.

⁹⁷ *Ibidem*, 18/07/1975.

⁹⁸ *Ibidem*, 20/07/1975.

⁹⁹ *Ibidem*, 21/07/1974.

controlo dos comunistas no processo das barricadas e a admiração pelo COPCON, dir-se-ia que este é mais um avanço dos militares em relação aos partidos e para segurança da população, do que um movimento repressivo¹⁰⁰.

A formação do Triunvirato político-militar, de acordo com as três orientações diferentes do MFA, há uma enorme satisfação pela necessidade do COPCON em todas as soluções governativas. Mais tarde, consideram o Directório inútil por não unificar afinal a governação¹⁰¹. A derrota da manifestação em Bragança, convocada pelas autoridades eclesiásticas, recebe o seguinte comentário: “Esta região fronteiriça com Espanha é tradicionalmente reaccionária. Pequena burguesia rural obscurantista, pequenas explorações agrícolas, camponeses fanatizados pelo clero, é a Vendeia portuguesa, célebre por ter fornecido, antes do 25 de Abril, o grosso das tropas da PIDE (polícia política); 70% dos agentes da PIDE eram originários desta região.”¹⁰².

No dia 14 de Agosto de 1975, o *Libération* publica o documento de auto-crítica do COPCON em primeira página, com o respectivo programa concreto e o ataque ao PS e ao PC¹⁰³. O PC tenta lançar a sua contra-ofensiva, enquanto o PS continua a pôr-se ao serviço da contra-ofensiva – intencionalmente ou não. É altura, portanto, do poder popular ocupar o espaço da direcção política, sendo a sua melhor hipótese os grupos revolucionários e o COPCON. Por seu lado, as forças reaccionárias são capazes de ter ganho certos apoiantes entre os retornados, alguns de ideias fascistas e colonialistas algo atrasadas em relação ao espectável do povo saído do 25 de Abril¹⁰⁴.

O Grupo dos Nove e o COPCON tentam um acordo, o qual parece ser ainda mais radical que o documento do COPCON. Há, depois, uma manifestação pró-COPCON: “do ponto de vista geral, a mais importante manifestação de rua em Lisboa depois das jornadas do 25 de Abril e do 1º de Maio.”¹⁰⁵. André Glucksmann escreve um pequeno artigo sobre o anti-comunismo ortodoxo, semelhante de Praga a Braga: “Neste fim de século opõem-se aos campos do Estado russo não outros campos fascistas, vestem-se contra o terror colonial do Kremlin, não outros imperialismos, mas os povos, descidos às ruas da nossa velha Europa.”¹⁰⁶.

¹⁰⁰ *Ibidem*, 21/07/1975.

¹⁰¹ *Ibidem*, 29/07/1975.

¹⁰² *Ibidem*, 29/07/1975.

¹⁰³ *Ibidem*, 14/08/1975.

¹⁰⁴ *Ibidem*, 19 e 20/08/1975.

¹⁰⁵ *Ibidem*, 22/08/1975.

¹⁰⁶ *Ibidem*, 22/08/1975.

É com alguma surpresa que o jornal esquerdista francês anuncia a aliança entre PC e parte da extrema-esquerda, demonstrando ser possível essa união e, simultaneamente, a força da extrema-esquerda, não deixando de receber o seguinte comentário: “Movimentos de massa até aqui negligenciados pelos comunistas, vão daqui para a frente, investir neles todas as suas forças. Para, evidentemente, tentar controlá-los.”¹⁰⁷. Os nove estão, portanto isolados, por agora.

A deterioração da divisão Norte/Sul está cada vez mais acentuada. Com manifestações no Norte de esquerda e de direita, o país está à beira do confronto¹⁰⁸. O estado de tensão é tal no fim do mês que enquanto se forma o VI Governo¹⁰⁹, o título do *Libération* de dia 28 de Agosto é “Contem os fuzis, os que tiverem mais vão ganhar”. O PS insiste em aproveitar a vaga de anti-comunismo no Norte, para desespero dos esquerdistas.¹¹⁰ A divisão do MFA agrava-se até estar partida definitivamente em dois blocos.

Em Setembro, o Norte do país torna-se alheio à política, sendo progressivamente indiferente à presença ou não de Vasco Gonçalves nas Forças Armadas, não se reconhecendo no novo Governo, num poder que lhes é “estrangeiro”, apesar de algumas manifestações de Comissões de Trabalhadores e Moradores, apoiadas pela extrema-esquerda e pelo PC. O regresso de Corvacho é em si uma derrota da direita, é um conjunto que permite falar do retorno da esquerda a solo nortenho, apesar de tudo¹¹¹.

Quebrada a aliança de esquerda, os esquerdistas franceses afirmam que todos os passos que reforcem minimamente a posição do PC vão solidificar o poder partidário, em detrimento do poder popular e, conseqüentemente, a luta de forças poderá degenerar em Guerra Civil. O MFA enfraquecido vira-se, parte dele, para a esquerda revolucionária; caso esta falhe, o PC ganha poder, o próprio poder partidário fortalece-se, diminui-se a força do poder popular.

Para os trotskistas, as questões que envolvem os grandes partidos não são de explorar excessivamente. Os Governos Provisórios e os decretos são igualmente ignorados, como parte da vida institucional. É privilegiado o tema da relação de forças entre população e militares. Querem, portanto, uma melhor organização,

¹⁰⁷ *Ibidem*, 27/08/1975.

¹⁰⁸ *Ibidem*, 27/08/1975.

¹⁰⁹ *Ibidem*, 28/08/1975.

¹¹⁰ *Ibidem*, 29/08/1975.

¹¹¹ *Ibidem*, 01/09/1975.

possivelmente mais centralizada, para uma “frente comum contra os exploradores”. É igualmente necessária a maior politização da população, bem como a expulsão dos partidos centristas dos centros de decisão e a dissolução da extrema-direita. É imperativo, ainda, avançar com novas exigências económicas para garantir o fim do capitalismo através de nacionalizações, sem direito a indemnização. Menos importante é a auto-gestão que o saneamento e o controlo, bem como o avanço dos sindicatos¹¹².

A institucionalização da aliança Povo-MFA é vista com maus olhos pelos trotskistas, considerada paternalista e criticada por excluir os partidos da vida política. Ao contrário da restante esquerda, as intenções militares são vistas como autoritárias, com a excepção da base. Por isso, dar mais poder aos oficiais do que aos partidos que podem defender os trabalhadores é um recuo em relação ao processo revolucionário. “Eles [os membros do MFA] deduziram que se devia organizar a aliança entre o povo e o MFA. É mesmo uma resposta de militares: autoritária e paternalista. Os pais do regime pensam resolver as contradições sociais, tornando-se os pais do povo. É claro para nós que o pleno exercício da democracia não exclui os partidos. Apoia-se, ao contrário, na livre confrontação dos partidos operários no seio dos órgãos soberanos que constituem as comissões e os conselhos.”¹¹³. É referida a intervenção da CIA perante Portugal, como já o tinha feito no Chile, São Domingos, Bolívia ou Guatemala¹¹⁴. Também a batalha de produção, consequência das nacionalizações, é muito discutida, como veremos mais à frente¹¹⁵.

Com o aumento da atenção dada a Portugal, as facções socialistas francesas começam a dividir-se profundamente. A cisão separa a linha ortodoxa do partido, que apoia o avanço de Soares para o campo social-democrata e para um anti-comunismo exacerbado, da ala esquerda do PS e do PSU, que defendem a manutenção de uma linha intransigente na via para o socialismo.

A saída do Governo Provisório pelos socialistas portugueses agrava o erro de Soares, de acordo com as vozes da esquerda socialista. O partido das massas não-estalinista está a excluir-se a si próprio de representar a voz das massas, de ajudar ao

¹¹²V. *Portugal: La Révolution en Marche...*, pp. 85-192.

¹¹³ *Ibidem*, p. 119.

¹¹⁴ *Ibidem*, pp. 123-127.

¹¹⁵ *Ibidem*, pp. 172-191.

avanço do poder popular, no momento de construção da auto-gestão, tudo princípios enunciados pelos próprios que agora desistem¹¹⁶.

O anti-comunismo é provocado, denunciam os socialistas franceses, aproveitando os preconceitos e exacerbando os erros do PCP, particularmente no Norte e no Centro, empurrado pela reacção nas suas diversas faces, a que a hesitação involuntária do Governo Provisório não é alheia, mas também a exploração desses mesmos fantasmas pelo PS¹¹⁷.

1.3.4. Escalada de Outono: *des oeillels, c'est fini*

O Documento dos Nove, elaborado por um grupo de militares moderados que tinham visto a sua posição central inicial posta progressivamente de lado, desencadeia a crise que termina com a formação de um Governo Provisório sem a liderança de Vasco Gonçalves, com a presença de Pinheiro de Azevedo como primeiro-ministro “moderado”. Perante a falta de entendimento dos Nove com o grupo progressista de Otelo, o avanço do VI Governo Provisório revela-se um avanço das forças civis, porventura desnecessário em equilíbrio tão delicado. Se a linha ortodoxa do PS concorda com um Governo em que as forças comunistas tenham presença reduzida, a ala esquerda do partido e seus apoiantes olham-no como força repressiva do poder popular, um Governo aprovado pelos sociais-democratas e pela reacção encapotada. A demanda pelo investimento estrangeiro e, portanto, a cooperação com as multinacionais entra em choque directo com o caminho desejado, o socialismo. Aquilo que chama a tentativa de estabelecimento de censura na imprensa, com a ocupação das sedes da Rádio Renascença e do *República* pelas tropas – considerada uma diferente “concepção de liberdade de informação” –, o saneamento e a recolocação interna das Forças Armadas, particularmente das forças mais progressistas ou de base, acompanhados da interrupção da comunicação dos militares com a sociedade, prolonga o desagrado dos socialistas mais à esquerda. A prisão dos responsáveis pelo movimento SUV e a criação de um “duplo” do COPCON confirmam os aspectos repressivos das novas forças governamentais. Afinal este Governo parece querer recuar com todos os avanços económicos feitos

¹¹⁶ C. Repères, nº 25, 01/09/1975, p. 8.

¹¹⁷ *Ibidem*, 01/09/1975, pp. 41-42. Ver o desenho humorístico feito a propósito da atitude de Mário Soares para com os comunistas. Cf. igualmente *Frontière*, nº 23, 01/05/1975, p. 31.

em '75 e as lutas de desestruturação da hierarquia militar, acabando com o movimento operário.

Parte do MFA, e mesmo alguns membros do Grupo dos Nove que vêm para onde se dirige o fenómeno que desencadearam, servem de contra-corrente, motivando as forças populares e partidárias a agir perante o avanço do que se anuncia como “moderado”. “O povo português perdeu o hábito de curvar a testa e os instrumentos com os quais o regime fascista o constrangia, polícia, Exército, Igreja, deterioraram-se a graus diversos”. O melhor exemplo disso mesmo é a confraternização entre os militares que ocupam estações de rádio e os próprios jornalistas ou a ausência de dispersão por parte dos comandos de Otelo perante o cerco à Assembleia. O perigo, no entanto, mantém-se, perante a hipótese de uma Assembleia Legislativa de direita, um Exército disciplinado, uma economia ainda em transição e com fracos resultados de produção e produtividade, o que poderia enfraquecer o movimento operário. Torna-se, assim, mais urgente uma união de esquerda e a manutenção dos militares progressistas, sem confundir reaccionários e moderados de facto, evitando o extremismo dos pequenos partidos, solução fácil para este plano político delicado. É necessária, enfim, a conquista do poder político pelos trabalhadores e o impedimento absoluto da reconstrução de um aparelho estatal repressivo¹¹⁸.

Os trotskistas, por uma vez, em Setembro de 1975, exigem a união operária, como exemplificam pela construção de barricadas e, depois, elogiam a evolução e cada vez maior força do “anarco-populismo”, face ao fim do período de “conciliação” de classes. A vanguarda revolucionária está, portanto, em formação com a progressiva união das Comissões de Trabalhadores e Moradores com órgãos de base militar como o RALIS¹¹⁹ procederam-se a quatro batalhas intensas, segundo nos diz Gérard Filoche: a da continuação das greves com consequente desenvolvimento dos organismos populares; as manobras feitas nos órgãos de comunicação; o profundo movimento dos soldados e desordem para os oficiais; a luta contra o redesevolvimento dos grupos fascistas – é a altura mais radical do movimento de massas. Os trabalhadores estavam prontos, mas não houve um partido que os guiasse. Os dois partidos operários, ao quererem centralizar o poder, dividiram-no – são PS e PCP os principais responsáveis do falhanço da Revolução. As comissões não

¹¹⁸ C. Repères, nº 26, 01/10/1975, pp. 42-45; nº 27, 01/11/1975, pp. 64-66; nº 28, 01/12/1975, p. 30.

¹¹⁹ V. Portugal: La Révolution en Marche..., pp. 229-273.

chegaram a ser soviéticos. Por sua vez, as vagas de insubordinação dos soldados, bastante louváveis, chegaram já só no Outono, não permitindo a reviravolta para o comando do movimento operário, desta vez armado¹²⁰.

O realce dos comunistas franceses é dado à governação e a alguns movimentos populares que ainda podem contrariar o avanço dos não-revolucionários. Pinheiro de Azevedo como novo primeiro-ministro significa o retorno à ordem. Estará ele do lado do PS? E do Grupo dos Nove? Sobre esse mesmo novo poder governamental diz-se: “Mas convém rendermo-nos à evidência. E a evidência diz que o sexto governo tem ossatura socialista e do PPD, longe de resolver os conflitos.”¹²¹.

Considerando haver uma perseguição aos partidários da esquerda, o jornal comunista toma como insustentável o discurso de Sá Carneiro, “reação de cara descoberta”, a que se opõem os activos trabalhadores no Alentejo. Assim se organiza uma manifestação do PCP e da Intersindical com os SUV, pela defesa da Revolução, dita anti-democrática pelo PPD e contra-revolucionária pelo PS. Perante a explosão a mando do Conselho de Revolução da sede da Rádio Renascença, sede que era agora do povo, os PC’s português e francês discordam¹²².

Após o cerco à Assembleia, começa a crescer o ambiente de tensão. A base de Tancos fica a cargo dos seus, sem autoridade do COPCON, não podendo acudir em S. Bento. PS e PPD principiam por apelar à mobilização pela democracia, na qual participam também CDS e maoístas, respondida numa contra-manifestação provocada pelas Comissões de Moradores e Trabalhadores. Os partidos do Centro partem para o Norte para escapar ao que chamam a “Comuna de Lisboa”¹²³. A instabilidade agrava-se, pronunciando um futuro incerto. Teme-se um golpe eminente da direita. Numa manifestação contra ela, a esquerda comunista alerta para a necessidade de um VII Governo Provisório, um no qual esteja excluído o PPD, nova cara da reacção de sempre, com que concorda a esquerda comunista francesa.

Com a chegada de Setembro, os esquerdistas anunciam o fim dos cravos, o término do processo revolucionário e da expectativa da chegada do socialismo, particularmente na Europa Ocidental. A Assembleia do MFA reúne, predominando já claramente a tendência do grupo dos Nove; é o retorno à ordem. Esta ordem e estabilidade significa cumprir as legislativas de 1976, respeitar a representatividade

¹²⁰ Cf. FILOCHE, Gérard, *Printemps Portugais*, op. cit., pp. 361-373.

¹²¹ *L’Humanité*, 27/09 e 11/10/1975.

¹²² *Ibidem*, 22/10 a 12/11/1975.

¹²³ *Ibidem*, 14 a 17/11/1975.

eleitoral e privilegiar os laços económicos com a CEE. Os focos de poder popular vão ser, então, o contra-poder e oposição real do novo Governo, condenados a entrar em conflito¹²⁴. “O tempo dos cravos terminou. E com ele, esse género de unanimidade confusa em volta do MFA apartidário. O MFA, organização política de vanguarda no Exército, não existe mais. Mesmo se, para fachada, os Nove continuem a utilizar a sigla. (...) É um pouco como se muitos portugueses, depois de terem sonhado durante mais de um ano com um socialismo libertário, regressassem à terra.”¹²⁵.

A nova maioria governamental é um passo atrás na Revolução que, a haver descuido, se tornará permanente, acusa o *Libération*; aliás, como se vê, na primeira lei de silêncio do MFA para com o seu povo, por parte do novo Governo. Inclusive, dizem, vai fazer o PCP recuperar apoiantes com a nova situação¹²⁶. O poder que o povo ganhou para si no tempo de desconstrução do Estado na queda do fascismo, o Governo dificilmente o recuperará: o que não significa que Portugal não esteja a fazer o mesmo caminho que as outras revoluções: “A Revolução portuguesa encontra-se geograficamente e historicamente nas confluências de todas as experiências revolucionárias (...) Cinquenta anos de fascismo interrompido criaram uma tal falta de pensamento, conduziram a uma tal asfixia cultural e política, que o 25 de Abril de '74 encontrou as forças populares e revolucionárias ignorantes da história crítica das revoluções, como da sua própria História. O povo português é um povo que não conhece a sua História.”¹²⁷.

Na composição governamental, os socialistas conseguem impor-se, pela representatividade eleitoral que ainda reclamam, conseguindo virar o país à direita, pela ajuda que proporcionam à reacção, reclamam as esquerdas francesas. Além da vitória do PS na composição do poder executivo, há também a vitória do poder partidário dentro do vértice Partidos-MFA-Povo. Rompeu-se o equilíbrio, perante o avanço dos Nove, com a ajuda de Costa Gomes. Se o Documento daqueles pretendia um MFA independente dos partidos, Melo Antunes não conseguirá recuperar o domínio da situação. A ausência de aparelho de Estado proporcionou o

¹²⁴ *Libération*, 08 a 10/09/1975.

¹²⁵ *Ibidem*, 10/09/1975.

¹²⁶ *Ibidem*, 11/09/1975.

¹²⁷ *Ibidem*, 13/09/1975.

desenvolvimento do poder popular que colmatava as deficiências do sistema¹²⁸; é, portanto, chegada a hora da repressão, por parte do Governo, que querará construir o aparelho de Estado em falta, para que o capitalismo possa avançar em Portugal. Foi a substituição da hegemonia do PC, pela hegemonia do PS, critica a esquerda radical francesa.

Se o poder popular está a iniciar o processo de tolhimento em resposta à nova autoridade governamental, a única outra força capaz de recuperar a relação de equilíbrio ou mesmo o caminho revolucionário, são as forças militares progressistas. Não contando com as forças reaccionárias, nem tão pouco com as moderadas, os esquerdistas viram-se para o COPCON e seu líder heróico, Otelo¹²⁹. Quando os comandos de Otelo são substituídos a nível administrativo – dado que a nível prático, o COPCON ainda dialoga com os trabalhadores perante a ocupação das FA das rádios e televisões¹³⁰ – pelo Agrupamento Militar de Intervenção, a confiança nesta nova instituição é nula: o AMI depara-se com a oposição e vigilância agressiva do seu predecessor (COPCON), enquanto esse último teme a repressão do seu sucessor¹³¹.

Em Outubro, as FA continuam a não conseguir unificar-se. O golpe de Estado está eminente, particularmente rodeado de um clima de pré-Guerra Civil. Sobra a questão: de que tipo ideológico?

Perante o retorno da autoridade, há uma mobilização do poder popular e dos SUV. O Exército está, portanto, dividido em dois: face aos grandes defensores da ordem, cria-se um forte movimento anti-hierárquico em resposta. A população apoia os SUV, enquanto PS e PPD procuram dividir o movimento civil em dois. O Parlamento trata então de ser o elemento burguês que impede a Revolução para os esquerdistas; é a catástrofe da exclusividade do poder partidário no plano político. O PC, embora muito criticável, e a extrema-esquerda são essenciais à salvação da Revolução, ajudando os militares progressistas – é o que nos chega dos esquerdistas, a partir da entrevista a Otelo¹³². O CICAP e o RASP, unidades progressistas, são parte das esperanças dos esquerdistas franceses, perante o avanço repressivo do AMI. Há ainda a esperança de que os SUV venham a ser uma espécie de partido, visto que

¹²⁸ CEREZALES, Diego Palacios, *O Poder Caiu na Rua – Crise de Estado e Acções Colectivas na Revolução Portuguesa 1974-1975*, Lisboa, ICS, 2003, pp. 25-79.

¹²⁹ *Libération*, 24/09/1975.

¹³⁰ *Ibidem*, 30/09/1975.

¹³¹ *Ibidem*, 29/09/1975.

¹³² *Ibidem*, 06 a 12/10/1975.

é no plano partidário que se detém agora a hegemonia do poder. Simultaneamente, as Brigadas Revolucionárias são obrigadas a passar à clandestinidade, mais uma baixa para a luta de forças, a não ser que essa clandestinidade se traduza em assalto ao poder reaccionário.

Os esquerdistas franceses afirmam ser o alarmismo económico o principal argumento da direita, na tentativa de tentar reduzir a luta popular.

Otelo é destituído do comando da região de Lisboa, substituído por Vasco Lourenço, em troca da dissolução do AMI. Há uma reestruturação global do Governo. O poder governamental entra em greve, tudo está em suspenso para os esquerdistas¹³³.

1.3.5. 25 de Novembro

É decretado o estado de emergência para Lisboa, perante a rebelião dos pára-quedistas, que ocupam as suas bases aéreas após saberem da suposta nomeação de Vasco Lourenço, contrapostos pelo cerco a Lisboa das tropas do Norte, apoiada pelo PS: é o 25 de Novembro. Os comunistas consideram que os pára-quedistas agiram autonomamente, manipulados pelos contra-revolucionários. A direita terá inventado o suposto golpe de esquerda, de resto tão mal preparado que não poderia ser uma verdadeira insurreição planeada¹³⁴. A partir de 29 de Novembro, altura em que se anunciam a rendição dos últimos pára-quedistas, não há mais notícias relevantes em relação a Portugal. Os comunistas ortodoxos franceses compreendem que a Revolução chegou ao fim.

A esquerda radical fala de “prelúdio de uma Guerra Civil” na capa do jornal. É o 25 de Novembro, descrito em pormenor dias mais tarde¹³⁵. Refaz-se a cronologia dos acontecimentos, com o Estado de sítio em Lisboa e as barricadas que se seguiram. Foi a ausência de capacidade de impor o poder que se tornou num “equilíbrio catastrófico”; há, agora, um “vazio político”, sempre povoado de “mini-revoluções” ou “mini-golpes de Estado”. Uma Guerra Civil só pode beneficiar a direita; a diferença em relação ao Chile é apenas – mas pode ser o suficiente – um Exército excessivamente politizado¹³⁶. Privados da ajuda militar, as organizações civis desistiram de resistir, enquanto o PCP pedia calma; a população parece agora

¹³³ *Ibidem*, 21 e 22/11/1975.

¹³⁴ *L'Humanité*, 27/11/1975.

¹³⁵ *Libération*, 02 e 03/12/1975.

¹³⁶ *Ibidem*, 26/11/1975.

paralisada. A porta está aberta para a direita militar: será “um Chile docemente”. Haverá depuração militar para com as forças de esquerda, depois de esta ter perdido lugares essenciais no aparelho de Estado, possuindo o Estado, perante o vazio dos órgãos de comunicação, os meios repressivos para com o poder popular.¹³⁷

Enquanto PC e *Libération* concordam no temor pelo regresso ao fascismo, Soares afirma que Cunhal tentou um “golpe de Praga”; por sua vez, a extrema-esquerda acusa o PCP de passividade. Tudo dependerá, diz-nos o jornal esquerdista, da relação de forças entre esquerda e direita dentro do Grupo dos Nove. A direita irá bloquear uma solução ao centro. Já começou a limpeza nos grupos militares e a repressão das forças civis, através da proclamação do estado de excepção¹³⁸.

Chegou o tempo da ordem: sem jornais, através de demissão das administrações da imprensa quotidiana, de nacionalização das rádios, por algumas substituições nas Forças Armadas, pára-quedistas desmobilizados e desarmados; estes dizem-se traídos pelo RALIS, mas dispostos a continuar a lutar. Melo Antunes, só com a ajuda do PC, poderia equilibrar a situação e garantir o apoio dos trabalhadores, reflectem os esquerdistas franceses¹³⁹.

Dezembro é o tempo da esperança do ressuscitar da Revolução para a esquerda radical: fala-se na resistência que ainda existe nas Forças Armadas, apesar dos gonçalvistas depurados; é tempo de tentar concretizar uma aliança entre gonçalvistas e militares do COPCON. O PS, por sua vez, tem Melo Antunes como o seu novo inimigo, acompanhado de um CDS que o considera um perigo; o PCP tornou-se o seu único e principal aliado; o PPD quer a substituição de Costa Gomes. A esquerda revolucionária está paralisada, com MES e PRP a serem intimidados pela GNR. Há a corrente gonçalvista, a corrente revolucionária e a corrente dos Nove – oficiais progressistas, direita unitária e esquerda anti-comunista¹⁴⁰.

O PC não está tão mal colocado como parece e o PS está menos vitorioso do que se mostra, enquanto a extrema-esquerda foi surpreendida pelo golpe, dizem agora os esquerdistas; o movimento social ficou voluntariamente fora do caos. É um contínuo incitamento ao prosseguir da luta que querem ver continuada. O avanço da direita foi, por ora, travado. Chega-se a uma nova etapa em que sondagens dão maioria absoluta à direita, enquanto ainda existem duas mobilizações operárias em

¹³⁷ *Ibidem*, 27/11/1975.

¹³⁸ *Ibidem*, 28/11/1975.

¹³⁹ *Ibidem*, 29 e 30/11/1975.

¹⁴⁰ *Ibidem*, 01/12/1975.

Lisboa. Há alguma depuração da direita nas Forças Armadas. A direcção política da tentativa de golpe de 25 de Novembro foi principalmente gonçalvista, dizem, embora o COPCON também esteja associado. O verdadeiro golpe do COPCON não era para ser nesse dia tinha o seu próprio; a divisão na reacção dos gonçalvistas foi fatal. Perante a delação de um membro de posição não confirmada a Eanes, tudo estava condenado. Os Gonçalvistas receberam falsas informações, o COPCON paralisou com Otelo a opor-se a uma acção improvisada; os civis que tinham comparecido foram abandonados pelos militares. O PC deixou tudo isto acontecer, enquanto Cunhal negocia¹⁴¹. Enquanto a normalização toma conta das FA, com a substituição quase inteira “anti-democrática” dos militares da região de Lisboa, segue-se a normalização na vida civil, ou seja, rádio e televisão com suspensões e as cooperativas agrícolas a tentar sobreviver¹⁴². Assim vêm os esquerdistas os actores do 25 de Novembro.

Os SUV afirmam ter concordado com o golpe, mas não terem tido efectivos disponíveis para auxiliar; foram agora todos desmobilizados para outros sítios, ficam sem contactos uns com os outros – queimaram-nos por segurança. É, portanto, o fim da esperança nos SUV; sobra, somente, as restantes forças progressistas militares e a força civil popular que possa reagir aos acontecimentos. Quer-se agora a despolitização do Exército¹⁴³.

Neste cenário, há uma entrevista a um capitão português na clandestinidade, o qual está claramente contra o 25 de Novembro, descrevendo minuciosamente o que falhou¹⁴⁴.

Dia 15 de Dezembro anuncia-se a morte oficial do MFA, esse MFA do apartidarismo e do anti-militarismo em detrimento da unidade a favor do povo, com o documento a anunciar uma nova trilogia: Constituição, disciplina, hierarquia. A direita só tem, portanto, de se aproveitar dos erros da esquerda, visto ter sido o Documento dos Nove um cavalo de Tróia involuntário. Diz o *Libération* que não se conforma com o 25 de Novembro, como nunca se conformou com o fim do Maio de '68. No dia seguinte, começam a ser restituídas as terras ocupadas, a Reforma Agrária obviamente em perigo, com Melo Antunes a tentar contrariar o movimento

¹⁴¹ *Ibidem*, 03/12/1975.

¹⁴² *Ibidem*, 04/12/1975.

¹⁴³ *Ibidem*, 06 e 07/12/1975.

¹⁴⁴ *Ibidem*, 11/12/1975.

que acabou por começar. A esquerda escusa-se a um confronto para evitar um massacre¹⁴⁵.

Por fim, as duas últimas peças do ano sobre Portugal pela mão da esquerda radical são de particular relevância para compreender o espírito com que o jornal encara a Revolução portuguesa: a primeira uma crónica com um resumo cómico da Revolução, da qual se destaca a expressão “Revolução doce”; a segunda a esperança numa recuperação da Revolução “ainda possível”: o poder revolucionário pode-se exercer paralelamente ao do aparelho de Estado (exemplo da Rússia e de Espanha) ou em nichos libertos (exemplos da China, Cuba ou Vietname), sabendo que um regime de frente popular (Chile) não leva à vitória de uma revolução socialista¹⁴⁶.

O 25 de Novembro é vivido com relativa tristeza por parte dos socialistas não sociais-democratas franceses. A derrota dos progressistas do MFA, do PCP e da extrema-esquerda garante o regular funcionamento de uma democracia parlamentar burguesa, preparada para integrar a CEE, igual a todas as democracias europeias, com socialistas que protelam a via socialista¹⁴⁷.

Os pára-quedistas anteciparam um possível golpe da esquerda militar, terminando com as hipóteses de contrariar, pelo menos ao nível militar, o retorno à ordem que acusava o novo Governo. O saneamento prontamente feito dos militares progressistas (COPCON e RALIS incluídos), substituídos por “moderados” e a dispersão pela realocização dos SUV confirma essa derrota. Os ditos moderados – Melo Antunes, Vítor Alves, Vasco Lourenço, por exemplo – que agora se posicionam confortavelmente nos seus novos postos, serão certamente saneados para serem substituídos por reaccionários. Ao contrário do que aponta a direita, do que acusa o próprio Soares inclusive – é mencionada uma certa obsessão comunista –, a ala esquerda do PS francês considera que o golpe nada teve a ver com o PCP ou com a extrema-esquerda, foi somente uma desobediência de certos membros da Força Aérea. Agora chegou o tempo da Contra-Revolução, profetizam.

¹⁴⁵ *Ibidem*, 17/12/1975.

¹⁴⁶ *Ibidem*, 18, 27 e 28/12/1975.

¹⁴⁷ Cf. KASSEM, Fadi, “Les socialistes français...”, pp. 169-185.

CAPÍTULO 2 – SUJEITOS DA REVOLUÇÃO

2.1. Comunistas Ortodoxos

Para os franceses do PCF, como para a restante esquerda, a vitória pertence ao triângulo: Povo-MFA-Partidos.

O Povo, sofredor às mãos do fascismo, lutador contra a repressão toma o que era um golpe militar em mãos e transforma-o numa Revolução – daí a importância da sua aliança ao MFA. Sobre ele são construídos inúmeros discursos apaixonados, mais do que jornalísticos, especialmente nas reportagens. “Chorámos de emoção, cantámos, dançámos, gritámos vitória até perder o fôlego, transportámos em triunfo os soldados e os marinheiros, arrancámos os cravos vermelhos e brandimos a arma de que não mais nos queríamos servir, a bandeira nacional recuperada e a bandeira vermelha, vermelha do sangue dos melhores filhos de Portugal que tombaram pelo seu povo. Mergulhámos, caímos totalmente, sem reserva, na embriaguez da liberdade. (...) Era o testemunho do compromisso da grande massa operária e democrática da sua vontade de preservar, de consolidar as liberdades conquistadas, de acentuar a derrota do fascismo, de se opor a toda a tentativa de uma contra-ofensiva da reacção.”¹⁴⁸.

“(...) todas as tardes, numa cidade, num bairro, numa aldeia, o povo continua a fazer a festa da liberdade. O 25 de Abril ainda está demasiado próximo. O maravilhoso ainda não se tornou hábito. Não o será durante muito tempo.”¹⁴⁹

“Desde a nossa saída da estação vê-se: à calma inquietante do fascismo sucedeu-se, nas ruas de Lisboa uma animação, podemos quase que dizer uma exuberância (...). Os acontecimentos alteraram a fisionomia da cidade.”¹⁵⁰.

O simbolismo da Revolução passa muito, como aliás na imprensa portuguesa, pela Primavera e pelo cravo. A descrição do “espírito do 25 de Abril”, expressão portuguesa a que tentam dar sentido, serve de prova a este interesse francês pela lógica revolucionária portuguesa¹⁵¹. Por altura das eleições para a Assembleia

¹⁴⁸ *L'Humanité Dimanche*, 08 a 14/05/1974.

¹⁴⁹ *Ibidem*, 12 a 18/06/1974.

¹⁵⁰ *Ibidem*, 21 a 27/08/1974.

¹⁵¹ *L'Humanité*, 01/08/1975.

Constituinte, fala-se na participação massiva nas eleições pelo Povo português¹⁵², entusiasmado com a democracia. A meio da Revolução questiona-se: “A flor na espingarda não será ela já fora da estação?”¹⁵³. A 20 de Outubro de 1975 filosofa-se sobre a chegada do Outono português¹⁵⁴.

Assim, o povo português é a representação da bondade cada vez mais qualificado de todas as virtudes, vítima heróica por excelência, não passiva, mas pacífica¹⁵⁵: “Do seu sangue, do seu sacrifício floriram os cravos vermelhos do glorioso 1º de Maio de 1974”¹⁵⁶.

O Movimento das Forças Armadas, desde o início inscrito no ADN da Revolução, é respeitado como tal, mas inicialmente visto com desconfiança. Com a politização dos capitães, os de maior protagonismo à esquerda, o MFA torna-se cada vez mais o garante da Revolução e o aliado do Povo. Da desconfiança inicial: “Que querem eles, quem são eles, esses militares que se tornaram descolonizadores ao fazerem a guerra colonial, democratas que eram o Exército do fascismo?”¹⁵⁷; às campanhas de dinamização cultural, onde se comovem com a relação entre os militares que tentam ensinar o povo ávido de aprender, ignorante porque não lhe foi dada a oportunidade de contactar com o conhecimento¹⁵⁸ até ao elogio da novidade “desse movimento absolutamente original na Europa e no Mundo que alia a força militar à vontade de liberdade.”¹⁵⁹. São, por fim, os guardiães da Revolução¹⁶⁰, a ponto de serem sugeridos Comités de Defesa Populares em conjunto com membros do MFA¹⁶¹.

O segundo grande herói do período 1974/75, o qual contribui grandemente para o prestígio do MFA é a figura do primeiro-ministro Vasco Gonçalves¹⁶². Pela

¹⁵² “Muito tempo antes da abertura do escrutínio, longas filas já se formavam à porta dos boletins de voto.”, *ibidem*, 26/04/1975.

¹⁵³ *L’Humanité Dimanche*, 05 a 11/02/1975.

¹⁵⁴ “Aí está, então, outros paradoxos desta situação portuguesa. Um Conselho de Revolução composto, afirmávamos, à imagem da maioria do Exército e que não se consegue fazer obedecer: um governo constituído, em aparência pelo menos, à imagem de quase todos os cidadãos, visto que compreende sinistros socialistas, o PPD e militares e quase UM comunista, e que apesar de tudo bate todos os recordes de ineficácia. Depois de ter mergulhado no jugo do fascismo durante quase meio século, Portugal, ter-se-á tornado ingovernável?”, *L’Humanité*, 20/10/1975.

¹⁵⁵ *Ibidem*, 14/06/1974.

¹⁵⁶ *Ibidem*, 21/06/1974.

¹⁵⁷ *L’Humanité Dimanche*, 04 a 10/12/1974.

¹⁵⁸ *Ibidem*, 02 a 08/04/1975.

¹⁵⁹ *Ibidem*, 28/05 a 03/06/1975.

¹⁶⁰ *L’Humanité*, 22/02/1975.

¹⁶¹ *Ibidem*, 07/08/1975.

¹⁶² *Ibidem*, 22/02 e 20/08 /1975.

sua coragem a lidar com os reaccionários, pela sua progressiva politização num sentido que consideram o correcto, sem perder os seus preceitos de militar; pelas nacionalizações, pela Reforma Agrária, por tentar acabar com os monopólios económicos, assegurando melhores direitos aos trabalhadores e moradores, sem deixar a crise económica resvalar excessivamente. O seu cuidado político em assegurar, em nome do MFA, a direcção da Revolução, sem nunca deixar de dar voz ao poder civil, nomeadamente os partidos. Por ficar enquanto o deixam, em detrimento do seu interesse pessoal.

O terceiro herói desta Revolução, para os comunistas franceses, é mais apagado, porque instável: Otelio Saraiva de Carvalho. Enquanto líder do COPCON é admirado, não deixando de se desconfiar das suas opiniões tremelicantes. O apogeu da sua glória aos olhos dos comunistas franceses será quando forma o Directório com Costa Gomes e Vasco Gonçalves para um Triunvirato. É ele o representante do COPCON, o protector do povo¹⁶³.

Spínola, nunca considerado de confiança, tem inicialmente direito a uma prova de boa-fé, por parte dos comunistas ortodoxos. Com o crescente tom “moderado” do Presidente da República, o desagrado vai aumentando, até culminar no 28 de Setembro e no 11 de Março, que o excluem de qualquer aprovação política. O seu regresso é, aliás, bem temido, pela sua capacidade de reunir os reaccionários e os fascistas, os donos dos monopólios, bem como uma possível ajuda dos americanos. A suspeita de ter estado ao lado dos assassinos de Amílcar Cabral carrega-se até ao fim; a sua presença em Paris é levada com gravidade. Ele é o símbolo do reaccionarismo de alguns oficiais, detestados pelos comunistas ortodoxos franceses, como pelos portugueses. É o revés do apoio comunista quase incondicional ao movimento militar; são os fantasmas spinolistas vindos do topo da hierarquia.

Os líderes políticos são de ordem vária. O principal líder político-partidário aos olhos dos comunistas franceses é, como seria de esperar, Álvaro Cunhal. Este é visto como uma lenda viva, o famoso clandestino que ajudou à erosão do regime fascista, o grande herói da Revolução¹⁶⁴.

Quanto aos comunistas portugueses, há uma admiração enorme pela luta de tantas décadas. São vistos como os grandes combatentes contra o fascismo, seguindo o seu líder, o que sofreu mais às mãos da PIDE-DGS, trabalhando com diversas

¹⁶³ *L'Humanité*, 30/09/1974.

¹⁶⁴ *L'Humanité Dimanche*, 08 a 14/05/1974.

forças político-ideológicas anti-fascistas. É o partido da luta, o único com capacidade para levar avante a Revolução. Mesmo a audiência que têm no 1º de Maio o confirma: serão os que levarão o povo pela mão, juntamente com os amigos militares, até ao fim da Revolução comunista, dentro das particularidades portuguesas¹⁶⁵.

Mário Soares começa por ser considerado um aliado, a sua escalada anti-comunista, leva-o a ser visto como um traidor¹⁶⁶ ao Partido Comunista, depois a Vasco Gonçalves, ao MFA¹⁶⁷ e, portanto, à Revolução. Se as críticas não são tão severas como no “Avante!” é certamente pela aliança PC-PS em França que se vê atribulada pelas querelas entre os seus partidos homólogos.

O PS é visto à semelhança do seu líder: parte dos grupos partidários operários, rival, mas aliado necessário para contrariar as forças de direita ou, como se encapotam, centristas. Após o 25 de Abril, com a chegada dos dois exilados, Mário Soares e Álvaro Cunhal, os partidos vêm-se ambos como partidos do operariado. Se o PC tem uma implementação muito maior pela sua longevidade e luta contra o fascismo, o PS é considerado fraterno por ter estado também na luta, embora mais tardiamente e com poucas bases no mundo operário. Para o sucesso do movimento popular e, sobretudo, das posições governamentais, o *L'Humanité* considera vital a aliança entre os dois. Mas a evolução dos acontecimentos dará lugar ao afastamento progressivo que culminará num voltar de costas definitivo. O PCF vai acusar então Soares de ter demorado a acudir no 28 de Setembro, depois de se aliar a centristas, bem sabidos “reaccionários-fascistas”, e aventureiristas no caso da unidade sindical. Momentaneamente reconciliados, no início de 1975, retomam hostilidades, particularmente depois das eleições. Se o PC ganhara força com a vitória no 11 de Março, da qual se clama em parte responsável, o partido de Soares encontra legitimidade na sua vitória nas eleições para a Assembleia Constituinte. Esta vitória, não a vê compensada no comportamento de Cunhal, o qual parece, aos olhos dos socialistas, cada vez mais munido de confiança da sua representatividade nos interesses do povo. O PS começa a discordar do MFA em relação à Intersindical, depois do PC pelas tendências que considera proto-tirânicas. Os comunistas ortodoxos franceses assistem a tudo isto, lado a lado com os comunistas ortodoxos portugueses. O caso *República* é o culminar de uma série de tensões, sobretudo do

¹⁶⁵ *L'Humanité Dimanche*, 04 a 12/12/1974.

¹⁶⁶ *L'Humanité*, 27/01/1975.

¹⁶⁷ *Ibidem*, 11/07, 17/07, 21/07, 25/07, 15/08, 27/09 de 1975.

crescente anti-comunismo do PS, a partir daí em guerra aberta. A aproximação ao PPD e ao CDS, a exigência da diluição da importância do MFA no poder político, o recuo em algumas tácticas económicas no avanço para o socialismo e mesmo a aproximação de Soares aos partidos europeus ou o seu desejo de adesão à CEE, tornam as suas posições insustentáveis para os comunistas ortodoxos, o engodo criado por Soares para levar os portugueses à sua social-democracia burguesa, ao lado dos reaccionários que poderão, inclusive, tentar um golpe bem sucedido, para recuperar os seus privilégios de tempos fascistas¹⁶⁸.

O PPD e o CDS são julgados como partidos reaccionários, de forma cada vez mais agressiva à medida que o tempo revolucionário avança. O CDS é considerado o partido dos amigos de Marcelo Caetano, envolvidos no 11 de Março e de ligações com uma Igreja ultra-reaccionária. Por seu lado, o PPD é visto como reacção escondida, progressivamente posta a nu, burguesia representada pelo Expresso, aquela que queria o desenvolvimento económico, que acabou por ver o temido momento do poder nas mãos do povo; “cavalo de Tróia” da Revolução¹⁶⁹, depois de cara descoberta¹⁷⁰, por fim anunciador de um socialismo que não é afinal socialista: “Segundo o senhor Sá Carneiro, o socialismo não implica necessariamente a apropriação dos meios de produção nem o desaparecimento das classes. (...) Para eles, o 25 de Abril é um acto ilegítimo, ilegal. A única legitimidade é a de Salazar, de Caetano, da sua pretensa Aliança Nacional Popular. Resumindo, a legitimidade do fascismo”¹⁷¹.

Tomando o caminho revolucionário como trilha único, os partidários do PCF propõem os inimigos da Revolução como um ser único ou, pelo menos, co-dependente: são as forças de direita que são acompanhadas de um esquerdismo que o faz, ora intencionalmente porque pago, ora inocentemente por se ter deixado manipular pelo patronato. As críticas ficam-se por esta acusação repetida vezes sem conta, sem especificar os motivos e meios destes grupos mais radicais, provavelmente para não publicitar o conteúdo destes movimentos¹⁷². Confirmam a expressão de José Osório: há “cravos de outras cores”, portanto convém estar alerta

¹⁶⁸ *Ibidem*, 17/05/1974, 11/07 e 21/07/1975.

¹⁶⁹ *L'Humanité*, 18/03/1975.

¹⁷⁰ *Ibidem*, 09/09/1975.

¹⁷¹ *Ibidem*, 25/09/1975.

¹⁷² *Ibidem*, 06/05/1974 e 01/02 e 18/03/1975.

em relação às “mini-Revoluções”, as da pequena esquerda¹⁷³, com a sua “política de caos e instabilidade” – é o exemplo dos incentivos dado pelo MRPP nas greves no aeroporto de Lisboa ou o ataque ao congresso do CDS¹⁷⁴. O MRPP é o partido esquerdista mais atacado, seguido da UDP, partindo sempre de uma condescendência generalizadora. A FUP é considerada um avanço político, mas nunca excessivamente enfatizado.

Os partidos são considerados como indispensáveis para, com a aliança feita com os militares, combater as tentativas de sabotagem económica e o risco da política política e os restantes reaccionários porem em perigo a liberdade que já se conquistou¹⁷⁵. Ao contrário do que acontece com os esquerdistas, as instituições partidárias são, portanto, vistas como essenciais, não partilhando de toda a visão das lutas de classes dentro das Forças Armadas que reclamam os trotskistas.

2.2. Esquerda radical

O Partido Socialista é inicialmente bem visto, por dizerem pretender o socialismo, e por uma indisfarçável admiração por Mário Soares. Há uma entrevista ao líder do PS, representante de um partido aos olhos do *Libération* muito capaz de responder aos anseios da Revolução socialista portuguesa – por isso lhe dão espaço para se expressar no jornal¹⁷⁶. Com o começo do que chamam a “chantagem” de Mário Soares, não deixam de admirar a sua capacidade política : “Soares chegou a Portugal, vindo de Paris com a sua escova de dentes, sem um militante – é agora um enorme aparelho. E tranquilamente com um golpe de chantagem, reuniões e manifestações apresenta-se como o defensor das liberdades e dos anti-autoritarismos, ele pilha colocações”¹⁷⁷. Com o avançar do processo revolucionário acreditam cada vez mais que o objectivo dos ditos socialistas é, afinal, a comum e desinteressante social-democracia que domina a Europa Ocidental. O PS representa a tradição liberal europeia. Deixou escapar a sua oportunidade, os próprios partidos socialistas

¹⁷³ Novamente, este termo não é empregue com nenhum juízo de valor associado, somente pelo menor número de apoiantes para caracterizar a esquerda não-comunista, sem a repetição constante dos mesmos termos.

¹⁷⁴ *Ibidem*, 06 e 07/05/1974; 06/03/1975; 28/01/1975.

¹⁷⁵ *L'Humanité Dimanche*, 08 a 14/05/1974.

¹⁷⁶ *Libération*, 11 e 12/05/1974.

¹⁷⁷ *Ibidem*, 23/05/1975.

europeus desistiram de um socialismo em liberdade em Portugal, preferindo entrar pelo anti-comunismo desenfreado.

O Partido Comunista português é considerado, dado comum a todos os partidos comunistas referidos, revisionista, burocrático, manipulador e autoritário, especialmente no caso da Intersindical; o anti-comunismo que se vai gerando é visto como consequência dos comportamentos monopolistas de Cunhal e seus seguidores. A própria figura, embora respeitada pela sua luta, é considerada como limitada na sua ideologia. O cenário chileno a que chamam tanta atenção como possível perigo não parece fazer sentido para os esquerdistas: para tal eram necessárias umas Forças Armadas maioritariamente reaccionárias; a união que os comunistas querem fazer, a todo o preço, é, portanto, desnecessária, havendo um relativo espaço de segurança contra o fascismo. “A polémica entre o PC, isto é, uma concepção do socialismo com um Estado forte, uma planificação de alto a baixo, Conselhos de Defesa da Revolução correia de transmissão do Partido considerado como encarnando o proletariado, o PC – e os partidários de um socialismo libertário, repousando sobre mini-poderes populares em relação de poder dialéctico com o Estado central, e considerando o pluralismo como um mal menor por comparação com o partido e o sindicato único. O Estado, as classes médias e o campesinato são as três componentes essenciais dessa matéria gemente que é a história comum das derrotas da esquerda, e antes de sucumbir à armadilha clássica – comunismo/ anti-comunismo – seria melhor interrogarmo-nos sobre essas equações”¹⁷⁸.

O Partido Popular Democrático e sua figura de proa, Sá Carneiro, bem como o Centro Democrático Social e o seu líder Freitas do Amaral, mal são referidos¹⁷⁹. Como centro-direita, representarão o reaccionarismo a nível do poder partidário, tal como para os comunistas ortodoxos. Não deixando de ser apresentados como agentes políticos são-no sem foco ou pormenor, tidos em conta como cada vez mais perigosos, mas de uma perspectiva exterior. A direita portuguesa é centrista, visto que os monopólios rurais e industriais querem agora a modernização capitalista e a adesão à CEE. Há, portanto, pouco material para analisar no que à direita diz respeito; temos, sobretudo, silêncio, não deixando espaço a que as suas ideias

¹⁷⁸ *Ibidem*, 25/08/1975.

¹⁷⁹ Referências ao CDS estão principalmente concentradas no artigo de dia 20/10/1975, reproduzidos em Anexo, no qual se fala na velha direita, no desprezo pelos seus apoiantes, tendo como salvador Galvão de Melo, o partido do contra.

consideradas fascistas, encapotadas de moderação, sejam exploradas – tenta-se evitar propaganda nociva.

Os esquerdistas, enquanto pequenos focos de poder partidário, são acusados de dispersão, fraqueza, reduzida implantação e de não saberem responder à altura do poder popular e militar da esquerda a que corresponderiam. Se por vezes há simpatias quanto a determinados partidos esquerdistas não há um apoio constante a nenhum, como no caso dos comunistas ortodoxos e dos socialistas da ala direita francesa, cada um ao lado do seu partido homólogo. Podemos, portanto, dizer que a nível partidário, o jornalismo da esquerda radical desconsidera os seus contributos para o processo revolucionário, podendo, pelo contrário, conduzir à desgraça do mesmo. Importa, então, sublinhar o que dizem: o esquerdismo está por criar. A extrema-esquerda deve, não só alterar profundamente a sociedade, como reconstruir um “Partido Comunista perdido”. As contradições da esquerda tornam-se-lhe obstáculos no caminho¹⁸⁰. É desejável que a extrema-esquerda se consiga desenvolver em separado do PCP, isto é, de outra maneira.

A nova esquerda não tem poder: o MRPP é estudantil e desorganizado¹⁸¹. Numa desavença entre MRPP e soldados que aquele suspeita serem fascistas, o COPCON é obrigado a prender membros do MRPP, acto visto como de censura; a UDP e o PRP-BR representam alguma esquerda leninista, com alguma mobilização popular¹⁸², procurando construir os seus sovietes, mas sem extraordinária implantação. No caso português, ao aliar-se aos militares, a extrema-esquerda portuguesa torna-se autoritária e agressiva. Questões que são colocadas: não serão os portugueses ainda muito manipuláveis? A institucionalização das Comissões de Trabalhadores, tornando-os uma espécie de sovietes, não retirará o carácter popular às mesmas? E os partidos não tomarão conta dessa institucionalização? Não será isso que o COPCON tem evitado que aconteça?¹⁸³.

Na área militar, a consideração é progressiva. Não podendo avaliar as Forças Armadas como um todo, olham para o seu sector representativo. Se o Movimento das Forças Armadas é inicialmente visto com desconfiança, progride para a benevolência, depois para a adoração – motor essencial da Revolução –, só caindo com as divisões do Documento dos Nove e com o fatal 25 de Novembro. Inspirado pelos movimentos

¹⁸⁰ *Ibidem*, 07/08/1975.

¹⁸¹ *Ibidem*, 03/05/1974.

¹⁸² *Ibidem*, 28/07/1975.

¹⁸³ *Ibidem*, 12-14/07/1975.

de libertação africanos, o MFA, não fora as suas divisões, teria o inteiro apoio do *Libération*. Um oficial das FA é aqui o porta-voz da ideia de que sem os movimentos de libertação, os militares portugueses não se teriam consciencializado politicamente; é a eles que se deve, em parte, a Revolução. A politização estudantil a partir de '68 ajuda a fazer nascer o MFA, ao serem enviados os elementos da luta universitária mais subversivos para a guerra. Com a grande entrevista concedida a oficiais do MFA, começa a dar-se primazia ao Movimento como representante político, mais até que aos partidos; além da sua origem e objectivos, a diversidade de opiniões que os caracteriza não impede a unicidade em torno do povo que pode ser crucial na marcha rumo ao socialismo, parece defender o *Libération*. Serge July entrevista o Almirante “Vermelho” Rosa Coutinho, concedendo-lhe a oportunidade de dar uma opinião diferente. Ele apela à criação de um “socialismo sem gravata” e de um MFA civil – unanimidade algures entre o PC e o PS¹⁸⁴. Rosa Coutinho pensa ser tempo do MFA entregar o poder às forças civis, visto o fim da Guerra Colonial ter levado o seu papel crucial. Isto se o dito MFA quiser tentar o socialismo latino-mediterrânico a que se propôs, antes que o capitalismo consiga derrubar qualquer tentativa pró-socialista¹⁸⁵. Os esquerdistas franceses reflectem sobre as suas palavras.

O MFA explica querer um socialismo pluripartidário, a que se segue o dito acordo entre partidos e MFA, tendo por contra-ponto o apelo do dito organismo militar ao voto em branco. O Movimento vê a sua autoridade posta em causa ao aproximar-se excessivamente do PC. O MFA deve, do ponto de vista do *Libération*, ser institucionalizado para diminuir o peso dos jogos partidários. Foi ele que dirigiu o processo revolucionário e permitiu o desenvolvimento do poder popular. Com as eleições para a Assembleia Constituinte, mantém-se a aliança com a pequena burguesia e dá-se poder para o PS e o PPD explorarem o descontentamento com os comunistas. Os militares garantiram, no entanto, a continuação da Revolução, perante os conflitos partidários. Mas graças ao seu envolvimento e particularmente o envolvimento dos gonçalvistas com o PCP – face à “sensibilidade anti-totalitária dos portugueses” –, o MFA fica marcado e o triplo poder bloqueado pela sua paralisação.

Assim sendo, só o sector mais radical do MFA detém a devoção dos esquerdistas franceses: o COPCON e o seu líder Otelo, não logo destacado, mas

¹⁸⁴ *Ibidem*, 07/04/1975.

¹⁸⁵ *Ibidem*, 18/08/1975.

depois bastante apreciado¹⁸⁶. Os gonçalvistas são considerados, embora autónomos do PC, excessivamente aliados a ele, especialmente no caso de Vasco Gonçalves. O *Libération* diz ser necessário o COPCON tomar a situação em mãos, perante o cenário económico e a questão colonial em Angola. Com o regresso de Otelo da sua viagem a Cuba, é feita a descrição do herói como tal, partilhado pelos próprios membros do *Libération*. “Porquê essa cristalização de Otelo? Otelo, estratégia de qualidade, um dos que prepararam o 25 de Abril, o “vencedor” do 28 de Setembro e incontestavelmente o militar mais popular de Portugal: o único em todo o caso a não ser chamado por outra coisa que não o seu primeiro nome, tanto pelos militares, como pela imprensa e a população. (...) Otelo apareceu desde logo como o instrumento necessário para a unificação indispensável (...). Desde logo o risco de “bonapartismo” aparece claramente em Portugal. Otelo de Carvalho vê cristalizar sobre si as esperanças de uma extrema-esquerda impotente: ele é forte na medida em que preenche um vazio. Essa força pode traduzir-se pelo melhor, como pelo pior. Isso depende mais uma vez inteiramente da capacidade da esquerda revolucionária em unir-se para constituir uma base de apoio indispensável a Otelo Saraiva de Carvalho...”¹⁸⁷. Otelo é considerado a “possibilidade de reunificação das forças progressistas”.

Pelo contrário, Spínola é considerado uma figura da “burguesia esclarecida”, desde o início visto como o chefe da reacção. É criticada desde logo a moderação em excesso¹⁸⁸. O Governo da Junta estaria a aproveitar a desorganização da esquerda, tal como fez De Gaulle em 1945 ou em 1958, enquanto Lisboa festeja noite fora¹⁸⁹. No entanto, considera-se que dificilmente um golpe de direita tem condições para acontecer. Depois das duas tentativas de golpe por parte dos spinolistas, o General do monóculo começa a representar um perigo pelo sebastianismo português, “os cravos

¹⁸⁶ Pormenor que exemplifica esta admiração pelo organismo liderado por Otelo é o seguinte exemplo: perante a admiração pelos actos de solidariedade e bondade dos portugueses desta Revolução, apresenta-se o caso do grupo brasileiro “oficina samba”, reprimido no Brasil e que é acolhido de braços abertos em Portugal, festejando agora independência das ilhas de Cabo Verde. “Para eles, o sucesso encontrado nas casernas do COPCON são a sua melhor garantia. E depois, é bem conhecido, o COPCON jamais intervirá para uma expulsão, enquanto que ao contrário, não desaprova nenhuma ocupação de casa”.

¹⁸⁷ *Ibidem*, 31/07/1975.

¹⁸⁸ *Ibidem*, 03/05/1974.

¹⁸⁹ *Ibidem*, 03/05/1974 e 10/05/1974.

não são todos da mesma cor”. Uma burguesia rural vê-se agora sem representação, tendo como solução apoiar a Junta e Spínola.

Costa Gomes é pouco falado como figura por ser considerado excessivamente neutro ou moderado, depois prejudicada a sua imagem por ajudar os Nove na sua missão reformista. É referida a visita de Costa Gomes a Paris, num tom descritivo, sempre como “árbitro”, “moderador” de “atitude hesitante”, quem “assegura a unidade” do MFA¹⁹⁰.

Os próprios Nove são vistos num misto de reaccionarismo e benevolência pela sua ingenuidade, depois usada pela direita para obter os retrocessos que pretende. Melo Antunes é o que traz a “moderação”, isto é, a reacção de volta para a ribalta, tentando recuar para a continuação do processo revolucionário, já sem hipótese de promover o socialismo que pretendia¹⁹¹.

Os pára-quedistas de Tancos são os mártires do fim da Revolução. Os verdadeiros militares de esquerda que apostaram num golpe e foram traídos por todas as forças suas aliadas; o tal golpe que podia ter mudado o destino do país que queria ser socialista.

O AMI é condenado como um exército reaccionário e repressivo, enquanto os SUV são, acompanhados dos membros do RALIS, apoiados como a esquerda necessária nas Forças Armadas, disposta a fazer o seu papel, do lado oposto aos oficiais. Os militares são considerados o segundo mais importante de três vértices do poder em Portugal. Agentes de libertação, agentes de descolonização, são os salvadores do povo.

O terceiro vector é, então, o dito povo. E ele é representado de forma bastante mais explícita que no caso do *L’Humanité*. Enquanto este apresenta as disputas partidárias e as decisões governativas, o jornal agora analisado prefere falar das Comissões de Trabalhadores e de Moradores, das suas ocupações e greves, eles sim o verdadeiro povo, por oposição aos sindicatos, controlados por Álvaro Cunhal. Novamente num binómio, o apoio à Assembleia Popular é absoluto, ao contrário da Assembleia Constituinte, pouco legítima e sem sentido. Entrevistadas personagens, acompanhados em reportagens contínuas a auto-gestão das empresas, escolas ou das casas, bem como a Reforma Agrária. As Nacionalizações, porque por decisão governamental, se bem que apoiadas como cruciais para o desenvolvimento da

¹⁹⁰ *Ibidem*, 04-05/06/1975.

¹⁹¹ *Ibidem*, 09 e 19/09/1975.

Revolução, não são um processo tão pormenorizado. As Brigadas Revolucionárias são criticadas por não darem o poder ao povo.

Numa pincelada, podemos dizer que os esquerdistas radicais consideram ser essencial o processo revolucionário ser desenvolvido na mão das bases e que essas bases não devem ter intermédios, especialmente quando estes clamam em voz uníssonas. Estas bases têm vindo a expressar-se perante a anulação mútua do poder partidário e do poder militar – assim o poder popular vai avançando, diz-nos Pierre Victor¹⁹². O poder popular e o poder militar devem, então, unir-se numa soma entre o MFA e a Assembleia Popular, sem uma vida política excessivamente partidarizada, devendo, sobretudo, dar-se importância nas decisões governamentais às alterações económicas, de forma a concretizar a Revolução Socialista. Neste processo está claramente envolvida a descolonização que a própria população da metrópole pede que seja feita, que os próprios soldados que lá combateram querem ver acabada. Por fim, de acordo com a lógica esquerdista, a originalidade do processo português é cruzar características dos processos revolucionários dos ditos Primeiro e Terceiro Mundos¹⁹³.

É de notar a menorização das acções no meio universitário, enquanto entidade independente. A juventude é tratada como parte do todo que é o conceito de povo; as lutas de 1969 já vão longe. Sartre diz mesmo que aos estudantes foi-lhes roubada a Revolução. Há, somente, uma pequena reportagem sobre o meio universitário lisboeta, comparado ao Maio de 68 em Paris, pelo activismo estudantil, depois não continuado. Curiosa essa visão fracturante entre estudantes e povo, que seria representado pelas bases operárias, quando sabemos do enorme envolvimento das camadas juvenis na política do tempo do PREC.

2.3. Trotskistas

Spínola é pouco comentado pelos trotskistas, oscilando entre a aspiração à liderança pura e a comparação a De Gaulle, para não ser referido como um ditador como Franco ou Pinochet – uma espécie de justificação das suas tendências autoritárias, como ainda no âmbito democrático, embora altamente condenáveis. Assim, Spínola segue uma política neo-colonial e faz parte dos capitalistas

¹⁹² *Ibidem*, 14/07/1975.

¹⁹³ *Ibidem*, 05/06/1975.

reaccionários que permitiram o fim da ditadura para permitir o avanço da economia, não tanto por amor às liberdades, muito menos à concretização de uma Revolução socialista. A classe burguesa está momentaneamente desorientada e sem forças para intervir no campo político. A sua única opção é, então, pôr-se de acordo com a nova conjuntura e apoiar Spínola até onde as forças sociais o permitirem, aspirando à social-democracia¹⁹⁴. Este é o líder de um movimento de oficiais que, junto às aspirações burguesas e corporativistas dos capitães, torna o MFA, como as FA no geral, num Movimento de aspirações com pouco de ajuda ao proletariado na luta de classes: eles são a classe inimiga¹⁹⁵.

O MFA para os trotskistas não é senão um movimento heterogéneo, portanto sem rumo definido, predominantemente pequeno-burguês, logo inimigo que quer tomar a liderança “bonapartista” da Revolução. Porque influenciado pelas correntes do movimento operário aparenta querer uma formação social igualitária – dá-se a “esquerdização do MFA”. Explica-se mesmo a transformação ideológica de uma instituição antes só acessível às classes altas: a reforma militar de 1958 permite a entrada da pequena burguesia, com classes mais baixas a entrarem na instituição militar – os futuros capitães. Por sua vez, os milicianos universitários, para lá convocados pelos distúrbios que provocavam no meio universitário, acabam por ser um cavalo de Tróia ideológico para o movimento. De carácter inicialmente corporativista, o Movimento vai-se politizando.

Não deixa, contudo, de ser de formas várias: “Quanto mais os seus dirigentes e porta-vozes insistem na “unidade monolítica” do Movimento, mais os revolucionários devem sublinhar as contradições, as fissuras, os antagonismos internos e visíveis do MFA” – é um mito criado pelo próprio MFA. Existem, aliás, quatro correntes dentro do Movimento: a corrente spinolista, onde se inclui Costa Gomes, depois evoluída para corrente neo-spinolista; a corrente terceiro-mundista que quer associar Portugal ao dito Terceiro Mundo e desconfia da URSS e do PCP – a de esquerda pela mão de Rosa Coutinho, a de direita coordenada por Melo Antunes; a corrente anti-monopolista, próxima do PCP, dirigida por Vasco Gonçalves e acompanhada das comissões de dinamização cultural; a corrente radical, ligada aos partidos de extrema-esquerda, de contornos pouco conhecidos¹⁹⁶.

¹⁹⁴ V. *Portugal: La Révolution en Marche...*, pp. 9-84.

¹⁹⁵ Cf. FILOCHE, Gérard, *op. cit.*, pp. 114-138.

¹⁹⁶ V. *Portugal: La Révolution en Marche...*, pp. 192-204.

Se assim é com um Movimento de consensos mínimos, é certo que a heterogeneidade das FA no seu todo é ainda maior, particularmente tendo em conta o seu papel no regime fascista. Dos muitos sectores não progressistas existentes, muitos não saneados, contamos com a PSP, a GNR, a Guarda Fiscal, a Força Aérea spinolista, os blindados hesitantes, a ala radical dos moderados, os poucos oficiais reaccionários que subsistem na marinha. Com espíritos vigentes que ainda colaboram com o fascismo de Franco, há condições para um golpe reaccionário. E até que ponto o MFA detém o controlo das FA?¹⁹⁷

O Exército é visto, não como um agente de libertação, mas como uma instituição com a sua própria luta de classes, sendo, portanto, os soldados dominados pelos oficiais. Assim, a criação da Assembleia Nacional revolucionária num conjunto de três assembleias – as de militares, trabalhadores e moradores – torna-a piramidal, com os militares a controlarem o processo, sem horizontalidade, que só contribuiria para a formação de um governo militar homogéneo¹⁹⁸. O pacto MFA-Partidos tinha mesmo o objectivo dos militares esvaziarem a Assembleia Constituinte de poder e dominarem os órgãos do poder civil¹⁹⁹.

O prestígio do MFA, também comum à esquerda, os seus membros tratados pelo *Libération* como os novos guerrilheiros, impede a organização dos soldados em Comissões próprias, mesmo entre a extrema-esquerda²⁰⁰. Só a LCI defende o desenvolvimento de uma autonomia de organização dos soldados – auto-organização também no campo militar. O MFA pressupõe em si uma hierarquia; corta-a em metade, mas mantém-na. A ideia do MFA como árbitro apartidário é ilusória, é a ideia que os próprios procuram passar, mas impossível de ser concretizada. Ele quer o monopólio de armas, recusa-se a cedê-las aos civis: “os trabalhadores compreendem muito bem que não é no dia de um golpe de Estado que eles se poderão apresentar nas casernas, para aí reclamar armas, eles devem estar armados previamente.”²⁰¹

O movimento dos soldados começa a tomar vagas formas a partir do 11 de Março e ao longo desse ano. Em fins de Junho de ‘75, várias casernas armam milícias

¹⁹⁷ *Ibidem*, pp. 192-204.

¹⁹⁸ *Ibidem*.

¹⁹⁹ *Ibidem*, pp. 234-262.

²⁰⁰ Cf. FILOCHE, Gérard, *op. cit.*, p. 138.

²⁰¹ V. Portugal: *La Révolution en Marche...*, p. 161.

populares, directiva feita sob o título de Constituição de Corpos Revolucionários de Defesa Popular (CRDP).

O COPCON, considerado pelos esquerdistas do *Libération* a solução, é um confuso órgão, que se toma a si mesmo como o representante do povo sem qualquer indicação de tal, ao serviço de Otelo, o qual por sua vez está perdido a tentar ser um líder de Revolução cubano: “incapaz de escolher ou arbitrar, guiado mais pelas impulsões, das simpatias e das inimizades, que por clara orientação, ele deslizou irresistivelmente da poltrona consular para onde tinha subido”²⁰².

No campo dos partidos, o PCP, depois de ter sido a principal fonte de resistência ao fascismo, é a força do movimento operário. Não deixa de estar ao serviço do que consideram um “pseudo-marxismo mecânico e castrado”. Procurando ir pela modernização económica, não poderá evitar a luta de classes que se aproxima – “A ideia de pôr na ordem do dia a abolição da exploração capitalista ela mesma, sem atraso e ali mesmo, aqui e agora, é recusada pelas estratégias neo-mencheviques do PCP que preferem esperar pacientemente o amadurecimento da contradição, entre o carácter social da produção e a propriedade privada...”. Colado ao MFA como um partido responsável de início e caracterizando o movimento operário como aventureirista, radicaliza-se à medida que o tempo passa, para manter os seus apoiantes, inclinando-se cada vez mais para a luta nas ruas e menos para a participação governamental²⁰³. A burocracia estalinista impediria o avanço do ataque ao capitalismo pelos comunistas, atacam os trotskistas²⁰⁴. A aliança entre o PC e os partidos de extrema-esquerda falhou pela traição comunista ao continuar a contactar com Melo Antunes, Mário Soares e mesmo Otelo Saraiva de Carvalho para constituir uma nova aliança: queria, portanto, uma aliança com todos, um domínio sobre todos. Tanto assim foi que o MDP, seu aliado desde o fim da ditadura, ficou com a pequena esquerda, deixando o PCP a decidir-se sobre o próximo Governo Provisório²⁰⁵. A esquerda radical saiu então prejudicada pelo acordo, sem conseguir defender os seus interesses e valores ao lado do PC.

A extrema-esquerda não consegue ser a vanguarda da Revolução pela sua heterogeneidade e pelas limitações políticas que esta lhe impõe. Apesar de certa influência, está condenada a não coordenar a Revolução. Os socialistas de esquerda –

²⁰² *Ibidem*, p. 262.

²⁰³ *Ibidem*, pp. 38-84, 204-216.

²⁰⁴ *Ibidem*, pp. 93-106.

²⁰⁵ *Ibidem*, pp. 234-280.

MES e FSP (muitos deste de origem católica) – , são contra a social-democracia de Soares, apoiam de forma crítica o PC e o MFA, sendo, no entanto, mais radicais na luta operária que os reformistas: “Apesar dos seus limites, a tendência socialista de esquerda aparece, pela sua recusa do estalinismo e pela sua compreensão da necessidade da frente única operária, como um factor bastante mais positivo e frutuoso para a formação de um pólo revolucionário, que a corrente maoista”²⁰⁶.

Os grupos maoistas, por sua vez, com a sua nostalgia do estalinismo e o seu isolacionismo, junto a uma oposição agressiva ao PCP, isolam uma parte da vanguarda proletária do resto das massas. A UDP ainda exerce um papel importante na coordenação dos vários movimentos entre as várias empresas para algumas manifestações, critica o estalinismo não se alia à burguesia ou sequer ao PS contra o PCP, apesar de o criticar violentamente; é, portanto, o único grupo com futuro. O FEC (m-l) e o PUP aproximam-se da UDP, mas pouca importância têm. O pólo anti-PC pertence aos outros dois partidos maoistas. O MRPP recheado do que chamam “triumfalismo”, isolando-se de outros movimentos operários, tem como principal inimigo o PCP, procedendo a confrontos violentos com este. Sendo mais populista que proletário, dizem, em nada contribui para ajudar a Revolução socialista. O PCP m-l, juntamente com a sua frente de massa AOC, vê o que apelidam de “social-imperialismo russo” como o principal inimigo, mais perigoso que o fascismo tradicional, apesar de se unirem ao PC para a campanha da unidade sindical. De tal forma é radical, que se mantém o único partido maoista a ser reconhecido pela China²⁰⁷. Estes grupos só facilitam a reacção, tal como já diziam os comunistas ortodoxos, e só ajudam os reformistas, isto é, os próprios comunistas ortodoxos.

Os grupos de luta armada são aprovados por corresponderem à militarização dos grupos civis e por se dirigirem somente contra a direita. O PRP-BR desenvolve uma perspectiva acertada para os trostkistas, mas tem de encontrar maneira de aliar as massas e as organizações que as agregam para si. A LUAR, inspirada nas organizações da América Latina, ajudando nas ocupações, está também acertada, mas falta-lhe uma estratégia revolucionária precisa.

A LCI é o pequeno grupo de trostkistas apoiado pelos homólogos franceses. Criada em 1973, apoia as lutas fabris, ajuda nas barricadas, não assina o pacto MFA-Partidos, apoia a união operária, recusando a demagogia da pluralidade sindical, é

²⁰⁶ *Ibidem*, pp. 221-224.

²⁰⁷ *Ibidem*, pp. 38-84.

contra o reformismo, organiza reuniões, é contra os centristas e “neo-fascistas” representados pelos reaccionários disfarçados e mesmo pela instituição exposta que é o CDS e instala-se minimamente nos subúrbios de Lisboa e do Porto. De actividade e implantação muito reduzidas, é considerada a única criação partidária com a posição adequada, mas sem condições de ampliar a sua actividade, somente na hipótese de persistir²⁰⁸.

O PS é um dos partidos operários que vai evoluindo para o anti-comunismo e para a direita, cada vez mais estreitamente ligado ao PPD e a Spínola, enquanto a juventude socialista se aproxima das correntes de extrema-esquerda. Assim, no 28 de Setembro participa nas barricadas e o apoio às greves dá-lhe uma margem de esquerda, ao lado dos pequenos grupos radicais, mas, no fundo, acaba por querer um socialismo democrático, contribuindo para a continuação das instituições ditas burguesas, mantendo os seus métodos burocráticos e opondo-se às formas de auto-organização. O PS ganha pela sua ambiguidade: diz-se um partido operário, mas acaba por querer neutralizar a classe operária, reconstruir o Estado e a economia tida como burguesa, para depois deitar fora a dita classe operária²⁰⁹.

O PPD é das poucas excepções que consegue representar a burguesia. De tal maneira assim é que os trabalhadores portugueses lhe chamam o “Partido do Patronato Direitista”. Ao integrar o I Governo Provisório, tenta a aliança com os partidos trabalhistas já que não a consegue com as massas em si²¹⁰. O CDS é considerado plenamente neo-fascista, encapotado de centrista, mas sem dúvida o partido dos reaccionários²¹¹.

O povo é visto na lógica do movimento operário, essencial para a concretização, enquadrada, da Revolução. Menos espontâneo que o conceito de povo da esquerda radical, menos lírico que o dos comunistas ortodoxos, o “povo” dos trotskistas constitui um exemplo para o movimento operário internacional, sem grande idiossincrasia, muitas vezes ignorante o suficiente para repetir alguns erros de outras experiências.

2.4. Socialistas

²⁰⁸ *Ibidem*, pp. 229-233.

²⁰⁹ *Ibidem*, pp. 38-84 e 216-221.

²¹⁰ *Ibidem*, pp. 38-84.

²¹¹ *Ibidem*, pp. 232-234.

As Forças Armadas são dos sectores da vida política mais instáveis da Revolução. Não só por reproduzirem as lutas entre classes e o confronto de ideologias, como pelo seu carácter de si conservador, que sempre fora um pilar do regime, e que acaba por ser o mecanismo desencadeador do golpe militar que leva ao começo da Revolução. Tal como todas as outras forças de esquerda, os socialistas franceses vêm com desconfiança a acção militar, tendo em conta o recente golpe e instauração do fascismo no Chile. São surpreendidos com o propósito dos militares, politizados à pressa, mas firmes na sua crença no socialismo, acabando por encontrar nas características da sua organização e discurso razões para crer no seu papel na Revolução, ao lado do povo, motivando os partidos. Não têm a fé na bondade absoluta do MFA, como no caso comunista, como também não pensam ser o MFA o único capaz de liderar, a par com o poder popular, a Revolução, como os esquerdistas; não têm, no entanto, o horror ao MFA como um todo, como os trotskistas. São da opinião da impossibilidade de um MFA como exclusivo dirigente da vanguarda revolucionária na condução do processo, mas consideram o Movimento e suas idiossincrasias a maior originalidade do processo português²¹².

Começam por procurar as origens do Movimento que lidera agora as forças militares, tendo em conta que parte destas forças seriam à partida extraordinariamente conservadoras, são afinal eles os agentes que comandam a Guerra Colonial, e que, mesmo tendo aceite o golpe militar, muitos quereriam apenas a evolução económica, desprezando as liberdades políticas e individuais. Deixando essa facção de parte, agora escondida pelo medo das represálias, descobrem que muitos oficiais intermédios, desligados das classes dominantes, distantes da metrópole, confrontados com uma guerra sem sentido e face às ideologias dos movimentos de libertação que se vão dando a conhecer, começaram a politizar-se. Ajudados, claro está, pela presença de muitos universitários “subversivos”, enviados para a guerra pelo seu forte papel na luta estudantil, começam a conhecer livros de índole diferente dos permitidos pela PIDE-DGS. Além de obras de índole puramente ideológica, lêem sobre a descolonização francesa, erros e tácticas militares, que os fazem compreender aquilo que pareciam saber de antemão no cenário de guerra: que o combate militar colonial não faz mais sentido, que Portugal deve viver em liberdade política, que o seu movimento corporativista por melhores salários pode ter

²¹² C. *Frontières*, nº 23, 01/05/1975, pp. 20-25.

muita força e, muitos são eles, que anseiam por um regime não só livre, como igualitário – o socialismo. Em reuniões clandestinas, por temor dos infiltrados da PIDE-DGS, começam, então, a organizar o embrião do MFA²¹³.

Depois de um golpe militar aparentemente unitário em torno do Movimento, os largos passos dados pelo próprio germinar da insurreição popular, levam a uma consciencialização do papel militar, não só de acção imediata, mas da sua manutenção na linha política da frente a médio prazo. Tal leva ao começo dos desacordos com o novo Presidente da República, num combate entre a corrente spinolista, do interesse da classe exploradora e do imperialismo americano, e a via socializante dos capitães, da maioria do Movimento – este é, em termos cronológicos, o essencial do primeiro ano da Revolução, para os socialistas²¹⁴. Afinal, este é um Movimento que não é “o braço armado da burguesia, mas (...) ao contrário, parte integrante do movimento popular”. Tornam-se um “movimento político revolucionário armado”²¹⁵.

Perante a sua responsabilidade no golpe que derrubou o fascismo parecem sentir-se os protectores da Revolução, encarregados de vigiar de perto a Junta de Salvação Nacional, depois os Governos Provisórios – estes sem o seu apoio, seriam aliás de fraca afirmação política –, a Assembleia Constituinte e mesmo os sindicatos e os organismos populares espontâneos – se bem que estes sejam olhados mais de forma fraterna do que propriamente de vigilância severa. Face ao desenrolar dos acontecimentos que culminam no 11 de Março, com o avanço dos sectores mais radicalizados do Movimento, a Junta não tem mais lugar no espaço político português, substituída pelo Conselho de Revolução: o MFA “auto-institucionalizou-se”. O próprio Movimento vê o avanço em número das camadas mais baixas na Assembleia Geral do MFA. Procura a partir daí, e ao longo do Verão, mesmo perante tentativas de saneamento de militares progressistas no Norte e no Centro do país, e até ao 25 de Novembro, encontrar um MFA civil com quem possa emparelhar para formar parte da vanguarda revolucionária, uma de carácter socialista, entre o PS e o PC, preferencialmente acorrendo à via “terceiro-mundista”²¹⁶.

²¹³ Cf. *Frontières*, nº 17, 01/06/1974, pp. 40-44; nº 23, 01/05/1975, pp. 6-19; *Repères*, nº 27, 01/11/1975, p. 66.

²¹⁴ C. *Frontières*, nº 23, 01/05/1975, pp. 6-19.

²¹⁵ C. *Repères*, nº 25, 01/09/1975, p. 6; *Frontières*, nº 23, 01/05/1975, pp. 20-25.

²¹⁶ Cf. *Frontières*, nº 17, 01/06/1974, pp. 40-44; citação de *Frontières*, nº 22-23, 01/05/1975, p.31; nº 23, 01/05/1975, pp. 6-19; *Repères*, nº 27, 01/11/1975, p. 74.

A politização apressada decorre, como os próprios admitem, ao longo do processo revolucionário. Estudam Cuba, a Jugoslávia, a auto-gestão na Reforma Agrária na Argélia, lêem Lenine, Rosa Luxemburgo, Mao e toda uma rede de autores políticos de esquerda, para garantir a boa prossecução dos arranjos revolucionários; as próprias campanhas culturais obrigam os militares a informar-se acerca dos conteúdos que querem transmitir à população²¹⁷. Mais do que estarem informados, os militares garantem a segurança do povo e formulam intervenções na opinião pública, como os seus característicos documentos. Os socialistas franceses assistem com algum entusiasmo à evolução do Movimento com o MFA para a implantação do poder popular, à da aprovação das nacionalizações e ao extermínio dos monopólios económicos das grandes famílias, acompanhado da necessidade urgente de uma batalha de produção. Afinal, é seu dever depois de se firmar a aliança Povo-MFA²¹⁸.

Os sectores progressistas vão mais longe, prolongando o que muitos moderados consideram os “abusos da Revolução”, pondo em causa a hierarquia disciplinar, a apolitização das Força Armadas, procurando organizar um Exército popular em substituição do aparelho militar burguês. Estas rupturas são produto de um duplo movimento: transformação das estruturas e mobilização popular que irrompe pelo isolamento militar adentro. O anti-militarismo, neste caso, vem portanto da social-democracia, por não estar ao serviço das “aventuras coloniais nem na repressão contra os trabalhadores”. COPCON e RALIS, os mais radicais dos sectores socializantes das forças militares são vistos com agrado, mas não com excessiva confiança, ao contrário do que acontece no caso dos esquerdistas em relação a Oteló; partilham, no entanto, do entusiasmo dos trotskistas face ao movimento SUV, querendo, inclusive, exportá-lo para território francês. Os soldados têm a vantagem de inquietar em muito o VI Governo, que só perante a dispersão do movimento consegue governar sem sobressaltos; a “dinamização interna das unidades” e a própria consciencialização dos soldados é, até, considerada lenta no tempo para o que seria necessário, talvez ajudada pelo incentivo de forças mais altas na hierarquia militar após o seu próprio saneamento (o próprio Vasco Gonçalves, por exemplo).

²¹⁷ C. *Frontières*, nº 22-23, 01/05/1975, p.31; *Frontières*, nº 23, pp. 20-25.

²¹⁸ Cf. *Frontières*, nº 23, 01/05/1975, pp. 30-32; *Repères*, nº 28, 01/12/1975, p. 29.

Tornam-se aliás, a única esperança que sobra para derrubar o Governo de intenções repressivas de Pinheiro de Azevedo²¹⁹.

A presença militar na vida pública deverá ser permitida, enquanto for necessário, o que será provavelmente até à implantação definitiva do socialismo. No sentido contrário ao da opinião do PPD e de algumas afirmações de Soares, os militares não devem regressar às casernas: afinal sem eles não teria havido Revolução²²⁰.

É natural a sua divisão, afirmam, dado que reflectem a luta de classes que percorre toda a sociedade portuguesa, mas se a esperança do destino do caminho socialista estava posta na coesão do MFA, este falhou e ajudou à derrota do processo revolucionário²²¹.

As personalidades militares não são extraordinariamente especificadas. É apenas realçado o carácter conservador, depois reaccionário, de Spínola, Costa Gomes mal é referido, aliás é mesmo ignorado, em textos que não descritivos. Otelo é visto como figura instável e não especialmente apreciada, Vasco Gonçalves como excessivamente próximo do PCP, Melo Antunes como tendo tropeçado na sua própria armadilha e, finalmente, Rosa Coutinho, como o “almirante vermelho”, esse sim, figura de proa, que com pena vêm ser posto de lado, aquando do começo dos saneamentos²²².

Chegados à análise da perspectiva dos socialistas franceses perante os partidos, encontramos a cisão principal da ala esquerda em relação a Mitterrand. O PS português é o mais importante e primeiro aspecto desta fractura na focagem do assunto português. A linha ortodoxa considera que Soares faz o que consegue no contexto de um PCP estalinista e perigoso²²³ e uma reacção que pressiona pela voz de muitos militares, umas tantas outras forças bélicas progressistas que procuram tomar em mãos o processo evolutivo e tornarem-se donas dele, numa ânsia de serem a vanguarda revolucionária tão querida por todos. A boa fé no líder socialista português,

²¹⁹ C. *Repères*, nº 25, 01/09/1975, p. 19; nº 27, 01/11/1975, p. 66-67; *Frontières*, nº 23, 01/05/1975, pp. 20-25.

²²⁰ Cf. *Frontières*, nº 23, 01/05/1975, pp. 6-19.

²²¹ C. *Repères*, nº 28, 01/12/1975, p. 33; *Frontières*, nº 23, pp. 20-25.

²²² Informação retirada do colectivo de textos das revistas *Frontières* e *Repères*.

²²³ Cf. *L'Unité*, 12/09/1975, p.20-25, “Portugal: à l’heure des divisions”; 28/11/1975, p.8-10, “Portugal: Les Apprentis-sorciers”; 05/12/1975, p. 20-22, “Portugal – gardez-vous à droite”; 19/12/1975, p. 12-14, “Portugal – Mário Soares: “Le 25 Novembre, c’est la gauche qui a gagné””.

por sua vez, não é tanta assim na ala mais progressista dos socialistas franceses. Vejamos o que dizem os jovens do CERES.

O PS, que pouca influência tinha no dia 25 de Abril de 1974, pôde evoluir, anunciar-se como profundamente empenhado na Revolução, formar uma desejada união de esquerda e aprontar-se para os processos económicos. Parece, no entanto, ter resolvido tomar o caminho fácil, ceder à social-democracia e ao anti-comunismo primitivo, declarando abusos no Verão Quente aquilo que eram os seus objectivos iniciais, esbracejando com a vitória nas eleições de Abril de 1975 como legitimadora de actos que não eram os seus aquando o sufrágio para a Assembleia Constituinte. Perderam, assim, a confiança do MFA – o anti-militarismo do PS é, aliás, preocupante, nesta conjuntura específica – e a oportunidade de serem o partido conducente da vanguarda revolucionária, elemento congregador da esquerda, particularmente quando saem da instituição governamental, enquanto se afastam dos movimentos de massas que promovem o socialismo auto-gestionário²²⁴.

Pasmam, portanto, nas acções socialistas, contrárias às palavras de Soares: “O Partido Socialista rejeita a via dos movimentos que, dizendo-se social-democratas ou mesmo socialistas, acabam por conservar, deliberadamente ou não, as estruturas do capitalismo e a servir os interesses do capitalismo. (...) O nosso objectivo final, como Partido Socialista, é a destruição do capitalismo – e não a simples correcção das suas injustiças mais gritantes – para construir em seu lugar, em liberdade, uma sociedade sem classes, uma sociedade humana, em que desapareça a exploração do homem pelo homem. (...) Nós pensamos sinceramente que a social-democracia – que é uma experiência histórica característica dos países industrializados e sobre-desenvolvidos da Europa – não é aplicável a Portugal (...) a nossa participação na Internacional Socialista não é um casamento de conveniência ditado por razões oportunistas de circunstância”²²⁵.

Acaba, afinal, aos olhos da ala esquerda do PS francês, este PS não só a colaborar com centristas, capitalistas e reaccionários, como faz muitas vezes o trabalho da dita reacção por ela – a tal chegou a dita obsessão de Soares em relação

²²⁴ Cf. KASSEM, Fadi, *op. cit.*, pp. 169-185; *Frontières*, nº 22-23, 01/05/1975, p. 31 e nº 23, 01/05/1975, p.4-17; *Repères*, nº 25, 01/09/1975, p. 8; nº 27, 01/11/1975, p. 64-68; nº 28, 01/12/1975, p. 29 e p. 34.

²²⁵ C. *Frontières*, nº 23, 01/07/1975, pp. 33-34.

aos comunistas²²⁶. Os seus argumentos para as suas acções, o perigo de uma democracia popular e o respeito pelo sufrágio universal, são rapidamente contrapostos pela voz do CERES: o PCP não tem poder suficiente para impôr uma democracia popular, nem parece ter essa intenção; o perigo comunista está a ser largamente exagerado para proveito partidário; os erros de Cunhal são facilmente corrigíveis; as eleições foram feitas para elaborar uma Constituição, sem nenhum partido ter obtido a maioria absoluta. De facto, para um PS que é eleitoralista, o poder popular é-lhe concorrente, preferencialmente estará domado, favorável ao partido que domina, de momento, a Assembleia; é a traição à Revolução²²⁷. Não tem, assim, condições para fazer a ligação do Governo e as bases. Num número da revista *Repères*, os socialistas de ala esquerda publicam excertos de um documento saído para a opinião pública em que membros do PS português criticam o partido num mesmo sentido que os próprios franceses, arguindo severamente o reformismo de Soares²²⁸.

O PCP, não coincidente com a posição do CERES pelo seu carácter estalinista, é visto com mais simpatia do que se poderia supor. Foi o partido que resistiu tantos anos ao fascismo, o que lutou nas tentativas de contra-golpe (nomeadamente o 28 de Setembro e o 11 de Março), que se alia agora de boa fé ao MFA para trabalhar no seu projecto político – tanto assim é que as posições dos gonçalvistas e dos militantes do Partido já são indistinguíveis, como que numa simbiose involuntária. Não é o partido capaz de liderar a vanguarda revolucionária pelos seus instrumentos de unidade exclusiva, porventura por um menor apreço pela liberdade do que os membros do PS desejariam, sem massas que legitimem as suas conquistas de “centros de poder”. Os seus métodos retrógrados procuravam “subtrair” Portugal ao capitalismo internacional, o que é mais do que se pode dizer do PS. O ónus de não existir a união de esquerda necessária ao avanço recai sobre os socialistas portugueses; o ataque anti-comunista é tal que parte do PCP já regressou à clandestinidade. Terá esse perigo comunista sequer existido? A única crítica, mesmo essa implícita, aos

²²⁶ C. *Repères*, nº 25, 01/09/1975, p. 6; nº 26, 01/10/1975, p. 42-44; nº 27, 01/11/1975, p. 64; nº 28, 01/12/1975, p. 29 e p.32.

²²⁷ Cf. *Repères*, nº 25, 01/09/1975, pp. 6-19; nº 28, 01/12/1975, p. 28-29.

²²⁸ Cf. *Repères*, nº 25, 01/09/1975, pp. 20-25.

comunistas é a inacção perante o 25 de Novembro, deixando forças militares de esquerda desamparadas²²⁹.

Tanto o PPD, como o CDS, são muito pouco referidos. Este último é considerado pouco credível e nem sequer é comentado nos acontecimentos. O primeiro é o mau companheiro de Soares, partido nascido dos católicos progressistas e da ala liberal de Caetano, conjunto de tecnocratas liberais que só querem a democracia para a evolução dos seus próprios interesses capitalistas, recorrendo à pequena propriedade e ao pequeno comércio do Norte, temeroso do comunismo, alimentando os seus pavores em troca de votos²³⁰.

A esquerda maoista é vista com benevolência, somente criticada por servir, por vezes, de instrumento à reacção – UDP e AOC pouco implantadas na classe operária. Da pequena esquerda, o partido mais saudado é o MES, pelo seu socialismo de contra-poder ao Estado burguês; voz que consegue estar presente, apesar da sua pequena dimensão, nos movimentos sociais das indústrias têxteis e conseguindo chegar, por vezes, a dirigentes sindicais. Também o FSP, recente cisão do PS, não é desconsiderado, visto tecer duras críticas ao corrente caminho de Soares e sua viragem à direita. A LUAR, uma versão extremista do que os socialistas querem para a Revolução portuguesa, é vista com consideração, mesmo que as suas posições não sejam coincidentes²³¹.

²²⁹ C. *Frontières*, nº 22-23, 01/05/1975, p. 31; *Repères*, 01/09/1975, p. 6-7; nº 26, 01/10/1975, p. 42; nº 27, 01/11/1975, p. 72-74; nº 28, 01/12/1975, p. 31.

²³⁰ C. *Frontières*, nº 23, 01/05/1975, p. 26.

²³¹ C. *Frontières*, nº 23, 01/05/1975, p. 25-26; *Repères*, nº 25, 01/09/1975, p. 6.

CAPÍTULO 3 - O FIM DOS MONOPÓLIOS E A REFORMA AGRÁRIA

A visão da esquerda no seu todo, no que à economia diz respeito, é a de que o recuperar de forças da classe dominante é uma questão de tempo. Se assim for, o perigo da reorganização desta para garantir a manutenção do capitalismo é elevado, o que poderá fazer tombar o poder político democrático. Para evitar que tal aconteça é necessário desestruturar o sistema produtivo de tipo “fascista”. É por isso imperativo neutralizar os grandes industriais e os latifundiários. É a exigência do fim dos monopólios, depois do avanço nos direitos dos trabalhadores. Começando, no quadro político-institucional, através da acção dos Governos Provisórios, com a nacionalização da Banca e das companhias de seguros, há atenção e desconfiança face ao investimento estrangeiro. Num processo paralelo, o controlo operário das empresas dá os primeiros passos, acompanhado pela Reforma Agrária pela mão dos camponeses. No Verão de '75 torna-se inquestionável para a esquerda francesa a continuação e mesmo aceleração dos dois processos – expropriação industrial e agrícola. É pela mão de quem, se do Estado, se da massa laboral e, desta, se através dos sindicatos ou das Comissões de Moradores e Trabalhadores, que se trava a discussão interna da esquerda francesa que não deixa de reflectir, aliás, a portuguesa.

Se de início cautelosos com o avanço popular e com métodos estatais mais incertos, os comunistas franceses encontram, com a radicalização do PCP, um novo caminho como opção. É disso exemplo o incentivo da nacionalização da CUF, simultâneo ao aplauso de solidariedade para com os comerciantes portugueses e os agricultores participantes na Reforma Agrária. É urgente que os passos dados sejam consolidados, avisa o *L'Humanité*, sempre ciente da iminência do recuo. É de notar, no entanto, que o exaustivo exame das decisões governativas sobre o estado da economia portuguesa, não tem a par um acompanhamento minucioso, quer do estado das empresas que foram nacionalizadas, quer das terras que estão a ser ocupadas pelos agricultores, com a activa colaboração do PCP. Menos referidas ainda são as empresas que entram em auto-gestão, consideradas como nas mãos dos “subversivos” e algo “selvagens” esquerdistas, provocações aos verdadeiros lutadores pelos direitos dos trabalhadores: os da Intersindical²³².

²³² *L'Humanité*, artigos de 07/1975.

A economia vigente é, muito mais que inúmeros reaccionários condenados pelo PCP, o pior inimigo para a Revolução, do ponto de vista da esquerda radical. Apesar da interligação das duas forças não é no caminho partidário (PPD, CDS ou partidos ilegalizados), nem no popular (manifestações anti-comunistas e destruição das sedes do PCP), nem mesmo no militar (avanço dos oficiais perante os militares progressistas), que as forças de direita representam o maior perigo. É com a manutenção do sistema económico, na perpetuação das relações entre classes e da propriedade dos meios de produção que está a ameaça do recuo dos avanços políticos. Sem a sua destruição, dizem, a Revolução feita até agora é “democrática burguesa”, com a direita a possuir a realidade do poder económico, mesmo que a esquerda detenha, de momento, o poder político.

Assim, é de dar realce à auto-gestão e à Reforma Agrária. É papel do Governo permitir esses avanços e, por sua vez, nacionalizar as grandes empresas, cuja exploração contínua dos trabalhadores deve ser eliminada. Aprovam, portanto, a nacionalização das empresas de Champalimaud, o começo da CUF, mas apelam ao cuidado com a diminuição da produção. Sem a capacidade de controlar a produção, o Estado não terá capacidade para melhorar as condições dos trabalhadores, o que, a longo prazo, significa a recuperação das grandes entidades privadas daquilo que legitimamente pertenceria aos trabalhadores, raciocina o *Libération*. Para garantir que esse caminho é seguido, isto é, que há consolidação das nacionalizações já feitas, antes de novas, apresentam a situação portuguesa como em “economia de guerra”, com uma acrescida necessidade de não deixar cair a produção²³³.

Se a expressão Verão Quente representa o todo do retrato da conjuntura portuguesa, tendo em conta que a auto-gestão é constante ao longo do processo revolucionário, são a Reforma Agrária, principalmente a Sul, e as nacionalizações, acompanhadas de um movimento inverso, o do anti-comunismo, que dão ao Verão este avanço. A escalada, quer conduza à Guerra Civil, ao Socialismo, ou a ambos, parte, então da tomada em mãos do destino das terras pelos camponeses, os quais se antecipam claramente às decisões do Governo e muitas vezes às dos partidos, e dos decretos governamentais que acabaram momentaneamente com muitos dos monopólios em Portugal.

²³³ *Libération*, 13/08/1975.

A descrição da Reforma Agrária rareia, mas temos alguns elementos a considerar, fornecidos pela pequena esquerda. Começamos por considerar a realização do primeiro tribunal popular, símbolo ele mesmo da inversão das relações de propriedade rural, em relação aos senhores da terra, pilares do regime salazarista. A morte de um latifundiário é considerada, não homicídio, mas vitória das lutas populares.

Um segundo momento é a reportagem sobre uma pré-cooperativa, não controlada pelo PCP, e de inclinação esquerdista. Localizada em Alcácer do Sal em terra de antigo latifundiário, com um plano de exploração, sem a exclusão dos pequenos proprietários, como faz o PC, dizem, ela é vista com bons olhos, apesar de ter de combater pesadamente o analfabetismo e a desinformação portuguesa²³⁴, num processo que se queria mais autónomo e menos conduzido, de forma a ser também menos manipulável.

Por fim, fala-se nas contra-vozes à Reforma pelos pequenos proprietários que só são prejudicados pelos agricultores de cooperativas. A luta pelas 103 vacas, no distrito de Portalegre, é característica dos episódios caricatos da Reforma Agrária em Portugal, com os opositores a exigirem o seu gado de volta²³⁵.

Por oposição à inércia militar, a pressão popular e o PCP, como força partidária, obrigaram ao avanço das nacionalizações, afirmam os trotskistas. “Medimos melhor a força da mobilização operária, o entusiasmo do contra-ataque se nos lembrarmos que nem o programa do MFA, nem o do Partido Comunista, nem sobretudo o plano económico de urgência, preparado pelo MFA e tornado público no fim de Fevereiro, tinham a vaga de nacionalizações decididas entre Março, Abril e Maio”²³⁶. Sem essa vigilância operária, o PCP teria travado, também ele, a luta de classes.

Primeiramente nacionalizados os seguros e a banca, segue-se uma segunda fase de ataque aos monopólios em Maio de '75. Há, no entanto, uma forte apresentação do problema: as nacionalizações sem serem “socializadas”, isto é, postas, de facto, nas mãos dos trabalhadores, serão somente a transferência do poder

²³⁴ *Ibidem*, 27/11/1975.

²³⁵ *Ibidem*, 02/12/1975.

²³⁶ Cf. *Portugal: La Révolution...*, p. 91.

de patronatos, do privado para o público, sem qualquer ganho para o movimento operário²³⁷.

Além de justos, estes ataques devem ser feitos sem qualquer indemnização: não só não se deve compensar quem explorou, como o pagamento dessas indemnizações significaria piores resultados numa já de si difícil batalha de produção e do esforço operário, deitado fora para uma perpétua exploração; sobretudo, a indemnização, sem sentido se as empresas pertencem afinal aos trabalhadores, levará à possibilidade de investimento num outro local, para nova exploração ou para patrocínio de milícias reaccionárias. Só se deve, então, indemnizar os pequenos empresários.

Tal como os comunistas portugueses, também de batalha de produção falam os trotskistas, pois sem planos concretos das forças políticas, é mais que nunca necessário o sucesso de avanços sobre a reacção. O Estado deve, por isso, reorientar a produção, depois da crise internacional e perante a descolonização com o fim das trocas frequentes com as ex-colónias²³⁸. Para poder concorrer com os privados e garantir a manutenção da economia nas mãos do Estado e, consequentemente, nas mãos dos trabalhadores, é pedido um esforço extra ao operariado.

Estes, perante a exigência da batalha de produção, aceitam, mas só garantindo que trabalham por e para si mesmos. Dentro dessa dinâmica de auto-exploração, muitos chegam à auto-gestão. Mesmo perante este avanço, aparecem inúmeras divisões no seio da classe laboral, as quais deixarão marcas nela. É necessário reunir as forças proletárias, de forma a vencer os desafios. Essa auto-exploração só faz sentido, aliás, se ela for em nome do desaparecimento do capitalismo e do Estado burguês: enquanto estes se mantiverem, os trabalhadores continuam a trabalhar para um sistema que os explora, quando pensavam estar a fazer um esforço em nome do seu novo sistema.

A novidade histórica ideológica, trazida por Lenine e Che, aplicada agora a Portugal, é o esforço operário pela consciência, voluntária e consentidamente. Isto é, apesar de muitas vezes ser necessário trabalhar tantas horas ou pelo mesmo ordenado que no sistema capitalista, há a consciência de que isso é feito numa primeira fase e para a construção de uma nova sociedade, uma sociedade igualitária. É apostando nisso que os trabalhadores prescindem momentaneamente dos seus direitos, para os

²³⁷ *Ibidem*, pp. 93-106.

²³⁸ *Ibidem*, pp. 38-84 e pp. 93-106.

verem recuperados adiante, com o sistema já destruído: assim foi na URSS e em Cuba, afirmam os trotskistas²³⁹.

A Reforma Agrária pela expropriação aos latifundiários é aprovada, bem como a posição correspondente do PCP. Um bom exemplo da indignação trotskista francesa é a afirmação de que muitos desses latifundiários, estando nas colónias e para garantir que não tinham revoltas em mãos na sua ausência, plantavam eucaliptos e pinheiros para produção de pasta de papel, deixando no desemprego muitos agricultores que poderiam ter encontrado ali trabalho.

Chamam, no entanto, à atenção para a necessidade de assegurar o futuro das estruturas agrárias, pois sem planificação nacional da produção agrícola, sem controlo da produção e do material, repartição de tudo isso entre as várias cooperativas, sem um monopólio estatal quanto ao comércio exterior, as cooperativas serão levadas pela economia de mercado e os agricultores voltarão a comprar as terras às cooperativas. Os camponeses estão mesmo temerosos do regresso dos senhores da terra, como aconteceu na Espanha de '36, afirmam. “A Reforma Agrária não pode ficar a meio caminho. O destino das cooperativas agrícolas actuais, ainda mal definidas, hesitantes, dependerá antes de tudo de um conjunto de medidas políticas e económicas capazes de orientar a sociedade portuguesa na via do socialismo.”²⁴⁰.

Transversal a toda a esquerda e, portanto, também à ala esquerda socialista, é a noção de quem sem a alteração das estruturas económicas capitalistas, o legado “fascista” não está inteiramente destruído. Se as grandes famílias continuam a deter o poder económico, se os trabalhadores continuam a ser explorados, se as forças governamentais em nada contrariaram esta contínua subversão do sistema produtivo, então o fascismo na sua vertente corporativista sobrevive²⁴¹. Aprovam, portanto, com a radicalização do 11 de Março, o fim dos monopólios, a nacionalização dos sectores essenciais, a Reforma Agrária, a qual vem aliás com certo atraso, quer pela via institucional, quer pela via espontânea do movimento laboral, na sua facção sindical e na das Comissões de Trabalhadores e de Moradores. As greves, “selvagens” ou aprovadas pelo PCP, as ocupações da terra pelos operários agrícolas, as manifestações de todo o tipo são consideradas saudáveis e parte do processo.

²³⁹ *Ibidem*, pp. 172-191.

²⁴⁰ *Ibidem*, p. 146.

²⁴¹ ROSAS, Fernando, *Salazar e o Poder – A Arte de Saber Durar*, Lisboa, Tinta da China, 2013, pp. 281-318.

O Estado controla a meio do Verão dois terços da economia, directa ou indirectamente, evolução positiva que deixa as classes dominantes em fraqueza, pelo menos momentânea. Não deixa de ser essencial, também para os socialistas, uma batalha de produção, particularmente quando a todas as condicionantes se acrescenta uma crise económica internacional. Desta forma pode-se garantir a prossecução da melhoria dos direitos laborais e que as conquistas não são ultrapassadas pelas necessidades financeiras, fuga de capitais, pela sabotagem económica, por grupos políticos terroristas ou pelo poder imperialista externo. Por fim, resta reestruturar e reorganizar, de forma a poder entregar as empresas aos seus operários, gerir as cooperativas e os órgãos centralizados que coordenam os produtos agrícolas para a auto-suficiência dos camponeses, dando novo rumo a uma economia desorientada. Entre pedir empréstimos e ficar dependente da Europa para reequilibrar as contas e uma política de pleno emprego, de austeridade, mas sem dependência externa que condicione as políticas económicas, os socialistas franceses preferem a última opção²⁴².

Os estudos de Constantino Piçarra apresentam-nos, nos seus vários artigos²⁴³, uma constância na Reforma Agrária, face ao percurso da Revolução. Quer isto dizer que também a expropriação tem variantes. O conceito de Reforma Agrária mescla, sobretudo, a ideia de reivindicações de assalariados rurais – mais pelo pleno emprego que pelo aumento salarial –, expropriação da grande propriedade e reorganização da estrutura fundiária, não deixando de apoiar os pequenos e médios agricultores. Como tal, são-nos descritas três fases da ocupação, as quais podemos bem tomar como nossas, antecedidas pelo que poderíamos acrescentar como uma proto-fase, a da espera de '74, com negociações e reivindicações goradas.

A primeira seria de Junho a Julho de '75, perante as leis de enquadramento institucional que trazem, mesmo com ocupações de reduzida dimensão, um enorme efeito simbólico. Para representação legal e gestão da propriedade dominam as

²⁴² C. *Frontières*, nº 17, 01/06/1974, pp. 40-44; nº 23, 01/05/1975, p. 47; nº 24, 01/08/1975, pp. 36-37; *Repères*, nº 27, 01/11/1975, p. 71 e pp. 73-74.

²⁴³ PIÇARRA, Constantino, “O Momento de Ocupações no Distrito de Beja” in *Mundo Rural – Transformações e Resistência na Península Ibérica (século XX)*, Lisboa, Edições Colibri, 2004, pp. 251-277; PIÇARRA, Constantino, “A Reforma Agrária na Revolução Portuguesa” in *O Fim das Ditaduras Ibéricas (1974-1978)* (coord. Encarnacion Lemus, Fernando Rosas, Raquel Varela), Paço de Arcos, Edições Pluma, 2010, pp. 93-115; PIÇARRA, Constantino, “A Reforma Agrária no Sul de Portugal (1975)” in *Revolução ou Transição – História e Memória da Revolução dos Cravos* (coord. Raquel Varela), Lisboa, Bertrand Editora, 2012, pp. 75-97; PIÇARRA, Constantino, “A Reforma Agrária nos Campos do Sul, 1974-75” in *Campos do Sul, Memórias de uma Revolução*, Lisboa, IHC, s/d.

grandes estruturas propostas pelos sindicatos, por contraste com algumas cooperativas agrícolas, com alguma resistência dos assalariados rurais; esta solução consegue prevalecer com o apoio dos trabalhadores “eventuais”, que encontram assim maiores garantias de emprego.

A segunda fase, de Julho a Setembro, parte da autorização governamental para as ocupações pelas mãos dos próprios agricultores. O aumento da expropriação é exponencial, não travado, como seria de supor, pelo VI Governo.

É com isto que se inicia uma terceira fase. Ao criar um crédito agrícola de emergência, o pagamento salarial está assegurado, o que permite generalizar as ocupações. Sendo Outubro o mês das sementeiras, é crucial a fixação de terras para os operários agrícolas no começo do ciclo agrícola. Por fim, é de referir que, mais importante que os sindicatos, o Governo, os partidos políticos e o MFA, é um movimento social já existente e a sua conquista breve da “dignidade negada” durante todo este tempo.

É de notar que o grau de pormenor avançado pelo historiador português não é encontrado em nenhuma das fontes francesas consultadas. Isto apesar de ser conhecido o voluntariado francês no processo de tentativa de extermínio dos latifúndios, ou seja, da sua presença no campo em tempo de reforma agrária como activos participantes, nomeadamente no caso da pequena esquerda.

CAPÍTULO 4 - A LEGITIMIDADE REVOLUCIONÁRIA E O FENÓMENO DA AUTO-GESTÃO

Com o início do processo revolucionário, perante a crise de Estado e a desestruturação militar, acrescidas da saída à rua das gentes no que rapidamente se torna um movimento social amplo, a legitimidade baseada em eleições que alguma esquerda diz serem de resultados falseados e dentro de uma lógica de Estado, com um timoneiro na dianteira perde a sua razão de ser. A substituir essa pretensa legitimidade tem, aliás, lugar uma em sentido contrário, valorizando as massas e a sua acção política: a legitimidade revolucionária.

Ainda dentro de um espírito ordeiro, os vários partidos de média dimensão começam por apelar à realização da defesa dos interesses populares através de uma progressiva concessão de direitos pelos Governos Provisórios, a serem consolidados e aprofundados numa lógica constitucional, isto é, de forma institucionalizada. Os pequenos partidos, como é o caso da extrema-esquerda, onde se incluem maoistas, trotskistas e grupos armados, acompanham, por sua vez, o galope do movimento popular e suas conquistas. No caso francês, há uma correspondência de posições nos respectivos grupos: comunistas ortodoxos, como socialistas da ala esquerda, consideram importante a progressão contínua, enquanto esquerdistas radicais e trotskistas, incitam o desenvolvimento do socialismo fora do quadro partidário, emparelhando comissões e auto-gestão, ocupações de casas e confraternização entre as camadas civis e os soldados.

As tentativas de golpe spinolista de 28 de Setembro e de 11 de Março trazem consigo a certeza, para a esquerda portuguesa como para a francesa, de que a legitimidade popular não permitiu qualquer avanço da reacção. Inicia-se então a radicalização da Revolução com base na acção popular, que nem mesmo o resultado moderado das eleições consegue travar. O PCP vê a via eleitoral perdida, ao lado de um PS com cada vez maiores aspirações de integração europeia. A extrema-esquerda mantém a mão popular como única política. O PS de Soares, mesmo com a aproximação à social-democracia, continua a afirmar o socialismo como o rumo e quadrantes, como a auto-gestão, a Reforma Agrária ou a ocupação de casas, como justas no processo revolucionário. Isto significa, para a esquerda francesa no seu todo, a aprovação de uma legitimidade revolucionária, que é, não só reconhecida, como cada vez mais dominante.

Com a desestruturação do monopólio da violência estatal numa Forças Armadas partidas ao meio e, na sua maioria, pouca dispostas a virarem-se contra a população ²⁴⁴, sem nenhum poder governamental ou presidencial ainda verdadeiramente legítimo, com uma Assembleia Constituinte que, embora eleita parece tão contrária aos movimentos sociais que grassam pelo país fora, a voz social soa mais clara que qualquer aproximação de representatividade. A possibilidade de reorganização dos monopólios económicos aliados aos “reaccionários” políticos, para que ambos possam prolongar a exploração capitalista, não abandonando inteiramente práticas consideradas integrantes do fascismo, motivam uma escalada de tomada de poder operário, tanto industrial como rural.

Se nenhuma das vozes da esquerda desconsidera a vitória de Soares, elas tomam-na como uma exigência de socialismo por parte dos eleitores, que a população faz agora cumprir no quotidiano por suas próprias mãos e que o devem ter como líder. Quando se torna claro que Soares decidiu integrar o “socialismo” da Europa Ocidental, a desilusão face a esta figura, para o movimento de esquerda francês, é transversal.

O PCF acompanha o PCP na sua tática de governabilidade, nunca desleixando o valor dos sindicatos, algo a que a esquerda radical francesa chama a dupla acção: a de campo e a estatal. Considerando o movimento de resistência como mais extenso do que se faz crer e pronto a participar em casos como o próprio golpe militar que desencadeia a Revolução, o *L’Humanité* apoia com reservas as greves e as manifestações consecutivas de ’74, não noticiando sequer a auto-gestão. Defende arduamente a realização de eleições para a Assembleia Constituinte, embora critique de antemão o analfabetismo e a ignorância da população portuguesa, que poderão ditar viragens à direita. Perante os resultados do PS, um partido reconhecido como operário, e o terceiro lugar dado ao PCP, fala-se numa espécie de bondade e conhecimento instintivo que ilibariam os portugueses de qualquer retrocesso fascista ou simpatia capitalista ²⁴⁵.

A essa bondade é atribuída cada vez mais a virtude do movimento operário e redução da legitimidade governativa, com o fim à vista dos Governos Provisórios de Vasco Gonçalves. A acção de rua começa, então, a justificar as permanências dos lugares institucionais, como é o caso do apoio ao Governo de Vasco Gonçalves ou o

²⁴⁴ CEREZALES, Diego Palacios, *op. cit.*, pp. 25-79.

²⁴⁵ *L’Humanité*, 26-28/04/1975.

cerco à Assembleia. Mesmo a momentânea aliança do PCP à extrema-esquerda, perante o exponencial anti-comunismo dos partidos do centro, incentiva a ideia de acções populares e progressiva desconsideração dos Governos pelo PCF.

Por seu lado, a esquerda radical realiza parte do percurso inverso: de uma absoluta fé no poder popular acaba a também legitimar o voto, por ser o cumprimento de uma promessa do MFA. As Comissões de Trabalhadores e Moradores são, portanto, os órgãos de máxima legitimidade para liderar o movimento popular a ser armado²⁴⁶.

Numa direcção distinta, os trotskistas preferem falar nessas Comissões, somente não armadas, acompanhadas de Comissões de Soldados e, tendo em conta que a unidade sindical, é preferencial no confronto de classes²⁴⁷.

Os socialistas franceses da ala esquerda defendem, num tom mais generalista, as organizações populares e afirmam-se desiludidos com a viragem para a social-democracia, por Soares²⁴⁸.

Este processo de imperativa acção popular como a suprema intervenção política, permitido pela crise de Estado e pela desestruturação do monopólio estatal da força²⁴⁹, tem o seu apogeu na auto-gestão e no leque de fábricas a que chega. Com o fim de um processo desses no caso LIP, em 1973, em França, o entusiasmo da esquerda francesa é enorme. Como já foi dito, a concepção unívoca de tomada do poder popular, por parte dos comunistas ortodoxos exclui-os desta deriva de entusiasmo face à espontaneidade no processo português. O seu silêncio é profundo.

Para os esquerdistas, pelo contrário, este é o acontecimento que melhor representa o avanço popular na Revolução, pelo que o descreve profusamente, permitindo-nos uma melhor reflexão sobre o caso, a partir da sua perspectiva.

Partida de massas politizadas, apesar do fascismo asfixiante, a tradição anarco-sindicalista portuguesa é forte, o que permite aspirar a um socialismo auto-gestionário, diz-nos o *Libération*²⁵⁰. Investe, portanto, a sua investigação jornalística em peças sobre o desenvolvimento do processo e dos seus agentes. A auto-gestão é, afinal, a maneira mais genuína de expressão do movimento operário, dada a sua absoluta autonomização, relativamente ao patronato e mesmo em relação aos partidos.

²⁴⁶ CEREALES, Diego Palacios, *op. cit.*, pp. 79-109.

²⁴⁷ V. Portugal: *La Révolution en Marche...*, pp. 38-84.

²⁴⁸ *Frontière* n° 23, p. 17.

²⁴⁹ *Libération*, 17/06/1974.

²⁵⁰ *Ibidem*, 10/05/1974.

É a entrega dos meios de produção à classe que produz, um atalho para o caminho socialista que só pode ser criado pelo próprio movimento popular, a ser incentivado pelo Estado. Este deve dar espaço para que o processo se desenvolva, sem ser condicionado por outras forças, regulando quando necessário, dizem os esquerdistas franceses.

O dia 17 de Junho de '74 é importante no registo de reportagens do *Libération* sobre os acontecimentos em Portugal, em particular no que importa muito aos esquerdistas franceses: a possibilidade do desenvolvimento auto-gestionário em Portugal, nostalgia da sua LIP francesa – há, inclusive, uma revolta pelo colonialismo que é a Renault em Portugal ser gerida por franceses e não portugueses²⁵¹. Reporta-se em pormenor, então, os casos da Messa e da Timex, bem como dos operários do sector têxtil, pescadores e empregadas domésticas. Tanto a Messa, como a Timex recusam a representação sindical, com uma greve de bom ambiente e música revolucionária. Os operários têxteis são mais pacíficos, enquanto as empregadas de limpeza formam um sindicato²⁵².

A 1 de Abril de '75, os jornalistas do recentemente recuperado “*Libé*” estudam a saúde pública portuguesa em possibilidade de auto-gestão, com ocupações – exemplo da Clínica de Santa Cruz e da ocupação do Palácio da Cova da Piedade, por parte dos trabalhadores e face à inacção do Ministério, numa infra-estrutura de saúde sub-desenvolvida. Outra ocupação feita é a bem da criação de uma creche, ao invés de um clube desportivo já existente em Cascais, com a ajuda da LUAR – esta é a brigada mais interventiva no que à auto-gestão diz respeito²⁵³. “Novas ocupações têm lugar todos os dias. Tornou-se uma rubrica nos jornais.”²⁵⁴.

Por fim, recomeça-se uma série de artigos sobre as infra-estruturas portuguesas. Tendo passado as condições fabris e a estrutura de saúde, é a vez de investigar o poder liceal em Portugal e sua participação revolucionária. Além da ocupação de locais para creches, jardins de infância e centros culturais, há claramente uma crise de autoridade no sistema de ensino português, com professores a tentar modernizar métodos de ensino, enquanto outros mantêm métodos conservadores, com a Intersindical a ser cúmplice deste sistema actual. A luta é particularmente referida no Liceu Pedro Nunes e no Padre António Vieira – este último de longa

²⁵¹ *Ibidem*, 18 e 18/05/1974.

²⁵² *Ibidem*, 17/06/1974.

²⁵³ *Ibidem*, 04/08/1975.

²⁵⁴ *Ibidem*, 02/04/1975.

tradição de luta, o “liceu vermelho”. Alguns, inclusive, ajudam as Comissões de Moradores. “No entanto, mesmo não sendo um movimento massivo, ele respira”²⁵⁵. É importante que este movimento exista para poder abrir via para um acesso das classes mais baixas ao ensino²⁵⁶. Às creches criadas pelas ocupações da LUAR, chamam-lhe “creches selvagens”, descrevendo a situação pré-escolar e primária. Referem, ainda, com preocupação a baixa escolaridade no campo e nos bairros de lata à volta de Lisboa²⁵⁷. Segue-se uma entrevista ao ministro da Educação, o qual quer moderação na reforma educativa, embora aceite a auto-gestão e incentive os estudantes a participarem nas campanhas de alfabetização no interior²⁵⁸.

Também as mulheres participam no movimento de esquerda, como é o caso apresentado da ocupação de uma casa por empregadas de limpeza²⁵⁹. A intervenção enquanto elemento feminino é algo de raro no processo revolucionário português, mas este acaba por ser pouco noticiado e menos ainda pormenorizado. Não pela opinião pública francesa, mas pela portuguesa, a qual ainda não tem uma noção particular das lutas de género, afirma a esquerda francesa.

Entretanto, uma aldeia em Portugal faz turismo auto-gerido, visto que as empresas do sector ainda não adaptaram os planos à situação pós-revolucionária. Mais, as casas ocupadas para o dito turismo, só o são depois de autorização do proprietário ausente (por ser emigrante ou trabalhar em Lisboa), quando não são usadas escolas. Descreve-se, portanto, um Portugal camponês, mas em aprendizagem de auto-gestão fabril e de serviços. “Enquanto esses cargos ronronam sobre os seus guias para Senhores-Senhoras estilo Ópera, dando assim uma imagem falsamente burguesa da sociedade portuguesa profundamente popular e camponesa, milhares de jovens e menos jovens franceses pedem, nos jornais populares e circuitos “paralelos”, “moradas”, “segredos”, novos caminhos para conhecer esse país e esse povo em quem parte da opinião pública tem os olhos fixos”²⁶⁰. Num novo *Libé Vacances*, é anunciado o turismo revolucionário em Portugal, inclusive uma descrição detalhada das condições de recepção de uma aldeia no distrito de Leiria, para viver o que os franceses sempre descrevem como o pitoresco português²⁶¹.

²⁵⁵ *Ibidem*, 04/06/1975, em Anexo.

²⁵⁶ *Ibidem*, 05/06/1975.

²⁵⁷ *Ibidem*, 06/06/1975.

²⁵⁸ *Ibidem*, 07/06/1975.

²⁵⁹ *Ibidem*, 17/06/1974.

²⁶⁰ *Ibidem*, 04/07/1975.

²⁶¹ *Ibidem*, 31/05/1975.

Faz-se, por fim, uma reportagem sobre a auto-gestão de uma base aérea e seus pára-quedistas. Perante tentativas de depuração e depois de terem obedecido a ordens no assunto Rádio Renascença, ao não concordarem, estes pára-quedistas dizem-se do lado do povo, acções agravadas perante o apoio de unidades progressistas. Sem oficiais que lhes dêem armas ou alimentação, as unidades progressistas dão-lhes armamento, enquanto as Comissões de Trabalhadores agrícolas mais próximas lhes fornecem alimentação. Apoiadas pelo COPCON, organizam-se. O simbolismo de toda a situação aumenta se tivermos em conta que a Força Aérea em Portugal é tipicamente de direita²⁶².

No binómio unidade sindical/auto-organização, a opção trotskista pela primeira é clara: a auto-gestão, inspirada no caso da Jugoslávia, da LIP e da Revolução Cultural chinesa, como acção autónoma e em casos isolados, não tem futuro num sistema global como é o capitalismo. Sem o controlo do poder político, as empresas em auto-gestão estão em perpétuo risco²⁶³. “Não há falanstério possível numa economia de mercado. A ideologia auto-gestionária não tem nenhum sentido, sem ser servir para mascarar a realidade. (...) Operários e operárias, auto-gerindo-se, são conduzidos a fixar para si mesmos as modalidades da sua exploração a partir de regras exteriores à fábrica, se querem que o seu trabalho seja rentável, é por isso, uma pura utopia. (...) Não pode haver socialismo num só país mais do que pode haver numa... fábrica. O mercado é mundial”²⁶⁴.

A força da auto-gestão no cenário português, numa economia tão fortemente marcada pelo corporativismo fascista é um bom começo para os primeiros passos socialistas. Mas ainda há necessidade do Estado, do RALIS e outras unidades que tais, dos partidos que sozinhos também não asseguram o contacto entre Governo e massas, Governo esse que poderá, sim, dirigir a linha política do processo institucional, paralelo ao revolucionário, enquanto este desejavelmente se expande cada vez mais.

²⁶² *Ibidem*, 21 e 22/11/1975.

²⁶³ V. Portugal: *La Révolution en Marche...*, pp. 93-106.

²⁶⁴ Cf. FILOCHE, Gérard, *op. cit.*, pp. 261-262.

CAPÍTULO 5 - PODER POPULAR

A Reforma Agrária é um projecto em torno do qual há um consenso mínimo na esquerda francesa. O controlo operário está, por sua vez, sujeito a diferentes interpretações e a vastas discussões sobre as ferramentas a utilizar para o alcançar. Assim, as regras para as greves e manifestações e a apreciação do movimento de auto-gestão são profusamente debatidas como são a organização dos trabalhadores, entre sindicatos e comissões.

Os trotskistas reconstituem o percurso do movimento operário português, algo de utilidade para a sua expressão sobre este assunto. Tendo antecedentes de raízes na resistência à ditadura, foi a redistribuição da população activa em centros como Porto, Lisboa e Setúbal, criando focos fabris, ou Beja, no caso agrícola, que permitiu o desenvolvimento da concentração de protesto laboral. Com a chegada da Revolução, os grupos consistem em membros mais velhos que participaram na resistência mais dura e os jovens que dão alento ao movimento por não terem vivido os anos mais negros do fascismo com a aprendizagem dos que emigraram e sofreram a influência do Maio de '68, conseguem um enorme número de greves no tempo marcelista²⁶⁵. Visto a partir da sua ignorância política, o movimento dos trabalhadores é considerado, também pela sua ingenuidade, uma forma original e criativa de contribuir para a luta operária. Esta, tendo em conta que é necessário que seja global, é vista como em ascensão pela recessão do capitalismo com o choque petrolífero de '73, a vitória do povo vietnamita em relação aos Estados Unidos, bem como a escalada de lutas operárias pela Europa fora. Não há lugar para partidos reformistas²⁶⁶.

O avanço do Movimento faz-se ao longo de Maio de 1974, recuando no Verão perante a conquista de alguns direitos, depois recuperando o seu vigor. Entre o 28 de Setembro e o 11 de Março há novo ciclo de lutas, estendendo-se das grandes para as médias e pequenas empresas²⁶⁷. A desagregação do Estado permite a força destas lutas, com o patronato a ser altamente pressionado.

²⁶⁵ C. Portugal, *La Révolution...* pp. 9-37.

²⁶⁶ *Ibidem*, pp. 38-84.

²⁶⁷ *Ibidem*, pp. 38-84.

Com o fim da ditadura, as corporações têm a oportunidade de se transformar em sindicatos livres. Há, nos meses que se seguem, uma consolidação de uma grande estrutura sindical.

Os esquerdistas dizem que os sindicatos dependem excessivamente dos partidos²⁶⁸. Foi assim, dizem-nos, com o avançar do ano de 1975, que o PCP esvaziou o movimento de massas do seu conteúdo: ao “enquadrá-lo”. A pequena esquerda é, portanto, claramente a favor da pluralidade sindical, contra a Intersindical como única representante dos trabalhadores. A acção dos sindicatos é diminuída, na sua opinião, perante os avanços das Comissões de Trabalhadores e o alcance do movimento auto-gestionário.

O esquerdismo apoia em absoluto as lutas livres dos trabalhadores, onde se incluem manifestações e greves de todo o tipo. A dificuldade em controlá-las é algo que é visto com espanto e maravilha, mais do que algum tipo de crítica: é a torrente revolucionária que é imparável²⁶⁹.

Em Maio de ‘74, as greves estão num pico, com a Lisnave a continuar a sua, o sector dos comboios a ver as suas reivindicações satisfeitas, a ocupação da Beecham (grupo inglês em Portugal), o alcance de uma semana de transportes gratuitos²⁷⁰. Nos dias que se seguem o movimento social laboral continua: os correios, os telégrafos e os telefones acompanham agora os transportes que já estavam em greve. No dia seguinte, juntam-se-lhe a Timex e os padeiros²⁷¹. Ao movimento grevista junta-se a aprovação às manifestações desorganizadas e igualmente símbolo da tomada do poder político pelas massas, com a condenação absoluta das manifestações anti-greve do PCP²⁷². Todas as manifestações são instrumentos de expressão de um todo que o eleitoralismo não capta; a sua repressão é, portanto, um atentado ao movimento operário.

O operariado só pode avançar se se unir contra as forças reaccionárias, donde a necessidade imperativa de uma frente sindical única, a Intersindical: é esta a lógica que preside ao pensamento comunista, tanto português, como francês. Para evitar o recuo dos direitos que têm vindo a ser concedidos aos trabalhadores, naturais exigências quanto às condições de trabalho numa economia sub-desenvolvida, é

²⁶⁸ *Ibidem*, 24/05/1974.

²⁶⁹ *Ibidem*, 17/05/1974.

²⁷⁰ *Ibidem*, 21/05/1974.

²⁷¹ *Ibidem*, 29 e 30/05/1974.

²⁷² *Ibidem*, 17/06/1974.

necessária calma. Esta não vem sendo respeitada pelos agitadores da pequena esquerda que impelem os trabalhadores a lutas extremadas, estando estes desinformados e sujeitos às manipulações dos meandros políticos²⁷³. Só assim se explicam as greves contra-revolucionárias.

Os militares são considerados os “compagnons de route” do caminho revolucionário percorrido pelo povo. Primeiramente, pelo seu papel de libertadores, acompanhado das suas origens, no caso destas milícias em específico, muitas vezes oriundos de classes baixas, portanto fruto do dito povo ou, muitas vezes, com membros mais educados e politizados, precisamente os que foram enviados para a Guerra pelo seu papel nas lutas universitárias contra a opressão ditatorial. A confraternização com operários e camponeses torna-se frequente, algo admirado pelos comunistas ortodoxos franceses, habituados à agressividade da polícia gaulesa²⁷⁴. Pelo seu papel de garante da Revolução, o MFA deve ser institucionalizado, representando as secções das Forças Armadas verdadeiramente revolucionárias²⁷⁵. Elas protegerão o povo sempre que este assim o queira.

No que à Unidade Sindical diz respeito, os trotskistas estão ao lado do PCP, por concordarem que a frente deve ser una. Os sindicatos são vistos com bons olhos, como forma de expressão da luta popular emergente. Mais, a especialização dos sindicatos deve ser tal que se devem repartir ainda por funções dentro do funcionamento dos locais de trabalho, dado que as lutas entre categorias socio-profissionais não são homogéneas²⁷⁶. O apelo à pluralidade feito pelo PS parece-lhes ser somente para poder criar a sua própria força sindical, tanto que vota a favor da Lei da Greve, não sendo tão apologista da liberdade de luta como se declara. Os grupos de esquerda apoiam por dispersão e desejo de autonomia de um movimento que só pode ganhar ao patronato se, mais que grupúsculos, for uma grande força²⁷⁷. “A sua própria divisão na medida em que começamos a ver múltiplos grupos políticos [maoistas] a tentar reunir a sua própria coordenação de Comissões de Trabalhadores. A divisão mais geral do movimento operário na medida em que certos grupos influentes (como a UDP), em lugar de apresentar as comissões como uma forma alargada de democracia operária, não alternativa, mas complementar aos

²⁷³ *L'Humanité*, 04/06/1974.

²⁷⁴ *Ibidem*, 04/05/1974.

²⁷⁵ *Ibidem*, 22/02/1975.

²⁷⁶ V. Portugal, *La Révolution*, pp. 93-106.

²⁷⁷ *Ibidem*, pp. 38-84.

sindicatos, tende a virá-las contra a Intersindical, para fazer uma espécie de sindicato bis, de sindicato “vermelho”.²⁷⁸

O poder popular, quer o sindical, quer o das comissões, é elogiado pelos socialistas franceses, particularmente a ala mais radical. Os tribunais populares, inclusive os que julgam latifundiários, são parte do processo. Nada disto é “selvático” ou “caótico”, como quer fazer parecer o líder do PS português. Ao contrário de Soares e da pequena esquerda, para os socialistas do CERES não há problema na unidade sindical, visto não compartilhar do pânico anti-comunista dos socialistas portugueses. Os sindicatos não têm mais sucesso, na sua opinião, por terem herdado as fracas estruturas de contestação do tempo fascista. Tal deu oportunidade ao aparecimento de grupos espontâneos de luta que dão, também eles, força à evolução política portuguesa, mas que impedem a via escolhida pelo PCP²⁷⁹.

Os organismos populares espontâneos, considerados por alguns os “sindicatos de base”, e os sindicatos partilham assim o espaço de luta das massas, normalmente divididos por sectores profissionais. Os socialistas consideram que estes dão resposta às exigências prioritárias dos trabalhadores, no caso o saneamento e a satisfação dos cadernos reivindicativos²⁸⁰. O poder patronal exigido, em co-gestão ou em auto-gestão, é o começo de um longo caminho a percorrer pelas massas, mas inesperado para um processo que começara com um golpe militar. O saneamento é, naturalmente, menor no Norte. As Comissões de Moradores melhoram as condições sanitárias, lutam por rendas mais baixas e dão alojamento aos mais desfavorecidos através da ocupação de habitações, algo louvável para todo o socialista. As Comissões de Soldados representam o profundo desejo dos militares de se juntarem às comissões civis, particularmente as camadas mais baixas e as mais progressistas. As Assembleias Populares, em hierarquia de pirâmide, são contudo consideradas perigosas²⁸¹.

As Comissões de Trabalhadores, Moradores e Soldados não são, no entanto, tão representativas como os soviets. Não conseguirão, portanto, concretizar a Revolução socialista, sem o apoio das restantes forças políticas. Aliás, Anton Pannekoek, defende que os organismos populares que dirigirão a Revolução até ao seu fim não podem ainda existir na conjuntura pré-socialista, dado só existirem

²⁷⁸ *Ibidem*, p. 120.

²⁷⁹ *C. Repères*, nº 25, 01/09/1975, p. 10-19.

²⁸⁰ *Ibidem*.

²⁸¹ *Ibidem*

condições para comissões de cariz anti-capitalista, por ser essa a sua luta primeira. Será necessária a sistematização do poder popular, uma espécie de “unidade supra-partidária”, sem aliança de classes²⁸².

Os organismos populares são pouco referidos, como é o caso das Comissões de Trabalhadores ou de Moradores. Só os organismos populares adoptados pelo MFA, os CDR, são vistos com bons olhos pelos comunistas ortodoxos. A ideia de Assembleia Nacional popular promovida pelo mesmo MFA, a de misturar organizações militares de base com organizações populares é referida, mas pouco se fala de quais as propostas de organização popular que os comunistas ortodoxos aceitam.

Os principais motores de todo o movimento operário para os esquerdistas são considerados as Comissões de Trabalhadores e as Comissões de Moradores, espontaneamente criadas, depois acompanhadas pelos militares. Tomando em suas mãos, tanto como trabalhadores, como moradores, o povo está a movimentar-se politicamente, com percepção reduzida do fenómeno, mas sem deixar de ter um processo de decisão democrático e de participar na luta pelos seus direitos.

As Comissões de Moradores começam por ser investigadas no caso do bairro da Boa Vista, com a ajuda da nova esquerda – com algum realce dado ao papel exercido pelo MRPP²⁸³. Os trotskistas salientam o papel da LCI na ocupação de uma vivenda de um antigo membro da legião portuguesa. A desconfiança da esquerda radical quanto às “comissões de base” no Conselho Municipal no Porto, advém da possível intromissão do PCP²⁸⁴. Com o avançar dos meses existe, no movimento proletário, uma partidarização progressiva da vida política. “As Comissões de Trabalhadores, “apartidárias”, são neste momento asfixiadas pela onnipresença dos partidos que utilizam a classe operária para os seus fins políticos respectivos. (...) Boa greve ou greve reaccionária consoante os partidos as dirigem ou não.”²⁸⁵. Nas Comissões de Moradores no Porto, há um apartidarismo, tornando-se, simultaneamente, uma espécie de sovietes que, com a ajuda reconhecida dos alunos de Belas Artes, refazem as casas abandonadas; nestes caso, as mulheres são raras, pois são remetidas para o seu papel tradicional – ainda não posto em causa –, só participando na Assembleia semanal. Através de quotas baixas, financiam-se

²⁸² *Ibidem*

²⁸³ *Libération*, 09/05/1974.

²⁸⁴ *Ibidem*, 25/09/1975.

²⁸⁵ *Ibidem*, 09/09/1975

condições de habitação ou tenta criar-se um jornal, com o capital essencial a vir do aluguer das casas – por sua vez, a preços muitos baixos. Também na venda de materiais se entra em auto-gestão, sem intermediários²⁸⁶. O Serviço Ambulante de Apoio Local fornece ajuda técnica e serve de intermediário com o Estado Central, cabendo as decisões aos moradores. Falta uma linha política clara ao movimento social para que possa ganhar força e órgãos de poder popular²⁸⁷. Assim, estas Comissões, as quais coordenam também as creches, ainda não têm força suficiente para chegar a todos ou serem bem acolhidas e serem representativas perante as instituições governativas. “As condições estão reunidas, elas não pedem que não para serem desenvolvidas.”²⁸⁸

Os militares são de ajuda para os trabalhadores, inicialmente, embora tal não seja a regra, para os ensinar como se faz uma greve e querem-nos como intermediários face aos patrões, caso da Timex, em que os operários são ajudados pelos militares na ocupação operária – a revolta dos capitães abriu espaço para o levantamento operário. Por vezes a extrema-esquerda não está ainda inteiramente implantada nas fábricas, pelo que os militares a substituem no seu papel. Isto dado que o PCP não aprecia, numa fase inicial, o avanço das atitudes revolucionárias incontroláveis, pelo que a posição sindical, sob a sua alçada, não contribui para esse avanço espontâneo do movimento dos trabalhadores. O envolvimento militares/movimento operário tenderá a unir-se cada vez mais, condição ideal para os esquerdistas.

Os Comités de Defesa da Revolução aparecem, a partir de uma ideia de Otelo recentemente regressado de Cuba, apresentados pelo MFA; vão sendo progressivamente assimilados pelo PCP, até se tornarem uma oposição aos Conselhos Revolucionários de Trabalhadores, segunda ideia de organismo popular de Otelo e seus membros do COPCON, logo mais próximos da posição do *Libération*. Os CRT e soldados seus apoiantes saem à rua em número de 10 mil para apoiar um comunicado do COPCON, frente à Assembleia Constituinte. Este pede a implementação de um governo militar e revolucionário, o reconhecimento dos Conselhos Revolucionários e a dissolução da Assembleia Constituinte²⁸⁹.

²⁸⁶ *Ibidem*, 06 e 07/09/1975.

²⁸⁷ *Ibidem*, 08/09/1975.

²⁸⁸ *Ibidem*, 09/09/1975.

²⁸⁹ *Ibidem*, 19/06/1975.

Em Julho de '75, o MFA propõe a criação de um Assembleia Popular Nacional em três níveis, assembleia esta que pretende afastar-se do jogo partidário e ser verdadeiramente representativa: “este documento indica um claro avanço da esquerda em Portugal na medida em que privilegia o poder popular ao eleitoralismo.”²⁹⁰ Em Sintra dá-se início, pouco depois, à primeira Assembleia Popular, com a participação das Comissões de Trabalhadores e Moradores²⁹¹.

Dia 12 de Setembro, há uma manifestação de soldados, juntamente com as Comissões de Moradores e Trabalhadores e algumas organizações de esquerda revolucionária. Isto porque, face à crise do MFA, os soldados puderam tomar posição política, criando, parte dele os SUV: Soldados Unidos Vencerão. Estes terão, afirmam os esquerdistas, um papel bastante importante na Revolução²⁹². Os SUV começam, então, a mobilizar-se; estará o país todo armado?²⁹³ O movimento dos SUV é investigado, sobretudo com o fim do COPCON, com o novo Governo a restabelecer a ordem. Os SUV, actuando principalmente a Norte, têm como equivalente o RALIS na cintura de Lisboa. Com a repressão dos soldados, a população avança cada vez mais com os seus próprios motins. Altamente aprovados pelo jornal como uma organização de base correspondente, progressista o suficiente para acompanhar o movimento operário, os SUV são inseparáveis da mobilização proletária.

Esta aliança torna-se incontornável com o aparecimento dos TUV – Trabalhadores Unidos Vencerão. Estes pretendem, como o nome indica, ser o paralelo civil dos SUV, iniciativa da FUR, como base laboral para o movimento militar. Estes, na rua, exigem assembleias populares. Os esquerdistas e as organizações populares não se solidarizam por dizerem ser uma iniciativa na mão do PCP e das suas Comissões de Trabalhadores, mas os próprios TUV parecem querer lutar contra esse domínio, como o declaram. Querem organizar uma estrutura que some soldados, trabalhadores e moradores contra o governo de direita. Inclusive pede que se arme a classe trabalhadora e o povo. As armas devem estar na mão dos civis, o que põem em perigo a frente de luta da FUR.

O entusiasmo na criação de um MFA civil é uma das provas essenciais do compromisso do *Libération* com as ideias do COPCON, depois do apoio aos Comitês

²⁹⁰ *Ibidem*, 10/07/1975.

²⁹¹ *Ibidem*, 15/07/1975.

²⁹² *Ibidem*, 12/09/1975.

²⁹³ *Ibidem*, 23/09/1975.

e, quando estes se partidarizam para o lado do PC, os Conselhos de Defesa da Revolução; precisamente no dia em que o COPCON desce à rua para apoiar uma manifestação de Comissões de Moradores e grupos esquerdistas – aliança que garante a radicalização do COPCON²⁹⁴ – nos subúrbios de Lisboa, Cunhal condena a marginalização dos partidos pelos militares como um erro crasso²⁹⁵. Depois, é dado um espaço no jornal para uma entrevista a César Oliveira, fundador do MES e partidário de uma esquerda não PCP, no que parece ser uma tentativa do jornal francês em dar espaço a esse tal MFA civil que querem ver criado. “O MFA, no seu conjunto, aparece agora decidido a promover um verdadeiro movimento de libertação encarregado de dirigir a Revolução portuguesa e capaz de mobilizar a população nas suas profundezas e de se apoiar nas suas iniciativas.”²⁹⁶.

Perante a ausência de infra-estruturas, como casas com condições básicas, escolas, condições sanitárias ou transportes, parece não haver mesmo outra solução para o movimento popular, afirmam os trotskistas. Os exemplos do hotel transformado em centro cultural ou do bordel que se transformou na Comuna Che Guevara, são actividades aprovadas. A população quer mesmo, agora, generalizar o movimento de coordenação do modo de vida e criar uma cooperativa de consumo. Os organismos populares, apelidados de “órgãos extra-sindicais”, são considerados pelas vozes trotskistas como uma enorme força do movimento de massas²⁹⁷. “A experiência portuguesa traz uma nova contribuição à experiência do movimento operário internacional: as Comissões de Trabalhadores.”²⁹⁸ Uns são órgãos pré-sindicais, outros comissões de acção espontânea dos elementos mais combativos, outros ainda um conselho eleito em assembleia geral. Em si são louvados por organização espontânea, acompanhando os sindicatos, não opondo-se a eles. As suas actividades auto-gestionárias só terão significado se planificadas pelo Estado. A luta é sua, portanto, mas o produto final passa necessariamente pela mão do Estado.

No entanto, ao contrário do que quer o PC, os conselhos operários não podem nascer da mão do Estado, têm de ter um certo nível de espontaneidade e força de base, dado que é suposto precisamente destruírem o dito Estado. Só esses conselhos,

²⁹⁴ *Ibidem*, 15/05/1975.

²⁹⁵ *Ibidem*, 20/05/1975.

²⁹⁶ *Ibidem*.

²⁹⁷ *C. Portugal: La Révolution...*, pp. 93-106.

²⁹⁸ *Ibidem*, p. 114.

partidos de um movimento operário real podem conquistar o poder pelo proletariado²⁹⁹.

Se os CDRs foram institucionalizados pelo PCP, a solução de Otelo é mais soviética para os trotskistas. Os Conselhos valem menos do que a criação das Comissões, visto só terem surgido perante a crise governamental, enquanto as Comissões apareceram espontaneamente logo de início³⁰⁰.

Acompanhado do movimento civil deve estar o movimento militar de bases: assim, apela-se à união entre operários e soldados para a radicalização e progressão do movimento revolucionário³⁰¹. A luta só pode ser feita com esta frente comum de oposição irreconciliável com os exploradores; não pode haver aliança de classes inimigas entre si. A aliança entre povo e militares terá, assim, de permitir a criação de Comissões de Soldados, para acompanharem as de Trabalhadores e de Moradores, bem como milícias sindicais, isto é, armando as organizações operárias numa parceria absoluta³⁰². Para acompanharem a unidade proletária, é necessário que o movimento das Comissões de Trabalhadores seja generalizado e centralizado.

²⁹⁹ V. *Printemps Portugais*, p. 333. “Lá ainda, através das Comissões de Moradores ou de ocupação urde-se apertadamente uma rede de delegados eleitos, controlados pelos seus camaradas de luta, esboça-se uma forma de administração, de gestão, de controlo surgido da base, simplificada, económica. Ainda é balbuciente, a resposta dos trabalhadores à surda da máquina do Estado burguês. É o delineamento de um Estado barato dos proletários, de um Estado que não se ergue pelos trabalhadores para os oprimir, mas que é a sua emanção democrática, fazendo corpo com a sua actividade profissional e social; e começando mesmo a enfraquecer como Estado. De forma limitada, parcelar, embrionária, nas acções mais modestas e mais modestas aponta a perspectiva grandiosa aberta por Lenine n’*O Estado e a Revolução*.”

³⁰⁰ V. *Portugal: La Révolution...*, pp. 114-125.

³⁰¹ *Ibidem*, pp. 38-84.

³⁰² *Ibidem*, pp. 85-92.

CAPÍTULO 6 - TEMAS EM DESTAQUE

6.1. A Descolonização

Desde o começo da Revolução que o PC francês aguarda a resolução do problema colonial, observando com agrado as negociações entre os movimentos de libertação e o Ministro dos Negócios Estrangeiros. A descolonização é para os esquerdistas, como o é para a esquerda francesa no geral, algo essencial para uma potência ocidental, particularmente num país que procura atingir o socialismo. Tanto quanto se quer reduzir a exploração de classes, exige-se o fim da exploração das colónias pelas metrópoles. Ela é das questões mais realçadas pelo jornal *Libération*, na procura da solução que a política portuguesa encontrará para o fazer, sendo-lhe dada a mesma importância que já os comunistas ortodoxos faziam questão de dar³⁰³. Os portugueses querem-na com um “exorcismo”, afirmam os socialistas³⁰⁴.

Dia 27 de Maio é celebrada a primeira manifestação de apoio aos movimentos de libertação na metrópole, com a suspensão da actividade militar na Guiné, perante as negociações do PAIGC com o Governo português³⁰⁵; isto depois de uma amnistia dos presos políticos nas colónias. Há, portanto, uma aceitação maioritária, por parte da população portuguesa, constataam os esquerdistas: a burguesia por querer assegurar o melhor possível os seus interesses económicos, a esquerda por razões ideológicas, as massas por não quererem ser chamadas para a guerra³⁰⁶.

Em Agosto de 1974 é quase preocupação exclusiva nas notícias do diário comunista, acompanhado de severas acusações quanto ao passado colonialista português; na revista quinzenal escreve-se um artigo intitulado “Era o império colonial mais velho do mundo”³⁰⁷, por oposição a uma suposta vontade espontânea de descolonização do povo português. Aparentemente esta está presente na maioria da população, depois de tanto prejuízo humano e material. À medida que se informa, ela parece perceber a injustiça de colonizar. Assim como estão ao lado das forças partidárias do operariado, estão ao lado dos movimentos de libertação africanos³⁰⁸.

³⁰³ *Libération*, 29/04/1974.

³⁰⁴ *Ibidem*.

³⁰⁵ *Ibidem*, 27/05/1974.

³⁰⁶ *Ibidem*

³⁰⁷ Cf. *L'Humanité Dimanche*, 14 a 20/08/1974.

³⁰⁸ *Ibidem*, 04 a 10/12/1974.

Os comunistas vêem, portanto, com certa tristeza, os resultados magros da libertação dos colonizados, mas deixados em clima de guerra civil.

Com o avançar do processo de descolonização, os seus atrasos e falhanços, também o tom crítico do *Libération* aumenta. O dia 21 de Abril de '75 é dedicado ao falhanço nas negociações da descolonização em Alger. Pode-se falar em revolta por falta de solução ou celeridade em aplicá-la, culpa de Spínola. Se a Guiné está próxima da paz, Angola continua entregue a uma guerra inútil, onde o MPLA representa bem o povo angolano. Por seu lado, em Moçambique, com a possibilidade de representatividade pela FRELIMO, os portugueses deixam arrastar o perigo que são os extremistas brancos que, a serem ajudados pela África do Sul, podem criar uma situação idêntica à do mesmo país³⁰⁹.

A intervenção soviética pelo MPLA é positiva, dado o incentivo americano à África do Sul racista para avançar em Angola³¹⁰, afirmam os comunistas.

A independência de Angola é muito pouco festejada por Portugal, sem nenhuma representação oficial³¹¹. O *Libération* escreve dois artigos sobre a situação neste país: 1/3 do território está em guerra, a ponte aérea está a intensificar-se. Portugal tem, a seus olhos, a responsabilidade de não abandonar a colónia em clima de guerra civil e deve tomar sob a sua alçada os colonos brancos que ainda lá vivem. No tempo de Spínola, o MPLA foi marginalizado, partido que Rosa Coutinho tomava como parceiro privilegiado³¹². Essa simpatia comprometeu o papel do Almirante na Revolução, sendo substituído por Silva Cardoso; com este, a acção congela. Os movimentos de libertação exigem a defesa de Portugal dos ditos movimentos, já que os reconheceram como legítimos. O papel da metrópole é, ou intervir massivamente como antigos colonos que são ou esperarem que os movimentos cheguem a um compromisso, exigem os esquerdistas³¹³. Com Angola à beira da guerra civil, personalidades do MFA vêm dizer que o projecto não é, afinal, a curto termo, mas de 10 a 20 anos. A guerra civil desencadeia-se. Reflectem: estando esta em estado grave, pode vir a desestabilizar Portugal. Mostram-se, então, desiludidos com a

³⁰⁹ *Ibidem*, 21/05/1975.

³¹⁰ V. *L'Humanité*, 22/10 a 12/11/1975.

³¹¹ *Ibidem*, 03 e 05/05/1975.

³¹² *Libération*, 12/06/1975.

³¹³ *Ibidem*, 13/06/1975.

descolonização feita pelo líder do PS, dando razão à desilusão do COPCON com o partido de Soares³¹⁴.

Sendo feita, de facto, a descolonização não deixa de prejudicar as antigas colónias que se queriam desenvoltas e livres, a caminho do desenvolvimento e não em estado de destruição e de guerra sem fim. É um falhanço da Revolução.

6.2. A Imprensa

A Imprensa em Portugal está, depois do 25 de Abril, em estreia. Sem experiência de liberdade de expressão, os jornalistas aprendem agora os padrões democráticos da sua profissão. Depois da febre popular, é a vez da febre dos jornalistas pela ausência de censura: “Cada um retomou o trabalho, mas depois do 25 de Abril e do 1º de Maio, a festa da liberdade e das flores nos canhões sucedendo a 48 anos de mutismo total, nada é como antes: o povo tomou a palavra e usa-a. Nas ruas, nos cafés, nas salas de reunião o verbo é mestre. Um pouco por todo o lado na capital e nos subúrbios, os grupos formam-se espontaneamente e as discussões animam as ruas. Os jornais, doravante na mão dos jornalistas, vendem-se como pequenos pães e as gentes param nos passeios para tomarem conhecimento logo. (...) Depois de alguns dias, o slogan “O povo unido jamais será vencido” está em todas as bocas: interrogados, poucos sabem que [a expressão] vem do Chile.”³¹⁵. Com o saneamento dos directores e conselhos de administração em substituição, vem também a visita minuciosa dos jornalistas à sede da PIDE-DGS, pela primeira vez autorizados ao jornalismo de investigação.

Inevitavelmente, o jornalismo é utilizado para conflitos partidários, com o caso *República* e com a ocupação da Rádio Renascença³¹⁶. No fim do mês de Junho, o caso *República* torna-se mais agudo na imprensa francesa, como de resto na imprensa internacional no geral, o que leva ao comentário do *Libération*: o PS quer dividir os trabalhadores, expulsar o PCP do Governo e fazer o MFA reentrar nas casernas. Sem estar necessariamente em desacordo com o PS, importa ver a simpatia social-democrata que isso traz. O ter usado isso como pretexto para uma enorme campanha contra o MFA faz parte da sua tática. Conseguiu, assim, secundarizar a

³¹⁴ *Ibidem*, 23/05/1975.

³¹⁵ *Ibidem*, 06/05/1974.

³¹⁶ *Ibidem*, 27/05/1975.

“batalha de produção”, a Reforma Agrária e a situação em Angola. A severa crítica que os esquerdistas fazem ao PS é de ter agido como o PC, isto é, tentado monopolizar a opinião, censurando os possíveis comunistas e escondendo as notícias de construção de cooperativas e ocupações. A nível internacional, serviu para atacar a via política socialista portuguesa, ou seja, revolucionária, prejudicando-a ³¹⁷. O jornal *República* reaparecerá, na mão dos trabalhadores e não do PS, sob a vigilância do CR ³¹⁸.

É necessário não deixar a imprensa escrita em Portugal nas mãos da burguesia, caso do Chile, caso contrário da Alemanha em 1918/19, afirmam os trotskistas. A imprensa deve ser pública, estar acessível aos sindicatos, partidos, universidades, Comissões de Trabalhadores e Moradores, não dependente das decisões de um privado. Mesmo a imprensa proletária aburguesar-se-á rapidamente. A repartição dos órgãos de imprensa deve mesmo ser desigual para poder favorecer a voz das minorias. Depois evoluirá consoante a luta de classes ³¹⁹.

Em Julho de ‘75, perante a ocupação da Rádio Renascença, esta deixa de estar sob a influência e alcance do episcopado. É este um dos principais pretextos para a intervenção da Igreja ao lado das forças reaccionárias e contra os comunistas e sua influência na governação. Este movimento ajudará à fractura entre Norte e Sul, contribuindo por sua vez para o 25 de Novembro e, consequentemente, para o fim da Revolução.

No fim do Verão, é chegado um novo momento de debate sobre a liberdade na imprensa portuguesa. Não da liberdade como nos tempos da censura, mas de manipulação partidária da informação. O ónus recai sobre o PCP, acusado, pelas outras esquerdas e pela direita, de hegemonizar as instituições. Dão-se, então, protestos à frente do Diário de Notícias, da parte do MRPP e do PPD, aliados no mínimo improváveis. Demonstra-se, assim, a necessidade de monopolizar as forças de expressão: depois dos sindicatos, os meios de comunicação.

A imprensa portuguesa é assunto de sobra para os socialistas mais à esquerda. As proporções tomadas pelos que avançam com o seu anti-comunismo no caso *República* e Rádio Renascença são severamente criticadas, juntamente com os exageros da imprensa internacional, como manobras da reacção, num caso em que os

³¹⁷ *Ibidem*, 30/06/1975.

³¹⁸ *Ibidem*, 11/07/1975.

³¹⁹ V. Portugal: *La Révolution...*, pp. 163-174.

trabalhadores, de facto, estavam a manifestar a sua vontade e não a atestar a vontade comunista de controlo dos meios de comunicação. A imprensa nunca é neutra; pode-se trabalhar para que seja pluralista, dizem. É positivo que o controlo, aliás, escape a uma só força, garantindo que a reacção não a tem para repetir o processo chileno de contrariar as forças socialistas. Não se apagará, no entanto, o trabalho de isolamento que a propaganda dos casos de imprensa portuguesa trouxe à Revolução dos Cravos e que legitimou a opressão internacional perante o socialismo. O VI Governo, por fim, traz uma nova concepção de liberdade de imprensa mais estrita, isto é, mais repressiva³²⁰.

³²⁰ C. *Frontières*, n° 23, 01/05/1975, pp. 4-17; *Repères*, n° 25, 01/09/1975, p. 7 e p. 13-14; n° 26, 01/10/1975, p. 42.

CONCLUSÃO

1. O Caminho Português para o Socialismo e a Derrota – o que faltou?

Para os comunistas ortodoxos, o processo eleitoral e o processo revolucionário são distintos, por norma paralelos, não incompatíveis, já que o PC participa em ambos. O processo eleitoral, visto como burguês, é necessário para o partido obter o poder partidário, apesar de se desprezar os trabalhos da Assembleia Constituinte; o processo revolucionário, visto como o verdadeiro, é necessariamente enquadrado e deve seguir os avanços do Partido, uma cooperação mútua que permitiria o avanço até à etapa final da Revolução. Exemplo disso é a questão das assembleias: o avanço da ideia das Assembleias populares não parece interferir com a Assembleia Constituinte, aos olhos do *L'Humanité*: “Na Revolução portuguesa, e isso é uma característica original, há dois processos que se podem desenvolver paralelamente, convergir ou entrar em conflito: o processo eleitoral, cujos métodos foram inspirados pelas democracias burguesas e o processo revolucionário com uma força dinâmica, popular e militar.”³²¹. Existe ainda alguma expectativa de que o movimento português contribua para a queda das ditaduras espanhola e grega³²². A pressão da ideia democrática poderá contribuir para o desenvolvimento inevitável do derrube de autoritarismos na Europa Ocidental. Por outro lado, o socialismo português não deverá seguir o modelo soviético ou qualquer outro: Portugal não copiará modelos, arranjará o seu próprio ³²³.

O socialismo que progride para a sua forma final em território português é admirado pelos adeptos da sua ideologia, como é odiado pelos “imperadores da social-democracia” e os “barões do capitalismo”. Assim, aos novos caminhos traçados, há uma constante oposição, mais ainda internacional do que nacional. Para os a favor, Portugal é um laboratório, como a Guerra Civil espanhola fora para a Europa dos anos ‘30³²⁴. Para o CERES, como para o PSU, o socialismo deve ser construído em liberdade, evitando, quer a social-democracia, quer o estalinismo. A Revolução foi escolhida pelos próprios que por ela já avançavam em movimentos

³²¹ *L'Humanité*, 17/07/1975.

³²² *Ibidem*, 21/06/1974.

³²³ *Ibidem*, 28/01/1975

³²⁴ C. *Frontières*, nº 23, 01/05/1975, p. 4 e pp. 4-17; *Repères*, nº 25, 01/09/1975, pp. 7-9; nº 27, 01/11/1975, p. 74; nº 28, 01/12/1975, p. 32.

espontâneos, nas eleições, ao elegerem maioritariamente partidos defensores do interesse do operariado. As relações com o exterior devem basear-se em ligações económicas ao dito Terceiro Mundo, de forma a evitar as pressões trazidas pelo imperialismo americano e pelas exigências de uniformização político-económica por parte da Europa. Para resistir aos apelos de fora é necessária uma união das forças revolucionárias políticas, numa orientação coesa: as militares, as partidárias, as populares. O processo institucional de transformação das estruturas deve acompanhar o revolucionário, de forma a garantir o valor absoluto dos passos dados. De outra maneira, afirmam os socialistas, o regresso será ao fascismo, num refluxo imparável. O 25 de Novembro traz a contra-revolução e o fim da esperança.

A Europa quer, alertam por sua vez os esquerdistas, depois de um primeiro momento de surpresa e expectativa, curar a “doença” que pensa assolar Portugal: o desejo de socialismo, numa experiência tão única como a portuguesa: “Tanto a experiência portuguesa é, à vez, europeia e “terceiro-mundista”, que combina as duas de maneira totalmente original. Europeia ela é pelos seus partidos, pelas suas tradições, pelos elementos da sua economia e “terceiro-mundista” ela é por outros elementos da sua economia e sobretudo pela marca que lhe foi impressa pelo MFA que toma de empréstimo o seu funcionamento e as suas referências políticas aos movimentos de libertação africanos. Esse casamento, uma das experiências revolucionárias das mais fecundas, põe em questão numerosos dogmas estabelecidos pela história revolucionária. De irrigar de novas ideias os movimentos europeus.”³²⁵.

Mas a opinião pública dedica-se antes a discutir as soluções económicas de integração comercial. Enquanto uns põem à disposição a solução da CEE, outros defendem a ligação ao dito Terceiro Mundo. Mais importante que isso: “Resumindo, os portugueses tornaram-se o centro de gravidade dos problemas teóricos e práticos fundamentais da construção do socialismo.”³²⁶.

Comunistas e socialistas chamam à atenção para o duplo processo, institucional e de base, como originalidade do processo português, enquanto os esquerdistas alertam para a combinação entre as características europeias e “terceiro-mundistas” do MFA. Considerado diferente, ora por ter um movimento militar politizado à esquerda, a causa primeira do derrube do regime e não da sua conservação, ora pela espontaneidade da organização e acção popular, o processo

³²⁵ *Ibidem*, 05/06/1975.

³²⁶ *Ibidem*, 12-14/07/1975.

socialista português, criador de tantas expectativas, sai gorado, se não na democracia, na ideia de apropriação operária dos meios de produção. Da observação francesa à época e mais tarde, é de realçar o destaque dado a três factores, tanto pelos próprios franceses, como na nossa reflexão. Um primeiro é a pressão europeia, como a americana, para transformar o caminho socialista num trilho social-democrata. Num país em descolonização e sem parceiros comerciais, o peso das opiniões dos líderes dos países integrantes da CEE foi, obviamente, muito grande. Os franceses analisados neste trabalho falam, aliás, desse encostar à parede como se fosse em parte culpa sua, no papel de europeus que derrubam as possibilidades de um povo que fizera tábua rasa das suas condições políticas, jovem para se reconstruir por inteiro.

Um segundo factor é a falta de comparência de Mário Soares à chamada socialista. Não pró-soviético como Álvaro Cunhal, com melhores ligações na Europa e mais experiência em negociações de descolonização, acrescido do essencial factor de ser líder do partido vitorioso das únicas eleições livres e universais até aí realizadas em Portugal, o secretário-geral do PS poderia, se o quisesse, ter sido o líder de um movimento operário plural e espontâneo. A Europa não o queria, Soares escolheu não tornar o seu o tão almejado Partido necessário para congregar e coordenar forças para uma via socialista.

No terceiro ponto, o poder popular não tinha mais para onde se expandir, tal qual como estava, sem a ajuda do poder militar ou do poder partidário. Se este estivesse armado, nomeadamente a partir das Comissões de Soldados, a dependência da unidade militar dos progressistas seria nula e o avanço popular mais provável. Perante a divisão do MFA que tanta insegurança aos dias da revolução trouxe e que acabou por ditar o fim do próprio movimento, bem como da impossibilidade partidária de encarnar, face aos seus desígnios internos, o que as acções populares parecem demonstrar ser seu desejo, a acção popular estava condenada a perecer e a conformar-se. Assim, sem espaço para decidir, com o país empurrado pela Europa, Soares não manteve os seus desígnios socialistas, o que o impediu de representar a força popular. Inversamente, a acção popular, sem voz tão forte como a das instituições, não pôde expressar a força do movimento operário; este não foi representado por Soares, que não o apresentou à Europa e ao Ocidente.

Além deste encadeamento do processo político e suas emanações, não deixa de ser importante referir um quarto factor, desta feita a nosso cargo, apontado pelos trostkistas: o MFA não poderia ser homogéneo nem apartidário, nem representante

dos desígnios populares. O movimento militar não deixava de pertencer a uma hierarquia de uma instituição por natureza conservadora, nem que somente nas cúpulas, num contexto de opiniões políticas extremadas e muito heterogéneas, com a sua própria luta de classes, ainda que encapotada e atrasada pelo mito ou sonho de um MFA integralmente ao lado do povo. Afinal, só os SUV teriam a legitimidade para estar ao lado dos trabalhadores, porventura acompanhados do RALIS e da boa vontade de alguns membros do COPCON.

Ora, autonomizado esse sector das forças armadas, ele deixava de ter força: a força do MFA era congrega as tantas vozes numa só, era apresentar-se em bloco. Autónomos, os SUV eram legítimos, aos olhos da luta de classes, como os apresentam os trostkistas, sim, mas eram poucos, como o foram para fazer frente à organização das forças militares mais acima na hierarquia que planearam o 25 de Novembro e facilmente provocaram perda de contacto, mais ainda de união, entre as forças dos SUV.

Um último aspecto, também aqui por nós esboçado, é o facto de que, gerado o clima anti-comunista, uma tentativa de perpetuação da Revolução por alturas do 25 de Novembro poderia ter transformado um golpe de garantia de uma democracia social-democrata num golpe contra-revolucionário mais extremado ou mesmo na expulsão das forças políticas de esquerda da sociedade. Tal desencadearia certamente uma guerra civil de enormes proporções e com poucas probabilidades de reunir forças para uma vitória da esquerda, menos ainda de uma sociedade socialista. Não pretendendo prolongar cenários especulativos, é importante referir que não se perdeu a festa da liberdade. A Revolução não alcançou o socialismo, mas não deixou de derrotar o fascismo.

2. O Fim do Mito Revolucionário dos Anos 60

A militância revolucionária, no caso a francesa, assumiu parentescos com inúmeras rebeliões ou processos de construção societária. Eles foram parte da edificação de um imaginário contemporâneo em que a Revolução era certa e a geração dos revoltosos da Sorbonne ou seus herdeiros parte integrante dos protagonistas. Ao longo deste texto procurou-se explorar, sobretudo, a que pode ser considerada, de acordo com os padrões até aqui estabelecidos, a derradeira esperança de um tempo agitado que se transmuta em acalmia nos anos 80. A Revolução

Portuguesa é o palco dessa derradeira euforia em fé premonitória, a espontaneidade conjugada com o compromisso, os participantes fluidos, pouco fracturados em blocos de grupos pré-estabelecidos (embora, claro está, eles não deixem de existir).

Sob o pano de fundo de um fascismo colonialista, num país agrário e dependente, mas parte de um continente de desenvolvimento privilegiado, são os símbolos e os gestos que marcam a memória dos que a eles assistem ou dos que entre si discutem em países vizinhos.

O fim da Revolução Portuguesa foi também o fim dos grandes movimentos independentistas africanos, o prolongamento das sociedades de consumo no Ocidente, depois acompanhado pela queda do muro de Berlim em 1989. O término do regime soviético foi o fim de muitas ilusões da esquerda, mesmo da que se encontrava em cisão com este, pela hegemonia americana agora sem concorrência e pela introdução do capitalismo nos antigos territórios da URSS, como depois progressivamente na China. Gerou-se, então, um imperativo da democracia capitalista como única conjugação possível e duradora para as sociedades humanas evoluídas. A crise capitalista do novo milénio veio pôr em causa, de forma mais clara, uma solução dogmática, como tal, e esta solução dogmática em particular. Somente a Primavera Árabe teve oportunidade de ressuscitar esperanças para a esquerda na procura da Revolução. Para repensarmos a sociedade contemporânea nestes meandros será, talvez útil, recuperar os seus fenómenos de contra-corrente.

O mito revolucionário da esquerda não está morto, porque a esquerda existe e persiste, mas parece adormecido. A ser acordado, será criado num contexto inteiramente diferente. O fenómeno dos anos 60 será parte da sua herança, não mais o seu presente. A forma peculiar de uma nova esquerda, de carácter massificado e inovadoramente juvenil, na luta por um projeto socialista que não venceu, foi talvez o tempo de maior pujança de cadinhos sociais que procuravam esse projecto incansavelmente.

Foi nesses cadinhos que encontrámos o mito.

ANEXO I

ANEXO II

ANEXO III

ANEXO IV

BIBLIOGRAFIA

Fontes

- *L'Humanité*, 25/04/1974 – 31/12/1975
- *L'Humanité Dimanche*, 25/04/1974 – 31/12/1975
- *Libération*, 25/04/1974 - 31/03/1976
- *L'Unité*, 25/04/1974 – 27/6/1975
- *Frontières*, nº 17 a 24 – 01/06/1974 a 01/09/1975
- *Repères*, nº 25 a 28 – 01/09/1975 a 01/12/1975

Estudos

- ALMEIDA, Pedro Ramos de, *A Questão do Vietname*, Lisboa, Caminho, 1979
- AMOUROUX, Henri, *La vie des français sous l'occupation – les années noires*, Paris, Fayard, 1961.
- BADIOU, Alain, *L'Hypothèse Comunista*, Paris, Nouvelles Éditions Lignes, 2009.
- Bensaïd, Daniel, ROSSI, Carlos & UDRY, Charles André, *Portugal: la Révolution en Marche*, Paris, Christian Bourgois Éditeur, 1975.
- Bensaïd, Daniel & KRIVINE, Alain, *1968 – fins et suites*, Paris, La Brèche, 2008.
- BERSTEIN, Serge, *Nouvelle Histoire de la France Contemporaine*, Paris, Éditions du Seuil, 1999, vol. 17 – *La France de l'Expansion – I – La République gaullienne: 1958 – 1969*.
- *Black Power* (antologia), Lisboa, Dom Quixote, 1969 – Antologia de Textos de Malcom X, Stokely Carmichael, Elridge Cleaver, James Forman, Norman Mailer, Arnaud Durban, Andrew Kopkind e Eugene Genovese, tradução de uma Colectânea a cargo da François Maspero.
- BOURDIEU, Pierre, *O Poder Simbólico*, Lisboa, Edições 70, 2015.
- *Campos do Sul, Memória de uma Revolução: transformações económicas e sociais, 1974-75: exposição, colóquio* (coord. Constantino Piçarra), Lisboa, IHC, 2009.
- CEREZALES, Diego Palacios, *O Poder Caiu na Rua – Crise de Estado e Acções Colectivas na Revolução Portuguesa 1974-1975*, Lisboa, ICS, 2003.
- CERVELLÓ, Josep Sanchez, *A Revolução Portuguesa e a sua Influência na Transição Espanhola (1961 – 1976)*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1993.

- *Chile – Socialismo Impossível* (coord. Fernando Abreu), Lisboa, Base, 1973.
- CRUZEIRO, Maria Manuela, “O Imaginário Político do 25 de Abril” in *Revista da História e Teoria das Ideias*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1994.
- *De la Misère en milieu étudiant considérée sous ses aspects économique, politique, psychologique, sexuel et notamment intellectuel et de quelques moyens pour y remédier*, Paris, Éditions de Comptoir, 2007.
- DEBORD, Guy, *The Society of Spectacle*, Nova Iorque, Zone Books, 1994.
- DEUTSCHER, Isaac, *A Revolução Inacabada*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- DROZ, Bernard, *Histoire de la décolonisation*, Paris, Éditions du Seuil, 2006.
- DUARTE, Marta Benamor Lopes Coutinho, *Foi Apenas Um Começo – A Crise Académica de 1969 na História do Movimento Estudantil dos Anos Sessenta e da Luta Contra o Estado Novo*, Lisboa, FCSH, 1997.
- ELIADE, Micrea, *Aspectos do Mito*, Lisboa, Edições 70, s/d.
- *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*, Lisboa, Verbo, 1999.
- FEIJÓ, François, *Histoires des Démocraties Populaires – Après Stalin (1953 – 1979)*, Paris, Éditions du Seuil, 1969.
- FILOCHE, Gérard, *Printemps Portugais*, Paris, Édition Actéon, 1984.
- FURET, François, *Revolutionary France 1770-1880*, Oxford, Blackwell Publishing, 2008.
- FURET, François, *La Révolution – De Turgot à Jules Ferry, 1770 – 1880*, Paris, Hachette, 1988.
- GUIONNET, Chistine & NEVEU, Erik, *Féminin/Masculin – sociologie du genre*, Paris, Armand Colin, 2004.
- HAMON, Hervé & ROMAN, Patrick, *Génération*, Paris, Éditions du Seuil, 1987, 2 vols.
- *Histoire des Droites en France* (dir. Jean-François Sirinelli), Paris, Gallimard, 1992.
- *Histoire des Femmes en Occident* (dir. Georges Duby e Michelle Perrot), Paris, Plon, 1992.
- *Histoire des Gauches en France* (dir. Jean-Jacques Becker e Gilles Candar), Paris, La Découverte, 2004.
- KASSEM, Fadi, “Les socialiste français face à la revolution démocratique au Portugal de 1974 à 1981”, *Revue d'Histoire Diplomatique*, nº 2, Paris, Société d' Histoire Diplomatique, 2008.

- *La France des années noires* (dir. Jean-Pierre Azéma e François Bédarida), Paris, Seuil, 1993.
- LÉVI-STRAUSS, Claude, *Mito e Significado*, Lisboa, Edições 70, 1978.
- LÖWY, Michael, *O Pensamento de Che Guevara*, Lisboa, Bertrand Editora, 1976.
- LÖWY, Michael & SAYRE, Robert, *Revolta e Melancolia*, Lisboa, Bertrand Editora, 1997.
- MACLEOD, Alex, *La Révolution Inopportune: les partis communistes français et italien face à la Révolution Portugaise (1973-1976)*, Paris, Nouvelle Optique, 1984.
- MESQUITA, Mário & REBELO, José, *O 25 de Abril nos Media Internacionais*, Porto, Afrontamento, 1994.
- MOORE, Barrington, *As Origens Sociais da Democracia e da Ditadura*, Lisboa, Edições 70, 2010.
- *Mundo Rural – Transformação e Resistência na Península Ibérica (século XX)* (coord. Dulce Freire, Inês Fonseca, Paula Godinho), Lisboa, Edições Colibri, 2004.
- MUÑOZ, Rafael Durán, *Contención y Transgresión. Las Movilizations Sociales y el Estado en las Transiciones Española y Portuguesa*, Madrid, Estudios Políticos, 2000.
- NOIRIEL, Gérard, *Les ouvriers dans la société française – XIX^e – XX^e siècle*, Paris, Éditions du Seuil, 1984.
- *O Fim das Ditaduras Ibéricas (1974 – 1978)* (coord. Encarnacion Lemus, Fernando Rosas, Raquel Varela), Paço de Arcos, Edições Pluma, 2010.
- *O Futuro Era Agora* (coord. Francisco Martins Rodrigues), Lisboa, Dinossauro, 1984.
- POULANTZAS, Nicos, *A Crise das Ditaduras – Portugal, Grécia e Espanha*, Lisboa, Presença, 1975.
- *Revolução ou Transição – História e Memória da Revolução dos Cravos*, (coord. Raquel Varela), Lisboa, Bertrand Editora, 2012.
- ROSAS, Fernando, *Salazar e o Poder – A Arte de Saber Durar*, Lisboa, Tinta da China, 2013.
- ROSAS, Fernando, “Ser e Não Ser – Notas sobre a Revolução Portuguesa de 1974 /75 no seu 40^a Aniversário” in *Vírus – Revista Política e de Ideias*, nº 5, Abril de 2014 (II Série).
- ROSS, Kristin, *May '68 and It's Afterlives*, London, Chicago Press, 2002.

- RUIVO, Francisco Felgueiras Bairrão, *Spínolismo: Viragem Política e Movimentos Sociais*, Lisboa, FCSH, 2013.
- TRAVERSO, Enzo, *À Feu et À Sang – de la guerre civile européenne 1914 – 1945*, Paris, Éditions Stock, 2007.
- VANEIGEM, Raoul, *A Arte de Viver para a Geração Nova*, Lisboa, Letra Livre, 2014.

Libération

27, rue de Lorraine, 75019 PARIS. Tél. : 202-90-60

Directeur : Jean-Paul Sartre

Suisse 1F Belgique 8F • 1F •

Vendredi

26

avril

1974

2^e année

n°229

Le coup d'état au Portugal

UNE DUALITE DU POUVOIR

hier en fin d'après-midi



Les troupes du Mouvement des Forces Armées devant le ministère de l'Armée hier à Lisbonne (UPI)

C'est aux premières heures de ce jeudi matin que l'on apprenait qu'il se passait quelque chose du côté de l'armée. Peu après il se confirmait que le régiment de Santarém, à quatre kilomètres de Lisbonne, faisait marche sur la capitale après avoir arrêté le commandant en second de cette garnison. De Lisbonne le régiment du 2^e sapeur avait déjà occupé le poste important de Radio Club portugais, un des plus écoutés du pays. A partir de ce moment les communications du mouvement se succèdent très rapidement, donnant comme origine « le poste de commandement du Mouvement des Forces Armées ». Peu après on apprenait que 29 unités avaient adhéré au mouvement, puis on annonçait que le poste émetteur du gouvernement de Monsanto, colline qui domine Lisbonne, était aux mains de la marine. Enfin, on apprenait l'arrestation de trois ministres, ceux de l'Intérieur, de la Défense et de l'Armée, qui se trouvaient détenus au ministère de l'Armée gardé par des tanks appartenant, semble-t-il, aux deuxièmes lanciers motorisés.

Le gouvernement Caetano aurait capitulé à la suite d'un ultimatum des forces armées qui expirait à 13 h - heure locale - (12 h GMT). La nouvelle de cette rébellion s'est répandue comme une trainée de poudre dans les rues de Lisbonne en fin de matinée. Les forces armées qui se trouvaient dans les rues de la capitale ont été acclamées par une foule importante qui criait « victoire, victoire ». Vers 12 h 45 locales, des forces armées ont installé des canons en batteries couvrant la caserne de la garde républicaine située dans le centre de Lisbonne. Des tirs sporadiques ont été enregistrés. Tous ces mouvements de troupes semblent confirmer la rumeur selon laquelle le président de la République, l'amiral Americo Thomas, et le président du conseil M. Marcelo Caetano, dont on était sans nouvelle, auraient cherché refuge dans cette caserne. Un ultimatum a été lancé à cette caserne à 15 h locales par le commandement du Mouvement des forces Armées.

Le Mouvement des forces armées déclarait que son action avait été déclenchée « pour libérer le pays du

régime qui le contrôle depuis longtemps ». Il affirmait traduire ainsi les sentiments du pays et annonçait sa détermination de lutter. D'après les propos que l'on peut échanger avec des soldats dans la rue, il apparaît que le mouvement comprend beaucoup de sergents, lieutenants, capitaines. Le nom d'aucun général n'a jusqu'à présent été prononcé. Le fait que des ministres aient été arrêtés, exclut, selon certains observateurs, la possibilité que le coup déclenché jeudi matin soit un coup d'extrême-droite comme diverses personnes le pensaient au début. On apprend, en fin d'édition, que le gouvernement reste en fonction et s'efforce de contrôler la situation. D'après une proclamation du Mouvement des Forces Armées, le pouvoir aurait été remis à une « junte de Salut National » à laquelle « il a été demandé son engagement sur les grandes lignes du programme du mouvement des Forces Armées. Il s'agit d'un programme de restitution au peuple portugais des libertés civiques dont il a été privé ».

AFP

INITIATIVES OUVRIERES

Les mécanos réparent et se paient à Lorient

En deux jours : 250 voitures réparées gratis, 4 millions d'AF de chiffre d'affaire en moins pour les patrons.

Cité Allende, tout près de l'arsenal, une banderole : « garages - réparations gratis ». Une file de voitures s'engouffre dans la cour. Là, une centaine de mécanos des six garages en grève réparent les véhicules de toutes marques depuis mardi matin. Ça va du lavage, lustrage, remise en état de la carrosserie, jusqu'à la boîte de vitesse, les segments en passant par les freins, la peinture et l'électricité.

Les voitures prises en charge par des délégués de chaque marque sont dirigées sur des équipes selon les réparations à effectuer. Un mécano de Citroën s'occupe d'une Renault et si quelque chose cloche, il fait appel à un gars de chez Renault. Les cadences vont bon train. Pourtant les gars vont boire leur coup, discutent avec les clients. Ce soir à 18h30, tout était réparé. Le carnet de rendez-vous est

chargé pour demain. On raconte l'histoire de la vieille dame, amenant sa 3CV pour réparer son carburateur. Elle repassera dans une heure. Le temps de faire quelques courses, elle revient et voit sa voiture débarrassée, nettoyée et réglée. Elle n'en revient pas. Un autre client vient pour une vidange, paye l'huile et dit : « je connais le prix de l'opération dans le commerce. La différence, je la mets dans la caisse de grève. ». Le soutien d'organise. Au bout de 2 journées, 4.000F ont été récoltés, de quoi tenir un peu. A Lorient, on se souviendra des mécanos. On saura qu'ils sont les moins payés sur la place de Lorient et qu'ils font partie de ces 28% d'ouvriers spécialisés en France qui gagnent moins de 1.400F, qu'ils demandent désormais pour 40h de travail par semaine, un salaire mensuel de 1.350F au lieu de 1.040 pour les OS1, 1.500F au lieu de 1.130 pour les OS2, et 1.827F au lieu de 1.390F pour les P3, plus le 13ème mois, en bref le réajustement sur les métaux de Lorient. (PAGE 7)

Forum des luttes décidé par les employés de banque

Le forum que les employés de banque en grève avaient projeté d'organiser, aura lieu à fin mai. La date du 26 mai a été avancée.

La décision définitive a été prise lors d'une réunion commune, lundi soir, par les ex-comités de grève des trois banques nationalisées et des représentants de Paribas.

Le souhait des initiateurs est d'associer très largement pour son organisation l'ensemble du secteur bancaire, l'ensemble de tous ceux qui étaient dans la lutte, dans la rue, hier.

Des contacts ont été pris dès jeudi avec les entreprises dont les luttes actuelles ou récentes présentent un aspect particulièrement marquant de l'évolution du mouvement ouvrier. Un mouvement dans lequel les gens ont ressenti un autre besoin.

Six commissions ont été constituées :

- Coordination avec les autres luttes.
- Thèmes de discussion lors du forum (bilan par rapport à l'organisation du départ de la grève, aux syndicats, à la prise de conscience, aux nouvelles formes de luttes).
- Audio-visuel.
- Animation.
- Finances.
- Propagande.

Un bureau permanent fonctionne depuis jeudi matin. Les employés de banque entendent bien marquer leur autonomie. Ils s'en donnent les moyens !

LEVÉE DU LOCK-OUT A LA BOURSE

Le lock-out de la Bourse a été levé hier par la direction de la Compagnie des Agents de Change. Ce lock-out décidé le 8 mars cherchait à briser le mouvement des commis d'agent de change qui avaient déposé un cahier de revendications et mis en place une série de débrayages aboutissant au blocage des cotations de valeurs. Mais le mouvement ne s'est pas résorbé, loin de là, et devant l'ampleur de celui-ci la Compagnie des Agents de change a préféré lever le lock-out avant même que les négociations aient abouti à un accord. La direction a néanmoins appelé à un vote mardi prochain sur ses propres propositions malgré qu'elles soient refusées en assemblée générale du personnel.

Les cotations de la Bourse ne sont néanmoins pas prêtes de reprendre de sitôt. Cela dépend en effet à la fois des résultats du vote et des décisions du personnel.

(Voir nos informations en page 2)

Un appel des immigrés

Vigilants vis-à-vis des promesses gouvernementales, concernant l'obtention d'un contrat de travail, et pour ne pas briser la communauté, qui s'est créée lors d'une grève de la faim de 18 jours, les travailleurs immigrés, arabes, pakistanaïes et mauriciens de la rue Dulong, ont décidé d'effectuer la réanimation sur place. C'est leur réponse aux tentatives de division, qu'a essayé le gouvernement.

Pour mener ce combat, ils ont besoin qu'ils expriment une solidarité effective, autour de leur action.

Au soutien moral s'ajoute de manière plus qu'URGENTE la nécessité d'un soutien financier immédiat.

Ils manquent absolument de tout.

Adressez votre soutien au CCP Gallimardet 175115 Paris.

Sommaire

Page 6: Procès
CFDT-CDR

Page 8: Justice

Page 10: Petites
annonces -
gratuites

Page 11: Les
Comités
Libération

Libération

27, rue de Lorraine, 75019 PARIS. Tél. : 202-90-60

Directeur : Jean-Paul Sartre

Lundi

29

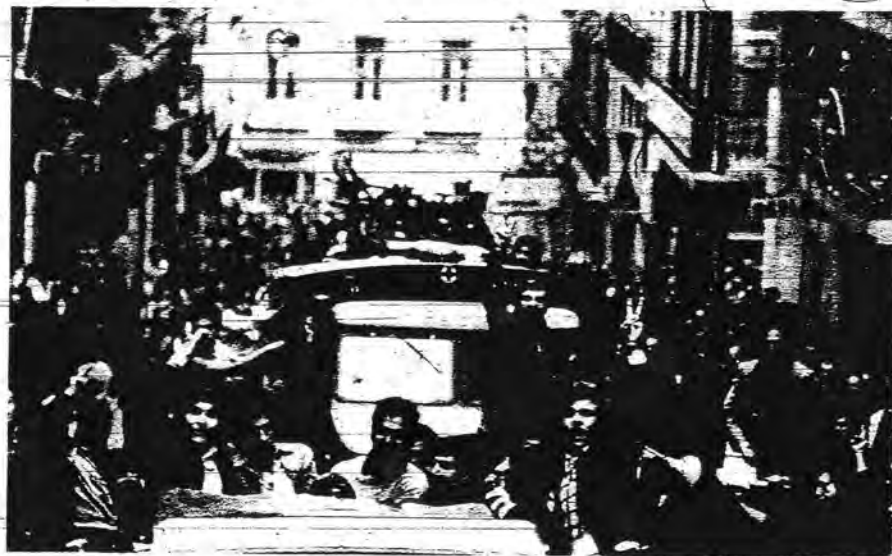
avril
19742^e année

n°231

PORTUGAL UN CRI:
« Liberdade ! »

- Le pays enferme sa géstapo
- Le premier Mai, autorisé
- Le « plan démocratique »
des militaires se réalisera-t-il ?

Le retour à Lisbonne de Mario Soares, dirigeant du Parti Socialiste clandestin, a sans aucun doute constitué l'événement de ce dimanche. Accueilli à midi à la gare par des milliers de personnes qui scandaient « le peuple uni ne sera jamais vaincu », le leader socialiste a été reçu aussitôt par la junte. L'accueil populaire s'est traduit par un rassemblement des forces de gauche (moins les maïstes du MRPP et les militants du « Parti Révolutionnaire du Proletariat » dont le mot d'ordre se résume dans la formule suivante : « Ni provocation, ni appui » à la junte) où se sont retrouvés dans les embrassades émouvantes de vieux militants sortis de la veille de plusieurs années de prison et d'exilés venus de toutes les parties du monde. Avant d'être reçu par la junte Mario Soares avait prononcé un discours et tenu une conférence de presse, aux côtés de Antonio Dia Lourenço, dirigeant communiste, libéré samedi de 17 ans de prison, conférence au cours de laquelle, selon l'AFP, il a donné l'impression qu'il était prêt à prendre la tête du premier gouvernement civil d'union nationale sous l'égide de la junte. Il a par ailleurs insisté sur la nécessité de l'union de la gauche. Mais le général Spínola a précisé que le nouveau régime ne doit pas apparaître comme une nouvelle dictature de droite ou de gauche. Le grand test à cet égard sera le premier mai.



« Est-ce que tu sais ?... Est-ce que tu sais ? » In-
terrogation bredouillée à de
multiples reprises, au télépho-
ne, par un journaliste de Porto
(Portugal), dimanche midi...
48 ans de mûrisme total...
Aujourd'hui, c'est le soulage-
ment le « oui ». Un heu-
re de paroles à l'antenne...
Le torrent verbal s'interrompt
lorsqu'un collègue chipe l'appar-
ail pour profiter lui aussi de
l'antenne. Les renseigne-
ments abondent les pré-
visions fusent sans censure...
Porto Dimanche 10h télé-
phone.

Qu'en passe-t-il ?

Ici, tout est calme. Hier
(samedi), il y a eu des grandes
manifestations des démocra-
tes de Porto, mais l'évène-
ment principal, c'est la réu-
nion à Coimbra des Commis-
sions électorales du Portugal.
Quelle est la situation mili-
taire ?

Normale en ce moment. Ici,
à Porto nous suivons la situa-
tion à partir des journaux. Le
peuple s'adapte lentement à
une situation nouvelle pour
des gens de générations dif-
férentes. Il y a des hésitations,
mais on remarque que le

Qu'est-ce que le régime
des « capitaines » ?

Des personnes qui ont fait
une expérience interne, dans
un régime de peur, de perte
de la peur. L'expérience de la
guerre Outre Mer. Ils ont pris
conscience de toutes les im-
passes du régime, dans une
situation très concrète et très
contradictoire. Cette expé-
rience nous ne l'avons pas
vécue, nous les journalistes.
Notre opposition pouvait être
idéologique, les militaires
n'avaient pas cette prépara-
tion idéologique qu'ont les
intellectuels, les ouvriers dans
leur expérience concrète de

l'exploitation. Cela, les mili-
taires l'ont vécu face à l'im-
possibilité dans laquelle se
trouvait le régime de vaincre
la guerre. C'est donc une
expérience incomplète, parti-
elle, et je ne sais pas jusqu'à
quel point ils auront une
conscience démocratique.
C'est une expérience qui a ses
limites, mais dont les consé-
quences sont énormes.

La démocratie du régime
va-t-elle être effective ?

Nous l'espérons, mais pour
le moment, cela est du do-
maine de l'inconnu. Nous ne
savons pas jusqu'à quel point
ils pourront accomplir le pro-
gramme qu'ils définissent en
ce moment. Ce programme
est moins que ce que récla-
maient les couches conscien-
tes de l'opposition, même si
ce qu'elles demandent est
modeste. Mais il est beau-
coup plus que ce qu'exigeait
la couche « marginale », du
peuple portugais, car il a une
grande ignorance de ses
droits. Le peuple portugais ne
connaît même pas ses droits.
Il s'éveille maintenant à la vie
politique. Ce que l'armée est
en train de faire, c'est plus
que ce à quoi le peuple
portugais estimait avoir droit.

DEMAIN
DANS LIBÉ
CHABAN
ET LES SACS
GISCARD
ET L'EXTRÊME
DROITE
DES INFORMATIONS
SUR LES "ALLIANCES
SECRÈTES" DES
CANDIDATS DE LA
MAJORITÉ.

Pour un forum et une fête

Aucun des mouvements
significatifs de ces derniers
mois n'a eu de réelle possi-
bilité d'expression dans cer-
te période ou un change-
ment politique est possible.

Tout est décidé, formulé,
décreté, au sein des partis
ou organisations importan-
tes, qui même sans le vou-
loir, divisent comme la ma-
jorité, la France en deux
d'une manière simpliste.

Les minorités pourtant
sont multiples. Chacune est
portueuse d'un élément vi-
tal : — Femmes qui luttent
pour transformer leurs con-
ditions. — Travailleurs, im-
migrés qu'on traite comme
du bétail. — Handicapés
que le système voudrait voir
créer. — cultures origina-
les broyées sans cesse par la
culture française. —
gauche syndicale étouffée
par les appareils. Trop
de minorités sont privées de
droits, de pouvoir et de
parole alors qu'elles sont
peut-être déjà une majo-

rité... Ne nous retrouvant
pas assez dans la campagne
électorale, nous voulons
nous réunir tous ensemble
pour échanger nos expé-
riences et préparer nos lut-
tes à venir, tout en appren-
ant à se connaître et à se rap-
procher.

Signé par :

Le comité de défense des
droits et de la vie des tra-
vailleurs immigrés, les im-
migrés grévistes de la faim
de la rue Dulong. Des
travailleurs des banques,
d'Olivetti, de Darbois, de
Rateau, des membres du
comité de soutien au candi-
dat écologique, se sont réu-
nis le samedi 27 avril pour
discuter du projet d'un ras-
semblement de tous ceux
qui n'ont pas la parole. Ils
appellent à une réunion
lundi 29 avril à 20 heures
72 avenue Félix Faure, Pa-
ris 15^e, métro Boussicaud
ou Lourmel pour envisager
l'organisation de ce rassem-
blement.

Soulagement et

LIBERTE RETROUVEE OU DEFOULEMENT TEMPORAIRE ?

Vendredi, le ralliement des forces armées au nouveau régime était total. Celles-ci occupaient toujours quelques secteurs de la capitale et poursuivaient les arrestations des anciens agents de la DGS (ex-Pide-police politique). Ainsi, dès vendredi matin, 40 policiers étaient arrêtés à la prison politique de Caxias. Dans la courant de l'après-midi, en province, l'armée occupait les locaux de la DGS de Porto et prononçait sa dissolution et celle de la Légion Portugaise (police supplétive) de cette même ville. En fin d'après-midi, la junte décidait la fermeture de la frontière hispano-portugaise. Elle annonçait également la libération de 114 prisonniers politiques et le maintien en prison de « ceux dont l'action aurait entraîné des actes criminels ».

L'appui des organisations politiques

Ce même jour, le Parti Socialiste portugais clandestin apportait son soutien à la junte. Le Parti Communiste portugais, pour sa part, publiait dans le soir un communiqué rendant hommage aux forces armées qui « ont renversé la dictature fasciste ». Il poursuivait en demandant à la junte l'amnistie générale des prisonniers politiques, les libertés démocratiques, la fin de la guerre coloniale, la fin de l'indépendance, l'augmentation des salaires et la dissolution de la police politique. Enfin, la « Commission démocratique électorale », qui appuyait les candidats de l'opposition aux dernières élections législatives a salué « la mort du régime Salazar » et rendu hommage aux forces armées. Elle réclame la fin de la guerre coloniale, les libertés démocratiques et syndicales, le droit de grève et des élections libres pour une assemblée constituante. Elle appelle la population à manifester dans les rues pour ces objectifs. Cette « commission » est à peu près aussi hétéroclite que la coalition qui soutient la junte puisqu'elle comprend des libéraux, des gens de gauche, des technocrates « éclairés » et des monarchistes dissidents.

Manifestations populaires

La journée de vendredi a surtout été marquée par de nombreuses manifestations populaires. Dans l'après-midi, un certain nombre de cortèges a sillonné Lisbonne au cris de « socialisme-socialisme ». Des manifestations se sont également déroulées devant le

siège du journal *Epoca*, organe du parti de Caetano. Des automobiles appartenant au journal ont été brûlées et les locaux voisins de la commission de censure de la presse (qui a cessé ses activités jeudi) ont été « saccagés ». Aussitôt, les forces armées ont appelé les

pour la première fois depuis 48 ans, l'Internationale a été chantée en public au cours d'une réunion d'étudiants de l'Université de Lisbonne. On peut se demander si les appels au socialisme lancés à l'armée seront entendus par le nouveau régime et s'il tolérera long-

logie de gauche. Ils ne pourront la défendre qu'en respectant ces deux conseils.

Les tribulations des ex-agents de la DGS



Arrestation des membres de la police politique. Une Gestapo qui sévissait depuis cinquante ans. (Photo AFP)

manifestants à la modération pour « ne pas gâcher les résultats obtenus ».

Certains agents de la DGS arrêtés après avoir tiré sur la foule dans la matinée et détenus au QG de la DGS ont été conspués par la population au cris de « assassins ». L'armée s'est efforcée de maintenir à distance les manifestants.

La réouverture des magasins, des banques et des cafés et la reprise du travail n'ont pas empêché que la journée s'achève par une manifestation de masse d'une ampleur inédite, sur la place Rossio, à Lisbonne. Deux heures durant, drapeaux rouges, tracts, frappe de la faucille et du marteau et œillets rouges distribués par des jeunes ont symbolisé une liberté retrouvée. Le PC profitait de l'occasion pour diffuser des tracts invitant à célébrer un « premier mai rouge ». La foule, elle, a acclamé et applaudi l'armée qui a ensuite quadrillé la place.

Dans la soirée, un groupe de manifestants qui arborait une banderole exigeant « la fin de la guerre coloniale » a défilé librement pendant plusieurs heures en exhibant d'autres pancartes qui réclamaient « la liberté des syndicats ». Enfin,

temps ce déploiement de drapeaux rouges? Les jours qui viennent devraient nous renseigner à cet égard.

«Le grand défolement»

Samedi matin, tous les magasins étaient ouverts, certains avec une devanture cassée. Les gens étaient plus nombreux à se rendre au travail et les soldats armés avaient pratiquement déserté les rues. La population faisait preuve d'une inhabituelle avidité pour une presse désormais libre de toute censure. « Lisbonne reprend sa vie normale, mais l'atmosphère a changé. C'est le grand défolement qui se traduit pas des coups de klaxon et par des attroupements spontanés », note le correspondant de l'AFP. Liberté retrouvée ou soupape de sécurité provisoirement tolérée par le régime? A midi, le général Spínola a reçu les directeurs de journaux : il a précisé à cette occasion que les forces armées devront être distinctes du gouvernement et il s'est engagé à respecter les principes démocratiques. Mais, il a également recommandé « le calme et la modération » à ceux qui professent une idéo-

Judi soir, la foule avait tenté de lyncher six agents de la DGS qui venaient de se rendre. Samedi après-midi, cette même foule attendait le transfert de 200 agents de cette même DGS. Celui-ci s'est effectué sous la protection de l'armée qui garde encore le QG de la DGS. Un peu plus tard, la foule a essayé de lyncher deux ex-agents de la DGS après les avoir lapés et frappés. L'armée a tiré en l'air pour les protéger. L'armée a arrêté 175 agents de cette police politique et en a 200 autres se sont enfuyés de leur QG par un souterrain.

Le premier Mai

Le mouvement maoïste MRPP, dont le siège est à Alger, a organisé samedi après-midi une manifestation d'une centaine de personnes avec drapeaux rouges, poings levés et banderoles contre la guerre coloniale. Au cours de la nuit, ce mouvement avait peint en rouge sur les murs et les vitrines des magasins, des inscriptions réclamant « un premier mai rouge ». La junte a autorisé aujourd'hui la célébration du 1er Mai, en demandant aux leaders de faire respecter la discipline. Quelle sera donc la couleur de ce « premier mai » portugais depuis 48 ans?

UN NOUVEAU PROGRAMME POLITIQUE POUR LE PORTUGAL...

...ET POUR LES COLONIES

C'est le général Spínola lui-même qui a présenté, vendredi matin à la presse le programme de la « Junte du Salut National ». La conférence de presse avait été convoquée dans le quartier général du mouvement des forces armées, à la caserne de Pontinha, dans les faubourgs de Lisbonne. Le texte qui a été remis aux journalistes s'articule autour de trois points principaux :

Il y a tout d'abord toute série de mesures qui concernent la liquidation de l'ancien régime fasciste de Salazar afin de permettre à la Junte de Salut National d'exercer le pouvoir politique jusqu'à que soit formé un gouvernement provisoire. Il y a que la Junte a choisi un président et un vice-président dans un délai de trois semaines. La junte a décrété la destitution de l'ancien président de la république, la dissolution de l'assemblée nationale et du conseil d'état, ainsi que du seul parti politique, antérieur de l'ancien régime, l'Action National Populaire. Elle a également destitué les gouvernements civils de l'intérieur et les gouvernements généraux des provinces d'outre-mer. Enfin, ex-quo concerne la police politique, la DGS (police de sûreté politique, ex-Pide) ainsi que la légion portugaise (police supplétive) ont été dissoutes mais la DGS « réstructurée et assainie » subsistera pour les colonies d'outre-mer.

La deuxième série de mesures portait d'assurer la transition pendant la « période d'exception » : la junte sera maintenue assurée-t-on pendant la période d'exception du gouvernement provisoire qui prendra fin avec l'élection du président de la république et la mise en place de l'Assemblée nationale constituante. En accord avec la nouvelle constitution politique, en fait, il semble bien que la junte disparaîtra pour se fondre dans le gouvernement provisoire. Pendant cette période transitoire, le gouvernement provisoire gouvernera par décrets-lois dans le surs des réformes de fond qui seront ensuite adoptées par la future Assemblée Nationale Constituante. Mais elle s'engage d'ores et déjà sur un certain nombre de points notamment :

sur l'application de mesures garantissant le futur exercice des libertés politiques des citoyens, la liberté de réunion et d'association, la liberté syndicale (en accord avec une loi qui réglementera le fonctionnement de la liberté de presse et d'expression, des mesures permettant d'assurer l'indépendance du pouvoir judiciaire et la suppression des tribunaux spéciaux.

La troisième série de mesures concerne la position du nouveau gouvernement par rapport aux colonies africaines. La junte proclame que la nation décidera de la politique à suivre en s'inspirant de trois principes : 1) la solution des guerres dans les colonies d'outre-mer est politique et non militaire. 2) la création de conditions pour que vengent un débat franc et ouvert au niveau national du problème de l'outre-mer. 3) la mise en application d'une politique dans les territoires de l'outre-mer conduisant à la paix.

La junte n'a rien de concret sur l'arrêt de la guerre et l'indépendance des colonies, au contraire, un certain nombre de mesures peuvent faire croire à la poursuite de la guerre. La DGS, police politique sera réstructurée et assainie pour devenir une police de renseignement militaire pour les colonies, si les opérations militaires l'exigent. D'autre part, la junte s'engage à « respecter » les engagements internationaux de l'ancien régime, voulant des traités en vigueur, or le premier ministre rhodésien Ian Smith déclarait en novembre dernier qu'une convention existait entre la Rhodésie et le régime portugais qui autorise les forces de sécurité rhodésiennes à franchir en cas de besoin la frontière de Mozambique et à poursuivre les guérilleros opérant en Rhodésie, jusqu'à dans leur retraite en territoire mozambicain.

En outre, Spínola a déjà déclaré qu'il entendait, par ailleurs, ouvrir le dialogue avec les leaders des mouvements de Libération. Rappelons que dans son livre « Le Portugal et son avenir », Spínola préconisait une autodétermination à l'intérieur d'un Commonwealth portugais. C'est autour du thème « solution politique et non uniquement militaire » que s'est soulevée la junte. On peut donner plusieurs interprétations à cette « solution politique » : les militaires sont-ils eux-mêmes d'accord entre eux? L'indépendance réelle, l'autonomie limitée, et la mise en place de gouvernement autochtone tamponne, toutes les manœuvres sont possibles. Les mouvements de Libération ne sont pas dupes et leur réactions prudentes le prouvent.

incertitude au Portugal

Après les tentatives avortées du 15 mars dernier, les jeunes capitaines et officiers du « Mouvement des Forces Armées » ont semblé s'être perdus dans l'incertitude. Mais la crise qu'il a entraînée est profonde et elle met en évidence la fragilité du gouvernement de Caetano.

Aujourd'hui c'est ce mouvement de jeunes capitaines qui a renversé en moins de 24 heures, 48 ans de Salazarisme, 48 ans de dictature bornée et absolue sur le plus pauvre des pays de l'Europe.

En mouvement républicain, les jeunes, là-bas, en Afrique, un mouvement profond, un large mécontentement contre une guerre coloniale poursuivie d'échec en échec depuis trente ans. Un effacement de la guerre infamante, rétro, ajout d'années en années qui creuse de 50% le budget national de la métropole.

L'entretien d'une armée coloniale considérable (150 000 hommes pour les trois colonies), un service militaire de 4 années consécutives, une situation militaire qui se dégrade chaque année un peu plus, autant d'éléments qui conjuguent un mécontentement populaire gigantesque contre la guerre avec une situation économique du Portugal, n'hésitant pas à le qualifier de « pays sous-développé ». Sous-développé, ce petit pays qui mène une guerre coloniale avec autant d'acharnement que les américains l'ont fait au Vietnam?

De toutes façons, une telle guerre, une guerre impopulaire, hanc par les jeunes qui désertent l'armée coloniale en masse, à tel point que l'un a pu compter l'année dernière 16 000 déserteurs pour 30 000 appelés. Et puis, une situation militaire

catastrophique, avec une armée de plus en plus accablée en Guinée-Bissau par l'offensive du Païga qui consolide ses positions sur les deux tiers du territoire qu'il a déjà libéré, avec une reprise extrêmement forte des mouvements de Libération en Angola, avec au Mozambique une avancée récente des guérilleros sur trois cent kilomètres, et en plus de cette armée « crevée » par les déserteurs et les sabotages des avions abattus par la DCA de l'ennemie, surtout en Guinée.

Enfin une guerre qui coûtait cher, trop cher: une guerre qui ne correspondait plus aux intérêts des firmes portugaises surgissant dans le secteur agri-forestier. Une guerre qui tentait également en contradiction avec les intérêts d'autres compagnies européennes, américaine et brésilienne car il devenait difficile

pour ces trusts de s'implanter à la fois dans des pays indépendants et dans les colonies portugaises à partir du moment où ces pays indépendants jouaient les mouvements de Libération dans ces colonies. C'est dans cette position en fourche que les compagnies étrangères se débattaient depuis plusieurs années et les firmes portugaises pâtissaient également de cette situation.

LA BOMBE SPINOLA

C'est dans ce système extrêmement bloqué qu'une « solution miracle » est apparue: c'était la bombe Spínola avec son bouquin. Un livre qui disait noir sur blanc ce que beaucoup pensait: un livre qui énonçait une vérité simple: le Portugal ne peut gagner cette bataille par les armes, il faut négocier un tirage, amorcer une nouvelle étape.

Cette nouvelle étape a commencé, jeudi dernier, elle arrive à point nommé pour un peuple las de la guerre et d'un demi-siècle de dictature étouffante et odieuse. C'est ce qui explique l'impact immédiatement populaire qu'ont rencontré les militaires, les manifestations spontanées de vendredi et de samedi en sont la preuve. Si les rues de Lisbonne sont pleines et résonnent aux cris de « Liberté! » depuis trois jours, si le peuple applaudit les militaires qui arrêtent les membres de la sinistre police politique, si l'opposition traditionnelle apparaît au grand jour, c'est qu'aujourd'hui la « solution » du mouvement des officiers rejoint, du moins dans un premier temps, un courant populaire extrêmement profond. Un mouvement populaire qui se prononce d'emblée contre toute poursuite de la guerre.

contre le fascisme, et également contre les conditions de vie extrêmement dures qui sont celles de la grande masse des portugais depuis 48 ans.

C'est selon nous l'essentiel qu'il faille souligner dans un premier temps, avec cette remarque supplémentaire et elle est de taille pour la première fois depuis la guerre, un mouvement de contestation au sein d'une armée provoquée une « libération » d'un régime fasciste, permet la libération des prisonniers politiques et annonce des élections démocratiques. Une annonce est en soit suffisamment importante pour mériter une analyse supplémentaire d'autant que les contestataires, qui ne se seraient pas plutôt libérés des mouvements en sens inverse, six mois après l'ouverture des « hostilités » au Chili, c'est le moins que l'on puisse dire.

P.B.

LE BRESIL ET LE COUP D'ETAT

La presse brésilienne dans son ensemble communique favorablement le coup d'Etat au Portugal et estime que le mouvement déclenché par l'armée répond aux souhaits d'une population fatiguée par la guerre et qui exigeait des réformes nouvelles pour le pays. Le Journal du Brésil demande au Brésil de reconnaître rapidement le nouveau régime en place à Lisbonne. Le quotidien O Estado de São Paulo qualifie le régime Caetano des termes « rétrograde » et « réactionnaire ». Le journal se demande par ailleurs s'il ne serait pas souhaitable avant d'organiser des élections de recueillir les masses et de leur réapprendre à faire l'usage de la liberté de pensée, de réunion et d'association et d'expression. On pourrait croire que ce discours s'adresse au gouvernement brésilien.

L'hostilité des réactions de la presse d'un pays allié rétrospectivement au Portugal est d'autant plus curieuse que l'Amérique du Sud, certes, mais le coup d'Etat de Lisbonne a été perçu d'un point de vue très positif par les relations politiques et commerciales du Brésil avec l'Afrique, celle depuis plus de deux ans de l'expansionnisme brésilien. La plupart des pays d'Afrique se montrent en effet réticents à l'égard d'une puissance qui entretient des relations privilégiées avec un Portugal qui, pour les trois territoires africains de l'Angola, du Mozambique et de la Guinée-Bissau.

J.E.



En souriant... mais les troupes rebelles contiennent la foule... (note AFP)

pour la première fois depuis un demi-siècle

LA CENSURE EST LEVEE DANS LA PRESSE PORTUGAISE

Les journaux portugais, pour la première fois depuis près d'un demi-siècle traitent librement Vendredi de l'actualité: aucun d'eux ne semble plus se préoccuper de la censure: le O Seculo, indépendant, insiste sur le fait que « la presse, la radio et la télévision ont pu exercer leurs fonctions d'information du public sans subir d'intervention humiliante des commissions de censure ou d'examen préalable ». Vendredi soir, le journal Republica, qui était le

plus opposé à l'ancien régime, imprimait au bas de la 1ère page « Ce numéro a été copié sans avoir été soumis à aucune commission de censure », alors qu'auparavant il devait préciser: « vu par la censure ». La vente des journaux a d'ailleurs augmenté à Lisbonne depuis le succès du Mouvement des Forces Armées. Par ailleurs, le général Spínola a reçu Samedi les directeurs des journaux portugais.

FRANCE PORTUGAL le pétrole à l'eau?

Le coup d'Etat de l'armée a-t-il avoir des incidences sur les relations franco-portugaises? Car la France de Pompidou entretenait d'excellents rapports avec le régime fasciste portugais (comme avec celui de Franco). A preuve: un contrat a été signé il y a peu de temps entre la compagnie pétrolière Petrobrás et deux compagnies françaises, Technip (engineering) et Proconfrance (filiale d'un groupe d'engineering américain). Il s'agit de construire une raffinerie d'une valeur d'un milliard de francs à Cabo de Sines (170 km au sud de Lisbonne) qui aura une capacité de 10 millions de tonnes en 1976, un exemple parmi d'autres.

APPEL DE LA JUNTE AUX ETUDIANTS

La Junte de Salur National a levé toutes les mesures restrictives qui frappaient certains établissements de l'enseignement supérieur. Les poursuites contre certains étudiants sont abandonnées et la Junte a demandé aux enseignants et aux étudiants « leur confiance, leur compréhension, et un haut degré de civisme qui lui sont indispensables pour mener à bien son œuvre dans un climat de tranquillité ». Le 11 Novembre 1972, après de nombreux incidents, les hôpitaux avaient été placés sous contrôle militaire et depuis lors une agitation latente et parfois explosive régnait parmi les étudiants en médecine.

REACTION DES COLONIES

Le premier mouvement de libération à réagir avec le Païga de Guinée-Bissau est le général Spínola à un commandant en chef pendant plusieurs années et l'un se souvient très bien de ses massacres et des bombardements au napalm qu'il ordonnait. Le Païga prend une position très ferme « en renouveau notre lutte armée de libération nationale contre les troupes d'occupation ennemies et liquidant le plus grand nombre possible de leur force, nos rhétoriques armées révolutionnaires accélèrent la fin de l'ancien colonialisme portugais ».

Les mouvements de libération soulignent que la crise actuelle résulte des guerres coloniales et ils sont décidés à combattre jusqu'à l'indépendance totale: on a pu de mal à comprendre leur méfiance envers celui qui fut le plus fidèle précurseur du régime fasciste de Salazar en



Angola et en Guinée. D'autre part, comme le souligne le Païga, le renforcement des luttes des mouvements de libération constitue un « appui concret aux peuples portugais et aux forces saines de l'armée ».

Au Mozambique, Marcelino Dos Santos (Frelimo) aurait déclaré qu'il considère le coup d'Etat comme une « manœuvre » et qu'il ne peut pas, tant que pour l'Angola, Agostinho Neto (président du Mplá, principal mouvement pour l'Angola) a d'ores et déjà précisé que « la formule politique que le général Spínola, ce haut-officier pour résoudre la question coloniale, sera inacceptable, si elle n'est accompagnée de l'indépendance pure et simple de l'Angola ».

Que ce soit en Angola, en Guinée ou au Mozambique, toutes les réactions se rejoignent: la lutte continuera jusqu'à l'indépendance.

dossier de 4 pages

**l'Italie à la veille du référendum
sur le divorce**

Suisse 1F • Belgique 8F • 1F •

Libération

27, rue de Lorraine, 75019 PARIS. Tél. : 202-90-60

Directeur : Jean-Paul Sartre

Vendredi
3
Mai
1974
2^e année
n° 233

APRES LES MANIFESTATIONS DU 1^{er} MAI **LE PORTUGAL RESSUSCITE**

La Grande Bretagne a été le premier gouvernement à reconnaître le régime militaire portugais du général Spínola. Cette décision a été prise hier à la suite des entretiens que le Premier ministre M. Wilson a eus avec M. M. Soares, secrétaire général du Parti Socialiste portugais.

Hier également, le général Spínola a reçu l'ambassadeur des USA, M. Stuard Scott, ainsi que plusieurs personnalités industrielles et bancaires. M. Carlos Lorenzo, président d'une commission de coordination chargée des rapports avec la communauté économique européenne, a aussi été reçu par le chef de la junte. Toutes ces informations ont été données hier au cours d'une conférence de presse tenue par le porte-parole de la junte, qui a précisé qu'il appartenait au général Spínola de faire lui-même une déclaration au sujet des colonies. Quant aux déserteurs et aux insoumis, « on » a reconnu que « le problème était délicat » et qu'il convenait de distinguer des déserteurs par idéologie des déserteurs militaires. Les camarades qui sont partis à Lisbonne pour Libération reviennent ici sur ce qu'a été ce Premier Mai de fête.

LA POESIE EST DANS LA RUE

« Le peuple uni ne sera jamais vaincu », « A bas la guerre coloniale », « Mort à la PIDE », tels étaient les mots d'ordre que l'on entendait hier dans le stade de la FNAT (Fédération Nationale du Travail dans la Joie), qui gardait hier encore son appellation fasciste. Les orateurs des Commissions démocratiques, PS, PC, se sont adressés à la foule rassemblée et leurs discours étaient retransmis par la radio dans toutes les colonies.

Impossible de donner des chiffres : à la manifestation centrale comme un grand fleuve débordant de partout venaient se rejoindre sans cesse des manifestations secondaires.

Libéré des monstres et des fantasmes d'un demi-siècle de fascisme, le Portugal renaît. Sur les macarons de l'Association portugaise des écrivains on lisait : « La poésie est dans la rue ». Des milliers de personnes appartenant à des associations professionnelles, réclamaient aussi le salaire minimum et le droit de grève. Les paysans de Santarém demandaient le remplacement de la « Maison du Peuple » (organisation corporatiste) par des syndicats. Peuple et soldats défilèrent main dans la main sous les applaudissements. Aux fenêtres cha-

toyèrent les couleurs des couvertures des lits, sur lesquelles étaient épinglés des portraits de Che Guevara ou des drapeaux portugais. On a dansé dans la rue avec les « étrangers », groupe qui s'est improvisé en école de samba, on a fait des farandoles en portant des costumes typiques et en distribuant des tracts : celui du Mouvement Démocratique (MDM) demande, la fin de la guerre coloniale, l'ouverture des négociations avec les mouvements de libération, sur la base du droit des peuples à l'autonomie et à l'indépendance, la dissolution de la PIDE, le rapatriement des exilés politiques, la restauration des libertés fondamentales, le droit d'association, de réunion, et la liberté d'expression et d'opinion. Quant aux femmes, elles exigent un salaire égal pour un travail égal, la protection effective pendant la grossesse, des crèches et des écoles maternelles gratuites, ainsi que des cantines et des laveries à bon marché et enfin et surtout, le droit... à l'avortement !

Avant hier, les transports étaient gratuits ainsi que le péage sur le pont Salazar : encore un nom qui disparaîtra rapidement...

C.V.



TOUTE LA NUIT: LISBONNE ETAIT DEHORS

Dans la soirée on apprenait que la junte autorisait le retour immédiat de tous les exilés, sans que l'on sache encore le sort réservé aux déserteurs. Au cours de la soirée également, la junte publiait une liste de 26 officiers supérieurs de trois armées contraints de passer dans les cadres de réserves.

La liesse populaire, le vacarme des klaxons et les chansons se poursuivaient toute la nuit. « Marcello Caetano est dans l'île de Madère », parodie de chanson populaire - ouvrait les rangs à cette belle fête. Tout Lisbonne (un million d'habitants) était dans la rue. Par

ailleurs le mouvement maoïste a réuni une manifestation de quelques milliers de personnes. Les soldats de la marine précédant un immense portrait de Mao, ouvraient la marche. On pouvait voir des banderoles et des monceaux de fleurs rouges. Etaient présentes les fanfares de la police et des forces aériennes. Toute la soirée s'est passée, dans une atmosphère de fête, à laquelle se mêlaient de petits cortèges de manifestants revenant du stade.

Jusque vers une heure du matin, sur la place Rossio, des gens dansaient au son des guitares et se baignaient dans les fontaines.

● page 8
PENNAROYA-Lyon
Des ouvriers imposent
leurs médecins
aux négociations

● page 4
Le trafic de l'embauche

● page 3
**Régis Debray le
Jean Cau de la gauche**

● page 2
**Interview d'un militant
du Parti socialiste corse**

**EN
BREF...**

COLOMBIE (AFP)

Au cours d'un violent affrontement entre des étudiants et l'armée, un soldat a été blessé, onze personnes ont été arrêtées et plusieurs magasins endommagés par des jets de pierres à Popoyan, dans le sud-ouest de la Colombie. Les autorités n'ont pas donné le nombre des blessés du côté des étudiants.

Ces incidents ont éclaté lorsque l'armée a occupé l'Institut technique et industriel où divers problèmes avaient surgi entre les étudiants et la direction.

• •

Meeting du Comité de soutien à la lutte révolutionnaire du peuple chilien. Mercredi 8 mai, à 19 heures, 156, avenue de Vaugirard, Paris 15^e.

Chu Necker, enfant malade

Projection du film « Septembre Chilien »

Chanteurs

Débat sur la situation actuelle au Chili et les leçons de l'expérience chilienne.

• •

CHILI (AFP)

Cinq militants de l'Unité Populaire, condamnés à mort le 26 avril par le tribunal militaire de San Fernando, ont été graciés lundi par les autorités militaires et leur peine a été commuée en travaux forcés à perpétuité. Les cinq hommes, les étudiants Hector Puente Araos et Jose Balaguer Jara, les dirigeants ruraux Humberto Vargas et Miguel Gonzales, et l'ancien responsable de l'organisme chargé de la réforme agraire, Nelson Gonzales Poblete, avaient été condamnés à mort sous l'accusation de formation de groupes paramilitaires et de trafic d'armes. Ils ont été graciés par le général Jose Castro, chef de la zone de San Fernando, à cent-quarante kilomètres au sud de Santiago. Cette mesure avait été demandée par leurs avocats.

Le Comité de soutien à la lutte révolutionnaire du peuple chilien communique : « La condamnation à mort de cinq militants du PS chilien pour leur activité de résistance et de haute trahison démontre la haute trahison pour leur lien avec l'UP avant le coup d'Etat, est plus qu'un nouveau crime de la junte fasciste de Pinochet. La junte militaire tente aujourd'hui, pour briser son isolement, de donner une couleur populaire à ses assassinats ; mais la condamnation de cinq civils pour trahison militaire, l'accusation de haute trahison suffirait à supprimer les derniers doutes sur le sens de ces simulacres de procès. Seule une mobilisation massive internationale peut demain isoler et contrôler la junte ; nous pouvons, nous devons sauver les condamnés.

Le CSLRPC affirme son soutien inconditionnel à toutes les victimes de la répression fasciste au Chili, s'étonne qu'à la suite de la visite à Paris de Carlos Altamirano (secrétaire du PS chilien, il y a moins de deux mois, et des promesses de F. Mitterrand, du silence de la Gauche Unie et appelle tous les antifascistes à une manifestation.

Jeudi 9 mai, à 18 h 30, métro

PORTUGAL

**Les révolutions
dans les boutiques**

Christian Poulin



Manifestation de rues

Christian Poulin



**Université
de Lisbonne
Comme
en
68
à Paris**

Du moins pendant la première minute, il est évident ensuite que dans la situation actuelle n'importe qui apprend vite, très vite. L'assemblée composée dans sa majorité de « minettes » en quête d'un mariage honorable n'est pas caractéristique des problèmes de l'université portugaise. Elle montre bien certaines difficultés que rencontrent la plupart des travailleurs ici quand ils sont, après cinquante ans, sans débats, sans discussions, sans politisation, confrontés aux problèmes du moment : l'élimination d'anciennes structures, la création de nouvelles.

Le recteur, les doyens, ont été chassés dès les premiers jours qui suivirent le coup d'Etat. Voudraient-ils encore, la culture n'avait pas de « tête » officielle.

En même temps que les étudiants, dans un amphithéâtre plus petit, les profs discutent eux aussi de la situation.

D'un côté, si l'atmosphère est un peu molle, on sent quand même une volonté de politisation. « Nous ne voulons pas sortir d'ici simples technocrates, mais citoyens conscients et politisés. » Les débats s'éternisent souvent sur des points de détail ou de forme, mais la question est de savoir qui gouvernera l'université, de savoir quelle position prendre face aux profs.

La plus énergique de toutes les oratrices, de tous les orateurs, cheveux courts, œil volontaire, essaye d'expliquer « qu'il ne faut pas considérer les professeurs seulement en tant qu'hommes mais aussi en

Lisbonne le 6 mai. « Nous demandons à l'assemblée de ne pas applaudir, ça fait perdre du temps. » L'assemblée générale des étudiants de la faculté des Lettres de Lisbonne s'essaye à la démocratie, aux débats qui n'en finissent pas. Points d'ordre, refus de dialogue, interventions minutées, tous les problèmes rencontrés abondamment en 1968 ou depuis, se retrouvent ici. Les réactions sont les mêmes. On ne peut retenir un réflexe d'ancien combattant qui croit qu'il sait.

tant que professeurs. » Elle propose un débat de « conscientisation » dans lequel la « situation portugaise » serait étudiée. Elle s'adresse à la salle, mais tout le monde n'écoute pas. Les plus évidemment bourgeois chuchotent, certaines gamines sont choquées.

Tout le monde applaudit, par contre, un moustachu bien habillé qui affirme : « Les professeurs sont comme nous, nous pouvons avoir confiance en eux, dans leur capacité de s'intégrer dans le processus actuel. Nous devons les convier à participer à notre assemblée générale. »

« Dans une société de classe toute position politique est une position de classe. » La blonde à lunettes qui prend ensuite la parole commence ainsi son intervention. Elle le terminera dans une indifférence totale.

La séance est suspendue à l'heure du déjeuner après que l'assemblée ait décidé d'informer les professeurs qu'ils n'avaient aucun pouvoir et que tous les examens partiels qui devaient avoir lieu à partir du 6 mai étaient suspendus jusqu'à nouvel ordre. D'un côté les élèves, de l'autre les professeurs. Nous assistons à leur réunion de l'après-midi. Informés des discussions de l'assemblée générale du matin ils continuent leur « train-train » revendications salariales, amélioration de certains problèmes de gestion.

L'atmosphère est feutrée comme peut l'être le dos d'un rat. Des notes ronfotées sont sur toutes les tables.

Le pouvoir est ici, on ne peut s'y tromper. Surtout

quand on apprend qu'il y a sur un strapontin un représentant des employés (dont la plupart étaient informateurs) et que ceux-ci viennent de demander aux profs de régler la question des vacances (du samedi après-midi et celle de s'absenter pour aller aux toilettes. Mais cela n'est rien.

L'ASSAINISSEMENT

Un des problèmes les plus chauds aujourd'hui au Portugal est celui du « saíamento » : l'assainissement (on ne parle pas de purge, bien sûr). Il est fondamental, dans la mesure où il n'est pas, en théorie provocateur, car il se situe à l'intérieur de l'unité anti-fasciste, règle d'or du moment. Et pourtant, savoir comment le saíamento sera fait, permettra de comprendre l'importance de la droite, liée à l'ancien régime, de la gauche, respectueuse des bonnes règles, ou du peuple, qui souvent veut du sang, et même en certains cas, des « tribunaux populaires ».

« Je propose la réintégration de deux grands hommes de lettres expulsés pour raisons politiques » propose un corbeau-malade qui ne digère pas ce qui s'est passé le 25 avril ou le 1^{er} Mai. Tout le monde applaudit, jusqu'à ce qu'une jeune assistante imperméable lui rappelle qu'il aurait pu étendre sa liste, notamment à ceux qu'il a lui-même foutus à la porte. Pendant une heure ensuite, ces rats qui pourraient être des serpents, se sont affrontés pour savoir si l'ancien ministre de l'Éducation Nationale, actuellement maintenu par la junte, devait être accepté. La peur, l'opportunisme, la défense des intérêts de classe les plus sordides, se sont disputés le devant de la scène. Qui lui reconnaissait de grandes qualités humaines, intellectuelles. Qui lui accordait d'avoir essayé d'infirmer le régime de l'intérieur. Personne ou presque ne voulait se rappeler qu'il avait introduit les « gorilles », les partisans musclés dans la fac, et interdit les journaux de professeurs. « C'était le ministre de l'Intérieur », entendrait-on.

Ce qui ressort clairement de ces réunions, c'est que face à une masse balbutiante et désordonnée mais qui bouillonne les décisions, restent aux mains des modérés d'hier. Trop liés à l'ancien régime pour des raisons de famille, d'argent ou de passé personnel, ils ne peuvent ni ne veulent une épuration radicale. Elle reviendrait en fait pour eux à se couper d'abord une main puis rapidement la tête. La gauche traditionnelle joue le jeu. Les forces armées sont l'inconnue de la situation mais elles sont également divisées. Certains officiers réclament énergiquement des purges qui seraient faites par les unités réunies en assemblée. La junte pour le moment ne veut pas en entendre parler.

On recherche le compromis.

M.F.

e des officiers portugais



...illets, des fleurs...
...ète !

...meilleurs militaires

...s armées

...er, et comment va évoluer
...cela nous place dans une
...ante, il y aura participation
...u scission.

...Qu'est-ce que ça veut dire,
...de tirer sur un autre ?

...Pour le coup d'Etat, nous
...union préparatoire, dans
...décidé que la marine ne

...l'ennemi tire ?

...Il est évident que si
...avons tirer aussi.

...hypothèse : c'est la tenta-
...du Sud d'imposer une
...adhesion, il serait difficile
...avec cela. S'ils essayent de
...territoire (le Mozambique
...à défendre). — « Pour
...colonial, nous allons nous
...de négociations et voir les
...croissent tout le monde. Un
...du Vietnam moderne c'est
...brûlés, dévastés. Cela ne

...vous croyez en majorité
...armées ?

...« Nous pouvons être la
...des forces armées mais ce
...est que même au sein des
...y en a beaucoup qui n'ont
...mouvement par peur, d'au-
...car il y avait nécessité du
...la sécurité.

Cleio Vernier

...portugais, organisation
...fondée en 1930 pour la
...ministes. Elle comptait lors
...cont vingt mille membres.
...organisation de masse
...pression, et dans des orga-
...spécialisés, le Groupe
...immédiat et le Front uni anti



Qu'est-ce que le Mouvement des forces armées ?

Il n'y a qu'une trentaine d'années et il est au commandement de la région de Porto du Mouvement des Forces Armées. Lui, ses collègues, officiers et membres de la troupe, nous expliquent ce qu'est le Mouvement des Forces Armées.

Le contact avec les problèmes de la population, la conscience croissante de notre rôle, les nécessités suscitées par une action sociale réalisée, même si celle-ci n'avait que des objectifs de guerre : le contact avec les programmes concrets des mouvements de libération nationale et avec leur propagande, finalement, les occasions de camaraderie et les discussions parmi beaucoup d'officiers de carrière et d'officiers militaires représentés par des jeunes issus des universités — tout cela a permis que des officiers des Forces Armées acquièrent une politique qui, impérativement, les conduirait à l'action. Une action que l'expérience de la guerre a rendue possible dans toutes ses phases : préparation, secret, communications, exécution.

Faire pour perpétuer le fascisme, la guerre coloniale devait creuser le tombeau du fascisme. C'est l'explication du 25 avril 74, donnée par un des plus actifs éléments du Mouvement des Forces Armées dans une interview à Libération.

« Dans la guerre nous avons conquis la conscience dans la guerre, nous avons compris au service de qui et contre qui nous avons lutté », dit le jeune officier supérieur.

Quant à la guerre, les Forces Armées se plieront à la volonté que la nation, libre et éclairée, aura exprimée : « Les Forces Armées ont conscience que la solution des problèmes de l'Angola, de la Guinée-Bissau et du Mozambique sont politiques et non militaires. » Ils désirent, cependant, « que tous les Portugais manifestent librement la volonté de la nation ».

Les officiers présents à la réunion des délégués d'Oeiras avaient, le choix entre trois solutions. Engagés définitivement dans la réalisation de la « révolution sans chefs », les officiers présenteront au vote, pour toutes les unités du pays, trois propositions : la prise du pouvoir par une action armée ; un plan de revendications concrètes et successives qui finirait par miner et rendre insoutenable la position du gouvernement ; en dernière analyse, une position de force face au gouvernement en exigeant la réalisation des élections générales surveillées par les Forces Armées.

Après consultation de tous les officiers à travers tout le pays, la proposition qui visait à émettre des revendications afin de « faire tomber le fascisme pourri » a été la plus votée. Suivait, avec un très infime nombre de voix de différence la proposition d'action armée. Les voix données à la première hypothèse prévoyaient encore et formellement le recours à l'action armée. La majorité des officiers des Forces Armées, avait choisi la solution de sortir des casernes. La « Révolution sans chefs » allait bon train.

Ce que l'on appelle « Mouvement des Capitaines » devait se transformer définitivement après la victoire de « la bataille des décrets » en mouvement des F.A. En effet, les revendications de caractère administratif qui ont été à l'origine du « Mouvement des Capitaines » ont rapidement démontré leur dimension politique. Le « Mouvement des Forces Armées » est né.

Au quartier général de la région militaire de Porto, un autre jeune major, fréquemment interrompu par le va-et-vient des instructions et des informations, parle :

« Le 24 novembre 1973, les officiers réunis en plenum du « Mouvement » se sont rendus compte que la nécessité de faire tomber le régime, en rétablissant les libertés, était dans l'essence de tous ». Le Mouvement, né et fortifié à travers des actes successifs d'indiscipline à l'ordre fasciste, prenait une conscience collective de la nécessité de l'affrontement suprême. D'abord, il y a eu le projet, puis la décision d'une révolution sans chefs, et ensuite, une analyse et une redéfinition des finalités. Le Mouvement s'organise dans des commissions régionales, composées par des individus qui « se relayent », ce qui leur aura permis de résister facilement aux mesures de répression et aux transferts décrétés. La rotation (le roulement) faisait obstacle également à toute manifestation de dirigisme au sein du Mouvement.

LA DEPERSONNALISATION

Fin février, les officiers liés au Mouvement des Forces Armées dans tout le pays décident de passer à l'action. Une commission de coordination prépare les plans de

l'action armée et dans toutes les unités militaires, les officiers sont appelés à se prononcer sur les points du programme politique du Mouvement ainsi que sur les personnes qui devaient constituer la junte qui aurait pour tâche la réalisation des bases du programme. Ainsi, et contrairement à ce qu'on dit, quand le livre du général Spínola, « Le Portugal et l'avenir », est paru, les principes du Mouvement étaient déjà fixés. Par ailleurs, les membres de la future junte, déjà contactés, étaient en marge du mouvement. Le plan, les circonstances, la date et l'heure leur étaient complètement inconnus. Ils connaissaient l'existence du « mouvement », les principes politiques de la « révolution sans chefs », mais dans celle-ci, aucune participation directe ne leur était attribuée ; structure, fonctionnement et décision avaient pour base la volonté de démocratie interne dans les forces armées.

« Il ne s'agissait pas d'un mouvement de personnalités mais d'une action très large, suscitée et développée dans l'ensemble des Forces Armées ».

L'AUBE DU 25 AVRIL

Le manifeste « les Forces Armées et la Nation », adapté par l'armée de terre, la marine et l'aviation, aurait dû être lu au même moment dans toutes les unités militaires le 2 mars. Cependant, l'état d'alerte rigoureux décrété à la suite de l'enlèvement par des camarades d'un des quatre capitaines transférés aux îles, devait empêcher les réunions.

Après la publication de « Le Portugal et l'avenir », les généraux Costa Gomes et Spínola sont démis de leur fonction. Le 15 mars, les militaires

de la caserne R.15, à Caldas da Rainha se mettent en marche vers Lisbonne. Mais le coup échoua provoquant l'arrestation de plusieurs officiers.

« Caldas a été le résultat de la hâte. Rien n'était planifié. Laniego affirme qu'il n'obéira qu'aux généraux Spínola et Costa Gomes. En obéissance aux valeurs de solidarité, plusieurs officiers décident de marcher sur Lisbonne. Ceci a eu son bon côté : ça a été une répétition générale sans étude de la situation. Les officiers des lors commandés qui pourraient résister à l'armée déjà présente à Lisbonne et Porto.

Les plans ont été arrêtés, les actions concertées. Deux actions prévues, celle de Fúlcr à Lisbonne, et une autre à Porto.

« Beaucoup ne comprennent pas pourquoi les G.G. de Coimbra et d'Évora n'ont pas été pris. Mais en fait nous savions qu'ils finiraient par se rendre ».

C'est ainsi qu'à partir de la première minute du 22, tout était prêt. Il ne manquait à savoir que le quand et le comment. « Le 24, à trois heures du matin, un émissaire est arrivé chez moi. D'autres estafettes se dirigeaient vers différentes unités porteuses des plans que les délégués régionaux devaient faire connaître dans leurs unités respectives. »

Par tout le pays, dans les unités où chez eux, les militaires synchronisaient les postes de radio à l'écoute de « Radio Renascença » et des « Emissoras Associadas » de Lisbonne. Des centaines d'oreilles attentives, les muscles tendus, les armes prêtes, les voitures parées dans l'attente d'une chanson.

Quelques remarques

VIGILANCE ET GARANT D'UN PROGRAMME

Le programme du Mouvement définit clairement les objectifs politiques immédiats : destruction du fascisme, substitution du gouvernement déposé, pendant une période de transition, par une administration provisoire qui devra organiser des élections libres dans lesquelles la nation se manifestera démocratiquement à propos de la forme de gouvernement, des options politiques et de la guerre coloniale.

Ses perspectives ? « Le Mouvement continue. Les Forces Armées, au bout à se démarquer du pouvoir politique et du pouvoir économique. »

Ainsi, un document récent adopté par sept cents officiers de la marine réitère l'engagement pris devant la nation par le Mouvement des Forces Armées. Ces officiers se posent en garant de l'accomplissement, intégral, du programme rendu public. Les militaires ne retourneront à leurs casernes qu'après la manifestation libre et démocratique de la volonté de la nation. A la nation alors d'assumer, libre de toute tutelle la gestion de son présent et de son avenir.

Le programme du Mouvement définit clairement les objectifs politiques immédiats : destruction du fascisme, substitution du gouvernement déposé, pendant une période de transition, par une administration provisoire qui devra organiser des élections libres dans lesquelles la nation se manifestera démocratiquement à propos de la forme de gouvernement, des options politiques et de la guerre coloniale.

Ses perspectives ? « Le Mouvement continue. Les Forces Armées, au bout à se démarquer du pouvoir politique et du pouvoir économique. »

Ainsi, un document récent adopté par sept cents officiers de la marine réitère l'engagement pris devant la nation par le Mouvement des Forces Armées. Ces officiers se posent en garant de l'accomplissement, intégral, du programme rendu public. Les militaires ne retourneront à leurs casernes qu'après la manifestation libre et démocratique de la volonté de la nation. A la nation alors d'assumer, libre de toute tutelle la gestion de son présent et de son avenir.

après la révolution fleurie au Portugal UN MOUVEMENT DE LIBERATION DES FEMMES EST NE

LES TROIS MARIA ONT ETE ACQUITTEES

Elles s'appellent Maria Theresa Horta et Maria Isabel Barreno. Deux des trois Maria. Leur livre, « Les nouvelles lettres portugaises », avait été saisi, et elles ont dû affronter un procès que le gouvernement Caetano a fait tourner en procès de droit commun pour démanteler un éventuel soutien de la gauche. C'est devenu un procès d'humiliation. L'inspecteur qui leur a fait subir les interrogatoires est l'inspecteur des prisons pour prostituées. Le livre a été assez difficile à traduire dans différents pays. La première traduction a eu lieu en France où des féministes, dont Monique Wittig, ont lu le livre et voulu le traduire. « Nous pensions avoir beaucoup de contacts avec elles, mais il s'est passé beaucoup d'événements malencontreux... Une traductrice est partie au Brésil, un appartement a brûlé. A la fin, l'éditeur, le Seuil, était pressé, nous n'avons pas revu la traduction, il y a des fautes de sens. »

Le 7 mai, les trois Maria sont acquittées par le nouveau régime, mais, disent-elles, la meilleure nouvelle que vous pouvez apporter en France est la suivante : maintenant, il y a un Mouvement de Libération des Femmes au Portugal.

Le livre est très hétérogène, il y a des différences de style, parfois, essais, littérarisation d'un soliloque d'entre-mur à sa fiancée. C'est très par moment, on voit les textes en un dialogue, il y a une certaine résonance d'avec et de l'histoire, une résonance un continué le texte d'une autre. Au début du livre, on peut identifier assez facilement les textes des uns et des autres, mais plus le livre avance, plus la réflexion collective s'affaiblit, plus les textes sont mélangés et difficiles à attribuer à l'une ou l'autre.

Il y a d'abord eu un tirage de trois mille exemplaires, en un mois, deux mille exemplaires ont été vendus légalement. Puis le livre a été saisi et il y a eu une réimpression clandestine. Mais jusqu'à maintenant, le livre est peut-être plus connu à l'étranger qu'en Portugal. Le procès avait débuté il y a à peu près deux ans, en mai ou juin 72. Pendant un an, à eu lieu les procès de la police judiciaire, section des réquis. A la première audience, le 3 juillet 73, le procès a été renvoyé au 25 octobre. Le motif de l'inculpation était : atteinte à la moralité publique et outrage aux bonnes mœurs, pornographie.

Maintenant, nous pensons intervenir plus directement dans la vie quotidienne des femmes au Portugal : écoles, travail, avortement, divorce. Il y a à cet 20 % des femmes qui travaillent, en tout cas qui l'auraient, car beaucoup le cachent, notamment les femmes qui travaillent à la maison ou celles qui aident leur mari. Les critères statistiques cachent la réalité du travail des femmes

pas eu de MLF à cause de l'interdiction générale de réunion, et même les articles d'informations sur le mouvement des femmes à l'étranger étaient complètement censurés. Maintenant, il y a aussi le Mouvement démocratique des femmes qui représente les femmes des partis, socialiste et communiste en particulier, et qui s'occupe des revendications traditionnelles : crèches et salaire égal à travail égal.

En 67, à eu lieu un premier rassemblement autonome des femmes, nous avons essayé de faire des articles et des colloques pour réveiller la conscience sur les problèmes des femmes, sur le droit à la formation et à la culture et il y a deux ans, nous avons voulu boycotter l'élection de Miss Portugal, puis il y a eu une répression policière, très forte de sexualité, mais le projet d'un colloque sur l'avortement avait été interdit.

A l'université, quelquefois, les étudiants abordent les problèmes de sexualité, mais le projet d'un colloque sur l'avortement avait été interdit. Les problèmes sexuels sont encore un sujet tabou et les filles doivent être vierges au mariage. En 68, il y eut quand même un changement à cause des événements en France, et il s'est pris une certaine libéralisation en ce qui concerne le mariage et la séparation, même parmi les couples catholiques et il y a eu une véritable épidémie de séparations et le tabou de la virginité a commencé à se perdre. Avant, les filles-mères n'étaient même pas reçues, maintenant, ça change.

Ces jours-ci, s'est tenue la première réunion du MLF. Nous avons parlé de l'avortement et nous sommes d'accord pour avoir comme objectif radical la destruction des institutions machistes comme le mariage, mais les actions doivent commencer lentement. Nous devons profiter du moment pour rendre irréversibles certaines positions et pour changer la mentalité publique.

LES TROIS MARIA ONT ETE ACQUITTEES

Pour ces raisons, nous allons essayer de faire passer des articles dans les journaux et d'organiser un débat public sur l'avortement. Toutes les femmes sont touchées par ça, elles le sentent dans leur chair. C'est un point clef de mobilisation, il faut apparaître publiquement, qu'il y ait des prises de pouvoir partout.

Quelles sont vos positions sociales à l'heure actuelle ?

L'une est journaliste, mariée. L'autre est licenciée d'histoire et géographie, séparée de son mari.

La dernière a une licence de langue, elle est psychothérapeute et séparée de son mari.

Maria Isabel : J'écris quelquefois en français, j'ai fait un article dans le dernier numéro des Temps Modernes. Cet arti-

cle, les femmes françaises qui l'ont lu, ont dit qu'elles le comprennent, même des femmes non-intellectuelles. Les hommes ont dit qu'ils ne comprennent rien. L'écriture des femmes n'est pas la même. Maintenant, il y a une écriture de femmes, mais je n'écrirais pas en portugais parce que je me censurerai moi-même dans cette langue.

Maria Theresa : J'écris normalement avec toutes les libertés, mais j'avais deux écritures. L'une d'écrivain non-censuré. L'autre de journaliste où j'étais très censurée, et je n'arrive pas à écrire d'une autre façon pour les journaux. La première critique que j'ai eue à faire après le 25 avril, j'ai eu beaucoup de mal à la faire, je n'arrivais pas. J'ai mis trois jours. Dans les journaux, on essayait toujours de faire passer quelque chose entre les lignes. Je ne savais pas écrire avec liberté comme journaliste. Il y avait une habitude de la méfiance, de non-communication, on ne savait plus parler, on ne savait jamais ce que les autres faisaient, tout le monde était dans un secret.

LES FEMMES S'ENTETENT

C'est un numéro épais, volumineux, des Temps Modernes. Avec un gros titre en noir : « Les femmes s'entettent ». Des intellectuelles sans doute, dira-t-on. Mais il ne s'agit plus de faire un exposé méthodique de la condition de la femme, de réaliser un discours sur la femme. Il s'agit entre autres de donner quelques échantillons d'un discours des femmes ; mais aussi « des quelques traités de désir (sinon de poudre) qui ont résisté à nos efforts de rationalisation et de socialisation ».

A l'origine donc, aucun principe n'a présidé au rassemblement de ces textes, si ce n'est celui de la liberté. Aucun plan préconçu. « Des femmes — dont certaines sont restées pour nous anonymes — ont spontanément choisi de parler des sujets qui leur tenaient à cœur. Entre toutes, cependant, un lien : « Un radical refus de l'oppression des femmes ». Mais ce qui apparaît alors n'est en rien une pensée féministe monolithique. Des textes analysent la fonction sociale de la maternité, de ce qu'est dit de l'instinct maternel. Mais les « variations sur le désir d'en-

fant » crient aussi comment nous pouvons parfois renaitre à nous-mêmes « en donnant la vie » comme on dit.

Et s'y mêlent des analyses théoriques, apparemment comparables à celles des hommes ; mais il s'agit plutôt d'un « vol de l'outil » quand Liliane démontre, statistiques et rigueur à l'appui, comment la sociologie de l'éducation, avec une bonne foi inébranlable, cubille tout simplement l'analyse de l'inégalité entre les sexes dans l'accès et l'utilisation de l'enseignement. Mais aussi, il y a ces paroles de femmes sur le sang, notre sang. Ou ces « désirs-délires » fantasmatiques comme la Ghena-Goudou, belle histoire infiniment douce en temps de la grande subversion et définitivement éliminée la « pituitaurocratie ». Et les rêves, part immédiatement livrée de celles qui les ont vécus.

Il reste, après la lecture, une sensation de grande détresse : il ne s'agit pas d'une habile construction, s'y mêlant fantasmes et rationalité, textes contradictoires dont certains peuvent agacer, mais dont les autres suscitent le désir de s'y noyer. Paroles de femmes, parfois maladroites, brutales, mais aussi sensibles et chaleureuses.

UNE NOUVELLE LIBRAIRIE

Ouverture de la librairie des Femmes, 68, rue des Saints Pères, Paris 7^e tél. 222.02.08, le jeudi 30 mai, à partir de 17 heures.

Elle sera ouverte sans interruption tous les jours de 11 heures du matin à minuit. Dans cette librairie on trouvera tous les livres écrits par des femmes et les premières parutions des éditions des Femmes.

Cette édition et cette librairie sont issues de la tendance « Psychanalyse et politique » du Mouvement de Libération des Femmes.

Ouverture de la librairie des femmes 68 rue des St Pères Paris 7 222.02.08 le jeudi 30 Mai.

Elle sera ouverte sans interruption tous les jours de 11 heures du matin à minuit. Dans cette librairie, on trouvera tous les livres écrits par des femmes et les premières parutions des éditions des femmes (egalement en vente dans toutes les librairies.)



Camarades, nous avons subi Le fascisme est en to

LA MESSA

LISBONNE

La proclamation des ouvriers



Lisbone 28 mai, manifestation des ouvriers du Pain

Mardi 21 mai, vingt mille métallos de Porto défient dans les rues aux cris de « 6000 escudos tout de suite, nous ne voulons pas mourir de faim ».

Le soir même, mille cinq cents métallos se rassemblent au Palais des Sports, ils attendent le résultat des négociations entre la direction et les syndicats, ils veulent savoir s'ils doivent se mettre en grève ou pas.

« 6000 escudos, salaire minimum, à travail égal salaire égal pour les hommes et les femmes. »

« Un mois et demi de vacances, le treizième mois. » Telles sont les revendications.

Une syndicaliste termine le meeting en disant : « L'heure n'est pas aux cris, réfléchissons ensemble avec le plus de discipline possible à ce qui est le plus important pour nous aujourd'hui... Est-ce continuer avec les libertés si durement acquises, est-ce protéger ces libertés ou 6 000 escudos... Quarante-huit ans, c'est un prix trop gros, ça ne vaut pas 6 000 escudos : ça vaut beaucoup plus. Nous, travailleurs, nous resterons attentifs. Nous ne ferons pas le jeu des grèves sauvages, nous ne ferons pas cela parce que c'est ce que les patrons veulent... »

Camarades, demain, à la table des négociations, nous ne nous assoierons pas pour défendre 6000 escudos, mais pour défendre les libertés que tous ensemble nous avons arrachées. »

Deux jours plus tard, les syndicats signent l'accord avec les patrons : « 4 500 escudos, travail égal, salaire égal pour les hommes et les femmes, une seule grille de salaire, un mois de vacances, le treizième mois. »

Mais les ouvriers métallurgistes de la Messa ne sont pas, à ce jour, d'accord : selon eux, défendre les libertés, c'est se battre aussi pour les 6000 escudos.

À La Messa une usine de machines à écrire, mille huit cents ouvriers et ouvrières, surtout des ouvrières, répondent par un communiqué à tous leurs camarades.

« Camarades de tout le pays, nous, travailleurs de Messa, nous sommes en grève avec occupation depuis le 16 mai. L'objectif de la lutte aujourd'hui est de réduire l'exploitation des ouvriers afin qu'ils puissent survivre avec un peu plus de dignité. La lutte de la classe ouvrière ne se fait pas pour un café de plus ou un paquet de cigarettes supplémentaire.

La lutte de la classe ouvrière n'est pas seulement portugaise, et encore moins celle de La Messa. Elle est internationale. Sa lutte avance par étapes et aujourd'hui, ici, cette étape, c'est la lutte pour 7 000 escudos, cette lutte est parfaitement légitime. La direction des syndicats de la métallurgie négocie avec les patrons : ils ne devaient pas céder sur moins de 6 000 pesetas, car cela était la volonté des ouvriers.

Ils se sont finalement mis d'accord avec les patrons, leurs patrons pour 4500 escudos.

Ces gens qui critiquent les anciennes directions fascistes ont fait tomber leurs masques en trahissant l'esprit de la lutte de la classe ouvrière.

À nous, ouvriers de la Messa, ils ne nous ont pas trompés. Ils ont pu voir en venant ici ce que nous voulions. Ils disaient que nos revendications étaient justes. Mais ils disaient aussi que le moment n'était pas bon et que notre action mettait en péril l'économie nationale.

Ce que ces messieurs veulent dire par là, c'est qu'il ne faut pas mettre en danger l'économie des patrons.

Messieurs les syndicalistes, n'est-ce pas une forme subtile d'empêcher la lutte des travailleurs ?

Savez-vous qu'il y a des ouvriers qui ne sont pas idiots ? Les travailleurs de la Messa ne sont pas aussi brutes qu'ils en ont l'air. Nous vous disons que vous n'allez tromper que les enfants. Les patrons doivent être contents, ils ont trouvé de nouveaux collaborateurs. Mais ce jeu ne durera pas longtemps. Nous ferons tout pour les déromper.

Les travailleurs de La Messa réunis en assemblée générale, condamnent vos agissements et feront tout pour que les ouvriers ne soient jamais vaincus ! »

Les travailleurs de Messa



C'est par acclamation et aux cris de « Rua, rua » (dehors !) qu'est voté le communiqué.

Je suis arrivée le jour du vote. Ils votaient à bulletin secret parce que : « Avec les nouvelles venant du syndicat, on a pensé que certains pouvaient être influencés par le vote à mains levées et avoir peur des réactions des autres. »

« Mais on a fait deux urnes : l'une pour ceux qui gagnent plus de 6 000 escudos, et ceux qui gagnent moins, comme ça on sait plus exactement qui flanche : mais de toute façon, tout le monde est libre, et il y en a qui veulent arrêter la grève, ils peuvent le faire. » Ce sont des hommes et des femmes de tous âges, des jeunes de 14 ans, les plus exploitées de l'usine, elles, font le même travail que les adultes, mais elles sont payées moitié moins. Pour tous, c'était la première grève et ils m'ont dit : « Je ne savais pas que c'était si bon. C'est la première fois qu'il y a une telle amitié entre nous, une telle compréhension, c'est maintenant que nous commençons à nous connaître, et nos maîtres nous aident et nous soutiennent. »

Le 16 mai, la direction a refusé nos revendications. Nous avons décidé l'occupation en trois équipes, comme ça, tout le monde se repose. Nous avons nommé une commission de neuf membres

dont deux femmes qui appliquent les décisions de l'assemblée générale ; elle est aidée par vingt personnes chargées d'animer les différentes tâches de la grève.

Le groupe sportif a décidé d'aider financièrement la grève si cela était nécessaire (le groupe sportif de l'usine existait avant la grève). La cantine fonctionne vingt-quatre heures sur vingt-quatre. La crèche aussi, ainsi les ouvriers peuvent participer entièrement à la lutte et occuper la nuit comme tout le monde. »

La direction, quand elle a vu cela, a appelé les Forces armées en disant que les ouvriers séquestraient des gens dans l'usine. Elles sont venues, elles ont discuté avec les ouvriers et ont pu constater que cela était faux.

Le 22, tout le monde a touché sa paye, il ne manque pas encore d'argent, « nous ne pensons pas à l'argent, pour me faire expulser de mon logement, il faut que je n'ai pas payé six mois de loyer, j'ai le temps de voir venir, et puis, on a tellement souffert pendant quarante-huit ans qu'une souffrance de plus, surtout quand c'est pour que nos principales souffrances cessent, ça ne fait rien. »

Les travailleurs font un journal : « Le journal des travailleurs de la Messa. » Ils en sont fiers, ils le donnent aux autres usines. Il y a des poèmes, des nouvelles d'autres grèves, des articles de fond.

Au résultat du vote, une énorme majorité s'est prononcée pour continuer la grève. La joie éclate : certains ont les larmes aux yeux, ils chantent « Grandola vila morena » (le chant des Forces armées) et l'Internationale debout, poings levés, ils ne céderont pas facilement. Ils se battent parce qu'ils veulent : « Quarante heures par semaine, 6 000 escudos, salaire minimum, 3 500 pour les mineurs, à travail égal salaire égal, abolition des primes, un mois de vacances, treize et quatorze mois, etc. », et puis aussi, ils demandent « Justice ». »

« Que soient éliminés de

l'entreprise tous les dictateurs qui ont freiné les aspirations des ouvriers, qui ont empêché leur évolution professionnelle, qui ont insulté les travailleurs, qui ont protégé les mouchards, et ceux qui profitaient des ouvriers, qui n'ont pas de réelles compétences, qui font du tort aussi bien au patron qu'aux ouvriers, afin de maintenir leur pouvoir. Ils demandent donc le départ de cinq membres de la direction, en particulier du président du Gremio de la métallurgie, membre de la direction de Messa. »

Mais la situation est difficile ils viennent de recevoir la lettre de deux membres de la direction qui menacent de partir une fois la grève terminée.

Que faire ? Est-ce qu'on va courir après eux ?

Après tout, c'est ce qu'on veut, qu'ils partent.

Mais est-ce qu'on peut faire tourner l'usine, est-ce que les banques nous prêteront de l'argent ?

Et si on faisait simplement

Et si on faisait simplement ça quelques jours pour montrer que c'est possible, ça aiderait peut-être tout le monde.

Voilà ce qu'ils discutaient quand je les ai quittés, c'est peut-être ça la réponse au spectre du chaos économique. Ces hommes et ces femmes en ont assez, « on ne veut plus être le main-d'œuvre à bas prix pour les trusts internationaux, les immigrés à qui ont fait faire les plus sales boulots, les soldats qu'on envoie se faire tuer pour une guerre qu'on déteste. Nous voulons construire pour nous un Portugal libre où l'exploitation disparaîtra, où les ouvriers prendront les choses en mains, sinon on se fera avoir. »

Des gens qui n'avaient rien à gagner à la grève ont fait un travail de sape systématique. Les ouvriers ont été désorientés par les matraques du PC contre les grèves. À La Messa, le 27 mai, les travailleurs reprenaient le travail.

Sur les murs

Camarades, nous avons subi le fascisme est en toi,

Camarade, sois fort, à se battre, la mort n'est que la fin quand on tombe sans

Qui a attendu quarante-huit heures peut attendre encore quarante-huit heures.

Qui a puni injustement mérite châtiement.



Les filles de Timex

le fascisme pendant 48 ans. i, accepte la critique.

TIMEX

LISBONNE

« Nous devons nettoyer l'usine »

de Timex

s subi le fascisme
ans,
accepte la critique

faut continuer

ort
lutter

te-huit ans

et



La Timex Corporation est venue, comme beaucoup d'autres trusts, exploiter systématiquement la main-d'œuvre à bon marché du Portugal.

A une trentaine de kilomètres de Lisbonne, une usine toute blanche au milieu des champs : pour venir y travailler, des ouvriers font parfois jusqu'à quarante kilomètres en car.

Des jeunes de 14 ans tra- vaillent onze heures par jour

La majorité, ce sont des jeunes de 14, 15, 16 ans. Quand ils sont tous rassemblés pour AG, on dirait une cantine d'école. Pourtant ces filles qui éclatent de rire, et qui chantent aujourd'hui, travaillent onze heures par jour, huit heures le samedi, pour 1 600 escudos par mois.

Ici, une ouvrière est payée huit fois moins qu'une ouvrière américaine pour le même travail.

La direction exige une production énorme, les filles disent : « On est les plus exploitées, on n'a le droit de rien, pas le droit de parler, pas le droit d'être payées. Un seul droit, produire plus. »

« Quand on n'est pas contente, c'est la rue. En trois ans, ils ont licencié 40 % du personnel, ça veut dire quelque chose ça, non ? »

« Quand on était convoquées au bureau, on sortait sans en pleurer, tout on était licenciées et puis, c'étaient les insultes »

« Une fille, par exemple, est restée trois heures debout devant le chef qui, assis, l'insultait. La direction a dit un jour à un gars : « Soit tu prends ton compte, soit on te mettra en montre dans la poche et tu sortiras d'ici comme un voleur. » Alors, déjà en février, on a fait grève, contre la prime de rendement pour l'augmentation. »

« C'est à ce moment-là que Gomez, un des grands chefs, est venu dans l'atelier et nous a dit : « Où vous reprenez le travail immédiatement, ou la police de choc qui est dehors intervient. »

« Ce n'est pas un travail de chef, ça, un chef, ça ne doit pas simplement regarder le travail des autres. Il faut qu'il ait des compétences, qu'il respecte les hommes et les femmes, qu'il s'intéresse à leurs problèmes. »

C'était ça, Timex, sous le règne de Caetano.

Et puis, est arrivé le 25 avril.

« On attendait ça depuis des années, le 1er mai, c'était une fête. Je n'ai pas de mots pour le dire, j'ai eu une fête comme ça dans le monde entier. C'était la révolution, on avait le droit de parler, on était libre, on n'avait pas besoin de la police. »

Mais à Timex, être libre, cela signifiait d'abord se débarrasser de six membres de la direction, Luis Moisés, Joan Sousa, Antonio Gomez, Machado Da Silva, Brandão de Oliveira et Maria José. Ils sont jugés responsables de « l'atmosphère » qui régnait autrefois. « Ce sont comme des chiens, ils ne respectent rien, les chiens entrent dans les églises parce que les portes sont ouvertes, eux, ils sont ici parce qu'ils ramassent plein d'argent. » « Ça marche au piston, ils sont tous de la même famille, ils n'ont même pas les compétences nécessaires. Si nous soutenons le mouvement des Forces armées, nous devons nettoyer l'usine. »

La direction refuse de les renvoyer et prend des mesures. Ainsi, le 9, rien à manger à la cantine parce que, selon la direction, des ouvriers sont en train de casser des cars de ramassage. Le délégué de la junte constate que c'est faux et reste avec les ouvriers qui décident alors d'occuper toute la nuit l'usine pour obliger la direction à céder. Le personnel au complet passe la nuit dans l'usine. Au matin, la direction propose de suspendre les six, jusqu'à ce que soit

faite la lumière sur les faits reprochés aux six.

Dehors, les fascistes !

Les ouvrières refusent, debout sur les tables, furieuses, elles crient : « Nac quefêms. Agora agora. Rua, rua. » (« Non, tout de suite, dehors. »)

« Eux, ils nous licencieraient sans enquête, sans motif, aujourd'hui c'est nous qui les mettons dehors comme ils l'ont fait avec nous. »

Alors, les ouvrières se tournent vers l'officier de la junte, celui qui vient de passer la nuit d'occupation à leurs côtés. Ils lui demandent si elles peuvent faire grève. Réponse de l'officier des Forces armées : « S'il n'y a pas d'autres solutions, faites grève ! » Les ouvrières l'ont surnommé « le bourreau du capital ».

Et au cours des négociations, ils essaient de trouver un compromis. De l'avis de toutes, il a soutenu les ouvrières.

Les ouvrières racontent que, pendant les négociations, les patrons parlaient entre eux en anglais. L'officier n'a rien dit, mais quand ils ont terminé, ils leur a parlé en anglais et ensuite, il a dit aux ouvrières ce qu'ils avaient discuté entre eux.

Lorsqu'on l'interroge sur sa nuit d'occupation, il rit et dit : « Je sais que ma position est difficile, je représente la junte, nous avons beaucoup de prestige, mais je ne veux pas intervenir dans un sens ou dans un autre, j'essaie de les aider à voir ce qu'il est possible de faire. C'est surtout eux d'ailleurs qui m'ont appris beaucoup de choses, j'espère ne pas faire d'erreurs. »

Le lendemain, tout le monde pointe, va dans son atelier, mais personne ne travaille. Et tous les ouvriers quittent l'usine à l'heure normale, sauf trente gars qui font le piquet de grève.

Les filles n'occupent pas la nuit. Bien sûr, l'autre jour, elles sont restées, mais les

parents, bien que favorables au mouvement, sont un peu inquiets. Dimanche, des familles entières venaient aux nouvelles.

Dans la journée, parmi les ateliers, les filles font du crochet, bavardent, font des panneaux ou des dessins, qu'elles scotchent soigneusement sur le mur.

Ils sont sûrs d'eux : « D'un côté de la corde, on est deux mille, de l'autre six, on gagnera, nous on n'a rien à perdre »

A 6 heures 1/4, mercredi, la commission demande à tous et à toutes celles qui le veulent de rester, on va arriver à un accord, les filles s'impatientent un peu. Une partie monte et entoure la salle vitrée où se déroulent les négociations avec les patrons écossais.

A 8 heures, le délégué de la junte qui, jusque là, ne voulait pas intervenir, réunit l'assemblée générale et annonce le résultat obtenu. Il est très ému.

« 1) Les six personnes sont renvoyées. 2) Une commission d'enquête chargée de consigner tous les faits sur ces personnes est nommée, elle comprend le délégué de la junte, un représentant du ministère du Travail et des représentants des ouvrières. 3) Si se révèle que des accusations sont fausses, les éléments concernés pourront réintégrer l'usine. »

Les réactions sont partagées. Les jeunes n'ont pas confiance, « et s'ils achètent certains d'entre nous ? » « Alors, ce n'est pas la peine de faire tout ça s'il y en a encore qui se laisse avoir. » Finalement, la décision est prise : « Demain, on reprend le travail. » En partant, les patrons disent à l'officier : « Nous espérons ne plus vous revoir. »

« Mais la liberté, ce n'est pas une parole, pour qu'elle existe, il faut changer beaucoup de choses dans l'usine. Nous voulons plus d'égalité. »

C'est pourquoi ils demandent :

« 6 000 escudos pour qua-

rante heures, un mois de vacances, le treizième mois, la réintégration des ouvriers licenciés qui le désirent, à travail égal salaire égal, la réduction des cinquante catégories de salaires à onze, en réduisant les salaires les plus élevés et en augmentant les plus petits. »

Comme la direction oppose son refus, les ouvrières se mettent à nouveau en grève et appliquent immédiatement les quarante heures.

Et si on fai- sait comme à Lip ?

« On discute pour savoir si ça ne serait pas mieux de faire la grève du zèle, mais bien sûr on ne laisserait pas sortir les montres. On a vu l'autre jour, ils ont essayé d'emporter un camion de montres, on les en a empêchés. Ici, il y a un stock d'environ treize mille montres, de quoi nous payer un mois si on est obligé de faire comme à Lip. Mais si la direction s'en va, le problème, c'est qu'ici, ce n'est qu'une usine de montage, les pièces sont faites en Ecosse, on pourrait peut-être fabriquer autre chose ? »

De toute façon, il y a mille huit cents femmes ici, on pourrait faire de la broderie et la vendre (sic, c'est un homme qui parle...). Nous espérons voir les ouvrières de Besançon.

On a besoin de discuter avec des gens qui ont de l'expérience, nous on n'en a pas beaucoup. S'il y a des ouvrières qui venaient en vacances au Portugal, on pourrait peut-être le faire. Mais la situation est grave, on sait bien que la grève peut peut-être faire du tort à notre économie, mais qu'est-ce qu'on peut faire s'ils refusent de nous donner ce qu'on demande. Si on accepte de ne rien faire, la liberté, c'est un mot. »

Ils ont continué à se battre. Mardi 11 juin, les ouvrières de Timex manifestent au ministère du Travail.



Assemblée générale à Timex

PORTUGAL: MAI DANS LES USINES

REMERCIEMENTS

Le 25 avril 1974

La peur de parler est morte, elle était âgée de quarante-huit ans

Son épouse « Maria peur la PIDE »

Son fils « Peur de tout »

et son père « Caetano la peur »

et toute sa famille remercient

tous ceux qui l'ont accompagnée

à sa dernière demeure le 1er mai 1974

Portugal, Mai 1974

Agence de pompes funèbres

Mouvement des Forces Armées

Le 25 avril, l'heure a enfin sonné.

Avec une armée formée, déformée, dans les guerres coloniales, support de l'un des pires fascismes, de jeunes capitaines, les armes à la main, ont libéré le Portugal.

La brèche est faite, les vannes sont ouvertes et, dans la société portugaise, un immense espoir est né, celui de la Liberté.

Et la révolte des capitaines a tout déclenché : l'imagination ouvrière s'y est engouffrée.

En France, en Mai 68, être aux côtés des étudiants, c'était, pour les ouvriers, occuper leurs usines. Au Portugal, « pour soutenir les Forces Armées, nous devons nettoyer l'usine », disent les ouvriers.

Ils veulent être respectés. Rua, Rua, dehors les fascistes, ceux qui nous ont humiliés pendant 48 ans. Et l'on croit rêver, les directions acceptent de licencier des directeurs. Des commissions ouvrières sont élues, la parole est libérée. Mais la liberté ce n'est pas un mot, il n'y a pas de liberté dans la misère. « Nous voulons vivre » et pour vivre au Portugal, il faut 6000 S. « Nous voulons être égaux, nous ne voulons plus être divisés » « A travail égal, salaire égal » « Nous ne voulons plus d'injustice. Réduisons l'échelle des salaires, il faut que les riches soient un peu moins riches, les pauvres un peu moins pauvres. » L'imagination travaille, pendant 48 ans ils ont été ligotés, aujourd'hui, ils trouvent seuls leurs formes de luttes.

Dès le 15 mai, des milliers d'ouvriers, dans tout le pays, se mettent en grève. La ligne Lisbonne-Cascais transporte gratuitement la population, les ouvriers de Renault manifestent aux cris de « A bas le colonialisme français » : les ouvriers des chantiers navals de la Lisnave demandant que la moitié des bénéfices soit répartie également entre tous les ouvriers.

Les laboratoires pharmaceutiques Sandoz, Ciba Geigy font grève le 15 mai, mais assurent un service d'urgence pour ne pas gêner les malades : les ouvriers boulangers font grève, certaines boulangeries demandant la « nationalisation ». Tout le textile (plus de deux cent mille ouvriers) entre en mouvement à Lisbonne, Porto, A Covilha, la ville du textile, dix mille ouvriers (toute la ville) sont en grève ; les mineurs de Panasqueira, eux aussi, font grève ; à Nazare, les pêcheurs refusent de prendre la mer et sont soutenus par toute la population ouvrière qui descend dans les rues ; les employés de la banque Ultramarino de Porto proposent la nationalisation de la banque.

Et le mouvement se généralise à tous les secteurs de l'économie.

C'est le monde à l'envers. Dans certaines usines, bien sûr pas partout, personnellement je ne l'ai rencontré qu'à la Timex et à la Messa, l'idée « Nous, ouvriers, nous pouvons diriger l'usine » commence à naître.

L'alliance des capitaines et des ouvriers

Mais ce qui est le plus surprenant, c'est que le moteur de ce mouvement, c'est l'alliance des Forces Armées et des ouvriers. Au début des grèves, m'a dit le capitaine, il n'était pas surprenant d'entendre ceci au téléphone : « Les forces armées ? Si vous plaît, pouvez-vous nous dire comment on fait grève ? Je ne sais pas moi, vous vous réunissez, vous voyez ce que vous voulez, vous réalisez des délégués pour aller discuter avec les patrons et s'ils ne veulent rien savoir, vous arrêtez le travail. » « Qu'est-ce que tu veux qu'on fasse, nous sommes des militaires, ce n'est pas à nous de dire aux ouvriers ce qu'ils doivent faire. »



Les ouvriers de Renault

Et pourtant, au début du mouvement gréviste, avant que ne soit nommé le gouvernement, très souvent les ouvriers faisaient appel à la junte et aux Forces armées pour qu'elles interviennent comme médiateurs dans les conflits avec les patrons.

Mais tous les officiers ne réagissent pas de la même façon. Certains, comme le délégué de la junte à Timex, occupent l'usine avec les ouvriers. Les ouvriers appellent « le bourreau du capital ». Mais, aux chantiers navals de Lisnave, le délégué de la junte était un peu trop favorable au patron ; au bout de trois jours, les ouvriers l'ont renvoyé et en ont demandé un autre.

Au chemin de fer

Au chemin de fer, j'ai assisté à l'assemblée de reprise du travail. Tous les ouvriers sont présents, le délégué des Forces armées — un officier de marine dans un habit bleu et blanc impeccable — est là, au milieu d'eux, la nouvelle direction aussi (les ouvriers avaient obtenu le départ de certains membres de la direction). Alors un ouvrier demanda à l'officier ce qu'il pensait de ce problème : « Est-ce normal qu'on m'ait mis à pied et qu'on ne m'ait pas payé quinze jours de travail alors que j'avais travaillé ? » L'officier répondit très sec en le regardant avec mépris : « Je ne connais pas les lois à ce sujet, mais aujourd'hui, nous ne sommes pas là pour régler les problèmes individuels. »

Et de fait, l'alliance avec les ouvriers n'est pas un but collectif du mouvement. Cela dépend des individus. Le mouvement des Forces armées a libéré le pays et son but est d'aider à la mise sur pied d'un gouvernement démocratique. « Mais nous ne sommes que des militaires, et une fois ce but atteint, nous nous retirons », disent la plupart d'entre eux.

L'alliance n'est que ponctuelle.

Mais alors qui est aux côtés des ouvriers ?

L'extrême-gauche ?

Elle est placée de l'Estralla, elle demande la libération du capitaine cubain Peralta, elle manifeste pour le départ de l'ambassadeur du Brésil, mais elle ne fait rien quand Caetano est envoyé au Brésil et elle se fait réprimer. Elle est absente du terrain de l'usine.

Le Parti communiste, le Parti de Cunhal, est là. Au gouvernement et dans les usines.

Les Cunhalistes disent : « Nous défendons les libertés conquises, pour les

défendre, soutenez le gouvernement. Formez des syndicats, pour vous défendre. Mais attention, 5 000 escudos, les petites entreprises ne pourront pas le supporter. Car si les trusts acceptent de donner 6 000 escudos, c'est qu'ils veulent détruire la petite entreprise, c'est qu'ils veulent nous couper de la petite et moyenne bourgeoisie, ce qu'ils veulent, c'est le Chili, c'est l'affrontement, nous ne devons pas tomber dans le piège. Nous ne sommes pas prêts, ne mettons pas l'économie en danger... »

« Mais de quelle économie parlez-vous ? » demandent les ouvriers de la Messa, « que voulez-vous en fait ? »

Parce que l'appareil ne tient pas toutes les rennes, parce que le PC a peur de perdre sa participation au gouvernement, il n'encourage pas pratiquement l'alliance des Forces armées et du peuple. Et aux ouvriers, qui imaginent une autre société, ils répondent : « Attention, pas de grève sauvage, vous faites le jeu des patrons, essayez-vous là, attendez, votre tour viendra... »

Bien sûr, il y a des problèmes. Mais si on ne donne pas au peuple les moyens de prendre conscience des problèmes réels, de prendre connaissance des tenants et des aboutissants des affaires d'Etat, si ce n'est pas avec lui qu'on discute, sans arrières pensées des compromis nécessaires, que fait-on ? Ainsi on risque de devenir une nouvelle police, on accuse, on réprime — on désarme le peuple, pas le fascisme.

Pourtant, j'ai rencontré des ouvriers qui essayent de répondre à ces questions. Certains disaient : « Ce qu'il faudrait, c'est que les petites entreprises se mettent en coopératives, que l'Etat les aide, il faudrait qu'on décide des salaires nationaux, que tous les électriciens, par exemple, aient le même salaire indépendamment de l'entreprise, ainsi il y aurait moins de division entre nous. »

Des ouvriers veulent prendre part aux décisions, mais il ne semble pas qu'on veuille les entendre.

C'est pourquoi aujourd'hui, le mouvement gréviste a presque pris fin, certaines usines ont repris sans rien obtenir, simplement en acceptant le fait que les patrons ne pouvaient pas payer, ou désorientées par les prises de position du PC et de la plupart des directions syndicales.

Mais aujourd'hui dans le peuple portugais, des hommes et des femmes se battent pour un Portugal libre, sans colonies, où l'exploitation disparaîtra, ils trouveront le chemin.

Herta Alvarez

Un escudo = vingt centimes français



PORTUGAL: MAI DANS LES USINES



Témoignages d'ouvriers du textile

Deux cent mille travailleurs du textile se mettent en grève dans tout le pays. Ils veulent 1000 escudos d'augmentation pour tous.

C'est l'un des secteurs où les salaires sont les plus bas.

A Porto, les ouvriers descendent dans la rue par milliers, aux cris de « Paix oui, faim non », « Nous avons le droit de manger comme les médecins. » A Lisbonne, ils sont restés plus de trois heures devant le ministère du Travail, sous un soleil de plomb, scandant : « C'est bon, c'est bon et ça continue », « a bas les privilèges ! Assez de licenciements ! Si les patrons ne donnent pas les 1000 escudos, on les mettra à la porte. »

Pourtant, ce n'est pas la première fois que certains font grève. Une femme de Lisbonne nous raconte :

« Il y a un an, nous avons fait grève, le patron a appelé la police de choc, ils ont investi l'usine, ils nous ont cognés à coups de culasse de fusil, il y a eu des femmes gravement blessées, ils nous ont même envoyé les chiens pour nous courser. Aujourd'hui, c'est le même patron qui se moque de nous, il passe devant l'usine en rigolant pour nous narguer. Il dit : si c'était obligatoire, je vous augmenterais peut-être de 200 ou 300 escudos, si vous voulez de l'argent, vous n'avez qu'à travailler, sinon, je vous donne l'usine. »

A Porto, j'ai visité plusieurs usines textile en grève dont la Lionesa, l'une des usines les plus modernes. Huit cents ouvriers et ouvrières y travaillent en équipes.

« Nous ne sommes pas en grève, nous paralysons le travail. On rentre à l'heure normale, on pointe et on va dans son atelier ; mais on fait ça aussi le dimanche. »

Ici, l'ambiance est différente de la Timex ou de la Messa. Dans les ateliers, les femmes font du crochet, lisent les romans-photos, pas d'affiches sur les murs, pas de journal d'entreprise, et les femmes sont un peu inquiètes quand le délégué passe, elles le harcèlent : « Alors, tu crois que ça va durer encore long-

temps ? » Une femme m'a dit : « Je gagne 2400 escudos par mois, je suis toute seule avec deux enfants, je paie 600 escudos de loyer par mois. Comment veux-tu que je fasse pour élever mes enfants ? On est obligé de faire la grève, on a droit à l'augmentation. »

« Le patron peut payer, nous ne faisons pas grève par plaisir, mais parce qu'il refuse de nous écouter. Pourtant, on demande moins que dans d'autres usines, ce qu'on demande, c'est que ceux qui gagnent moins de 4 000 escudos soient augmentés de 2 000, ceux qui gagnent entre 6 et 8 000, qu'ils soient augmentés de 1 000, et ceux qui gagnent plus de 8 000, de 500. »

« La direction avait accepté d'augmenter le magasin et les bureaux. Ainsi, les tissus sortaient toujours et l'argent rentrait dans leurs caisses, alors on a décidé de les empêcher de travailler, on a bloqué le magasin et les bureaux. Maintenant, on a un commandant des Forces ar-

mées avec nous. Il va nous aider. Dans le textile, on est très défavorisé, on a des cadences très dures, ils nous divisent en faisant travailler certaines au rendement et d'autres non. Une fille qui a trois métiers à tisser gagne parfois plus qu'une fille qui en a sept, on ne sait pas ce qu'on va recevoir à la fin de la semaine, avec ce système, ça permet à celles qui sont bien avec leurs chefs d'avoir une bonne paye, on fait toutes à peu près le même travail, on ne veut plus de salaires au rendement. On ne veut plus non plus de prime d'assiduité ; si tu arrives en retard, si tu manques un jour, c'est la prime de toute la semaine qui saute, on n'en veut plus. »

« De toute façon, qui est-ce qui fait vivre toute l'usine ? C'est nous, les tisseuses, sans nous, ils mourraient tous de faim, ils ne feraient aucun bénéfice, alors maintenant, il faut qu'ils payent. »

Quelques jours après, les ouvriers du textile reprenaient le travail avec 800 escudos d'augmentation pour tous.



Lisbonne, manifestation Renault

« Maria, le pain »

A Porto, elles se sont réunies, elles étaient plus de six cents, elles sont cent mille.

Des vieilles femmes, des jeunes, certaines n'ont que 12 ou 13 ans.

Leur vie ne leur appartenait pas.

« Maria, le pain ! »

« Maria, débarrasse la table, occupe-toi des enfants ! »

Levée à 7 heures, il faut faire les courses, prendre le courrier, le journal, faire le petit déjeuner, nettoyer,

laver leur merde, faire trois repas différents parce que tous n'ont pas les mêmes goûts, préparer quelque chose pour la fille qui est arrivée après le déjeuner, faire la vaisselle, elles n'ont même pas le temps de manger, le plus souvent, elles mangent un sandwich ou les restes froids

des patrons, elles ne peuvent pas sortir l'après-midi, elles n'ont pas de jour de congé, elles travaillent le dimanche, elles dorment peu, et on les met à la porte pour un rien. »

Alors, « nous devons lutter nous aussi pour une fiche de paye, 2 000 escudos minimum, nous devons nous protéger contre les licenciements arbitraires, pour un jour de repos, le droit à un après-midi pour faire nos courses, un mois de vacances payées, un logement décent. »

« Nous ne sommes pas des machines à laver »

Elles étaient décidées à élire une commission pour constituer un syndicat et discuter des formes d'actions.

POEME DU PEUPLE

Qui produit les richesses
Qui appartiennent aux exploiters
Est ce eux ou nous, les ouvriers ?

Pourquoi travailles tu pour ces exploiters ?
Ils ont les richesses et les mercenaires.
Et nous, il nous reste les miettes

Ouvriers, paysans,
C'est unis que nous vaincrons
Que nous écraserons les bourgeois
Qui nous volent notre pain !

Nous sommes les producteurs
Nous créons toutes les richesses
Nous sommes des lutteurs
Pour qu'il y ait du pain sur notre table

Les ouvriers manqueront peut être de pain
Mais ce n'est pas pour ça
Qu'ils cesseront de lutter

Ouvrier, ta force
C'est la force de la raison
Ecrase le patron exploiteur

Les ouvriers de Messa



Portugal: vers une santé populaire-1

LA CLINIQUE DE SANTA CRUZ EN AUTOGESTION

Ce mouvement a été décidé pour pallier, à l'insuffisance de l'infrastructure portugaise. Celle de la santé, par exemple, est en effet désastreuse: les trois quarts des médecins sont installés à Lisbonne ou à Porto; les hôpitaux manquent cruellement. L'enthousiasme que ce mouvement a rencontré dans la population suffit à en montrer la portée. Une lutte autogestionnaire spectaculaire se mène, depuis des mois, parallèlement à ces occupations.

Aujourd'hui, nous avons visité la clinique de Santa Cruz: une clinique autogestionnaire où les employés ont pris le pouvoir. Demain, les cliniques populaires s'appuieront peut-être sur cette expérience.

UN HOPITAL D'AVANT-GARDE

Après les centaines de HLM hideux qui ont bouleversé le paysage, on aperçoit, sur une colline, une sorte de monument futuriste surmonté d'une enseigne lumineuse: « La clinique Santa-Cruz ». Un édifice symétrique, d'un luxe mesurable. En marbre blanc, cent vingt chambres, un des blocs opératoires les mieux équipés d'Europe (350 opérations possibles par jour). La clinique a été créée par soixante-dix médecins réunis en société anonyme. Pour la seule construction, ils dépassèrent leur capital de départ de 400 millions. Une clinique de riches, pour la bourgeoisie milliardaire portugaise. Deux cents personnes y travaillent.

« Le corps des infirmières, comme dit la commission des travailleurs, gagnait jusqu'à double du salaire d'une infirmière de l'hôpital de Lisbonne. Les médecins, très distingués, demandaient des honoraires très élevés. Et la population des alentours, des HLM ou des bidonvilles, devait s'entasser à l'hôpital Santa-Maria de Lisbonne, où il n'y a jamais de place. Après des mois de lutte contre les médecins actionnaires qui voulaient fermer la clinique, les travailleurs sont maintenant maîtres de leur « hôpital d'avant-garde ». Ils viennent de rouvrir les portes des cabinets de consultation à la population.

Une banderole sur la porte: « Hôpital Santa-Cruz ». Deux soldats du RAL 1 (le fameux « régiment rouge » du 11 mars) gardent l'entrée. On se méfie beaucoup de leurs réactions, au Portugal. Un piquet — le personnel se relaie jour et nuit — discute avec une dizaine de militaires du RAL 1. Tous sont souriants.

L'hôpital ne fonctionne pas encore, aucune hospitalisation n'a été admise. Les militaires sont « très contents d'être là, de quitter leur caserne, car il y a tant de travail à faire ».

DE LA PEDIATRIE A L'AUTOGESTION

Dans le bureau de réception, la

Chaque jour voit désormais de nouvelles « occupations ».

Occupations de palais, abandonnés par leurs riches propriétaires, que des militants d'extrême-gauche ont entrepris d'investir pour y organiser des « cliniques populaires », des « centres de protection de l'enfant », des « centres culturels de créativité »... Jusqu'à la mise en place d'une « université ouvrière », ouverte jeudi dernier par le PRP-BR (Parti révolutionnaire du prolétariat-Brigades révolutionnaires). Ce sont les militants de la LUAR (Ligue d'unité et d'action révolutionnaire) qui ont impulsé ce mouvement.

La commission des travailleurs se présente: un ouvrier du chauffage, deux femmes de chambre, une employée administrative et une jeune femme médecin qui est, depuis le début, dans le mouvement. Ils discutent des premières consultations de la journée, de la proposition des « commissions de la population » qui ont demandé au nouvel hôpital d'organiser la pédiatrie, l'obstétrique, des secours d'urgence, ainsi que des postes sanitaires au milieu des habitants.

Tout est poivre et silencieux. Au sixième étage, le somptueux snack-bar est fermé. La « bibliothèque » d'acajou — où il n'y a jamais eu un seul livre — sert de salle de réunion.

Tout a commencé le 11 mai 1974. Le personnel — moins les infirmières — se réunit en assemblée générale et dépose un cahier de revendications au conseil d'administration. Il demande le salaire minimum: 3 300 escudos (660 francs), au lieu des 1800, qu'il gagnait auparavant, un mois de congés payés au lieu de quinze jours pour eux, et de trente pour les infirmières, des heures de travail différentes pour ceux qui étudient, le même nombre d'heures pour tous, et que les pourboires soient partagés entre tous.

« Tout cela a été fait contre la volonté des infirmières, explique Marie-Angela, elles essayaient de boycotter. Elles ne voyaient aucune raison à notre mouvement, elles voulaient maintenir leurs avantages, car elles se considéraient comme plus compétentes ».

LE MEDECIN ANESTHESISTE...

Plusieurs assemblées générales se tiennent donc dehors. En juin, l'assemblée générale décide de renvoyer l'infirmière-chef qui prêche la ségrégation entre infirmières et aides-soignantes; leur interdisant même de boire le café ensemble. N'obtenant aucune réponse du conseil d'administration, les employés menacent de faire grève par voie de presse, dans le journal, A Capital.

« Nous savions que la situation était désastreuse, car la clinique s'était ouverte avec un déficit, explique la commission des travailleurs. Le conseil d'administration nous a donné le choix entre recevoir la moitié de notre salaire ou faire la déclaration de faillite. Il leur fallait,

disaient-ils, le temps de réorganiser la clinique. Mais nous, nous n'avons pas confiance ».

Après de nombreuses démarches au ministère du Travail, des menaces de saisir les honoraires, les employés voient le conseil d'administration brusquement se réduire à un seul médecin: le docteur Avelino Espinheira (anesthésiste), qui empêche immédiatement la tenue des assemblées générales, les affichages, l'entrée des médecins salariés, institue un système policier s'appuyant sur les chefs de secteurs.

Une vague de licenciements des responsables du mouvement amène ceux-ci à demander l'aide des syndicats pour « la première fois depuis le début du mouvement ». Ils rentrent dans la clinique en groupe et sont surpris d'y trouver la GNR (Garde nationale républicaine, les CRS portugais), appelée par le directeur.

Les mois de septembre, décembre passent: les révoltes ne touchent aucun salaire. Ils n'ont plus de garantie de travail. Les électriciens et les chauffagistes menacent de couper le chauffage et l'électricité. L'assemblée générale se réunit et les appelle. Sauf les infirmières. Les médecins actionnaires, en se targuant d'avoir touché leurs honoraires, ont mis le feu aux poudres. Le ministère du Travail et le secrétaire d'Etat à la Santé font la sourde oreille à la lecture des compte-rendus qui leur sont envoyés.

« VOTRE GREVE EST ILLICITE »

Au ministère du Travail, on leur dit: « Votre grève est illícite ». Un enquêteur du gouvernement apparaît alors: le capitaine Tomas Rosa. « Il nous a donné la responsabilité de la clinique et de notre mouvement », dit Marie-Angela, qui sourit. « Il nous a donné le pouvoir de faire les mouvements d'argent qui nous étaient nécessaires. Il disait qu'il était criminel de laisser mourir cette clinique. Il a obtenu pour nous le pouvoir d'ouvrir un compte à la Caisse des dépôts à notre nom pour y mettre l'argent de la clinique. Nous avons alors dit que nous ne voulions plus voir les actionnaires, qu'ils ne rentrent dans la clinique qu'accompagnés par nous », ajoute-t-elle. Marie-Angela a une cinquantaine d'années; militante antifasciste, elle a passé de longues années en prison.

Les malades quittent donc la clinique, le délai avant l'arrêt du chauf-



Pallier à la tragique insuffisance de l'équipement hospitalier et des conditions de l'habitat. (Photo Weiss/Adja)

lage étant de quarante-huit heures. « C'est alors que nous avons commis une grande erreur: nous avons hésité à ouvrir immédiatement le service des urgences et à y travailler. Vingt médecins s'étaient offerts pour ouvrir des consultations immédiatement, bénévolement, des amis de l'hôpital Santa-Maria. Une infirmière et les deux syndicats (PC) ont battu la proposition en assemblée générale. Le capitaine du MFA avait pourtant soutenu notre proposition ».

La solution ne peut plus venir alors que du ministère de la Santé. On attend qu'il réquisitionne la clinique pour y travailler de nouveau. Les révoltes s'y rendent en manifestation. Ils font un détour par le siège de la cinquième division de l'Etat-major, celle qui rédige le bulletin du MFA, qui organise la campagne de dynamisation culturelle. Le secrétaire d'Etat demande trois mois pour étudier le problème de la clinique et conseille aux manifestants de chercher un autre emploi. Ceux-ci doivent alors choisir. Les cent qui veulent rester inscrivent leur nom dans un livre, les cinquante-sept autres signent leur démission du mouvement dans un autre.

LE SYNDICAT AVAIT CALOMNIE L'ASSEMBLEE

Les plus tenaces se rendent à l'assemblée générale de l'hôpital Santa-Maria, à Lisbonne, qui décide une étude d'une semaine pour examiner les possibilités ouvertes par la clinique Santa-Cruz. Un communiqué de presse apprend aux Portugais que la clinique Santa-Cruz rouvrirait ses portes avec accord entre son personnel et celui de l'hôpital Santa-Maria. L'assemblée de Santa-Maria et sa « commission de gestion », déclarent ne vouloir travailler qu'avec les fidèles de Santa-Cruz. Le syndicat des chauffeurs (PC) est expulsé par l'assemblée générale: il avait « calomnié l'assemblée, disant qu'elle était dispartite si les deux hôpitaux y participaient », dira Angela. Un coup de téléphone du ministère apprend à tous que Santa-Cruz est désormais nationalisée.

La méfiance monte: les travailleurs ne savent plus à qui appartient la clinique et ce qu'ils ont en droit d'y faire. La décision de nationalisation n'est-elle pas « un coup dans le dos » pour empêcher la collabo-

ration naissante des deux hôpitaux? Mais déjà, Santa-Maria a décidé d'installer dans la luxueuse clinique des services spécialisés: traumatologie, cardiologie. Une commission gouvernementale vient aussitôt tenter de coiffer ces projets. Mais les nouveaux autogestionnaires tiennent à garder le contrôle sur ce qui se passe chez eux. Un militaire présent, de la commission gouvernementale, fait des excuses publiques. Prévoyant une possible bagarre, la commission avait demandé l'intervention du COPCON.

Aujourd'hui, le nouvel hôpital va fonctionner. La direction sera « assurée par une « direction mixte ». Santa-Maria - Santa-Cruz. Cette commission autogestionnaire a tout à résoudre: les conflits avec le gouvernement et la direction des hôpitaux qui ont voulu introduire à Santa-Cruz leur propre commission administrative et refusent d'admettre des médecins extérieurs aux deux hôpitaux. « Le chef du cabinet du ministre du Travail s'est montré très « partidario » envers nous, dit Angela. Il n'a pas voulu nous aider, il est au PC, il est contre notre action. Tandis que nous nous battons pour le souci d'être autonomes, apatridaires. Et ce sont les femmes qui ont été les plus formidables ».

La commission des travailleurs de Santa-Cruz veut maintenir son pouvoir dans le fonctionnement du nouvel hôpital. « Nous représentons la population qui s'est organisée en commission. Nous l'avons appelée par « Radio-Renaissance ». Elle est venue nombreuse à nos assemblées générales. Il est indispensable que ces revendications soient entendues et que les nouvelles réalisations soient conformes à ce qu'elle demande. Le problème de l'avortement, toujours interdit par la loi, va se poser. La commission y est favorable. Mais jusqu'à présent, les employés étaient maîtres de leur hôpital: les quelques médecins, jeunes, qui ont participé au mouvement, n'exercent pas un pouvoir médical sur eux, mais qu'en sera-t-il avec les nouveaux arrivants? »

Une délégation des travailleurs de Santa-Cruz s'est rendue il y a quelques jours à Cova da Pieda, dans une « clinique populaire », un palais occupé par la LUAR (Ligue d'unité et d'action révolutionnaire) pour le transformer en un centre de santé en autogestion. Une collaboration va peut-être naître de cette rencontre.

B. JEANSON

INTERNATIONAL

PORTUGAL: VERS UNE SANTE POPULAIRE

2 - LES OCCUPATIONS DE PALAIS

Le programme des forces armées du 25 avril prévoyait une nouvelle « politique sociale au service des classes travailleuses ». Or, de fait, en un an, le gouvernement a fait peu de choses dans ce sens. Certes, la direction des hôpitaux a été renouvelée, un « service national de santé », obligeant les internistes en médecine des hôpitaux à faire un stage d'un an en province, a été décrété. Mais les médecins sont encore aux trois-quarts concentrés à Lisbonne ou à Porto.

Dans les grands hôpitaux, des commissions de gestion, élues par le personnel, ont avantageusement remplacé l'ancienne administration. Suite à un conflit entre infirmières diplômées et auxiliaires, les salaires ont été égalisés. Un concours pour les infirmiers et médecins de province a été mis en place. Mais l'infrastructure de la Santé portugaise demeure totalement sous-développée. Les hôpitaux sont insuffisants, débordés; ils ont, en outre, fort mauvaise réputation. Il faut souvent attendre un mois pour une consultation.

Le palais de Cova da Piedade

L'hôpital d'Alameda, dit « le change », garde sa réputation. M'explique une militante de la LUAR qui, depuis le 28 février, participe à l'occupation du palais de Cova da Piedade, dans la banlieue de Lisbonne. Le palais est devenu « la clinique populaire communale de Cova da Piedade ». Alameda est l'hôpital le plus proche de cette petite ville de la ceinture rouge de Lisbonne. Surplombant les maisons, un aperçoit le portique de la Lisnave, les chantiers navals portugais, qui emploient 8 000 ouvriers. « A Cova da Piedade, nous avons eu l'idée d'occuper ce palais, inoccupé depuis quarante ans, pour y installer tout ce qui manque ici. C'est une sage femme du MLAC français qui nous en a donné l'idée », ajoute-t-elle.

La LUAR (Ligue d'unité et d'action révolutionnaire) investissait cette maison le 28 février. Des militantes

du « Groupe d'intervention » ouvraient portes et fenêtres de ce somptueux petit palais situé en plein centre de la ville. Devant la porte, la population attendait les premières consultations de médecine. Quelques médecins et infirmières bénévoles organisaient immédiatement les premières visites.

Dans le palais de trois étages, les habitants de la ville découvraient les murs couverts de soie frappée, les plafonds en caissons et les parquets lambrissés. La salle de bains équipée d'une luxueuse baignoire d'ébène, munie de huit manettes de commande, douche, pluie, eau chaude, eau froide. Du matériel français, sans doute du début du siècle.

Au dernier étage, les fenêtres des chambres de bonnes s'ouvrent sur un petit jardin « à la française ». Une écurie avec une calèche d'époque et les chevaux de la vieille marquise propriétaire des lieux qui, apprenant l'occupation, devait téléphoner — le téléphone marche : « Faites attention à l'électricité ! »

Un palais un peu désuet, fâné, que l'on découvrirait avec un siècle de retard. Une richesse sans problème que les aristocrates et les bourgeois riches maintenaient, à quelques pas d'une population misérable. Des privilèges qui tombent sans violence, car les milliardaires n'osent pas s'opposer à ceux qui viennent occuper leurs palais déserts. « Il y en a comme cela dans chaque ville », me disait une femme médecin venue discuter avec les occupants.

A Caicas, le Neully portugais, à une vingtaine de kilomètres de Lisbonne, ce sont aussi les militants de la LUAR qui ont pris l'initiative d'occuper le « Sporting club », un club de milliardaires. Le 25 avril a troublé leur quiétude et leurs festivités; ils n'y venaient plus. Le « Sporting club » est aujourd'hui un « centre pour l'enfance ». Des centaines d'enfants courent autour



Des visages d'un autre monde nous regardent, sans toujours comprendre (Photo Uzan/Gamma).

des trois piscines situées dans un magnifique paysage où les eucalyptus les embaument, pas encore atteints par la pollution de nos côtes méditerranéennes.

Des militaires de Caicas, volontaires, ont proposé leur aide pour garder le

centre. Avec la LUAR, ils font des rondes armées.

Dans la même ville, une nuit, la LUAR a investi, en sautant par dessus le mur, un asile de vieillards. Ils l'ont ouvert, après en avoir chassé le directeur qui dirigeait cet asile à la manière d'un véritable camp de concentration.

En ouvrant la maison de Cascais, c'est un peu de l'organisation du fascisme salazariste que l'on a révélée: un véritable système de dégradation physique et mentale. Des petites salles repeintes à la chaux tous les dix ans, sales, mal éclairées, surpeuplées; le moindre recein servait à mettre des lits, poulailler y compris.

Dès 7 heures du matin, les pensionnaires étaient parqués dans les deux réfectoires, non mixtes. Ils y passaient la journée, assis, sans rien faire. La télévision était réservée à la seule journée du dimanche. La chapelle, intérieure à l'enceinte, interdite, même les jours de messe. Les paralysés étaient assis sur des chaises tordues non roulantes. Ici, pas de vêtements de rechange, on attendait la mort, sans

Aujourd'hui, les pensionnaires ont enfin le droit de sortir dans la petite cour, pour la première fois. Des visages d'un autre monde nous regardent, sans toujours comprendre. Quelques-uns nous disent : « C'est tous les jours un peu meilleur. »

Le fascisme enfermait les vieux

Pour y être admis, il fallait payer 1 500 escudos par mois. Le directeur prélevait une bonne partie de la somme pour son propre compte. Les pensionnaires n'avaient droit qu'à un seul repas par jour, « une nourriture pour cochons », me dit une infirmière qui, depuis l'occupation, et le renvoi du directeur, travaille bénévolement à la nouvelle organisation de la maison de repos. La LUAR a exigé une enquête sur le financement de la maison, l'assainissement de la direction et l'assistance aux pensionnaires.

Sur le mur donnant sur la rue, on peut lire encore cette pancarte : « Quiconque veut entrer et visiter le peut. » En réalité, seul un médecin, ami du directeur, venait en principe deux heures par jour. Mais des bruits ont filtré et ont révolté ceux qui, aujourd'hui, travaillent à la réorganisation de la maison de repos. « L'Etat ne peut rien faire », m'explique l'infirmière, nous n'avons pas d'argent, mais nous allons tout refaire, lentement, bien sûr.

chaleur, dans la crasse et le dénuement.

Le personnel travaillait treize heures par jour pour 150 escudos par mois. La moindre protestation était punie de renvoi. Sur les murs du réfectoire, un Christ particulièrement expressif suggérait aux pen-

sionnaires de prôner leur mal en patience. Les repas se prenaient face aux murs, sur des tables recouvertes de fer blanc. Certains pensionnaires, avant de manger, servaient de garde-chiots; les autres osaient à peine, aujourd'hui encore, raconter que les coups étaient fréquents.

De nouvelles occupations chaque jour

Cette lutte ouverte contre le capitalisme, qui ont entrepris les militants de la LUAR et les mères de famille, organisés en commissions de gestion des centres d'enfance, ne fait pas l'unanimité. Les officiers du MFA de Caicas ont participé à l'enquête sur la maison de repos, de nombreux soldats ont proposé leurs services, mais la municipalité, encore tenue par un maire d'avant le 25 avril, résiste. Hier, lundi 31 mars, elle parlait d'expulser la crèche pour la réquisitionner pour autre autre chose.

De toutes les expériences, la clinique populaire de Cova da Piedade est la plus avancée. On est surpris, en y pénétrant, de la tranquillité qui y règne. Des blouses blanches, propres, sont accrochées aux endroits appropriés, les occupants sont calmes et actifs. Ils ont commencé à repeindre les salles de consultation en un bleu pâle très avenant. « La couleur est très importante, il faut que cela soit joli et gai », expliquent-ils. Ils veulent installer ici une maternité, avec bibliothèque et des activités culturelles.

Beaucoup de gens ont apporté des médicaments dont ils ne savaient que faire. Du matériel a été donné. Le gouvernement a demandé une liste des choses indispensables. On ne sait pas encore où installer les lits, s'il faut retirer toutes les dorures.

les soirées, les tapisseries, les vendes à des musées et refaire complètement les lieux. Pour l'instant, seules les consultations ont lieu grâce à des médecins bénévoles qui donnent leurs heures libres.

Des militantes du MLAC français sont venues discuter de l'avortement et ont appris la méthode par aspiration à deux personnes de l'équipe de la clinique.

Pour les militants qui impulsent le développement de ces cliniques populaires, il s'agit à terme que la population soit en mesure de les gérer elle-même. Pour le moment, la population « offre des journées, des services », mais la prise en main complète d'un service de santé ne peut se faire immédiatement.

De nouvelles occupations ont lieu chaque jour. C'est devenu une rubrique dans les journaux. Une usine abandonnée a été occupée par d'anciens prisonniers qui ne retrouvaient pas de travail. Des associés d'un club populaire l'ont occupé pour imposer l'ouverture d'une crèche. A Porto, l'association des occupants de maisons vides vient d'occuper une nouvelle maison pour y tenir son siège. Une « université populaire » s'est ouverte à Lisbonne, occupée par le PRP-BR. La dirigeante, qui est médecin, y enseigne la médecine.

B. JEANSON

PORTUGAIS EN FRANCE

Rencontre-debat sur les problèmes des travailleurs portugais immigrés en France. Projection du film sur l'émigration clandestine « O Sombra » (sous-titres français).

Le vendredi 4 avril à 20h30, à la Maison des étudiants portugais, Cité Universitaire Internationale, Bd Jordan, Paris 14^e Cité U.

A l'initiative d'un groupe d'étudiants portugais, deux voyages en autocar sont organisés vers le Portugal, le premier pour le 25 avril et le second pour le 1er mai. Pour tous renseignements, téléphonez au 325 36 96 à Paris ou écrivez à « Découvrez le Portugal », 22 rue Gay-Lussac, 75005.

Pour faire face et faciliter le retour et l'intégration des travailleurs portugais émigrés, un institut d'aide au retour des citoyens vient d'être créé.



Bidonville de la « ceinture rouge » de Lisbonne (Photo Ali Cohen).

Sartre et le Portugal

REVOLUTION ET MILITAIRES

Du 23 mars au 6 avril, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Pierre Victor ont séjourné au Portugal. Ils y ont rencontré des militaires, des étudiants, des paysans, des ouvriers, posé les questions que nous nous posons tous : en quoi les militaires du MFA diffèrent-ils des centurions des autres pays ? Quelles sont les limites du processus de démocratisation et que signifient les mesures autoritaires prises contre des groupes d'extrême-gauche ? Comment fonctionne la dynamisation culturelle ? Comment réagissent les étudiants et les intellectuels ? Quel peut être le rôle des partis, dans ce rapport triangulaire qu'ils constituent avec le MFA et les initiatives populaires d'autogestion ? Pierre Victor est un des anciens dirigeants de la Gauche prolétarienne et auteur avec Sartre et Gavi de « On a raison de se révolter ».

Philippe GAVI — Pour de quarante-huit ans et quoi es-tu allé au Portugal ? Jean-Paul SARTRE — Les événements qui s'y sont passés depuis le 25 avril et qui ont changé la société portugaise m'ont poussé à faire ce voyage. Je voulais savoir ce qui s'était passé au juste, je savais, d'une part que le MFA (Mouvement des forces armées) avait réalisé le « coup d'Etat » qui avait chassé le fascisme. D'autre part, je savais que le peuple s'était éveillé de son long sommeil

comme on dit — et, de ce point de vue, il rassemblait à un coup d'Etat militaire, comme il y en a eu ailleurs. Mais il est très spécial, parce que les officiers, au Portugal, ne ressemblent pas aux autres officiers. C'est une nation entière qui, par ses différentes strates, passe à l'armée. Les officiers représentent à peu près toutes les catégories de la nation : il y a comme une espèce d'unité de la nation portugaise en Angola et ailleurs sous la forme de ces officiers et de ces soldats. Les officiers ont été recrutés et chez les paysans, et dans la petite bourgeoisie — quelques-uns dans la grande. Ils représentent une totalité nationale. A la différence de la France, par exemple, où les officiers sont ordinairement choisis dans une certaine classe de la nation, au Portugal, c'est toute la nation que les fournit.

La révolte des officiers ne signifie donc pas en particulier que l'armée est mécontente (encore qu'elle le soit, étant donné que les guerres coloniales, lentement, deviennent perdues ; mais cette armée elle-même, c'est le Portugal tout entier). Elle représente la réaction d'un peuple au bout de cinquante ans de fascisme.

Donc, on assiste non seulement à un « coup d'Etat », mais à un réveil du Portugal. C'est ce fait qui m'a paru essentiel. Et en effet, les officiers, aujourd'hui — et j'en ai vu pas mal — ne ressemblent que peu aux officiers français, allemands ou anglais. La notion d'autorité, qui devrait sortir renforcée d'un coup d'Etat militaire, devient au contraire de plus en plus légère, s'accompagne de moins en moins de sanctions, et très souvent, la discipline est en quelque sorte consentie par les soldats après des discussions. Le « coup d'Etat » amène donc une sorte de changement de l'armée, qui ressemble de plus en plus à un service civil : c'est, je crois, la première impression que donne le Portugal.

DEMOCRATIE ET MILITAIRES

Pierre VICTOR — Oui, mais ce processus qui produit cette discipline un peu flottante n'est pas simple, il va rencontrer des luttes. A un certain stade, la démocratisation devra s'opposer à la direction totale du mouvement militaire de masse exercée par les officiers. Alors comment une relève partielle par les sous-officiers et les soldats peut-elle se faire, sans que cela ne conduise à une perturbation trop grave qui désorganiserait le mouvement de masse populaire ? C'est évidemment une question extrêmement difficile, la question de la démocratie, la question de la démocratie, c'est encore là une question que je ne vois pas de résoudre.

Serge JULY — Par rapport à ce que vient de dire Pierre, je dois dire que j'ai été énormément surpris par la composition de la nouvelle assemblée du MFA. Vous savez qu'après le 11 mars,

une nouvelle assemblée a été mise en place, au sommet de laquelle se trouve le Conseil supérieur de la Révolution. Cette assemblée existe depuis le 25 avril, mais sa composition est transformée. Jusqu'à présent, elle était composée de délégués élus par casernes, par unité militaire, et elle représentait, exclusivement des officiers. Depuis le mois de janvier, un certain nombre de sergents avaient été élus pour participer à cette assemblée. L'échec du 11 mars de la tentative spinoziste est dû principalement aux soldats, que ce soit à l'intérieur du RAL (le ou chez les parachutistes, la politisation dans l'armée a porté ses fruits), au niveau de la base. Il fallait donc sanctionner le fait que les soldats jouent un rôle important dans le processus et les faire entrer dans l'assemblée du MFA. Au début, je pensais que leur participation ne serait que symbolique, compte tenu de la difficulté d'un processus de démocratisation. En fait, c'est beaucoup plus important que je ne le pensais : ils sont maintenant quarante soldats et quarante sergents élus sur deux cent quarante. Ce n'est donc pas un processus purement symbolique.

VICTOR — Avec cette assemblée du MFA, j'ai un peu l'impression que ce qui est devenu le haut de l'armée va au bout de sa potentialité démocratique. Je n'arrive pas à concevoir, pour n'importe quel groupe — et là, c'est un groupe en position non seulement de pouvoir dans l'armée, mais aussi en position centrale d'un pouvoir d'Etat central —

qu'il cède le pouvoir sans que ce soit le fruit d'une révolution interne au sein de l'armée. Or certains signes ne vont pas dans le sens de cette révolution. Ainsi, par exemple, la dissolution du MRPP. Dans toutes les discussions qu'on a eues avec les officiers, le MRPP est toujours présenté comme un élément de discord et d'agression contre les forces armées. A la limite, ce que fait le MRPP sur la place du Rossio n'a aucune importance pour le MFA, mais ses tentatives — que le MRPP appelle — « lutte de classe » — sont plus dangereuses, de l'avis des officiers.

Cela situe bien l'acuité du problème : pour que les soldats prennent plus de pouvoir, il faut nécessairement développer d'une certaine manière la lutte de classe. Mais si c'est la lutte de classe tout court, comme l'entendait un certain marxisme, c'est fichu. Cela désorganiserait le mouvement de masse populaire. Il faut donc une révolution démocratique dans la société portugaise, à l'heure actuelle, c'est encore l'armée. Elle détruit ce bras armé d'une réactionnaire. Il faut donc que la nouvelle gauche trouve une lutte démocratique de classe qui, à la fois, mobilise les

soldats, et qui tienne compte de l'esprit du 25 avril : c'est-à-dire un programme d'unité des forces armées, mais qui ne soit pas celui légué par la vieille armée et par la vieille logique de l'institution militaire. Toute la difficulté, l'originalité du problème est là. Or certains groupes gauchistes ne semblent pas s'adapter à cette originalité. De là, des réactions proprement militaires, au sens français.

GAVI — Pendant ton séjour, tu as vu pas mal de militaires. Des officiers ? Des soldats ?

SARTRE — Nous avons rencontré des soldats à la caserne rouge, mais ils étaient muets. Ce sont donc surtout des officiers que j'ai vus. Ceux que j'ai rencontrés tenaient des propos démocratiques. La difficulté est de savoir ce qui est derrière. La plupart des officiers que nous avons vus se déclaraient pour une révolution socialiste, même communiste. Certains étaient vraisemblablement influencés par les communistes, mais beaucoup tenaient ces propos en dehors de Parti communiste, et du Parti socialiste qu'en général, ils n'aiment pas. Ils concevaient un socialisme ou un communisme à

l'ensemble des ouvriers et des paysans — soutient le MFA. Ils ont l'impression de constituer une unité : MFA-peuple. Je crois qu'en fait, c'est plus compliqué.

DELIVRER LE PORTUGAL DU FASCISME

GAVI — Les officiers que tu as vus étaient-ils, avant le 25 avril, considérés comme des gens de gauche ?

SARTRE — Dire qu'ils étaient à gauche serait exagéré. Mais ils n'étaient certainement pas fascistes. Ils étaient mécontents du régime, ils en souffraient : d'abord en tant que membres de l'armée, car l'armée était dans un sale état avant le 25 avril, les guerres coloniales n'étaient guère brillantes, loin de là. De plus, c'étaient d'anciens civils de toutes origines qui s'engageaient souvent dans l'armée parce qu'il n'y avait pas d'autres possibilités pour eux au Portugal. Si bien qu'ils représentaient un élément qui trouble considérablement pour l'Etat fasciste. Cependant, ils étaient indispensables, puisqu'il y avait la guerre coloniale.

C'étaient donc des personnes très complexes,

ter la guerre, et pour détruire le Portugal du fascisme.

L'armée s'est modifiée petit à petit, surtout à partir du moment où Spinoza a été chassé. Elle s'est toujours modifiée vers la gauche ; elle a de plus en plus compris les problèmes sociaux du Portugal à partir du moment où elle a dirigé le pays. Il y a donc un mouvement de démocratisation de l'armée, non seulement chez les soldats, mais également chez les officiers : ils pensent à ce qu'ils pourraient être une démocratie populaire, mais ils n'ont pas encore un jugement net là-dessus. Il est par exemple curieux qu'au cours d'une conversation avec les officiers, l'un d'eux a dit que l'essentiel était que le MFA voulait libérer un espace politique pour la population civile. Or cet espace, pour de vrais démocrates, ce n'est pas une partie du Portugal, c'est le Portugal entier. Ils ont donc une curieuse façon de concevoir une liberté politique confinée dans un certain espace politique, les autres affaires politiques devant concerner le MFA. On accorde un espace démocratique, et le reste du Portugal est gouverné par le MFA.



11 mars 1975. Des parachutistes manœuvrés par des officiers putschistes encerclent la caserne du 1er RAL, le « régiment rouge » de Lisbonne. Leur échec ouvrit la voie à la révolution. (Fotobib)

la portugaise. Et là, je ne sais pas exactement ce qu'ils voulaient dire.

GAVI — Quelles étaient les questions que tu leur posais ou qu'ils te posaient ?

SARTRE — On leur demandait jusqu'où ils pensaient aller, quelle importance prendrait l'armée au Portugal avec une constitution et une assemblée. Sur ce point, il semble qu'il y ait une certaine obscurité, du moins dans leurs réponses. Le MFA a été institutionnalisé, ce qui est très important : le MFA maintenant n'est plus une simple organisation d'une partie de l'armée, mais c'est une institution qui a une portée politique. Je ne sais pas si c'est le cas, mais c'est une institution qui a une portée politique. Je ne sais pas si c'est le cas, mais c'est une institution qui a une portée politique.

Il faut donc une révolution démocratique dans la société portugaise, à l'heure actuelle, c'est encore l'armée. Elle détruit ce bras armé d'une réactionnaire. Il faut donc que la nouvelle gauche trouve une lutte démocratique de classe qui, à la fois, mobilise les

chassées du Portugal vers l'armée coloniale, mécontentes de l'administration centrale du Portugal et du régime fasciste, sans opinion précise par ailleurs, mais se formant une opinion petit à petit sur la guerre, sur les groupes résistants en Angola et dans les autres pays colonisés. Par conséquent, ils représentaient toute une base dont l'opinion n'était pas faite. Au départ, ils ont considéré le général Spinoza comme étant celui qui pouvait représenter politiquement les militaires, parce qu'il avait écrit un livre sur la situation en Angola, dans lequel il déclarait qu'il fallait faire la guerre. C'est donc lui qu'ils ont vu comme leur représentant. Spinoza qui, pour eux, était un révolutionnaire, mais qui, pour eux, était un révolutionnaire. C'est donc lui qu'ils ont vu comme leur représentant. Spinoza qui, pour eux, était un révolutionnaire, mais qui, pour eux, était un révolutionnaire.

Il faut donc une révolution démocratique dans la société portugaise, à l'heure actuelle, c'est encore l'armée. Elle détruit ce bras armé d'une réactionnaire. Il faut donc que la nouvelle gauche trouve une lutte démocratique de classe qui, à la fois, mobilise les

VICTOR — Le plus important est de comprendre qu'il y a deux logiques au sein de l'armée à l'heure actuelle qui s'affrontent : une logique de mouvement, qui n'est pas du simple ressort des soldats et qui procède effectivement des capitaines, et une logique de pouvoir. Autrement dit, il ne faut pas jouer sur le mot « armée », sur le mot MFA.

Il faut évidemment pour mesurer la logique de mouvement : voir tout ce qu'elle peut donner au sein de l'armée tant qu'elle n'a pas de relais à l'extérieur, dans la société civile. Et il faut voir que la logique de pouvoir n'est plus une simple logique de pouvoir militaire, puisque le MFA est devenu le pouvoir d'un coup d'Etat central. Il y a donc une logique de pouvoir d'Etat central, à caractère militaire, ce qui, d'une certaine manière, aggrave le danger autoritaire — on cumule deux inconvénients : l'héritage de l'institution militaire et l'héritage de l'appareil d'Etat civil salazariste.



Juin 1974. « La rose et la matraque »... Depuis bien des ambiguïtés ont été levées, même si d'autres subsistent.

Sartre et le Portugal

LES FEMMES ET LES ÉTUDIANTS

- Le léninisme en question
- Le silence étudiant
- Simone de Beauvoir et les femmes

P. GAVI : Dans la théorie léniniste classique, un mouvement révolutionnaire est dirigé par un parti révolutionnaire marxiste-léniniste. Au Portugal, il n'y a pas eu de parti dirigeant, au contraire, c'est quelque chose qui se passe à l'intérieur d'un conglomérat d'individus, se pensant comme individus. Cela n'infirmerait-il pas les théories léninistes ?

PIERRE VICTOR. La théorie étroite de la classe et de la lutte de classes comme déchirement du tissu social conduisant à une révolution, en prend un coup énorme au Portugal, c'est certain. Mais il n'y a pas, à la place de cette théorie, une idéologie hégémonique forte et convaincante, c'est pourquoi, certains nous vont prendre la place de la théorie étroite de la classe avec toute leur ambiguïté, mais aussi tout leur dynamisme. La notion de nation ou de démocratie, par exemple. Un mot comme démocratie a un contenu, une énergie qui n'a pas son équivalent en France, c'est pourquoi la discussion sur le pluralisme a-t-il un sens très fort là-bas. D'autre part, du fait de la position centrale du MFA, la notion de nation peut garder de ses nombreux aspects traditionnels et donc justifier une idéologie de reconstruction nationale autoritaire. Dans le thème qui apparaît actuellement dans le plan de reconstruction nationale, il y a incontestablement ce danger.

J.P. SARTRE. Je suis entièrement d'accord. L'armée en même temps qu'elle la réalise, dissimule un peu la lutte de classes proprement dite. Il faudra que nous parlions du peuple. C'est le corrélatif de l'armée, puisque « MFA/Povo », est la liaison que les officiers doivent toujours comme la vraie. Mais il faut voir que la notion de peuple va s'opposer à la notion d'armée. On parle de la liaison armée-peuple, mais si on regarde dans le détail, ce n'est pas si vrai que cela. Le peuple n'est pas profondément allié à l'armée, il la considère plutôt presque comme un mal nécessaire.

Serge JULY. Il y a eu cinquante années de fascisme. C'est la chose la plus difficile à faire comprendre en France. Ceux qui ont moins de 40 ans maintenant sont nés sous le fascisme, ils n'ont jamais rien connu d'autre. Dans les rues, dans l'éducation, dans la manière de parler, ils n'ont connu que cette espèce de code quotidien imprimé par le fascisme.

J.P. SARTRE. Oui, il y a des faits simples et quotidiens : la façon dont les

gens marchent dans les rues, très vite bousculant les uns les autres. Les rues sont très différentes de ce qu'elles étaient il y a quatre ou cinq ans : c'était alors un désert. Les gens ne sortaient pas, ne se promenaient pas dans les quartiers du centre. Maintenant, partout, c'est la foule, quand je m'y promène : cela ressemble à une émeute, ils étaient tous serrés les uns contre les autres, passant difficilement les uns entre les autres, mais toujours regardant plus loin. Cette façon de marcher, très particulière, que ne n'ai jamais vu ailleurs, représenterait-elle une marque de leurs 50 années de fascisme ?

P. VICTOR. L'expression la plus profonde que j'ai entendue, venait d'une fille participant à un groupe théâtral qui a occupé une maison pour en faire une sorte de « maison pour tous ». Elle a dit : « Pendant ces cinquante années de fascisme, le peuple était dans une prison, il était réduit au silence. Maintenant, après le 25 avril, on risque de le mettre dans une autre prison ». Elle parlait des rapports que les gens ont, avec les partis. Elle ajoutait : « Pour notre groupe, le plus important, pour faire sortir de prison le peuple, c'est de le faire sortir de son silence ». C'est-à-dire de lui permettre de s'exprimer. Toute l'orientation de ce groupe est de libérer la créativité chez les gosses. Elle touche là l'essentiel.

P. GAVI. On a l'impression que le milieu universitaire n'a pas été touché par ce mouvement.

J.P. SARTRE. Il y a surtout une espèce de silence de la part des étudiants. Au cours d'une conférence, je leur demandais comment ils voyaient les choses aujourd'hui, etc. Ils ne répondaient pas. Ils s'opposaient les uns aux autres assez violemment, mais sans que nous puissions, à la tribune, comprendre un seul mot. La question était posée : cela provoquait chez eux une réaction contre leurs camarades et non pas vis-à-vis de celui qui posait la question. Il y avait des bruissements, des enquêlements parfois violents, mais rien qui puisse aboutir à la tribune. Je crois que les questions que je leur posais avaient une certaine valeur pour eux, mais ils ne pouvaient pas en faire une théorie qui aboutisse à une réponse générale par rapport à nous. Ils se trouvaient dans une position que n'ont pas généralement les étudiants dans une révolution : généralement, les étudiants sont en avant ; et là, ils étaient derrière. Ils pensaient à ce qu'on leur disait, à ce qu'ils voyaient dans les rues, mais

ils n'étaient pas ceux qui forment l'idéologie, ceux qui vont en avant pour la soutenir. Ils n'avaient aucune idéologie, un vague marxisme peut-être. Je ne veux pas dire qu'ils refusaient la révolution, mais ils ne la faisaient pas. Et c'est la même impression que nous avons eue pour les écrivains. Ce sont des gens qui n'ont parlé que de la révolution, mais ils étaient derrière.

DES ÉTUDIANTS
• STUPEFAITS •



Des femmes prisonnières du capitalisme autant que du patriarcat ancestral. L'abolition de celui-là ne sera effective qu'à la fin de celui-ci. (Païreault).

P. VICTOR. J'ai l'impression qu'il y a un mouvement étudiant, stupéfait, parce qu'on lui a volé son objectif. Le 25 avril, Renverser Cavaleiro ou Salazar était un objectif dont le mouvement étudiant pouvait s'emparer. Les miliciens qui ont été le ferment du MFA sont quand même des étudiants, d'une certaine manière : ce sont des officiers étudiants. Or ces « miliciens » ont volé leur objectif aux étudiants.

À mon sens, les étudiants aujourd'hui, ne peuvent avoir qu'un objectif : secréter de l'anti-autoritarisme. Or, ils n'en sont pas encore à pouvoir proposer des objectifs anti-autoritaires qui consisteraient, par exemple, en une lutte pour le pouvoir à l'intérieur de la fac : cela leur donnerait de quoi comprendre les micros-pouvoirs qui se développent dans les palais occupés ou les usines autogérées. Or il n'y ont pas accès. Mais je ne suis pas pessimiste. Je crois que l'une des raisons qui font

qu'il n'y ont pas encore accès, est due au poids de la pensée autoritaire.

P. VICTOR. Au Portugal c'est comme s'il y avait un marxisme des années 30 dans un frigidaire : on le ressort après des décades de congélation. C'est de la viande congelée. On entend des marxistes-léninistes dire bêtement : la révolution socialiste, c'est la révolution prolétarienne ; la révolution prolétarienne, c'est la classe qui la fait ; la classe la fait par l'intermédiaire de son parti ; le parti, c'est nous ; nous ne sommes pas,

communisme, qui ne sont pas des féministes proprement dites, c'est qu'il faut faire la révolution d'abord, c'est prioritaire ; il y a des tâches plus urgentes que de lutter pour l'égalité des hommes et des femmes. On connaît trop bien la chanson. La question féminine serait secondaire : alors que les femmes représentent plus de la moitié de l'humanité. On luttera plus tard une fois la révolution faite pour l'égalité des hommes et des femmes. Or jamais la révolution n'a conduit à cette égalité : ni en URSS,

ni à Cuba, ni en Algérie ou après avoir lutté à côté de leurs « frères », les femmes ont du subir à nouveau l'oppression traditionnelle. On comprend que les féministes portugaises tentent de refuser la suprématie patriarcale dont les hommes portugais sont profondément imbus. Je pense cependant qu'elles ont eu un tort : celui de ne pas avoir pris parti d'une manière assez nette pour la révolution. Pourquoi ne sont-elles pas allées, par exemple, aux grandes manifestations à l'occasion de la nationalisation des banques ? C'est une chose qu'on leur reproche. Elles devraient lier la lutte féministe à la lutte révolutionnaire. Ceci dit, j'ai rencontré Maria-Teresa Horta. Elle prenait très à cœur ce problème. D'après elle, on obtenait plus d'écho dans les campagnes parce que, bien que les femmes soient plus écrasées par l'Eglise, elles ont plus de responsabilités, elles dépendent beaucoup moins d'un parti et elles disent très volontiers que la révolution, pour la femme, commence au lit. Ce qu'on entendra jamais dans la bouche d'une ouvrière, qui est beaucoup plus prise à l'intérieur de son parti — du parti de son « général » — et qui reçoit les consignes de la gauche classique.

Une femme qui a été ministre m'a dit qu'il y avait un mouvement intéressant parmi les catholiques d'extrême-gauche. Elles vont dans les villages, essayent de parler avec les femmes et tentent de leur faire prendre conscience à la fois de la révolution et de

leur lutte de femmes. Mais ce sont des mouvements extrêmement rares. Ce qu'on peut reprocher aux féministes, c'est de ne pas faire cette agitation féministe et politique révolutionnaires.

J'ai senti que lorsqu'on prononçait certains noms, en particulier celui de Maria-Teresa, il y avait un frémissement hostile dans la salle. C'était une salle où il y avait une majorité de femmes. Parmi les quelques hommes qui s'y trouvaient, il y en a un qui a tenu un discours révolutionnaire classique, il y a le mouvement révolutionnaire, le mouvement démocratique, le mouvement petit-bourgeois que représente Maria-Teresa et enfin, il y a le mouvement démocratique révolutionnaire dans lequel sont engagées les femmes plus ou moins communistes, et qui se borne à avoir des revendications dans le courant de la condition féminine classique (plus de crèches, etc.) mais pas du tout dans la lutte pour l'avortement, la contraception, etc. Les communistes défendent encore là-bas les thèses qu'elles soutenaient en France il y a une vingtaine d'années : l'avortement et la contraception, c'est du malthusianisme, c'est contre la classe ouvrière. Ce qui n'empêche pas qu'il y a quand même des avortements, mais ce sont des avortements clandestins, très dangereux.

S. JULY. Il faut ajouter que c'est au Portugal qu'il y a le plus de mortalité infantile. Il y a une distance considérable entre les féministes, qui sont toutes des

LIER LA LUTTE
DES FEMMES
À LA LUTTE
REVOLUTIONNAIRE

P. GAVI. Dans le même domaine, je pense que le discours féministe ne doit pas avoir beaucoup d'emprise non plus.

S. de BEAUVOIR. Non, certainement pas. Le problème n'est pas senti comme capital. Le conflit réside justement entre les rares féministes et le reste de la population portugaise. Il y a même une répugnance, une hostilité considérable de la part des hommes. Le grand argument que donnent beaucoup de femmes qui ne sont pas très loin du



Les thèses du PCP sur les questions féminines rassemblent pour une bonne part à celle du PCP : plus de crèches, des conditions de travail aménagées etc. Avec en plus un côté très rétro, très « Jeannette Vermeir » : l'avortement, la contraception, c'est Malthus, mauvais pour la classe ouvrière...



Le grand argument des femmes proche du parti communiste : faire la révolution d'abord. La question féminine reste aussi explicitement posée comme secondaire. (Paireault).

intellectuelles — des journalistes, des écrivains — et les mouvements mêmes auxquels participent des femmes, souvent en première ligne, et dont les féministes ne s'occupent jamais. Il y a par exemple, un mouvement de cliniques populaires, de cliniques sauvages, qui se crée, dans lequel les femmes du peuple se trouvent en première ligne. On n'a pas réussi à entraîner ces féministes intellectuelles, ne serait-ce que pour voir ce qu'étaient ces mouvements.

Je me souviens d'une crèche dans laquelle je suis allée. C'était une crèche populaire, il y avait cinq cents ouvriers agricoles. Eh bien, c'étaient des femmes, des ouvrières agricoles, en particulier des femmes du PC, qui en dirigeaient l'occupation. Sans parler des ouvrières, la plupart des petites entreprises autogérées le sont par de jeunes ouvrières. Il existe donc tout un mouvement dans lequel les femmes sont très actives, il y a aussi une sorte d'émancipation bien faite : par exemple dans une petite entreprise autogérée, l'été dernier, les jeunes filles — 18, 19, 20 ans — se sont trouvées devant le choix : continuer la lutte ou quitter leur famille. Certaines ont quitté leur famille.

S. de BEAUVOIR. Ces femmes se battent contre le capitalisme, mais elles restent complètement dans le système patriarcal, elles ne pensent absolument pas à le détruire. C'est là-dessus que les féministes proprement dites essayent de les toucher, mais elles n'y arrivent pas. Je pense qu'elles ont tort ; elles pourraient travailler dans

quelque chose comme le MLAC, par exemple. On peut parler proprement de problèmes féministes si on prend réellement part aux luttes des femmes. Si les féministes portugaises s'intéressaient aux cliniques populaires, par exemple, elles pourraient parler avec les ouvrières. Or elles ne se mêlent pas assez aux mouvements populaires.

LE RÔLE DES INTELLECTUELS

S. JULY. Ce qui m'a frappé au Portugal, c'est le statut de l'intellectuel : ce n'est pas le même que celui de l'intellectuel français. L'intellectuel au Portugal, était à cinq cent mille lieues du peuple. C'est quelqu'un qui a été assez choyé par le régime fasciste. Les sculpteurs, par exemple, étaient vraisemblablement la catégorie artistique qui a le plus profité au fascisme. C'est pourquoi il est très difficile pour eux et pour les étudiants, qui forment une élite, d'aller au peuple.

S. de BEAUVOIR. Les écrivains menaient, disaient, une lutte libérale, bourgeoise. Le coup d'État leur a confisqué en quelque sorte tout le sens de leur effort, et leur a enlevé toute responsabilité.

P. GAVI. Vous avez rencontré des écrivains ?

J.P. SARTRE. Oui. Ceux que j'ai rencontrés se disaient de gauche, ils parlaient comme des gens de gauche.

P. GAVI. Comment concevaient-ils leur rôle ?

J.P. SARTRE. Ils s'interrogeaient sur la possibilité d'une littérature populaire, d'une œuvre collec-

tive, d'une animation dans les villages ; comment avoir un certain rapport avec les paysans, les intéresser à partir de la culture paysanne proprement dite ? Mais en fait, il n'y en avait que deux ou trois qui parlaient. Une femme me disait qu'elle voulait essayer d'écrire des livres pour les enfants, en m'expliquant que l'ingénieur et le manœuvre ne lisaient pas les mêmes livres, mais que les enfants de l'ingénieur et du manœuvre peuvent lire les mêmes choses. Ils se posaient des questions. Ils pensaient surtout sur le théâtre et aussi la chanson.

S. JULY. Que faisaient réellement ? A travers la dynamisation culturelle, les militaires ont demandé la constitution de services dans lesquels il y aurait des peintres, des musiciens, des gens de théâtre. Et effectivement, des peintres participaient à la dynamisation culturelle, ainsi que des troupes de théâtre. Ce qui est amusant, c'est que les troupes de théâtre jouent Brecht, etc. Mais il n'y a pas invention d'un théâtre propre. Excepté la Commune, groupe qui a participé à la dynamisation culturelle, et qui, lui, a cherché à retrouver de vieilles pièces du Moyen Âge pour avoir une communication plus directe avec les problèmes du peuple.

Demain :

• La dynamisation culturelle.

• Une usine autogérée près de Porto.

• L'initiative ouvrière.

PSYCHIATRIE

Aujourd'hui, journée internationale pour Leonid Pliouchtch

UN SAVANT SOVIÉTIQUE A L'ASILE

Le 15 janvier 1972, Léonid Ivanovitch Pliouchtch, citoyen soviétique, est arrêté par la police de son pays. Après un an passé dans un hôpital psychiatrique, Léonid a été condamné pour « menées antisoviétiques » et « textes dactylographiés » à l'internement d'office. Depuis, Léonid Pliouchtch s'éteint dans une cellule capitonnée de l'HP spécial de Dniepropetrovsk.



L'internement politique est devenu, en URSS, une institution répressive remarquablement « efficace », parfaitement huilée, et discrète. Elle massacre

littéralement à coup de traitements et de neuroleptiques ceux qui, comme le dit Semion Glouzman (1) sont pris « comme des rats » au piège de l'HP. Léonid Pliouchtch aurait pu mourir comme des centaines d'autres, sans que jamais l'on ne connaisse le nom de ce qu'il a fait. Seulement voilà : Pliouchtch n'est pas un inconnu, mathématicien soviétique de renom, auteur d'études sur la bio et la psychocibernétique, sa disparition n'est pas passée inaperçue et son internement a soulevé, en URSS comme partout ailleurs dans le monde, une salubre levée de boucliers.

Qui est Pliouchtch et qu'a-t-il fait ?

En 1968, il s'insurge

publiquement contre les grands procès d'opinions du moment, (2) en écrivant des textes violents et vengeurs à la très inébranlable Pravda. De ce fait, il est renvoyé de l'institut et se retrouve au chômage. Par la suite, tout en travaillant à de nombreuses tâches manuelles pour subvenir à ses besoins, il poursuit la lutte en tant que membre fondateur du groupe d'initiative pour la défense des droits civiques en URSS et signe, le 20 mai 1969 « l'appel à l'ONU » pour protester contre l'arrestation du général Grigorenko. Ce dernier acte accélère son arrestation. Durant un an, il sera au secret, coupé de toute visite de tous moyens d'information et le jour du procès sans sa présence, sans avocat, sans ses témoins (refoulés à l'entrée du tribunal), la mère et la sœur de Pliouchtch entendront murmurer les termes de paranoïa et d'internement à vie. Voilà, c'était tout, il n'y avait plus rien à faire.

Depuis lors, rien, le silence total ; on cache Pliouchtch.

Dès les premiers échos de l'affaire parvenue en Europe, elle a été prise en main par divers mouvements comme Amnesty international et le comité international des mathématiciens. Amnesty, réunie à Genève samedi dernier, a proposé une « journée internationale Pliouchtch » pour le mercredi 23 avril. Il sera bon que les investigations et les dénonciations ne se limitent pas à Pliouchtch et à « l'internement psychiatrique comme moyen de répression politique », mais à tous les internés et à tous les internements.

Ce qui gêne le plus les autorités soviétiques, c'est que Léonid Pliouchtch n'est pas anti-communiste, il se réclame du marxisme. Il a écrit dernièrement : « Il y a le temps où les Bolchéviques proclamaient fièrement : nous n'avons pas peur de la vérité, car elle travaille pour nous », ce temps là est révolu ».

Quand le père d'Alain, bouleversé, est allé reconnaître le corps à Landau, il n'a pas pu rencontrer les amis d'Alain, car l'autorité militaire ne le lâchait pas d'une semelle. Un soldat a tout de même pu lui dire entre deux portes : « On vous dira ce qui s'est passé ». Quand ?

Yan KERMOR

Quimper, incidents au palais de justice

Cent cinquante conjurés sont venus apporter leur soutien à Albert Lanne, cafetier de son état, jugé pour avoir, le 25 décembre dernier, servi à boire à un client en état d'ivresse. Les membres du Comité de défense des commerçants et artisans, après avoir perturbé l'audience ont jetés des cailloux sur le service d'ordre qui dispersa les manifestants avec des grenades lacrymogènes. M. Lanne a été condamné à 15 jours de prison et son café a été fermé pour deux mois.

Chômeur et désespéré

Un père de cinq enfants a tué son épouse et s'est fait justice. Chômeur, ne pouvant subvenir aux besoins de ses enfants (ceux-ci avaient été placés dans une institution) il s'appelait Amokrane Abad ; il était algérien.

raciste,

Le moyen révélateur des quotidiens régionaux considère le racisme comme « une chose plutôt répandue ». Les auteurs de violences racistes subissent des condamnations « trop légères » ; néanmoins quand il s'agit de travailleurs algériens, le Français moyen juge « qu'ils sont une charge » et qu'ils sont « traités normalement ». Le Français moyen n'est pas raciste, mais...

Brigade de protection des crapauds

Des lycéens de Metz viennent de constituer une « Brigade de protection des crapauds » pour protéger les petits batraciens de la fureur homicide des automobilistes. Les crapauds ayant la fâcheuse habitude de traverser au moment de la ponte une petite route du village de Lessy, pour aller plus aisément copuler dans un étang voisin, se font écraser par milliers rendant la chaussée glissante et dangereuse. Les membres de la « Brigade de protection des crapauds » transportent chaque soir les crapauds de l'autre côté de la rue et ont imaginé un panneau triangulaire sur lequel figure un crapaud avec la mention : « Préservez la nature, roulez au pas ». Apprenons la rue à nos crapauds !

Breloques pour Chamalières

Grande distribution de médailles à l'Eysse pour le personnel de la mairie de Chamalières dont le maire était jadis un certain Giscard. Jeudi ce sera le tour des collégiens de Chamalières, dans le cadre des dix pour cent (1). Ils seront reçus à l'Eysse avec leur prof.

Crimé mystérieux à Pontoise

Le corps en décomposition d'un inconnu la tête écrasée à coups de pierre a été découvert au bord de l'Oise. Le crime remonterait à un mois et le seul indice dont dispose la gendarmerie de Cergy-Pontoise serait une paire de chaussures fabriquées au Portugal.

ARMÉE

MORT POUR

« CAUSES

INDETERMINÉES »

Cent cinquante ou deux cents personnes sur le parvis de l'église Saint Nicolas, au dessus desquelles surgissent trois képis. Quelques couronnes de fleurs sur un fourgon noir, une famille en larmes, cinq soldats des troupes de marine venus de Nantes pour « rendre les honneurs » à un cercueil recouvert d'un drapeau tricolore. C'était hier à Châteaubriant (Loire Atlantique) l'enterrement d'Alain Perrigaud, 21 ans, mort dans des circonstances encore inconnues à Landau (Allemagne) où il faisait son service militaire.

C'est un de ces morts dont on parle peu. Ouvrier d'usine à Châteaubriant, il avait été incorporé en juin dernier. Pour être rentré à la caserne avec 24 heures de retard après une permission, il avait été mis aux arrêts de rigueur pour 20 jours. On l'a retrouvé mort dans la chambre d'arrêt le 12 avril au matin.

Le père d'Alain, lui aussi ouvrier d'usine à Châteaubriant, s'est rendu à Landau pour reconnaître le corps de son fils. Le médecin militaire lui a remis un certificat de décès précisant que les causes de la mort étaient « indéterminées ».

Pourtant, lundi dernier, soit neuf jours après la mort, le Commandant Lenoir, chef de cabinet du général commandant la 3ème région militaire, envoyait un communiqué à la presse selon lequel le décès était « dû à une trop forte absorption d'alcool ». Une précision bien tardive !

Les amis d'Alain, ses copains de sortie ou de travail, n'admettent pas cette explication : « C'est pas normal, nous a dit l'un d'eux, on ne meurt pas comme ça à vingt ans. Pour moi, cette histoire d'alcool, c'est de la connerie. C'était un petit gars comme les autres. A l'usine où je bosse, on le connaît bien, et il y a des pères de familles qui disent que, si c'était leur gosse, ils le feraient sortir du cercueil pour faire une autopsie. Pour nous, il y a quelque chose de caché ».

Quand le père d'Alain, bouleversé, est allé reconnaître le corps à Landau, il n'a pas pu rencontrer les amis d'Alain, car l'autorité militaire ne le lâchait pas d'une semelle. Un soldat a tout de même pu lui dire entre deux portes : « On vous dira ce qui s'est passé ». Quand ?

(1) : Semion Glouzman, psychiatre aujourd'hui interné en URSS, dans un document publié par le Nouvel Observateur.

(2) : principalement le procès de Guinzbourg et Galskovo.

Libération

France : 1,50F

Suisse : 1,20 FS

Belgique : 15 FB

Hollande : 0,85 Florins

SAIGON

MINH

OU

LAM ?

page 7

Aujourd'hui dans toute la France

DES BOURGEONS, PAS DE NEUTRONS !

Aujourd'hui, journée nationale antinucléaire : dans toute la France, des manifestations, des marches, des fêtes improvisées rassembleront tous ceux qui contestent les implantations nucléaires. Les régions ont déjà une longueur d'avance, puisque, partout où des centrales sont en projet, les comités antinucléaires ont rassemblé à maintes reprises, des foules nombreuses et résolues. A Paris, ce sera la première fois. Les techniciens du nucléaire prennent la contes-

tation de leurs projets au sérieux : donnons-leur raison. Pour une fois, la seule ! Ceux qui refusent les fausses alternatives où l'on veut nous enfermer : « Moi ou le chaos », « L'énergie nucléaire ou la récession », « Construisons des centrales ou acceptons le dikats des Arabes et des pétroliers », etc. Ceux qui refusent la société technicienne, policière et centralisée que le nucléaire rend inévitable seront cet après-midi place de la République à 15 heures,

Le Portugal aux urnes un an après

Œillets rouges aux boutonnieres



Un an après le renversement du fascisme et le début de la révolution

portugaise, les Portugais ont voté. La participation a été nettement supérieure à ce que l'on attendait. On estimait, en fin de journée, hier, entre 85 % et 90 % le nombre de votants.

Dans tous les quartiers des queues se sont formées dès 7 h du matin à l'entrée des bureaux de vote. Il fallait souvent une heure à une heure et demi pour voter. Que ce soit dans les quartiers riches ou dans les quartiers populaires.

Hommes et femmes qui attendaient leur tour pour voter, portent un œillet rouge qui a remplacé les emblèmes des partis qu'ils portaient pendant la campagne électorale, comme si le peuple voulait en ce jour d'élection symboliser son unité. Les vendeurs d'œillets faisaient des fortunes.

La nuit précédente d'ailleurs, vers minuit, les Lisbonnais ont fêté l'anniversaire du 25 avril. A

minuit, la radio diffusait la chanson « Grandola Villa Morena », chanson symbolique au 25 avril. Les fenêtres s'ouvraient immédiatement, des milliers de gens convergeaient vers la place du Rossio, au cœur de Lisbonne. Des milliers de voitures, portant des grappes de gens, se formaient en cortège jusqu'au palais présidentiel de Belem, exactement comme il y a un an, jour pour jour, lorsqu'ils entendirent les premières nouvelles du coup d'Etat.

A Belem, la foule conduisit Costa Gomes et Vasco Gonçalves à improviser un discours. Pas un seul drapeau de parti, des œillets et l'allégresse était générale. Tous voulaient oublier ce qui les avait séparé le temps de la campagne électorale et ne se souvenir que d'une chose, la liberté retrouvée. (AFP).

Nous annonçons hier que quatre diffuseurs de Libération ont été violemment attaqués, jeudi, en plein quartier latin, par un commando d'une vingtaine de fascistes. Deux d'entre eux sont à l'hôpital gravement blessés.

Leur témoignage, que nous publierons lundi matin, semblait confirmer ce que les premiers récits faisaient craindre : la police, en tout cas des policiers du 5^e arrondissement, était au courant de ce qui se préparait. Elle a laissé faire.

De l'étouffement économique à la terreur contre les diffuseurs, il y a bien des moyens d'étrangler la presse libre : cette terreur, en l'occurrence atteint des hommes qui ne sont pas tous des militants, ce qui est le cas de nombreux vendeurs de Lib à Paris.

Depuis quelques temps, pour compenser leur impuissance politique, les commandos d'extrême-droite reprennent leurs occupations habituelles : hier, par exemple : les locaux de la CGT au Creusot ont été attaqués à la bombe un ouvrier a été blessé et transporté à l'hôpital.

Nos camarades ont porté plainte contre X. Les coupables sont connus de la police. Agira-t-elle ?

La journée antifasciste en Italie

2 000 soldats dans la rue pour le Portugal

Milan a vécu hier à l'heure du Portugal révolutionnaire 2 000 soldats venus des casernes de la ville à l'appel des comités de soldats ont, à 15 heures, ouvert le cortège de 40 000 personnes qui est parti de la fameuse place Loreto, celle où le corps de Mussolini fut exposé après sa mort. Masqués de foulards rouges, et portant des œillets rouges, les soldats ont fêté d'une manière spectaculaire ce 25 avril, qui est fêté en Italie, puisqu'il est la date anniversaire de la libération de l'Italie.

Ce n'est pas la première fois que les soldats antifascistes se manifestent : la semaine dernière, 1 000 soldats de la caserne Ferruchetti avaient observé une minute de silence à la mémoire de Claudio Varella, tué par un fasciste le 15 avril, et 200 d'entre eux avaient manifesté en ville aux côtés des antifascistes civils. Les représailles décidées par le commandant de la caserne avaient suscité une réaction des soldats, qui avaient répondu dans un communi-



Manifestation pour les funérailles de Zibechi assassiné par les néo-fascistes.

que : « Aujourd'hui, nous sommes des soldats, demain nous serons des partisans ». Arrivés sur la place du Duomo, le cortège a rempli les vides

laissés par les quelques milliers de manifestants qui avaient répondu à l'appel du PCI pour commémorer — comme chaque année — le 25 avril.

En fin de manifestation, ils étaient une centaine de milliers, dont de nombreux soldats. (Voir nos informations page 7)

Duclos est mort

Jacques Duclos, sénateur communiste de la Seine et membre du bureau politique du PC est décédé hier soir d'une défaillance cardiaque à Paris. Il était entré une nouvelle fois à l'hôpital il y a trois jours, et ses amis craignaient une issue fatale.

Jacques Duclos, âgé de 79 ans, était entré au PC en 1920. Après un passage aux jeunesses communistes, et son élection comme député de Paris en 1926, sa montée au sein du parti s'est faite dans le sillage de Maurice Thorez.

Pendant la guerre, alors que Thorez était réfugié à Moscou, c'est Duclos qui a été le véritable chef du Parti communiste clandestin, la période de sa vie dont il aimait le plus évoquer le souvenir.

Dirigeant au parti depuis près de quarante ans maintenant, sa vie personnelle s'est confondue avec celle du parti communiste. Du « complot des Pigeons » en 1952, où il fut emprisonné en tant que chef suprême du PC (Thorez était malade, en URSS) à la campagne présidentielle bonasse de 1969 où il fut le candidat du PC, Jacques Duclos symbolisait pour des millions de travailleurs, bien plus que G. Marchais, la lente évolution du Parti communiste français.

Sartre et le Portugal

LE PEUPLE ET L'AUTOGESTION

J.P. SARTRE. Il faudrait peut-être parler de l'autre côté de la société. Parce que nous restons toujours dans les formes institutionnelles, dirigées, et tout cela a, de près ou de loin, un rapport avec l'armée. Mais il y a un peuple. Les paysans de Porto et du Nord n'ont de contact avec la culture nouvelle que par des groupes de dynamisation. Est-ce efficace ? J'en doute un peu.

S. JULY. Cela dépend beaucoup des officiers qui mènent cette dynamisation culturelle : là ce sont des communistes, ailleurs, des apatrides, il y a beaucoup de cas particuliers. J'ai assisté à une campagne de dynamisation culturelle chez des petits paysans pauvres du Nord et du Nord-Est. Il y a effectivement le souci des problèmes concrets des paysans, avec à la fois une idée d'auto-éducation, c'est-à-dire que les officiers cherchent à éduquer les militaires en même temps, en leur montrant ce qu'est le peuple.

Ce souci des problèmes des paysans se traduit par les cahiers de revendications : un militaire passe dans les villages avec un cahier dans lequel il note les différents problèmes. Les militaires font ensuite un rapport qui est transmis au génie militaire. Celui-ci fait un plan général à partir de toutes les demandes, et ensuite commence la construction. Pour les paysans, la politique, c'est ça : qui va construire, comment, etc.

Ensuite, les militaires leur parlent politique ; et là, c'est un discours complètement plaqué, qui est totalement étranger aux paysans.

Ce qui m'a frappé, c'est qu'actuellement, le MFA fait campagne pour l'abstention, en expliquant aux paysans que s'ils sont indécis, il est préférable qu'ils votent blanc. Cette campagne pour l'abstention est très importante : l'ensemble de la dynamisation culturelle appelle à voter blanc. Cela a aussi pour objectif d'éviter que les paysans ne votent CDS.

J.P. SARTRE. Oui, parce qu'il faut dire que généralement, les paysans du Nord voteront pour des partis de droite.

S. JULY. D'autre part, en ce qui concerne la dynamisation culturelle, les militaires ont en tête le modèle cubain. Le problème, c'est que l'armée n'est pas assez nombreuse, en terme de qualité d'hommes, pour constituer des brigades. Mais c'est leur idée : constituer des brigades, installer deux mille hommes par ré-

gion. Il faudrait donc un brassage armée-étudiants. Il semble que cela fonctionne quand même un peu : sur les 28 000 étudiants, il y en a maintenant 15 000 qui ont accepté de s'inscrire dans le service civil. A partir de là, ils constituent des brigades avec tous les problèmes : alphabétisation, médecine, etc. Leur modèle est la brigade cubaine.

P. VICTOR. Je voudrais parler de ce caractère bizarre du processus portugais : à la fois son originalité de gauche, et en même temps, ses limites, dont certaines peuvent être inquiétantes. Il va de soi que la dynamisation culturelle est positive : une équipe vient dans un village annoncer aux habitants que le 25 avril a eu lieu (certains ne le savent pas). Elle vient briser l'isolement. C'est forcément positif. Mais il y a toujours le danger que cela ne devienne un mouvement octroyé : les gens, qui ont été habitués à tout attendre du pouvoir central, qui ont été habitués à se soumettre, peuvent continuer à attendre et à se soumettre. Comme les campagnes de dynamisation sont très rapides, j'ai peur qu'on ne puisse arriver à une mobilisation démocratique des masses pour lutter contre le notable ou le réactionnaire du coin, par exemple.

On voit bien là le mélange de démocratie et d'autorité, qui est un des caractères du processus, hérité de son origine même. Alors, va-t-on renverser ce destin qui fait que cette révolution s'est faite en un point bizarre et, en haut de la société portugaise ? Arrivera-t-on à renverser cette origine pour faire que la révolution devienne plébéienne ?

J.P. SARTRE. Les paysans du Sud sont très différents, parce que dans le Sud, il y a la grande propriété, et le paysan est souvent ouvrier agricole. Ils ont donc une mentalité très révoltée, très opposée à la grande propriété. Ils sont par conséquent, beaucoup plus accessibles à la propagande des partis, du Parti communiste par exemple.

Il y a deux paysanneries au Portugal : une paysannerie révoltée, connaissant certains thèmes du Parti communiste, hostile à la grande propriété qui, d'ailleurs elle-même doit être l'objet d'une réforme agraire ; de l'autre, la toute petite propriété, où il y a une révolte, mais différente.

P. GAVI. En dehors des paysans, comment est vécu tout ce processus par le reste de la masse ?

• La dynamisation culturelle

• Une usine autogérée près de Porto

• L'initiative ouvrière



Dynamisation culturelle à Villanova da Randoa (Fotobit)

J.P. SARTRE. C'est dans le contact direct avec les ouvriers que nous avons eu les expériences les plus riches. L'expérience la plus intéressante était une usine autogérée que nous avons vue près de Porto, dans une région essentiellement vouée au textile. C'est une usine de trente personnes. Dans cette usine autogérée, il n'a pas été question de politique au sens ordinaire du mot : les ouvriers n'ont pas justifié l'autogestion par un recours à un parti, à un groupe politique, ou même à un dis-

cours. Ils l'ont considérée simplement comme une réaction au départ du patron. Voici le processus : une usine est gérée et dirigée par un homme, il y a des difficultés économiques, le patron s'en va, soit pour créer une autre usine dans une autre région, soit il se retire simplement de la gestion. A ce moment-là, les ouvriers ont le choix : ou bien ils abandonnent l'usine, comme leur patron, ou bien ils restent. S'ils restent, il faut s'organiser. Ils s'organisent de la façon suivante : ils

Le grand problème pour ces ouvriers n'est donc pas de produire — ils produisent comme ils veulent, bien que certaines machines soient très vieilles : l'usine apparaît comme une usine du XIX^e siècle —. Ils sont une trentaine à travailler, dont trois ouvriers qualifiés qui travaillent aux machines, les alimentent, les réparent : ces trois ouvriers sont payés plus cher. La première démarche qui ont faite les ouvriers, a consisté à payer à chacun le minimum vital (la majorité, jusque là, touchaient moins que le minimum vital). Ils ont maintenu les trois ouvriers qualifiés au prix qu'ils touchaient avant, c'est-à-dire qu'ils n'ont pas été augmen-

P. VICTOR. Ils continuent sur les mêmes horaires. Mais lorsque l'un d'eux arrive en retard, il s'explique avec la commission des travailleurs.

J.P. SARTRE. Une commission donc, composée de trois à six membres, s'occupe de la gestion courante. Les problèmes importants se discutent en assemblée générale. Un exemple, peu après le départ du patron, deux ouvriers de l'usine venaient irrégulièrement à l'usine, posant ainsi des problèmes pour le travail collectif. Les ouvriers se sont alors réunis en assemblée générale, ont discuté avec les deux ouvriers, et les ont convaincus de travailler avec régularité.

P. GAVI. Comment se résolvent les problèmes de vente ?

J.P. SARTRE. Le problème des ventes est plus compliqué parce que l'ensemble du patronat est ligé contre eux. Ils ont quand même trouvé un patron qui a consenti à leur fournir des matières premières qu'ils paieront un peu plus tard. Le problème a consisté ensuite à vendre leur produit. Ils ont organisé des réseaux militants qui vendent ces serviettes. Mais il n'est pas sûr qu'ils réussissent.

S. JULY. Il y a quelque chose de très important qui existe : c'est la fédération des coopératives de production. Il y a 15 000 ouvriers en coopératives depuis le 25 avril. Voilà le processus : le patron s'en va, l'usine est occupée. Le problème pour les ouvriers est de garder l'usine pour garder leur emploi, donc de produire. Pour résoudre ce problème de diffusion, est venue l'idée de la coopérative de production. C'est ainsi qu'a été créée cette fédération de coopératives de production. Le principe de la coopérative consiste à racheter l'actif

(c'est-à-dire, dans la majorité des cas, depuis la nationalisation des banques, l'Etat est propriétaire, il détient 50 à 60 % du capital privé). La coopérative de production est donc, en fait, un acte qui collectivise la gestion.

La formule ressemble au système yougoslave. Il y a quatre personnes qui s'occupent de cette coopérative, dont deux secrétaires. Elles expliquent aux commissions de travailleurs comment faire pour continuer à produire, comment créer une coopérative de production. Le seul soutien qu'elle a, c'est le MFA : l'ensemble de l'extrême-gauche trouve ce mouvement réformiste et le PC et le PS y sont hostiles.

Les ouvriers ne veulent pas arriver à une formule d'individualisation de la propriété : ils veulent que la propriété reste collective. Depuis, le système s'évolue : il y a une réunion toutes les semaines, qui a lieu avec les différentes coopératives (de pêche, agricole, etc.) avec un représentant du ministère de la Pêche, de l'Agriculture, un délégué du MFA, un représentant de la fédération et les délégués des différentes coopératives. Ils étudient alors ensemble des problèmes, et en particulier les problèmes des marchés. C'est ainsi qu'ils viennent de créer l'Intercoop, qui étudie les problèmes de distribution.

Le système d'élection de la direction, le système des paiements y est très égalitaire : les ouvriers qualifiés et les administratifs sont élus pour une durée d'un an ou deux ; leur salaire est le salaire le plus élevé de l'ouvrier qualifié le plus qualifié de l'usine, mais n'est jamais l'ancien salaire de l'administratif. Quand le patron demande à continuer à travailler (le cas s'est présenté une fois), la décision de l'assemblée générale a été d'accepter, mais comme ouvrier, et il est payé comme un ouvrier. Ce qui est dramatique, c'est que personne ne s'occupe de ce mouvement : personne ne le aide à réfléchir et à systématiser ce type d'expérience. C'est très symptomatique de la situation actuelle au Portugal : il y a de multiples manifestations de contre-pouvoir, mais elles n'intéressent pas les gens que cela devrait intéresser. Résultat : ces manifestations passent à côté, alors qu'elles sont un pôle fondamental dans ce processus.

Demain : L'initiative populaire La répression sur l'extrême-gauche Le peuple et les casernes

LIBERATION

27, rue de Lorraine
75019 PARIS
202 90 60

Le directeur
Serge July

Publié par la SAKI,
société d'édition de Presse et
de Communication (SNP)
75019 PARIS

Imprimé par
Revue Nation
75011 PARIS
Dépôt légal : 25 trimestre
1975.

TARIF D'ABONNEMENT

	3 mois	6 mois	1 an
France	85 F	150 F	300 F
Etranger	120 F	210 F	450 F
Soutien	150 F	250 F	500 F

Trois mois, selon les revenus, de 60 à 150 F.

Tous les abonnements commencent les lundis exclusivement. Pour tout changement d'adresse, prière de joindre 2 F en timbres, et une bande d'expédition. Pour un double changement, joindre 4 F (changements du début et de la fin des vacances).

Dans tous les cas, écrire 15 jours à l'avance. Paiement par chèque à l'ordre de SNP, 27 rue de Lorraine, 75019 Paris.

BULLETIN D'ABONNEMENT OU DE REABONNEMENT *

Nom

Prénom

Adresse

(Ville avec code postal)

Profession

* Rayer la mention inutile.

APPEL AUX BONNES VOLONTES

Des affiches (nouveau tirage rectifié) et des tracts d'appel à la guinche sont disponibles dès ce matin.

Les tracts sont à diffuser dans tous les rassemblements publics, politiques, culturels, etc. Et bien sûr à la manifestation de samedi comme à celles du 1er mai.

Pour la diffusion dans les manifs, téléphoner à François ou Jean-Pierre, l'après-midi à 202 90 60.

Gratis, jusqu'au 29 avril, expériences musicales, plastiques... au Théâtre Oblique, rue de la Roquette de 14 à 21 h.

L'ÉVÉNEMENT

L'Indochine à la veille de la victoire des forces révolutionnaires

SAIGON
VILLE OUVERTE ?

La 29^e province du Sud-Vietnam a été libérée dans la nuit de mardi à mercredi par les troupes du FNL. La zone sous le contrôle du GRP atteint maintenant Binh Tuy, à cent kilomètres à l'est de Saigon. Le commandant sud-vietnamien utilise maintenant des bombes « à dépression » extrêmement meurtrières pour déloger les unités gouvernementales encore loyales dans Xuan Loc. Le gros des troupes gouvernementales s'est regroupé à la hauteur de Trung Bore, à mi-chemin entre Xuan Loc et Saigon : leur objectif est de bloquer l'avance des troupes révolutionnaires sur la route numéro un.

Sur le plan politique, les États-Unis donnent l'impression de vouloir « sauver les meubles » et leur unique préoccupation semble être le rapatriement de leurs ressortissants. A Washington, on admet maintenant publiquement qu'il n'est plus possible de préserver une « enclave » autour de Saigon qui permettrait au régime de « survivre ». Ford, qui s'estimait, une semaine encore, absolument convaincu des chances de survie de Saigon grâce aux dollars américains, n'en parle plus aujourd'hui qu'au passé. Kissinger, d'ordinaire si péremptoire, vient de déclarer simplement au Congrès qu'il est important « d'éviter de donner l'impression que les USA ne sont pas capables de maîtriser les événements ». A la suite d'une démarche « urgente » de Saper-K, le ministre de la Justice a annoncé, mardi, que les États-Unis sont prêts à accueillir 129 000 Sud-Vietnamiens qualifiés de « réfugiés » grâce à des formalités simplifiées.

CAMBODGE.

Le vice-Premier ministre du GRUNK et commandant en chef des Forces Armées de libération, Khieu Samphan a prononcé pour la première fois depuis la libération de Phnom-Penh, un discours retransmis à la radio. Le leader des Khmers Rouges a tenu à exprimer sa « profonde gratitude aux pays voisins qui ont avec constance, résolution et sincérité, soutenu la juste lutte du Cambodge ». Khieu Samphan a également remercié les pays non-alignés pour le soutien qu'ils ont apporté au Cambodge pendant les cinq années de résistance.

En ce qui concerne le proche avenir du Cambodge libéré, le leader des Khmers Rouges a réaffirmé que le Cambodge révolutionnaire sera reconstruit en « comptant sur ses propres forces » et se joindra au camp des pays non-alignés. L'affirmation de la neutralité et du non-alignement du Cambodge n'est pas nouvelle, et les leaders du GRUNK l'ont maintes fois renouvelée au cours des cinq dernières années, mais elle prend aujourd'hui une signification nouvelle. Ce n'est qu'avec le temps qu'on pourra mesurer l'attraction que le Cambodge neutraliste et révolutionnaire ne manquera pas de susciter sur certains pays du Tiers-Monde, voire même d'Europe occidentale...

On apprend, d'autre part, que les ministres de l'Information et celui de l'Intérieur du GRUNK sont arrivés dans la capitale cambodgienne. Le ministre de l'Information, Hun Nim, a fait publier un communiqué annonçant que les 27, 28, 29 et 30 avril seraient consacrés à célébrer la victoire. C'est la radio de Phnom-Penh (« la voix du FUNK ») qui, après cinq jours de silence, annonce toutes ces nouvelles. La radio de la province de Battambang a annoncé de son côté que les premières mesures de nationalisation viennent d'être prises ; elles risquent essentiellement le commerce.

L'ambassade de France, où il reste quelques six cents personnes (ex-responsables de l'ancien régime, résidents français et correspondants de la presse internationale), la situation semble s'améliorer : les autorités de Phnom-Penh viennent d'autoriser le ravitaillement de l'ambassade en eau, riz et cigarettes ; les activités de l'ambassade de France devraient donc se rétablir dans les jours qui viennent.

« Il faut être franc : les accords de Paris sont passés. » C'est un Vietnamien de la « troisième force » qui parle. Bien sûr, officiellement, rien n'a changé. La « troisième force », comme le GRP, demande toujours la mise en place à Saigon d'une administration « qui accepte d'appliquer les accords de Paris ». Chacun sait que le vieux vice-président Tran Van Huong et le fide Premier ministre Nguyen Ba Can, comparés sans envergure de Thieu, n'en ont pas pour longtemps ; la succession est ouverte. A droite, on parle beaucoup du président du Sénat, Tran Van Lam, ou du leader de l'opposition « légale », Phan Thai Diab. On dit que le général Nguyen Cao Ky a déjà mis sur pied un « gouvernement » clandestin ; chez les neutralistes, le général Duong Van Minh est en tête de liste, avec des catholiques comme l'ex-président du Sénat, Nguyen Van Huynh. Tous se disent prêts à « appliquer l'accord de Paris » et à négocier avec le GRP.

« Négocier quoi ? », me fait remarquer mon interlocuteur. Sinon la passation des pouvoirs au GRP ? L'accord de Paris a été signé à un moment où existaient au Sud « deux administrations, deux armées et trois composantes ». Aujourd'hui, l'administration de Saigon, en pleine désagrégation, contrôle moins d'un quart du territoire : son armée n'est plus en mesure de résister à l'avance des forces révolutionnaires. « Saigon est indéfendable », reconnaît le général américain Weyand, et l'aide américaine est bloquée par un Congrès qui en a assez du Vietnam.

Politiquement, face au GRP, il n'y a pas grand-chose. La droite est divisée et pense surtout à sauver les meubles, quand ce n'est pas à peu. La « troisième composante » n'existe pas encore comme force politique organisée et unifiée.

L'accord de Paris prévoyait un processus pacifique, graduel, de réconciliation et, à terme, de réunification du pays.

Thieu et les États-Unis ont choisi la guerre. Ils l'ont eue. Ils l'ont perdue. Il y a encore trois mois, le renversement de Thieu aurait pu ouvrir la voie à ce processus. Aujourd'hui, il est trop tard. Si une nouvelle équipe vient au pouvoir à Saigon, même si elle comprend des éléments de la droite anti-Thieu décidée à négocier, ou des éléments de la « troisième composante », elle ne pourra plus espérer qu'assurer la transition vers la mise en place rapide du pouvoir révolutionnaire sur l'ensemble du pays. Et permettre ce passage au moindre prix pour le peuple vietnamien, en évitant une inutile « bataille de Saigon ».

Mais l'esprit de l'accord de Paris reste, lui, intact. Il n'est pas question pour le GRP de purement et simplement « prendre le pouvoir » à Saigon après un assaut généralisé, ni d'écarter de ce pouvoir toute autre force politique. Le Vietnam n'est pas le Cambodge. Le FUNK mobilisait la quasi-totalité du

peuple contre une poignée de marionnettes dirigées de Washington, et le GRUNK était le seul gouvernement légal du pays, renversé en 1970 par un coup d'État militaire. La réalité politique du Vietnam est plus complexe. Trente ans d'agression et d'occupation étrangère ajoutés au poids des contradictions sociales et culturelles ont écartelé la nation vietnamienne, bouleversé ses structures socio-économiques. On est presque sûr qu'elle détruira son idole.

La « révolution nationale » est, aujourd'hui comme hier, une nécessité vitale, profondément ressentie par le peuple vietnamien.

C'est pour cette raison que, dans les zones libérées, le pouvoir est exercé par des représentants de toutes les couches sociales et de tous les groupes politiques ou religieux déterminés à contribuer à la réconciliation et à la reconstruction. Un grand nombre de fonctionnaires du régime Thieu, y compris des policiers, ont conservé leurs postes. Au Comité révolutionnaire de Hué, siègent, aux côtés des cadres du Front national de libération et de l'Alliance des forces populaires démocratiques et de paix (alliés, au sein du GRP), des militants des Forces de réconciliation nationale (bouddhistes de la « troisième force ») et son vice-président est même un prêtre du Mouvement populaire contre la corruption (droite catholique), le RP Pham Van Binh.

Les victoires militaires des forces révolutionnaires ne font donc que précipiter l'application de l'accord de Paris : les prisonniers politiques ont été libérés, les libertés démocratiques rétablies, la réconciliation mise en œuvre. Le dernier verrou reste la survie du régime mis en place par Thieu ; même exsangue, décapité, limité au réduit saigonais, il reste le cheval de Troie de l'intervention américaine. C'est lui que Ford et Kissinger tentent de sauver dans une ultime manœuvre en réclamant aujourd'hui un « cessez-le-feu immédiat » et des négociations. Mais tant qu'il n'aura pas sauté, il y a fort à parier que les forces révolutionnaires continueront d'accroître leur pression militaire. Jusqu'à la prise de Saigon ? « Pourquoi pas ? », estime mon interlocuteur du débat. « Cela ne signifie pas forcément qu'il y ait des combats. Regardez ce qui s'est passé à Da Nang ou Hué... »

Une déclaration exclusive du Prince Sihanouk à « Libération »

« Notre victoire totale est le seul verdict populaire valable »

(Suite de la page 1)

Aujourd'hui, les Khmers Rouges sont totalement maîtres du Cambodge et il est certain que si, chez nous, on organisait maintenant un référendum ou des élections générales, au moins 99 % des suffrages populaires iraient aux Khmers Rouges. Mais les patriotes du FUNK tiennent par principe à ce que, sur le terrain juridique, la légitimité du GRUNK ne soit pas remise en cause. Pour eux, le putsch lonolien du 18 mars 1970 et la proclamation de la soi-disant « république khmère » en octobre 1970 étaient absolument illégaux. L'État du royaume du Cambodge n'a jamais disparu. La résistance du peuple khmer, qui a pris les armes contre l'impérialisme américain et ses valets au lendemain du putsch et a mené une lutte farouche et indomptable jusqu'à la victoire totale du 17 avril 1975, constitue le seul verdict populaire valable en ce qui concerne la continuité du Royaume du Cambodge en tant qu'État khmer et la légitimité du GRUNK.

Mais cette situation juridique limpide ne satisfait pas la droite française dont les journaux, les radios et les agences de presse continuent à qualifier le FUNK et les FAPLNK de « rebelles » et Norodom Sihanouk « d'ancien chef d'État du

Cambodge » ou du « prince exilé ». Cela est d'autant plus inacceptable que le gouvernement de la République française, au lendemain de la fuite des Américains de Phnom Penh le 12 avril 1975, a tenu à accorder sa reconnaissance de jure au GRUNK. Par ailleurs ces journaux, radios et agences de presse émettent des doutes sur la possibilité pour Sihanouk de retourner au Cambodge. Sa Majesté ma mère étant mourante et intransportable, je dois retarder mon retour au Cambodge. En outre, je ne veux pas et je décide de ne pas retourner vivre à Phnom Penh dont je conserve un trop mauvais souvenir.

Dès 1970, j'avais déjà pris cette décision dont Jean Lacouture a fait mention dans son livre intitulé *L'Indochine vue de Pékin*. J'ai demandé aux Khmers Rouges de faire réparer la piste d'aviation de Siemreap-Angkor où je transporterai les cendres de ma mère quand elle sera morte et aura été incinérée et où je résiderai. Mais, à supposer que les Khmers Rouges refusent à ce moment-là de me recevoir au Cambodge, je ne me plaindrai pas pour autant. En dépit des roqueries des Français réactionnaires et pro-impérialistes, je dois préciser encore une fois au

monde libre que Sihanouk depuis mars 1970 jusqu'à maintenant n'a pas lutté pour servir ses propres intérêts ou essayer de retrouver quelque peu le pouvoir au Cambodge.

Ma seule passion est l'indépendance du Cambodge. En luttant aux côtés des Khmers Rouges pendant cinq ans, je ne leur ai jamais parlé de mon avenir politique. Je leur ai même demandé de me permettre, après la libération de Phnom Penh, de prendre ma retraite. Je n'ai demandé qu'une seule chose aux Khmers Rouges : chasser les impérialistes américains de chez nous et restaurer l'indépendance et le non-alignement de notre Kampuchea-bien-aimé. Ce sont les leaders Khmers Rouges eux-mêmes qui ont insisté pour que je reste chef d'État du Cambodge jusqu'à ma mort. Si ces leaders changent d'avis un jour à mon sujet, je n'en serai nullement fâché, puisque le but de ma vie est atteint : la libération totale et irréversible du Kampuchea et la restauration de son indépendance et de son non-alignement.

Haute considération et gratitude.

Norodom SIHANOUK.
du Cambodge.

Patrick RUELL

Sartre et le Portugal

LES CONTRADICTIONS

On trouvera ci-dessous la suite du débat sur le Portugal entre Ph. Gavi, S. Joly, J.P. Sartre et P. Victor (voir Libé des 22/23/24 avril) et dont la publication s'achève demain vendredi.

P. VICTOR. Le phénomène des petites usines est typique du Portugal.

Le fait qu'il y ait déjà une solution neuve dans ce secteur-là est un signe encourageant. Ce secteur autogéré, qui comporte quinze mille ouvriers, peut être soit à l'origine d'une démarche subversive essentielle, constitutive de formes de pouvoir ouvrier, soit être un simple secteur institutionnalisé — comme le secteur nationalisé et le secteur privé — et c'est au pouvoir central que reviendra le rôle de définir des relations économiques, dites socialistes, entre les trois secteurs.

On peut parfaitement combiner les deux possibilités : le fait d'avoir certaines formes institutionnelles, de se doter d'une personnalité juridique peut parfaitement être utile pour le développement de l'initiative subversive.

Mais pour qu'il y ait fécondation de l'initiative subversive, il est essentiel que l'idée « autogestionnaire » pénètre dans le grand secteur de l'industrie portugaise. Il faut que les initiatives ouvrières des grands secteurs de l'industrie portugaise — comme les chantiers de la Lisnave ou la lutte très complexe dans l'entreprise TAP — s'articulent à l'initiative dans le secteur autogéré.

Il faut qu'une logique du pouvoir propre au processus portugais se définisse. Par exemple : dans la petite usine que nous avons visitée, le travail est assez homogène, il porte sur un personnel très restreint : donc le système d'encadrement — la petite et la moyenne maîtrise, les cadres supérieurs — n'était pas compliquée à aménager. Mais le mouvement qui a abouti à la quasi-égalité de salaire dans la petite usine concerne directement la sidérurgie, par exemple. Et à ce moment-là, la question générale de la hiérarchie des salaires dans les usines portugaises peut se trouver posée à la manière ouvrière.

De toute façon, elle va être posée à la manière du pouvoir central, puisqu'il est impossible que cela continue comme avant.

Alors, y a-t-il une pure et simple fixation par en haut d'un salaire plafond — ce qui est déjà en discussion dans certaines sphères du gouvernement ? Si cette question n'est résolue que par la méthode gouvernementale, et non pas à la manière autogestionnaire subversive, s'il n'y a pas articulation entre les deux méthodes, cela coupe de l'initiative ouvrière le gouvernement : il y a donc risque permanent que celui-ci s'affronte à des énergies ouvrières.

C'est dans ce sens-là qu'il faut essayer de comprendre la situation de la TAP. Il y avait eu, dans le secteur permanent productif de cette entreprise, d'énormes explosions d'énergie ouvrière

qui a pris des formes de revendications, pour le moment, excessives et qui ont brisé les couches intermédiaires de l'entreprise. Quoiqu'il en soit, la réaction des autorités qui a consisté à occuper militairement l'entreprise et à isoler la minorité productive, est extrêmement dangereuse : on ne peut pas imaginer un socialisme qui écrase ou fasse l'économie de cette énergie ouvrière.

Ce cas-là est symptomatique. Ce n'est pas le seul : dans la vague de grèves de juin-juillet 74, il y a eu plusieurs cas où l'initiative ouvrière a été découragée, voire réprimée. Cela a laissé des traces dans le secteur du gros bataillon de la classe ouvrière portugaise, par exemple dans la métallurgie. Le fond de l'affaire qui divise, à l'heure actuelle, la principale corporation ouvrière — où la lutte pour le pouvoir au sein de la direction du syndicat est extrêmement aiguë (il y a en cinq mille métallistes dans la rue pour occuper le local syndical), c'est qu'une énergie ouvrière a été libérée par le processus du 25 avril et ne trouve pas sa place dans les formes actuelles dominantes du processus.

C'est pourquoi je considère ce problème comme un problème fondamental pour la nouvelle gauche portugaise : pouvoir faire la jonction entre ces initiatives ouvrières très violentes. Autrement dit, l'alliance entre ces grandes entreprises et les petites usines autogérées, c'est l'alliance entre la classe ouvrière la plus favorisée matériellement, ayant très souvent une logique de lutte contre l'organisation du travail tout à fait moderne, et les ouvriers des petites usines qui ont les salaires les plus misérables, les conditions les plus défavorisées et qui sont les plus proches de la campagne environnante (la plupart d'entre eux, d'ailleurs, viennent de la campagne).

Que voit-on au contraire ? Les groupes gauchistes s'appuient sur l'énergie ouvrière dans les grandes entreprises, c'est désintéressant, semble-t-il, du secteur autogéré, donc se désintéressent de l'articulation des deux. Autrement dit, il y a désintéressement par rapport aux problèmes fondamentaux que pose l'unité dynamique des ouvriers.

P. GAVI. Tu parles de la nouvelle gauche. Y a-t-il une possibilité d'échapper à la logique autoritaire ? Où se trouve l'alternative : avec un Parti communiste extrêmement autoritaire et des groupes d'extrême gauche, comme le MRPP, qui en sont encore à annoncer des formules toutes faites ou demeurant aussi autoritaires que le discours de parti stalinien.

J.P. SARTRE. Il y a une chose curieuse : les militaires que j'ai rencontrés ne sont pas fiers de ce qu'ils ont fait en ce qui concerne le MRPP. Je leur ai dit que je considérais l'interdiction de groupes qui venaient de la population comme un abus de pouvoir. Ils ne l'ont pas nié. Leurs réponses étaient évasives.

P. VICTOR. Il y a une manifestation d'une partie du MFA qui est démocrate, qui voudrait sortir des schémas autoritaires ?

P. VICTOR. Il y a une grave vice de pensée à chercher dans le MFA — surtout depuis le 11 mars — les individus démocrates et les individus autoritaires. Il est vrai qu'il y a eu une lutte politique au sein de l'armée entre la gauche et la droite stalinienne qui avait un projet de société global et qu'il fallait éliminer, au terme des trois crises (juillet, septembre, mars), cette droite



Sartre à la caserne du 1er RAL (Joly-Fotolib)

P. VICTOR. Mais cette attitude s'est ensuite durcie dans la pratique : au début, le MRPP a été suspendu de la campagne électorale ; on lui a ensuite enlevé son numéro d'inscription au tribunal, ce qui signifie une sorte d'illégalisation ; enfin, les arrestations se sont multipliées, semble-t-il.

Il y a eu également durcissement au niveau du discours : on entend maintenant dire que de nombreux groupes d'extrême-gauche sont peut-être manipulés par la CIA. C'est un discours curieux : à la fois militaire au sens ancien, et léniniste au sens PC.

J.P. SARTRE. Je ne crois pas que l'interdiction du MRPP a été une décision prise en toute responsabilité par les militaires. Je crois qu'il y a eu une tentative du PC, qui, maintenant, est acceptée.

La logique autoritaire n'est pas acceptée par tous les groupes qui constituent le MFA. J'ai l'impression qu'il y a eu une mesure un peu honteuse. Cela veut-il dire que c'est la première mesure autoritaire qu'ils prennent, évidemment dans le doute, et que d'autres mesures autoritaires vont se développer ? Ou bien est-ce simplement une fausse manœuvre ? Je n'en sais rien. Mais cela marque la manifestation d'une armée autoritaire usant de sa force.

P. GAVI. Il y a une manifestation d'une partie du MFA qui est démocrate, qui voudrait sortir des schémas autoritaires ?

P. VICTOR. Il y aurait un grave vice de pensée à chercher dans le MFA — surtout depuis le 11 mars — les individus démocrates et les individus autoritaires. Il est vrai qu'il y a eu une lutte politique au sein de l'armée entre la gauche et la droite stalinienne qui avait un projet de société global et qu'il fallait éliminer, au terme des trois crises (juillet, septembre, mars), cette droite

politico-militaire a été battue, et fortement battue. D'une certaine manière, nous sommes débarrassés de l'hypothèque de la lutte entre gauche et droite politique dans le MFA.

Le vrai problème, compliqué, apparaît maintenant : la lutte entre la gauche et la droite sociale au sein de l'armée ; entre deux types de relations sociales dans l'armée. Tout se joue maintenant au niveau de l'invention d'un mode de discipline peut ; c'est-à-dire d'un mode de rapport entre soldats et sous-officiers d'une part, et officiers de l'autre.

Il est plus important de savoir où en est la transformation des mœurs d'officiers en salles communes que de se demander si un tel est plus à droite que l'autre.

Alors, y a-t-il un pôle anti-autoritaire par rapport à cette logique autoritaire ? Il faut recenser toutes les pratiques anti-autoritaires à l'heure actuelle dans le processus portugais. Il y en a manifestement dans l'armée : il y a une préparation démocratique générale qui peut se dégrader depuis la préparation du 26 avril jusqu'à maintenant. Le sens de la gauche de toute l'évolution de l'armée implique cette logique-là. Il est évident que ce qui se passe dans les casernes est un mouvement révolutionnaire de modification de la discipline. Je ne crois pas que l'armée soit une « armée populaire », mais le fait que des officiers le croient correspond déjà à certains éléments réels. Je crois que la modification de la discipline au sein de l'armée est une révolution culturelle au sein de l'armée : non plus une lutte, par crises politiques au sommet, contre la droite ; mais une révolution culturelle : c'est-à-dire un mouvement du bas qui provoque ses propres crises. Jusqu'à maintenant, on a eu des crises d'en haut, ce qui a été nécessaire, mais cela ne suffit pas. L'époque

est venue de provoquer des crises en bas, une série de petits coups d'État de la base (une usine autogérée par exemple, est un petit coup d'État à la base).

J.P. SARTRE. L'armée est une réalité compliquée ; il ne faut pas la présenter comme étant simplement une force autoritaire qui prétend s'appuyer sur le peuple, mais qui, en fait, le dirige.

Il y a les officiers dans l'armée. Les soldats me semblent joints maintenant au Mouvement des forces armées, mais ceux que nous avons vus à la caserne rouge me semblent socialement très peu capables de changer quelque chose pour l'instant, ils se perdent un peu.

En somme, il y a deux armées : l'armée du MFA et le reste. Le MFA n'est pas l'armée : c'est le mouvement qui a pris le pouvoir et a renversé Castano dans l'armée. Mais il reste énormément d'officiers dans l'armée qui ont des rapports différents avec les soldats.

A la caserne rouge (celle qui a été attaquée par les parachutistes), le mess est devenu une salle commune : les officiers et les soldats mangent à la même table. Mais ce n'est pas le cas dans toutes les casernes. Cela provoque, bien sûr, des mouvements parmi les autres casernes. Mais pour l'instant, l'immense majorité des casernes a une forme beaucoup plus militaire au sens strict, du mot que la caserne rouge.

Celle-ci, curieusement, est en même temps la caserne de l'autorité : c'est elle dont les soldats, dans le cas d'une manifestation, protègent les monuments et les usines.

Cette caserne est certainement celle qui, le plus tôt et le mieux, s'est développée dans un sens égalitaire. En même temps, c'est une caserne de police militaire. Quand il y a une manifestation à contrôler par les soldats de cette caserne, on

les réunit, on leur expose l'action à faire dans la journée et on leur demande s'ils sont d'accord. Quelquefois, ils ne le sont pas, mais ils sont contraints d'obéir. Cependant, le soir, le commandant envoie un rapport à l'autorité supérieure dans lequel il rend compte de l'attitude des soldats : il en résulte quelquefois des modifications dans les ordres qui sont donnés par la suite par l'autorité supérieure. Bref, les soldats ont une certaine action — mineure, puisque, malgré leur désaccord, ils sont contraints d'obéir — mais ils ont une certaine action qui est ensuite enregistrée.

C'est cette caserne que la réaction a pris comme endroit à attaquer d'abord. Et c'est elle qui l'a battue, en quelque sorte, à la fois par son attitude à l'intérieur, mais aussi par un fait important qui montre la liaison de l'armée avec le peuple : cette caserne est assez isolée au sortir de Lisbonne : aux alentours, on trouve des HLM. Quand elle a été assiégée par les avions et les paras, les gens qui habitaient ces HLM et même les gens de Lisbonne sont venus, ils ont entouré la caserne. Le peuple était là entièrement pour défendre la caserne rouge contre les assaillants.

P. VICTOR. On peut faire une réflexion précise sur ce mouvement décrit par Sartre. Il condense bien le processus. Le geste populaire qui consiste à venir entourer une caserne pour la protéger est essentiel dans le processus actuellement. Les chars sont entourés par les gens, ils apprennent par les soldats que quelque chose se passe ; ce quelque chose a un rapport à la liberté. Depuis le 25 avril, ce geste est constamment répété à chaque moment de mini-crise ou de crise. Autrement dit, la population est coutumière, depuis le 25 avril, de ce geste qui consiste à aller voir à la caserne ce qui se passe.

Avec ce geste populaire, on a un instantané de ce qu'est le processus portugais : il y a participation populaire ; le peuple a empêché les parachutistes, psychologiquement et matériellement, d'attaquer la caserne. Mais il faut voir que cette activité populaire est corollaire d'une passivité, d'une immobilité populaire : le peuple a quand même d'autres lieux que la caserne pour participer et pour agir. Il faut voir ce qu'une telle situation peut avoir de dangereux : il y a une sorte de pesée de la société civile et de la population sur les militaires et la caserne. Elle se traduit, au niveau politique, par le fait que tous les groupes veulent avoir « leurs » soldats. Il y a donc un déferlement partiel sur l'armée, qui est menaçant. Il est incontestable que si le MFA est déchiré entre des tendances politiques, on perd le moteur du processus révolutionnaire. Il est évident que s'il y a une lutte de classe, dans le sens étroit, entre les soldats et les officiers, le MFA perd son unité, donc il n'y a plus de moteur dans le processus révolutionnaire.

C'est pourquoi un des problèmes majeurs du processus portugais est de se dégarer de cette pesée sur la caserne ; il faudrait entourer autre chose qu'une caserne ; il faudrait se polariser, dans les rues, en cas d'antagonisme, autrement qu'autour de ce médiateur qu'est le soldat.

Mais si on déchoque cette autorité de médiateur par une lutte de classe maladroite, il y a un risque de chaos sans régulation révolutionnaire, puisqu'il n'y a pas de relais civil. Voilà pourquoi le mailloin dont il faut se saisir, c'est la production anti-autoritaire dans le mouvement civil. Ce qui ne veut pas dire qu'il faut abandonner la révolution culturelle dans l'armée. Mais il faut savoir mesurer.

L'irritation du MFA contre le MRPP et contre une partie de l'extrême-gauche est principalement due au fait que ces groupes concentrent leurs efforts pour disloquer le MFA. Les militaires le perçoivent comme une agression particulièrement injuste et dangereuse : alors ils frappent.

J.P. Sartre. Je pense exactement la même chose.

Demain :
• Le MFA et les partis
• Le triple pouvoir
• La signification des élections.

LIBERATION

27, rue de Lorraine
75019 PARIS
202 90 60

Le directeur
de la publication :
Serge Joly

Publié par la SARL
Société Nouvelle de Presse et
de Communication (SNPC)
75019 PARIS

Imprimé par :
Roto-Nation
75019 PARIS
Dépôt légal : 2^e trimestre
1975

Sartre et le Portugal

LES TROIS POUVOIRS

Le MFA, les partis, l'initiative populaire

P. GAVI. Que pensez-vous du fait que l'assemblée qui va naître des prochaines élections du 25 avril ait un rôle secondaire ?

J.P. SARTRE. Mon sentiment est que les élections ont un sens bizarre. L'espèce de liberté que l'armée consent aux citoyens sur le plan des partis, qui sont tous de vieux partis, ne représente pas pour l'armée, la véritable liaison peuple-armée. En fait, ce « peuple-armée » est une liaison importante pour l'armée et rend tout à fait secondaire l'assemblée qui sera élue. Elle ne me paraît pas avoir, pour l'armée, une importance très grande, parce que les partis ne représentent pas grand-chose pour l'armée. Il y a, en particulier, une très grande méfiance du MFA pour le Parti socialiste. De sorte que là, ce que j'appellerais la période démocratique électorale ne représente certainement pas le dessin de l'armée : ce n'est pas cette chambre-là qui sera le pouvoir. Elle en aura les apparences, elle formera les ministères, elle aura donc le pouvoir exécutif à proprement parler. Mais ce pouvoir exécutif ne sera selon moi, presque qu'un nom. Il s'agit de savoir comment elles vont constituer le véritable pouvoir.

P. VICTOR. Le pacte d'entente entre le MFA et les partis a été, depuis notre retour, publié. Le MFA n'essaye pas de s'encombrer de dissimulations. Par ce pacte d'entente, il dit ouvertement, qu'il sera le pouvoir premier et que l'assemblée constituante sera un pouvoir inférieur.

Le MFA ne joue pas au jeu du pouvoir réel et du pouvoir apparent. Le pouvoir réel qui serait le pouvoir militaire et le pouvoir apparent qui serait le pouvoir civil. Le MFA a pris le parti de dire ouvertement le contenu réel des différents pouvoirs. Le président de la République sera nommé par l'assemblée du MFA — 240 personnes — réunie avec l'assemblée législative qui naîtra des élections législatives. C'est le président de la République qui nommera le Premier ministre. Le gouvernement sera composé en fonction de la réalité partisane. Mais le secteur militaire restera sous le contrôle du Conseil de la Révolution ; le ministère de la Défense sera donc sous contrôle du Conseil de la Révolution, ainsi que l'Economie et la Politique extérieure. Il va de soi que les fonctions essentielles du pouvoir exécutif sont en fait, sous contrôle du Conseil de la Révolution.

D'autre part, le conflit entre les deux assemblées est prévu : le Conseil de la révolution a le droit de dissoudre l'assemblée et donc de provoquer de nouvelles élections. Il n'y a donc aucun fard : il y a vraiment l'organisation d'une hiérarchie de pouvoirs, où le pouvoir du



MFA et partis politiques...

Conseil de la révolution prime sur le pouvoir civil partidariste.

C'est un pacte d'entente signé par les partis. La question du pouvoir est-elle réglée par ce pacte d'entente entre le MFA et les partis ? Si oui, comment juge-t-on la situation ?

J.P. SARTRE. Il peut se constituer un autre pouvoir, le pouvoir du travail. Pas sous la forme d'un parti, mais par exemple sous la forme des coopératives. Dans les usines autogérées, c'est l'entente d'éléments populaires qui font une action susceptible de n'être entreprise ni par l'Assemblée, ni par les militaires (par exemple, les usines autogérées, les maisons occupées) : là, il y a la position d'une nouvelle autorité, cela commence d'ailleurs.

Comme me le disait un officier, il n'y a pas de loi, en ce moment, au Portugal. On vit encore sur des lois de la période fasciste. Quelques lois ont été faites par le MFA, mais il n'y a pas véritablement de corps constitué faisant des lois. Le Portugal peut-être présenté comme un pays sans loi. Par conséquent, les lois peuvent aussi bien naître de cette Assemblée réduite, que du rapprochement, du travail en commun des ouvriers et des paysans. A ce moment-là, on aurait affaire à une sorte de légalité autre que celle de l'armée ou de l'Assemblée.

Autrement dit, une des faiblesses du régime d'assemblée qui va naître, c'est que, d'une part, la plupart des Portugais ne savent pas ce qu'est une assemblée « élue » et d'autre part, l'armée lui donne un rôle secondaire. Ce n'est pas là que l'on doit chercher la naissance et la radicalisation de la démocratie : ce sera ou par les soldats, à l'intérieur du MFA — les simples soldats, les sergents — ou par des conquêtes sociales sur le plan des ouvriers et des paysans. Mais il me semble que ce que fera l'Assemblée sera soit dicté par l'armée (comme dans les ministères sur lesquels l'armée a tout pouvoir), ou n'aura qu'une importance secondaire.

C'est donc dans un rapport neuf du peuple et de l'armée que doit se faire la vraie révolution et le vrai nouveau Portugal. Le système démocratique des élec-

tions, d'ailleurs peu connu par les gens qui voteront, me paraît être quelque chose de secondaire.

P. VICTOR. Attention. A mon avis, on ne peut s'en sortir si on n'essaye pas d'avancer une notion qui saisisse la complexité du système de pouvoir. Ce qui caractérise le processus portugais, c'est l'existence d'un triple pouvoir : un pouvoir militaire, un pouvoir civil partidariste et un amas de micro-pouvoirs populaires. L'ensemble forme un système dynamique ; les positions et les forces de ces pouvoirs évoluent avec le processus.

Avant le 11-mars, le pouvoir « partidariste » était plus fort. La tentative spinoziste, avant les élections, a réduit ce pouvoir. En janvier et février, on pouvait envisager que l'assemblée constituante ait un autre rôle et s'articule à d'autres forces au sein de l'armée.

Le pacte entre l'armée et les partis scelle le rapport de force entre les trois pouvoirs, issu du 11 mars.

quelle est la meilleure composition de pouvoir pour protéger le micro-pouvoir populaire.

Si le micro-pouvoir se trouvait seul face au pouvoir militaire, je ne donnerais pas cher de sa peau. De même que je ne donnerais pas cher de sa peau, s'il était seul face au pouvoir partidariste. Mais s'ils sont trois ensemble, il y a une marge de manœuvre : pendant que le pouvoir militaire et le pouvoir partidariste annulent leurs forces respectives, le micro-pouvoir populaire peut se frayer son chemin. C'est le cas depuis plusieurs mois : protégé entre les partis et le MFA, qui empêchent qu'une légalité prématurée s'établisse, le micro-pouvoir populaire peut se développer pendant un certain temps.

P. GAVI. Par qui le mouvement populaire est-il impulsé ?

P. VICTOR. Le mouvement d'autogestion est entièrement déclenché par les ouvriers. Le mouvement d'occupations des maisons par les locataires. Depuis, des occupations ont été impulsées par des groupes politiques.

Il faudrait décrire les caractéristiques les plus intéressantes de chacun des pouvoirs : d'abord, faire cette théorie du micro-pouvoir, alors que tous les groupes sont obsédés par le « macro-pouvoir ».

Deuxièmement, il faut voir que le pouvoir militaire a une faculté de rassemblement : le prestige du MFA comme libérateur du pays ; le fait que l'armée est un

peu de pluralité, même venue du pouvoir partidariste (des vieux appareils) représente un contre-poids. Le pouvoir partidariste produit de la pluralité, mais de la pluralité vide, sur fond d'inertie populaire.

En ce qui concerne la question des élections, le fait, pour les Portugais, de voter pour la première fois après cinquante ans de fascisme, est important. Le MFA a compris que ce moment électoral comporte de la liberté. Liberté qui va peut-être se diluer dans la réalité partidariste.

J.P. SARTRE. Il faudra définir la manière que les partis auront de se défendre. Les partis ne seront pas simplement inférieurs au pouvoir militaire. Ils essayeront d'obtenir la totalité. Mais en même temps, chaque parti est opposé aux autres. Le PS est en totale opposition avec le PC. Le parti du Centre est, en fait, la droite de l'Assemblée, et est lié à des forces qui sont peut-être fascistes.

Je vois une assemblée dans laquelle une majorité sera difficile à créer : elle aura deux luttes à mener : la lutte contre les militaires et la lutte entre les partis.

Par conséquent, je ne vois pas qu'il puisse y avoir la « vraie » liberté. La constitution, par exemple, ne sera pas une constitution vraiment voulue par les militaires et par le peuple.

Pour moi, les élections représenteront un moment où éclateront les vraies oppositions : l'opposition de l'armée au système électoral simple ; l'opposition du peuple, avec ces nouvelles formations telles que les usines autogérées qui font naître la collectivité libre, tout à fait opposée dans son principe même à un parti.

A ce moment-là, on verra si le mouvement populaire pourra se développer. Selon moi, ou bien l'Assemblée trouvera un réel appui populaire — je ne vois pas bien comment — ou bien elle capote, et à ce moment-là, on a un véritable commencement de révolution, si le mouvement populaire se développe.

P. GAVI. Tu parlais du risque de dislocation du MFA, compte tenu des pressions politiques. Il peut y avoir une telle corruption du pouvoir civil partidariste que cela peut provoquer soit un sursaut du MFA, soit sa complète dislocation. Il y a aussi, du côté du micro-pouvoir populaire, le risque que se développe une radicalisation qui peut entraîner la dislocation des deux autres formes de pouvoir, et donc d'entraîner un affrontement.

P. VICTOR. L'atout, au Portugal, par rapport à l'expérience chilienne, c'est l'existence de ce triple pouvoir.

Tant que ce triple pouvoir existera au Portugal, le Portugal sera un « proces-

sus ». Quand il n'y aura plus de processus, il n'y aura plus qu'un seul pouvoir. Tout le problème est de savoir, une fois le processus stabilisé, la forme stabilisée du pouvoir : sera-t-il le plus favorable possible à la démocratie neuve ? Va-t-il garantir un renouveau en vue d'un accroissement du pouvoir démocratique-populaire ? Actuellement, les enjeux tactiques dans le processus portugais sont ceux-là.

Une théorie de la composition des pouvoirs est donc vitale. Comparons avec le processus chilien. Dans le processus chilien, en 1972, c'est-à-dire assez tard, il y avait l'existence d'un double pouvoir ouvert, avec, se préparant dans l'ombre, un pouvoir militaire hégémonique. Le pouvoir populaire (cordons...) contribue à la paralysie du gouvernement partidariste (des partis de l'Unité populaire). La gauche même du gouvernement, trop partidariste, retrouve et installe la réalité partidariste au sein même du pouvoir populaire. Comme celui-ci était très en retard, il n'avait pas la force de contraindre le gouvernement populaire à une radicalisation : le pouvoir militaire fasciste sort de l'ombre pour exploiter à son profit cette situation instable.

Le processus portugais a donc un atout formidable par rapport au processus chilien : le pouvoir militaire n'est pas dans l'ombre, il est l'initiateur d'un processus libérateur. Il est donc mis par un élan libérateur, par une énergie démocratique. Il donne sa force au socialisme portugais. D'une certaine manière, le processus portugais est soumis de crête de la « liberté » — il s'arrêtera quand il ne pourra plus créer de la liberté. Alors que le processus chilien était tout différent : son idéal était d'être dans la légalité. Le Chili était soumis de crête de la légalité, d'être dans la « norme ».

Le processus portugais est donc plus favorable. Il est aussi plus sécurisant : on a le fusil avec soi, du côté de la démocratie. Il ne faut pas oublier que les chefs les plus importants du Conseil de la révolution disent ouvertement : « Nous sommes là pour institutionnaliser tout ce que le peuple conquiert ».

Je pense donc que le fait que le MFA ait maintenu les élections est une bonne chose : cela développe le triple pouvoir — est-ce qu'il y a de mieux pour le socialisme libérateur dans les mois qui viennent ; cela correspond à un moment de la liberté de la population portugaise au sortir de cinquante ans de fascisme.

Enfin, refaire tout ce que les révolutions ont fait depuis cinquante ans, à savoir se baigner dans la clandestinité pendant vingt-trente ans pour des élections à la constituante et,

une fois qu'on a le pouvoir, annuler les élections à la constituante ; le moins que l'on puisse dire, c'est que cela aurait été de la routine. Sortir de cette routine, cela a une vertu subversive.

P. GAVI. Toi, Sartre, tu penses qu'il serait préférable qu'il n'y ait pas de pouvoir partidariste, c'est-à-dire cette assemblée ?

J.P. SARTRE. Je ne dis pas cela. Je reconnais qu'il est utile, parce que, sans ce pouvoir partidariste, l'armée était tentée de faire un coup d'Etat, un coup d'Etat d'armée. Ce pouvoir partidariste s'oppose à l'armée d'une certaine façon.

Mais je pense que ce qui est essentiel, c'est le pouvoir populaire qui est en train de se former. Cette assemblée n'inspire pas confiance : les partis ne collent pas à un mouvement populaire qui demanderait quelque chose. Les partis, au Portugal, représentent une espèce de lien bizarre qui ne correspond à rien. Les usines autogérées, par exemple, sont une manifestation de masse beaucoup plus comprise par l'armée que par les partis qui y sont opposés.

P. VICTOR. Est-ce un acte libre de voter, aujourd'hui, au Portugal ?

J.P. SARTRE. Je n'en sais rien. Je sais qu'ils ont envie de voter. Mais se rendent-ils compte de ce qu'ils font ? Savent-ils ce qu'est une assemblée ?

D'autre part, ce sera une assemblée minoritaire, qui représentera beaucoup plus les villes que les campagnes, puisque l'armée développe une idée d'abstention dans les masses paysannes.

P. VICTOR. Voter, est-ce malgré les multiples aliénations, est-ce un acte libre au Portugal actuellement ?

J.P. SARTRE. Je n'en doute pas. Mais la question n'est pas seulement de savoir si voter est un acte libre, mais également de savoir si cela donnera un résultat qui aidera à libérer. Et c'est de cela que je doute.

P. VICTOR. Cette assemblée, du fait même de ses faiblesses, ne sera pas bien dangereuse. Et du fait de son existence, elle corrigera l'hégémonie du pouvoir militaire.

J.P. SARTRE. C'est cela que je ne sais pas.

P. VICTOR. Quand il y a deux, c'est toujours mieux que quand il n'y a qu'un.

J.P. SARTRE. Oui, mais quand le deuxième est vraiment tronqué et au-dessous du premier, cela peut être l'objet d'un coup d'Etat à n'importe quel moment.

P. VICTOR. Le coup d'Etat révélera alors une volonté totalitaire d'occuper tout l'espace par l'armée.

J.P. SARTRE. Oui, mais il faut encore que le pouvoir populaire, au départ, puisse s'y opposer.



...et le peuple. Trois pouvoirs (photos Paireault)

De notre point de vue — le socialisme libérateur — il faut saisir la meilleure évolution possible du système de pouvoir.

C'est du point de vue des micro-pouvoirs populaires que je juge le processus. Mais on ne peut pas, sous peine de catastrophe pratique, considérer que le micro-pouvoir populaire peut, actuellement, occuper tout l'espace dans le processus portugais : il n'en a pas la force. On est donc obligé de se demander

creuset populaire, avec son idéologie nationale : tout cela représente des facteurs qui font du MFA un garant de l'unité de la société portugaise démocratique. Le danger est que, comme cette caractéristique de rassemblement se fait sur la base d'une hiérarchie militaire, ce soit un rassemblement autoritaire ; c'est donc un type d'unité qui n'aime pas beaucoup les médiations et les pluralités, qui écarte ce qui gêne.

De ce point de vue-là, un

Libération

Lundi 28 avril 1975 N° 419

France : 1,50F

Suisse : 1,20 FS
Belgique : 15 FB
Hollande : 0,85 Florins

**La prison
clandestine
de Marseille**

Voir page 5

Vietnam Big Minh au pouvoir

Le général Duong Van Minh a été nommé président de la République du Sud-Vietnam dimanche soir, à l'issue d'un vote unanime du Parlement de Saïgon. Il doit prononcer aujourd'hui un discours télévisé et présenter son gouvernement. Selon ses proches, ce gouvernement « ne comprendra aucune personnalité ayant participé aux gouvernements précédents » et « n'aura d'autre but que la recherche d'une solution politique avec le GRP ». Interrogé par l'AFP, le porte-parole du GRP a refusé de se prononcer sur l'événement, mais a déclaré que les révolutionnaires poursuivraient leur offensive sur tous les fronts. Saïgon a d'ailleurs été soumise dimanche soir à un bombardement à la roquette.

Les politiciens saïgonnais ont ainsi mis fin à une pantalonade qui durait depuis deux jours. Ils ont surtout entendu l'avertissement des forces révolutionnaires qui, dans la journée de dimanche, avaient coupé toutes les routes menant à la capitale et attaqué la base de Bien Hoa (à 30 km) après avoir bombardé dans la nuit, le centre-ville.

Pendant que le vieux Huong (président depuis la démission de Thieu) et les politiciens palabraient, la peur s'installait dans Saïgon encerclée. Samedi matin, le GRP avait récusé d'avance toute formule incluant des hommes compromis avec la dictature, et annoncé qu'il était prêt à marcher sur Saïgon si ses conditions n'étaient pas remplies. Dans la soirée, ils avaient précisé qu'il fallait en outre « abolir l'administration de Saïgon quelle qu'en soit l'étiquette ». Et Radio Giaiphong diffusait d'heure en heure des appels à l'insurrection générale et des appels de généraux saïgonnais prisonniers demandant à l'armée de « ne pas combattre inutilement ».

(Suite page 7)

LE PORTUGAL A VOTÉ POUR LE " 25 AVRIL "



L'exercice « pédagogique » des élections est devenu le signe que le peuple portugais était favorable à faire l'expérience d'un socialisme à la portugaise. (AFP)

sens quelconque, ces élections sont une victoire du socialisme » a notamment déclaré le ministre de l'information, Correia Jesuino.

C'est à une accélération du processus révolutionnaire qu'il faut s'attendre dans les prochaines semaines. D'une part de nouvelles nationalisations, d'autre part, les initiatives populaires devraient se multiplier, stimulées par le sentiment de force que chacun va retirer du scrutin : luttes sur la question de contrôle de la gestion et de la production, sur la question du pouvoir dans les entreprises. D'autant que le PC sera moins fort et moins écouté lorsqu'il cherchera à s'opposer à la dynamique de lutte et au développement de l'initiative de la base. Militants et militaires seront sans doute moins complexés devant l'extraordinaire capacité d'organisation du PCP.

Sur le plan international, le MFA a aussi gagné en crédibilité. Il sera beaucoup plus difficile demain de calomnier la révolution portugaise. Les militaires ont tenu leurs engagements : les élections qu'ils ont organisées comptent parmi les plus démocratiques du genre, et les plus tolérantes. Ils n'ont rien imposé, sinon le pacte, c'est-à-dire le cadre général de la constitution. Et ils viennent, d'un coup, de rompre l'image militaire d'un régime et de gagner leurs galons du point de vue de l'opinion mondiale, de régime démocratique.

Mais c'est plus que jamais la question du socialisme et de quel socialisme qui est à l'ordre du jour. Le débat va rebondir au sein du MFA, qui se mène de la direction du PS, sur la nécessité d'un mouvement civil, politique et de masse, regroupant aussi bien les partis que les individus, qui s'appuie sur les bases, et qui travaillerait avec le MFA à la construction du socialisme portugais. D'autant que, sous l'impulsion vraisemblablement de Cunha, secrétaire général du PCP, se dessine une formule de type « Front populaire » entre les états-majors de gauche. Faute d'autre choix, le MFA se contenterait de cette solution.

Tout cela dépendra évidemment aussi de l'attitude qu'auront le LUAR et le PRP-BR d'une part, le MES et le FSP d'autre part, ainsi que la fraction autonome du MDP qui refusera de se fondre dans le PC. Quant à l'extrême-gauche, elle se retrouve marginalisée, en position difficile. Les militants du MRPP, actuellement emprisonnés, pour « boycott électoral », vont, comme l'a assuré l'amiral Ross Coutinho, être libérés.

Serge JULY
(Voir page 12)

Manifestation antinucléaire samedi à Paris

PLUTONIUM ET GERANIUM

(Voir page 3)



F. Pitchat



Pol Gornek

Dans la nuit du 25 avril 1975, le MFA était en fête, parce qu'il avait gagné son pari, deux mois après la tentative putschiste du 11 mars. Avec ces élections, il prenait un risque considérable : celui d'une victoire de la droite et du centre droit. Certes, avec le « pacte constitutionnel », signé avec les partis, il s'était donné des garanties. Et il a été suivi : 90 % des électeurs ont voté pour les partis de la coalition. Ces élections que des membres du Conseil de la Révolution désignaient hier comme un « exercice pédagogique », un « essai », ont été l'apprentissage, au sortir de la longue nuit fasciste du suffrage universel. Cet « exercice » est devenu l'expression, le signe que le peuple portugais était favorable à la poursuite du processus, à faire l'expérience du socialisme, d'un socialisme à la portugaise.

La gauche avec le PS fait plus de 58 % des voix. Certes, il faut se méfier des comparaisons. Mais l'Unité populaire d'Allende au Chili, n'est venue au pouvoir qu'avec 33 % des voix. Et la Grèce, qui a pourtant connu une longue lutte armée d'indépendance nationale, lors de la seconde guerre mondiale, a voté massivement à droite, au sortir du régime des colonels.

Le cas du Portugal est donc relativement unique. Plus qu'un indicateur de tendance : « Le vecteur dominant aboutit à la construction du socialisme ; la droite ne peut rien revendiquer, elle a été marginalisée. Et, si le mot socialisme a un

LE PORTUGAL A VOTE POUR LE PROCESSUS REVOLUTIONNAIRE

**La victoire du socialisme en liberté.
La marginalisation de la vieille droite. La défaite
du PC. L'extrême-gauche absente. L'énigme
du vote blanc**

Les Portugais ont voté pour l'action gouvernementale, dans une très large mesure. Si l'on compare en pourcentage d'inscrits, 74,2 % ont voté pour la coalition gouvernementale (81% des votants). Si l'on calcule par rapport aux partis, qui ont signé le pacte constitutionnel avec le MFA, les chiffres sont encore plus considérables, 82,3 % d'électeurs inscrits et 90 % de votants.

A ces chiffres, il faudrait ajouter que le total des voix recueillies par le Parti Socialiste, le Parti Communiste Portugais, le Mouvement Démocratique Populaire et l'extrême gauche font plus de 58 %. C'est-à-dire qu'une majorité absolue a voté au Portugal, vendredi 25 avril, pour le socialisme.

LA VICTOIRE DU SOCIALISME EN LIBERTÉ

Cette victoire, la victoire du PS, contrairement aux autres scores, est à peu près uniforme du Nord au Sud, des zones urbaines aux campagnes, y compris dans les fiefs PC : Setúbal et l'Aleiteiro, cette plaine rouge où subsiste un très important prolétariat agricole. Dans ces deux bastions rouges, le PS réalise un score à peu près identique au PC, à quelques points près, prouvant que le vote PS a mordu très profondément dans les masses ouvrières. Ces faits sanctionnent que le PS a été le plus grand dénominateur commun du socialisme en liberté, pour reprendre la formule qui a fait fureur pendant la campagne électorale. En votant PS, beaucoup de travailleurs, beaucoup de gens de gauche ont voté contre une conception autoritaire de la révolution socialiste. A côté d'un anti-communisme de droite classique, le PS a aussi cristallisé un anti-communisme de gauche très important. C'est le prix qu'a payé le PC pour certaines de ses méthodes brutales et prise de pouvoir dans la presse et dans certains organismes. D'une certaine manière, l'anti-communisme de Soares s'est combiné avec les déclarations du MFA. Le Parti socialiste portugais, à l'image du PS français qui lui a servi de modèle, sinon de conseiller, est un bloc à bras capable d'accueillir l'anti-communisme de droite réactionnaire des petits notables, aussi bien que l'aspiration réelle et manifestement considérable dans ce pays pour un socialisme authentiquement portugais et qui se fasse dans la liberté. A toute cette trame de campagne, le MFA a aussi ajouté son grain de sel. D'abord ce qui a surpris beaucoup d'observateurs, en mentionnant Mario Soares dans la liste des personnalités de gauche qui devaient être exécutées par les putschistes du 11 mars, aux côtés de l'ensemble des dirigeants communistes. A ce cadeau qui n'allait pas de soi, dont certains membres de la 5e division de l'Etat-major disent aujourd'hui qu'il s'agit d'une erreur, le MFA a ajouté une déclaration de politique générale dans laquelle il se prononçait à plusieurs reprises pour le socialisme et pour le pluralisme. Traduction pour la grande masse portugaise : votez PS. Ce fait est d'autant plus remarquable que journalistes et sociologues portugais sont d'accord pour reconnaître que l'absence de débats entre les partis à la télévision a contribué à une certaine confusion au niveau des programmes, confiant aux mots, à quelques mots clefs, des vertus relativement magiques. Loin de lever l'équivoque du PS et de sa direction, les élections vont la renforcer. Et déjà samedi soir, dans les rues de Lisbonne, alors que les voitures du PS sillonnaient la ville en klaxonnant, drapeaux rouges frôlés du poing blanc au vent, il n'était pas rare de voir des militants du PPD se joindre à eux. La vérité du score du PS c'est à la fois la majorité absolue à gauche, et c'est aussi la majorité absolue avec le PPD seulement. Alvaro Cunhal, secrétaire général du PCP a d'ailleurs immédiatement compris le risque qu'il y avait à laisser courir le PS avec le PPD. Le premier, il a tenu à lancer la formule : PC + PS = majorité absolue. Tour de Babylone de la construction du socialisme, parasite vivant des maladies successives du marxisme et du spectre de l'Archipel Goulag, le PS occupe aujourd'hui la position chef dans le système des partis.



(Photo Weiss/Adja)

LA MARGINALISATION DE LA VIEILLE DROITE.

Le CDS (Centre démocratique et social) qui rassemble beaucoup de petits notables de l'ancien régime et qui fut la cible avant le 11 mars des attaques de l'extrême-gauche obtient simplement 7,6 % des suffrages. Encore ce chiffre est-il réalisé grâce aux quatre districts du Nord Viseu, Bragança, Guarda, Bragança où il oscille entre 17 et 20 %. Pour important que soit ce score, il doit être relativisé. Le CDS, y compris dans ces districts traditionnellement les plus arriérés, où par exemple l'évêque de Braga faisait ouvertement campagne pour le CDS dans sa lettre diocésaine,

ce parti n'arrive qu'en 3e position, derrière le PS et le PPD. Cela signifie que la droite portugaise, mise à part la petite majorité groupusculaire du CDS a voté pour le PPD. Celui-ci réalise ses meilleurs scores lui aussi dans le Nord du pays. Dans les quatre districts du Nord, PPD et CDS ont d'ailleurs plus de 50 % des suffrages. Mais le vote PPD a une signification différente, dans la mesure où depuis le 25 avril, le PPD participe à la coalition, et qu'après le 11 mars, sa participation s'est même renforcée d'un ministère. Cela signifie très clairement qu'une fraction de la petite et moyenne bourgeoisie participe toujours au processus et qu'elle n'entend pas rompre avec le MFA. Dans la nuit du dépouillement,

Mogaleas Mota, ministre sans portefeuille du PPD, a évidemment tiré des conclusions diamétralement opposées à celles de Cunhal : « Nous avons atteint notre objectif : avoir la majorité absolue avec le PS ». Cette petite phrase, prouvait que le PS était devenu le parti à séduire.

LA DEFAITE DU PCP

Samedi soir et dimanche matin, dans les centres de travail du PCP, à Lisbonne, l'atmosphère était morose. Le PCP malgré ses rassemblements de plus de 100 000 personnes, au stade du 1er mai — alors que le PS n'en avait rassemblé que 80 000 — le PCP a perdu. Et doublement. Parce que dans son échec électoral, il a entraîné le MDP CDE qui ne réalise que 4,12 % des voix. Maintenu comme le parti des compagnons de route, pour pénétrer le Nord réactionnaire, et prendre pied dans un certain nombre d'institutions, le MDP a été boudé par les électeurs qui entre le PCP et lui ont souvent préféré voter pour le PCP. C'est le cas dans certains districts du Nord, en particulier celui de Braga où le PCP devance le MDP. Ensemble, les deux partis font 16,66 %. Victime de son succès institutionnel et de ses méthodes de prise de pouvoir partiel, de son hostilité au mouvement d'auto-organisation des luttes, le PCP portugais apparaît beaucoup plus faible que ses partis frères français et italiens alors que l'on pourrait s'attendre théorique-

ment à l'inverse. Toute ambiguïté du PCP est résorbée dans ces chiffres. Ni totalement électoraliste comme les PC français et italiens, ni totalement animateur des luttes et des mouvements sociaux, le PCP représente à l'époque moderne un spécimen de « révolutionnaires autoritaires » qui se battent comme au lendemain de la création de la IIIe internationale. Quant au MDP, les résultats vont précipiter sa vraisemblable disparition. Le PCP n'en a plus besoin et beaucoup de ses membres devraient rallier le parti père, les autres rechercher un nouveau rassemblement dont ils seraient partie prenante.

L'EXTRÊME-GAUCHE ABSENTE

L'extrême-gauche se demande aujourd'hui si elle aura même un seul député, grâce au « calcul des restes ». Auquel cas il serait membre du FSP (Front socialiste populaire) ou du MES (Mouvement de la gauche socialiste). Chiffres cumulés, l'extrême-gauche fait 4 %. Sur ce pourcentage, il conviendrait de distinguer entre le courant PSP MES qui réalise 2,2 % et le courant ML (Marxiste-léniniste) qui réalise environ 1,6 %. Quant à la LCI, l'équivalent de notre Ligue Communiste, elle n'obtient que 0,19 % des suffrages. L'extrême-gauche qui ne participe pas au gouvernement, qui n'a pas signé le pacte avec le MFA — sauf le FSP — n'apparaît pas aux yeux de l'électorat comme lié profondément au processus. La FEC-ML groupe marxiste-léniniste très implanté à Porto fait moins qu'à Villa Real, une région particulièrement réactionnaire, c'est-à-dire moins d'1 %. La réalité des militants d'extrême-gauche, leur capacité d'animation se reflète pas dans ces résultats. Il est vrai que ce sont deux choses différentes. Néanmoins, il est remarquable que la phraséologie compliquée et absconde parfois liée à la critique du MFA et à l'extrême multiplicité des partis a braché beaucoup d'électeurs de gauche et de travailleurs combattifs qui ont préféré voter PS.

L'ÉNIGME DU VOTE BLANC

Samedi après-midi, Correia Jesuino, ministre de la Communication sociale et Ramiro Correia, responsable de la Dynamisation culturelle et membre du Conseil de la Révolution ont commenté pour la presse les premiers résultats. Tous deux sont membres du MFA et les questions ont principalement porté sur le vote blanc. On se rappelle que le MFA avait conseillé le vote blanc pour tous les indécis. Il avait été rejoint par un courant de l'extrême-gauche, celui qui n'avait pas participé à la campagne électorale, c'est-à-dire la LUAR (Ligue d'unité et d'action révolutionnaire) et le PRP-BR (Parti révolutionnaire prolétarien — Brigades révolutionnaires) le premier lançant le mouvement d'occupation de palais dans tout le pays pour créer des équipements collectifs sauvages, avec un réel succès et le second qui lança le mot d'ordre : « Votez Conseils révolutionnaires ». Résultats du vote blanc : 7 %. Alors que les indécis étaient estimés à 40 % en janvier dernier, par un sondage réalisé à la demande du MFA. Réponse de Ramiro Correia : « Le MFA n'a pas conseillé le vote en blanc. Il s'est engagé à réaliser les élections. Des élections ont eu lieu. Mais nous avons une connaissance concrète de la population portugaise et on ne peut pas dépasser 48 ans d'obscurantisme d'un seul coup, en une seule année. Lorsque nous avons parlé du vote en blanc, ce n'était pas une fuite par rapport aux élections, mais un moyen pour le peuple de participer quand même aux élections. A cela le ministre devait ajouter : « Ces 7 % ne traduisent pas la réalité de la décision du peuple portugais. Par ailleurs, nous ne sommes pas persuadés que la recommandation du vote blanc ait atteint l'ensemble de la production ». En effet, l'analyse des chiffres dans les régions où le MFA a procédé à des campagnes de dynamisation culturelle pendant la campagne électorale fait apparaître des chiffres supérieurs à la moyenne nationale du vote blanc, c'est-à-dire entre 10 et 12 % dans le district de Castelo Branco, de Coimbra, de Leiria et de Villa Real.

Le résultat des élections

247 députés à pourvoir pour 22 districts.

193 sièges actuellement pourvus circonscription par circonscription :

P.S. : 37,82 %, 95 députés.

P.P.D. : 26,41 %, 58 députés.

C.C.P. : 12,54 %, 25 députés.

C.D.S. : 7,6 %, 12 députés.

M.D.P. : 4,12 %, 3 députés.

Contrairement à la France, les élections au Portugal se font grâce

à un système mixte par circonscription, et à la proportionnelle. Un système qui permet une répartition plus équitable de sièges : dans un premier temps, un certain nombre de députés sont élus district par district, à raison d'un pour 25 000 votants.

Les voix restantes dans chaque district seront ensuite additionnées sur le plan national, permettant une seconde attribution de siège, proportionnellement au nombre de voix.

Le pouvoir lycéen au Portugal : mythe ou réalité ?

L'ECOLE DE LA REVOLUTION

L'école dans le processus révolutionnaire portugais : ses forces, ses contradictions, ses luttes — Pedro Nunes, « le » bahut de Lisbonne : guérillas quotidiennes, projets d'éclatement du système d'enseignement — Padre Antonio Vieira, lycée « rouge » : dynamisation culturelle dans les bidonvilles — Vers un système autogéré ou contrôlé par le MFA ?

En France, aujourd'hui, l'école, ça fonctionne. Mais tous, élèves ou profs, vivent de plus en plus mal les contradictions. Celles-ci par une institution répressive, écorchée par l'ennui quotidien. Alors, dans le processus révolutionnaire que vit le Portugal depuis un an, comment ça se passe dans l'école ? Est-ce que le pouvoir aux lycéens, ça correspond à une réalité ? C'était nos propres questions. Au départ. Et puis on se trouve soudain confronté à un pays où l'école, le lycée, la fac, c'est plus encore qu'en France un privilège de classe, un pays où 40% de la population (dont 60% de femmes) sont analphabètes. On se rend compte que la situation intérieure entre les trois pouvoirs (MFA, partis et « po-vo ») est loin d'être réglée, et qu'on se soude peu encore de l'école, qui vit de son côté quelque chose de confus, d'instable. Où les luttes partidaires s'enveniment, reflètent ministérielles des conflits politiques ; où une majorité de profs rases alourdit la machine et force le Ministère à la répression, parce que pour la première fois la crise de l'école, c'est une crise de leur autorité ; où enfin une intersyndicale bureaucratique, aux mains du PCP et MDP-CDE est complice du système en place. Et pourtant, une dynamique existe : ici, on a restructuré les formes et contenus de l'enseignement là où occupent des locaux pour installer des crèches sauvages, des jardins d'enfants ou des centres culturels. C'était ça qu'il importait d'interroger, ces luttes au jour le jour, encore isolées, enfermées dans chaque établissement, plus actives dans les centres urbains (Lisbonne, Porto, Coimbra), mais qui refusent de laisser les forces réactionnaires assurer l'ordre, la discipline, au mépris de la parole des jeunes.

LYCEES : LE TEMPS DES GUERILLAS

Pedro Nunes, c'est par tradition LE lycée de Lisbonne. Gros bahut de 2000 élèves, avec introduction cette année d'une trentaine de filles. Là, dans un bâtiment de l'autre siècle, on accueille depuis toujours les fils de la grande bourgeoisie. Fief conservateur, le bahut servait dans l'Ancien Régime d'école normale, et pas mal de profs appartenaient aux cadres de la PIDE. Equipements confortables (gymnase, bibliothèques) et classes à faibles effectifs : ici, ça sent l'aisance. Pourtant, depuis un an, le paysage a changé : murs graffitis, réunions sauvages, luttes groupusculaires et violences. On y défie le pouvoir et les conflits aigus entre les élèves, les profs, le Ministère font de Nunes une des places stratégiques.

Après le 25 avril, les élèves s'étaient constitués en 3 commissions : culture/information/sports. Mais, à part une expo sur l'anti-colonialisme, ça n'a guère fonction-

né. C'est qu'on vit, depuis un an, dans un climat de luttes permanentes entre commandos d'extrême-droite (CDS), éléments du PCP-MDP et fractions d'extrême-gauche (MRPP et groupes marxistes-léninistes). Ainsi, le 28 avril dernier, un commando fasciste envahissait le lycée : bagarres, barricades, cordons lycéens... Aussitôt, intervention de la police militaire. Encore le lycée : bagarres, barricades, cordons lycéens... Aussitôt, intervention de la Police Militaire. Cinq élèves du bahut étaient frappés et mis en prison. Continuellement aussi, des indicateurs (élèves du UEC, proches du PC, et profs « social-fascistes ») communiquent au COPCON des listes d'élèves gênants ! Bref, l'atmosphère est tendue. Et plus rien ne fonctionne...

Alors, le 29, le MEC (Ministère de l'Éducation et de la Culture) décidait la fermeture. Et les profs rases demandaient l'intervention de militaires, pour rétablir l'ordre. Il est arrivé ainsi, début mai, un capitaine de choc, paternaliste et habile discou-



reur, qui se déclarait décidé à ne pas utiliser la force armée. Simplement, il voulait élaborer un protocole d'accord : d'une part, arrêt des violences et rétablissement de la discipline ; d'autre part, mise en place des règles de fonctionnement de l'Assemblée de l'école.

Un tel protocole devait rassurer la plupart des profs, terrorisés devant les événements, et septant leur pouvoir remis en question. D'ailleurs pour eux, les AG des élèves n'étaient pas représentatives, elles étaient manipulées : « Ils ont tous les droits ! Ils changent la légalité quand ils veulent et comme ils veulent. C'est le terrorisme permanent » confiait un prof proche du PCP. Mais il y a plus que la crise de l'autorité. En effet, Nunes est le seul bahut qui a proposé une sorte de planification générale de l'enseignement pour le bahut. Document décisif, qui fait un peu songer aux programmes élaborés par les CAL en 1968, et qui, s'il faisait tâche d'huile, transformerait radica-

lement la vie dans les établissements.

PARTIR DES REALITES SOCIALES ET POLITIQUES

Tout, d'abord, est décidé en assemblée générale de l'école, laquelle élit une commission exécutive chargée de mettre en place les différents secteurs : administratif, pédagogique, politique, culturel, social et sportif. Prenons par exemple... dans le secteur social, les relations avec l'extérieur : tout est organisé pour une intégration de l'école dans le monde du travail. Partir des réalités sociales, c'est d'abord les connaître. Qu'il s'agisse des entreprises, des hôpitaux, asiles, crèches, des prisons ou des bidonvilles. Prenons encore l'athlétisme : ils souhaitent des échanges entre les groupes scolaires, mais hors de tout esprit de compétition, en dehors des structures hiérarchiques traditionnelles. Et puis, au niveau culturel, des discussions politiques sur les mouvements ouvriers et paysans, une initiation au langage cinématographique, des rencontres avec des groupes de musique, des créations collectives de sketches, etc. En somme, c'est tout un système cloisonné, autoritaire, fondé sur un savoir mort, aliénant, qui volerait en éclat, si un tel plan se trouvait mis en pratique. Et qu'on le trouve dans les bureaux ministériels montre qu'on n'est pas sans éprouver des craintes...

D'où la tentative du MEC de légaliser la situation pour empêcher l'ensemble des lycéens d'imposer leurs propres bases de fonctionnement. Avec l'appui de la plupart des profs, et de l'intersyndicale ! Seulement, à Nunes, ça ne s'est pas très bien passé avec les militaires : devant le refus des élèves de reconnaître la légalité, des décrets, ils ont dû demander leur démission. Les choses en sont là. Avec l'ultimatum ministériel : si vous n'acceptez pas nos décrets, on ferme l'école !

Or les élèves refusent la fermeture : pour eux, l'école reste une base essentielle de discussions, et ça, ils veulent le préserver. Alors, ils continuent à occuper.

UN TRAVAIL D'ANIMATION DANS LES BIDONVILLES

Cet état de crise, de paralysie générale, on l'observe aussi dans le bahut du nord de Lisbonne : Padre Antonio Vieira. Ici, par contre, il y

avait une tradition de lutte. Avant le 25 avril, il y avait déjà une résistance importante des lycéens contre les répressions fascistes. Il en a gardé la réputation de lycée « rouge », surtout après une manif, il y a 2 ans, contre les arrestations et tortures de lycéens par la Police Politique. La vigilance des autorités s'exerçait aussi contre les profs « difficiles », qu'on menaçait d'envoyer dans le privé ! Bref, dès 1973, c'était avec Almada et Don Pedro Quinto un des bahuts à la pointe du mouvement. Comme à Nunes, mais dans un cadre différents (longs bâtiments à un niveau, briques rouges, patios et verdure... avec à deux pas les « barriques », et la misère !), la vie se résume à des conflits partidaires. Et c'est vécu si fortement par certains qu'ils en arrivent à s'appeler du nom de leur parti : lui, c'est LCI, ou PRT, ou MES... Voici leur histoire, comme ils l'ont racontée.

Il y a un an, le directeur a été liquidé : il a été expulsé par l'AG des élèves, et on ne l'a pas laissé rentrer en cours. Le MEC ne reconnaît évidemment pas ce genre de nettoyage. Et puis on a élu une soumission de gestion, de 5 élèves. 3 profs et 2 agents de service. Ces commissions non plus ne sont pas homologuées par le Ministère, qui ne reconnaît pas l'Assemblée de l'école comme un organisme légal de décision. Mais pour l'instant, ça ne fonctionne pas : faute de crédits, mais aussi parce que le MEC s'oppose systématiquement toutes nos initiatives.

Or ça quand même réussit à débloquer certaines choses. Par exemple, on a aboli le régime des absences. Même si certains profs ne sont pas d'accord, le rapport des forces est tel qu'ils y sont contraints. En février, une grève a surgi spontanément dans la province du nord et du centre, sur la sélection au niveau des exams, et aussi sur l'enseignement. Mais c'était un peu un échec, sauf à Porto où les élèves ont été assez combatis.

Au Portugal, il n'y a jamais eu vraiment de mobilisation massive, unitaire des lycéens, comme en 73 et 74 en France. C'est dispersé, localisé. Il y avait une matière aussi, sous le fascisme, qui s'appelait : « organisation politique et administrative de la nation ». Maintenant, on a imposé des discussions politiques avec les profs. Une « commission d'ouverture sur le milieu » a fait une enquête sur les bidonvilles d'à côté où vivent plus de 19 000 personnes. Elle aide efficacement les « commissions de Mendocores » (Mal logés du bidonville, animées surtout par la LUAR et la LCI, et mis sur pied des cours d'alphabétisation pour enfants et adultes. La section culturelle a réalisé une expo sur la décolonisation une session de musique et chansons révolutionnaires. Et puis du free jazz, des films : par exemple sur les mouvements de libération au Mozambique, un débat sur la répression sexuelle... on a même fabriqué un aquarium !

Mais il y a un climat de guérilla continue entre groupes extrémistes. Il y a trois semaines, une intervention violente de CDS-PPD a fait 2 blessés. Se sont alors formés des commissions de lutte, avec

piquets de sécurité, contacts avec les autres bahuts, information à la population. Mais ce n'est pas tout le lycée qui se mobilise : aux AG, on n'est jamais plus de 500... sur 2300 élèves !

Pourtant, même si le mouvement n'est pas massif, ça respire ici, comme dans tous les bahuts que nous avons visités, un peu de liberté conquise, le pouvoir de parler, de lutter. Et qu'on ait 13 ou 18 ans, qu'il s'agisse de mecs ou de filles, pas de censure, d'exclusion. Seulement le silence, le malaise des autres, auxquels on n'a sans doute pas encore répondu.

Côté profs, les progressistes ont fait de leurs classes un espace libre, où les élèves peuvent venir quand ça les intéresse. L'an dernier, malgré le désaccord du MEC, ils ont fait passer tous les élèves dans les classes supérieures. Les autres, apeurés et dépassés, continuent à ronronner devant un auditoire bruyant. Même s'ils vous disent sincèrement que les printemps sont revenus au Portugal, ils n'ont pas changé d'un iota leurs méthodes, et continuent de parler de Vicente, Camões ou des bourgeois de Calais !...

Sans compter leurs problèmes avec la Commission Directive Provisoire du Syndicat, aux mains du PCP et qui fait le jeu du Ministère. Il y a une phrase assez stupéfiante là-dessus : « Le Ministère et le Syndicat seront deux forces progressistes et convergentes, parfaitement identifiées dans leurs objectifs communs ! ». C'est sans doute pour ça qu'il y a 3 mois, ils ont reporté une grève des profs sur le réajustement des catégories, qu'ils ne défendent pas du tout les non-licenciés, renommés uniquement par le fait de la pénurie d'enseignants au Portugal, et qu'ils dénoncent les « agitateurs » qui prennent des positions critiques vis-à-vis du Syndicat ou du MEC !

Alors, un certain nombre se sont regroupés dans des Commissions de travailleurs (BASE) pour former une avant-garde de lutte, hors des partis, et faire un travail de conscientisation politique. Ils sont encore peu, trop peu, en regard des 20 000 enseignants syndiqués, uniquement intéressés par une police d'assurance, et d'ailleurs sous le coup de la forte influence du PCP dans les écoles. Tendance proche de l'anarchosyndicalisme, la BASE a d'ailleurs une plateforme commune de travail avec des groupes politiques, comme le MES, par exemple, qui le 8 mars dernier élaborait une véritable charte des scolaires. Il s'agissait selon lui de créer des commissions d'école, organes partidaires et unitaires, en liaison avec les comités d'usine, de quartier, pour définir une autre politique de l'école, qui serait le patrimoine de la gauche. Dans ces commissions, pas de parents qui, en tant que tels, sont réactionnaires (défense des diplômes, de la sélection, etc.), mais des travailleurs, des paysans, des jeunes. Pour en finir définitivement avec ce cadavre de l'école bourgeoise que l'on perpétue encore aujourd'hui au Portugal.

J.L. HENNIG
(Dessins : CEUX DU TECHNIQUE)

Portugal: l'école de la révolution?

3-COTÉ CRECHES
COTÉ PRIMAIRE

Le long du bord de mer, passés le célèbre casino de l'Estoril et les villas cosues de la côte, on découvre Parada, club privé : « Entrée interdite aux non-adhérents ». Un petit Triumf perdu dans un parc, avec piscine et court de tennis. Véritable musée des mondanités de la haute-bourgeoisie lusitanienne. Là, ce n'étaient que jeux, dîner, parties et fêtes un peu particulières... Tout un album de photos rétro raconte cette vie oisive et protocolaire : l'une montre une grande dame, souriante, qui a enfilé le tablier de la bonne... C'est ce palais décadent que des membres de la LUGAR ont occupé en mars dernier pour créer une crèche sauvage.

Pour l'instant, ce n'est encore qu'un chantier. Sur la moquette turnoise, des jeux, des bibelots, du lait en poudre, des vêtements, fournis par la population. Les meubles « design » ont été convertis en lits et sièges minuscules. Ailleurs, des salles ont été aménagées pour les activités de théâtre, art plastique ou musique. Déjà, un groupe d'enfants d'une dizaine d'années jouent dans la piscine, à côté. L'équipe d'animation de la crèche (une dizaine de bénévoles) prévoit d'en recevoir deux cents, de la commune. A par la crèche, ils comptent accueillir tous les jours, après 17 heures, des travailleurs, pour les activités sportives. Surtout, ils souhaitent que cette crèche soit un centre de pouvoir politique, un lieu où l'on puisse tenir des discussions, diffuser l'information, bref un lieu où se crée une véritable animation culturelle.

LE THEATRE-ACTION DE LA COMMUNE

Cette animation culturelle pour enfants, d'autres groupes s'en occupent, comme le Théâtre-action de la Commune, qui a monté la Casa da Griaça dans la banlieue de Lisbonne (Praça de Espanha). Cette troupe, célèbre au Portugal, qui participait récemment au festival de Nancy, vient en effet d'occuper une grande villa, où ils préparent un centre culturel pour enfants de 6 à 10 ans. Expérience importante, puisque dans la commune, il existe cinq bidonvilles et que les gosses sont à la rue la moitié de la journée (les effectifs sont si lourds qu'on pratique des roulements à l'école). Ils comptent ainsi toucher cent soixante enfants par jour, des écoles officielles. Fonctionnant en petits groupes, ils pourront participer à des jeux

Si l'enseignement secondaire (lycées, écoles techniques) pose aujourd'hui au Portugal des problèmes graves, tant au niveau du système de gestion que de la transformation des rapports hiérarchiques, autoritaires, de l'éclatement d'un enseignement sclérosé et livresque, de l'insertion directe dans le quartier (voir « Libé », 4 et 5 juin), la situation est encore plus préoccupante dans l'enseignement pré-scolaire et élémentaire. En principe, la réforme instituée en 1969 par Vieira Simoes avait prévu un cycle élémentaire de six ans, mais seulement 67 % des enfants, de 11 à 14 ans, peuvent suivre les deux années terminales. Bref, le secondaire n'est encore ouvert qu'à une élite (ne parlons pas de l'université) : d'où l'importance d'initiatives populaires sauvages pour ouvrir des crèches, alphabétiser les gosses, monter des centres culturels près des bidonvilles.



Les enfants du centre populaire de Griaça à Almédium, le 1er mai (DRI).

dramatiques, écrire leurs textes, dessiner, discuter (on appelle ça en portugais d'un beau terme « illichien » : « convivio »). Une douzaine de personnes alphabétiseront des gosses (pour pauvres pour suivre l'école officielle. En somme, une maison ouverte, heureuse, où seront organisées aussi des réunions avec les parents-travailleurs. D'ailleurs, depuis un an déjà, la troupe, en liaison avec le processus de dynamisation du MFA, joue des pièces politiques dans les usines, les centres culturels.

En province, aussi, des crèches sauvages, improvisées, sont créées par les travailleurs. Ainsi, dans le Ribatejo, à Almeirim (1), petit village agricole. Le 1er mai, dans une atmosphère de fête où se confondait la Grandola Vil-la Morena et les vivants de la population, nous avons rencontré Abalada, femme d'une trentaine d'années, le visage tanné : « Accueilli par des hommes dans les champs. C'est l'école vers les usines. Et nous faisons tous les travaux des hommes. Mais en plus, avant 8 heures et après 17 heures, je travaille à la maison. J'ai une fille de 10 ans. Quand elle était petite, elle partait avec moi aux champs. D'autres restent chez une grand-mère, une voisine. Alors, d'après le syndicat et la LUGAR, nous avons occupé la maison d'un ingénieur : là, nous avons monté une crèche, un jardin d'enfants. La paroisse avait bien une crèche, mais 100 francs par mois, on ne pouvait pas ! »

Mais ces crèches sauvages, ces centres d'animation ou privés, dont 42 % sont situés à Lisbonne et dans la périphérie. Ainsi, à Damia, en bordure des HLM, un pavillon récent accueille de 7 à 20 heures soixante dix enfants, jusqu'à 5 ans. Espace lumineux et fleuri, avec des dessins partout, des meubles. Ici, dix femmes s'occupent des gosses, répartis dans les divers ateliers ou dans la cour de sable. Au fond, la cuisine et les installations sanitaires, irréprochables. Mais ces petits paradis restent rares. Dans la circonscription, il n'y en a que dix-huit comme ça, qui accueillent 680 enfants. Il en faudrait trois ou quatre fois plus, dans l'immédiat !

La commune prend en charge une partie des frais : pour le reste, on calcule en fonction de l'indice salarial. On n'accueille d'abord que les gosses dont la mère travaille, et puis on additionne les deux salaires et on module de la gratuité complète jusqu'à la taxe maximale (140 francs par mois). Il y a des parents pourtant qui n'ont pas supporté ça... et qui ont retiré leurs gosses. Bon signe ! On sort, et on voit un peu plus loin deux enfants, qui jouent dans la rue. Pour eux, rien n'a changé !

Côté primaire, la situation n'est pas brillante. Surtout en milieu rural.

Quarante ans de fascisme, ça marque ! Depuis 1969, la période de scolarité obligatoire est inégalement de six ans. Entrés à 7 ans, les enfants sortent en général vers 13-14 ans. Mais dans les campagnes, comme les écoles sont très loin, qu'il n'y a pas de rattachement scolaire, que les parents le plus souvent n'ont pas les conditions matérielles suffisantes pour assurer leur scolarité, tous les frais sont à leur charge, y compris les bouquins, et il n'y a aucune aide sociale de l'Etat au niveau du primaire. Les enfants sortent en fait après quatre ans, soit vers 11-12 ans.

Et puis, dans les zones de bidonvilles, ça devient dramatique. Le district de Lisbonne comprend 1700 bidonvilles, avec un tiers de la population d'âge scolaire. Un instituteur à Afragide (banlieue-Nord) raconte les conditions de vie des enfants : « Il y a des problèmes d'habitation, d'hygiène, de sous-alimentation. Les enfants sont les premières victimes des épidémies. Ils sont agressifs, entrent en lutte, leur imagination s'appauvrit. La mère travaille toute la journée, alors les gosses sont à la rue. Et puis, dans le primaire, les méthodes d'enseignement sont rétrogrades, très répressives, tout est dirigé par la mémoire. Nous sommes peu d'instituteurs à travailler pour changer ça. Le pire sans doute, c'est le racisme, les discriminations de classe qu'il y a dans l'école. Les gosses s'appellent entre eux « barbaque » (baraca) et « bâtiments » (casal) : ils se repèrent par leur habitation, leur richesse. Ça crée des conflits pénibles. »

Alors, au gouvernement, comment voit-on la situation ? Si tout se joue dès le primaire et le préparatoire, quelles mesures d'urgence sont mises en place ?

Jean-Luc HENNIG
(1) Voir Libé du 24 mars 1975.

(Deuxième : l'interview du ministre de l'Éducation et de la Culture).

Espagne

SUCCES LIMITE DE LA
JOURNEE POUR LES
LIBERTES DE LA JUNTE
DEMOCRATIQUE

Nombreuses arrestations

C'est hier que se sont achevées les trois « journées de lutte pour les libertés » organisées par la « Junte démocratique » dans la région de Madrid. Bien qu'il soit très difficile

de se faire une idée exacte de la situation dans la capitale espagnole au cours des dernières 48 heures, il semble que cette « mobilisation » n'ait pas eu tout l'écho que ces organisa-

teurs en attendaient : ainsi on estime que moins de 10 % des travailleurs de la région ont arrêté le travail partiellement ou totalement.

Madrid, comme chaque fois en pareil cas, était sévèrement quadrillé par la police armée. Les transports publics ont fonctionné à peu près normalement, sauf à la station de métro de « Las Musas », où les pompiers ont dû intervenir pour retirer les chaînes que les grévistes avaient installées afin d'empêcher les voyageurs de pénétrer. Sur les marchés, l'affluence était normale malgré la présence des jeeps et des agents de la brigade sociale en civil.

En ce qui concerne les arrêts de travail, on estime généralement que 16000 à 18000 travailleurs de la métallurgie ont débrayé sur les quelques 200 000 que compte ce secteur. Dans certaines entreprises, cependant, les ouvriers ont cessé totalement le travail et occupé leurs usines : c'est le cas notamment à Kelvinox (trust américain qui fabrique des appareils électro ménagers), Casa (construction métallique) qui emploie 35000 ouvriers. Des arrêts partiels ont eu lieu également à Fiat (España), Standard-electric (Westinghouse). Dans le bâtiment, sur un total de 130 000 travailleurs, 5000 à 6000 ont arrêté le travail. Des débrayages ont eu lieu également dans les banques et les assurances.

A l'université, une vingtaine de professeurs et d'assistants de la faculté de sciences politiques ont formé un piquet de grève pour dissuader les étudiants de se rendre à leurs cours mais la police est intervenue.

Les rues de la capitale étaient, elles aussi, « très animées ». Plusieurs centaines de personnes ont constitué des « piquets de grève » volontaires et se déplaçaient d'un bureau à l'autre, et dans les différentes entreprises de la ville et sa banlieue en distribuant des tracts. De nombreuses arrestations ont été opérées au cours de ces « déplacements ». Au total, il y aurait une centaine de personnes arrêtées, alors qu'elles tentaient de distribuer des tracts sur les chantiers... Vers minuit, on a vu des cars de police bourrés de personnes arrêtées traverser la ville précipitamment.

Procès basques

L'ETA lance
un appel à
la conscience
européenne

« Je me fais le porte-parole de mes confrères, avocats basques du Sud, et notamment de Me Bandres, défenseur d'Eva Forest, qui s'est vu retirer son passeport il y a quelques jours » : c'est par ces mots que Me Ababerry, avocat au barreau de Bayonne et actif défenseur de la cause basque s'est exprimé avant-hier, « en tant qu'avocat et en tant que Basque », devant la presse parisienne.

« L'état d'exception, le devrait être l'état de siège qui sévit depuis le 25 avril dernier au Pays Basque, coïncide à un jour près avec le bombardement de Guernica par l'aviation nazi, il y a presque trente ans. Nous voyons un symbole, car le combat que nous menons est le même que celui engagé à Guernica. En Euzkadi-nord, poursuit Me Ababerry, cette situation a aussi des répercussions ». Après avoir rappelé les nombreux attentats commis ces derniers jours contre les réfugiés politiques basques, l'avocat de Bayonne, devait rapporter de nouvelles précisions sur l'affaire de l'enquêteur de Barcelone : « Il s'agit en fait d'un véritable commando : outre le « touriste » de Barcelone, nous savons maintenant qu'il y avait deux autres individus et qu'ils étaient tous fortement armés ».

Pourquoi Poniatowski est-il intervenu directement ? Il s'agissait, répond Me Ababerry de juguler discrètement une « infiltration de la police espagnole en territoire français, qui était parvenue à un tel point qu'elle nécessitait une reprise en main ».

Pourquoi cette nouvelle escalade contre le peuple basque ? Pourquoi cet acharnement ? Parce qu'il y a de la haine, répond Me Ababerry, « quelque chose de particulier, une lutte spécifique et disons-le simplement, une lutte de libération nationale ».

L'avocat basque, devait ensuite insister sur le fait qu'en plus du procès d'Eva Forest, il y avait « d'autres militants, qui ne sont peut-être pas aussi connus, qui ne bénéficient pas de soutien des intellectuels de toute l'Europe ». Ceux-là, Antonio Garmentia, et son compagnon Otaegui, qui risquent comme Eva Forest, la peine de mort, « sont des militants anonymes, des gens du peuple, et ce sont eux qui créent l'événement ».

Ababerry rappelle ensuite que Garmentia, après avoir été blessé à la tête (voir Libé d'hier), a été opéré à plusieurs reprises ; on lui a enlevé une partie du cerveau ; il est paralysé et possède « la capacité intellectuelle d'un enfant de 3 ans ». Le procès de Garmentia aura lieu au plus tard le 25 juin et « il faut sauver ces deux militants, ces deux hommes du peuple ».

Un porte-parole de l'ETA (militaire) devait ensuite insister sur le fait que le procès d'Eva Forest était initialement prévu avant celui de Garmentia et Otaegui. « Mais, ajoute-t-il, Franco, pensait que leur procès ferait moins de bruit, veut d'abord liquider Garmentia et son compagnon ». Le porte-parole de l'ETA (militaire), devait en conséquence demander la solidarité active de « tous les peuples de l'Etat français et de l'Europe ».

P.B.

INTERNATIONAL

Grèce

Le parti communiste de l'intérieur condamne sévèrement la délégalation du parti communiste français qui séjourne à Athènes depuis trois jours dans un article publié vendredi dans son quotidien *Avghi* (Aurore).

« La délégalation du parti communiste français, avec à sa tête M. Roland Leroy, membre du bureau politique, viole, par ses contacts avec le seul parti communiste de l'extérieur grec et certains milieux politiques grecs, les principes de la camaraderie et de la solidarité internationale entre communistes, et intervient d'une manière inadmissible dans les affaires intérieures du mouvement communiste grec et plus généralement dans la vie politique grecque ».

« Les activités de la délégalation du PC français ne font qu'approfondir la scission du mouvement communiste grec » estime le PC de l'intérieur.

La délégalation du parti communiste français a pris contact à Athènes, outre avec le parti communiste dit « de l'extérieur » (pro-Moscou), avec M. Andreas Papandréou, leader du mouvement socialiste, et Georges Mavros, président du parti de l'union du centre, et Mme Hélène Vlachos, députée du parti majoritaire de M. Karamanlis, « démocratie nouvelle ».

Vietnam

Mme Nguyen Thi Binh, ministre des Affaires étrangères du gouvernement révolutionnaire provisoire du Sud-Vietnam est en visite officielle à Alger depuis mercredi. Accueillie à sa descente d'avion par le président Boumedienne, Mme Binh a déclaré : « Après notre grande victoire s'ouvre maintenant une nouvelle ère de reconstruction. Nous voulons bénéficier de l'expérience algérienne car l'Algérie a connu une longue lutte de résistance et s'attelle déjà depuis plus d'une décennie à la reconstruction ». Elle s'est également déclarée convaincue que l'appui de l'Algérie se poursuivra dans cette période. Dans une déclaration faite à l'agence nationale algérienne (APS), elle a également reconnu que son pays se consacrerait d'abord « à reconstruire, à stabiliser la situation, à panser les blessures de guerre et à restaurer l'économie ».

Argentine

La mafia syndicale argentine (la CGT argentine) est un véritable appareil de répression au service de l'Etat, directement impliquée dans la vague d'assassinats de militants syndicaux qui bat son plein en ce moment. Elle cherche à obtenir une reconnaissance internationale. Ses deux principaux leaders, Casillo Herrerias et Lorenzo Miguel, devaient se rendre à la réunion de l'Organisation internationale du Travail qui se tient normalement cette semaine. Ils voulaient décrocher un secrétariat dans cette organisation dépendant des Nations-Unies. Dans une conférence de presse qui s'est tenue hier à Genève, la Fédération internationale des Droits de l'homme et le Mouvement international des justes catholiques ont dénoncé la violence répressive du mouvement populaire menée conjointement depuis deux ans par le gouvernement et la mafia syndicale, l'interdiction de facto du droit de grève, et la dissolution des syndicats combattants.

Portugal: l'école de la révolution?

Entretien avec José Emilio Da Silva, ministre de l'Éducation

A QUI LE POUVOIR DANS L'ECOLE?

Dans un immeuble ultra-moderne de Lisbonne, nous avons rencontré le major Da Silva, ministre de l'Éducation et de la Culture, nommé en mars 1975. La quarantaine, l'allure décontractée, il a troqué l'image rigide du militaire contre celle du diplomate et du dialecticien. Ingénieur civil et officier, il militait avant le 25 avril dans des groupes de lutte antifasciste clandestins. De retour d'Angola, il participait au coup d'État, et devenait l'un des membres de la junte dans le processus de décolonisation en Angola. Après le 11 mars, il préside pour six jours le Conseil d'administration de la TV, avant d'être nommé au MEC (ministère de l'Éducation et

de la Culture). Il est proche de l'amiral Rosa Coutinho, avec qui, il a travaillé en Angola. Ses proches collaborateurs sont eux plus proches du PCP. Sa politique en matière d'éducation : supprimer les divisions sociales, mais aussi reprendre en mains une situation d'occupation dans les établissements d'enseignement et contrôler le processus de gestion collective, malgré l'opposition vive des étudiants, lycéens et collégiens. Pour l'instant, les rapports de force mettent le ministère dans une position d'expectative et de surveillance discrète.



Une école normale à Beja (Alentejo)

Libération : Comment voyez-vous le problème de l'Éducation aujourd'hui au Portugal ?

DA SILVA : C'est un problème très difficile actuellement. La jeunesse portugaise est un peu éloignée de notre révolution. Pendant longtemps, l'école et surtout l'enseignement supérieur constituait un secteur en lutte contre le fascisme. Et son objectif de lutte, c'était l'autonomie de l'école. Après le 11 mars, cet objectif n'est pas correct. Il n'est pas au service du peuple. Nous pensons que la lutte des jeunes doit s'intégrer dans un processus de lutte globale. Actuellement, 4% seulement des fils de travailleurs entrent à l'Université. C'est très important. La lutte dans les écoles doit donc être en liaison avec celle de tous les travailleurs.

Mais aujourd'hui, dans beaucoup de lycées et d'écoles techniques (commerciales, industrielles), des tentatives d'autogestion ont été menées contre la hiérarchie traditionnelle, et ce sont souvent des expériences réussies.

L'autogestion dans les établissements peut

permettre de mettre en contact l'école avec le monde du travail et nous y sommes très favorables. Mais l'école pense-actuellement qu'elle est un État dans l'État. Il est nécessaire qu'il y ait coopération avec le MFA. Oui, nous voulons écraser la structure d'ancien régime du ministère de l'Éducation, mais dans un effort coordonné, par des décisions unitaires. C'est vrai qu'il y a eu intervention militaire dans deux lycées de Lisbonne (Pedro-Nunes et Alameda), parce que la commission de gestion a déclaré qu'elle ne pouvait pas contrôler la situation, mais en fait nous ne voulons pas ça, nous ne voulons pas l'ordre pour l'ordre. Nous voulons que ces expériences aboutissent à quelque chose de positif.

Il semble pourtant que les décrets publiés en décembre dernier par le MEC, sur les problèmes de gestion dans les établissements, n'ont pas été bien accueillis par l'ensemble de lycées et écoles techniques.

Non, la plupart des écoles au Portugal ont accepté ces décrets sur l'autogestion. A Lisbonne, quelques lycées ont refusé

mais c'est là où sont implantées la moyenne et la grande bourgeoisie : à Pedro-Nunes, à Padre Antonio-Vieira, à Pedro Quinto. Au niveau du supérieur, la contestation est plus forte. Mais il n'y a pas eu d'opposition à Porto ni à Coimbra. A Lisbonne, deux écoles surtout font problème, à cause des luttes partitaires. Mais ce ne sont pas là des problèmes d'éducation, ce sont des luttes politiques.

Actuellement, nous avons une attitude d'expectative. S'il y a encore des violences, nous fermerons les écoles. Nous ne souhaitons pas en arriver là. Nous voulons que tout ce processus d'autogestion soit étudié et profité de toutes les expériences. Et surtout que l'école se rapproche du monde du travail. Il est nécessaire de faire participer les travailleurs eux-mêmes à la gestion, par exemple des représentants des usines. L'école doit devenir le centre de politisation de la vie culturelle et économique.

— Les travailleurs ont vu que leurs enfants n'avaient pas les conditions neces-

sairement, c'est le service civique effectué par les étudiants candidats en l'année d'université. C'est une réponse à l'accroissement actuel des effectifs étudiants, mais c'est une arme précieuse aussi pour la reconstruction nationale. Dans l'intérieur du pays, il faut construire des routes, faire des installations d'eau, d'électricité, etc. La participation des étudiants à ces réalisations est capitale. Il y a aussi 40% d'analphabètes au Portugal. Il faut s'en occuper. Ce travail se conjugue avec celui du MFA, et de la dynamisation culturelle. Le MFA sert ici de couverture politique. C'est que le MFA est une armée particulière : c'est un vaste mouvement démocratique qui essaie de faire accepter la hiérarchisation des compétences. C'est possible grâce à deux circonstances : d'une part, beaucoup d'officiers sont issus du peuple, et d'autre part, ils ont eu dans les guerres coloniales des contacts directs avec les peuples op-

permettre la construction d'une auto-école.

Alors nous voulons que les travailleurs soient déplacés dans une autre maison. Il y a quelques cas semblables à Lisbonne. Un décret a récemment légalisé certaines occupations.

— Et le problème de l'enseignement privé, confessionnel ou non ?

— C'est une situation de fait, qu'il faut maintenir pour l'instant. Mais nous croyons qu'il est possible dans un avenir prochain, de rationaliser l'enseignement, par un enseignement au service du peuple. Le peuple portugais est un peuple de tradition chrétienne, mais l'enseignement religieux, en particulier (avec les Pères de l'intérieur du pays) est très élitique, il forme des caciques, et puis il est très cher, réservé à la grande bourgeoisie et il est lié à des valeurs tradition-

Précisément, 2/3 des besoins en crèches ne sont pas assurés. Alors on assiste en ce moment à un phénomène d'occupation sauvage de maisons pour y créer des crèches. Comment réagissez-vous ?

— Les travailleurs ont vu que leurs enfants n'avaient pas les conditions neces-



Meeting du MES à Lisbonne (Weiss/Agfa)

saire. Le but sera atteint quand la participation des travailleurs sera totale.

— Qu'est-ce qui est fait au niveau de la formation permanente et de l'alphabétisation ?

— Peu de choses encore. Une des formes pour y

primés. Pour ça, une alliance armée-étudiants est possible.

— Mais l'école au Portugal est encore divisée en trois filières : cycle court, écoles techniques, lycées-facultés.

— Au niveau secondai-

saire d'une véritable éducation. Ils ont pensé que la meilleure solution, c'était d'occuper des maisons abandonnées et de les transformer en crèches sauvages. Par exemple, dans la banlieue populaire de Benfica. Mais la maison doit être détruite pour

nelles, conservatrices). A l'avenir, il nous faut créer une véritable école pour tous.

Propos recueillis par J.L. Hennig (FIN)

Des affichettes sont à votre disposition, comme pour les lecteurs des autres régions de France (Paris compris). Elles annoncent les 2 ans de Libé, et le supplément hebdo tous les vendredis. Pour les coller, il faut trouver des emplacements « tolérés ». Lecteurs de banlieue, vous remarquerez facilement ces emplacements. Ils sont recouverts d'affiches « Le Parisien reparait », tél. ou passez de préférence à Libé (service diffusion).

Libération

Mardi 12 août 1975
N° 503

France : 1,50F

Portugal : 15 Esc.

Suisse : 1,20 FS

Belgique : 15 FB

Hollande : 0,85 Florins

Viticulteurs :

**L'Audo
au bord
de l'émeute**

Voir page 2

Portugal

MFA CONTRE MFA

- Le PCP fait un pas en arrière : appel aux socialistes
- A la veille d'un sixième gouvernement

Voir page 4



« A la veille d'un sixième gouvernement. » C'est en ces termes qu'un quotidien de Lisbonne résumait, samedi, la situation politique après la publication du « rapport Melo Antunes ». Car c'est ce rapport signé par neuf membres du conseil de la révolution qui reste l'événement politique.

L'armée portugaise, et plus particulièrement le MFA, avant-garde politique au sein de l'armée, est, au Portugal, le lieu démocratique où les orientations fondamentales se décident. L'événement du rapport Melo Antunes, c'est l'apparition au sein de l'armée d'une opposition ouverte à la politique des communistes, à leur totalitarisme sous-jacent. Comme le déclarait à *Republica*, samedi après-midi, le major Costa Neves, l'un des signataires : « Les signataires du document étaient unis dans leur opposition, mais professaient des options idéologiques différentes. »

L'opposition qui vient de se constituer est celle d'hommes qui sont à l'origine du 25 avril et de « la révolution des œillets ». Ce texte a pour dénominateur commun : le souci de l'indépendance nationale, visant à maintenir le Portugal hors des zones d'influences des grandes puissances ; le refus du modèle soviétique ; en général, et le refus des méthodes autoritaires des communistes portugais en particulier.

Cette opposition très disparate, une seulement dans son opposition, s'est cristallisée au lendemain de la campagne menée par le Parti communiste pour le général Vasco Gonçalves, Premier ministre, après les attaques dont il avait été l'objet de la part des socialistes. Lors du rassemblement socialiste du 19 juillet, les socialistes avaient commis l'erreur d'insulter Gonçalves, ce qui avait provoqué une réaction de corps au sein de l'armée, autour de Vas-

co Gonçalves. Tous les membres du MFA s'étaient sentis attaqués. Pour le PCP déjà contesté, cette erreur était une véritable aubaine. Petit parti — deux mille militants au sortir du 25 avril — le PCP, pour imposer son point de vue, a adopté la position classique des classiques de l'internationale communiste : il a voulu s'assurer les appareils d'Etat, les institutions. Il a « pris le pouvoir » dans de nombreux organes de presse, dans certains organes mêmes de l'armée, y compris dans certains états-majors. Lorsque cette prise du pouvoir s'est limitée à la société civile, le MFA a plus ou moins laissé faire. Dès que cette politique est devenue une réalité dans l'armée, une contestation du PCP s'est immédiatement développée.

Lorsque le PS lance ses meetings dans tout le pays après la démission du gouvernement, le PC mobilise tous ses appareils d'Etat, (Suite page 4)

A la suite d'un violent discours de l'archevêque Don Francisco Maria da Silva, 25 000 manifestants ont parcouru la ville de Braga, attaquant le siège du Parti communiste (Photos Gamma)

25 000 catholiques manifestent à Braga

Violents affrontements : plus de 20 blessés

Au lendemain des incidents de Braga, dont nous rendons compte ci-dessous, le PB du PCP a publié, lundi soir, un appel grandiloquent à « tous les travailleurs de France et des autres pays » pour « arrêter le bras des massacrés du Portugal ». Le PC propose à ses « partenaires du Programme commun » une rencontre sur la question portugaise. En attendant, à Braga, deux nouvelles attaques contre un siège du PC et du MDP se sont produites lundi en fin de journée, ce qui porte à quarante-cinq le nombre des locaux attaqués et saccagés en un mois dans le nord du pays.

Lire en page 4 notre reportage

Argentine

Dernier tango pour Isabelita

« Les commandants des trois armes observent de très près l'évolution de la situation » : petite phrase de dépêche d'agence qui a des relents inquiétants. Buenos-Aires s'est réveillée lundi sans gouvernement. Le « golpe », que tout le monde attend ou prépare va-t-il avoir lieu ? La question est redevenue actuelle dès dimanche lorsqu'on a appris que la présidente avait réuni de manière imprévue dans sa résidence ses ministres, les chefs militaires et syndicaux de droite, ainsi que l'ambassadeur argentin à Brasilia. Rien de nouveau n'est sorti de ces conciliabules, si ce n'est un « nouveau » gouvernement expurgé de deux ministres proches de Lopez Rega, alias Raspoutine, aujourd'hui « éloigné » à Madrid. Quelles cartes Isabelita a-t-elle encore en main, autres que son nom ? On peut se le demander : 10 milliards de dollars de dettes extérieures, des augmentations des prix allant jusqu'à 300 %, la moitié de l'économie paralysée : tel est le bilan du règne de l'ex-danseuse. Dans la seule région de Buenos-Aires, un « million d'emplois ont été supprimés », selon le gouverneur de la province lui-même. L'opposition de gauche, péroniste, révolutionnaire, syndicale, est morcelée, harcelée par l'armée ou par les commandos de l'AAA. Le gouvernement ne gouverne plus, les gouvernés sont en colère, mais divisés. La porte est ouverte aux bottes.

Harkis

Nouvelle occupation dans le Lot et Garonne

Les harkis remettent ça

Voir page 3

Guyane

L'affaire des Vietnamiens : Stirn dément ses démentis

Voir page 3

Thaïlande

Offensive étudiante :

« Cessez d'étudier, maintenant il faut combattre le fascisme »

Lire pages 4 et 5 notre correspondance

SOCIAL

A l'américaine

Le délégué de l'Union inter-professionnelle départementale de la CFDT et trois employés de la Société Morand Gomez (distribution de boissons en gros (99 salariés), blessés samedi matin au cours des incidents qui ont opposé grévistes et non-grévistes de la société, ont décidé de porter plainte contre neuf salariés et le directeur de l'entreprise pour blessures volontaires et séquestration. Deux des blessés, M. Bernard Roulin, délégué CFDT, et Jean Lajonchère, délégué de l'UD-CFDT, sont toujours hospitalisés à l'hôtel-Dieu. Alors que le directeur du personnel porte plainte contre les grévistes, il est utile de rappeler les faits : samedi matin, une partie du personnel de l'entreprise en grève depuis plusieurs jours sur des revendications concernant les salaires et les conditions de travail, met en place un semi-remorque devant la porte de l'usine pour empêcher toute sortie. Aussitôt, le directeur de l'usine, accompagné de quelques non-grévistes et notamment de chauffeurs, s'en prend aux grévistes dont le délégué syndical, et au représentant de l'UD-CFDT Jean Lajonchère, présent parmi eux. Les insultes contre ce dernier, grève et curé de paroisse, sont les plus nombreuses. Les grévistes ont pour consigne de ne pas envenimer les choses. Mais, pour finir les « jaunes » réussissent à attirer certains d'entre eux à l'intérieur de l'usine. Lajonchère, Roulin et quelques autres sont roués de coups : bottes, morceaux de câbles, coups de pied. Entraînés par leur patron, les non-grévistes sont à une violence inouïe. Bernard Roulin et Lajonchère se retrouvent à l'hôpital. Roulin a un traumatisme cranien. On n'avait jamais vu cela dans une entreprise chimioleuse.

Sans pudeur

On entendait hier les victimes de l'explosion de la bouillière de Pontils-Buis. Les travailleurs, les syndicats de la société nationale des poudres et explosifs avaient fait savoir à la direction de la société, notamment dans la région parisienne, qu'ils cesseraient le travail pendant une demi-heure à cette occasion. La direction se contentait de répondre que la demi-heure de débrayage serait comptée et retirée du salaire. D'autre part, elle demandait que les noms de chacun des grévistes « soient relevés ». Sans commentaire.

Manif en Beaujolais

Des viticulteurs du Beaujolais se sont rendus hier aux perceptions de Salles, Saint-Georges-de-Renens et Villefranche-sur-Saône pour protester contre la majoration de 10 % de l'impôt sur les bénéfices agricoles. Les manifestants ont rendu leur feuille de majoration. Dans la nuit du 5 août dernier, les viticulteurs avaient déversé de la lie de vin sur les escaliers et les portes de ces mêmes perceptions.

Bâtons dans les roues

Par trois fois, des propositions de rachat de l'imprimerie Chaufour ont été refusées. C'est ce qu'a indiqué hier M. Gérard Binse, délégué syndical CGT et secrétaire du comité de grève de l'imprimerie, au cours d'une conférence de presse. En effet, alors qu'un imprimeur toulousain, M. Chabrilat, proposait de racheter l'entreprise, le syndicat et les pouvoirs publics refusaient la proposition, pourtant réitérée à trois reprises. Après avoir rappelé que l'imprimerie Chaufour est occupée depuis le 14 février par les ouvriers de l'entreprise, Gérard Binse a accusé les pouvoirs publics « de vouloir mettre sur pied un plan de reconstruction de l'imprimerie en France qui met gravement en danger l'emploi et la liberté d'expression ».

Relance des conflits

Alors que le gouvernement prépare les mesures de relance de la rentrée (on prévoit par exemple des mesures de soutien pour le bâtiment et la construction), de nouveaux conflits portant sur l'emploi sont à prévoir dans les semaines qui viennent. Aux conflits les plus anciens (Triton, Grandin, Chaix, Chaufour, etc.) ou récents (Karlins de Bernier), sont venus s'ajouter de nouveaux noms. C'est ainsi que dans la culture et l'alimentation, les bruits concernant les difficultés du groupe de champagne Blanchaud (3 700 salariés) sont venus se concrétiser. Déjà cent licenciements ont été effectués à Marville (Meuse) et cent cinquante autres seraient prévus dans la région de Saumur. Une réunion de tous les syndicats du groupe doit avoir lieu le 14 août : des actions pourraient s'ensuivre.

Autre conflit qui pourrait éclater à la rentrée : Ideal Standard, où les syndicats craignent de nombreux licenciements.

**ACHETE
LIBERATION
TOUJOURS
AU MEME
ENDROIT**

INTERNATIONAL

MFA CONTRE MFA (SUITE DE LA PAGE 1)

pour « l'opération barricade », puis pour la défense de Vasco Gonçalves. Le caractère partisan de ces deux opérations éclate au grand jour : des instances des forces armées, comme la 5^e division servent d'organes de propagande au PC. A l'instar de Vasco Gonçalves, le PC a grillé, faisant de cet officier très aimé dans l'armée l'homme du PC.

Ce qui faisait jusqu'alors la force politique du MFA dans le processus portugais (être une instance démocratique apaisée) était alors brutalement remis en question.

L'opposition au PC devenait manifeste au sein de l'armée. C'était à qui prendrait l'initiative le premier : la gauche révolutionnaire, regroupée autour d'Otelo, Melo Antunes, ou les modérés du MFA ? Mais la gauche révolutionnaire, si elle s'opposait au PC dans le contrôle de tel ou tel secteur, n'est pas encore parvenue à faire la synthèse de ses critiques du PC. Ambiguë vis-à-vis du PC, elle n'a pas osé et elle a laissé faire une fois encore. A défaut d'Otelo, ce fut Melo Antunes.

L'opposition au PC se cristallisait autour de Melo Antunes, symbole de l'indépendance nationale.

parce qu'il a une surface internationale considérable et surtout parce qu'il jouit dans le Tiers-Monde arabe et africain, jusqu'à y compris de la part des Chinois, d'un très grand prestige. Enfin, Melo Antunes est l'auteur du programme du MFA. Tous ces éléments, son indépendance d'esprit en faisaient le leader de l'opposition militaire à Vasco Gonçalves.

Les différences idéologiques entre les différents chefs de cette opposition se sont manifestées sur « l'opportunité de la publication ». Le capitaine Vasco Lourenço, dans une lettre adressée au *Diário de Notícias*, révélait que le président de la République était d'accord sur la teneur du document, mais en désaccord avec l'opportunité de la publication. Selon un proche collaborateur de Melo Antunes, ce document ne devait être publié que trois jours après l'entrée en fonction du gouvernement. Le directeur militaire était alors obligé de condamner cette opération « d'insubordination », mais autorisait en fin de compte samedi sa circulation dans toutes les unités, simultanément, le Copcon maintenait dans leurs fonctions deux des officiers signataires, les commandants des régions

militaires Sud et Centre, avec une phrase qui semble en dire long sur les sentiments du général de Carvalho : le Copcon réaffirme « sa confiance et son total appui dans la fraternité d'idéal qui, avant même le 25 avril, avait conduit le MFA à construire avec le peuple une société juste, fraternelle et libre ». Cette phrase en dit d'autant plus long que le document Melo Antunes se prétend être un retour aux sources du MFA.

Enfin, on apprenait hier en fin d'après-midi, qu'un dixième membre du conseil de la révolution venait de donner sa démission, le général Pinto Soares, qui dirigeait jusqu'à présent l'académie militaire.

Depuis lundi, le document Melo Antunes circule librement dans toutes les unités. Dans l'armée de l'air, alors que sa circulation était encore interdite, il avait déjà recueilli en fin de semaine dernière l'appui de 90 % des officiers et d'un nombre assez considérable de sous-officiers et de soldats. Ce mouvement ne peut que s'amplifier dans les prochains jours, isolant ainsi le camp des officiers proches du MDP-CDE et du PC autour du général Gonçalves. Cette opposition risque de devenir effectivement une

écrasante majorité au sein du MFA.

C'est en prévision d'une telle perspective que le PC a opéré dimanche un pas en arrière en lançant « un appel à l'unification des forces de gauche », Alvaro Cunhal a affirmé que « le sectarisme était néfaste et souligné qu'il fallait combattre dans les propres rangs du PC l'étroitesse et la rigidité politique » et faire preuve d'un « esprit d'autocritique ». Enfin, le secrétaire général du PC devait mettre en garde contre une accélération systématique du processus révolutionnaire. Il a déclaré que « la situation actuelle peut exiger des reculs dans tel ou tel secteur où cela s'avère nécessaire ». Le PC est maintenant sur la défensive.

Il n'y a pas de solution progressiste, révolutionnaire à la crise, compte tenu de l'ampleur du mouvement anticommuniste dans le Nord, de la contestation anti-PC dans l'armée, sans une rupture avec le PC. Dans cette perspective, l'attitude des officiers révolutionnaires rassemblés dans le Copcon sera décisive.

S.J.

Les affrontements de Braga

Lisbonne, le 11 août (de notre envoyée spéciale).

« O povo unido diz nao ao comunismo », « Le peuple uni dit non au communisme ». Dix fois, trente fois, Francisco Maria Da Silva, l'archevêque de Braga, a été interrompu par ce slogan lors de la manifestation de soutien à l'Eglise qui a eu lieu dimanche après-midi dans cette petite ville au nord de Porto et qui s'est soldée par une trentaine de blessés, dont trois grièvement, ainsi que par la destruction totale du siège du PC.

Alors que depuis plusieurs semaines, les sièges des partis communistes, et parfois du MDP-CDE, des petites villes du Nord et des alentours de Lisbonne sont saqués, cette manifestation de dimanche à laquelle participaient près de vingt mille personnes venues de tous les villages alentours n'avait que peu de chances de se terminer autrement. Depuis plusieurs jours en effet, une véritable « campagne psychologique » était menée à Braga. De bruits à brétil, on se disait que les sièges du PCP et du MDP-CDE ne seraient pas les seuls à être saqués : le cabinet d'un avocat communiste et la librairie d'un militant communiste figurait également sur la « liste noire ». Et dimanche, rares étaient ceux qui parlaient d'appui à l'Eglise : un envahissement plutôt « ce qu'il fallait faire contre le communisme ».

Des 17 heures, Avenida Central était envahie par

des milliers de personnes (dont de très nombreux petits paysans) et par encore plus de tracts : « Le peuple portugais a déjà montré majoritairement son refus de recevoir des ordres de Moscou et de ses laquais. Qu'on apporte les communistes au monde libre ? Le chaos, la misère, le chômage, le vol, la faim, la guerre, l'augmentation des prix des produits essentiels... Ils

DEUX BLESSÉS JOURNALISTES
Ce sont les premiers blessés de notre profession depuis le 25 avril 1974 au Portugal. Il s'agit de Jacques Baker, pigiste indépendant, qui collabora à plusieurs reprises à *Libération* et qui est aussi membre du collectif de l'APL-Belgique (agence de presse *Libération*). Il a reçu une pierre lancée par les manifestants, puis une grenade lacrymogène : son état n'inspire pas d'inquiétude. Pascal Labrun, photographe à l'agence Fotolib, a été également blessé. Il a reçu plusieurs coups lorsque les militants communistes assaillés tiraient à la chevroline pour se dégager. Hospitalisé, il est sorti de l'hôpital de Braga lundi matin.

sont les ennemis et les gangsters de l'humanité. Pendant ce temps, des tracts, avancés dans l'Avenida Central, énon-

çaient par des enfants et des adolescents. Les cantiques succédaient aux mots d'ordre : « Les chrétiens ne sont pas réactionnaires », « Radio-Renaissance est au peuple ». Une fois de plus, on assiste à l'utilisation inverse du pouvoir populaire : « Les campagnes de dynamisation culturelle ne sont pas passées impunément par Braga », dirait un des médecins qui a suivi l'une d'entre elles. En arrivant devant l'église, l'énorme cortège semble hurler d'une seule voix : « Nous ne voulons pas des communistes ». L'archevêque de Braga peut commencer son discours : « Ce qui est en jeu, c'est tout simplement la liberté de notre patrie... Nous avons d'un côté une minorité qui est en train d'imposer contre la volonté du peuple le communisme à la nation. De l'autre, une immense majorité qui refuse cela. La lutte nous sépare. C'est cela le problème. Rien ne manquera à cette intervention. Ni l'Eglise ni le peuple... ». Entre deux slogans hostiles au MFA, on entendra plusieurs autres professions de foi sur « l'infiltration progressive dans les programmes scolaires des idéologies matérialistes et athées », et sur « les atteintes au droit de l'information », et « la persécution des Portugais par leurs propres moyens de communication ». L'escalade verbale se poursuivra jusqu'à 19 heures, lors de la fin de la manifestation.

Desormais, ce sera

« Mort aux communistes » et « Nous ne voulons pas d'un gouvernement communiste ». Un groupe d'au moins trois cents personnes va alors se diriger vers Campo Da Vinha, où est installé le siège du PCP. Les premières pierres commencent à voler : l'attaque commence. Lorsque plusieurs personnes se détachent du groupe pour pénétrer dans le siège à moitié détruit, la guerre est déclarée. De l'intérieur, à travers les portes et les fenêtres, les militants du PC tiennent : c'est la panique et la confusion, les premiers blessés tombent. Quelques éléments de la garde nationale républicaine arrivent : « Le peuple n'est plus avec le MFA », « Otelo, s'il est courageux, vienne à Braga », hurle la foule aux deux douzaines de militaires du régime d'infanterie de Braga qui ne seront renforcés par d'autres effectifs qu'une heure plus tard.

Jusqu'à 23 heures, — heure à laquelle un capitaine du RIB apparaît après que des dizaines de personnes aient été blessées — des pierres seront lancées contre le siège du PCP. Il faudra attendre minuit pour qu'arrivent trois « chaînes » du régime de cavalerie de Porto avec deux chars de fusiliers, qui entraineront en action en moins de trois minutes : gaz lacrymogènes, lancés en quantités industrielles. Il sera plus de quatre heures du matin lorsque Braga reprendra son aspect habituel.

José GARÇON

Contestatio

**OFFER
ETUD
«CES
D'ETU
MAIN
IL FA
COMI
LE FA**

Bangkok, août (correspondant)

Plusieurs milliers d'étudiants de l'État de Basse Thaïlande ont manifesté devant le parlement pour protester contre le gouvernement pay-ann, syndical, partis de la gauche uni-ensemble des organisations (Fédération pay-ann, syndical, partis de la gauche uni-ensemble des organisations). Les étudiants ont mené une manifestation de sept paysans arrêtés le dimanche du pays pour avoir des mineurs, ils ont, par ailleurs, mois au gouvernement pour d'une série d'assassinats ou de sinistres perpétrés depuis quelques leaders étudiants et paysans dirigeants paysans-ann-sinistres ces derniers mois. La police les coupables.

Jusqu'à présent, le gouvernement des étudiants, à l'État d'exception et même d'agitation continue. La police d'alerte sur tout le territoire. Certains demandent une répression plus de radio appartenant à l'armée à tatars. Des rumeurs sont état d'Etat.

Ces événements pourraient tourner dans l'évolution de la révolution étudiante d'octobre 1974. Considérable des mouvements traduisent pas des grèves, de occupations et l'apparition d'ouvriers paysans ont amené un gouvernement du prince Pramot groupes conservateurs, civils et préservant les formes de la démocratie. Les accusés de la révolution d'en isoler les principaux acteurs attachés à la démocratie, retour et qui pourrait à nouveau se ran-ger d'une bureaucratie militaire. Bien-que décrite par des la bureaucratie — qui a fait son politique et économique v a à tout moment à reprendre le

Libération

Jeudi 14 août 1975

N° 505

France : 1,50F

Suisse : 1,20 FS

Belgique : 15 FB

Hollande : 0,85 Florins

**A PROPOS
D'ANTI-
COMMUNISME**

Page 4

**A PARTIR DU 18 AOUT
LIBERATION PUBLIE
L'OPPOSITION SOCIALISTE
TCHECOSLOVAQUE**

Lundi Listy

Il est devenu banal d'évoquer le système soviétique et son mépris des libertés les plus élémentaires, l'étouffement policier, les incarcérations d'intellectuels contestataires, les asiles psychiatriques et le goulag. Ce sont là des phénomènes admis. Et même le communiste Ellenstein a du tenir compte dans son « Histoire de l'URSS ». Pourtant, les critiques de plus en plus radicales faites au modèle soviétique n'ont pas encore entamé certains mythes. On continue d'admettre qu'à l'est de l'Europe, l'inquiétude du lendemain, la peur de perdre son emploi, l'incertitude sur l'avenir des enfants ont complètement disparu. Cela fait toujours partie des normes que de dire qu'on vit plus également et plus justement dans le camp soviétique qu'ailleurs. Et surtout, on continue de croire que les travailleurs y sont mieux protégés et y travaillent plus librement.

Ce sont tous ces mythes qui vont être sérieusement ébranlés la semaine prochaine dans *Libération* par l'opposition socialiste tchécoslovaque. Les informations qu'elle a réussi à transmettre témoignent que les sociétés de l'Europe de l'est se caractérisent dans tous les domaines par une insécurité stupéfiante, même si cette insécurité prend d'autres formes que chez nous. Les ouvriers sont au moins autant aliénés que dans les pays capitalistes. Désespérée, la jeunesse cherche refuge dans la drogue et l'alcool. A tous les échelons, les valeurs petites-bourgeoises connaissent un renouveau extraordinaire. La corruption atteint désormais des hauteurs insoupçonnées.

Voilà quelques uns des traits dominants de la société tchécoslovaque après 7 ans de normalisation. Remercions l'opposition socialiste de nous rappeler une évidence que les feux de l'actualité nous font parfois oublier, à savoir que le socialisme ne se construit pas avec un seul parti d'avant-garde avec un seul syndicat courtois de transmission du parti, avec une presse muselée par le parti, avec un seul employeur aux ordres du parti et, fut-elle populaire, avec une justice coiffée par le parti.

Comme l'a écrit Antonin Liehm, la Tchécoslovaquie est pour les partisans du socialisme « ce chantier expérimental où on peut inventorier et remettre au banc d'essai l'arsenal théorique dont nous avons hérité et qui est sorti bien endommagé de l'épreuve de la pratique ».

Christian JELEN

Portugal

DOCUMENT

L'AUTOCRITIQUE DU COPCON

«Document de travail pour un programme politique»

Voir p.4 et 5



Soutien des militaires du Copcon à une manifestation des commissions ouvrières et des commissions de locataires le 18 juillet dernier à Lisbonne. (Mularoni/Fotolib)

Lisbonne le 13 août (de notre envoyée spéciale). Le texte d'un certain nombre d'officiers du Copcon et de la région militaire de Lisbonne viennent de proposer « pour un programme politique » constitue une véritable alternative révolutionnaire. Il semble bien qu'il pourrait servir d'« unificateur » pour les révolutionnaires, les militaires et les civils, devenant ainsi l'articulation possible et attendue entre le pouvoir politique et le pouvoir militaire procédant à une analyse rigoureuse et sans indulgence de la situation politique et économique ainsi qu'à une véritable autocritique de l'action du MFA. Ce document est le premier depuis le déclenchement de la crise à proposer un programme con-

cret proposant la résolution de problèmes concrets et ce avec le soutien d'un nombre importants de militaires...

Il est certain en effet que ce texte qui a été longuement préparé et discuté au cours de réunions qui se sont tenues ces derniers jours est soutenu par de nombreux officiers révolutionnaires de la gauche du MFA. Une réunion avait lieu hier en fin d'après-midi au quartier général du Copcon avec tous les commandants d'unité du Copcon pour vraisemblablement se prononcer sur ce programme politique.

Le contenu de ce texte qui survient quelques jours après la publication du « document Melo Antunes » situe définitivement

ce « document des neuf » dans une ligne droite, mais il laisse la possibilité aux officiers qui y avaient adhéré par « opposition de gauche » au parti communiste et qui priorisent la liquidation de la droite, de se regrouper autour du programme politique proposé hier soir par certains officiers du Copcon. Cela va donc permettre une clarification de la situation au sein des forces armées et par conséquent favoriser une « réunification » à la fois contre le parti socialiste et le parti communiste, possibilité que n'offrait pas le document Melo Antunes...

En effet l'action du PS et du PC est attaquée sans ambiguïté par le texte d'hier qui emprunte enfin

une voie apaisée dont parle tant le MFA et qui est seul capable de permettre la poursuite du processus, de consolider l'unité plus que vacillante des forces armées et de favoriser la liaison « Pov-MFA ».

Suite pag.5

**Lundi
une interview
de l'amiral
ROSA
COUTINHO**



(Photo Gamma)

Libération

MEDECINE - MALADIE - SOCIÉTÉ

Une expérience au Portugal

La campagne de Dynamisation culturelle et d'Action civique entreprise dans le Nord-Est du Portugal s'est doublée d'une intervention sur le plan de la santé. Parmi les militaires tout le monde pensait qu'il fallait agir vite : les médecins sur place sont des notables qui ne font souvent que profiter d'une situation sanitaire catastrophique. La mortalité infantile y est la plus élevée du pays.

Plus de 50 % du bétail est atteint de la fièvre de Malte ; dans les rues des villages, l'eau ruisselle et on patauge dans la boue et les déjections animales, sans avoir de quoi se laver ; les fontaines sont souvent polluées, des cas de fièvre typhoïde sont signalés, les enterocolites y sont courantes.

Mais le travail d'aide immédiate et limitée dans le temps a suscité un large débat au sein des volontaires du MFA. La critique centrée d'abord sur l'organisation de la campagne (débarquement par hélicoptère d'un médecin-dieu et des infirmiers chargés en une demi-journée d'ausculter les enfants et de dépister et d'évacuer les urgences) s'est vite étendue à une réflexion sur l'exercice de la médecine dans une région rurale.

Nous voudrions rapporter l'essentiel de cette réflexion-critique développée par plusieurs infirmiers âgés de 30 à 40 ans, militaires de carrière, évacués par la guerre coloniale et deux des médecins (sur les six). Tous n'avaient pas les mêmes idées politiques, mais tous étaient d'accord pour entreprendre une réflexion commune sur leur pratique pour tenter de travailler et de réfléchir avec la population à tous ces problèmes.

— Quelle analyse faites-vous maintenant de votre intervention, de la façon dont s'est déroulée la campagne ?

— Notre position ne saurait être critique. En effet, cette campagne des forces aériennes conçue initialement par le docteur Cruz Oliveira, secrétaire d'État à la Santé, entre le 28 septembre 1974 et le 11 mars 1975, a reposé sur des présupposés paternalistes et finalement démagogiques. Schématiquement, on peut dire que Cruz Oliveira (du PPD) a prévu une opération à grand spectacle en combinant un exercice d'entraînement, pour les pilotes d'hélicoptères chargés de nous débarquer dans les villages, et un travail de dépistage médical classique sans être décisif sur la solution des problèmes sanitaires essentiels. Dès le 11 mars — date capitale — nous avons tenté de dépasser en mettant sur pied des équipes de travail public chargées d'aider la population à résoudre le problème de l'eau.

Ausculter à toute vitesse les enfants, évacuer les cas graves ; c'est bien, mais ça ne résoud rien à terme. Nous nous sommes rendus compte qu'il fallait aborder les problèmes de santé de façon globale. Médecins et infirmiers ne doivent plus se suffire de leur rôle « technique », mais contribuer à la résolution de problèmes essentiels comme celui de l'infrastructure routière (la neige en hiver rend beaucoup de villages quasiment invisibles) ou encore celui de l'eau. Le peuple avec le MFA peut lui-même intervenir pour transformer la situation matérielle, intervenir à ce niveau qui est aussi médical. C'est ça que devrait être le lien : Peuple-MFA.

— Il y a d'autres problèmes encore plus importants que celui de l'hygiène, c'est-à-dire finalement des relations entre les gens et leur environnement. Ce n'est pas en faisant un sermon d'une demi-heure (c'est le temps dont nous disposons étant donné la conception technocratique de la campagne) sur le thème : « Il faut vous laver les mains, les oreilles, etc. » qu'on arrivera à changer saine-ment des habitudes séculaires. Ce que nous avons fait ressemble trop à un geste charitable ; ce qu'il nous faut entreprendre c'est un travail de longue haleine.

— Pourriez-vous préciser votre critique du paternalisme ; est-ce le pouvoir médical qui est en question ?

— Notre débarquement (en hélicoptère), notre intervention ponctuelle de l'extérieur n'a pas été inutile. Nous avons aidé les gens et surtout nous avons compris que nos conseils en matière d'hygiène par exemple, purement techniques en apparence, avaient inévitablement un sens culturel et idéologique. Prenons deux exemples concrets :

jeunes vœux ; et l'élevage laitier est insuffisamment développé dans la région.

L'hygiène c'est un rapport avec le monde. Nos conseils fonctionnaient donc comme des normes de conduites sociales différentes qui peuvent apparaître comme arbitraires si elles ne sont pas comprises et discutées. Il faut que le médecin rompe avec l'assistance pure et simple et s'efforce de comprendre de l'intérieur les raisons qui régissent les nombreuses habitudes des paysans qui lui semblent contradictoires avec ses normes propres. Il faut donc à la fois diffuser des informations sur l'hygiène sans inventer de nouveaux tabous, à partir du vécu des gens et participer au développement du processus révolutionnaire à travers lequel le peuple conscientisé peut changer ses conditions d'existence.

— Un infirmier — d'esprit apaisé — précise : Pour faire ce travail, il faut décider de vivre avec les gens, ne pas simplement aller les soigner en cas d'urgence. C'est ce que j'ai décidé de faire. Je pense

rôle moteur dans la dynamisation de la société.

Il faut travailler, notamment dans les écoles, diffuser enfin un savoir utile, une formation sanitaire de base, et responsabiliser les gens vis-à-vis des questions qui les concernent directement. Mais il y a aussi un rôle politique et social à jouer. Par exemple un travailleur médical doit être capable d'intervenir pour contribuer à réorganiser les Casa do Povo (maisons du Peuple) qui sont les lieux où les gens ayant coïté à une sorte de sécurité sociale, peuvent se faire soigner gratuitement.

— Peux-tu nous parler des Casa do Povo ? De la prévoyance sociale ?

— Actuellement, les Casa do Povo ne fonctionnent pas bien au service des gens. On y fait un travail à la chaîne, on traite cinquante malades en deux heures. Mais il y a plus grave : en cas de visite à domicile, la gratuité des soins n'existe plus. Pour les urgences, les médecins demandent selon le déplacement, entre 500 et 1 000 escudos (85 à 170 F) ce qui représente une dépense énorme

des contreparties positives. C'est dû à la mauvaise gestion des Casa do Povo, au sabotage volontaire par des personnes liées à l'ancien régime... et puis les gens ne se sont plaints qu'individuellement.

Un autre militaire précise alors : Nous n'avons pas pris d'initiatives. Mais s'il avait existé des comités organisés, non manipulés par la droite, intervenant sans démagogie, on les aurait appuyés. Mais nous ne sommes pas le Bon Dieu et nous refusons le paternalisme. Lorsqu'on se plaint à nous, nous en profitons pour montrer qu'il est nécessaire de s'organiser. Les gens doivent se responsabiliser et compter d'abord sur eux-mêmes.

— Une dernière question, elle concerne le problème de l'avortement et de la contraception. Avez-vous été confrontés à ce problème ?

— Non ! Dans les villages, il existe un tabou très grand sur tout ce qui concerne la sexualité. Beaucoup d'hommes par exemple, n'ont pas vu leur femme nue. Ceci s'explique par la pression d'une idéologie religieuse ultra-conservatrice, une idéologie qui rendra difficile le développement de la contraception. On ne sait pas non plus ce qu'en pensent les femmes... il faudra aller lentement.

Cette idéologie religieuse rend les gens intolérants ; si une fille non mariée est enceinte et qu'elle ne peut se faire avorter (des sages-femmes font des avortements clandestins) elle est souvent obligée de partir à la ville où elle risque d'être obligée de se prostituer. A Porto et à Lisbonne, on rencontre beaucoup de prostituées originaires du Nord-Est. Comme vous le constatez, il y a beaucoup à faire. Ce que l'on peut espérer, c'est que le débat sur la façon de le faire sera mené à bien.

Cette entrevue a duré trop longtemps pour que nous puissions la transcrire intégralement. Les passages cités suffisent pour comprendre l'état d'esprit qui anime certains médecins et infirmiers. Mais il leur faudra se battre pour que leur point de vue — soutenu par les organisateurs de la campagne de dynamisation — non proprement dite — se fasse entendre partout. Aussi il est dommage que la presse de Lisbonne n'ait rendu compte de l'expérience médicale que pour adresser des louanges à l'armée, de façon triomphaliste et assistanciste.

La démocratisation entre une médecine paternaliste et les pratiques nouvelles ne saurait cependant se limiter à accuser la médecine de l'enjeu d'un combat présent dans les pratiques sociales les plus diverses ; mais ce qui est frappant c'est que ce combat a concerné directement l'armée.

Les militaires progressistes et révolutionnaires cherchent en effet à décoloniser l'armée, à rompre avec les séquelles de l'idéologie colonialiste dont l'invasion médicale technocratique et « antidémocratique » pour reprendre un concept de Paulo Freire peut être un aspect insidieux.

Les réflexions rapportées ci-dessus, la volonté de démedicaliser la médecine préventive par exemple, montrent que les habitants du district rural de Bragança ont des chances de ne pas devenir les nouveaux colonisés du Portugal.

Propos recueillis par
Mario BARBI
et Jean-Michel BERTRAND



Dans la région de Minho, la campagne de dynamisation.

nous avons expliqué qu'il n'était pas sain de vivre avec les animaux parqués dans la maison et qu'il valait mieux construire collectivement une étable commune au village. Mais des paysans nous ont expliqué que l'hiver dans les maisons dépourvues de moyens de chauffage efficaces, les animaux dans la maison jouaient un peu le rôle de chauffage central. L'amélioration, souhaitée par les paysans, est ici indissociablement liée au développement économique d'une région exclusivement rurale.

L'alcoolisme : il est à l'origine de nombreux cas de déficiences mentales chez les jeunes. Dès l'âge de deux ans, les enfants boivent de l'alcool, notamment dans la soupe. Il ne suffit pas de dire : « Ne donner pas de l'alcool aux enfants ! ». Il faut comprendre pourquoi on en donne : l'eau potable n'existe pas toujours, on se méfie de l'eau, le régime alimentaire comporte des carences et les paysans qui pensent que l'alcool rend fort, croient ainsi les compenser. Certaines femmes débordées pour avoir plus de tranquillité en donnent aux enfants pour qu'ils s'endorment... Alors, que faire ? Il faudrait mieux donner du lait mais le peu de lait sert à l'allaitement des

rester ici un an au moins, faire le travail d'un « médecin-aux-pieds-nus » comme en Chine.

L'autre infirmier acquiesce. Les médecins eux, semblent avoir d'autres horizons de travail politique... ou de vie.

A l'infirmier : Comment concevras-tu ton rôle en tant qu'infirmier et en tant que membre du MFA ?

— La plus grande partie des problèmes de santé que se posent sont des problèmes assez simples, ma formation médicale me permettra d'y répondre. D'ailleurs, les médecins reconnaissent avoir appris de nous, les infirmiers, pendant la campagne. Il faut changer surtout d'état d'esprit, de critères dans nos choix médicaux (dans l'ancien régime, pour déterminer s'il fallait tenter ou non de sauver un doigt partiellement sectionné, on nous disait de nous renseigner sur la profession du patient. S'il pouvait s'offrir le luxe d'une indisponibilité prolongée, on essayait ; s'il était ouvrier ou paysan, on coupait ; ça coûtait moins cher et ça allait plus vite !). Mais je pense aussi qu'un infirmier ou un médecin de campagne doit essayer d'avoir un

pour des petits agriculteurs vivant essentiellement en auto-consommation. C'est d'autant plus grave qu'une loi faite en avril 1975 a augmenté exagérément le montant de la cotisation de prévoyance sociale (qui donne droit à aller aux Casa do Povo pratiquement gratuitement). Cette loi s'inscrit dans une perspective capitaliste puisqu'elle méconnaît la situation matérielle des paysans et le rôle des services sociaux qui ne devraient pas se payer si chers.

— Avez-vous essayé d'aider les paysans à développer leur opposition à la loi ?

— (Un peu gêné) : Non pas vraiment...

— Est-ce parce que le MFA ne peut prendre l'initiative de critiquer cette loi promulguée par le nouveau gouvernement ?

— Indirectement oui !... Mais surtout parce que le problème est assez confus. La loi offre des avantages (augmentation des pensions de vieillesse, etc.), ce qui a pu paraître séduisant à Lisbonne. Ici les avantages ne sont pas évidents ; ils n'ont pas pu se matérialiser car, si la cotisation a augmenté tout de suite, les paysans n'ont pas encore bénéficié

Photo Gamma

INTERNATIONAL

Portugal

« Comptons les fusils, ceux qui en ont le plus auront gagné »

Les activités de la 5ème division se sont terminées hier matin, avec l'occupation de ses locaux par des éléments du Copcon. Officiellement, ces mesures de « protection » ont été prises « suite à des informations faisant état de menaces d'attaque ». Cette occupation s'est faite à l'insu du commandant Camiro Correia chef de cet organisme.

Suspension provisoire ou définitive, l'avenir le dira, mais déjà certains de ces officiers évoquant le cas du général Corvacho, réintégré dans ses fonctions de chef d'état-major de la région de Porto, huit jours après sa suspension,

affichaient un certain optimisme.

Pourtant dans la soirée de mardi, les officiers et sous-officiers de la 5ème division qui s'étaient réunis en assemblée plénière, devaient recevoir une note de la présidence de la République, leur intimant l'ordre de mettre fin à cette réunion, et de rejoindre leurs cantonnements respectifs. Les participants décidaient de continuer leur débat, alors que le commandant Ramiro Correia se rendait au palais de Belem pour demander des explications. On apprenait par la suite que le président Costa Gomes s'apprêtait à dissoudre totalement l'ensemble des services de la 5ème division,

prenant connaissance de cette décision. L'amiral Pinheiro de Azevedo, chef d'état-major de la marine, dont on parle depuis quelques jours comme d'un futur premier ministre, aurait assuré les officiers en réunion, de son soutien.

Cette impatience du général Costa Gomes à liquider définitivement la 5ème division, était interprétée dans la capitale portugaise, comme un geste aux « modérés » peu gâtés par la tournure des derniers événements.

Dans l'après-midi d'hier, on apprenait que des véhicules blindés des commandos d'Amadora, dépendant du Copcon,

avaient pris position autour du bâtiment du centre de sociologie militaire, abritant certains des services de la 5ème division, pendant que l'immeuble était investi par une trentaine de commandos. Notre correspondant a vainement tenté de joindre au téléphone les officiers en poste habituellement au centre, le standard vraisemblablement aux mains des commandos, refusant systématiquement de passer les officiers présents dans l'immeuble. L'hypothèse avancée par certains observateurs, était que le parti communiste n'avait peut-être pas accepté le compromis : Corvacho contre la 5ème division, et qu'il tentait coûte que coûte de maintenir les activités du 5e bureau de l'état-major. Le Copcon se serait donc chargé d'imposer l'application du compromis... Compte-tenu du peu d'éléments que l'on pouvait obtenir sur ce fait, somme toute grave, on voyait mal dans les milieux de la gauche révolutionnaire, tout occupés à la préparation de la manifestation de la soirée, les conséquences de cette « occupation ». On laissait tout de même transparaître une certaine inquiétude. La manifestation d'hier soir qui a débuté vers 20 h place du Commerce pour se rendre au palais de Belem (voir des informations en page une), a été préparée dans la fièvre depuis deux jours. On espérait chez ses organisateurs encore plus de monde qu'à celle du mercredi précédent... L'assemblée générale du MFA qui se réunira au début de la semaine prochaine sera décisive pour l'avenir de la révolution portugaise. La bataille qui va s'engager entre les officiers révolutionnaires alliés pour l'occasion, avec ceux favorables au parti communiste, et d'autre part les officiers « modé-

rés » regroupés autour du commandant Melo Antunes, devrait compte-tenu de la composition « politique » de cette assemblée, se conclure à l'avantage des premiers, nettement majoritaires. On ne sait d'ailleurs toujours pas, si les « neuf » qui avaient boycotté la dernière assemblée générale du MFA le 25 juillet dernier, vont y participer. Depuis plusieurs mois, ces derniers refusent toute légitimité à cette assemblée qu'ils estiment non représentative des différents courants qui traversent l'armée portugaise. En tout état de cause, il serait étonnant que cette A.G. n'accorde pas sa confiance à Vasco Gonçalves. Mais on pense généralement à Lisbonne que si la manifestation de mercredi, convoquée par le Front d'unité populaire, regroupant l'extrême-gauche et le PC, était plus imposante encore que celle de la semaine précédente, elle pourrait inciter les membres de l'A.G. du MFA à apporter leur soutien au document du Copcon.

Dans ces conditions, que feraient alors les « neuf », c'est la question que tout le monde se pose à Lisbonne. La tentation d'un coup de force, déjà grande chez de nombreux officiers, ne risque-t-elle pas de se concrétiser ? Jusqu'à présent, les militaires portugais avaient toujours réglé leurs différends « pacifiquement ». Si vous n'êtes pas d'accord avec ce que nous faisons, ne tentez rien, discutons d'abord, si l'accord n'est pas possible, on comptera les fusils. Ceux qui en auront le plus auront gagné... Cette boutade, on l'attribue au général de Carvalho, elle indique bien l'état d'esprit de la plupart des officiers. Mais devant un tel enjeu...

Frédéric LAURENT

Proche Orient

L'ACCORD EGYPTO-ISRAÏELIEN SIGNE VENDREDI ?

A Jérusalem comme à Alexandrie, les discussions sont pratiquement closes. Kissinger a annoncé lui-même à Jérusalem que « la lecture du texte final de l'accord était terminée ». Il n'a pas indiqué de date pour la signature, mais les observateurs israéliens s'attendent à ce que ce soit vendredi.

Les clauses militaires de l'accord ont été arrêtées à la suite, semble-t-il, d'une double concession : l'avance des troupes égyptiennes ne dépassera pas vers l'Est les limites de la zone tampon tenue actuellement par l'ONU ; au Sud, en revanche, en direction du golfe de Suez, l'Egypte occupera, non loin des champs pétrolifères d'Abou Rodeis, quelques kilomètres actuellement tenus par les Israéliens.

En contrepartie de l'accord de Sadate pour que les Israéliens continuent de contrôler le poste de surveillance d'Oum Khashiba, Israël accepte que soit réduit le nombre de postes d'alertes électroniques qui doivent être contrôlés par des techniciens américains.

Le quotidien égyptien *Al Ahrâm*, dans son édition de mercredi, donnait un certain nombre de précisions sur l'accord. Selon le journal, celui-ci sera intitulé « Second accord de désengagement entre l'Egypte et Israël » et sera purement militaire. Il portera notamment sur plusieurs points :

— Le nouvel accord constitue une étape pour la mise en exécution de la résolution 338 du Conseil de sécurité. Il sera signé et appliqué sous le contrôle des Nations-Unies dans le cadre de la conférence de Genève et sera une nouvelle étape pour la paix qui ne sera réalisée que par le règlement global de la crise.

— L'accord sera signé à Genève par une commission militaire qui se réunira sous les drapeaux des Nations-Unies et qui définira les modalités de son application, de la remise des régions et puits de pétrole dont les forces israéliennes se retireront et du retour de l'administration égyptienne dans ces régions selon un calendrier établi.

— L'Egypte se chargera d'informer les Nations-Unies de son acceptation de renouveler le mandat des Casques bleus pour une nouvelle période d'un an, mandat renouvelable tous les ans tant que l'exécution de l'accord est respecté par les deux parties.

— Création de deux postes principaux de contrôle à l'intérieur de la zone tampon où se trouveront les forces d'urgence des Nations-Unies.

Le premier poste (pour les Israéliens) sera à Oum Khashiba, où des Américains collaboreront avec les forces des Nations-Unies.

Le second poste (pour les Égyptiens) sera dirigé par des Égyptiens, des Américains s'y trouveront dans les mêmes conditions que dans le premier poste. Les Américains présenteront leurs rapports à l'Egypte, à Israël et au chef de la Funu.

Par ailleurs, *Al Ahrâm* précise que M. Ismail Fahmy, vice-Premier ministre et ministre des Affaires étrangères, a souligné que le nouvel accord ne comprendra aucune clause secrète.

D'autre part, selon une source responsable égyptienne, le journal indique que le nouvel accord ne comprendra aucune obligation de la part de l'Egypte au cas où Israël entreprendrait une agression contre un pays arabe quel qu'il soit, étant donné que l'Egypte est liée par l'accord de défense commune dans le cadre du pacte de la ligue des pays arabes.

Al Ahrâm ignore donc, ou plus exactement feint d'ignorer les termes politiques de l'accord. Ils touchent, rappellent-ils, la liberté de navigation des navires israéliens dans le canal de Suez, la levée du boycott par l'Egypte des entreprises travaillant avec Israël et l'atténuation de la campagne antisioniste menée par l'Egypte au sein des instances internationales.

Ce dernier point est évidemment d'autant plus crucial que les pays arabes ont engagé une vigoureuse campagne pour obtenir l'exclusion d'Israël de l'ONU, campagne à laquelle l'Egypte, au sommet africain de Kampala puis à la conférence des non-alignés de Lima, ne s'est pas associée.

Si l'accord est prochainement paraphé par les parties en présence, s'il est ratifié par la Knesset, si le Congrès américain accepte l'envoi de techniciens dans le Sinaï, Kissinger pourra alors aborder l'étape suivante des négociations, beaucoup plus délicate, celle concernant le Golan.

Le président Assad a déclaré à nouveau que seule l'annexion totale des territoires syriens occupés par Israël pourrait permettre d'envisager la paix. On sait que de l'autre côté, il n'en est pas question. Et Kissinger aura fort à faire pour rendre ces points de vue conciliables.

François JEZE et Alain BABROUSSE

Espagne

JUGÉS CE MATIN, CONDAMNÉS CE SOIR

En matière de justice, la liberté provisoire est supprimée. Les prévenus ne peuvent recevoir de visites de leur famille. Jugés et fonctionnaires trop « mous » seront relevés de leur fonction par leurs supérieurs hiérarchiques. Les avocats qui « troubleraient gravement le déroulement d'un procès » seront expulsés par le juge. Si un avocat conteste l'acte d'accusation, il peut être expulsé et si son support subit le même sort, c'est un avocat d'office qui défend le prévenu. Quand on sait qu'il est interdit de « minimiser les responsabilités des terroristes », on se demande comment il est possible de plaider.

L'article X stipule que se déclarer, d'une manière claire ou dissimulée, favorable à l'idéologie des associations visées par l'article IV, du leur manifester sa solidarité est passible d'une amende de 50 à 600 000 pesetas et de peines allant de six mois à six ans de

prison. Les journalistes auteurs d'un article jugé terroriste seront suspendus pour une durée allant de trois mois à un an, de même que le directeur et le journal seront suspendus pour la même durée.

Ne pas dénoncer une « planque » couverte de six mois à six ans. Si l'on trouve chez vous un endroit pouvant servir à cacher un terroriste, de six à douze ans ; la peine de mort est rendue obligatoire pour les « autorités ou des forces armées, meurtriers ou mutilation d'une personne séquestrée. L'habeas corpus et l'inviolabilité du domicile sont suspendus. Toute personne pourra rester dix jours entre les mains de la police avant d'être déléguée à la justice. Toute action judiciaire intéressant un délit prévu par le décret pourra être menée devant un tribunal civil ou militaire. Dans le cas des tribunaux militaires, les avocats n'auront que quelques heures pour faire appel.

Et nous n'avons donné que quelques points saill-

Suite de la page 1

lants. La volonté des franquistes d'exécuter Garmendia et Otazgui ne fait aucun doute.

Comme le procès se déroule selon la procédure « ordinaire », les avocats disposent de treize jours pour faire appel devant le conseil supérieur de la magistrature militaire. Il reste treize jours pour sauver Garmendia et Otazgui.

J. et J.

Aujourd'hui, à Bayonne, manifestation unitaire (PC, PS, organisations basques, etc.) de soutien à Garmendia et Otazgui : rendez-vous place Saint-André à 18 h 30.

Demain vendredi à 20 h 30 : festival de soutien, avec Paco Ibáñez, Georges Moustaki, le Quarteto Cedron, Imanol et Xamendi et Larrañe. Au fronton municipal d'Hendaye. Prix unique : 15 francs.

ARGENTINE : VERS LE COUP D'ETAT ?

La crise ouverte par la démission forcée du commandant en chef de l'armée, le général Laplane, pourrait être le dernier soubresaut du régime agonisant d'Isabel Peron.

Hier, sous la pression conjuguée de la quasi-totalité des officiers supérieurs de l'armée de terre, regroupés avec les généraux Jorge Videla et Roberto Viola, Isabelita a dû accepter la démission du général Numa Laplane.

Ce dernier est accusé par ses pairs d'avoir compromis la « neutralité politique » de l'armée en confirmant la nomination du colonel Damasco au ministère de l'Intérieur le

11 août dernier. La mafia syndicale de la CGT, par l'intermédiaire de ses dirigeants Casildo Herreras et Louis Miguel, a pris position en faveur d'Isabel et a appelé aujourd'hui à une manifestation de soutien au gouvernement.

Mais derrière les déclarations « institutionnalistes » de militaires, se cache une toute autre réalité. L'Argentine est, en effet, en plein chaos.

Crise économique d'abord : sans doute la plus grave qu'ait jamais connue le pays.

L'activité économique est pratiquement paralysée depuis deux mois. Face aux licenciements massifs

(plus de trois cent mille dans les dernières semaines) et à une inflation démesurée (les prix changent d'un jour à l'autre), les travailleurs multiplient les grèves sauvages. Le régime doit, d'autre part, rembourser d'ici à la fin de l'année le tiers d'une dette extérieure de 10 milliards de dollars et les caisses de l'Etat sont vides.

Crise politique ensuite : le gouvernement péroniste, qui avait cru retrouver un nouveau souffle après le limogement du « sorcier » Lopez Rega et de son équipe fasciste en juillet dernier, s'avère totalement incapable d'enrayer la montée des luttes ouvrières et le regain d'activité de la

guérilla (surtout des Montoneros). Le péronisme bourgeois est en pleine décomposition et offre au pays le spectacle grotesque d'un parti justicialiste divisé en clans rivaux dont chacun se dispute la place du plus réactionnaire.

Face à cette situation, l'intervention de l'armée, qui pourrait bien s'accompagner d'une répression encore plus sanglante que celle subie depuis plus d'un an par le peuple argentin, paraît, à court terme inévitable.

Selon les rumeurs qui courent à Buenos-Aires, plusieurs coups d'Etat militaires seraient en préparation. Mais, même si cou-

d'Etat et contre-coup d'Etat devaient se succéder dans les semaines qui viennent, l'armée animée d'un anticommunisme viscéral retrouverait vite son unité, sans doute derrière les généraux Viola et Videla. Elle imposerait alors au peuple argentin, en alliance avec une nouvelle génération de bureaucrates syndicaux au service du patronat, une dictature pseudo-nationaliste : mais son caractère répressif n'aurait rien à envier à celle des autres pays du cône sud de l'Amérique latine, déjà placés sous la botte de gorilles aux ordres de Washington.

François JEZE et Alain BABROUSSE

Les communautés moradores à Porto

DES POUVOIRS POPULAIRES EMBRYONNAIRES

Ce dimanche d'avril 75, ils étaient 5000, réunis au « Palais de Cristal » de Porto : les 33 commissions de Moradores qui existaient alors avaient organisé un meeting, puis une manifestation dans les rues de la ville pour décider le gouvernement à débloquent les crédits dont elles avaient besoin.

Il fallait voir alors les enfants en cortège derrière les bandières confectionnées en hâte, munis de vieux bidons devenus tambours. L'enthousiasme et l'émotion étaient immenses. Pas un mot d'ordre politique, les commissions se définissaient alors comme « apolitiques ». Pendant de longues heures, étaient venus à la tribune, l'un après l'autre, les représentants de chaque commission : certains n'avaient pas l'habitude de parler - exposer les problèmes de leur quartier : depuis toujours ils habitaient des quartiers surpeuplés, démunis d'hygiène, entassés. Ils voulaient des maisons pour eux-mêmes et leurs enfants, une vie décente et digne. Ce jour là, certains parlaient de « soviets ».

Tout cela était le résultat d'un long travail entrepris dès avant le 25 avril par des étudiants des Beaux-Arts qui, organisés en « brigades techniques », avaient pris contact avec les habitants

des quelques 30 quartiers pauvres de Porto. Patiemment, avec les habitants, ils ont dressé les plans de la rénovation des quartiers. Les habitants - Moradores - ne voulaient pas être expulsés de leurs maisons, de leurs « fies » où toute leur vie était organisée. Avant le 25 avril, certains « fies » étaient souvent le siège de journaux clandestins, d'associations de quartier, des sortes de ghettos très resserrés où la Pide pénétrait plus difficilement.

La mairie de Porto avait tout tenté pour expulser les habitants les uns après les autres, pour les reloger dans des cités de transit épouvantables ou des « agents fiscaux » étaient chargés de surveiller de près les agissements de la population.

Dès le 26 avril 1974, les habitants de ces quartiers de transit avaient décidé une manifestation de protestation contre leurs conditions de vie. Plus tard les autres quartiers s'étaient à leur tour organisés en commissions.

Qu'est devenue cette organisation très populaire, dans le Portugal d'aujourd'hui. Nous publions une enquête de Thierry WOLTON, en trois parties : « Des pouvoirs populaires embryonnaires », « Le soutien administratif » et enfin, « L'impasse actuelle ».

Porto vit le jour, c'est bien connu.

La « ville du travail » comme on l'appelle, s'anime à partir de 8 heures du matin et les rues ne désemplissent plus de la journée. Les gens s'affairent de droite et de gauche, comme une fourmilière. Les voitures en plus, avec leur concert d'avertisseurs. Puis, comme par enchantement, dès 20 heures, le calme revient. Porto, la nuit, est aussi sinistre qu'elle peut être gaie et animée le jour. Seule la place de la Liberté, au centre la ville, connaît une petite animation, avec quelques dizaines de personnes qui y discutent tous les soirs de la situation politique. Ailleurs, tout le monde est chez soi. Ou alors, les hommes, les hommes seulement, vont prendre un dernier café accompagné de digestifs, dans les grandes salles profondes qui tiennent lieu de bars.

C'est pourtant à ce moment-là, où tout semble arrêté, que l'on peut rencontrer les « commissions de Moradores ». Dans chaque quartier, une maison reste éclairée, jusque tard dans la nuit. Ouverte dès 19 heures elle accueille les habitants, qui peuvent s'y réunir après leur travail. Il n'est pas de soir où l'on ne discute pas des problèmes de la « zone ».

Ce lieu de rassemblement est en général une maison occupée. « Légalement », ont précisé les commissions de Moradores que nous avons rencontrés. Légalement puisqu'il s'agit d'abandonnée depuis plusieurs années. Etat d'abandon qui oblige la commission à tout refaire. Elle y passera ses soirées et ses week-ends, avec cette sorte de dégoût et d'abnégation qui peuvent étonner, si l'on songe que ce sont des gens qui après 12 heures de travail vont passer 5 heures là, tous les soirs, plus tout leur temps libre. Ce qui tue toute vie de famille évidemment. On ne préfère pas en parler, même lorsque j'insiste. « Avant nous étions dans les cafés, nous discutions de sport, ou d'autres choses. Mais nous n'étions pas non plus chez nous. C'est quand même mieux d'être ici. C'est plus utile », est l'invariable réponse. La vie privée, familiale est un domaine réservé pour les Portugais, et il n'est pas bon d'essayer de s'y immiscer.

DES LIMITES

La commission remplaçant le café ? C'est un peu vrai. Les femmes sont ici aussi rares que dans les bars. « C'est normal, elles ont beaucoup de travail à la maison avec les enfants, le linge etc... ». Rôle traditionnel qui n'est absolument pas remis en cause. L'ordre des choses. « Mais elles participent à l'assemblée générale une fois par semaine » me précise un membre de la commission de Moradores de la rue Burgaça. Il y

a un jour lessive, un jour ménage, un jour assemblée générale en quelque sorte. Limites de l'expérience, ces conceptions seront peut-être remises en cause avec le temps, comme tant d'autres l'ont déjà été en un an d'expérience de ces commissions de Moradores.

Pour le reste, les commissions gèrent un capital provenant des loyers que les habitants du quartier lui versent. « Les loyers viennent soit des maisons occupées, soit des maisons expropriées. Dans tous les cas, ils sont très bas. Nous avons, par exemple, diminué de moitié les loyers

l'association de la « zona das Antas ». Grande maison de 2 étages avec 5 pièces pour une famille de 6 personnes. Tout est prévu, même un local adjacent pour le petit métier du père de famille, ou au cas où la famille s'agrandisse. « Dans 2 ans il y en aura 38 de type » me précise-t-on.

pourrait fonctionner dès la fin de cette année.

De l'allocation d'aide versée à certains chômeurs du quartier à la petite production, en passant par la distribution des produits de la campagne, on découvre petit à petit que les commissions de Moradores débordent largement les seuls problèmes du logement qui restent pourtant leurs préoccupations premières.

UNE NOUVELLE PHASE ASCENDANTE

Le mouvement des occupations des premiers temps s'est quelque peu ralenti. Mais, une commission, comme celle de la rue « Duque de Loulé », a tout de même occupé 100 maisons vides dans la seule nuit du 23 au 24 août ! « Le mouvement est à nouveau dans une phase ascendante après quelques temps difficiles », m'affirme un habitant du quartier. Des commissions continuent d'ailleurs à se créer. « Pas les commissions ad hoc du PC qui ne représentent rien, car elles tentent de créer des structures parallèles à celles qui existent, mais de vraies commissions » me dit un architecte du SAAL, service qui s'occupe de quelque 90 commissions de Moradores.

Le scénario est presque toujours le même. Un groupe d'habitants décide de créer une commission; phase « d'auto-proclamation ». Réunion des gens du quartier, vote en assemblée générale et institutionnalisation. « Les gens élus sont bien souvent différents de ceux qui sont à l'origine de la commission » m'explique un membre du SAAL. Entre la phase « d'auto-proclamation » et l'institutionnalisation, le travail a commencé par des occupations et des expropriations. Les maisons occupées servent à reloger les familles les plus défavorisées du quartier. L'expropriation aboutit à une baisse des loyers. Ces pratiques apportent, dans un premier temps, le soutien des habitants. D'où la popularité des commissions de Moradores et leur développement. Elles s'appuient sur un vaste mouvement s'apparentant à des pouvoirs populaires de base, surtout lorsqu'elles dépassent le seul cadre des conditions d'habitation, comme certaines le font déjà. Pouvoirs populaires encore embryonnaires, mais que l'Etat est obligé de reconnaître. Il aide d'ailleurs le mouvement par le bras du maire de Porto, et du SAAL de la région du nord. C'est une sorte de législation d'une expérience, qui, loin de le freiner, lui donne une partie des moyens nécessaires à son action: financement et aide technique.

Thierry WOLTON

(demain : Le soutien administratif)



Un quartier de Porto.

(Photo Viva)

« Rompre avec l'individualisme, faire en sorte que les gens prennent en charge collectivement leurs problèmes et s'unissent pour les résoudre », telle est en quelque sorte la charte des commissions. Mais on ne bouleverse pas les mentalités du jour au lendemain. La rupture avec l'individualisme est un premier pas, en général franchi avec succès. Sinon on ne compterait pas ces 120 commissions de Moradores dans Porto. Cent vingt commissions qui recouvrent des quartiers plus ou moins importants, qui vont de 1000 à 40 000 habitants. Chacune des commissions comprend de 200 à 500 adhérents, c'est-à-dire de gens qui paient une cotisation d'environ 10 escudos par mois.

La commission s'occupe de tous, adhérent ou non, dans sa zone. Les cotisations permettent simplement le fonctionnement de l'association: peintures pour le local, paiement de l'électricité ou financement du journal local, distribué gratuitement. Le journal peut être ronéoté ou imprimé comme c'est le cas de celui du quartier de la rue Burgaça.

que les locataires versaient aux anciens propriétaires » affirme un membre de l'association de la « zona das Antas ». A cela s'ajoutent les subsides que l'Etat verse au Service Ambulant d'Appui Local (SAAL) ou à la mairie qui les versent à leur tour aux commissions. Les budgets peuvent quelque fois atteindre plus d'un million d'escudos. De quoi permettre la rénovation des maisons du quartier. Pour l'avenir, on ne manque pas de projets. On me les expose avec fierté. Pour certaines commissions ce sont des maquettes de maison à construire, pour d'autres les statuts d'une coopérative de construction. Pas si utopique que cela, chacune des commissions est fermement décidée à réaliser ces projets le plus tôt possible.

LES PROJETS

« Les maquettes ont été faites par des étudiants des Beaux-Arts de la ville. Elles ont été discutées en assemblée générale, modifiées, et finalement acceptées », me dit-on à

« La coopérative de construction est mise en place avec les chômeurs du quartier. L'Etat va nous prêter du matériel rapatrié d'Angola. La coopérative pourra aussi louer ses services à d'autres commissions mais elle travaillera en priorité dans notre zone »; c'est le projet de la commission de la rue Bouça, installée dans une usine abandonnée par son patron, il y a 7 mois. Cette commission veut installer aussi un atelier de couture pour fabriquer des rideaux ou d'autres matériels qu'elle troquera en échange de la production ou des services d'une commission voisine. « Nous échangerons des rideaux contre du mobilier, des portes ou de la charpente, par exemple ».

Quelques commissions ont contacté les petits paysans du nord de Porto pour acheter directement leurs produits et les revendre aux habitants du quartier. « En supprimant les intermédiaires, tout le monde y gagne; on achète plus cher aux petits paysans, on vend moins cher aux habitants car nous ne voulons pas faire de bénéfices, mais simplement amortir les coûts de transport ». Ce système

INTERNATIONAL

La difficile naissance d'un pouvoir populaire au Portugal

Les commissions de « moradores » de Porto

2-UNE ADMINISTRATION AU SERVICE DES COMMISSIONS

Samedi, nous publions le premier article de la série que consacre Thierry Wolton aux commissions de « moradores » (habitants) de la zone nord, à Porto. Cette ville compte en effet environ 40 quartiers très anciens, dans un état de délabrement lamentable, surpeuplés. Pour remédier à cela, la mairie de Porto avait entrepris, sous le fascisme, de vider ces quartiers de leurs habitants, de les reloger en périphérie dans des cités de transit. Mais dans les vieux quartiers de Porto se sont con-

centrées une vie, des traditions que les habitants ne veulent pas laisser mourir. Depuis le 25 avril, des commissions de « moradores » sont apparues, qui ont entrepris de se battre pour la rénovation de leurs quartiers.

Patiemment, ils ont fait les plans de chaque maison, demandé l'expropriation de maisons inoccupées, de terrains qui devaient servir à de gros spéculateurs. En cela, ils ont été aidés par le service ambulant d'appui local, (SAAL), qui dépend du

Fonds d'appui à l'habitation, géré par l'Etat.

Le SAAL à Porto, s'est constitué tout de suite après le 25 avril. Les architectes, contactés par le gouvernement pour aider les commissions de « moradores » dans leur travail de rénovation, sont pour la plupart issus des beaux-arts de la ville : un groupe de gens qui se connaissent, qui avaient déjà des liens avec la population et qui avaient en commun le désir de l'aider, d'une manière « apatidaire ».



Sur un mur de Porto : « La lutte pour la paix ». Cela n'exclut pas la conquête de la ville (DR).

Sans indication spéciale, au quatrième étage d'un immeuble du centre de Porto : le service ambulant d'appui local (SAAL). Ils sont suffisamment connus ici pour ne pas avoir besoin de se signaler. Toutes les commissions de Moradores que nous avons rencontrées connaissent cette adresse et les gens qui y travaillent. Et c'est le résultat des actions entreprises auprès d'elles par le SAAL depuis maintenant un an environ.

L'installation est modeste, mais suffisante pour la vingtaine de personnes travaillant là. De la baie vitrée de la salle principale, on domine tout le vieux Porto. Cette vue, les immenses plans de la ville, agrafés aux murs, les grandes tables inclinables, font penser à une sorte de quartier général. Quartier général d'où l'on mènerait la « bataille de la rénovation » de Porto.

Un service officiel n'est pas forcément une administration anonyme. Organisation d'Etat, le SAAL a su éviter les pièges de la bureaucratie. Bureaucratie souvent sécuritaire, car il est plus facile de s'abriter derrière une montagne de circulaires et de papiers que d'être réellement exposé à venir en aide aux gens, selon leurs besoins.

« Nous sommes tout de même un cas un peu exceptionnel. Le SAAL de Lisbonne ne fait rien du tout, par exemple, me dit un architecte du service. Pourquoi ? Les gens qui y travaillent n'ont pas la même conception que nous, c'est-à-dire nous mettre au service des habitants par le biais des commissions de Moradores. » Et un service des habitants, est le maître mot du SAAL de la région Nord, qui semble y être parfaitement parvenu.

L'APPUI TECHNIQUE

Si les bureaux de la rue Gonçalves de Cristavão n'abritent qu'une vingtaine de personnes, c'est que l'essentiel du travail se fait ailleurs, sur le terrain. Ici, nous ne sommes qu'un bureau de coordination. Nous avons une quarantaine d'équipes techniques, travaillant dans les quartiers. Ce sont elles qui font réellement le SAAL. m'explique Alexandre Alves Costa, architecte. L'un des membres fondateurs de l'équipe.

tion des nouvelles maisons, la rénovation, etc. Elles dépendent alors de la commission de Moradores du quartier d'intervention et non plus du bureau de coordination. « Ce que nous voulons, c'est que les conditions d'habitation soient contrôlées par les habitants eux-mêmes. C'est pour cela que nous n'apportons qu'une aide technique », précise Alexandre Alves Costa.

Le SAAL est en relation avec quatre-vingt dix commissions de Moradores.

Jadis, au niveau des architectes, par exemple, nous manquons de monde. Nous sommes maintenant obligés d'en recruter sans condition politique, contrairement à ce que nous faisons auparavant. Etant donné qu'il ne reste que des architectes CDS (Centre démocratique et social), nous embauchons des architectes CDS », reconnaît Alexandre Alves Costa.

« Ici, au bureau de coordination, ce n'est pas la même chose, précise-t-il. Nous contrôlons réelle-

ment Alexandre Alves Costa, comme nous aidons au développement d'organisations populaires de base, incontrôlables par un parti, le PCP est contre. Il ne supporte pas que nous dynamisions les commissions de Moradores. Nous avons cependant d'excellents rapports avec les militants communistes de la base, qui font un travail remarquable. Bien que ceci soit un peu moins vrai depuis que le PCP essaie de contrôler les commissions. »

En effet, depuis le do-

Ce type de conflit semble évité au « cabinet de coordination des quartiers de la mairie ». Peut-être parce que le PC et les autres partis de l'ex-coalition gouvernementale (PPD PS, MDP/CDE) ont été exclus de la mairie de Porto, voici trois mois, et remplacés par un « directoire » de cinq militaires. « Nous sommes arrivés avec eux, nous repartirons ensemble si, comme il en est question, ils doivent rejoindre leur caserne », me dit Joao, qui appartient au cabinet. Ils sont sept, ici, dans un petit bureau de la mairie, au fond d'un couloir. Sept personnes, élues par un secrétariat composé d'un membre pour chaque commission prise en charge par le cabinet. C'est-à-dire exactement vingt huit commissions de Moradores. Leur particularité ? Elles appartiennent toutes à des quartiers où c'est la mairie qui est propriétaire des immeubles. « C'est notre seule différence avec le SAAL, car nous avons exactement les mêmes buts politiques », précise Joao.

Le « cabinet de coordination » gère ainsi dix mille loyers, ce qui fait un capital d'environ 45 millions d'escudos par an. A cela s'ajoutent les subsides de l'Etat, soit 24 millions. Budget appréciable et qui permet une action efficace.

De rénovation d'abord, de construction ensuite. Les maisons construites appartiendront à la mairie. Le « cabinet de coordination » est lié à une coopérative de construction, formée il y a six mois par des chômeurs. Cette coopérative reste au service de la mairie et des commissions en dépendant, mais peut très bien louer ses services à d'autres commissions de Moradores. Le secrétariat se réunit chaque semaine pour contrôler le « cabinet de coordination ». Ses membres sont d'ailleurs

destituables à tout moment. Puis, tous les mois se tient une assemblée générale. Environ cinq cents personnes, représentant les soixante mille habitants qui couvrent les vingt-huit commissions de Moradores.

« Les rapports avec la municipalité sont excellents. De mieux en mieux », estime Joao. Le cabinet tout comme le SAAL, est d'ailleurs représenté au conseil municipal, ainsi qu'un membre de la commission de travailleurs de la mairie et des trois différentes paroisses de Porto. « Nécessaire dans cette ville très catholique », dit Joao, qui s'excuse presque. Un élargissement du conseil est prévu, avec des membres des services régionaux des coopératives du Nord, des représentants des services municipaux, et des soldats.

Ici aussi, on va m'affirmer être au « service de la population sans parti, pour le bien du peuple et pour le socialisme ». Toutes les commissions auxquelles tiennent beaucoup tous les interlocuteurs. Est-ce à dire que les commissions, le SAAL, le « cabinet de coordination » ne sont pas traversés par les conflits partidaires ?

On peut dire, pour le moins, que les incertitudes politiques du gouvernement de Lisbonne se reportent sur ces expériences. Le mouvement social, dont font partie les commissions de Moradores, ressent fortement l'absence d'une ligne politique claire. Si les structures légales, mairie et SAAL, aident les commissions à se développer, elles ne peuvent le faire que jusqu'à un certain point. Jusqu'au point où une véritable politique de l'Etat portugais est nécessaire pour faire de ces commissions de véritables organes de pouvoirs populaires.

(A suivre) T. WOLTON



Pour une rénovation contrôlée par les habitants eux-mêmes

Rien ne doit être « parachuté », c'est une des conditions essentielles de la réussite. « Nous envoyons une équipe uniquement lorsqu'une commission de Moradores nous le demande. A partir de là, son temps d'intervention varie, mais dans tous les cas, elle doit s'intégrer aux habitants du quartier pour être réellement à leur service. »

Les équipes n'apportent que leurs connaissances techniques pour l'eau, l'électricité, la construc-

tion des nouvelles maisons, la rénovation, etc. Elles dépendent alors de la commission de Moradores du quartier d'intervention et non plus du bureau de coordination. « Ce que nous voulons, c'est que les conditions d'habitation soient contrôlées par les habitants eux-mêmes. C'est pour cela que nous n'apportons qu'une aide technique », précise Alexandre Alves Costa.

Un si grand nombre de commissions pose évidemment un problème de personnel. « Nous ne pouvons pas intervenir partout à la

fois. Au niveau des architectes, par exemple, nous manquons de monde. Nous sommes maintenant obligés d'en recruter sans condition politique, contrairement à ce que nous faisons auparavant. Etant donné qu'il ne reste que des architectes CDS (Centre démocratique et social), nous embauchons des architectes CDS », reconnaît Alexandre Alves Costa.

« Ici, au bureau de coordination, ce n'est pas la même chose, précise-t-il. Nous contrôlons réelle-

ment Alexandre Alves Costa, comme nous aidons au développement d'organisations populaires de base, incontrôlables par un parti, le PCP est contre. Il ne supporte pas que nous dynamisions les commissions de Moradores. Nous avons cependant d'excellents rapports avec les militants communistes de la base, qui font un travail remarquable. Bien que ceci soit un peu moins vrai depuis que le PCP essaie de contrôler les commissions. »

(A suivre)

Libération

Mardi 9 septembre
1975 N° 525

France : 1,50F

Portugal : 15 esc.

Suisse : 1,20 FS

Belgique : 15 FB

Hollande : 0,85 Florins

SUISSE

NUIT
D'ÉMEUTE
A MOUTIER

page 6

Portugal

LES OEILLETS, C'EST FINI

Lisbonne, de notre envoyé spécial.

« Le premier sergent Gil de l'armée de terre a remis à l'assemblée un sabre d'honneur, qui lui avait été offert par les forces armées de Hongrie, durant la récente visite qu'il a faite dans ce pays. L'assemblée a décidé de remettre ce sabre au musée militaire. » Ce n'est pas la dernière histoire qui court à Lisbonne sur le général Vasco Gonçalves, mais l'épilogue de deux mois de crise. C'est en effet en ces termes que s'achève le communiqué de l'assemblée générale du MFA qui s'est tenue à Tancos, vendredi dernier.

L'assemblée a duré cinq heures. Ce qui, par rapport aux assemblées antérieures, lui auraient toute la journée et toute la nuit pour s'achever à l'aube, signifie que d'entrée les jeux étaient faits, après les différentes assemblées des armées, et en particulier celle de l'armée de terre et celle de l'aviation, qui se prononçaient contre la nomination du général Vasco Gonçalves à

la charge de chef d'état-major général des armées. Ces deux assemblées avaient également décidé de boycotter l'assemblée générale du MFA : les « Neuf », groupe autour de Melo Antunes, la jugeant antidémocratique dans son fonctionnement, seuls les délégués du COP CON et une partie de ceux qu'on appelle ici les « gonzalvistes », étaient partisans de la tenue de cette assemblée. Ils avaient un allié, le général président de la République, Francisco Costa Gomes qui se révèle être le Machiavel portugais et dont les sympathies pour Melo Antunes ne sont pas secrètes. Certains militaires révolutionnaires estiment que le forçage de Costa Gomes à tenir coûte que coûte cette pseudo assemblée, visait à préserver sa position d'arbitre de plus en plus contestée ces dernières semaines. La lutte pour le pouvoir a, dans la plupart des fractions qui s'affrontent, souvent pris le pas sur la politique. Pour imposer cette assemblée, un MFA

semblait à un MFA éclaté, il a fait jouer le respect dû au président de la République. Ils furent moins de 70 à y participer sur les 240 délégués que compte normalement l'assemblée : le rapport de force était éloquent. Cette assemblée allait simplement aviser la victoire des « Neuf ». Dès le début de la réunion, dans le polygone militaire de Tancos, Vasco Gonçalves jetait l'éponge et l'assemblée, dans la foulée, décidait la « restructuration urgente » du Conseil de la révolution qui voit la réintégration de fait du courant des « Neuf » dans cette instance, d'où ils avaient été exclus par le triumvirat militaire au lendemain de la publication du document Melo Antunes.

Sur les « Neuf », six sont déjà réintégrés par leurs armes respectives, seul Victor Crespo, ancien haut commissaire au Mozambique, n'en fera pas partie, et deux sont sur la liste d'attente : il s'agit de Vitor Alves et de Melo Antunes.

S. J.

Les déclarations du ministre de l'Intérieur

Ponia nouveau ministre de la Justice



(Photo AP).

un vieux alibi de la démocratie...

Le ministre a conclu en parlant des critiques qui sont adressées à la police : « Elles sont malveillantes et n'ont pas de sens. Ces critiques émanent de ceux qui s'intéressent plus aux criminels qu'aux honnêtes gens, plus aux meurtriers et aux truands qu'à la protection de nos concitoyens. » Les « honnêtes gens », ça le connaît, Poniatoski. C'est à eux qu'il parle. C'est chez eux qu'il tente de trouver une bénédiction populaire.

En Corse, il a obtenu le contraire : sur le content, il a remplacé les autonomistes par des voleurs et poursuit sa campagne.

Hier, avenue de Breteuil, lors du hold-up avec prise d'otages, lorsqu'il a été question de verser une rançon aux gangsters pour éviter que le sang ne coule, Poniatoski s'y est d'abord opposé. Tout cela au nom de l'ordre. Tout cela contre l'avis du directeur de la banque et des syndicats.

Rien d'étonnant alors que le ministre de l'Intérieur ait affirmé il y a quelques jours qu'il était partisan des coups de règle sur les doigts pour l'éducation des enfants... Tout un programme.

G.M.

Lundi matin à Nice, il décorait les deux sinistres policiers qui ont troué la peau d'un pauvre mec lors d'une prise d'otage dans une agence du Crédit lyonnais de la ville. Une médaille pour deux fignoneurs assermentés qui, après avoir immobilisé le « gangster » d'une balle, l'ont achevé en vidant leur chargeur : treize balles pour un jeune fou, dont sept ont fait mouche... Une belle réussite. Deux jours avant, à la radio, il avait tendrement avoué qu'il admirait beaucoup Jules Moch et Clémenceau, deux ministres de l'Intérieur comme lui, deux joyeux drilles de sinistre mémoire.

Entre deux décorations, il annonçait une augmentation de 19 % du budget du ministère de l'Intérieur pour 1976.

Entre deux tirades anti-communistes (« Les communistes protègent les malfaiteurs »(sic), il montrait que ses pouvoirs allaient au-delà du ministère

de l'Intérieur en parlant à la place des juges et en déclarant : « Nous mettons en œuvre de nouveaux moyens juridiques ; j'entends que toute personne porteuse illégalement d'arme ou d'explosif soit automatiquement condamnée à deux ans de prison ». En d'autres époques, pareille déclaration aurait suscité des protestations à n'en plus finir. La séparation des pouvoirs est

Une grave panne de clavier de dernière minute nous a obligés à réduire le volume des textes du journal d'aujourd'hui.

C'est pourquoi, en pages 5 et 7 (dernières pages à composer), nous avons dû remplacer les articles prévus par des photos. La suite du reportage de Serge July sur les événements portugais est donc reportée à demain, de même qu'un nouvel article de Maurice Najman sur le Pérou après le renversement du général Velasco Alvarado.

Nos lecteurs voudront bien nous en excuser.

Les viticulteurs à l'heure de Bruxelles

Les viticulteurs français, ceux du Midi particulièrement, auront aujourd'hui les yeux tournés vers Bruxelles. Sans grande illusion. C'est là que les ministres de l'Agriculture des Neuf vont discuter des problèmes en suspens entre la viticulture méridionale et italienne, depuis la dernière réunion à Bruxelles, en juillet.

Cette réunion va se tenir à la veille des vendanges, alors que les caves contenant la récolte de l'an dernier sont encore pleines. Depuis plusieurs mois, les coopératives ont cessé de distribuer aux viticulteurs méridionaux les avances sur la vente de leurs récoltes. La situation de milliers de viticulteurs méridionaux, qui n'était déjà pas brillante ces dernières années, s'en trouve considérablement aggravée. Coincés entre les crédits qu'ils ont bien souvent contractés pour améliorer la qualité de leur production et cette chute soudaine de leurs revenus, les viticulteurs ont mené tout au long de ces derniers mois une action continue dont

le point fort eut lieu le 31 juillet, lors de l'opération « terre perdue ».

Le gouvernement ne s'étant pas jusqu'ici décidé à apporter une solution aux problèmes des viticulteurs méridionaux, on voit mal ce que la réunion de Bruxelles va apporter de nouveau. La distillation obligatoire des excédents de vin — solution vers laquelle s'était orienté le gouvernement cette année — ne suffira vraisemblablement pas. Le prix payé à la distillation est moitié moins fort que le prix d'orientation, ce qui n'apportera que des sommes dérisoires à la majorité des petites et moyennes viticultures, alors que les très gros producteurs y trouveront à la rigueur leur compte.

Reste la solution d'une limitation des importations, du retour à un protectionnisme qui, dans une phase de crise économique générale, risque d'être contagieux et dans laquelle les gouvernements concernés ne voudront pas s'engager.

(voir le début de notre série page 5)

Nimeiry attaque Kadhafi

Après l'échec de la mutinerie militaire de jeudi dernier à Khartoum, des leaders du « Front National » et de l'« Oumma », opposés à Nimeiry se sont réfugiés en Libye, selon le général-président, on a trouvé sur les « rebelles » d'importantes sommes d'argent en devises étrangères et il a laissé entendre que le colonel Kadhafi ne serait pas étranger à la tentative, ce qui ne va pas réchauffer les rapports déjà froids entre les deux pays. Alors que quatre soldats ont été arrêtés dimanche dans les faubourgs de la capitale, la presse publie la photo de six suspects dont un ancien ministre et trois officiers, au sujet desquels l'emploi de la « violence révolutionnaire » est recommandé. Enfin, Nimeiry a bien sûr rejeté les critiques des putschistes malheureux sur le manque de liberté et la corruption de son régime. Il n'en reste pas moins que l'Université, où on aurait trouvé « d'importantes quantités d'armes », a été fermée pour une durée indéterminée.

Tchad : top secret

« Dans le seul intérêt de la négociation qui va se poursuivre, il paraît souhaitable de ne pas rendre publique les modalités de déroulement de celle-ci... Nous considérons que, pour conserver à cette négociation des chances d'aboutir, il faut que la discrétion soit observée rigoureusement ». M. Beauchamp, porte-parole de l'Elysée n'avait rien de plus à dire, hier, après l'échec à N'djaména de Journaux que le général Mallouf a refusé de recevoir samedi dernier. Quant au doyen Vedel, dont Hissène Habré fut l'étudiant il y a une dizaine d'années à Paris après une brève carrière de sous-préfet au Tibesti, il a adressé un message à Habré sur les ondes de RTL, lui demandant de libérer Françoise Claustre.

Chili : deux ans déjà

Pedro Araya, ancien député démocrate-chrétien, et quatre autres membres de son parti seront jugés prochainement par un conseil de guerre à Santiago pour « activité subversive ». D'autre part, un haut fonctionnaire du ministère de l'Intérieur vient d'annoncer la levée de la censure préalable qui frappait depuis quinze jours la station de radio démocrate-chrétienne « Presidente Balmaceda ». L'ancien président démocrate-chrétien, M. Alessandri, elle diffusait « des informations alarmistes portant atteinte à la sécurité de l'Etat ». Illustration parfaite des difficultés auxquelles se heurte la junte fasciste de Santiago : deux ans après son putsch sanglant, Pinochet étend maintenant la répression jusqu'aux secteurs qui avaient pourtant appelé le coup d'Etat militaire de leurs vœux.

A l'occasion du second anniversaire du coup d'Etat fasciste de Santiago, un meeting de solidarité avec la lutte du peuple chilien aura lieu jeudi 11 septembre à Paris à la Mutualité à Paris, à l'appel du « Comité de soutien à la lutte révolutionnaire du peuple chilien » avec la participation du Comité de défense des prisonniers politiques (le comité regroupe l'ensemble des partis de l'ex-Unité populaire à l'exception du Parti communiste).

Grèce : provocations US ?

Des manœuvres militaires américaines se dérouleront dans le Péloponnèse jusqu'au 10 septembre vient d'annoncer le ministère grec de la défense nationale. Un bataillon de « marines » américains participera directement à ces manœuvres dont le principal objectif est un débarquement sur les côtes du Péloponnèse. Selon le communiqué officiel, cet exercice qui se déroule en présence des responsables militaires grecs, « entré dans le cadre des intérêts nationaux grecs » tsic.

Ce « débarquement » américain intervient au moment où l'on attend à Athènes le verdict des tortionnaires du régime des colonels. Samedi dernier, les 32 officiers accusés d'avoir torturé des opposants à la junte fasciste ont présenté leur défense personnelle en niant énergiquement avoir donné l'ordre de pratiquer des tortures : leur déclaration faisait suite à 128 témoignages des témoins qui ont tous affirmé avoir été torturés à des degrés divers. Dans son réquisitoire le procureur militaire Zouvelos n'a pas demandé une seule peine de mort : la peine la plus forte requise est de 25 ans d'emprisonnement pour l'ancien chef de la section des interrogatoires de la police militaire. Faut-il croire que les Grecs ont oublié en un an les sept années de dictature qu'ils viennent de subir ?

Liban : le spectre de la guerre civile

Douze habitants de Tripoli (Nord de Beyrouth) ont été massacrés par des personnes venant du village voisin de Zghorta. Cet incident qui risque de faire remonter brusquement la tension dans l'ensemble du Liban, intervient moins de deux mois après la formation du nouveau gouvernement libanais issu des affrontements meurtriers du printemps dernier et du début de l'été (plus de mille morts). Une rivalité séculaire oppose en effet les habitants de Tripoli (100 000 habitants en majorité musulmans) aux villages chrétiens des montagnes avoisinantes comme Zghorta, dont l'actuel président de la République Soleiman Frangie est originaire.

Le climat de tension extrême qui règne dans l'ensemble du pays depuis le mois de juillet peut contribuer à l'éclatement de véritable combat de rue à tous moments : c'est ce qui s'est passé à Zahle (centre du pays) il y a deux semaines) ou à Tripoli le week-end dernier (marque à propos des incidents de Tripoli que « personnes ne voulaient être pris de court, un seul d'entre eux a été tué dès qu'un incident se produisit »).

INTERNATIONAL

Les commissions de « moradores » de Porto

3-L'IMPASSE ACTUELLE

Dans « Libération » de lundi et de samedi, débatait l'enquête de Thierry Wolton sur les commissions de Moradores (habitants) de la ville de Porto. Il parlait tout d'abord des commissions, de leur rôle, de leur action entreprise dès après le 25 avril 74, pour la rénovation de leurs quartiers, les quartiers anciens situés en plein cœur de Porto. Ces commissions, très importantes quant à leur nombre — on compte actuellement environ 90 commissions de 100 à 500 personnes dans la ville

de Porto — sont un enjeu vital pour le processus révolutionnaire portugais. Par leur action passée, elles ont déjà obtenu la démolition de l'ancienne mairie de Porto qui bloquait leur avancée. Actuellement un directeur de militaires et de civils gère les loyers, les crédits du gouvernement pour la réfection des anciens quartiers. Aujourd'hui : l'impasse actuelle. L'avenir des commissions est aussi suspendu à la politique générale du gouvernement de Lisbonne.

On commence par une bière, puis deux, puis trois, puis dix, si l'on ne refuse jamais. Une nouvelle bouteille chaque fois que la vôtre est finie. Petit geste d'attention significatif. Ils parlent des heures avec « l'étranger », tellement heureux de faire partager leur expérience. Avec cette gentillesse bouleversante, car on ne sait pas toujours ce que l'on peut faire pour leur rendre. C'est partout le même accueil, le même plaisir, cette sorte d'affection qui va droit au cœur par sa spontanéité et sa sincérité.

Les commissions de Moradores, c'est aussi cela. On ne peut plus, après regarder le processus révolutionnaire avec les mêmes yeux. On se prend même à en vouloir à ce gouvernement et à cette situation politique incertaine bloquant, en fin de compte, de si riches expériences.

Puis, en prenant le recul nécessaire, on s'aperçoit quand même que tout n'est pas pour le mieux dans la meilleure des commissions de Moradores possible. Mouvement qui se cherche avec ses erreurs, ses contradictions. C'est peut-être mieux ainsi. Tout reste encore à faire, ou plutôt presque tout.

Puis, en prenant le recul nécessaire, on s'aperçoit quand même que tout n'est pas pour le mieux dans la meilleure des commissions de Moradores possible. Mouvement qui se cherche avec ses erreurs, ses contradictions. C'est peut-être mieux ainsi. Tout reste encore à faire, ou plutôt presque tout.

LES CONTRADICTIONS

Vu de l'extérieur, on a toujours le beau rôle de relever les insuffisances d'un processus. C'est vrai. Mais l'exigence peut être aussi une nécessité. Elle évite les mystifications qui figent bien souvent un processus en le défilant. Les contradictions, c'est bien connu, permettent d'avancer. Surtout lorsque l'on en a conscience et que l'on cherche à les éliminer. C'est bien souvent le cas des commissions de Moradores de Porto.

D'abord, au niveau du fonctionnement démocratique. On reconnaît souvent que les assemblées générales ne sont pas toujours convoquées quand il le faut. « On manque de pratique, elles bloquent le travail », m'a-t-on affirmé plusieurs fois. On préfère alors s'en passer. « Cela va venir avec le temps ». Est-ce bien certain ? La quinzaine de personnes constituant le « secrétariat » des commissions ne risquent-elles pas de se couper des habitants du quartier ?

Aucun contrôle n'est réellement effectué sur leur travail ? On s'en gargarise en publiant des « statuts » prévoyant, article par article, le fonctionnement des commissions. Mais, sans volonté de les appliquer, il

peut toujours rester lettre morte.

DYNAMISER LE PROCESSUS

Là se pose le problème de la « liaison avec les habitants ». Car, même si les commissions représentent jusqu'à 40 000 personnes, elles ne touchent bien souvent qu'un dixième de leur population. Elles travaillent pourtant pour tout. Mais elles sont souvent considérées comme des « bureaux d'aide sociale », que l'on vient voir uniquement en cas de besoin. D'où un nécessaire travail de dynamisation qui doit atteindre les gens sans attendre qu'ils viennent vous trouver. Nombre de commissions l'ont déjà prévu. Une sous-commission de dynamisation a pour but, en général, de populariser la commission. Tous les

moyens d'entrer en contact avec les habitants du quartier.

L'EPREUVE DE LA PRATIQUE

Ce travail de dynamisation et de popularisation n'est pas toujours très bien vu. « On est parfois très mal accueilli. On nous traite de communistes. C'est le résultat du travail politique de certains partis de droite, comme le CDS ou le PPD », m'explique un membre de la commission de la « zona da Arrabida ». « Et puis, il faut tenir compte des mentalités, ajoute-t-il, ici nous sommes dans un quartier assez bourgeois, et il y a beaucoup de vieilles personnes. Comme nous voulons lutter contre l'individualisme, nous nous heurtons à elles. »

ception, ont regretté la situation politique actuelle. Cette situation d'incertitude qui bloque leur travail à tous les niveaux.

Pas de crédit d'abord. Sans crédit, pas de construction, et tous les projets restent dans des cartons ; d'où un certain essoufflement dans le travail. Le manque de moyens impliquant le manque de réalisations, impliquant à son tour le manque de confiance des habitants, qui ne voient rien changer. A l'euphorie des premiers temps, s'est substitué un certain scepticisme.

PARTIDARISME ET SITUATION POLITIQUE

La situation politique actuelle accentue aussi les divisions au sein des commissions. « Avant, dans

missions de Moradores est-il en train de disparaître ? Un peu. Il suffit pour s'en convaincre, d'assister à une assemblée générale qui prépare une manifestation. Ce ne sont plus qu'affrontements entre diverses lignes politiques, quant au choix des mots d'ordre. On n'en est pas encore à l'ordonnance des organisations politiques dans la manifestation, comme on peut le voir en France, mais, à ce rythme, cela ne saurait tarder.

Vision quelque peu pessimiste, peut-être. Mais il faut prendre garde à ne pas manquer l'occasion que représentent ces commissions de Moradores : celles-ci peuvent être une structure de pouvoir populaire originale, une des composantes essentielles d'un socialisme portugais. Un socialisme reposant en-



moyens sont bons : un journal, des films, des pièces de théâtre, des tracts... Une commission a monté, par exemple, un petit spectacle de rue sur le problème de l'hygiène et les dangers du choléra.

On essaie aussi d'apporter des solutions aux problèmes des habitants avant qu'ils n'en expriment le besoin. Ainsi se multiplient les jardins d'enfants : ils apportent une certaine sécurité aux parents, dont les enfants restent parfois des heures à la rue. Les garderies sont en général installées dans la maison de la commission, ce qui représente un

Obtenir la confiance des habitants est un des problèmes essentiels des commissions. « Il n'y a qu'un seul moyen : la pratique. Montrer ce que nous sommes capables de faire. Les gens nous jugent sur pièces ». A partir de là, la commission est acceptée. Elle peut être comme « un poisson dans l'eau », mais cela demande plus d'un an de la persévérance. Il faut aussi en avoir les moyens. Moyens que les commissions ne sont pas seules à détenir, mais qui dépendent pour une bonne part du gouvernement. C'est une question fondamentale. Toutes les commissions, sans aucune ex-

nos réunions, nous discutons presque uniquement des problèmes de la zone et accessoirement de politique. Maintenant, c'est le contraire. Les positions sont de plus en plus tranchées. Comme nous sommes une structure ouverte à tous, toutes les positions sont représentées. Ce qui frise quelquefois l'affrontement, m'a-t-on dit plusieurs fois. Les discussions politiques sont évidemment partitaires. Ces partis auxquels on adhère comme à un club sportif ? Ironisera-t-on membre d'une commission.

fin sur, un vaste mouvement social et non, la tête en bas, sur un parti unique et tout-puissant, comme bien souvent, ailleurs dans le monde. C'est une chance à saisir maintenant, avant qu'il ne soit trop tard, en développant les moyens, donc les pouvoirs des commissions. Elles pourraient alors se multiplier, se renforcer et s'autonomiser. Il serait alors possible de parler concrètement de pouvoirs populaires de base. Les conditions sont réunies, elles ne demandent qu'à se développer.

Ajors, le mythe de l'apartidarisme des com-

Thierry WOLTON (Fin)

Portugal: il est fini le temps des œilletons

1-LA CHUTE DE GONÇALVES

Lisbonne, de notre envoyé spécial.

« Le premier sergent Gil de l'armée de terre a remis à l'assemblée un sabre d'honneur qui lui avait été offert par les forces armées de Hongrie, durant la récente visite qu'il a faite dans ce pays. L'assemblée a décidé de remettre ce sabre au musée militaire ». Ce n'est pas la dernière histoire qui court à Lisbonne sur le général Vasco Gonçalves, mais l'épilogue de deux mois de crises. C'est en effet en ces termes que s'achève le communiqué de l'assemblée générale du MFA, qui s'est tenue à Tancos vendredi dernier.

LA FIN DU MFA

L'assemblée a duré cinq heures, ce qui, par rapport aux assemblées antérieures, qui duraient toute la journée et toute la nuit pour s'achever à l'aube, signifie que d'entrée les jeux étaient faits, après les différentes assemblées des armées, et en particulier celle de l'armée de terre et celle de l'aviation, qui se prononçaient contre la nomination du général Vasco Gonçalves à la charge de chef d'état-major général des armées. Ces deux assemblées avaient également décidé de boycotter l'assemblée générale du MFA : les

« Neuf », groupés autour de Melo Antunes, la jugeant antidémocratique dans son fonctionnement, seuls les délégués du Cop Con, et une partie de ceux que l'on appelle ici les « gonalvistes », étaient partisans de la tenue de cette assemblée. Ils avaient un allié, le président de la République, Francisco Costa Gomes, qui se révèle être le Machiavel portugais et dont les sympathies pour Melo Antunes ne sont pas clandestines. Certains militaires révolutionnaires estiment que le forçage de Costa Gomes à tenir cette charge coûte cette pseudo-assemblée visant à préserver sa position d'arbitre, de plus en plus contestée ces dernières semaines. La lutte pour le pouvoir a, dans la plupart des fractions qui s'affrontent, souvent pris le pas sur la politique. Pour imposer cette assemblée à un MFA éclaté, il a fallu jouer le respect dû au président de la République.

Ils furent moins de soixante-dix à y participer sur les deux cent quarante délégués que compte normalement l'assemblée : le rapport de forces était éloquent. Cette assemblée allait simplement avaliser la victoire des « Neuf ».

Dès le début de la réunion, dans le polygone militaire de Tancos, Vasco Gonçalves était l'éponge et l'assemblée, dans la foulée, décidait la « destruction urgente du Conseil de la révolution » qui voit la réintégration de fait du courant des « Neuf » dans cette instance, d'où ils avaient été exclus par le triumvirat militaire au lendemain de la publication du document Melo Antunes.

Sur les « Neuf », huit sont déjà réintégrés par leurs armes respectives, seul Vitor Crespo, ancien haut commissaire au Mozambique, n'en fera pas partie.

Le temps des œilletons est terminé. Et avec lui, cette sorte d'unanimité confuse autour d'un MFA apaisant. Le MFA, organisation politique d'avant-garde dans l'armée, n'est plus. Même si, pour la façade, les « Neuf » vont continuer à utiliser le sigle.

(suite de la page 1)

Les militaires ne sont pas les seuls à être rappelés à l'ordre. Le Conseil de la révolution a également chargé une « commission pour étudier les graves déclarations des dirigeants du PPD ». Cette mesure fait allusion aux propos tenus par le secrétaire général du PPD, Emílio Guerreiro, selon lesquels le PPD était en mesure d'armer cinquante mille hommes pour défendre la démocratie contre la dictature.

Simultanément, l'amiral Pinheiro de Azevedo poursuit ses consultations pour constituer le nouveau gouvernement de coalition. Double coalition : celle des partis civils, PS, PPD et PCP, mais aussi coalition militaire. L'amiral Pinheiro de Azevedo a, en effet, déclaré lundi soir que les quatre courants du MFA seraient représentés dans le nouveau gouvernement. La volonté des dirigeants du MFA semble être de constituer un gouvernement de salut national, réalisant la réconciliation et l'union, seul moyen de restaurer aujourd'hui une partie de l'autorité du pouvoir central sans laquelle il n'est pas de

gouvernement possible. Mais Melo Antunes et les « Neuf » veulent reconstruire l'unité que le MFA a connue après le 28 septembre et qu'il a perdue au début de l'été, et apparaître ainsi comme les rassembleurs du peuple portugais par opposition aux diviseurs de l'équipe gouvernementale précédente. La réalité risque d'être différente. Des quatre tendances de l'armée qui sont appelées à participer à la solution gouvernementale, « professionnelle » autour du général Fabião, les « Neuf » autour de Melo Antunes, les gonalvistes, sans Gonçalves, et le Cop Con.

Mais, et cela est important, la plupart des officiers révolutionnaires du Cop Con ne veulent participer ni au gouvernement, ni au Conseil de la révolution. Otelo de Carvalho et Marques Junior, son adjoint, risquent de ne représenter qu'eux-mêmes.

La composition du nouveau gouvernement serait renchère publique jeudi. Jusque là, le V^e gouvernement assurera, contrairement à ses intentions premières, l'intérim.

S. JULY



Manifestation à la suite de l'expulsion des vingt-quatre journalistes du journal Diário de Notícias (Gamma)

Si le départ de Vasco Gonçalves est un soulagement, c'est aussi la fin d'une époque. Comme en témoigne l'entretien que nous publions demain avec le major Toim, le chef de la police militaire et l'un des principaux leaders des officiers révolutionnaires. C'est un peu comme si beaucoup de Portugais, après avoir rêvé pendant plus d'une année à un socialisme libertaire, revenaient sur terre. Et la réalité, désormais, est celle d'une armée qui a éclaté en deux grandes fractions antagonistes : d'un côté, les « Neuf » et leurs alliés, modérés et réactionnaires rassemblés, et de l'autre, les officiers révolutionnaires et les organisations démocratiques de soldats.

Une page d'histoire est maintenant tournée. Et si la chute de Vasco Gonçalves est ressentie comme un soulagement, le début d'une nouvelle époque du jeune Portugal est source d'inquiétude, une inquiétude diffuse et générale.

LES FLOUES

La crise a bouleversé le visage de Lisbonne. Et le refus, le rejet, la haine même du PCP sont partout. Pas une conversation sans une allusion au PCP. « Le PCP a plus fait pour l'anticommunisme que Marcello Caetano », dit une boutade. Opportuniste dans l'orientation, le PCP aura été particulièrement inflexible dans les méthodes : depuis la manière dont il s'est assuré des places fortes dans les appareils centraux, jusqu'à cette façon avec laquelle le PCP a lâché le général Vasco Gonçalves, après avoir scandé pendant des mois : « C'est Vasco ou le fascisme ». Et dès le 27 août, pour le PCP, ce n'était déjà plus Vasco et pourtant ce n'était pas encore le fascisme.

Le 25 août, après l'échec de sa tentative de tenir des meetings dans le Nord, après la division qui l'a en partie provoquée dans l'armée, le PCP est acculé : il force la porte des organisations révolutionnaires et rentre dans un Front d'unité révolutionnaire, sur la base programmatique du pouvoir populaire et le soutien à Vasco.

Le 27, certains militaires disent : « Sur injonction de Moscou », le PCP déclare que ce front n'a jamais existé et que le PCP est prêt à faire alliance avec les « Neuf » et le Parti socialiste, et si besoin est, à lâcher Vasco. Les « gonalvistes » de l'armée n'en sont pas encore revenus. Tout comme la plupart des militants du PCP, ceux qui ont adhéré après le 25 avril. Et chez eux, c'est une véritable débâcle idéologique. Beaucoup d'entre eux découvrent que les méthodes importent plus que les discours et les prises de positions et que les méthodes du PCP annoncent un monde glacial dont personne ne veut vraiment connaître la destinée.

Ce rejet des méthodes du PCP fait actuellement le bonheur du PS et du MRPP. Ceux-ci ont fait alliance pour présenter des listes communes dans les élections syndicales dans les banques et dans les bureaux, et qui doivent avoir lieu ces jours-ci dans les assurances : les résultats ont pris l'allure d'un raz-de-marée dont la victime a été l'intersyndicale. Les listes MRPP-PS ont fait plus de 70 %, et on attend un score équivalent dans les assurances. Les groupes ML et le PS, évidemment sur des positions différentes, tirent les marrons du feu anticommuniste. Le Portugal est peut-être le seul pays du

monde, avec l'Albanie et la Chine, où l'expression « social fasciste » désignant le PCP, soit passée dans le langage commun. Elle est utilisée aussi bien par les paysans du Nord que par la petite-bourgeoisie urbaine. Cette influence des trois principales organisations marxistes-léninistes, l'UDP, le MRPP et la FEC-ML, mesure également l'intensité du sentiment anti-PCP.

LE VI^e GOUVERNEMENT

L'amiral Pinheiro de Azevedo poursuit ses consultations auprès des différents partis pour constituer le nouveau gouvernement. Certaines rumeurs en provenance du PS font état d'un gouvernement composé principalement de civils : les socialistes auraient six ministres et le PPD cinq, alors que le PCP disposerait de trois maroquins. Le Premier ministre et les vices-ministres seraient des militaires du groupe des « Neuf ». D'ores et déjà, le PPD a demandé la dissolution du MFA et un gouvernement exclusivement composé de civils.

LE RETOUR À L'ORDRE ?

Mais le soulagement que ressentent bon nombre de Portugais semble aussi annoncer un retour à l'ordre. La majorité qui vient au pouvoir derrière les « Neuf » a un programme relativement simple : des législatives avant mars 1976, le respect de la représentativité électorale, des liens économiques privilégiés avec la CEE et surtout le retour à l'ordre et à la stabilité.

La petite poignée d'anarchistes qui existe au Portugal fait figure de cassandre des rues. Ils peignent sur les murs des vérités contradictoires

comme celle-ci que l'on pouvait lire ces jours-ci sur les murs de Lisbonne : « Anarchie oui, mais pas au tant ». Et pour les « Neuf », c'est effectivement la question principale de tout gouvernement aujourd'hui, d'autant plus fondamentale que justement c'est sur ce terrain que Vasco Gonçalves a aussi échoué.

Et la tâche s'annonce particulièrement difficile pour le nouveau gouvernement. Le pays ne travaille plus qu'au ralenti : depuis plus de deux mois, le nombre des chômeurs atteint près de trois cent mille alors que l'on attend le retour de plus de trois cent mille réfugiés d'Angola. Par ailleurs, le trust américain ITT vient de quitter le Portugal ; General Motors devrait suivre dans les jours qui viennent, et l'on s'attend ici à ce que cette décision entraîne plusieurs sociétés européennes à les imiter.

Ce retour à l'ordre s'annonce d'autant plus difficile que la gauche révolutionnaire dans l'armée, en particulier les éléments les plus actifs du Cop Con, sont passés dans l'opposition de gauche au régime : ils veulent retourner dans les casernes pour y développer les organisations démocratiques de soldats et pour renforcer les liens entre les soldats et les commissions de travailleurs et de moradores. Et puis, il y a l'échec de Vasco. Si demain, le PC n'est plus hégémonique dans l'appareil d'Etat, certaines des causes de l'échec de Vasco subsistent : en particulier le fait que cinquante ans de fascisme rendent les Portugais moins malfabiles, moins manœuvrables qu'un autre peuple. Les différentes batailles de la production que l'ancien Premier ministre avait lancées ont toutes échoué dans l'indifférence générale.

Et aujourd'hui, de nouveaux discours ne suffiront pas à balayer plusieurs mois de discours démagogiques. Les actes supposent un appareil qui les exécute, et sans mobilisation, les meilleures décisions resteront lettre morte. On voit mal les Soares, les Cunha, les Melo Antunes, les Vitor Alves réussir là où ils ont échoué dans les mois qui ont précédé cette crise... De ce point de vue, l'attitude du nouveau gouvernement vis-à-vis du mécontentement dans le Nord constituera un véritable test.

Enfin, pour réprimer, il faut une armée, et si la majorité des cadres permanents de l'armée suit les « Neuf », il n'est vraiment pas évident que les soldats y participeront. Les manifestations de soldats, la semaine dernière à Lisbonne, refusant de partir en Angola, sont significatives d'un état d'esprit.

Enfin, les morceaux de pouvoirs populaires, dans les campagnes, dans les usines, quelles que soient les contradictions internes que connaît leur développement, fonctionneront effectivement comme contre-pouvoir au nouveau gouvernement, comme une opposition réelle, aujourd'hui sans ambiguïté. Si les Portugais sont inquiets, c'est aussi parce qu'ils ne voient pas comment cette nouvelle majorité, qui n'est pas tout à fait inconnue, pourra gouverner.

Serge JULY

(Demain la suite)

FAITS DIVERS

Danger, séchoir

Dans la série « accidents stupides », voici ce qui est arrivé à un jeune couple de Montpellier. Ils ont laissé un séchoir à cheveux branché, posé sur un matelas en tapis-mousse. Le matelas a brûlé, ils sont morts asphyxiés.

Orange mécanique

L'imagination dans la délinquance... Lundi à Villecerf (Seine-et-Marne), quatre jeunes types qui avaient envie de cogner avaient inventé une provocation d'un genre nouveau. Ils ont pris des chaises dans un café, les ont placés sur une route départementale et se sont assis dessus. Plusieurs voitures ont réussi à s'arrêter, mais celle que conduisait Jaco Ferreira Dominguez n'a pu éviter de heurter une chaise. Il s'est aussitôt fait assaillir et frapper à coup de chaînes de vélo, de gourdin et de coups de poing américains. Les quatre types se sont fait arrêter après s'être enfuis au volant d'une voiture volée.

Chasseur sans son chien

Décidément, on n'en finit plus avec les histoires de chasseurs fous. A Saint-Pierre-de-Chardieu (Rhône), trois chasseurs seront rentrés chez eux, dimanche soir, avec, dans leur gibecière, leur chien de chasse. Raison de cette hécatombe : des boules de viande contenant de la strychnine parsemaient les champs environnants. On suppose qu'il s'agit d'une vengeance locale d'un chasseur à qui la société de chasse locale avait refusé sa carte, son effectif étant complet.

Délirium tremens

Les enfants boivent, les parents trinquent. C'est ce qu'on peut dire après ce qui s'est produit hier matin à Paris, dans le premier arrondissement. Ayant un peu trop bu, un type a frappé son père avant de se bannir chez lui et de jeter les meubles par la fenêtre. Il a finalement été maîtrisé et conduit à l'Hôtel-Dieu, où il retrouvera son père, grièvement blessé.



Les manifestations contre le « busing » à Boston. (A.P.)

Vengeance explosive

Un maçon d'Arcachon n'a pas pu supporter l'injustice dont il avait été victime de la part d'un riche client. Celui-ci lui avait un jour demandé d'apporter quelques modifications à sa maison et l'avait ensuite traîné devant les tribunaux pour malversation. Ulcéré, le vieux maçon (il avait 70 ans) a longuement ruminé sa vengeance et, mardi soir, il est passé à l'action. Il s'est introduit dans la cave de la maison et y a placé deux bouteilles de gaz qu'il a laissées ouvertes. Ce qui devait arriver arriva : intrigué par l'odeur, un membre de la famille est descendu à la cave et s'est allumé l'interrupteur... Bâton : maison à moitié détruite et six blessés, dont quatre grièvement brûlés — le grand-père, le père et les deux filles. Quant au maçon, après avoir assisté au feu d'artifice, il est parti dans un terrain vague où il s'est tiré une balle dans la bouche.

Conscience

Le caissier de la Caisse mutuelle de dépôts et de prêts de Liepvre (Haut-Rhin) est mort pour avoir voulu défendre l'argent qu'il était payé pour garder. Mardi après-midi, deux hommes armés sont entrés dans la banque et le lui ont demandé, cet argent. Le caissier a préféré se saisir d'un revolver. Il a reçu une décharge de fusil de chasse à canon scié. Consolation posthume : les deux gangsters sont partis sans prendre le contenu de la caisse.

A bout portant

Quatre personnes revenaient de la chasse, lundi soir, en voiture. A l'avant, un couple, à l'arrière, leur fils et un ami. Celui-ci tient un fusil sur ses genoux. Un cahot et le coup de feu éclate. L'ami avait oublié de décharger son fusil. Touchée aux reins, la dame est morte.

La vie du rail

Une personne a été happée et déchiétée par un train, lundi soir, à Ozoir-la-Ferrière. On ne connaît ni l'identité de la victime, ni les circonstances du drame. Toujours lundi soir, station Dupommier, un homme s'est jeté sous le métro. Les usagers de ce service public ont perdu une heure dix...

INTERNATIONAL

PORTUGAL : « Il est fini le temps

2- LES OFFICIERS DESORMAIS DANS

C'est un véritable recul tactique qui est en train de s'opérer au Portugal.

La population profondément divisée par ces mois de crise, après les agressions commises contre le peuple par le PCP, après les manipulations qu'elle a subies de la part du PS et des agitateurs de la classe politique, une pause était nécessaire pour repartir à la conquête des fractions de la population en train de scissionner avec la révolution. Un pas en arrière s'est fait et c'est ce pas en arrière que symbolise la nouvelle majorité politico-militaire qui se met en place, et qui voudrait restaurer l'autorité du pouvoir politique.

« Un pas en arrière, deux pas en avant » : le pas en arrière, c'est Melo Antunes qui l'a fait avec l'orientation définie par le document des « neuf » et qui va se traduire dans le 6^e gouvernement. Les pas en avant, eux, sont potentiels : ils dépendent essentiellement du renforcement des pouvoirs de base. Si la manifestation du 20 août a montré leur force : ils étaient 10 000 dans les rues de Lisbonne — sans le PCP — pour soutenir le pouvoir populaire, il faut se garder de tout triomphalisme, ce pouvoir est encore fragile, et il est lui aussi sujet à toutes les manipulations partisans.

Et déjà, la remise en ordre à laquelle le Conseil de la révolution se livre pour se concilier les fractions de la petite bourgeoisie urbaine, paysanne et militaire, pour tourner vers l'Europe un visage qui la persuade de débloquent le prêt attendu de la CEE, cette remise en ordre présente des risques considérables. Elle ouvre en effet la porte aux professionnels de l'ordre et leurs idéologues qui souhaitent ouvertement une épuration de la gauche et par voie de conséquence, des pouvoirs populaires civils et militaires. Si la gauche restera divisée sur l'attitude à adopter vis-à-vis du nouveau pouvoir, l'affrontement entre les organisations démocratiques de base et le gouvernement, va devenir permanent. C'est pourquoi, si Melo Antunes et les siens font un pas en arrière, les partisans du pouvoir populaire doivent se préparer à faire deux pas en avant.

La première décision du Conseil de la révolution est lourde de signification : imposer la loi du silence aux régiments. Dans un pays où l'armée a joué le rôle moteur pendant toute une année, où l'on a célébré chaque jour de

cette année l'alliance peuple-MFA, le new-deal de la politique du Conseil de la révolution est de baillonner l'armée, de lui interdire de communiquer avec la société civile par l'intermédiaire de la presse.

Décision grave qui ressemble à une concession faite aux « professionnels » de l'armée, emmenés par le général Fabiao, le chef d'état-major de l'armée de terre. Souvent antifascistes, ces officiers sont d'abord soucieux de l'ordre et de la discipline. Ce sont de vrais militaires, qui voient dans l'organisation démocratique des soldats, une menace pour leur propre position. Cette concession coûtera cher à la nouvelle équipe : c'est une erreur. Les « professionnels » de l'armée ont été proprement « traumatisés » par la manifestation de rue à Lisbonne, la semaine dernière, de 55 soldats du régiment de police militaire qui entendaient ainsi protester contre le départ en Angola de deux compagnies. Pour prix de leur alliance avec les « neuf », les « professionnels » ont exigé des mesures immédiates. Mesures d'ordre qui signifient très simplement la fin de l'alliance peuple-MFA et le retour à une conception très classique, à une conception « bourgeoise » de l'armée. Certaines rumeurs faisaient aujourd'hui état de l'éventuelle dissolution du régiment de police militaire.

L'attitude du nouveau pouvoir est significative d'un état d'esprit. Le problème posé par les soldats de la police militaire est celui de la décolonisation en Angola. Plusieurs textes, documents ont été élaborés cet été, par les partis, par les « neuf », par le Copcon. Aucun de ces textes n'a ouvert le moindre débat sur cette question. Et sans débat, à froid, le nouveau Conseil de la révolution a décidé de réprimer. Réprimer d'abord, on verra ensuite. Silence dans les rangs. Au passage, cela implique une conception de la presse contre laquelle l'ensemble des journaux n'a pas manqué de s'élever, des quotidiens socialistes ou communistes en passant par *República*, *República*, dans son éditorial de première page écrit : « Dans le contexte présent de la lutte de classe, toute politique qui interdit de dire la vérité ou une partie de la vérité, qui vise à cacher un certain nombre de faits aux masses populaires, est une politique anti-populaire. » Le MFA, après avoir donné la parole aux militaires, la leur retire.

Cette erreur tactique est paradoxalement un véritable cadeau offert au Parti communiste où les bruits des affrontements de tendance se multiplient, après l'impressionnante série d'échecs accumulés par Alvaro Cunhal. Véritable cadeau, parce

que les journaux du PCP n'ont pas manqué d'adopter une attitude très critique vis-à-vis de cette « loi constitutionnelle », en dénonçant « la restauration de la censure » et « la limitation des libertés ». Il est possible que le PCP, en perte de vitesse, re-

trouve une certaine crédibilité dans le pays, en faisant un bain d'opposition et en refusant aujourd'hui de soutenir le nouveau gouvernement.

Mercredi matin, s'est tenue à Lisbonne, une assemblée générale de sol-

Entretien avec deux officiers

« Nous avons organiser

I. LE REPLI DANS LES CASERNES

— Quelle est le rapport de forces dans l'armée au lendemain de l'assemblée de Tancos et de la victoire du commandant Melo Antunes ? Que vont faire maintenant les officiers du Copcon ?

Major TOME : On ne peut pas mesurer le rapport de forces seulement à partir de lignes politiques. Toutes les positions défendues par les officiers du groupe des « neuf » sont des positions bourgeoises, qui ne représentent pas les soldats. Pour apprécier le rapport de forces, il faut tenir compte du fait que les soldats ne sortent pas pour combattre d'autres soldats, d'autres régiments. Et même dans les régiments où nous sommes minoritaires, il y a suffisamment de soldats et d'officiers de notre bord pour éclairer les autres. Les « neuf », la social-démocratie et le fascisme avancent, par des assemblées qui ne représentent pas les soldats et les intérêts du peuple.

Notre tâche principale est, à l'heure actuelle, de mobiliser les soldats contre les officiers réactionnaires et d'exiger la démocratisation des régiments. Nous voulons que ce soit les soldats qui, de plus en plus, prennent les décisions par les ADU (Assemblées de délégués des unités) et les assemblées générales. Et cela n'est pas incompatible avec la discipline, nécessaire dans une armée. La discipline sera une réalité lorsque les soldats auront le pouvoir de choisir les commandants. Alors ils obéiront à ce commandant parce qu'il sera reconnu par la base. C'est pourquoi cette orientation est la seule qui puisse éviter à mon pays de glisser vers le fascisme.

Cette orientation implique aussi l'insertion de cette organisation démocratique des régiments dans le mouvement des organisations populaires, unitaires et de base.

Les « neuf » veulent maintenir l'idée que c'est le MFA qui doit conduire la révolution. En fait les officiers progressistes, qui ont fait le 25 avril, sont maintenant dépassés par la révolution. Je crois que le prolétariat portugais va démontrer au nouveau gouvernement que les avant-gardes sont ailleurs qu'au MFA.

Capitaine Mathos GOMES : Nous sommes dans une position de repli. C'est pour ça que nous avons

proposé aux militaires de rentrer dans les casernes. Nous avons fait cette proposition à l'assemblée de l'armée de terre : la lutte entre les « neuf » et les « gonçalvistes » est une lutte entre militaires qui désirent le pouvoir. Elle ne nous concerne pas. Elle n'a rien à voir avec les intérêts du peuple. Les militaires sont incompetents pour gouverner. Maintenant, il est préférable qu'il y ait un gouvernement, un pouvoir bourgeois et artificiel. Nous préférons un gouvernement de droite. Comme cela les militaires pourront rentrer dans les casernes pour se réorganiser, et y créer un contre-pouvoir. Evidemment, nous étions convaincus que cette proposition serait rejetée. Et c'est simplement un thème d'agitation. En même temps, cela donnait à tous les officiers révolutionnaires une voie, maintenant que le MFA est terminé. Son rôle historique est accompli. Le MFA comme avant-garde militaire, comme bloc homogène, est terminé. C'est une contradiction de fond avec les « neuf » qui maintiennent l'idée que le MFA est toujours l'avant-garde militaire et que c'est elle qui doit produire le modèle révolutionnaire au Portugal.

En fait, les « neuf » ont peut-être dépassés par la droite. Cheraïs, qui commande la région militaire centre, nous a demandé à Tome et à moi de venir parler de nos idées la semaine prochaine à Coimbra. Cheraïs est très honnête. Lorsque nous discutons avec les « neuf », Cheraïs, l'un des « neuf », a dit : « Si vous donnez les élections législatives, je fais la révolution. Mais si vous étouffez l'électoratisme de fond, je ne peux rien faire à Coimbra. » Parce que pour les « neuf », la réorganisation de l'appareil d'Etat passe prioritairement par les élections législatives. Nous, nous disons : il faut organiser les pouvoirs populaires par en bas pour restructurer le pouvoir d'Etat. Les partis politiques ont divisé tout le peuple portugais. C'est pourquoi les gens, dans les commissions, doivent pouvoir se réunir pour résoudre les problèmes concrets sans partiidarisme. Il faut développer aujourd'hui le pouvoir populaire local, qui va obliger l'appareil d'Etat à se transformer graduellement.

II. LES RAPPORTS ENTRE LES « NEUF » ET L'OTAN.

— Comment se sont passées les discussions entre les « Neuf » et vous ?

Capitaine Matos Gomes : D'un côté

des œillets rouges»

REVOLUTIONNAIRES
L'OPPOSITION

dats du régiment de police militaire. Tous les journaux et toutes les radios ont décidé de publier aujourd'hui des reportages sur cette assemblée militaire, pour rendre inapplicable immédiatement cette loi anticonstitutionnelle. C'est la première épreuve

de force avec le nouveau régime.

L'unanimité au sein des forces armées est loin d'être totale. Deux des leaders du Copcon sont décidés à passer à l'opposition. Il s'agit du capitaine Mathos Gomes, d'un des

capitaines à l'origine du MFA, en Guinée-Bissau ; il est délégué de l'assemblée générale du MFA depuis le début du processus. Il occupait un poste-clé dans le dispositif militaire opérationnel, en tant que capitaine au bataillon de commandos d'Amadora.

Le major Tomé, lui, appartient aux blindés. Au Mozambique jusqu'en juillet 74, il passe successivement du document du Copcon, pendant la trêve de l'été, ils ont joué un rôle capital. Aujourd'hui ils sont décidés à rentrer dans les casernes pour y

Lisbonne, 1^{er} septembre, manifestation du régiment de la police militaire contre l'embarquement pour l'Angola

(A.P.)

Ces deux officiers sont parmi les principaux récalcitrants du document du Copcon. Pendant la trêve de l'été, ils ont joué un rôle capital. Aujourd'hui ils sont décidés à rentrer dans les casernes pour y

développer le travail démocratique de base et des liaisons avec les commissions de travailleurs et de moradores. Nous les avons rencontrés au régiment de police militaire avant l'assemblée gé-

rale du régiment au cours de laquelle les soldats, à l'unanimité, et avec l'accord du commandement, ont décidé de poursuivre leur lutte contre l'embarquement pour l'Angola des compagnies CPM 8243 et 8246.

du COPCON, le major Tome et le capitaine Matos Gomes

encore trois mois pour la victoire des soldats»

il y avait Costa Neves, Vítor Crespo et Vasco Mourinho Lourenço. Du côté du COPCON, il y avait Otelo de Carvalho, Raul d'Almeida, le Commandant du Ralis et moi. Ce qui m'a frappé tout d'abord, c'est un langage politique très délabré. Crespo a défini le programme du gouvernement des « Neuf », comme : « un programme européen de la gauche radicale ». Dans ce programme, il y avait des élections législatives à court terme, un gouvernement représentatif de tous les courants d'opinion du pays et de la volonté du peuple manifestée par les élections à la Constituante ; il fallait, en fin, faire jouer la représentativité électorale au niveau des municipalités, l'assemblée constituante avait un rôle acritique ; le programme spécifiait enfin, qu'il serait nécessaire de fermer les journaux et les radios pendant quinze jours pour les réorganiser.

Nous leur avons dit que nous contestions l'idéologie du programme, mais comme ils voulaient le pouvoir, comme ils avaient déjà composé le gouvernement, comme ils avaient mis des unités en état d'alerte, nous avons simplement fait quelques critiques pour améliorer leur plan. Mais il n'y avait aucune alliance, aucune négociation possible.

Le document du COPCON était une solution révolutionnaire, pour rassembler toutes les forces démocratiques et populaires. Si nous avions passé une alliance avec les « Neuf », pour prendre le pouvoir, nous aurions trahi la confiance de ces commissions de travailleurs. Actuellement au Portugal, les conditions ne sont pas réunies pour que le prolétariat prenne le pouvoir.

III. LA VICTOIRE DES « NEUF »

Les « Neuf » font de la question de l'ordre et de la discipline la préoccupation principale du moment. Pour rétablir l'ordre, ils vont devoir réprimer ?

Major Tome : Notre rôle sera d'empêcher la répression et de défendre les conquêtes démocratiques des soldats. C'est pourquoi nous devons développer notre lutte dans les bases de l'armée pour les renforcer. Le risque d'épuration est hautement probable. Nous avons encore trois mois, peut-être, pour organiser, déclencher la victoire des soldats. Les officiers qui ne sont pas révolutionnaires, en général ne sont pas des fascistes, mais ils peuvent être utilisés. D'autant qu'il y a le risque que l'état-major de l'armée retire les officiers progressistes de certaines unités.

Le seul moyen d'empêcher que ces officiers ne passent à la contre-révolution, c'est d'organiser la victoire des soldats. C'est aussi la seule solution pour empêcher que l'armée ne se retourne contre les travailleurs.

Capitaine Matos Gomes : Le

fascisme est l'ennemi principal et il est prêt de la porte. Les militaires de droite anti-fascistes, avec un désir d'ordre et d'autorité, peuvent lui ouvrir la porte.

IV. LES ERREURS DES REVOLUTIONNAIRES.

Quelles sont les erreurs que vous, officiers révolutionnaires avez commises au cours du processus ?

Major Tome : Nous voulions faire la révolution avec une armée bourgeoise, des officiers bourgeois et une coalition gouvernementale bourgeoise. Pendant toute une période du processus, le MFA a effectivement participé, sans ligne politique bien définie, mais avec comme préoccupation, l'avance unitaire des forces armées.

Alors les erreurs sont dues tout simplement à l'absence de révolution. La révolution apparaît uniquement dans les organismes. En parole nous en sommes déjà à la société sans classe. En réalité, les travailleurs ne contrôlent toujours pas la production dans les entreprises nationalisées. Cet écart entre les paroles et les actes a été l'origine de la contradiction qui est apparue il y a quelques mois entre le MFA et le peuple.

Prenez le cas des campagnes de dynamisation culturelle. Elles ont eu des aspects positifs, mais il faut voir aussi les aspects négatifs. Les cadres de cette dynamisation furent de jeunes officiers, sans préparation politique, avec simplement les idées des partis politiques les plus influents. Les jeunes officiers n'avaient la plupart du temps aucune humilité. Et il leur est arrivé de commettre de véritables agressions contre le coutumes et les manières de vivre des paysans. Cela a eu des conséquences négatives pour l'alliance peuple/MFA. Et, évidemment, les partis bourgeois ont profité de tout cela.

Surtout avec les élections à la Constituante qu'ils ont détournées pour en faire une véritable course au pouvoir. Ils ont exploité et les erreurs du MFA et le vieil anticommunisme vicieux du fascisme, et les dégâts provoqués par le régime du PC. Toute cette offensive contre le PC a donné libre cours à des positions fascistes contre les communistes. Manipulés par des agitateurs, le peuple n'a pas senti que la révolution est pour lui. Nos erreurs se situent dans le type de rapport que nous avons entretenu avec les états-majors politiques et militaires. Nous avons trop fait confiance dans la structure du MFA et la capacité de son assemblée pour résoudre les problèmes fondamentaux. Nous avons également fait trop confiance aux chefs du MFA, alors qu'ils fonctionnent en compromis permanent avec le grand idéal de concilier l'inconciliable. En fait, ils n'assument pas leur discours révolutionnaire. Dinis de Almeida, (chef du Ralis), dit souvent : « Nous leur avons donné la force et ils l'ont

trahie. Ils n'ont rien fait. Maintenant nous devons croire qu'ils n'en veulent pas ».

Otelo de Carvalho est-il visé par cette critique ?

Major Tome : Oui, Otelo, et Fabiao également.

V. LA BATAILLE DE LA PRESSE

La bataille pour la liberté de la presse a joué un rôle important dans cette crise. Est-ce que vous n'avez pas sous-estimé le rôle de cette bataille ?

Major Tome : Aujourd'hui, nous avons la presse dominée par le PC, la presse dominée par le PS et les forces de droite : Tempo, A Luta, Expresso, etc... Nous avons aussi une presse régionale, qui est presque toute dans les mains de la réaction. Et pour beaucoup, en particulier dans la presse, l'alliance PS-MRPP, aux élections professionnelles, a été un moyen de se libérer de l'hégémonie du PCP. En général, les « Neuf » ont reçu l'adhésion de beaucoup d'officiers, pour lesquels le document « Neuf » était la seule alternative pour sortir de cette domination du PC. C'est par rapport à cette situation que nous avons élaboré le document du COPCON. Ce fut un contre-pouvoir au document de Melo Antunes, parce qu'il avait la vertu de faire une critique radicale du PCP, pour rompre avec son contrôle de l'appareil d'Etat et qu'en même temps il proposait la solution la plus populaire pour sortir de la crise.

Capitaine Matos Gomes : La petite bourgeoisie a peur d'être victime de la révolution. Et nous n'avons pas su lui donner une alternative de transformation. D'autant que nous ne maîtrisons pas les mass-média. La 5^e division de l'Etat-Major, par exemple, a fait des provocations dans le peuple. C'est une leçon que nous tirons de cette crise, on ne peut pas faire la révolution populaire sans contrôler la communication sociale. Or, dans toute la première phase du processus, c'est le PC qui tenait la barre. Le PC tenait la barre, parce qu'après le 11 mars, nous avons fait totalement confiance au Conseil de la Révolution. Il y avait des divergences et c'était justement cela que nous trouvions positif. Nous-nous-sommes-aveuglés, car nous ne sommes pas des politiciens professionnels. Dans la politique nous sommes des amateurs ?

La presse, qu'on appelle libre, est engagée. Elle est engagée au capitalisme. Quant à la presse nationalisée, elle n'a pas compris son rôle. Elle a défendu

des positions partiales et pas celles du peuple.

VI. LE COPCON ET LA GAUCHE REVOLUTIONNAIRE.

Quels ont été vos rapports avec l'extrême gauche pendant la crise et quelles leçons tirez-vous de ce travail en commun.

Capitaine Matos Gomes : Tous les jours, pendant une semaine (du 18 au 22 août), plusieurs officiers du Copcon ont eu des contacts avec le PRP-BR, la LUAR, l'UDP, le MES, le PSP et un groupe de Porto, le « Primeiro de Maio », (le 1^{er} Mai). Le vendredi, à deux heures du matin, nous avons dit : maintenant on se repose et on se retrouve lundi. Lundi on fera une réunion avec les dirigeants des commissions de moradores et des commissions de travailleurs pour faire une plate-forme. Et puis, un militant nous dit : « Le Front se fait, et le PCP est dans le front. D'ailleurs, ils sont tous en réunion au centre de sociologie militaire ». Nous au COPCON, nous avons été étonnés. L'UDP dès qu'elle a appris que le PC participait au Front, a décidé de s'en retirer. De fait, le PCP est entré dans le Front sans que nous en discutions. Nous étions un certain nombre contre l'entrée du PCP et pour la participation de l'UDP. Le PCP a une tactique très opportuniste. C'est une machine qui veut le pouvoir dans l'appareil d'Etat et nous savons que ce n'est pas un parti révolutionnaire. Le document du COPCON était une alternative de gauche pour le peuple qui conteste souvent, de manière claire, le PC. C'était aussi une alternative pour les masses politisées qui contestent son dirigisme. La présence du PCP dans le Front, c'était une trahison par rapport à toutes les personnes qui se reconnaissent dans le document du COPCON.

Major Tome : L'extrême-gauche n'est pas encore arrivée à édifier une organisation de masse d'importance notable et qui puisse garantir une avancée effective. Mais, de par son idéologie, de par sa pratique, ce sont ceux qui peuvent effectivement organiser les masses dans les organisations populaires. Ceci étant, je pense qu'ils ont eu tendance à minimiser les organisations de masse, dans le paysannerie et dans le nord. En tant qu'officiers révolutionnaires, liés aux organisations de soldats, nous occupons une position particulière vis-à-vis de l'extrême gauche révolutionnaire, qui nous permet de dépasser l'esprit, de chacun. Notre action doit être une action de synthèse des pratiques positives de l'extrême-gauche.

(Propos recueillis par S. JULY)

DIFFICULTES DANS LA FORMATION DU NOUVEAU GOUVERNEMENT

L'amiral Pinheiro tente d'élargir la coalition gouvernementale qui comprend le PC, le PPD et le nouveau gouvernement. Il ne comprendrait pas les trois secrétaires M. Cunha, Soares et Guerreiro, mais quelques personnalités indépendantes. Le parti communiste vient d'attaquer le parti populaire démocratique (PPD) d'être « en dehors du processus révolutionnaire ». Les dirigeants de ce parti auraient, selon le PC, tracé les grandes lignes d'un plan d'action contre révolutionnaire « bien révélateur de ce qu'est en fait le PPD ».

MISE EN CAUSE DU GENERAL FABIAO ET DU PS.

La publication lundi dernier d'un rapport de la Se division, (suspendue par décision du général Costa Gomes), mettant en cause le général Fabiao, chef d'état major des armées de terre, (il aurait refusé de fournir des armes à la Se division) et le parti socialiste (il aurait eu de nombreux contacts avec les spinoïstes) dans le coup d'Etat du 11 mars, ont justifié les décisions du conseil de la révolution sur la presse.

SOARES ET L'ECONOMIE PORTUGAISE.

Mário Soares, secrétaire général du PS portugais a déclaré au journal brésilien « Gazeta Mercantil » qu'il y a des graves erreurs des premiers gouvernements révolutionnaires portugais est d'avoir perdu la confiance des entreprises multinationales.

Il a démenti ensuite cette phrase et ajouté que l'économie de son pays était ruinée, que les investissements étrangers seront indispensables à la normalisation de l'économie portugaise. Le gouvernement actuel refusant d'augmenter le nombre de chômeurs émet, selon Soares, de la monnaie pour payer les salaires de nombreuses personnes qui ne travaillent pas, car leurs entreprises sont paralysées. Mario Soares exposera lundi prochain à Bonn, la situation portugaise.

Il est fini le temps des œilletons

3-L'HEURE DES SOLDATS

1 500 soldats manifestent dans les rues de Porto, et 20 000 personnes les accompagnent

Porto, le 11 septembre.

La grande place de Porto, du nom du général antifasciste Umberto Delgado, s'étend à flanc de colline au pied de l'Hôtel de ville. Et lorsque vers 21 heures, plus de 1 500 soldats en uniforme, après deux heures de manifestation à travers la ville, sont montés vers le parvis de l'Hôtel de ville en levant le poing et en scandant : « Les soldats seront toujours, toujours du côté du peuple », le peuple, c'est-à-dire les 20 000 personnes des commissions de travailleurs et de moradores, des organisations de la gauche révolutionnaire, le peuple, applaudit. La scène était celle d'un serment solennel, que les soldats, travailleurs et moradores se faisaient mutuellement. Cela se passait au-delà de la politique et près de l'émotion.

Les civils découvraient avec les soldats eux-mêmes, que les soldats étaient désormais une force et chacun sentait confusément, alors que des fractions d'officiers s'affrontent pour le pouvoir, que cette force allait jouer dans les prochains jours, dans les prochains mois, un rôle décisif pour l'avenir de la révolution portugaise.

Même les politiques de la gauche révolutionnaire étaient tout à la fois émus et dépassés. Un dirigeant du MES devait me dire : « Nous étions pessimistes, et les masses viennent de nous donner une leçon. Tout le monde est dépassé par l'événement. D'autant que ni les journaux, ni les radios n'ont annoncé cette manifestation, à la suite du décret du Conseil de la révolution sur la censure des informations militaires. C'est formidable ! ».

LA BRÈCHE

Révolution d'officiers subalternes, les soldats sont longtemps restés étrangers au processus révolutionnaire. La politique fut d'abord exclusivement l'affaire des officiers. Les plus révolutionnaires d'entre eux, aidés par une génération de militants d'extrême gauche, qui faisait son service militaire, les miliciens, vont créer des embryons de vie démocratique dans les casernes : assemblées générales et assemblées des délégués d'unité (ADU).

La première manifestation du changement qui s'est opérée dans la base de l'armée a eu lieu le 7 février 75, lors de la première grande manifestation des commissions de travailleurs : 30 000 ouvriers contre l'OTAN et le chômage. A l'issue de la manifestation, les soldats du Ralis fraternisent avec les ouvriers : « Les soldats sont les fils du peuple ». Les événements du 11 mars vont accélérer la politisation des soldats : la fraternisation de ceux du Ralis, encore eux, et des parachutistes qui devaient attaquer la caserne du Ralis fait échouer la tentative de coup d'Etat. Le MFA doit sanctionner ce fait : des soldats et des marins font leur entrée dans l'assemblée des délégués. Mais le mouvement reste éricore très encadré par la hiérarchie militaire, qui craint d'être débordée et contestée par le processus de démocratisation des casernes.



Porto, le 11 septembre. La manifestation des deux mille soldats qui se sont joints aux dix mille personnes qui défilent dans les rues (Photo Gamma).

La crise d'autorité du MFA et de ses dirigeants, cet été, a eu pour effet de libérer les soldats de telle sorte qu'ils ont massivement participé aux manifestations du Copcon, pour appuyer l'orientation du pouvoir populaire. Aucune autorité ne peut alors les en empêcher : c'est la brèche. Ils s'y engouffrent d'autant plus facilement que la gauche révolutionnaire est quasiment hégémonique parmi les soldats, le PCP ayant centré toute son action dans la conquête des états-majors. Mais la contestation est plus idéologique qu'anti-hiérarchique. Elle ne frappe pas encore de front le pouvoir des officiers. Le premier affrontement significatif a lieu la semaine dernière, lors de l'embarquement de deux compagnies pour l'Angola. Le lundi qui suit la chute de Gonçalves, et la fin provisoire de la crise, le nouveau Conseil de la révolution veut auto-proclamer son autorité : il annonce des mesures disciplinaires contre le régiment de police militaire et adopte la loi qui censure les informations concernant l'armée.

SOLDADOS UNIDOS VENCERAO

C'est également la semaine dernière que les éléments les plus captifs des casernes décident de créer, dans la région militaire de Porto : « un front de soldats, unitaire, apolitique et de lutte de classe » le SUV (Soldados unidos vencersao).

A l'origine, des militants de la LCI (Ligue communiste Internationale) de Porto, en liaison avec leurs camarades de la Ligue communiste révolutionnaire française qui permet la rencontre de la contestation anti-militariste de Draguignan et de la révolution militaire portugaise. Ce front de soldats s'est défini comme : « exclusivement militaire, revendica-

tif, et de lutte de classe ». L'ensemble des organisations de la gauche révolutionnaire avec l'UDP, mais à l'exclusion des autres organisations M-L, soutient l'initiative. Un secrétaire provisoire est nommé : une majorité de soldats, mais aussi des officiers miliciens et des sergents. Ce secrétariat tient dimanche soir, à Porto, une conférence de presse pour annoncer la manifestation de mercredi. Le PCP, isolé après la chute de Gonçalves, colle au mouvement. Officieusement, car officiellement le PCP ne prend pas position.

UN MOUVEMENT ANTI-REPRESSIF

Le mouvement se cristallise très rapidement autour de plusieurs axes.

D'abord revendicatif : les transports gratuits, et l'augmentation de la solde, le mouvement a aussi un caractère anti-répressif. La région militaire Nord est commandée par le général Corvacho, généralement considéré comme un « gonçalvite », en d'autres termes, ce que certains appellent les « durs du PC ». Par contre, autour de lui, un encadrement très proche du général Fabiao, des « professionnels » de l'armée qui s'engouffrent derrière Melo Antunes, lorsque celui-ci prend l'initiative « de rompre ». Les ADU deviennent rapidement dans certaines unités des assemblées de pouvoir disciplinaire, et des soldats et des aspirants progressistes sont dans plusieurs casernes démis de leurs responsabilités. On cite le cas du commandant du régiment Viana do Castelo, qui avait commencé à épurer la gauche. L'assemblée du régiment avait alors exigé la réintégration des militaires sanctionnés et déclenché à cet effet une grève. Cependant, mercredi ce comman-

dant a fait fermer les portes de la caserne, pour empêcher les soldats de se rendre à la manifestation. Ceux-ci ont dû « faire le mur ». Ils sont venus en car, à une trentaine, de Viana. Ce qui en dit long sur leur détermination. L'affrontement entre soldats et encadrement était d'autant plus inévitable qu'un grand nombre d'officiers avait tenté de se débarrasser du général Corvacho.

A BAS FABIAO

La question des départs en Angola a également sensibilisé les soldats. Dans la région Nord, près de 600 doivent embarquer dimanche en huit, et tous ceux que j'ai rencontrés refusent. Enfin, il y a la crise politique : les soldats se sentent manipulés par les officiers qui s'affrontent au sein du MFA en se jetant des règlements à la figure. Un jeune soldat m'a dit à ce propos : « Moi, soldat, on ne m'a jamais demandé mon avis là-dessus ».

Les soldats en descendant dans la rue entendaient manifester leur opinion politique : ils sont du côté des commissions de travailleurs et de moradores, et ils voulaient que cela se sache.

L'épreuve de force a eu lieu mercredi et l'état-major de l'armée l'a perdue. Le général Fabiao et des officiers de la région Nord qui les suivent ont cependant tout mis en œuvre pour faire échouer cette manifestation. Fabiao a d'abord publié un communiqué pour dénoncer « le caractère contre-révolutionnaire de cette manifestation ». Les soldats lui répondent aux cris de : « A bas Fabiao ! ». Il a aussi demandé que les soldats ne sortent des casernes qu'en civil : ils sont sortis en uniforme. Enfin certains commandants ont fermé les portes de leurs casernes, d'autres ont mis leur régiment en « état de prévention », c'est-à-

dire suspension des permissions et des sorties en ville ; d'autres enfin, ont menacé de mettre aux arrêts les soldats qui se rendraient à la manifestation. L'état-major pensait qu'il pourrait étouffer ce mouvement encore embryonnaire. Il a échoué. Malgré la peur, les soldats sont sortis. Ils étaient plus de mille sur une région qui en compte 8 500. Conséquence immédiate : l'autorité de l'état-major était déjà faible, elle est maintenant à peu près nulle. Cette manifestation prouve que les officiers ne pourront pas entraîner leurs régiments, au gré de leurs aventures politiques.

Parmi les mots d'ordre de la manifestation, il y en avait un qui prenait un relief particulier, nulle part ailleurs aussi fort : « Le Portugal ne sera pas le Chili de l'Europe ». En ce jour anniversaire de la chute du Chili populaire, les militaires de Porto ont tout simplement averti les officiers « réactionnaires ».

La reprise en main, annoncée lundi par le Conseil de la révolution, commence mal : le décret de la censure des informations militaires a été bafoué par l'ensemble des journaux. Même ceux de Porto, pourtant très à droite, ont publié des reportages sur la manifestation. Et les ordres des états-majors et de certains commandants ont été ouvertement transgressés.

Le moins que l'on puisse dire est que le Conseil de la révolution avait lui aussi sous-estimé les soldats.

L'image de ces soldats en uniforme, armée déjà populaire, sifflant l'Internationale, entourée par 20 000 personnes, va peser lourd dans le processus. Un représentant du SUV devait déclarer : « C'est le premier pas pour l'organisation autonome des soldats dans la défense intransigeante des intérêts de classe des travailleurs ». Les responsables du SUV doivent se rendre dans les prochains jours dans d'autres régions militaires. Une manifestation de soldats est envisagée à Lisbonne.

Au-delà de la manifestation de la force des soldats, et de son effet sur le rapport de forces, alors que l'armée continue à jouer un rôle essentiel dans le processus, cette manifestation est aussi la seconde grande victoire du SUR (Front d'unité révolutionnaire) qui regroupe la gauche révolutionnaire. Cette victoire, après la manifestation des 100 000 à Lisbonne le 20 août, va poser en termes neufs, le débat qui traverse toutes les composantes de ce Front : alliance entre les organisations ou unification ?

Alors que la manifestation se dispersait, nous discutons avec plusieurs militaires. Un vieil homme, d'allure aristocratique, une barbe blanche, sur un visage à la Hemingway, s'est alors avancé très ému : « C'est une joie immense pour moi. Et après cette manifestation, je suis confiant dans l'avenir de la révolution. Je vous remercie ». Puis il s'est présenté : lieutenant-colonel Calafate, un compagnon du général antifasciste Umberto Delgado et qui fut chassé de l'armée de Salazar en 1959.

Serge JULY

INTERNATIONAL

LE CHILI
FACE
AU MONDE

PEKIN. Une délégation économique de la junte est en visite en Chine depuis le début de la semaine. En 1974, la Chine avait acheté moins de dix mille tonnes de cuivre chilien, les contrats économiques entre les deux pays ayant été suspendus après septembre 1973. Cette visite, la première depuis le putsch, semble avoir pour but de décrocher un nouveau contrat de vente de cuivre et de nitrate, principale source de devises de la junte. Alors, camarades chinois, qu'est-ce que ça veut dire ?

PARIS. Par le biais des éditions du Seuil qui le représentent ici, Alexandre Soljenitsyne dément qu'il ait eu l'intention de se rendre au Chili, comme le prétendait Peter Vogelfanger, président de « l'Association des étrangers au Chili » qui l'avait invité.

STOCKHOLM. Les tennismen chiliens ont eu peur. Malgré les injonctions de la Fédération internationale de tennis, ils ont annulé, après

avoir d'abord décidé d'y aller, leur voyage pour Baastad, où ils devaient disputer la finale inter-zones de coupe Davis. A Santiago, la presse prétend qu'ils ont reçu des menaces de mort, ce qui est faux. Jeudi, sept mille personnes ont manifesté contre la junte à Stockholm.

PARIS. L'officine de la junte dans notre capitale justifiait jeudi, dans un communiqué, la décision de Santiago d'annuler la visite de la commission mandatée par l'ONU pour enquêter sur le « respect des droits de l'homme au Chili » par les « procédures utilisées par ce groupe, qui portent atteinte à la souveraineté chilienne et confirment un plan de désordres publics et de subversion interne ».

NEW YORK. Laura Allende, sœur du président assassiné, répondant hier à ce communiqué, a invité, lors d'un meeting du Comité de solidarité avec le Chili, les Nations-Unies à voter des sanctions contre la junte.

Liban

ACCALMIE A TRIPOLI,
MASSACRES
DANS LE NORD

Sans enthousiasme ni hostilité, les habitants du Nord-Liban ont accueilli l'intervention de l'armée libanaise dans leur région. La décision prise jeudi par le conseil des ministres n'a suscité la réprobation que des forces progressistes qui ont lancé un mot d'ordre de grève générale pour la journée de lundi. Celui-ci a été décidé au cours d'une réunion tenue jeudi après-midi à Beyrouth sous la présidence de Kamal Joumblatt, leader du Parti socialiste progressiste.

Depuis hier, plusieurs unités de l'armée libanaise, ont pris position, sans incidents dans la « zone tampon » située entre Tripoli, Zgortia, et Dinnieh où, depuis plus d'une semaine, les communautés musulmanes et chrétiennes s'affrontent sans merci. Pour donner un certain

« poids » à sa décision, le gouvernement de Rachid Karamé a adopté jeudi également un projet de loi qui prévoit la constitution d'un conseil de commandement militaire composé de huit officiers et présidé par le commandant en chef de l'armée. Le commandant en chef serait désormais nommé par le conseil des ministres et non plus par le président de la République. La Chambre des députés n'a pas encore approuvé le décret.

Malgré le calme précaire qui s'est maintenu hier toute la journée, les deux camps s'observent sans que personne ne manifeste l'intention de « décrocher ». Les « forces chrétiennes » qui ont maintenu insalubre une « zone tampon » autour de Tripoli disposeraient de quelques

5000 hommes.

La confessionnalisation du conflit est maintenant totale, prive de l'hygiène certaines informations, rapportées hier par le quotidien *Al Hayar* font état de massacres qui auraient eu lieu autour du village chrétien de Beit Mellai, dans le Akkar (extrême-nord du pays) : les corps de six habitants du village ont été retrouvés mais on craint que le nombre des victimes soient beaucoup plus élevé. Trois « moines maronites (chrétiens-orthodoxes) ont été égorgés dans leur cellule du couvent de Deit Achache, près de Zgortia, au cours de la nuit de mardi à mercredi. Tout porte à croire que d'autres événements de ce type peuvent se reproduire. Le risque d'un embrasement général du Liban sur une base « confessionnelle » n'a jamais été si grand.

Diego Garcia :
Washington se lave
les mains

Le Département d'Etat américain a répondu, jeudi, aux accusations formulées la veille par le *Guardian* de Londres et, précédemment, par le *Washington Post*, selon lesquelles le Pentagone, pour faire accepter au Congrès son projet d'installation militaire à Diego Garcia (dans l'océan Indien, voir Libé d'hier), avait menti, en prétendant que cette île était inhabitée. C'est faux, dit le Département d'Etat, nous avons fait savoir, dès 1970, au Congrès que l'île était habitée ! Et que dire de la « pauvreté abjecte » (Washington *Post* dit) dans laquelle vivent les déportés de Diego Garcia ? Ce n'est pas notre problème, répond le Département d'Etat, c'est celui des Anglais. Les Anglais, eux, ont déjà fait savoir que pour eux, l'affaire était réglée, que le sort des Diego-Garciens exilés à l'île Maurice concernait désormais le gouvernement de cette île.

Djibouti : Ali Aref sur la
pente d'Abdallah ?

Ali Aref, le président du conseil de gouvernement du Territoire français des Afars et des Issas, a fait, jeudi, sa rentrée politique. Restant dans le vague quant au contenu des entretiens qu'il vient d'avoir avec Giscard, et se contentant d'annoncer qu'il en aurait de nouveaux, Aref a déclaré froidement qu'il était « toujours prêt au dialogue », mais qu'il ne serait « jamais d'accord avec ceux qui prêchent la violence ». Dans sa bouche, ça ne manque pas de piquant. Le plus important, c'est qu'il a déclaré que « le moment était venu de se tourner vers l'avenir » et qu'il allait « prendre contact avec l'OUA, en vue de préparer l'ultime étape de notre évolution politique ». Il s'agissait bien sûr d'un lapsus, il voulait dire « de mon évolution politique ».

Depuis le soulèvement du mai dernier, réprimé dans le sang par les gendarmes et légionnaires français, Aref parle d'indépendance, pour couper l'herbe sous le pied de l'opposition patriotique. Il devrait méditer l'échec de son collègue Abdallah au Comores, qui avait cru s'en tirer à bon compte en proclamant l'indépendance après avoir exercé sa dictature pendant des années.

Zaïre : Mobutu contre
les lycéennes

Au terme d'une loi promulguée jeudi dernier par Mobutu, les lycéennes des classes terminales qui n'ont pas été reçues aux examens d'Etat pour l'année scolaire 1974-75 sont « réquisitionnées » et « mises à la disposition du commandement d'Etat la Défense ». Les lycéennes sont « tenues de se présenter au beau de gendarmes de leur zone respective dans les trente jours ».

Italie : John « Golpe »
récidive

L'ambassadeur américain à Rome, John Volpe, « Golpe » pour les intimes, fait à nouveau couler de l'encre. Acte I : dans une interview à un hebdomadaire, il qualifie le PCI de « force non démocratique », dont l'accès au pouvoir serait en contradiction avec le maintien de l'Italie dans l'OTAN. Emotion dans les « milieux politiques ».

Acte II : des sénateurs communistes interpellent le gouvernement sur cette « ingérence inadmissible dans la vie politique du pays ».

Acte III : on apprend que le leader socialiste De Martino a eu un entretien avec « Golpe » pour examiner l'éventualité d'une visite aux Etats-Unis.

Acte IV : Le Secolo, organe du MSI, néo-fasciste, s'indigne de la « scandaleuse contradiction » entre ce projet de voyage et les « dures attaques » des socialistes qui réclament le départ de Volpe. Le MSI, au moins, il n'en a pas, de contradictions.

La tribu Manson fait
trembler l'Amerikkke

« Exxon, ITT, Standard Oil, Union Oil, Gulf Oil, quittez ce pays ou vous serez tués... Nous voulons vivre, laves, monstres... Quittez le pays ou vous serez tués... » Ceux qui polluent la terre, détruisent la nature ou abattent des arbres feraient mieux d'arrêter aujourd'hui, sinon eux et leurs femmes seront horriblement massacrés ».

C'est Sandra Good, vêtue de la longue robe rouge des membres de la tribu Manson, qui parle. Cela se passait jeudi à Sacramento, où commençait le procès de Lynne Fromme pour tentative d'assassinat contre Ford. La veille, un représentant de Dow Chemical (fabricant de napalm) avait reçu un coup de fil d'une fille se réclamant de la tribu et le menaçant de mort. Selon Sandra Good, les « Manson » ont dressé la liste de soixante-quinze pollueurs et massacrés à abattre. L'Amerikkke tremble, mais « qui sème le vent récolte la tempête ».

Portugal: « Il est fini le temps des œillets »

4 - UN CONTRE - CHILI

Lisbonne, le 12 septembre 75 (de notre envoyé spécial).

Le major Torné est le commandant en second de la police militaire de Lisbonne. Jeudi soir, comme beaucoup de Portugais, il a suivi à la télévision un montage sur l'Unité populaire au Chili. L'un des documents présentés par la télévision portugaise était consacré à l'armée chilienne, quelques mois avant le putsch du 11 septembre. On la voyait défilait au pas de l'oeil, dans une attitude martiale. Et le major de s'écrier : « Avec une telle parade, c'était normal. La parade s'élevait derrière encore des soldats », il ajoute : « L'indiscipline de l'armée portugaise depuis le 25 avril est peut-être l'aspect le plus important de notre révolution ».

Que ce soit l'image des soldats de la région militaire de Porto, manifestant mercredi soir, malgré les ordres de leur commandant, en scandant : « Les soldats seront toujours, toujours aux côtés du peuple », « Le Portugal ne sera pas le Chili de l'Europe », ou cette exposition sur le Chili de l'Unité populaire, organisée par le service de dynamisation interne du régime de police militaire dans les locaux de la caserne, tout indique que l'armée portugaise vit, elle, à l'heure du contre-Chili.

L'indiscipline de l'armée portugaise et la part de pouvoir prise par les soldats dans les régiments, don 11 du temps aux pouvoirs populaires de base pour s'organiser. Et le temps dans une révolution est le bien le plus précieux. L'initiative qui, dans l'armée, semble appartenir depuis quelques jours aux soldats, aux dépens des officiers — au pire en débauchant l'armée pour d'éventuelles aventures politiques et au mieux en mobilisant l'armée pour réprimer ces mêmes aventures — ouvre un

espace et garantit une période de temps au processus de révolutionnarisation.

L'ABANDON DU NORD ?

« Les agressions commises par le Parti communiste dans ces régions où l'Eglise entretient le fanatisme et l'individualisme, ajoutées au paternalisme du MFA et à l'indifférence et de la gauche révolutionnaire et du gouvernement — la réforme agraire n'existe pas pour les paysans pauvres du Nord — ont fait reculer la révolution dans cette moitié du pays. Et cela a aussi permis le retour en scène de ces despotes idéologiques de villages que sont le clergé et les vieux caciques du fascisme. Cette situation est encore aggravée par le retour des réfugiés d'Angola, des petits blancs qui se dispersent dans les villages d'origine de leurs familles, semant au passage la rancœur et la haine contre le régime issu du 25 avril, responsable, selon eux, de l'abandon des anciennes colonies.

Si l'on ajoute à ce tableau les difficultés de la réforme agraire dans le Sud, où le prolétariat rural domine, la situation dans les campagnes est mauvaise, alors que la paysannerie portugaise représente le tiers de la population active. Dans le Sud, des petites fermes ont souvent été occupées, au mépris de toute réflexion sur les alliances de classe à la campagne, et malgré les efforts des centres de réforme agraire.

L'échec de la réforme agraire au Chili a été un facteur qui a pesé lourd dans le rapport de force au moment de l'affrontement. Les paysans avaient pris leurs distances vis-à-vis du régime d'Allende et ouvert un espace dont la réaction a naturellement profité. Paradoxalement, les seuls qui se soient soulevés du Nord ont été les

militants du MRPP, paradoxalement ou plutôt malheureusement.

Et si, au Sud, la nouvelle génération de militants sans-parti qui animent les centres de réforme agraire, fait un travail exceptionnel d'implantation et s'attaque à la résolution de principales contradictions, ils ne sont encore qu'une petite poignée.

L'HISTOIRE AU FRIGO

Les Portugais ne connaissent pas le Chili. La révolution portugaise se trouve géographiquement et historiquement aux confins de toutes les expériences révolutionnaires, qu'il s'agit de la contestation issue des métropoles impérialistes, celle des mouvements de libération du Tiers-Monde, jusqu'au modèle soviétique et même jusqu'au rêve de François Mitterrand. Cette révolution est paradoxale, fermée à l'histoire critique. Cinquante années de fascisme ininterrompu ont créé un tel manque à penser, ont entraîné un tel étouffement culturel et politique, que le 25 avril 74 a trouvé les forces populaires et révolutionnaires ignorantes de l'histoire critique des révolutions, comme de leur propre histoire. Le peuple portugais est un peuple qui ne connaît pas son histoire. C'est peut-être pourquoi on retrouve l'ensemble des discours révolutionnaires : marxistes-léninistes, trotskistes, spontanéistes, de manière outrancière. Même le Parti communiste est la réplique caricaturale des partis communistes que nous connaissons en Europe, tout comme Mario Soares est la caricature de François Mitterrand. Avec une boulimie intellectuelle et politique, les mots les plus usés ont été pris au pied de la lettre.

Et si, au Portugal, l'expression

« social-fasciste » est passée dans le langage courant, pour désigner les communistes, on y pratique aussi le vieux culte de la personnalité. On vend, dans les rues de Lisbonne, des badges au portrait d'Arnaldo Matos, le dirigeant du MRPP mais aussi à l'effigie de Primo Inacio, dirigeant de la LUAR, ceux de Mano Soares et d'Alvaro Cunhal. Tout comme on pouvait lire, dans la presse portugaise, des reportages sur le « paradis » de l'Europe de l'Est. Des reportages qui, en France, feraient rire jusqu'aux militants communistes.

En fait, les Portugais sont en train de parcourir au pas de course l'histoire moderne des révolutions et, pas à pas, de se faire leur propre idée. En quelques mois, ils auront fait un bout de chemin avec le PS, puis avec le PC, et enfin un bout de chemin avec l'extrême-gauche. En quelques mois, ils ont beaucoup appris, et le nouveau gouvernement de coalition ne sera jamais la répétition des anciennes coalitions gouvernementales, quelle que soit la permanence des hommes. Tout simplement parce que le peuple a plus de pouvoir qu'auparavant.

Serge JULY

LE COP CON N'EST PAS
L'OTAN

Une erreur malencontreuse nous avait fait écrire comme deuxième intitulé dans l'interview du major Torné et du capitaine Metos Gomes, publié dans Libé du 11 septembre, « Les Neuf et l'OTAN ». C'est évidemment « Les Neuf et le COPCON » qu'il fallait lire, ainsi que nos lecteurs auront rectifié d'eux-mêmes.

Chronique portugaise de Condeixa-a-Nova



En attendant le car pour Coimbra (T.W./Libé)

1- Le centre du Portugal

Condeixa-a-Nova, Condeixa-la-neuve, n'est pas le milieu du monde mais, presque, le centre du Portugal. Géographiquement d'abord, socialement ensuite. Une municipalité moyenne comme on parle du « Français moyen ». Ni ancrée dans le Sud du pays révolutionnaire, ni attachée au Nord réactionnaire. Condeixa-a-Nova vit à son rythme, à sa façon, le processus du « Portugal novo ».

Coimbra, ville universitaire, fierté de l'intelligentsia portugaise, n'est qu'à 15 kilomètres. Pépinière d'universitaires mais aussi de technocrates et d'hommes politiques. Bastion du monde étudiant qui fut une sorte « d'oasis des libertés » pendant 50 ans de fascisme. Libertés certes étroitement surveillées mais libertés quand même, comparé au reste du pays. Coimbra est aussi la capitale de ce centre du Portugal. C'est dans son district, département portugais, qu'on trouve Condeixa-a-Nova.

Mis à part le nombre de jeunes attirés par la « ville intellectuelle », cette proximité n'a presque pas d'influence politique. Condeixa reste bien loin des conflits idéologiques agitant d'ordinaire les milieux universitaires. En ce domaine, les 15 kilomètres séparant les deux villes paraissent mille lieux. Peut-être à cause de la demi-heure d'autocar nécessaire pour les relier. Seul moyen de transport emprunté par tous : les jeunes étudiants, les travailleurs et les femmes qui vont vendre fruits et légumes au marché. Beaucoup de monde qui se retrouve matin et soir dans des autocars bondés.

Quinze kilomètres de nationale 1. Celle qui va de Lisbonne à Porto. Nationale 1 qui semble diviser artificiellement la municipalité de Condeixa. Ce sont pourtant deux pays bien différents de part et d'autre. La montagne à l'ouest, la plaine à l'est. Agriculture de la terre en bas. Petites propriétés à droite, latifundia à gauche. Emigration journalière des gens de la montagne vers Coimbra, travail au champ des gens de la plaine. Diversité en partie explicable par l'étendue de la municipalité de Condeixa-a-Nova. Personne, y compris le maire, n'a pu m'en donner la superficie exacte. Mais avec quelques 30 kilomètres de long et 25 de large, son « territoire » couvre 80 villages. Quarante-vingt fois l'occasion d'être différent comme j'ai pu le constater.

Un « territoire » comprenant aussi dix « freguesias » ou dix « paroisses ». Vieille comptabilité administrative héritée du fascisme. Dénomination qui peut-être, à cause de l'importance, du prestige de l'Eglise dans la région. On vit encore dans un nombre de villages de la municipalité sous l'autorité d'un curé qui n'a, bien souvent, pas été changé depuis le 25 avril. Résistance au processus comme par exemple ce portrait de Salazar dans la pension où j'ai séjourné.

Et puis, à côté de cela, des commissions de moradores (habitants) dans quelques villages, des commissions de travailleurs dans les trois seules entreprises installées dans la municipalité, toutes en autogestion. Des avancées révolutionnaires en quelque sorte.

Enfin, autre composante essentielle du « paysage » politique de Condeixa : les jeunes. Enfants du pays, tous plus ou moins étudiants à Coimbra, leur pratique politique paraît s'inspirer du « servir le peuple » de Mao. Que ce soit par le biais de clubs, d'associations ou même de groupes politiques, ils font bien souvent un remarquable travail d'aide, de soutien et de conscientisation des habitants de la municipalité. « Travail politique » nécessaire dans cette région où les gens sont plus ignorants que réactionnaires.

Population de 15 000 habitants finalement très composite, où l'on retrouve tout ce qui fait la richesse, l'originalité du peuple portugais. Pour ça, Condeixa-a-Nova est bien une municipalité moyenne et un peu le centre du Portugal.

Thierry WOLTON
(Demain : Le passé présent)

INTERNATIONAL

Portugal : « Il est fini le temps des œilletons »

AVEC LA POLICE MILITAIRE DE LISBONNE

(Suite de la page 1)

Sous les arbres, dans la douce tiédeur de l'été, au fond de la cour de la caserne de l'ancien régiment des lanciers N° 2, à deux cents mètres du palais présidentiel de Belem, où Costa Gomes « trame » la composition du 6^e gouvernement, 500 soldats de la police militaire assis en cercle, tiennent leur assemblée générale.

Depuis mardi, ils sont ainsi en assemblée quasi-permanente. Lundi soir, à l'issue de sa réunion, le nouveau Conseil de la révolution a en effet, décidé de prendre des mesures disciplinaires contre le régiment de police militaire, à la suite de la décision de ce régiment, avec le soutien de son commandement, d'empêcher l'embarquement pour l'Angola de deux compagnies. Ce régiment qui compte en moyenne 1 700 hommes, qui disposent d'un armement considérable en charnières (fourgons blindés) en auto-mitrailleuses et en jeeps blindés, est numériquement le plus important de Lisbonne. Avec le Ralis, l'EPSEM de Lisbonne, il compte parmi les régiments les plus politisés ; il constitue au sens politico-militaire du terme, la base d'appui révolutionnaire des commissions de travailleurs et de moradores de cette banlieue de Lisbonne. C'est pourquoi la lutte contre l'embarquement en Angola de ce régiment est actuellement suivie à Lisbonne comme l'une des composantes principales de la situation politique, définie par la tentative des officiers du groupe des « neuf » de restaurer la hiérarchie et l'autorité militaire.

L'ELECTION DES COMMANDANTS

L'actuel régiment de police militaire de Lisbonne est le produit de la fusion de deux régiments : le régiment de cavalerie 7 et le régiment de lanciers N° 2 traditionnellement chargés de la police militaire. Cette fusion a été réalisée au lendemain du 11 mars 75. Auparavant, rien ne distinguait vraiment ces deux régiments. Un colonel très conservateur, le colonel Galliano, Tavares dirigeait le régiment et, dit un soldat : « Avant et après le 25 avril, c'était la même chose à la caserne sinon que dans toute l'armée, le service militaire avait été réduit à quinze mois ». Après le 28 septembre : « Les soldats commencent, selon un sergent, à sentir l'influence des courants politiques et ils se battent pour obtenir de meilleures conditions de vie ». Alors que les soldats faisaient auparavant un jour de service, suivi d'un jour de repos, après le 28 septembre ils obtiendront de faire un jour de service alterné

avec trois de repos consécutifs. Une assemblée générale du régiment épure le colonel. Les deux régiments sont réunis et deux officiers, l'un du RC 6 et l'autre du RL 2, sont respectivement élus deuxième et premier commandants. Il s'agit des majors Tome et Campos Andrade. Autre décision de ces assemblées de mars, les mess sont désormais communs aux soldats, aux sergents et aux officiers.



Première démonstration des « comités de soldats » à la manifestation de Porto mercredi 10 septembre (Normal)

LE MFA ET LES SOLDATS

C'est à cette époque que l'assemblée extraordinaire du MFA qui siège au soir de la tentative spinoïste du 11 mars, décide de transformer l'AG du MFA et d'y faire entrer des représentants des soldats. Le MFA crée alors deux organismes : l'ADU et le GDU. L'ADU est l'assemblée des délégués d'unité. Chaque classe y envoie ses délégués. Ils sont soixante pour le RPM. Les soldats sont statutairement majoritaires, mais les officiers restent présents à toutes les réunions. Ils parlent beaucoup, estiment les soldats ; et très rapidement, ceux-ci s'aperçoivent qu'ils n'ont aucun pouvoir. Dans la pratique, l'ADU qui a un rôle délibératif n'a pris à peu près aucune décision concrète.

L'autre structure mise en place par le MFA est le GDU, le cabinet de dynamisation de l'unité dont les membres sont désignés par les délégués de l'unité à l'assemblée du MFA, c'est-à-dire en général les officiers progressistes. Le GDU organise des projections de films, des expositions, comme cette exposition sur le Chili de l'Unité populaire au titre évocateur : « Les résultats de la théorie du passage pacifique au socialisme ». Le GDU est également en liaison étroite avec les commissions de travailleurs et de moradores et avec les soldats des autres unités.

A travers les GDU et les ADU, une génération d'activistes a surgi parmi les soldats.

En juillet, le régiment décide d'ouvrir le restaurant sans distinction de grade. Officiers et soldats mangent à la même table, le même repas, sans manifestation extérieure de paternalisme ou de condescendance. A la table où nous avons déjeuné, comme dans n'importe quelle

Le régiment participe enfin massivement à la manifestation du 20 août, de soutien au document du Copcon.

LES COMMISSIONS DE SOLDATS

Puis, simultanément, éclate l'affaire de ces deux compagnies qui doivent embarquer pour l'Angola. La lutte commence dans les deux compagnies concernées. Les soldats qui ne veulent pas partir se dotent

cantine d'entreprise. Les soldats plaisaient avec le major Tome, moins facilement peut-être qu'avec un autre soldat. J'ai demandé au major si la remise en cause de la vieille hiérarchie militaire lui avait permis de lier des relations amicales avec des soldats. Il lui arrivait de revoir des soldats en dehors du régiment, il m'a répondu : « Pas encore, c'est trop tôt, mais je l'espère ».

PEUPLE-SOLDATS

Le 11 mars provoque aussi le développement des organisations unitaires de base dans les quartiers et les usines. A deux cents mètres de la caserne, un palais abandonné depuis 25 ans, fut alors occupé par une commission de moradores, pour y créer une crèche populaire. Les soldats de la PM, sur la base du volontariat, ont alors profité de leurs jours de repos pour prendre part à la réfection du bâtiment : des jeeps ont servi à transporter les matériaux et les soldats, ont refait les peintures et reconstruit les murs. Les réunions sont fréquentes entre les commissions de travailleurs et les délégations de soldats. Le régiment en assemblée générale après discussion s'est prononcé contre le document des « neuf » et pour le document du Copcon, à la condition, me précise un officier militaire, « qu'il soit immédiatement mis en pratique ».

de commissions, exclusivement composées de soldats, pour organiser la lutte. Ces commissions décident de manifester dans les rues de Lisbonne. Beaucoup de soldats les y accompagnent.

L'assemblée du régiment de PM se solidarise avec les deux compagnies, puis en fait sa propre lutte. Le commandement, signataire du document du Copcon, adhère au mouvement.

Cette lutte contre l'embarquement, est à l'origine des progrès que l'organisation « démocratique des soldats a faits » commente un soldat dans le mess où sont affichées deux citations, l'une de Karl Marx, l'autre de Fidel Castro.

La décision du Conseil de la révolution de prendre des mesures disciplinaires, précipite les événements, mais l'assemblée de l'ADU, tournée à l'affrontement. Le MRPP actif dans le mouvement contre l'embarquement en Angola, a mobilisé « ses » commissions de travailleurs et de moradores, et le comité des étudiants en droit, sa place forte. Les soldats demandent pour eux le droit d'intervenir et même de voter. Les soldats du MRPP critiquent l'opportunisme du major Tome et demandent son éloignement du régiment. Cette assemblée est manipulée, et l'ADU convoke pour le lendemain une assemblée générale du régiment. Elle durera de 10 heures du

matin à 20 heures. La grande majorité des soldats décide de renouveler leur confiance au premier et au deuxième commandant, de condamner les tentatives de division ; elle se prononce contre la loi du silence promulguée par le Conseil de la révolution, et pour la restructuration de l'organisation démocratique du régiment.

Un officier militaire commente la réunion : « C'est mon opinion : des éléments opportunistes — il mettra une demi-heure avant de dire qu'il s'agit du MRPP — qui ont soutenu la lutte des soldats contre les embarquements, par leur sectarisme, ont tenté de dévier la lutte des soldats. En fin de compte, ils ont voulu faire la même chose que le Conseil de la révolution, c'est-à-dire de démettre les premiers et deuxième commandants. Ils ont traité Tome d'opportuniste et de social-fasciste, parce que dans une étape antérieure du processus révolutionnaire et de la décolonisation — il était partisan que l'armée portugaise reste en Angola jusqu'à l'indépendance. Aujourd'hui le major fait l'union avec les soldats. Cette union, les soldats la considèrent comme décisive pour leur lutte. Un soldat ajoute : « On ne peut pas supprimer les points de vue partisans. Il faut lutter dans la pratique, pour l'organisation démocratique. C'est ce qui nous intéresse. Les soldats ne veulent pas de parti, ils savent qu'un parti lutte pour lui-même, mais nous avons un sentiment de justice qui nous conduit vers des mesures pratiques envers des soldats démocratiques. D'ailleurs, les soldats n'ont pas voulu que le MRPP mette son point de vue partisans ici. Ils ont décidé d'exclure du régiment un militaire du MRPP, le « furel » (sergent-chef) Alexandre.

La « restructuration révolutionnaire » du régiment, si elle maintient l'assemblée des délégués, institue les commissions de soldats autonomes par escadron (à peu près 200 hommes) formées des différents délégués élus dans les pelotons. Enfin, le GDU va être également restructuré : ses éléments seront élus par les différentes assemblées de classe. A l'issue de l'assemblée le major devait déclarer : « Il y en a dans notre régiment, une juste lutte des soldats, appuyée par des éléments partisans. Ce qui est négatif, c'est que ceux-ci avancent maintenant des formes de lutte aventuristes et divisionnistes, ignorant tout de la situation du pays. Cela aurait pu briser le mouvement des soldats dans tout le pays, alors que ce mouvement est la garantie que nous ne retournerons pas au fascisme ».

Serge JULY.

Il est fini le temps des oeilleux

VI-LES REBELLES DE REPUBLICA, 100 JOURS APRES

Samedi, 13 septembre. La crise de l'été commence ici, au 116 de la rue de la Misericórdia, dans un vieil immeuble à demi-délabré. Le 19 mai 1975. Le journal, dirigé par les socialistes, avec des capitaux socialistes, est devenu le refuge des journalistes socialistes et « l'organe du PS, en quelque sorte ». La commission des travailleurs conteste ce monopole exclusif et tout ce qui va suivre est déjà inscrit. L'extrême-gauche et le PCP (le PCP est très, très minoritaire : dix-huit personnes sur plus de cent-soixante) s'opposent au PS. En position de faiblesse, Mario Soares et les socialistes réussissent à retourner une grande partie de l'opinion portugaise ; et surtout l'opinion mondiale, contre les rebelles de *Republica* qui ont séquestré le directeur du journal.

Pour détendre leur monopole sur *Republica*, les socialistes vont mettre en accusation le monopole exorbitant que le PCP s'est constitué, sur la majeure partie des organes de presse et de communication. Et sur sa part, l'extrême-gauche révolutionnaire ne reconnaît dans les faits qu'un seul monopole, celui du PS, et ignore tout semblant d'ignorer celui du PCP.

Régulier, l'extrême-gauche, pour la majeure partie du nord du pays, sera démolie au PCP. Identification que le soutien donne à Vasco Gonçalves le 28 août par la plupart de ces organisations ne fera que confirmer. Cette extrême-gauche ignore en général le langage de la liberté. Conséquence directe sur la lueur de *Republica* : la commission coordinatrice des travailleurs se bat en porte à faux ; elle doit perpétuellement démontrer qu'il ne s'agit pas d'une nouvelle manœuvre du Parti communiste.

Une minorité sans conviction. Mais la petite-bourgeoisie urbaine et paysanne le sera d'autant moins que le langage de la commission coordinatrice des travailleurs apparaît comme dogmatiquement ouvriériste.

Le 10 juillet, *Republica* repartait. Le Conseil de la révolution a légalisé cette « loi des travailleurs », en nommant une commission administrative de trois officiers, dont le directeur : le colonel Jorge Pereira de Carvalho.

Mario Soares saisit cette réparation comme prétexte pour quitter le gouvernement : la crise va ébranler tout le régime. Et si, demain, Mario Soares ne retrouve pas *Republica* dans la corbeille de mariage gouvernementale entre les partis de la coalition du gouvernement de l'amiral Pinheiro de Azevedo, si *Republica* a acquis une nouvelle existence, qui est un fait tangible, Mario Soares sortira tout de même vainqueur de cette crise. Il aura provoqué la chute de Vasco Gonçalves et obtenu la reconnaissance de « son » pluralisme démocratique, qui est la clef de voûte du sixième gouvernement. Son pluralisme est à droite. Il serait à gauche si les révolutionnaires avaient défendu une conception un peu plus démocratique que ne l'est la dictature du prolétariat, qu'ils promettent au peuple qui, manifestement, n'en veut pas. La démocratie, c'est toujours le rapport entre les classes intéressées dans le processus révolutionnaire.

UNE JOURNÉE A « REPUBLICA »

Il est 8 heures. Cette rue montante du centre de Lisbonne grouille déjà de monde. Les rédacteurs arrivent. Les chefs de la rédaction arrivent à 9 heures, le colonel à 10 heures. Une réunion de coordination a lieu à 10 h 30 entre les responsables de la rédaction, le chef-typo et la commission politique du journal, composée de trois travailleurs et du colonel directeur. Ils organisent le plan du journal. A 13 heures, le journal sera bouclé et à 13 h 45, la rotative, offerte en 1963 par les lecteurs antifascistes pour sauver leur journal, sortira ses premiers numéros. Cent soixante personnes auront collaboré à leur fabrication. Un comité de rédaction se réunit une fois par semaine — le vendredi, après-midi — avec les journalistes et la commission politique, qui fonctionne comme la direction politique quotidienne du journal.

Le 10 juillet, le journal repartait sur la base d'une charte, un statut voté par l'ensemble des travailleurs et qui tourne autour des idées-force : « *Republica* est un journal dirigé par les travailleurs ».

A partir de là, il faudra tout inventer, y compris cette définition du journal. Le handicap est terrible : 6 millions d'écus de dettes, laissés par l'ancienne direction, et surtout une rédaction qui se réduit aux deux seuls journalistes qui sont restés aux côtés des travailleurs, dont l'actuel responsable des pages politiques. « Au début, dit-il, j'ai soutenu la direction. Après j'ai vu que c'était simplement une opération du PS, alors j'ai décroché. »

Manque de moyens, manque d'hommes, et surtout, l'héritage laissé par le fascisme : cinquante ans de censure ont réduit en général le métier de journaliste à celui d'employé de bureau rivié sur une chaise avec un pot de colle. Interdit de penser et d'enquêter. La presse portugaise est à réinventer. La seule qui ait une existence réelle est la presse inspirée par la bourgeoisie moderniste, parce qu'elle a une idéologie, qu'elle a fait ses classes en Europe, et qu'en plus, elle a les moyens financiers. Cela donne l'hébdomadaire *Expresso*. Le seul atout de *Republica*, c'est le soutien des commissions d'organisation de base, de quartiers, d'usines et de casernes. Lorsqu'il redémarre, le journal n'a aucune autonomie : il est tout simplement gouvernemental.

Le changement s'opère avec le développement de la crise politique et avec l'arrivée de nouveaux rédacteurs. Sept professionnels au total, douze stagiaires. Toutes les catégories de l'extrême-gauche y sont représentées, comme elles le sont à la fabrication, chez les « travailleurs ». Tous ces journalistes ont en commun leur liaison à des pratiques militantes. Le responsable de l'Internationale est militant du PAIGC et journaliste depuis quatorze ans. Le responsable des pages « *Travailleurs et moralistes* » vient de la télévision, et il a joué un rôle actif dans le développement des commissions de travailleurs.

QUI A LE POUVOIR A « REPUBLICA » ?

J'ai assisté à une scène significative. L'hébdomadaire *Expresso* venait de faire paraître une interview de l'un des signataires du document des « Neuf », le capitaine Sousa e Castro, sur la restauration de la discipline dans l'armée. Un journaliste fait un papier d'humeur intitulé : « *Sousa e Castro continue à mentir* ». Le pamphlet est saignant.

La commission politique se réunit normalement, pour discuter tous les articles d'opinion devant paraître dans le journal, avec les rédacteurs concernés. Les trois travailleurs de la commission sont d'accord avec le pamphlet du journaliste sur le capitaine Sousa e Castro, mais pas le directeur. Le colonel Pereira de Carvalho, 57 ans, le visage ridé par les guerres coloniales, était connu dans l'armée pour sa passion à publier des journaux de régiment. Après le 11 mars, c'est lui qui fut chargé de l'enquête sur la tentative de coup d'Etat spinoïste. Le Conseil de la révolution le met à la tête de *Republica* parce qu'il ne peut pas être accusé d'être communiste. Celui

Le blocus économique de *Republica*

Le Conseil de la révolution a refusé lundi à *Republica* la possibilité de contracter un emprunt de 9 millions d'écus, c'est-à-dire le montant des dettes actuelles du journal, dont six millions étant le passif laissé par l'ancienne direction. Dans son édition de lundi soir, le journal commente cette décision : « Le blocus de *Republica* décidé par la social-démocratie, est aujourd'hui avalisé par le gouvernement actuel. *Republica* serait-il le prix à payer pour la nouvelle coalition gouvernementale ? A *Republica*, nous savons que nous ne pouvons compter que sur l'appui et la solidarité de la classe ouvrière et des masses populaires ; *Republica* est aujourd'hui plus que jamais entre les mains du peuple et c'est le peuple qui tranchera. »

Le Conseil de la révolution ne pouvait pas s'attaquer frontalement à *Republica*, sans que cela passe pour une répression brutale, c'est donc la méthode du boycott économique qui a été choisie pour réduire le journal au silence. Pourtant l'équipe de *Republica* était mardi, optimiste, elle a des réserves de papier pour deux mois et cette décision a provoqué un mouvement de soutien spontané au journal. Des motions sont votées par les commissions de base, et le téléphone sonne de manière ininterrompue. Pour Jorge, journaliste, « une excellente occasion pour poser le problème du contrôle ouvrier dans les banques nationalisées ».

Pour soutenir *Republica*, envoyez les mandats au journal à : « *Journal Republica* », rue de la Misericórdia, 116, Lisboa, 2 PORTUGAL.



L'atelier de *Republica* (Photo Gamma)

que l'un appelle ici « Monsieur le Directeur », n'est pas d'accord avec l'article. « Le capitaine Sousa e Castro n'est pas un menteur. On peut le critiquer, dire qu'il est réactionnaire, mais on ne peut pas dire que c'est un menteur. Parce que c'est un garçon qui dit ce qu'il pense et qu'il porte beaucoup ». Le colonel, qui prend manifestement un réel plaisir à participer à l'expérience de *Republica*, développe ses considérations tactiques sur le moment politique. Il l'empêche sans convaincre vraiment. L'article est modifié et son titre devient : « *Sousa e Castro insiste* ». Le colonel commente ce petit événement : « Il y a des opinions différentes, mais pas de conflit. Quand il y a des positions totalement contradictoires, l'unique solution est de ne pas publier l'article. Tous les textes sont publiés sous l'entière responsabilité du journal. Il n'y a pas de signature à *Republica*, pour éviter d'avoir trop de textes qui se contredisent. Si nous voulons être la voix des travailleurs, il faut être de gauche ; mais il faut avoir une définition de la gauche, ce qui est de la gauche et ce qui n'en est pas, et cette définition, nous ne l'avons pas. »

Car tel est bien le problème central de *Republica*.

En deux mois, *Republica* est devenu indépendant. C'est sa principale conquête. « Les autres journaux donnent la priorité au sommet aux états-majors. Nous, nous voulons aborder la politique à partir de la base, ses besoins réels », dit un journaliste. Il est devenu en deux mois le seul journal indépendant. Il a été successivement attaqué par le PCP, le MRPP et le FUR (Front d'unité révolutionnaire qui groupe six organisations d'extrême-gauche). Au moment de sa création, le FUR a essayé de faire de *Republica* son organe. Les travailleurs ont refusé. Le responsable du secteur politique raconte comment son point de vue en travaillant à *Republica*, s'est modifié : « Je suis militant d'une organisation d'extrême-gauche, la FUR. J'ai maintenant une vision plus proche de celle des travailleurs et moins filtrée par le point de vue d'une organisation qui, en tant que telle, tend toujours à se valoriser. »

Si les journalistes se sont transformés, les ouvriers aussi. Le chef monteur-typo, membre de la commission politique du journal, dit : « C'est la première fois que les travailleurs demandaient de briser les frontières entre travailleurs et intellectuels. Le plus important pour

nous, c'est d'intervenir quotidiennement dans le travail politique. Au début, il y avait une méfiance réciproque, on ne se connaissait pas et les travailleurs avaient toujours considéré les journalistes comme une autre classe. »

TROP DE FRAGILITÉ

Le pouvoir, à *Republica*, est aux mains d'une alliance, entre le colonel et les deux autres militaires d'une part, les travailleurs de *Republica* d'autre part, et enfin les journalistes.

Cette alliance, cet apprentissage réciproque, cet échange pratique entre intellectuels et travailleurs est rare au Portugal. Il existe à *Republica*. L'indépendance du journal est liée à un véritable culte des bases et du pouvoir populaire. *Republica* a adhéré à l'orientation définie par le document du Cop Con. Il est vrai que le journal reçoit quotidiennement beaucoup de textes, émanant de commissions, qui sont publiés en page 3, mais aussi des communications et beaucoup de petites informations, amenées par de nombreux visiteurs. Alexandre Oliveira, le chef de rédaction, en passe le maximum.

Republica soutient des luttes, les luttes qui vont de soi, serait-on tenté de dire : les soldats de la police militaire, les occupations de terre, etc., les prisonniers de droit commun qui viennent de se soulever dans une prison du sud du pays pour de meilleures conditions de vie.

Mais l'indépendance du journal ne va pas encore jusqu'à ouvrir un débat sur la crise de l'été, sur la portée de l'alliance ou non avec le PCP... : « Nous sommes encore trop fragiles », dit Alexandre Oliveira. Tout comme le manque de moyens empêche de lancer de grandes enquêtes sur le mécontentement dans le Nord ou sur les difficultés de la réforme agraire. C'est malheureusement ce type d'enquête qui manque le plus au Portugal, à l'heure où la gauche révolutionnaire prénée des schémas d'autres temps et d'autres lieux. Pour devenir ce journal, *Republica*, qui est déjà indépendant, devrait recevoir le soutien de tous les intellectuels apatrides engagés dans le processus : que ce soit dans les centres de réforme agraire ou dans les casernes. C'est ce type d'intellectuel qui manque le plus à *Republica*, car au Portugal, il n'y a pas de solution révolutionnaire en dehors d'une invention permanente.

Serge JULY

INTERNATIONAL

Chronique portugaise
de Condeixa-a-NovaV-Antonio,
le politique

Comme beaucoup de Portugais, Antonio est petit. Ses lunettes et son visage fin lui donnent un petit air d'intellectuel. Un petit air, seulement. Antonio est ouvrier dans une entreprise de construction. Coimbra. Lui aussi possède un peu de terre qu'il cultive le soir après son travail. Moins d'un hectare au total morcelé aux quatre coins d'Alcaldade, village où il habite. Ou il a toujours habité. Je l'ai d'ailleurs rencontré avec les parents de sa femme, eux aussi du village. Famille réunie un dimanche pour la destruction d'une vieille maison, ancien relais de poste, où s'édifia plus tard le club des habitants d'Alcaldade. Donner son seul temps libre à ce travail est déjà un acte révélateur d'une certaine conscience politique. « Ce club est une nécessité pour nous. Nous n'avons même pas un café pour nous réunir. » C'est par ce biais que la discussion va prendre un tour politique. Antonio est timide et il ne faut pas brusquer les choses.

Peu de gens pour ce travail dominical. « Ils sont tous intéressés, ils ont donné de l'argent mais ne participent pas. Ils sont assez sceptiques, ils pensent que l'on ne fera rien parce que l'administration ne nous a jamais aidés au village. »

L'administration, terme vague qui recouvre aussi bien la municipalité, les autorités du district de Coimbra ou le gouvernement. L'ancienne administration, bien sûr, celle du fascisme qui a mis trente ans à construire le travail réclamé par les habitants.

Cela a-t-il changé ? « Les anciens caciques ont été remplacés par des caciques révolutionnaires, mais ce sont toujours des caciques. » Jugement sévère et sans appel. « Ou alors, les anciens caciques sont restés. Le prétre, par exemple, qui régit sur Alcaldade en véritable seigneur des consciences. » Antonio est volontiers antichrétien. Il y a de quoi quand on apprend que la confession sert au malinardage. « Il est possible que les gens se gardent de parler politique de peur que ce ne soit rapporté au curé. »

A grand coup d'obscureurisme religieux, les habitants restent alors dans l'ignorance. C'est ce qui les rend réactifs à défaut d'être réactionnaires. Cette ignorance générale fait de l'originalité de Antonio. Un homme qui s'est formé tout seul. A défaut d'être sympathisant du Parti socialiste, il a vite compris que ce parti ne défendait pas ses intérêts. Il est maintenant proche du Mouvement de la gauche socialiste (MES), mais n'a aucun rapport avec cette organisation. Antonio a pourtant une vision politique des choses. Il est connu pour cela dans le village. Respecté tout en étant tenu à l'écart comme un « pas de chez nous », comme « l'original » qu'il est.

Pour lui, il n'y a pas d'autorité révolutionnaire capable de s'opposer aux caciques locaux et d'aider ainsi le peuple à prendre ses affaires en main. « Il n'y a pas eu de modifications des structures administratives. Les autorités veulent simplement remplacer les anciens chefs pour profiter de leurs avantages. » Pour donner le pouvoir au peuple. Les caciques révolutionnaires qui sont au pouvoir ne peuvent pas faire, ils sont bloqués par les contre-révolutionnaires. A chaque niveau, de la municipalité au gouvernement, il y a cette contradiction entre révolutionnaires et contre-révolutionnaires. Donc aucune décision n'est prise, les revendications du peuple ne sont pas satisfaites. Alors, c'est la lassitude, le désintéressement. Ce sentiment, encore une fois, Antonio, cependant, est la seule personne rencontrée à avoir essayé de m'en expliquer les raisons. Lui aussi est un peu las. Las de voir que rien de fondamental n'a changé. « Par exemple lorsqu'un attend des heures dans une administration et qu'on voit quelqu'un d'important passer tout de suite pour régler ses problèmes, on se dit que c'est comme avant. »

A cela s'ajoute l'incertitude actuelle, de ne pas savoir comment le pays va évoluer politiquement. La peur réapparaît. J'ai été étonné d'entendre la femme d'Antonio répéter : « Pourquoi il parle, il ne sait rien. » Elle craignait manifestement quelque chose. Que son mari parle trop, qu'il aille en prison, que saisi-je encore ?

Mais il veut encore se battre malgré ce pessimisme. Ce travail, un dimanche, pour le club des habitants d'Alcaldade, en est la preuve. L'espoir de voir naître un jour un Portugal socialiste demeure. Des gens comme Antonio y croient. Tout comme ces ouvriers de la fabrique Berados. Ces ouvriers qui produisent des faïences artistiques en « autogestion » depuis que leur patron est parti.

T.W.

(Demain : La faïence en autogestion)

Portugal : « Il est fini le temps des œilletons »

VII- LA VICTOIRE
DU PROGRAMME COMMUN

(Suite de la page 1)

La formation de ce sixième gouvernement aura mis un point d'orgue, digne de la crise de cet été, à la résolution de la question du pouvoir. Belem, siège du palais présidentiel, était devenu, ces derniers jours, une sorte d'Elysée Troisième République, où, dans le secret absolu, s'est tenue la bourse des maroquins ministériels. Et où l'on a mis aux enchères les questions les plus difficiles du programme de gouvernement. Pourtant, ce style de dénouement est un révélateur. Après l'échec de la tentative d'hégémonie communiste sur l'appareil d'Etat, après la chute de Vasco Gonçalves à Tancos, qui a vraiment gagné ? Réponse : « Le pouvoir partit-daire », ou ce que nous appelons en France : « Le système des partis ».

LES FOUS DE MELO

On attendait les « Neuf », ce sont les partis qui ont débarqué.

Le projet de Melo Antunes et des signataires du document des « Neuf » avait pour objectif de rompre avec la tentative d'hégémonie communiste et de revenir aux sources du MFA, c'est-à-dire à un MFA autonome et supra-partidaire. Un MFA par « par opposition à un MFA manipulé par les partis et les groupes politiques ». C'était, selon ceux que l'on appelle parfois à Lisbonne « les Neuf fous du MFA », le seul moyen de réunifier et les forces armées et le peuple divisé par les partis. 80 % de l'armée les a suivis dans cette démarche les officiers. Effectivement, antifascistes pour la plupart, des nostalgiques de la vieille hiérarchie militaire, mais surtout tous ceux qui voulaient défendre l'autonomie du MFA, comme Otelo de Carvalho. Ce fut un raz-de-marée dans l'armée portugaise. Les « Neuf » proposaient alors un gouvernement à 80 % MFA, dirigé par Carlos Fabiao, chef d'état-major de l'armée de terre. C'est-à-dire un gouvernement à peu près exclusivement militaire et idéologiquement à mi-chemin des militaires péruviens et des militaires algériens.

La bataille eut lieu fin août. Contre les « fous du MFA », les gonzalvistes, évidemment, toute l'extrême-gauche, mais surtout tous les partis politiques sans exception. L'apprenti-Zeus qui a tiré toutes les ficelles est toujours chef d'état-major des armées et président de la République ; il s'appelle Costa Gomes. Il a joué les fractions les unes contre les autres et il a fait durer la crise politique plus qu'il n'était nécessaire et fini

par imposer la pseudo-asssemblée de Tancos qui a vu la chute de Vasco Gonçalves et qui lui a surtout permis de reprendre l'initiative sur les « Neuf », en engageant les négociations pour la constitution du sixième gouvernement. D'une certaine manière, Costa Gomes a floué les « Neuf ». Il a joué les partis politiques, leur coalition, et il a gagné. Les partis avaient besoin d'un chef militaire, ils l'ont trouvé. Depuis le début du processus portugais, les partis politiques se sont battus avec le MFA pour lui ravir son pouvoir. Maintenant, c'est fait, et ils vont régner.

CREER UN APPAREIL D'ETAT

Cunhal, après le 25 avril 1974, s'est très vite aperçu que le Portugal, à la chute de la dictature, avait avec la Russie tsariste un point commun : l'absence de tout appareil d'Etat, parce que celui-ci était absolument déglorifié aux yeux de la population. Une force politique décidée, disciplinée comme le parti bolchevique, pouvait s'emparer du pouvoir d'Etat très facilement. Cunhal a essayé de faire la même chose et a échoué. Ce putschisme n'est pas propre au PC. Il est très facile de voir, aujourd'hui, rassemblés aux yeux de la population, à la chute de l'Etat, l'appel au Portugal « la gauche révolutionnaire ». Celle-ci, le 25 août, aurait bien aimé, elle aussi, se lancer dans une aventure putschiste, neutraliser les têtes militaires du courant des « Neuf » et s'emparer de l'Etat. Cette tentative n'a pas eu lieu, pour la simple raison que les officiers révolutionnaires de l'armée ont refusé de les suivre.

Mais le fait est là : il n'y a pas d'appareil d'Etat centralisé au Portugal. Il n'y a que des morceaux ici et là. C'est le cas, par exemple, de la police, la PSP et la GNR, trop compromises avec l'ancien régime, haïes par la population, se limitent exclusivement à la circulation et aux tâches administratives, et c'est la police militaire et le Cop Con qui, jusqu'à présent, se chargeaient des tâches de service d'ordre, en application de ce principe que le MFA et les forces armées étaient la seule force en mesure de pallier partout l'absence d'appareil d'Etat. Mais le MFA est lui-même la proie de contradictions violentes. Bref, la crise politique a rejetté sur le MFA et sa « crédibilité s'est également dégradée. Le Portugal des affaires, comme le Portugal des « batailles de production » se sont heurtés à cette absence d'appareil d'Etat.

Cette particularité du « Por-

tugal novo » explique le développement exceptionnel qu'a connu « le pouvoir populaire des bases » qui prenait des morceaux de pouvoir pour résoudre localement les problèmes concrets de l'eau, de la construction, de la santé et de la production.

LA PROPORTIONNELLE

C'est pourquoi la classe politique, aujourd'hui, a pour problème n°1 la construction d'un appareil centralisé, sans lequel la machine capitaliste ne peut plus fonctionner. Les « Neuf » voulaient reconstruire l'autorité du MFA et des forces armées, rendre sa crédibilité à l'appareil au MFA, et faire régner la discipline : le pouvoir populaire était, pour sa part, trop faible pour prétendre au pouvoir et, aujourd'hui, le « pouvoir partit-daire » propose la pire des solutions pour cette reconstruction, mais la seule dont il dispose : le principe de la proportionnalité électorale, sur la base des élections à la constituante d'avril 75, appliquée à toutes les instances de l'appareil d'Etat. Le gouvernement pour commencer : les municipalités et la presse. Les propositions du PS, en ce qui concerne le pluralisme dans la presse, sont proprement hallucinantes, elles seront pourtant acceptées. Le PS propose que des conseils d'information soient créés dans les organes nationalisés, sur la base d'une représentation proportionnelle des partis. Ces conseils garantiront le pluralisme de l'information.

« Le pluralisme de l'information » serait chargé de l'épuration et des cas de censure. Quand on sait que le PS est majoritaire électoralement, c'est tout simplement changer l'hégémonie du PC par celle du PS. La philosophie de cette conception de l'Etat n'est pas propre au Parti socialiste portugais. Elle est également à l'origine du programme de gouvernement, présenté par la gauche en France en 1972 et pour laquelle l'Etat est ce lieu où s'opère la synthèse des intérêts particuliers contradictoires. Les ministres et les hauts fonctionnaires sont les représentants de la volonté majoritaire du peuple.

Conception qui oublie naturellement la nature de classe de la domination.

Quoi qu'il en soit, l'Etat doit être le seul et unique centre de décision. Et l'armée en particulier doit perdre ses prérogatives. Le Conseil de la révolution devrait revenir à un rôle proche de celui d'un conseil d'Etat examinant les actes législatifs du gouvernement.

C'est cette conception de l'Etat que l'amiral Pinheiro de Azevedo a présentée samedi dernier à la télévision en rendant public le programme commun de gouvernement des trois principaux partis : le PPD, le PS et le PC.

LA DEMOCRATIE AVANCEE

Ce programme de gouvernement, c'est la copie de la démocratie avancée qui fit les heures chaudes de la gauche en France, ces dernières années, et qu'André Gorse avait alors qualifié d'une formule qui s'adapte parfaitement au Portugal : « L'électrification sans les soviets ». La chanson des mesures est connue : « Nationalisation des secteurs de base de l'économie », réaménagement du secteur privé. Appel aux petits épargnants. Statut pour les investissements étrangers. Politique d'investissements nouveaux. Relation avec les pays socialistes le Tiers-Monde et la CEE. Extension de la sécurité sociale. Politique des prix.

Ces mesures visent en particulier le million de petits paysans pauvres et moyens-pauvres, principalement ceux du Centre et du Nord dont la situation économique s'est dégradée depuis le 25 avril 74. Le sixième gouvernement prévoit pour eux l'extension de la sécurité sociale et une politique de soutien des marchés, pour leur assurer un revenu fixe. Programme d'urgence, de mesures exclusivement institutionnelles et législatives, qui ignorent volontairement toutes les formes de pouvoir populaire et d'initiative de la base dans quelque domaine que ce soit. Il s'agit de produire plus, de distribuer autrement, mais pas de produire autrement. Le socialisme sera octroyé dans la liberté.

LE CONFLIT PPD-PC

Le principal obstacle à la constitution de ce gouvernement aura été le conflit PPD-PC. Le PPD est actuellement traversé par une crise interne grave. L'aile dite « social-démocrate » est prête à jouer le jeu de ce programme, alors que la droite du parti, celle de Sa Carneiro, fait monter les enchères en prétendant, avec quelque raison, que s'il y avait aujourd'hui des élections au Portugal, ce serait le PPD qui deviendrait le parti majoritaire. Et la crise est d'autant plus aiguë que le congrès du PPD doit avoir lieu en octobre.

Quant au PC, le système de la proportionnalité le désavantage et signifie pour lui la perte d'une grande

partie de son empire institutionnel, mais il sait que s'il y avait effectivement de nouvelles élections, il serait encore minorisé. Pourtant le PC joue le jeu. Lors du meeting de Campo Pequeno à Lisbonne, le 16 septembre Cunhal a déclaré : « La social-démocratie n'est pas le danger principal aujourd'hui, c'est le fascisme. Mais, à la différence de la démocratie avancée en France, au Portugal, elle se fera sous direction du PS avec un PC affaibli qui a perdu une partie importante de ses syndicats. C'est pourquoi Cunhal brandit déjà la menace de l'éventuel passage du PC dans l'opposition au régime, menace d'autant plus réelle qu'elle est l'aspiration de sa base et qu'elle se matérialise déjà par d'importantes manifestations (voir notre reportage demain).

La crédibilité de ce gouvernement est faible. Sa nomination ne provoque aucun enthousiasme, ce qui est déjà un handicap, d'autant plus que, au contraire, l'opposition ouvrière et paysanne se radicalise face au nouveau pouvoir, contre la marginalisation des travailleurs du processus révolutionnaire. Au point que le PCP a déjà sauté dans ce train, grève générale annoncée hier soir, à Lisbonne des commissions de travailleurs dans l'orbite du PCP. Les mesures d'urgence risquent de ne plus suffire pour opposer à la population et aux travailleurs un appareil d'Etat centralisé après un an et demi de liberté totale et de semi-vacation du pouvoir. Elles y suffiront d'autant moins que chaque mesure se heurtera à l'opposition des commissions de travailleurs et au mouvement des soldats. D'ici quelques semaines, il n'y aura pas d'autre politique possible pour ce gouvernement que la répression, et ce sera alors l'aboutissement logique de son programme et ce sera aussi l'heure des affrontements localisés.

Ce pourrait être également l'heure de ces militaires dont la méfiance vis-à-vis des partis a été réveillée par les « Neuf » et qui, face à l'impuissance et au sectarisme des partis, risquent de se prononcer pour une dictature militaire de « gauche ». Le jour où les paysans du Nord commenceront à scanner « Povo-MFA », ce temps sera peut-être proche.

Serge JULY

Demain

Le retour
de Cunhal

Portugal : « Il est fini le temps des œillets »

VIII- La mécanique du PCP

ALVARO CUNHAL, LE BONAPARTISTE COMMUNISTE

Lisbonne, le 19 septembre, de notre envoyé spécial :

A l'heure où Pinheiro de Azevedo, premier ministre, metait la dernière main au sixième gouvernement, 15 à 20.000 personnes défilèrent, à la nuit tombée, dans les rues de Lisbonne. Cette manifestation était convoquée par quarante commissions de travailleurs, proches du parti communiste, de la ceinture de Lisbonne. Une dizaine de camions d'une entreprise de travaux publics de Sacavem ouvraient le cortège dans lequel on cherchait en vain le moindre drapeau rouge. Deux à trois cents soldats et marins marchaient devant.

Cette manifestation était en réalité celle de l'angoisse des militants du parti communiste et de leurs sympathisants devant l'avenir. L'avenir de la révolution, comme leur avenir professionnel. Des militants qui ne comprennent plus, scandent de manière monotone un mot d'ordre qui avait le mérite d'être une attaque : « Mort à la CIA ». L'attaque visait le meeting du MRPP, l'organisation maoïste qui fêtait la cinquanteième anniversaire de sa fondation. Les manifestants scandaient également : « on a un gouvernement de droite ». Sans espoir, dans la peur d'une épurée de tous les militants communistes de l'administration, et dans l'impuissance à concevoir le lendemain.

POUVOIR A VASCO

C'est la base du PCP ne comprend plus. Elle est prête à mourir pour Vasco Gonçalves, l'ancien premier ministre avec qui ils avaient presque pris le pouvoir. Le parti alors avait lancé toutes ses forces dans la bataille. C'était la classe contre classe, contre les sociaux-démocrates du PS et de Melo Antunes, contre les fascistes du PPD, ceux-là mêmes qui, en juillet, l'Avante l'avait écrit, avaient participé aux assauts contre les communistes dans le nord. Vasco menacé, le parti avait fait l'union avec tous les révolutionnaires, sous la direction de Cabral da Silva, le chef de cabinet de Vasco Gonçalves. Il avait froissé la porte du front d'unité révolutionnaire des gauchistes, le temps pour Cunhal de reprendre son souffle entre le 25 et le 27 août, pour, la nuit suivante, se déclarer prêt à participer à un gouvernement avec le PS et les Neuf. En fait, le PC ira au-delà

puisque aujourd'hui, il va siéger à côté du PPD.

Chauffés par des mois de mobilisation, de luttes vigiles dans les usines, la matraque à la main, de tension ininterrompue des militants communistes en sont restés à la défense de Vasco. On pouvait lire dans le *Diário de Lisboa* du 18 septembre, soit près de deux semaines après la chute de Gonçalves : « Le peuple de Grandola appuie Vasco et exige le retour de Vasco Gonçalves aux organes de direction du pays comme garantie pour l'avenir du processus révolutionnaire ». Ce texte a été envoyé au président de la République après avoir été adopté par l'Assemblée populaire de Grandola, qui réunissait la commission administrative de la municipalité et, dit le journal, « les organes de pouvoir populaire locaux ».

Mercredi 10 septembre, toujours après Tancos, Ramiro Correia, l'ex-chef de la fameuse cinquième division, et qui faisait encore partie du conseil de la révolution participait à une assemblée générale de la CUF. Trois mille ouvriers survoltés qui scandaient : « Sème division infamante » et surtout « Pouvoir à Vasco ».

Enfin mercredi 17 septembre, grève générale dans l'Alentejo. A Beja, la capitale du prolétariat rural, dix mille ouvriers des champs manifestaient pour défendre la réforme agraire. C'est le bastion du PC et les ouvriers scandaient : « Vasco au pouvoir », mais aussi « à bas la social-démocratie », « gouvernement de droite, non », « Soares au Brésil » et on a également entendu « Soares Gatax ». (Gatax est ce péjoratif qu'on entendait les anciens agents de la PIDE et les comploteurs du 11 mars). Et à l'issue de la manifestation des commissions de travailleurs, jeudi à Lisbonne, des militants scandaient encore : Vasco, Vasco, Vasco.

Un changement d'orientation stratégique qui, en France, a duré plusieurs années, dans les années 30, à dire, sur deux jours : on est passé brutalement de la « classe contre classe », à « front populaire ». Le PCP parcourt l'histoire du mouvement communiste pro-soviétique au pas de course. Beaucoup ont du mal à suivre. 2500 militants au 25 avril

74, ils sont quarante mille aujourd'hui, et les huit cents permanents payés ne suffisent pas à répondre aux demandes d'explication. Certains à Lisbonne se posent cette devinette : « Combien de fois les Russes ont-ils lavé le cerveau de Cunhal pour qu'il accepte d'aller à Assour bien sûr, mais au-delà de Soares et de Melo Antunes ? ». En tout cas, un responsable de la commission politique du parti a fait l'aller-retour à Moscou et il est rentré quelques heures seulement avant que le PC ne prenne son virage en épingle à cheveux.

L'EQUILIBRE DE CUNHAL

Le meeting de Campo Pequeno le 19 septembre, dans ces arènes où, entre deux corridas à cheval, les partis viennent se compter, a été pour les militants communistes l'occasion d'une explication qui ne les a pas convaincus. Cunhal leur a expliqué qu'il fallait être et ne pas être tout à la fois au gouvernement. Assemblée de quinze mille personnes venues de cent kilomètres à la ronde qui n'a pas applaudi une seule fois la participation du PC au gouvernement, mais qui s'est déchaînée lorsque Jaime Serra a rappelé le passé anti-fasciste du parti.

Le parti communiste portugais, à l'image de tous les partis communistes du sous-régime bonapartiste, Cunhal, « l'ultra-jacobin », ici comme ailleurs, réalise l'équilibre catastrophique entre les mouvements d'opinion internes et entre les exigences contradictoires du moment. Être au gouvernement, est pour le parti une question de survie, une garantie contre d'autres émeutes anti-communistes, une pause dans le raz-de-marée anti-communiste. Être aussi dans l'opposition, telles sont les deux exigences du moment.

On distingue trois pôles à l'intérieur du parti. D'abord quelques membres du comité central, très isolés, semblent s'orienter vers une conception de type « Manifesto ». Le reste des organes de pouvoir se répartit entre un courant « Programme commun » et un courant « classe contre classe ». La force de tous les PC occidentaux a toujours été de permettre la coexistence de ces deux courants, d'avoir toujours deux fers au feu. Le PC portugais vient tout simplement de calquer, de s'aligner sur le fonctionnement général des partis frères. Et Santiago Carrillo, le secrétaire général du parti communiste espagnol, ne fait pas autre chose lorsqu'il participe à une junte démocratique avec les libéraux et propose simultanément à l'extrême-gauche espagnole un front ouvrier.

Le courant « dur » est représenté par Jaime Serra, dirigeant de l'appareil militaire du parti, et Carlos Brito. Selon les bonnes vieilles méthodes, c'est à eux qu'a échoué l'honneur d'annoncer aux militants réunis à Campo Pequeno, que l'ennemi principal, ce n'était plus la social-démocratie mais le fascisme. Carlos Brito a également posé les jalons pour l'avenir : « Les commissions de travailleurs dans les entreprises - création de la classe ouvrière portugaise et de son avant-garde révolutionnaire, le PCP, dans les dures conditions du fascisme - ont joué, après le 25 avril, un rôle de grande importance... Les commissions de travailleurs sont aujourd'hui



(Adja)

les véhicules à travers lesquels la classe ouvrière et beaucoup de travailleurs se définissent face aux grands problèmes de la révolution... Splendide mécanique que celle d'un parti communiste occidental : la « gauche » du parti nient un discours de « gauche » sur les commissions de travailleurs qui sont effectivement une création de la classe ouvrière portugaise et qui ont longtemps été combattues par le parti communiste portugais. A ce revirement, le PC a ses raisons : il veut être au gouvernement, mais ne pas perdre ses chances de leader de l'opposition au régime. Position d'autant plus chancelante qu'il est en train de perdre l'intersyndicale.

Au gouvernement, alors que sa base continue à crier « Vasco », le PC a peur que certaines organisations d'extrême-gauche comme l'UDP, qui lui dispute le contrôle des usines dans la ceinture de Lisbonne, ou comme certaines organisations de la gauche révolutionnaire, n'achèvent de ruiner sa position qui reste encore celle de principale organisation ouvrière. D'autant que les maoïstes cristallisent autour d'eux le sentiment PC dans les usines. Les ouvriers préfèrent aller à l'UDP qu'au PS.

A l'inverse, le soutien que lui apporte maintenant de manière à peu près systématique le FUR (Front d'unité révolutionnaire qui appuyait la manifestation des quarante commissions des travailleurs) évite au PC d'avoir à faire un trop grand écart entre le gouvernement et l'opposition révolutionnaire.

LA PERTE DE L'INTERSYNDICALE

Les humoristes de Lisbonne prétendent que la prochaine volte-face du PCP sera la remise en cause de l'unicité syndicale. Après avoir perdu la plupart des syndicats des services, assurances, banques, employés de bureau et communications, où le PCP a généralement été mis en déroute par une alliance PS-MRPP, qui réunit l'ampleur du sentiment anti-PC, il est menacé de perdre la métallurgie de Lisbonne. Les élec-

tions dans ce syndicat doivent avoir lieu le 4 octobre, et d'ores et déjà une liste dite « pour un syndicalisme de classe apatride » et à laquelle l'UDP et le MES apportent leur soutien, semble devoir l'emporter aux dépens de l'ancienne direction.

Pour se préparer au pire, le PC reprend actuellement une O.P.A. : les commissions de travailleurs et de ménages. Celles-ci sont actuellement soumises aux guerres coloniales que s'y mènent, au nom de « l'apartidisme », toutes les forces politiques : du MRPP au PCP, en passant par l'UDP. C'est ainsi que le MRPP, qui s'est emparé du premier secrétariat provisoire des commissions de travailleurs, convoque un congrès national de ces commissions, alors que simultanément, le PCP, à l'issue de la manifestation du 18 septembre, annonçait la création d'un secrétariat provisoire pour les quarante commissions de la ceinture de Lisbonne.

Cependant, beaucoup de commissions de travailleurs avaient évidemment refusé de participer à cette manifestation. C'est le cas, en particulier, des deux principales forteresses ouvrières de Lisbonne : la « Sidérurgie nationale » qui a tout simplement refusé, et la « Lisovim » qui s'est, comme par hasard, trouvée une assemblée générale à ce moment-là.

Au nom de l'unité, jamais la division n'a été aussi grande dans la classe ouvrière de Lisbonne.

Mais la fin de la vacance du pouvoir va y mettre un terme. Le reflux du PCP n'est pas — comme celui-ci voudrait l'accréditer — forcément celui du mouvement populaire. Au contraire, « libéré », comme nous le disait l'Amiral Rosa Coutinho de « paternalisme du MPA » et, faudrait-il ajouter, de l'impérialisme étatique et syndical du PCP, le « mouvement des bases » devrait connaître, après un temps d'arrêt, une potassée en avant, une phase de radicalisme.

Serge JULY

(Lundi, neuvième partie : Les arretures du FUR ou la gauche révolutionnaire d'elle-même)



Presque populaire en hommage à Catarina Eugénia, assassinée par la PIDE, militante du PCP. (Adja)

INTERNATIONAL

Chronique portugaise
de Condeixa-a-NovaXI- Le cas
Casmilo

Résumé. Condeixa-a-Nova, petite municipalité regroupant 80 villages et 15 000 habitants à 15 km de Coimbra, est une municipalité « moyenne ». On y trouve la richesse mais aussi les problèmes et les contradictions du « Portugal Novo ». Après avoir vu l'important rôle politique joué par la jeunesse (Libé des 23 et 24 septembre), nous analysons aujourd'hui certaines ambiguïtés et insuffisances de son « travail politique » dans la municipalité.

Casmilo est l'autre « cunidade » de la municipalité de Condeixa-a-Nova après les ruines tomanes de Coimbra. Là aussi, on se doit d'y aller. Une expédition presque, car la moto qu'on m'avait prêtée pour la circonstance aura toutes les peines du monde à y parvenir. Cinq kilomètres d'un chemin escarpé, raviné, en pleine pénurie, sous un soleil de plomb, une petite sensation de bouillotte. Et pourtant, Casmilo est simplement à l'extrémité du « territoire » municipal. Situation géographique qui du coup le rejette un peu. Le village le plus dénué de la municipalité où les 200 habitants ne connaissent pas l'électricité, sont obligés de rationner l'eau et de faire deux kilomètres à pied pour acheter que ce soit. Des habitants repêchés sur eux-mêmes, à la limite de l'hospitalité pour l'intrus. On le devine, on le sent dans les petites rues, on s'assure de son départ. Désagréable impression d'être le voyeur venu violer la quiétude du lieu. Et puis cette pauvreté manifeste qui fait que dans tous les cas on est le privilégié, le riche inutile d'essayer d'engager la conversation dans ces conditions. On doit se contenter de passer vite. On remarque juste, au centre du village, la plaque de marbre à la mémoire de l'enfant d'ici, mort en Angola dans les années 60. Suprême ironie, ce mort fut le premier de tout le district de Coimbra pour cette guerre coloniale.

Ce sont dans ces discussions de café du samedi après midi entre jeunes de la municipalité, que j'apprendrai ce qu'est le « cas » Casmilo (voir Libé du Mardi 23 septembre). Le passé de ces hommes qui dans le temps paraient six mois de l'année pour aller à pied faire les moissons dans l'Alentejo, au sud du pays. Les conditions de subsistance de ces 200 habitants qui vivaient des maigres produits de leur terre et surtout de leurs bêtes. Des chèvres et quelques rares vaches dont le lait sert à faire le fromage que chacun va vendre à l'épicerie du premier village en contrebas. Foubeyrolles. Détail important. Le monopole de cet épicerie permet de comprendre l'échec des quelques jeunes qui ont essayé de faire « quelque chose » à Casmilo. « Après de longues discussions, les villageois étaient d'accord pour faire une coopérative de distribution, c'est-à-dire une épicerie dans le village mais gérée par les habitants eux-mêmes. Mais au moment de réunir l'argent que chacun devait donner, ils ont tous refusé. Nous n'avons pas compris tout d'abord. Ils prétextaient n'importe quoi. Puis à force de discussions nous avons appris que l'épicerie de Foubeyrolles, chez qui tous les gens de Casmilo vont quand ils ont besoin de quelque chose, avait existé un jour. Ils n'achèteraient plus leurs fournitures à la coopérative se montant. Sans vente de fromage sans d'argent, donc pas de possibilité d'acheter ». Désabusement pour ces jeunes ayant beaucoup investi dans ce projet. Entée le désabusement et la démission il n'y a qu'un pas qu'ils ont vite franchi.

L'esprit du 25 avril n'aura donc pas soufflé longtemps à Casmilo. Rien n'a changé ici à cause d'un épicerie. Ailleurs ce peut être la faute d'un curé terroriste venant à l'enfer tous les « mal-pensants ». Casmilo, se dépeuple de ses jeunes, qui, comme dans d'autres villages de la municipalité, peuvent être « comme des poissons dans l'eau » et faire ainsi un « travail politique ». La coopérative de distribution n'est plus alors qu'une action parachutée. C'est peut-être l'explication de son échec. Explication réductrice aussi, escamotant tout jugement possible sur les « pratiques politiques » de la jeunesse. On s'aperçoit, ici et là, que sans structures « d'accueil » adéquates, elle s'essouffait aussi vite qu'elle était enthousiaste au départ. Si le « jeu » n'est difficile on abandonne. Mais la jeunesse de Condeixa n'est pas seule dans ce cas. Les organisations politiques et même le MFA n'agissent pas autrement dans tout le pays. Le cas Casmilo fait penser à ce Nord Portugal où aucun travail en profondeur n'a jamais été entrepris. Il était plus facile de mobiliser les ouvriers agricoles du sud, exploités par des latifundiaires, que les « petits agriculteurs » du Nord. Comme il est plus aisé de mettre sur pied un « club » dans le village où l'on vit que d'essayer d'aller au-delà des résistances premières et de continuer un « travail politique » dans un milieu hostile. On forme peut-être alors des « avancées révolutionnaires » mais on laisse aussi une importante « arrière-garde », lit peut-être les nostalgiques du fascisme. Ainsi, dans un processus révolutionnaire, les problèmes arrivent à se confondre quel que soit le niveau d'intervention. C'est en tout cas l'impression donnée par cette municipalité de Condeixa-a-Nova où la richesse, l'originalité mais aussi les contradictions et les problèmes du « Portugal Novo » se trouvent concentrés.

— Thierry WOLTON
(Demain : Une tranche de Portugal)

Portugal: manifestation à Lisbonne des SUV (Soldats Unis Vaincront)

LE MOUVEMENT DES SOLDATS

Entretien avec les dirigeants du SUV:

« Depuis la manifestation de Porto, nous sommes une alternative à l'échelon national »

Des soldats, en uniforme mais sans insigne et galon distinctif, les visages masqués, ont accordé un entretien à notre correspondant au Portugal, Mauro de Mello. Ces soldats sont parmi les animateurs d'une organisation clandestine les SUV (Soldats Unis Vaincront) qui est apparue publiquement pour la première fois, lors d'une conférence de presse clandestine donnée à Porto le 7 septembre et qui avait annoncé la convocation d'une manifestation qui le 10 septembre dans la capitale du Nord devait rassembler plus de 1200 soldats. Jeudi 25, les SUV organisaient une nouvelle manifestation, mais cette fois à Lisbonne.

(De notre correspondant permanent) Lisbonne le 25 septembre 1975. Les soldats de l'école pratique de Santarém et d'intrantisme de Mafra ont refusé de se mettre en rang pour protester contre l'arrestation de deux de leurs camarades. Ils se sont ensuite dirigés vers la prison afin que soient relâchés les deux soldats, Pinto et Figueiredo.

À la fin de l'après-midi, les soldats ont accepté une réunion proposée par le commandant. Celui-ci a été reçu aux cris de « fasciste ». Les soldats scandant des slogans : « libération immédiate des camarades Pinto et Figueiredo », « Réactionnaires hors des casernes ».

Le commandant de la région militaire centre, le général Churris, a récemment convoqué une réunion à son quartier général. À cette réunion, les commandants et les représentants de chaque unité, un pour les sous-officiers et un pour les soldats. La réunion, qui se tenait à Aveiro, a été exclusivement consacrée aux SUV. Les SUV sont une organisation contre-révolutionnaire, a déclaré Churris parce qu'elle est « divisionniste » et que dans un moment où on doit combattre la réaction, « il faut liquider les SUV ». Un délégué des soldats lui a répondu : « Je ne suis d'accord ni avec la façon ni avec ce que vous dites, les SUV sont importants parce qu'ils luttent pour défendre nos intérêts et qu'il ne faudra pas compter sur nous pour les combattre ». Pourtant les soldats des SUV qui nous ont accordé cette interview ont affirmé que le SUV n'est pas encore suffisamment implanté dans la région centre. Dans la région militaire nord (RMN), par contre la situation est déjà plus claire, depuis la grande manifestation organisée par les SUV le 18 septembre dernier à Porto.

« Ce climat de tension ne date pas d'hier, dans les casernes portugaises, surtout dans la région militaire nord », nous dit un soldat masqué des SUV. Après la manifestation convoquée par les SUV à Porto qui a démontré notre propre force et celle de plusieurs milliers de morades.

Après cette manifestation, des incidents se sont produits dans les casernes, notamment au Centre d'Instruction pour la conduite des véhicules, où les trois cents recrues se sont recueillies le matin en priant les saints. « Vive les travailleurs chiliens ».

Le commandant qui avait très bien compris la signification de ce geste est arrivé en courant et un capitaine a été à ce moment-là. Vous avez manifesté, ce à quoi les soldats ont répondu : « Réactionnaires hors des casernes ».

Le SUV n'est pas impuissant, il est issu de tous les courants révolutionnaires présents dans l'armée, même avant le 25 avril. Par

SOLDATS
APARTIDAIRES

Le SUV a d'abord été l'union des « insatisfaits » et des « politisés » des différents courants (FLR, PCP et UDP). C'est la pression de la droite qui a déterminé son « apartidisme ». Les soldats du SUV reconnaissent que l'erreur a été de suivre le MFA, sans en discuter les ambiguïtés et les contradictions, car le MFA est d'abord issu d'une lutte contre le fascisme et le colonialisme et non d'une lutte de classe. Dans le Nord, l'organisation de la droite était évidente, c'est ce qui a poussé les soldats à s'organiser, par exemple en comités militaires révolutionnaires, organismes de

à leur dispersion, d'où la nécessité de créer des SUV.

De là aussi, une prise de position plus nette vis-à-vis des « neuf » qui jouent « selon les camarades du SUV, le même rôle dans l'armée que le « gang » Soares avec la droite. Les réunions du commandement fasciste clandestin ont lieu chez le commandant de Braga, signature du document « Manifeste de l'urgence de la lutte », du quotidien de la vie des casernes des revendications des soldats pour attirer l'attention sur la possibilité de devenir une force organisée, apte à répondre à la réaction.

LES REVENDICATIONS
DES SOLDATS

Les revendications des soldats sont multiples car leur conditions réelles ne se sont pas améliorées. La solde reste fixée à 250 escudos (environ 40 francs). Beaucoup d'entre eux doivent travailler en dehors de la caserne, ce

à leur dispersion, d'où la nécessité de créer des SUV.

NOUVELLE ARMEE,
NOUVELLE
DISCIPLINE

Les SUV ne cachent pas leur objectif de transformer les structures de l'armée. Leur nouvelle armée sera, selon eux, la seule capable de liquider les séquelles du fascisme, car elle ne sera pas composée des éléments fascistes compromis avec l'ELP, le MDLP, le CDS et le PPD. Les SUV ne refusent pas le concours des officiers progressistes et révolutionnaires, « ils exigent, nous les trahisons comme des camarades », il y en a donc qui sont membres du SUV, ils doivent simplement remplir leurs devoirs, participer avec le SUV à la liquidation de la droite organisée, lutter contre l'armée de métier proposée par le général Fabião, cette lutte ne peut se faire que dans une liaison quotidienne avec les ouvriers, les morades et les paysans; enfin refuser la répression contre les soldats les éléments de gauche, « peu importe les textes qu'ils auraient pu signer auparavant », ajoute un des dirigeants des SUV.

Les SUV croient déjà avoir dans les mains la majorité des régiments dits « opérationnels ». Les autres régiments sont encore divisés, nous disent-ils.

« Nous ne sommes pas optimistes, nous ferons la révolution à nos risques et périls. Salut aux camarades travailleurs et soldats de toute l'Espagne ».

Mauro DE MELLO



À Porto, le 10 septembre dernier, manifestation des militaires contre la réaction (Normal).

contre, ce qui est nouveau, c'est son caractère autonome et unitaire et la proposition d'une nouvelle discipline.

Depuis la manifestation de Porto, le SUV apparaît maintenant comme une alternative à l'échelon national. Le SUV avait une existence latente dans le ressentiment que les soldats entretenaient vis-à-vis de la hiérarchie qui commandait sans leur demander leur avis, qu'ils utilisaient, les soldats, par exemple, n'ont pas été consultés sur le type d'alliance que préconisait dans les casernes le document Melo Anunes, ce que contestent les soldats du SUV ce n'est pas tant le texte en lui-même que l'alliance des neuf, avec les anciens, fascistes, de l'ETA-major — avec les opérationnels responsables du sang de nos frères africains.

Enfin la chute de Corvaço a fait prendre conscience aux éléments progressistes de l'armée du nord de leur incapacité de mener une contre-offensive. Incapacité surtout due

à l'absence de plus ou moins permis, y compris sous le fascisme, peut-être par peur de les voir manifester bruyamment à l'intérieur des casernes. La réduction du prix des transports de 75% à certes été une conquête, mais ils demandent aujourd'hui les transports gratuits, ce dont bénéficie déjà la police. C'est ainsi qu'est née la conscience qu'il existe des problèmes de classe communs avec les travailleurs et les morades. Enfin, les soldats du SUV ont lutté contre la tentative actuelle de faire revivre le vieux règlement de discipline militaire, du code fasciste qui n'est plus appliqué depuis le 28 septembre.

La dernière fois où ce règlement a été appliqué c'était sous Spínola lorsque certains militaires ont refusé de réprimer les grèves. D'autre part, les SUV ne maîtrisent pas les AFU,

(1) L'ELP et le MDLP sont des organisations terroristes d'extrême droite, le CDS est le parti du centre démocrate et social et le PPD participe actuellement au gouvernement.

INTERNATIONAL

Portugal : les SUV à nouveau dans la rue

LES SOLDATS MANIFESTENT DANS L'ALENTEJO

(Correspondance, 16 octobre).

Ils étaient huit mille à défiler mercredi soir, pendant plus de quatre heures, dans les rues de la petite ville d'Évora, située au sud-est de Lisbonne, qui est la capitale, le chef-lieu du Haut-Alentejo et le siège de la région militaire du Sud. Après Porto, Lisbonne et Coimbra, Évora vient à son tour une manifestation de soutien aux « SUV » de la région militaire du Sud, commandée par Perazzi, l'officier régimentaire du « docteur des Neuf ». Par communes parastatutaires les paysans sont venus des alentours, ils appartiennent aux coopératives, aux termes collectifs, aux ligues de peuples et mouvements agricoles.

De longue tradition, la culture, la fête, le sport...

d'un hief de la gauche et notamment du PCP. Ce n'est pas un hasard si c'est là que, pour la première fois, une manifestation de soutien aux SUV est liée aux problèmes locaux, occu-

d'ordre souvent repris au cours de la manifestation. Plus de mille soldats sont venus les crier aux côtés des paysans. En tête et sur plusieurs rangs de la manifestation des soldats, mai-

noué en triangle sur le visage, et large jupe recouvrant parfois un pantalon. Ces femmes assurent le service d'ordre jusqu'à l'arrivée devant les casernes où elles seront



panions de terres et trans-formation de celles-ci en propriété collective... « La bande et le peuple », les soldats sont avec la réforme agraire, ont été des mont-

trins et aviateurs, et pour la première fois, un service d'ordre composé de femmes, des villes passantes, habituelles, de costume alentejoien, « l'opéra », les soldats sont avec la réforme agraire, ont été des mont-

relayées par les soldats. En bref, trois attentats ont été commis dans le nord du pays contre la victoire, les militaires du MDP et contre

la maison d'un communiste, et dans le Sud-Ouest, contre une voiture de fonctionnaires. A Lisbonne, mercredi, les installations de « Radio-Renaissance », fermées il y a deux semaines, ont été mises sous scellés. Le soir même, une centaine d'ouvriers et d'ouvrières de l'usine de vêtements féminins « Cin radial » ont sequestré à l'hôtel Rita, qui est autogère, un administrateur suédois du groupe multinational « Jönköping », pour protester à la liquidation de l'usine. Enfin, jeudi, « Radio Clásica » a reçu un coup de téléphone d'un dirigeant du Front de libération de la libération de Timor (FLDT) affirmant que des « loupes » (des militaires) avaient été envoyés à la fin de la guerre portugaise, en 1974.

Chili : Santiago condamné par l'ONU

« Seuls peuvent s'exprimer les personnes qui font corps avec le régime militaire » : c'est le genre de phrase que l'on trouve dans le rapport sur le Chili présenté hier à M. Kurt Waldheim, secrétaire général de l'ONU par le groupe de travail spécialisé chargé depuis le 27 février 1974 d'enquêter sur la situation au Chili. De ce rapport, il ressort que les principes proclamés par la déclaration universelle des Droits de l'Homme ne sont pas respectés au Chili, en ce qui concerne les droits civils et politiques. Le gouvernement de Santiago, on s'en souvient, avait refusé au groupe de travail l'accès au Chili...

Sahara occidental : le verdict de La Haye

La cour internationale de justice de La Haye a réaffirmé hier dans son « avis consultatif » sur le problème du Sahara Occidental (territoire sous administration coloniale espagnole) le droit du peuple saharoui à l'autodétermination. La cour estime que le Sahara Occidental n'était pas un territoire sans maître, au moment de la conquête espagnole mais elle ne précise pas non plus qu'elle traitait de « maître ». On sait en effet que le Maroc revendique « la possession immémoriale » du Sahara. La Mauritanie est aussi sur la liste. Le rapport de la Haye mentionne aussi la chute et le choc, en affirmant que ce pays avait « avec le Royaume du Maroc et avec l'ensemble maintenant des liens uniques ». La commission qui admet ces liens juridiques hérités du passé, n'a cependant pas reconnu l'existence de liens « de souveraineté territoriale » entre de territoires et les deux pays concernés. Le Maroc qui refuse tout « droit à l'autodétermination » du peuple saharoui sort affaibli par le rapport des experts internationaux. Mais Hassan II, le roi du Maroc, ne s'avoue pas battu. Il s'agit de lancer l'obélisque d'une « Marche » sur le Sahara.

Argentine, Estella revient

Maria Estella Peron (la veuve du général) reprendra ses fonctions aujourd'hui après cinq semaines de « grandes vacances ». La ministre de l'intérieur qui a annoncé cette nouvelle a cependant précisé qu'elle sera trouvée d'autres solutions, le pays ne pouvant supporter un nouvel intérim. Quel est le sens de cette petite phrase ? Estella ne reviendra-t-elle de vacances que pour présenter sa démission et permettre une passation en douceur de ses fonctions ? Cette éventualité, si on la croit, le quotidien Clarin aurait envisagé au cours de son congé à Escocching dans la province de Cordoba. Aujourd'hui en tout cas, la droite péroniste descend dans la rue pour acclamer le retour de la présidente, une président peut-être encore pour quelques jours seulement.

Danemark : Copenhague sans journaux

Les quatre plus grands quotidiens danois ne sont pas parus hier en raison d'une grève du personnel technique qui entendait protester contre l'intervention de la police mercredi contre des ouvriers qui formaient un piquet de grève à l'entrée d'une firme de reproduction photographique. Les autorités reprochent au personnel de cette firme de ne pas vouloir adhérer à un syndicat. En fait les ouvriers du livre sont en lutte depuis plusieurs jours contre les entreprises qui refusent de signer les conventions collectives. Les équipes des piquets de grève ont été harcelées à plusieurs reprises par les forces de l'ordre. Cette affaire suscite une vive réaction de la droite parlementaire qui voudrait faire interdire par un décret le droit, légalement reconnu jusqu'ici, de faire des piquets de grève, elle a même demandé au Premier ministre (un social-démocrate) de mettre son mandat en jeu.

Des phantoms en Turquie.

La première escadrille d'avions « phantom » livrée après la levée de l'embargo des armes US à la Turquie est arrivée hier après-midi à la base militaire d'Esiksehir (200 km d'Ankara) : il s'agit de « l'avant-garde » d'un escadron de 24. « Phantom » qui vaient été achetés aux Etats-Unis et qui devaient être livrés d'ici à la fin du mois.

Italie : autoréductions et attentats

Plusieurs attentats contre des centraux téléphoniques ont été commis ces derniers temps en Italie : à Rome, une charge de plastic a détruit 14 000 lignes de Bologne, une autre bombe a été désamorcée de justice. Cette campagne d'attentats s'inscrit dans l'organe du groupe d'extrême gauche « Avanguardia Operaia » de « provocation » intervient au moment où se déclenche une lutte pour l'autoréduction du téléphone sans précédent dans toute l'Italie. A Milan, la fédération unitaire syndicale a organisé hier une journée de lutte contre la SIT, la société qui gère les téléphones des entreprises et des usines et des assemblées dans toutes les usines étaient privés.

Avec les mutins de Porto

L'EXTREME GAUCHE ET LES SOLDATS

« Avant garde du mouvement » pour le FUR, « Point le plus avancé » pour l'UDP

Porto, le 16 octobre.

Deux sous-officiers effectuant leur service militaire au quartier général de Porto viennent d'être mis à pied pour une durée indéterminée. C'est en réintégrant le QG mercredi que les deux militaires ont été sanctionnés. Ils avaient activement participé à la lutte des soldats du Centre d'instruction des conducteurs auto (CICAP), qui, pendant une semaine, se sont retranchés à la caserne du Régiment d'artillerie de Serra do Pilar (RASAP). Cette mesure prise à leur encontre par le commandant de la région militaire-Nord, le brigadier Pires de Veloso, est en contradiction avec les décisions du général Carlos Fabiao, chef d'état-major, qui avait assuré, mardi, qu'aucune sanction ne serait prise envers les « mutins » avant que la commission d'enquête qu'il a nommée, ne remette ses travaux vendredi 24 octobre. C'est d'ailleurs ce jour-là que les soldats du CICAP et des dix-huit unités de la région Nord qui ont participé au mouvement doivent se réunir à nouveau pour envisager les modalités futures de la lutte.

Les délégués des six organisations composant le secrétariat provisoire du Front d'unité révolutionnaire pour la région-Nord (FUR) sont réunis ce mercredi soir au siège du Front socialiste populaire (FSP). L'annonce des sanctions prises envers les deux sous-officiers du quartier général est amplement commentée. « Nous avons là une preuve que la lutte est loin d'être terminée », nous restons en contact avec le comité politique et militaire qui continue d'exister. Nous allons diffuser « Soldats en lutte », le journal de la caserne, et envisager avec les commissions de travailleurs et d'habitants des modalités de notre appui à la lutte des soldats ».

L'APPUI POPULAIRE

Tant que tous les soldats ne seront pas réintégrés, il faut relativiser le compromis proposé par le chef d'état-major, « il faut se méfier de la parole de Carlos Fabiao. On ne la fera respecter qu'en faisant une pression populaire pour ça », estime le FUR. Une pression qui n'a, peut-être, pas été suffisante pendant la lutte ? « Ce n'est pas vrai, il y avait des gens en permanence qui dormaient même devant les portes de la caserne. Ce sont aussi les civils qui ont défendus le RASP mercredi 8 contre l'agression du Parti populaire démocra-

tique ». Certes, il y a eu des manifestations, des tracts, mais cela permettait-il réellement de rompre l'isolement ? Les contacts pris entre les soldats, les commissions de travailleurs et d'habitants, ont permis de mettre en place de nouvelles structures d'organisation qui vont se développer maintenant. Ce sont des formes d'appui essentielles. C'est vrai, mais ce sont les soldats en lutte qui ont pris l'initiative de ces contacts. On tend à l'oublier un peu au FUR.

« Le mouvement est dans une phase de reflux. La mobilisation est difficile actuellement. Par exemple, dans les usines, il devient difficile de faire quelque chose car la droite a installé un climat de peur. Pour l'instant, on ne doit pas reculer d'un millimètre face à l'offensive de la droite. Alors, il est difficile de soutenir des luttes qui sont en avant de cette ligne de position qu'il faut consolider. C'est un peu le cas pour la lutte des soldats. On a fait le maximum », analyse un membre de l'Union démocratique, populaire (UDP, marxiste-léniniste). « Le compromis évite un recul, c'est essentiel. Un recul des soldats aurait signifié une défaite du mouvement révolutionnaire ».

LUTTE DES SOLDATS ET PROCESSUS REVOLUTIONNAIRE

La lutte des soldats est primordiale pour l'avenir révolutionnaire, estime le FUR et l'UDP. « La bourgeoisie a deux piliers pour maintenir son pouvoir : l'information et l'appareil répressif. Or ces deux piliers vacillent avec la lutte à Radio-Renaissance et à Republica pour l'information, et avec la lutte des soldats pour l'armée, appareil répressif par excellence », m'a-t-on dit à l'UDP. « Au Chili, le coup d'Etat fasciste a été possible à cause d'une armée égarée par le processus. Ici, c'est différent. Les soldats et les officiers progressistes remettent en cause la structure traditionnelle, hiérarchique de l'armée. Ce qui fait que la bourgeoisie ne peut plus l'employer pour exercer sa répression », m'explique un membre du FUR.

Les analyses divergent cependant sur le rôle que joue la lutte au sein de l'armée par rapport au mouvement révolutionnaire en général. Bien sûr, pour le FUR et l'UDP, la véritable avant-garde révolutionnaire ne peut être que la classe ouvrière. Mais là où l'UDP ne voit dans la lutte des soldats que le « point le plus avancé » du mouvement révolutionnaire, le FUR y reconnaît une sorte d'avant-garde. Au moment, une « avant-garde » tactique, pour-rait-on dire. « L'armée est actuellement le lieu

privé de la lutte des classes. C'est en son sein que se mène actuellement la principale bataille. De son issue dépend l'avenir de la révolution. Ça commence à faire tâche d'huile dans toutes les casernes du pays », affirme-t-on au FUR.

LE RÔLE DU PC

« Ce qu'il faut maintenant, c'est développer les relations entre comités de lutte de soldats et les commissions de travailleurs et d'habitants, pour constituer la base sociale nécessaire au renversement de la droite. Sans cela, toute insurrection serait autiste et vouée à l'échec », assure-t-on à l'UDP. Est-ce une critique au FUR qui on accuse volontiers d'être d'avant-garde ? « Le FUR reconnaît pourtant lui aussi que l'insurrection n'est pas à l'ordre du jour même au moment de cette mutinerie qui aurait pu permettre la constitution de milices armées, à cause du trop faible développement des organes de pouvoir populaire ».

Il faut aussi compter avec le réformisme du Parti communiste qui a freiné tant qu'il pouvait cette lutte du CICAP. « Par exemple, les gens qui ont accueilli Fabiao, à l'extérieur de la caserne, mardi après-midi, appartenaient presque tous à des commissions de travailleurs et d'habitants contrôlées par le PC. Le Parti communiste a sans cesse un rapport de forces populaire favorable à Fabiao vis-à-vis des soldats retranchés au RASP. Il faut bien voir qu'actuellement le PC joue Fabiao ». On constate la même méfiance vis-à-vis des réformistes à la droite de l'UDP. « On dit que nous sommes contre les comités de « soldats sans vaincre » (SUV), alors que nous avons appuyé la première manifestation réalisée ici à Porto le 10 septembre dernier. Par contre, nous avons refusé d'aller à celle de Lisbonne, car dans la capitale, les SUV ont été créés par le PC qui essayait de contrôler ce mouvement. Mais maintenant il y a eu des élections démocratiques par unité et le PC n'a presque plus d'influence ».

A écouter cette gauche révolutionnaire, on est bien loin de l'alliance « PC-gauchistes » que certains croient déceler. Il serait plus juste de dire que le parti communiste tente par tous les moyens de contenir le mouvement révolutionnaire en s'attachant par exemple dans toutes les structures d'organe populaire ou l'extrême gauche est très influente.

Thierry WOLTON.

INTERNATIONAL

Portugal

PORTO, A LA POINTE DU COMBAT REVOLUTIONNAIRE, EST AUSSI « LA CAPITALE DU PORTUGAL RENAISSANT »

• 15 000 personnes au meeting du CDS

• « Assemblée populaire de Porto » le 25 octobre

Décomposition de l'armée, crise économique, hantise d'un coup d'Etat, rumeurs incontrôlables.

Vendredi matin, l'hebdomadaire *O Jornal* relance la grande phobie du coup d'Etat en faisant état sur un ton très anodin de rumeurs selon lesquelles les partisans portugais du Mouvement populaire pour la libération de l'Angola (MPLA) étaient prêts à renverser le système gouvernemental de l'amiral Pinheiro de Azevedo avant le 11 novembre (date prévue depuis un an pour la proclamation de l'indépendance pour installer à Luanda les représentants du MPLA en éliminant des deux autres mouvements (FNLA et UNITA). Il s'agirait par conséquent

de remettre en selle le général Vasco Gonçalves et ses partisans avec l'appui du Parti communiste et de la gauche révolutionnaire. La « boato » (la rumeur), orchestrée comme une partition musicale, n'a pas tardé à s'amplifier ; très vite étayée par une foule d'autres boatos.

D'autres rumeurs font état de l'imminence d'un « golpe », de droite celui-là : on signale la présence de responsables du mouvement spinoliste MPD (Mouvement démocratique de libération du Portugal) dans le nord du pays ; on prétend que les agents de l'ELP (Armée de libération du Portugal) sont déjà à pied d'œuvre, prêts à intervenir avec

d'anciens agents de la PIDE (police politique de Salazar) et les réfugiés de l'Angola à qui on raconte depuis des mois que le pays est livré à la terreur des « rouges ». Enfin, l'*Expresso* ajoute que l'ex-général Spínola se rendra à Madrid aux alentours du 20-24 octobre.

Pour ajouter à la confusion, on redécouvre que certaines organisations politiques sont armées. D'où la décision d'autorité et de pure forme évidemment, prise vendredi par le général Costa Gomes en vue de désarmer la population civile : les civils détenteurs d'armes ont huit jours pour les remettre à la police, faute de quoi ils risquent des peines d'emprisonnement.

politique et militaire.

En attendant, on s'organise sérieusement en vue du vendredi 24 octobre, jour, à tous points de vue décisif. C'est en effet ce jour-là que la commission d'enquête nommée par le chef d'état-major devra remettre ses travaux sur les causes et responsabilités ayant entraîné la fermeture du CICAP vendredi 3 octobre. Fermeture qui est à l'origine du mouvement des soldats à Porto. Ce jour-là également, les militaires du CICAP, du RASP et des 18 unités de la région nord qui ont participé au mouvement se réuniront pour envisager les formes et les modalités à donner à la poursuite de la lutte. Enfin, samedi 25 octobre, une assemblée populaire sèvera comme l'a décidé la réunion du vendredi soir. Toutes les commissions des travailleurs et des habitants de Porto, et de Vila Nova de Gaia, se réuniront à nouveau pour donner la plus large base populaire possible à la lutte des soldats. C'est donc une semaine décisive qui s'ouvre, aujourd'hui à Porto. Pour le mouvement des soldats et les organes populaires de base qui lui sont liés.

Thierry WOLTON

Porto le 19 octobre.

Ils étaient environ quinze mille ce samedi après-midi à applaudir leurs vedettes de Porto. C'était, à défaut du football club de la ville, enfant chéri du pays, le spectacle qu'offrait le centre démocratique et social (CDS) à ses fervents partisans en cet après-midi brumeux. Une démonstration de force de la droite à l'issue d'une semaine qui vit la victoire des « mutants » du centre d'inspiration des Conducteurs auto (CICAP) qui s'étaient renchâchés pendant plus de huit jours au régiment d'artillerie de Serra do Pilar (RASP) voir libéré du 18 octobre.

S'il est parfois difficile de savoir-qui est-qui dans une situation politique aussi complexe que celle du Portugal, il est cependant possible de mettre un nom, un visage, une étiquette sans ambiguïtés sur le CDS : c'est la vieille droite. C'est celle qu'on rencontre assurément à un meeting du CDS avec sa détermination et sa haine de tout ce qui peut de près ou de loin être « progressiste ». C'est la position à la moindre nationalisation jusqu'au tri de vengeance contre les comités de « soldats ». Unis, vaincraient « l'anarchie » dans l'armée. Comme d'habitude dans ce genre de meeting, le spectacle est plus dans la foule des gradins qu'à la tribune où se sont succédés le vice-président, le président du parti et l'inévitable général d'aviation Galvão de Melo. Une foule venue en famille, endimanchée, où les femmes et les jeunes filles de « bonne éducation » sont majoritaires. Une foule pour qui l'ennemi à éliminer est pour non parti communiste, l'ennemi Rosa Coustas et le RASP.

« Ce parti communiste qui veut exercer son pouvoir et livrer le pays à l'anarchie », « D'ailleurs, écrit le président du parti, Freitas do Amaral, la Chine populaire refuse d'établir des relations diplomatiques avec notre pays à cause de nos liens étroits avec l'URSS ». Un amiral Rosa Coutinho, responsable du temps où il était haut commissaire en Angola d'avoir livré le « colon » au mouvement populaire de libération de l'Angola (MPLA), « Assassins, as-

sassins » conspuent l'assistance composée en grande partie d'ex-colons. « Les réfugiés d'Angola attendent la fin du mois pour passer à l'actif », me confie mon voisin d'un air entendu. Les SUV enfin, qui ont désorganisé l'armée et ainsi « trahi les espérances du 25 avril ». « Militaires dans les casernes » ponctue la foule pour qui les « civils » sont seuls capables de sortir le pays du « chaos de la faillite, de l'anarchie ». Sombre tableau qui amène naturellement à réclamer un sauveur. Galvão de Melo. On oublie alors le rôle militaire qu'il a aussi. On n'est pas à une contradiction près au CDS dont la ligne politique se définit plus comme quelque chose que pour un projet précis.

La brume envahissant petit à petit le stade et ses milliers de gens debout, bras tendus, doigts en V, vociférant à tous propos, donne une sorte de vision crépusculaire au processus révolutionnaire qui est ici viscéralement vrai. Au passage, les valeurs catholiques ont été glorifiées, Radio Renaissance Nord a été reconnue comme le « vrai voix du peuple. (Toujours aux mains de l'église dans cette région) et la « bonne

ville de Porto » comme « la capitale du Portugal renaissant ». Un fragment d'hymne nationale, une fontaine de drogues, l'emblème du parti et l'on se quitte fier d'avoir été si nombreux en cette après-midi. Puis, la dispersion dans la ville ; sans incidents alors que du PC à tous les groupes d'extrême gauche des militants avaient été mobilisés en vue d'éventuels affrontements.

La droite n'a peut-être plus besoin d'incidents pour démontrer sa force ? Ce meeting du CDS est en effet resté bon enfant malgré l'assistance surexcitée. Il n'y avait pas cette tension constante fin août dans une réunion du même genre à 20 km au nord de Porto. C'est même avec une certaine assurance que les militants se sont dispersés drapeaux et emblèmes du CDS bien en vue. Signe des temps ? Cette droite semble en tous cas plus sûre d'elle-même au moment où pour tant Porto a été pendant plus d'une semaine « à la pointe du combat révolutionnaire », comme on dit ici, avec la lutte des soldats ou le CICAP.

UNE SEMAINE
DECISIVE

C'est pourquoi dans ce contexte « la lutte conti-

nue » pour le comité politique et militaire des soldats du CICAP et du RASP. « Nous avons gagné une bataille et non la guerre », m'a affirmé vendredi soir l'un de ses membres à l'issue d'une assemblée en tre militaires et représentants de commissions de travailleurs et d'habitants. Plus de 300 personnes réunies au gymnase du lycée commercial et industriel de Vila Nova de Gaia, qui ont pendant 3 heures étudié et mis au point les formes « d'appui populaire » à la lutte des soldats. Un appui populaire est plus nécessaire que jamais au moment où, malgré les promesses du chef d'état-major, le général Carlos Fabião certaines sanctions sont prises contre les militaires qui ont participé au mouvement. Aux deux soldats du quartier général mis à pied mercredi (Libé 17 octobre) s'ajoutent maintenant 7 autres du régiment d'infanterie de Porto (RIP). La vague des sanctions risque de s'amplifier sous la responsabilité du commandant de la région militaire nord, le brigadier Pires de Veloso.

C'est peut-être un mauvais calcul qui risque de radicaliser à nouveau le mouvement comme l'envisage sérieusement le comité poli-

Chili: Après l'attentat contre Leighton L'EUROPE, NOUVEAU TERRAIN D'OPERATIONS DE PINOCHET

Dans la soirée du 6 octobre, le leader démocrate-chrétien chilien Bernardo Leighton et sa femme, Anita Fresno, tombaient sous les balles de tirs en rentrant chez eux à Rome. Avant de perdre connaissance, cet homme de 66 ans murmurait : « C'est une question politique. » Vice-président de la République et ministre de l'Intérieur du gouvernement Frei entre 1964 et 1970, Leighton a quitté le Chili en janvier 1974, après avoir pris la tête d'un groupe de douze parlementaires démocrate-chrétiens qui dénonçaient la junte, rompant ainsi avec la ligne Frei. Au début du mois de juillet 1975, une rencontre avait lieu au Venezuela, à Colonia Tobar, près de Caracas, entre l'aile antifasciste de la démocratie chrétienne et des représentants de la gauche chrétienne. Cette initiative, qui marquait le « dégel » des relations entre les démocrates-chrétiens antifascistes et la gauche chilienne ne put pas du tout au régime Pinochet.

Dans son dernier numéro, l'hebdomadaire italien *l'Espresso* apporte un certain nombre d'éléments nouveaux sur cet attentat. Selon le journal, la décision de tuer Leighton avait donc été prise au mois de juillet. Le chef de la DINA (Direction de l'Intelligence Nacional)

pour l'Europe se nomme Pedro Ewing : il aurait été nommé au poste d'attaché militaire à Madrid, qu'il occupe actuellement.

Certains exilés ont même été « rapatriés » au Chili, après avoir été enlevés, drogués et conduits à Mendoza, ville proche de la frontière d'où partent des avions transportant de la viande argentine vers le Chili. Aujourd'hui, c'est donc à Madrid qu'Ewing planifie les opérations pour l'Europe. Dans un premier temps, on a constitué des dossiers en pratiquant sans doute avec la complicité des services français et italiens, l'écoute des conversations téléphoniques des Chiliens réfugiés en Italie et en France avec ceux qui sont réfugiés dans les pays de l'Est européen, et en filant les réfugiés les plus connus. Ainsi, trois agents chiliens, découverts à Orly, ont été relâchés par la police française après quelques minutes (voir Libé du 8 octobre).

Deuxième méthode : l'envoi de « boursiers » : quarante d'entre eux sont déjà en France et un autre lot est prévu pour l'Italie. Officiellement venus en France pour suivre des « cours post-universitaires », ils seraient en fait des hommes de main du groupe « Patria y Libertad » de Pablo Rodríguez dont le tâche serait de provoquer des exilés et d'amener à leur expulsion.

RECTIFICATIF

L'exposition d'Amor Dumalou, sur l'Algérie d'aujourd'hui et d'hier, se trouve non pas au 118 bis rue St-Jacques mais au 161 bis, qui est le centre culturel algérien. Elle restera ouverte jusqu'au 2 novembre malgré les menaces racistes.

Sahara occidental : Madrid demande l'intervention de l'ONU

Le gouvernement espagnol a demandé samedi la convocation urgente du Conseil de sécurité afin d'éviter une « évolution dangereuse » de la situation du Sahara occidental qui, comme le parti d'opposition marocaine leghal lance un appel à ses militants pour qu'ils participent « à la marche libératrice » lancée par Hassan II après la publication des conclusions du rapport de La Haye. Cependant, la presse madrilène qualifie cette marche d'« acte de guerre ». Le quotidien catholique *la Esfera* écrit même : « Pérorer en masse dans un autre pays, même si les envahisseurs emmènent avec eux leurs femmes et leurs enfants, a toujours été une action de guerre. » L'affaire a été jugée suffisamment sérieuse à Alger pour nécessiter le rappel de l'ambassadeur algérien en poste à Madrid. Fait nouveau depuis vendredi : la Mauritanie qui, elle aussi, a des prétentions sur le Sahara occidental, soutient l'initiative de Hassan II. Elle va organiser de son côté une vaste « campagne d'explication et de mobilisation populaire ».

Le président gabonais Bongo, pour ne pas être en reste, a lui aussi décidé d'organiser sa petite « marche », strictement symbolique en signe de solidarité : « Le jour où le peuple marocain commencera sa marche pacifique vers le Sahara », a-t-il déclaré le même jour, une marche à travers les artères de la capitale gabonaise sera organisée...

Tchad : le départ des troupes

800 des 2 330 militaires français de « l'escadre d'Afrique centrale » ont déjà quitté N'Djamena pour la France. Les délégations africaines se succèdent dans la capitale : après des Congolais de Brazzaville, ce sont des Libyens qui sont arrivés jeudi soir. Reçu par le général Molloum, le secrétaire d'Etat libyen aux Affaires étrangères a dénoncé l'ingérence française au Tchad et salué le départ des troupes.

Afrique du Sud : Breyten Breytenbach au secret

Breyten Breytenbach, écrivain et peintre, reconnu comme le plus grand poète actuel de langue africaine, a été arrêté le 19 août dernier en Afrique du Sud, où il était entré clandestinement, avec un faux passeport, le 19 août. Il est détenu au secret sous l'inculpation d'« espionnage » : on n'a plus aucune nouvelle de lui.

Il vivait en exil en France depuis 1969, refusant, par son acte volontaire, de cautionner la politique de l'apartheid. Son œuvre poétique et romanesque marque une progression vers des prises de position de plus en plus tranchées contre l'idéologie du gouvernement de Pretoria. Invité à séjourner trois mois dans son pays, en 1972, il y déclara publiquement : « Nous sommes un peuple bâtarde, avec une langue bâtarde. Nous sommes de nature bâtarde. Voilà qui est bas et bien. » Depuis ce séjour, son travail d'écrivain devient nettement politique : il a notamment publié une « Lettre de l'étranger au boucher », adressée à J. Vorster, ce qui signifie « queue pourrie », lettre écrite en fait pour Vorster, le Premier ministre. Depuis, le peintre-poète a décidé de participer à la lutte clandestine, non plus avec des mots et des couleurs, mais en actes.

L'Union des écrivains de France a interprété la majorité des écrivains français : « J'appelle que cet écrivain, époux d'une citoyenne française, résidait en France sous la protection de ses lois et réclame instamment l'appui des autorités françaises compétentes, en vue d'obtenir : 1) l'aveu officiel de la part du gouvernement de la République sud-africaine de l'arrestation et de l'incarcération arbitraire de Breytenbach ; 2) connaissance du délit dont il est accusé [...] ; 3) la libération immédiate de l'écrivain.

Angola : vingt mille morts

Plus de vingt mille personnes ont été tuées en Angola depuis le début du conflit qui oppose le Mouvement populaire de libération de l'Angola (MPLA) dirigé par Agostinho Neto) à la coalition « Front de libération national de l'Angola », Mouvement UNITA.

Ces informations qui émanent des milieux militaires portugais laissent pressager le pire alors que l'on approche de la date fatidique du 11 novembre où l'Angola sera officiellement indépendante. Les engagements militaires ne cessent d'ailleurs pas de s'intensifier. On signale la présence de soldats du FNLA dans un rayon de vingt-cinq kilomètres de la capitale. Il est fort douteux, dans ces conditions, que la mission de conciliation de l'Organisation de l'Unité africaine (OUA) qui, arrivée depuis peu à Ambriz, siège provisoire du FNLA, puisse parvenir à des résultats tangibles.

INTERNATIONAL

Marche sur l'Espagne.
Hendaye 1er novembre

Nouvelles des comités

Régions

Pau. Le comité de soutien aux luttes du peuple d'Espagne appelle à la constitution d'un comité pour la marche, réunion lundi 27 à 18 heures rue Michel Houbaud.

Marseille. Librairie « Li-re », 16 rue Sainte, 13^e (Tél. 33 16 11) permanence quotidienne de 16 h 30 à 19 h 30. Une assemblée générale aura lieu lundi 27 à 18 heures. Le comité estime qu'en dépit de la commodité matérielle évidente d'un deuxième rassemblement au Balthus, un rassemblement massif et unitaire à Hendaye est seul en mesure de constituer une véritable manifestation.

Paris. Comité de soutien aux luttes du peuple d'Espagne, 13005, rue de la Chapelle, 13005, Marseille. De 19 heures à 21 heures se tiendra un forum ouvert aux militants basques, des juristes et des personnalités maritimes, la deuxième partie de cette soirée sera consacrée à la projection de films sur les luttes espagnoles et les prisons en Espagne, ainsi qu'à des chansons d'Imanol et d'autres chanteurs. Une crèche, des sandwichs.

et un bar sur place.

Evreux. Une soirée pour l'Espagne aura lieu le samedi 25 à la bourse du travail à 20 h 30. Exposition, chanteur espagnol et projection du film « L'Espoir ».

Parpignan. Le Comité Espagne libre appelle les comités Sud-Est intéressés à se mettre en contact avec le 2, rue du Cimetière Saint-Mathieu, 66000. Tél. 34-20 45 tous les jours, de 9 à 12 heures et de 14 à 19 heures.

Loiret. Pour la création d'un comité de « marche » prendre contact avec David Nukalavik, 21 rue des Colibris, 45330 Malesherbes.

Tours. Permanence et renseignements, Gilles Derqui et Annette Vathilde, 5 place des Aubépines, 37 St Pierre des Corps. Tél. 61 26 50.

Guéret. Le comité de soutien aux antifranquistes organise une projection-débat sur la situation en Espagne et la préparation de la marche, le 24 octobre à 20 heures à la MJC.

Auxerre. Création d'un comité, 64 rue St-Pierre.

Saint-Raphaël. Création d'un comité, Beyer, poste restante, 83700 St-Raphaël.

Paris et banlieue

Paris 3^e. Réunion vendredi au CH3 29 rue Charlot et rendez-vous dimanche sur le marché de Bretagne.

Paris 14^e. « Six heures pour l'Espagne en lutte » dimanche 26 octobre de 15 heures à 21 heures au 7 rue Marie-Rose, Paris 14^e. Film, projection de diapositives, musique, débats et bouffe.

Paris 13^e. Réunion le vendredi 24 octobre à 20 h 30 27 avenue de Choisy. Permanence à la Bouquinerie, 11 rue Barraud.

Garges-Villiers-le-Bel. Réunion pour la constitution d'un comité marche sur l'Espagne vendredi 24 à

20 h 30 à la MJC, Tél. 966-48 50 pour renseignements, samedi ou dimanche matin et tous les soirs.

Clichy. Réunion vendredi 24 à 19 heures au foyer des jeunes travailleurs, 107 rue Marthe, Diderot 107.

Mantes-la-Jolie. Le comité informe qu'un collectif est envisagé : prendre contact samedi 25 octobre entre 10 et 12 heures sur le marché de Mantes-la-Jolie ou dimanche 26 octobre au centre commercial principal.

Nanterre. Réunion d'information de soir à 20 h 30 à la Maison Peinte, 362 bis avenue de la République.

Communiqués

CFDT

« Le syndicat CFDT du commerce de Paris (67 rue de Dunkerque, 75001) réuni le 19 octobre en assemblée générale, décide d'appeler ses militants à soutenir et à participer à la « marche antifranquiste » de Hendaye le 1^{er} novembre.

ORGANISATION
REVOLUTIONNAIRE
ANARCHISTE

L'ORA soutient l'initiative de la marche sur l'Espagne et appelle tous les communistes libertaires à participer s'ils ne sont pas déjà dans les comités de préparation à la marche. L'ORA estime d'autre part que « le meilleur soutien que nous pouvons apporter au peuple espagnol c'est de développer la lutte des classes dans notre pays... »

COMITE
ESPAGNE LIBRE

Dans un long communiqué, le Comité Espagne libre (179 rue Saint-Denis 75001) rappelle qu'il « s'est engagé sans aucune res-

triction à mettre tout en œuvre pour que la marche du 1^{er} novembre soit un succès ». Il estime d'autre part que le succès de cette marche passe par son caractère « anti-autoritaire et anti-hiérarchique » qu'elle soit une manifestation de « notre solidarité concrète avec les peuples d'Espagne », que le rassemblement soit « pacifique... » « Il ne s'agit pas d'occuper militairement Hendaye... »

COMITE
COORDINATION
PEUPLES EN LUTTE

« Le CCPL appelle toutes les nationalités des Etats français et espagnol à se regrouper massivement à Hendaye le 1^{er} novembre pour manifester leur soutien aux travailleurs et aux peuples de l'Etat espagnol. Il entend également affirmer par sa présence à Hendaye l'unité d'Euzkadi Nord et Sud. » CCPL, Lutte occidentale, Front autonome socialiste autogestionnaire breton, PC breton, ETA V, Union du peuple galicien, Parti corse pour le socialisme, Secours basque,

Une nouvelle organisation de travailleurs au Portugal



Les SUV. « Soldats unis vaincront » ont maintenant leur équivalent civil : TUV. Travailleurs unis vaincront. Gamma

« TRAVAILLEURS UNIS VAINCRONT »

Une initiative de la gauche révolutionnaire (FUR) pour se constituer une base ouvrière

Lisbonne, 23, de notre envoyé spécial.

Depuis deux heures du matin, mercredi, Radio-Renaissance diffuse à nouveau en onde moyenne, après que les techniciens de la station ont réussi à réparer les avaries causées à la suite de l'occupation de la station par les commandos d'Amadora fin septembre (voir Libération).

« L'Internationale » et un communiqué des travailleurs de Radio-Renaissance rappelant les dix-sept jours de lutte qui viennent de s'écouler démentent les nouvelles émissions. En début de matinée, Radio-Renaissance diffusait ses programmes habituels : chants révolutionnaires et lecture des communiqués de commissions de travailleurs et d'habitants.

A la station émettrice de Buraca, toujours protégée par plusieurs unités militaires (police militaire — PM —, régiment d'infanterie opérationnelle de Queluz — RIOQ —, etc.) sans doute de personnes, on se dit prêt à répondre à toute tentative de fermeture de la station par le sixième gouvernement.

Celui-ci a pourtant pas encore réagi à la « libération par le peuple de la voix de la classe ouvrière ». Mis devant le fait accompli, et compte tenu de l'appui de plusieurs unités militaires de la capitale aux travailleurs de Radio-Renaissance, il ne semble pas prêt à engager pour l'instant une épreuve

de force. La réouverture de la station constitue, en tout cas, un nouveau camouflet pour le gouvernement, une nouvelle contestation de son « autorité ».

Une « autorité » également, en partie, contestée par les centaines de commissions de travailleurs et d'habitants qui défilent hier soir dans les rues de Lisbonne pour l'avancée immédiate des organisations populaires. Les manifestants réclamaient la création d'assemblées populaires, la promulgation de lois du cinquième gouvernement de Vasco Gonçalves, la réalisation de la réforme agraire et la réintégration des officiers révolutionnaires au sein du Conseil de la révolution. Ils avaient reçu l'appui des comités de « Soldats unis vaincront » (SUV), de plusieurs unités de la région militaire de Lisbonne. La gauche révolutionnaire, et d'une façon générale, plusieurs organisations populaires de base, ne s'étaient cependant pas solidarisées avec cette manifestation, apparemment provoquée par les commissions de travailleurs et d'habitants contrôlées par le Parti communiste.

LEPCP VEUT-IL
CONTROLLER
LESTUV ?

La nouvelle organisation des travailleurs, « Travailleurs unis vaincront » (TUV), apparue publiquement le lundi 20 octobre, a en tout cas refusé d'y participer pour cette raison : « C'est une nouvelle tentative du PC qui tente

de contrôler le mouvement populaire d'opposition, tout en gardant un pied au gouvernement », m'explique Pires, ouvrier dans une entreprise de fibro-ciment, dans la banlieue de Lisbonne, et membre des TUV.

« C'est d'ailleurs pour lutter contre ces tentatives que nous avons créé les TUV. A l'issue de la grande manifestation des commissions de travailleurs du 18 septembre dernier, contrôlées elles aussi par le Parti communiste, un secrétariat provisoire de coordination a été constitué. Ce secrétariat, totalement parachuté, tente actuellement de se légitimer en faisant des meetings dans les entreprises de « Soldats unis vaincront » (SUV), manifeste réformiste, réclame par exemple la promulgation des lois du cinquième gouvernement, en vue d'une grande réunion des commissions de travailleurs qui doit évaluer officiellement son rôle de coordination. Notre opposition est de deux types : organisationnelle et politique. Au niveau organisationnel, nous pensons que la priorité des priorités est la constitution de structures interzone, comprenant des commissions de travailleurs, d'habitants, mais aussi les comités des soldats des casernes. Seules ces structures peuvent jouer un rôle efficace pour défendre le processus révolutionnaire, mais surtout pour la conquête du pouvoir. Le problème du secrétariat de coordination vient bien

après cette étape. Au niveau politique, nous sommes clairement contre le sixième gouvernement, que nous considérons seulement de droite. Nous sommes pour armer la classe ouvrière et le peuple, mais en vue d'objectifs concrets et sous contrôle des commissions de travailleurs. Le secrétariat est contre un tel projet. Il veut favoriser l'alliance peuple-MFA alors que nous sommes pour une solidarité entre TUV-SUV-commissions d'habitants. Dans notre manifeste, nous proposons concrètement ce type de structure comme celui de la liaison ouvriers-paysans, en abordant les problèmes de la distribution des produits par exemple, alors que le manifeste du secrétariat provisoire pro-PC reste vague sur tous ces points. »

« Tentative de division », répond le secrétariat provisoire à la constitution des TUV. Une constitution qui ressemble actuellement plus à un parti qu'à un vaste mouvement.

Seules deux usines ont pour l'instant officiellement appuyé les TUV. Des délégués d'une cinquantaine de commissions de travailleurs d'entreprises de la capitale et de la banlieue font actuellement partie de l'organisation, mais sans que leurs commissions se soient prononcées sur les TUV. « Notre tâche immédiate », précise Pires, est de diffuser notre manifeste et de le faire discuter par tous les tra-

vailleurs dans les entreprises et non pas par les seules commissions, comme le fait le secrétariat pour son propre manifeste. Comme ça, nous pensons être plus représentatifs. Nous comptons sur un appui massif, rapidement. Il le faut car nous allons être attaqués de tous les côtés : par la droite bien sûr, le Parti communiste évidemment, mais aussi par les organisations ML qui comptent déjà leurs propres organisations de travailleurs (MRPP) ou qui contrôlent des commissions de travailleurs (UDP) ».

ET LE MES ?

En fait, quoique Pires s'en défende, la création des TUV semble plus ou moins émaner du Front d'unité révolutionnaire (FUR) et plus précisément du Mouvement de la gauche socialiste (MES), membre du Front. C'est une tentative pour donner à ce front, constitué de six groupes politiques différents (1), une base ouvrière qui lui fait actuellement cruellement défaut.

Thierry WOLTON

(1) Front socialiste populaire (FSP), Ligue communiste internationale (LCI), Ligue d'unité d'action révolutionnaire (LEUAR), Mouvement démocratique populaire (MDP), Mouvement de la gauche socialiste (MES) et Parti révolutionnaire, du prolétariat Brigades révolutionnaires (PRP-BR).

JUAN CARLOS: UN ROI PRESENTABLE EN EUROPE?

Le roi d'Espagne - à l'heure de l'Europe - a bien s'habituer à cette expression incongrue - à manoeuvré jusqu'ici en excellent tacticien. Il a eu 28 ans pour se préparer à l'exercice du pouvoir. Il n'est pas chef du Mouvement, il a délégué cette fonction à Arias Navarro, chef du gouvernement jusqu'à nouvel ordre. Juan Carlos évite donc de se

compromettre organiquement avec le pilier « civil » du franquisme. Et son premier message au pays, samedi dernier, fait vite oublier la petite phrase par laquelle il prêtait serment de fidélité, aux Cortes, aux principes du Mouvement. Ce discours a été entendu à sa juste mesure par l'opinion « libérale européenne ». A Paris, Le Monde

produit un titre qui en dit long : « Le changement est amorcé par le discours de Juan Carlos I^{er} ». Vous avez bien lu : « amorcé » et non « annoncé ». A Franc fort, l'écho des cotte-forts ouest-allemands la Frankfurter Allgemeine Zeitung titre, en réponse : « Bien des espoirs s'accompagnent » et relève, dans son éditorial, le « ton nouveau » à défaut de « la politique nouvelle », et s'extasie sur les « conditions économiques » qui sont « bonnes » pour que l'Espagne soit « administrée par les précurseurs de la démocratie » en attendant que « sonne l'heure des démocrates ». Ne dispose-t-elle pas de « cotches sociales moyennes importantes », le « vieux penchant espagnol pour les solutions extrêmes », n'est-il pas « moins fort » ? Et Juan Carlos ne veut-il pas « être le roi de

tous les Espagnols » ? Le roi sait, selon Faz, qu'il « beaucoup de gens, et pas seulement en Espagne, pleurent de grands espoirs en lui ». S'il les remplit, les banquiers allemands, leurs porte-paroles politiques, acceptent alors « le retour au pouvoir, après quarante années, de la monarchie dans un pays ne comptant presque pas un seul monarchiste ». Cette Europe-là, celle de Giscard, Schmidt et Wilson, est donc prête à recevoir en son sein ce royaume sur la voie de la démocratie. Le roi, dont la photo a déjà remplacé celle de Franco sur les écrans de la TV à la fin des émissions, celle de Giscard, Schmidt et Wilson, onera bientôt de nouvelles pièces de monnaie, annoncera, peut-être aujourd'hui, une mesure de « grâce royale » pour une partie des prisonniers politiques, il étendra ce pardon aux ex-

ils. L'utilisation de cette prérogative monarchique permettra donc d'écarter d'égarement, pour un temps, la revendication de l'aministie générale. Jeudi, à Madrid, Giscard chamera un « Te Deum » aux côtés du prince Philip d'Angleterre : Pinochet, Hussein et Benzer, les bouchers de leurs peuples, auront regagné leur ancre. Leur présence aura permis de faire d'une pierre deux coups : calmer la veille garde fasciste et « tourner la page » à l'état « normal » que Pinochet entretient. Franco, il est évident, catastrophe qu'il « intronise » sur la scène internationale. Juan Carlos l'Européen. Comme Carmona, Juan Carlos c'est l'Europe. « anti-portugaise », celle du « changement dans la continuité », celle de la « droite civilisée ».

F.G.

Les premières heures du changement...

Le « changement » ? Deux militants syndicalistes de l'UGT, le syndicat lié au Parti socialiste ouvrier, ont été arrêtés à leurs domiciles samedi soir à Gijón, la métropole asturienne. Leurs noms : Marcelino García Suárez et Roberto Fernan-

dez Graino. Au Pays basque, un maire assassiné. Il était 14 h 30 Antonio Echegarria Albiso, maire d'Oyarzun (Guipuzcoa) regardait la télé chez lui. Un commando armé de mitraillettes a fait irruption et l'a exécuté.

Portugal

UNE BASE DE PARACHUTISTES EN AUTOGESTION

Tancos, le 24 novembre.

« Nous sommes des mutins. Mais des mutins légitimes contre le pouvoir bourgeois ». Depuis vendredi dernier, les parachutistes de la base aérienne de Tancos occupent leur base qu'ils ont déclaré en auto-gestion. Leur révolte a fait l'effet d'un coup de tonnerre : personne ne s'y attendait, et surtout pas le chef de l'état-major de l'armée de l'Air, le général Morais e Silva. Comptant bien utiliser la démobilisation pour épurer les unités des contestataires, Morais e Silva décide jeudi dernier de mettre en disponibilité ou en permission forcée tous les soldats de la base de Tancos. La riposte est immédiate : réunis en assemblée générale, les soldats et les sous-officiers de Tancos décident de « refuser cet ordre et de ne plus reconnaître l'autorité de leur chef d'état-major ».

Tout a commencé avec le plasticage de Radio-Renascença : les parachutistes de Tancos y ont participé. Sur ordre. Comme ils avaient participé à la tentative de coup d'Etat de Spínola, le 11 mars. Là aussi, ils avaient obéi, sans discuter. Parce que tout leur entraînement visait à cela : « Nous devions maintenir l'ordre en Afrique : des instructeurs français nous léguaient leur expérience algérienne, explique un des sergents de Tancos. L'entraînement quotidien était très dur : pas de discussion et l'isolement total. Nous n'avions aucun contact avec les paysans des alentours ». Aujourd'hui, le temps des dupes est fini.

Les critiques des unités progressistes ont aidé à cette évolution. « Les pères peurent encore obéir à des ordres fascistes. Ils font leur auto-critique après chaque erreur... et ils recommencent » estimait un sous-officier de l'Ecole pratique de Matra, exprimant le sentiment général des unités progressistes. « Cette fois, c'est sérieux même si certains d'entre nous veulent reculer, c'est trop tard. Nous occupons notre base nous sommes dans la plus parfaite légalité du point de vue militaire dit un des sous-officiers mutins. Militairement parlant, nous sommes un corps d'élite. Si nous penchons d'un côté, nous faisons la décision. Aujourd'hui, nous basculons vers le peuple ».

Les officiers ont réagi tout aussi vivement : 123 d'entre eux ont abandonné le régiment mutiné « pour ne pas se faire complice de la désagrégation de l'armée ». Sept seulement sont restés. Malgré cela, rien n'a changé à Tancos. En fait, les « agents ont toujours commandé » cette unité. « Nous étions responsables de l'instruction, de l'administration, dit l'un d'entre eux. Nous étions d'ailleurs en conflit permanent avec les officiers. Cela explique qu'un seul sergent sur 300 soit parti. Notre travail permettait aux officiers d'être promus... Surtout pendant la guerre coloniale ».

Aujourd'hui Tancos vit en auto-gestion. Après leur révolte, Morais e Silva a décidé de ne plus fournir d'armes ni de vivres aux quelques 1 500 soldats qui

occupent la base. Et aussi de ne plus leur verser de solde. Les commissions de travailleurs agricoles voisines ont immédiatement réagi : elles sont allées à Tancos proposer des vivres pour l'unité. Tandis que les militaires progressistes du dépôt général d'armement de Berolas ont décidé de fournir le matériel nécessaire aux soldats de Tancos. Pendant ce temps, Morais e Silva, inquiet de la « tâche d'huile » que risque de faire Tancos (les soldats des bases aériennes de Lumar et de Monti viennent aussi de refuser la démobilisation), a purement et simplement dissous l'unité, tous les sergents devant se présenter à l'état-major.

Soutenus par les officiers du COPCON, les parachutistes eux-mêmes s'organisent. A Tancos, on a rarement vu discipline volontaire aussi rigoureusement appliquée. Une permission générale a été donnée pendant le week-end : 90% des soldats sont restés à la base. En « surveillance volontaire ». Comme ceux du RALIS et de la Police Militaire. Les discussions politiques sont à l'ordre du jour : « Nous parlons de tout ce qui concerne notre lutte. Et notamment de l'attitude parfaitement réactionnaire de Morais e Silva, explique un membre de la Commission de soldats. Auparavant, la hiérarchie nous divisait en caste pour être sûre de nous « tenir » : pilotes très rémunérés, techniciens, sergents faisant office de contremaîtres, soldats obéissant à tout. Cette hiérarchie effroyable faisait de nous des

soldats prêts à briser sans réfléchir. Nous avons appris à discuter les ordres. Depuis que nous occupons la base, personne n'est monté en grade nous n'avons pas fait cela pour devenir des officiers. Le commandant de l'unité est un major. Nous voulons donner l'exemple d'une nouvelle discipline. Jadis, une réunion à plus de trois était un complot. Nous réussissons maintenant à faire des A.G. ».

Et c'est important : dans son ensemble, l'armée de l'air est au Portugal une arme à droite. Or, mercredi prochain se tiendra la première réunion des délégués de l'armée de l'air, à l'exemple de la Marine. Morais e Silva risque bien de se trouver isolé. C'est ce qui arrive aux officiers qui ont quitté Tancos : il ne parviennent pas à s'intégrer dans d'autres unités. Ils viennent d'être expulsés de la base aérienne de Sintra parce qu'ils cachaient des fusils. Et vendredi soir, ils ont tenté, en vain de pénétrer sur la base aérienne de Montijo...

A Tancos, un drapeau blanc flotte sur ce qui n'est plus la prison disciplinaire : elle est inutile désormais. « Les régiments de paras sont au moins neutralisés, estime un sergent de Tancos. Bien sûr, l'esprit de corps et la hiérarchie sont encore là : on ne s'en débarrasse pas du jour au lendemain... Nous voulons parvenir à une nouvelle discipline : l'élection des officiers sera un premier pas dans ce sens ».

Avelino de MIRANDA

Le ministre français des Affaires Etrangères, a échoué hier soir à jours en Chine. Une visite sans surprise dans le cadre des relations « amicales » entre deux pays et des « échanges mutuels ». Ce n'est pas l'entrevue « surprise » d'une heure avec le vice-premier ministre Ping, le dernier jour, qui aura contribué à cette visite de routine. Trois traductions comprises, les deux hommes n'ont pas eu le temps de se dire. Giscard fera peut-être mieux lors de son prochain voyage officiel en 1976.

Moyen-Orient : Waldheim (suite)

Le secrétaire général de l'ONU, Kurt Waldheim, a été reçu à Jérusalem après une brève escale à Damas, dimanche. Alors que le gouvernement israélien refuse de reconnaître Kurt Waldheim un « gouvernement israélien », un nouveau médiateur fait redémarrer les négociations au I. Pour les dirigeants israéliens, Kurt Waldheim représente d'un organisme aux mains d'Israël depuis le vote de l'Assemblée générale de l'ONU à une forme de rétrocession : le seul obstacle que le général devra rencontrer pour sa tournée dans cette région.

Gala de soutien à la résistance au C

Le parti socialiste chilien et le M. gauchiste révolutionnaire (MIR) annoncent jeudi 4 décembre à 20 heures, un « gala pour la résistance au Chili » qui aura des Sports. Les chanteurs, Serge Reggiani, C. Magny, Raimo, P. Ibanez, Vignetti et C. Vico apporteront la solidarité et fraternelle. Ils seront près de 100. Les billets sont en vente Sports, FNAC, Châtelet, Etoile et 10 autres points de vente seront déterminés.

Italie



Première victime de la loi anti-casse

L'étudiant Pietro Bruno, 18 ans, est mort dimanche soir dernier après avoir été blessé par balles par des carabinieri. La victime, un adhérent du mouvement « Lotta Continua », avait participé la veille à une manifestation de soutien au MPLA (Angola), organisée à Rome par l'extrême-gauche italienne. Au moment où un groupe de manifestants était en train de s'approcher de l'ambassade du Zaïre (pays qui soutient activement le FNLA et l'UNITA contre le MPLA), des heurts ont eu lieu avec la police et les carabinieri qui ont essayé de disperser les manifestants à l'aide des habituels lacrymogènes. Des cocktails Molotov ont été lancés contre un car de la police qui a été entièrement détruit. Enragés, les carabinieri ont ouvert le feu

sur les derniers manifestants en fuite. La fumée des lacrymogènes s'est lentement dispersée et il ne restait sur le goudron que le corps de Pietro Bruno, mortellement blessé.

C'est le premier mort de la loi « anti-casse ». Cette loi, votée au début de l'année par la coalition gouvernementale - PSI compris - et sans que le PCI ait fait une observation parlementaire quelconque à son adoption, autorise en effet la police italienne à ouvrir le feu sur les manifestants, chaque fois qu'elle le croit opportun. Même dans le cas de la loi « anti-casse ».

LA DC A LA RECHERCHE D'ELLE-MEME

Dimanche dernier, s'ouvrait le conseil national de la démocratie chrétienne. Son

secrétaire, M. Cossiga, a ainsi rappelé les problèmes qu'affrontent le parti communiste. point reste à ce que la division à la DC. Pour Cossiga, la « division » n'est pas une « division » mais un « ensemble d'aller confrontation le parti communiste ». Les débats se poursuivront et finiront en la division entre et son éternel républicain et moins en moi

DES VEDETTES FRANÇAISES POUR LE LIBAN?

Mercredi 26 novembre 1975

Libération

1,50 F Portugal, 15 escudos — Pays-Bas, 0,90 florins — Belgique, 15 FB — Suisse, 1,20 FS —

N° 591



Une vedette de Cherbourg achetée par Israël en 1970 (AEP)

Etat de siège à Lisbonne

PORTUGAL: PRELUDE A LA GUERRE CIVILE



Les parachutistes retranchés dans la base Monsanto se sont rendus aux forces des commandos d'Amadora qui avaient entouré la caserne. L'émetteur de radio-télévision de Porto a pris en relais toutes les émissions à l'échelon national, rendant ainsi inutilisable l'émetteur de Lisbonne occupé par des militaires progressistes.

D'autre part, à l'heure où nous bouclons le journal, il semblerait que le général Otelio Saraiva de Carvalho soit retenu au Palais Belem, siège de la présidence de la République, d'où le général Costa Gomes a décrété l'état de siège pour la région de Lisbonne.

Il semblerait, de plus, que des membres des commandos d'Amadora auraient pénétré dans le palais présidentiel. Enfin, des barricades ont fait leur apparition au centre de Lisbonne et des milliers de personnes sont descendues dans la rue.

Lisbonne le 25 novembre 20 heures (correspondance).

« Les pseudo-communiqués des parachutistes contre-révolutionnaires qui démissionnent des membres du Conseil de la Révolution et des officiers généraux sont évidemment sans signification. Elle menace le libre

Riomajor. Des fermiers barricadent les routes menant à Lisbonne pour empêcher les communistes d'entrer dans la capitale (AP).

exercice du pouvoir constitué. L'ordre et la tranquillité des habitants de Lisbonne le Président de la République déclare donc cette région en état d'urgence et assume le commandement direct de toutes les unités militaires de cette région » affirme dans un communiqué diffusé hier à 14h30, le général Costa Gomes. Celui-ci a ainsi résolu — au moins provisoirement — le problème du commande-

ment de la Région Militaire de Lisbonne (RML) qui provoque depuis plusieurs jours un violent conflit au sein des Forces Armées.

Cette mesure d'une extrême gravité a été prise à la suite des derniers événements. L'occupation par les parachutistes des bases aériennes parmi les plus importantes du Portugal (Lisbonne, Tancos, et Montijo)

Suite page 7

Les trafiquants achètent en France des mini-ordinateurs et des vedettes pour les Kataeb

Après l'armement classique (voir Libé d'hier), la routine ne quelques sorte, ce sont désormais les ordinateurs et les vedettes de Cherbourg qui intéressent les trafiquants d'armes opérant en France. Vous lirez en pages intérieures l'histoire de ces « parapluies de Cherbourg » revendus et conglomés à la mode libanaise.

Alors qu'à Beyrouth le premier ministre Rachid Karamé résume le blocage complet de la situation politique en la qualifiant publiquement d'« incontrôlable » les trafiquants opérant en France et en Europe et certains milieux d'affaires libanais prompts à la reconversion ne perdent pas eux les pédales. L'échec du troisième cessez-le-feu, celui de la dernière réunion du comité national pour le dialogue, seule instance de négociation actuelle, le piétinement de la mission Couve de Murville, l'arrivée aujourd'hui du secrétaire général de l'ONU au Liban, tout ce vain remue-ménage diplomatique n'empêche pas à souffler le feu des armes. Et lorsque les armes ont la parole, il faut assurer l'indépendance, c'est ce qui se passe une nouvelle fois depuis Paris.

Lire page 3

L'équilibre de la catastrophe

« Personne n'est suffisamment fort pour imposer son autorité actuellement au Portugal », nous disait, lundi soir, un ancien ministre de Vasco Gonçalves de passage à Paris.

Une sorte d'équilibre catastrophique s'est installé entre toutes les composantes politiques, équilibre d'autant plus catastrophique qu'il paralyse la révolution. L'extrême-gauche n'est pas suffisamment forte pour faire un coup d'Etat, mais son pouvoir militaire défensif est tel qu'il bloque toute tentative autoritaire du sixième gouvernement. Le dynamisme de la station émettrice de Radio Renascença, d'autant plus terrible qu'il détruisait un symbole de la libération du 25 avril 74, a été accueilli par tous les paraisans du sixième gouvernement comme une preuve d'autorité.

Suite page 7

Le gouvernement face aux accidents du travail

Une circulaire de Durafour interdit aux inspecteurs du travail de transmettre leurs rapports aux juges

« Il importe que, dans la mesure du possible, les fiches de renseignements établies par l'organisme professionnel de prévention du bâtiment et des travaux publics (qui joue le rôle de comité d'hygiène et de sécurité dans la profession) comme, du reste, les rapports d'accidents demandés par l'administration centrale aux services de l'inspection du travail, ne soient pas transmis au magistrat ».

Le ministre du Travail a écrit, le 13 novembre, cette recommandation aux directeurs du travail et de la main-d'œuvre. Elle a été révélée par le journal *le Monde*.

Il donne à cette ahurissante consigne de secret, manifestement dictée par le CNPF, deux raisons parfaitement contradictoires : 1) il ne faut pas transmettre aux juges les « hypothèses à caractère subjectif » faites par l'inspection du travail, pour ne pas les influencer.

« De toute évidence, leur fonction (des agents de l'OPPBT) ne peut plus s'exercer utilement si ceux qu'ils inter-

rogent se dérobent ou les égarent. Or, c'est précisément ce qu'il est permis de craindre si le travailleur ou l'employeur interrogé n'est pas assuré que ce qu'il va confier aux agents de l'organisme ne sera pas ultérieurement invoqué contre lui et ne motivera pas de poursuite devant les tribunaux. »

Bref, ne transmettez pas vos rapports aux juges, cela pourrait les rendre faux...

Les juges apprécieront. Les inspecteurs du travail aussi. De fait, un très petit nombre de procès-verbaux d'inspecteurs du travail parvenaient sur les bureaux des juges d'instruction. C'est parce que quelques-uns ont osé et que quelques juges osent en tenir compte qu'aujourd'hui, enfin, les patrons ne sont plus tout à fait sûrs de leur impunité lorsqu'ils tuent leurs ouvriers.

On reste confondu devant le cynisme avec lequel le ministre du Travail prend le risque de braver juges et inspecteurs du travail pour voler au secours d'un CNPF affolé.

Espagne

ANNONCE IMMINENTE D'UNE GRACE SELECTIVE

L'opposition engage la bataille pour l'amnistie générale

« Il pleut sur Madrid, et tout le monde attend de savoir ce qu'il va faire. Le roi, « seul dans son Palais » — image d'Epinal mystificatrice — prépare des « choses ». Ces « choses », c'est avant tout le projet de décret de grâce pour certains prisonniers politiques. Déjà discuté, et avec violence, en conseil des ministres le 20 novembre, le texte du projet est, depuis plusieurs jours, sur les bureaux de tous les ministres. Hier soir, le gouvernement a commencé à 16 heures une réunion floue pour l'examiner. La grâce royale sortirait des

prisons tous ceux et toutes celles qui ne sont pas des « terroristes » et tous ceux et toutes celles qui ont été condamnés à des peines « bénignes » puisqu'il prévoit des remises de peines de trois ans au moins et de douze ans au plus. Les condamnés basques, qui purgent des peines de trente ans, des peines de prison à vie, resteraient en prison. Camacho, le dirigeant communiste ouvrier, serait libéré. Ceux et celles qui attendent d'être jugés, comme Genoveva Forrest, resteraient en prison. Les familles des prison-

niers politiques restent pourtant très inquiètes : elles ont demandé que l'armée prenne le contrôle des prisons, car elles n'ont pas confiance dans la garde civile et dans la police armée. Jeudi, l'Europe conservatrice sera au rendez-vous de Juan Carlos à Madrid. L'annonce d'une grâce sélective serait donc bienvenue avant cette rencontre. L'Europe anti-franquiste fera, elle, de nouveau le siège des ambassades franquistes pour réclamer la libération de tous les prisonniers politiques, le retour de tous les exilés.

Lire pages 7 et 8

INTERNATIONAL

USA : les flics
homosexuels sont-ils
contagieux ?

Les homosexuels peuvent-ils s'engager dans la police ? Ce débat agite une Amérique déjà troublée par les revendications des militaires homosexuels. Le 26 septembre de cette année, la Civil Service Commission, commission des fonctionnaires de la ville de Los Angeles votait un amendement aux conditions d'entrée dans la police : l'homosexualité ne pouvait plus être considérée comme déqualifiant le candidat. Il y a trois semaines, afin d'apaiser les passions soulevées par cette décision, la commission remplaçait cette référence explicite par un principe plus général : « La conduite sexuelle en privé entre des adultes consentants ne sera plus en soi une base de déqualification ». Le chef de la police de Los Angeles, Edward Davis, 57 ans, « le chef de police le plus propre de l'histoire des USA », comme il se dit de lui-même, s'est déchaîné contre ce qu'il considère comme une pollution du corps policier : « Le fort pourcentage de microbes chez eux met en péril la santé des gens qui travaillent avec eux » affirme-t-il. Il est vrai que Davis avait déjà imputé l'augmentation de la criminalité au Mouvement de libération des femmes qui ne restent plus au foyer à élever proprement leurs enfants.

Le linge sale
du Vatican

L'indolence américaine Robert Katz a été condamné jeudi à Rome à un an et deux mois de prison, le producteur Carlo Ponti et le réalisateur Pasquale Squitieri à sept mois chacun pour avoir « offensé la mémoire du pape Pie XII ». Robert Katz avait en effet écrit dans son livre « Morts à Rome » le pape Pacelli, infirme de la prostate, du massacre des fosses Ardeatine (ou 355 Italiens furent assassinés par les nazis le 4 mars 1944 en représailles), il avait même tenté pour l'empêcher. Derrière la « tache de sang » la répression, produit par Carlo Ponti et mis en scène par Cosmatos. La thèse de Katz est de plus confirmée par l'ex colonel SS Eugene Dollman qui représentait en 1943 et 44 Himmler à Rome. Interrogé le 27 octobre dernier à Munich, au cours de l'enquête ouverte par la plainte en diffamation déposée par la nièce de Pie XII contre Katz, Ponti et Cosmatos, Dollman a en effet déclaré que « le pape Pacelli ne fut pas empêché les fosses Ardeatine par peur d'Hitler ». Les « diffamateurs » ont fait appel.

Afrique du sud : l'or
des Blancs tue les
Noirs

L'Afrique du sud possède les plus grosses mines d'or du monde après l'URSS. Qui y travaille ? « Des Noirs et des Blancs » vous répondra-t-on. En fait, les « Noirs » marchent devant et piquent, les Blancs restent dans les galeries, à l'abri, et conduisent les élévateurs. Parfois, les Noirs font grève. Autre conséquence de la politique d'apartheid (ségrégation raciale), les maîtres blancs font travailler et vivre ensemble des hommes sales d'éthnies qui n'ont jamais coexisté avant de venir à la mine. Résultat : des communautés laconiques de la police blanche annonçant des morts « à la suite d'affrontements tribaux ». C'est ainsi qu'est encore expliqué la mort, mercredi, de neuf mineurs noirs de trois ethnies à la mine d'or de Witwatersrand-Nigel, à 50 km au sud de Johannesburg, où 48 autres ont été blessés.

Bloc-notes aujourd'hui

Portugal. Meeting d'information et de soutien à la révolution portugaise à 15 heures au cinéma, Le Théâtre, 22 rue du Général de Gaulle à Villiers-sur-Marne (94). Avec une militante du MES (Mouvement de la gauche socialiste) et le film Ja.

MRAP-racisme. L'émission de France-Inter « Questions pour un samedi », de 10 à 12h, sera consacrée au racisme, avec la participation du MRAP qui tient ses comités ce week-end. Objectif du congrès de la « Fédération française des données du racisme et de la haine en France ». Points centraux à l'ordre du jour : la situation des immigrés en France et en Afrique du sud.

Antilles. Aux Antilles et en Guyane, la population diminue parce qu'elle émigre vers la France. En France, le chômage augmente et le gouvernement lance son « opération Guyane ». Pour débattre de ces problèmes, le Rassemblement de libération antillaise (IREA) organise une conférence d'information avec le professeur Bruno Marin, militant du SNES en Martinique et membre de l'agence d'information Caraïbe ICAR. Ça commence à 15h à l'aumônerie des Antilles-Guyane, 277 rue Saint-Jacques à Paris. A partir de 21 heures, on dansera !

Oranges sanglantes. Les organisateurs français de la campagne de boycott des oranges sud-africaines « Orsapan » proposent un week-end de travail (30f loges nourris) à l'auberge de jeunesse de Boissy la Rivière (Icare d'Austerlitz, train jusqu'à Elampes, puis bus). D'aujourd'hui 14h à demain 17h. On y analysera les mouvements de libération en Afrique, la lutte contre l'apartheid et on parlera de l'organisation du boycott d'Orsapan. Film : La fin du dialogue sur l'Afrique du Sud.

Portugal : à travers la réforme agraire dans le haut Alentejo

3-Un enjeu : le bétail

Santa-Suzana, village dans l'Alentejo, à l'heure de la réforme agraire. Une réunion dans le café du village avec Cortes, sous-directeur du Centre de réforme agraire, un sergent du MFA et les habitants sur l'organisation de la coopérative qui vient de se former. Des problèmes, mais aussi, chez ces petits paysans pauvres et ces ouvriers agricoles, la volonté de construire quelque chose de nouveau.

Le sergent, qui est un membre actif du MFA de base et fait partie d'une commission de « moradores » (habitants) à Setúbal, fait part de son expérience des occupations. Un habitant du village, membre de la commission de « moradores », demande ce qu'on peut occuper. Le sergent : « On ne peut occuper ni les maisons des travailleurs pauvres ni les terres des « imigrantes ». Le gîte de la commission demande : « peut occuper les maisons de secours des employés de banque ». Personne ne sait trop bien. Le sergent demande s'il y a des sans-logis. Il n'y en a pas, quoique les gens soient souvent mal logés (pas d'eau, pas de tout-à-l'égout). Dans ce cas, dit le sergent, si tout le monde est logé, il n'y a pas les conditions minimales d'occupation de logements.

Le sergent demande comment a été élue la commission de « moradores ». — Le président de la « freguesia » (paroisse) a convoqué une assemblée générale, et les présents ont élu la commission. Le sergent : « Combien a-t-elle de membres ? » — « Six ». Le sergent : « Et si, sur une question, il y a trois pour et trois contre, comment faites-vous ? Conclusion : il faut toujours des commissions à nombre impair pour qu'une majorité se dégage ». Un habitué à casquette : « Notre manière à nous de travailler, c'est que le dernier mot appartient au peuple ».

Après avoir parlé d'une creche, du problème de l'eau et du moyen d'avoir de l'argent pour tous les travaux nécessaires, on a fait le tour des questions et une certaine lassitude est perceptible. Cortes clôt la réunion par une intervention finale : « Il est important que la population de Santa-Suzana se réunisse régulièrement et discute pour résoudre ses propres problèmes. Nous ferons le maximum pour aider la coopérative, la commission de moradores, la population ».

La séance est levée. Il est 17 h 30. La foule se répand doucement le long des maisons blanches et bleues, des petits groupes se forment en divers points du carrefour à angle droit, on continue à discuter au café, les mots de ceux qui parlent pénétrant. Le gendarme de la GNR, qui

comprenez bien ? Vous êtes d'accord pour y veiller ? »

Le berger répond assez vaguement qu'il ne comprend pas grand-chose à toutes ces histoires, qu'il continue à s'occuper du troupeau pour le moment, qu'il fera ce qu'on lui dira... En même temps, il rit, d'un air d'en savoir plus qu'il veut bien dire, et d'avoir plus d'un tour dans son sac. Les deux ouvriers agricoles de la coopérative qui font partie de notre groupe le regardent d'un air méfiant.

Le berger, toujours soufiant : « Moi, je ne suis qu'un cultivateur de terre, je vous dis tout ce que je sais ».

Le sergent : « Est-ce que le camarade (le berger) intervient dans la coopérative ? » — Le berger ne sait pas.

Après une demi-heure de palabres, la petite troupe prend congé et laisse le berger à ses bêtes. Pendant que nous nous éloignons, je demande si on a convié les bergers à entrer dans la coopérative. Les ouvriers agricoles me répondent que oui, mais qu'ils ne savent pas encore quoi faire, qu'ils attendent de voir ce que le patron va faire.

Re-jeep. On rejoint la route de Santa-Suzana et on repart dans une autre direction à travers champs et collines, à la recherche du berger numéro 2 (des moutons, cette fois). On finit par le localiser sur la base des indications données par le premier berger.

Cette fois, c'est l'un des ouvriers agricoles de la coopérative qui fait le discours d'introduction — avec l'intention évidente de bien montrer au berger que les propriétaires méprisés de naguère ont maintenant un réel pouvoir puisqu'ils peuvent donner des ordres en présence de représentants de l'armée et de l'administration.

Le berger, d'un air plaintif : « On ne sait plus qui croire... Vous dites ce que le patron dit... Mais c'est quand même le patron qui nous paie... » — Il ne vous a pas payé depuis combien de temps ? — Lui rétorque-t-il, il reconnaît : « Depuis sept semaines... »

Cortes explique à nouveau la réforme agraire, l'expropriation. Le troupeau revient à la coopérative : il doit rester sur place.

Le berger écoute tout ça d'un air plutôt écœuré et résigné... Je comprendrai ensuite, par diverses discussions, le désarroi des « moradores » isolés auprès de leurs bêtes, bénéficiant de menus avantages et privilèges concédés par les

patrons, et inquiets à l'idée de les perdre. Sans compter la lourde responsabilité que représente maintenant la garde de troupeaux aussi âprement disputés. Ce berger-ci paraît vraiment angoissé. A un moment de la discussion, il a les larmes aux yeux.



L'ouvrier agricole de la coopérative demande au berger s'il veut négocier la vente à la coopérative des bêtes qui lui appartiennent en propre. Le berger hausse les épaules et répond tristement : « J'ai besoin d'argent... ». Cortes lui demande si il veut entrer à la coopérative. Il dit que pour le moment, il préfère rester avec le patron. L'ouvrier de la coopérative déclare sèchement : « La coopérative ne rejette personne. Mais celui qui entre accepte le sort de tous. Sinon, il dégoûte ». Et il appuie d'un geste. On ne peut dire que ce soit une invitation particulièrement cordiale...

En nous éloignant du berger, nous échangeons quelques propos à son sujet, il a 50 ans et cela fait vingt-huit ans qu'il travaille ici. Sur quatre cents bêtes qu'il garde en tout, cinquante lui appartiennent. Il aurait eu d'accord pour entrer à la coopérative si on lui avait laissé le même droit de propriété d'une partie du troupeau (cette partie du troupeau qui appartient au « morador » s'appelle en portugais « polvilhal » ; mais les autres membres de la coopérative n'ont pas voulu : tout le monde doit être égal. Pas question de faire une exception. Alors, pour le moment, il reste avec le patron en attendant que ce dernier conservera une partie de ses bêtes après l'expropriation, et qu'il continuera à les garder. Cortes a été frappé comme moi par la dureté des coopérateurs vis-à-vis du berger. « Un peu dogmatiques, les ouvriers de la coopérative, non ? », me glisse-t-il.

na, où les ouvriers agricoles nous ont invités pour continuer à discuter un peu avant de nous séparer. Cortes essaye d'amadouer les coopérateurs : ne serait-il pas juste de rémunérer par quelque supplément de travail de nuit des bergers ? Après tout, ils font des horaires exceptionnellement longs et ne peuvent quitter leurs bêtes... Les autres balayent l'argument : « Allez, c'est largement compensé par tout le repos qu'ils peuvent prendre dans la journée en gardant les bêtes. Leur vie n'est vraiment pas fatigante ! Alors que nous, nous cultivons la terre de nos mains, c'est bien plus dur ».

Cortes n'insiste pas. Mais nous nous renseignons sur le sort des bergers. Nous apprenons que certains patrons ne leur payaient rien ou seulement l'escudo symbolique. Ils n'avaient pour vivre que le « polvilhal », et une rémunération en nature : farine, olives... Lorsque les bêtes se vendaient un bon prix, ils gagnaient bien leur vie. Mais les mauvaises années, ils gagnaient moins qu'un ouvrier et crevaient de faim.

Les travailleurs de la coopérative nous parlent des salaires des ouvriers agricoles de l'Alentejo. En 1950, ils gagnaient une quinzaine d'escudos par jour (ce qui correspond à peu près, pensent-ils, à 50 escudos d'aujourd'hui, environ 10 francs). En 1970, les salaires étaient de 50 escudos. Juste avant le 25 avril, de 70 à 80 escudos (moins de 15 francs par jour). Depuis, ils ont à peu près doublé : 150, 160, parfois 180 escudos (30 à 35 francs par jour). Les ouvriers agricoles n'ont guère changé leur mode de vie et de consommation : ils font plutôt des économies.

Puis, on raconte les grèves, la répression : la prison, la gendarmerie toujours à l'affût. Ils parlent des luites et de l'oppression sans haine, avec objectivité comme de phénomènes naturels. Une expression me frappe : parlant des menaces de la GNR (gendarmerie), dont on sait qu'elle utilise, un des travailleurs dit simplement : « Le GNR donnait des avis... », et il raconte comme il fallait se cacher. Ils parlent de cela tranquillement, pendant que la pénombre envahit doucement le café. Il est 8 heures du soir et il commence à faire un peu froid. Il faut partir.

Robert LINHART

Au café de Santa-Suzana (La suite lundi)

Le prolétariat de l'Alentejo à l'assaut du ciel

QUAND LES PAYSANS OCCUPENT LES TERRES

A l'extrême-pointe de notre Europe, tout en bas à gauche sur la carte, un mouvement de masse balaye l'ordre séculaire des vastes étendues de l'Alentejo. Ce sont les travailleurs les plus féroceement opprimés par le fascisme, surexploités par les propriétaires fonciers et les capitalistes ruraux, qui se dressent aujourd'hui contre l'oppression, s'emparent des terres, entreprennent de transformer les rapports de production à la campagne.

Depuis plusieurs mois déjà, dans la partie sud du Portugal, les ouvriers agricoles prennent le pouvoir sur les grands domaines des latifundiaires (d'immenses exploitations, souvent plus d'un millier d'hectares). Ils constituent des commissions de contrôle de la production, s'opposent au sabotage économique et à la fuite du matériel et des troupeaux. Ils occupent les terres et créent, sur les grands domaines dont ils se sont emparés, des coopératives de production.

Au mois de juillet 1975, le cinquième gouvernement provisoire a légalisé ce processus de transformation des campagnes, déclenché par les masses. Une loi de réforme agraire a été promulguée, qui prévoit l'expropriation des exploitations agricoles excédant une dimension déterminée. Un barème complexe d'équivalences fixe la limite : tous les domaines dépassant 50 000 points + les qui correspondent à 500 hectares de terres sèches moyennes et 50 hectares de terres irriguées moyennes) sont expropriables au profit des ouvriers agricoles et des paysans pauvres. Les propriétaires terriens ont un « droit de réserve », c'est-à-dire qu'ils peuvent conserver pour l'exploiter eux-mêmes la partie de leurs terres inférieure à la limite des 50 000 points. Tous les biens nécessaires à la culture, moyens de production et troupeaux appartenant aux terres expropriées, sont réquisitionnés et remis, avec les terres, aux coopératives de production nouvellement formées.

Le mouvement des occupations a commencé en février 1975, d'abord sur des terres inexploitées ou sous-exploitées. Après le 11 mars 1975 (le jour du coup d'État de droite), les occupations ont attaqué de front le système latifundiaire. Le mouvement s'est considérablement développé au cours de l'été. Au début du mois de septembre, à l'approche des travaux de la nouvelle année agricole, plus de 500 000 hectares étaient occupés, et des dizaines de coopératives de production étaient formées ou en voie de formation, principalement dans l'Alentejo, première zone de latifundia, mais aussi dans le Ribatejo, l'Estremadure et l'Algarve.

Pour soutenir et coordonner ce processus, le ministère de l'Agriculture, à l'improvise une nouvelle administration de la réforme agraire. Des équipes ont été envoyées en hâte pour coiffer la vieille bureaucratie salazariste des « brigades techniques du ministère de l'Agriculture » : des jeunes agronomes, économistes, sociologues, avocats, etc. ont monté en quelques semaines les Centres régionaux de la Réforme Agraire qui, dans les huit districts actuellement touchés par la réforme, procèdent aux expropriations et aux remises de terres, organisent les commissions de travailleurs, trouvent le financement et les crédits d'urgence pour les coopératives, collaborent à l'établissement des premières comptabilités, aident à déterminer les plans de production... Tâches indispensables d'animation et d'appui dans un mouvement complexe, tumultueux. L'enthousiasme de ces jeunes, venus plus pour militer que pour faire un travail d'administration, et qui s'efforcent de se lier au prolétariat agricole et aux masses paysannes est une des chances de ce processus de transformation des campagnes portugaises.

Robert LINHART

2-Une réunion «d'éclaircissement» au village

Lundi dernier, des représentants du Centre de Réforme Agraire ont procédé avec une certaine solennité à la « remise » (« entrega ») des terres du latifundiaire local aux ouvriers agricoles. La coopérative compte une trentaine de personnes. Cortes Simoes, sous-directeur du Centre de Réforme Agraire, a convoqué la réunion dans la grande salle du café de Santa Susana et les trois cents habitants du village de Santa Susana ont été invités.

La réunion commence à 15h30. Une centaine de personnes sont là, beaucoup de femmes et d'enfants très gais qui courent à travers les travées. Une table a été placée devant, en guise de tribune. Y ont pris place deux travailleurs de la coopérative.

Cortes fait un résumé de l'équipe d'inspection des terres qui a occupé le village et a expliqué que les terres ont été expropriées au profit de la République. Les terres ont été données aux travailleurs. Cortes répond qu'il faut voter la question d'un crédit pour le gas-oil. On soulève la question de la commercialisation du bétail. Cortes répond qu'il faut voter de l'ombrage des intermédiaires. Les engrais ? Cortes parle du crédit d'urgence prévu pour les engrais et les semences.

Pour le moment, seuls parlent les ouvriers de la coopérative. Ce sont des travailleurs, plutôt d'âge moyen ou âgés, à l'exception d'un jeune homme, maillot jaune et pantalon noir, assis à la « tribune » qui pose beaucoup de

questions. Il y a aussi un vieux à chapeau noir « alentejano » qui pose beaucoup de questions : sur le salaire des hommes et des femmes, sur les rapports de la coopérative avec les caisses de prévoyance et le problème des assurances-maladie. Sur cette dernière question, Cortes cite l'exemple de la coopérative de Casabres qui, si elle avait payé les cotisations aux taux habituels à la Caisse de Prévoyance, y aurait englouti tout son crédit d'urgence, et n'aurait pu acheter ni semences, ni engrais ! Cela doit faire l'objet de négociations avec les administrations intéressées. « Nous nous battons pour que les travailleurs gardent leurs droits », promet Cortes.

Les questions les plus urgentes de la coopérative sont les crédits pour les engrais, les semences. Plus un travailleur a de crédit, plus il a de crédit. Les terres ont été expropriées au profit de la République. Les terres ont été données aux travailleurs. Cortes répond qu'il faut voter la question d'un crédit pour le gas-oil. On soulève la question de la commercialisation du bétail. Cortes répond qu'il faut voter de l'ombrage des intermédiaires. Les engrais ? Cortes parle du crédit d'urgence prévu pour les engrais et les semences.

Arrive alors, plutôt spectaculaire jusqu'à la « tribune » un personnage assez fort, d'une cinquantaine d'années, portant la chemise grise militaire traditionnelle des paysans de l'Alentejo, transpirant et

mal rasé, les cheveux gris en bataille, apparemment très énervé. Immédiatement s'engage une discussion très vive entre lui et la « tribune ». Il en ressort qu'il est le « feitor » (régisseur) de la propriété, qu'il ne comprend rien du moins c'est ce qu'il prétend à ce qui se passe, que tout le monde lui donne des ordres et des contre-ordres, qu'on lui réclame les clefs des différents bâtiments et le troupeau, qu'il ne sait à qui remettre quoi, qu'on ne sait plus où est la légalité, que les travailleurs de la coopérative ne sont pas d'accord avec ceux du dehors, etc., etc. Cortes, interrompant le flot : « Il faut choisir entre le patron et vos camarades ».

Le « feitor » : « Un mot dit, donne les clefs, mais le patron ne peut donner d'ordres... ». Le sergent du MEX : « Si vous donnez les clefs, le patron ne peut pas donner d'ordres... ». Les autres : « Si vous donnez les clefs, le patron ne peut pas donner d'ordres... ».

Le « feitor » : « Si vous donnez les clefs, le patron ne peut pas donner d'ordres... ». Le sergent du MEX : « Si vous donnez les clefs, le patron ne peut pas donner d'ordres... ». Les autres : « Si vous donnez les clefs, le patron ne peut pas donner d'ordres... ».

Le « feitor » se défend avec un air de vertu outragée, proclamant qu'en ces



temps troubles, on ne sait plus qui détient l'autorité. Cortes, exaspéré : « Comment ça va l'autorité ? Pour vous, le Centre régional de la Réforme agraire n'a pas l'autorité ? Cette réunion n'est ni secrète, ni clandestine ». La réquisition du bétail n'est pas une action de banditisme, mais un acte légal.

Mouvement d'approbation dans la salle. Le « feitor » est en retraite et se repaie sur une demande d'instructions : que faut-il faire pour la camionnette, pour le bétail ?

Cortes : « La camionnette

appartient au patron, elle peut servir. Le bétail appartient à la coopérative, il ne peut pas servir. Comme le feitor semble faire encore quelques difficultés pour remettre la clef du hangar à fourrages, le sergent tranche : « Si l'y a des histoires avec la clef, il n'y a qu'à forcer la porte ». Enfin, il se tourne vers le feitor et lui lance : « Comme ça, vous pouvez continuer à toucher votre salaire du patron ». Tout le monde rit. Le feitor se tait.

(L'assaut demain)

Allemagne : mesures d'intimidation

La librairie et la maison d'édition Trikont de Munich ont été « visitées » par la police allemande avant-hier. Fouilles, saisies de classeurs, fichiers, machines à écrire. Le tout effectué par cinquante policiers dont certains armés de mitraillettes. Objet : saisie du livre de Bommi Bauman, *Comment tout a commencé*, au nom d'une loi qui doit être votée prochainement, interdisant les publications qui foment l'éloge de la violence. Comme toute violence, ce livre d'un ancien membre du *Mouvement du 2 juin*, décrit le cheminement politique de l'auteur et se conclut par une condamnation de l'action clandestine qui demande trop d'abnégation de la part des militants. La police a également saisi les plaques du livre chez l'imprimeur. Cette mesure vise à intimider la maison d'édition de gauche Trikont. L'hebdomadaire *Spiegel* n'a pas été inquiété lorsqu'il a passé des extraits du livre et une interview de l'auteur.

Italie : la British Leyland occupée

La British Leyland, où on prévoit de nombreux licenciements (1500 sur 4000, voir Libé du 8 et 12 novembre), est occupée par ses ouvriers depuis mercredi dernier. L'occupation a été décidée par le conseil de l'usine, suite à la décision des actionnaires du groupe multinational de liquider l'usine automobile. L'intersyndicale de la métallurgie juge cet acte « grave et sans précédent, d'autant qu'il intervient alors que le gouvernement et les syndicats cherchaient à trouver une solution ». Le groupe japonais Honda serait en effet intéressé par l'achat de l'usine mianaise. Chez Pirelli, le 14 novembre dernier, 1 450 licenciements ont été annoncés par la direction et depuis repoussés de jour en jour. Le gouvernement s'est posé en médiateur, proposant la « cassa integrazione » (analogue à la loi française sur les 90 % aux chômeurs). Pour l'intersyndicale de la chimie, cette proposition est inacceptable, car cela autoriserait tôt ou tard la Pirelli à licencier les travailleurs qui, alors, ne seraient plus disponibles pour la pré-retraite : cela créait un

grave précédent dans le cadre des luttes qui ont lieu actuellement au sein des grands groupes, Montedison, Montefibre, Sir, Liquichimica, etc.

Crazy America

Lynette Fromme, coupable. C'est à l'unanimité que les douze jurés du tribunal fédéral de Sacramento ont reconnu Lynette Fromme, dite Squeaky (faroucheuse), coupable d'avoir tenté d'assassiner le président Ford, Disciple du tueur Charles Manson, Squeaky avait tenu Ford dans la ligne de son pistolet alors que le président des USA se trouvait en visite à Sacramento. Le coup n'était pas parti, la balle n'étant pas engagée dans le canon. Lynette Fromme affirmait ne pas avoir voulu attentat à la vie du chef de l'Etat. Son « père spirituel », Manson, l'organisateur du carnage rituel de la villa Polanski, au cours duquel Sharon Tate et sept autres personnes furent massacrées dans des conditions atroces en 1969, purge une peine de prison à vie dans le pénitencier de San Quentin.

Luther King et le FBI. Le département de la justice va revoir l'enquête menée par le FBI sur

l'assassinat du pasteur Martin Luther King, tué à Memphis en 1968. Cela à la suite de nouvelles révélations sur la campagne de discrédit qu'avait menée le FBI au début des années soixante contre l'apôtre de la non-violence. Le FBI avait notamment envoyé au pasteur King des lettres anonymes de menace, pour lui faire peur et avoir branché ses téléphones sur table d'écoute. Une lettre écrite par le FBI trente-quatre jours avant que King reçoive le prix-Nobel lui disait qu'il n'avait plus que trente-quatre jours pour se suicider.

New-York sauvé ? Le président Ford a finalement annoncé mercredi soir un programme fédéral d'aide financière à la ville de New-York au bord de la banqueroute. Le gouvernement fédéral octroierait des prêts à court terme d'un montant maximum de 2,3 milliards de dollars. En échange, la municipalité de New-York va procéder à des mesures draconiennes : 20 millions de dollars d'impôts nouveaux, ajournement du remboursement et baisse des taux d'intérêts sur les emprunts municipaux, aide financière des fonds de retraite municipaux et une contribution financière des employés à ces fonds.

1-UNE PRE-COOPERATIVE S'ORGANISE SUR LES TERRES D'UN LATIFUNDIAIRE

Jeudi 28 août 1975, réunion de la pré-coopérative d'Ameire

En fin d'après-midi, Maria, d'une des « équipes d'intervention » du Centre Régional de Réforme Agraire d'Alcacer do Sal, va tenir une réunion d'information sur une « herdado » (propriété) du sud du district, que les travailleurs agricoles s'approprient à occuper pour y former une coopérative. Maria est une jeune sociologue qui a dû s'exiler à cause de la répression politique sous le fascisme. Elle a étudié et travaillé à l'étranger comme assistante sociale. Elle est rentrée au Portugal après le 25 avril 1974, elle a pris contact avec d'anciens étudiants qu'elle connaissait pour aller dans les campagnes travailler à la Réforme Agraire. Elle est depuis quelques semaines à Alcacer do Sal, où elle fait partie d'une des quatre « équipes d'intervention ». Cela consiste à tenir chaque jour des réunions d'information et de discussion (« reuniões de informação ») comme on dit ici avec les paysans, travailleurs agricoles ou fermiers, à les aider à former des commissions de travailleurs, à intervenir dans le processus d'occupations et de formation de coopératives. Maria sillonne continuellement le « conselho Santiago do Cacém » — secteur attribué à son « équipe », c'est-à-dire elle-même et un jeune agronome — tenant des réunions dans les villages, au café, dans les granges et les remises, sous un arbre dans une cour de ferme, au pied d'un bosquet en plein champ.

La réunion d'aujourd'hui se tient sur une vaste exploitation latifundiaire isolée, que nous gagnons non sans difficulté et erreurs de trajet à travers les chemins de terre plats qui se croisent dans la plaine. Quelques bâtiments blancs, dont la demeure du propriétaire, quelques instruments agricoles autour d'un très petit arbre noueux. On se rassemble dans une espèce de réserve de matériel, encombrée de tracteurs et de charriots. Il y a déjà là une vingtaine de personnes, tant bien que mal installées sur des sièges de fortune — 17 hommes et 3 femmes, un peu à l'écart. J'apprends ensuite que sur les vingt personnes, huit sont des fermiers et douze des ouvriers agricoles.

CONTRE LE SECTARISME

C'est la deuxième réunion que Maria fait avec ce groupe.

Maria commence par donner des explications sur la loi de Réforme Agraire et les expropriations. Elle parle du droit de « réverser » du propriétaire, avec les problèmes que cela pose — en particulier qu'il ne se garde pas les meilleures terres. Elle explique qu'il faut procéder à un inventaire des terres, du matériel etc. Avant de poursuivre, Maria fait un point rapide des présents. Un fermier a envoyé sa femme : elle ne sait pas s'il veut adhérer à la coopérative qui va se former, les autres fermiers présents disent qu'ils le veulent. Maria s'enquiert des absents. Il apparaît qu'il manque deux fermiers ; on ne sait trop s'ils ont été convoqués ou non. Maria insiste pour qu'on les fasse venir à la prochaine réunion. Elle est très ferme là-dessus : tout le monde doit avoir le droit d'entrer dans la coopérative, ouvriers agricoles et petits fermiers. Souvent, m'a-t-elle dit avant la réunion, il y a des tendances sectaires vis-à-vis des fermiers, de la part du parti communis-

te et des syndicats d'ouvriers agricoles. Un fermier qui n'est pas membre de la « Ligue des petits et moyens agriculteurs » se fait facilement traiter de « fasciste » et exclure des coopératives en formation. Cela peut avoir des conséquences très graves et créer un fossé entre le mouvement coopératif des ouvriers agricoles et le reste de la paysannerie, de la population rurale. A Alcacer do Sal, on est conscient de ce danger, et le Centre de Réforme Agraire fait de réels efforts pour s'opposer aux tendances sectaires. Par la suite, je me rendrai compte qu'il n'en est pas de même dans tous les districts, ainsi le Centre d'Evora est beaucoup moins vigilant sur cette question et, en fait, laisse se développer les tendances sectaires. C'est l'une des raisons pour lesquelles, là-bas, la situation est plus tendue et plus confuse.

On procède ensuite au compte des superficies dont dispose chaque fermier. Pour certains, la situation est plus complexe : ils sont à la fois fermiers et employés de la fabrique de tomates. Il est ensuite question de deux fermiers dont on dit qu'ils ne travaillent pas directement la terre, puis d'un autre qui est parti.

DES DETTES INDIVIDUELLES AUX DETTES COLLECTIVES

On en vient au futur plan d'exploitation des terres. Maria annonce la venue d'agronomes qui procéderont à une étude des sols. Elle explique qu'il faut coordonner les plans de culture des diverses coopératives, autrement on court le risque d'une surproduction de certains produits alors qu'il y aura pénurie pour d'autres. Le plan d'exploitation doit donc être en collaboration avec les travailleurs, avec l'aide du Centre de Réforme Agraire, qui représente l'intérêt général. Mais ce sont les travailleurs qui connaissent mieux la terre, qui décident en définitive.

Maria demande à chacun s'il adhère à la coopérative. Tout le monde est d'accord. Y a-t-il des questions ? Un fermier : « Les machines que je vais apporter à la coopérative, comment va-t-on me les payer ? Je les ai achetées à crédit ».

Maria : « Votre dette individuelle devient une dette collective de la coopérative ». En portugais, cela sonne beaucoup plus cérémonieux. « La dette individuelle du Senhor Maria est toujours extrêmement polie dans les réunions avec les travailleurs. Cela relève d'une volonté délibérée de montrer que les jeunes « cadres » de la Réforme Agraire ne sont pas les successeurs de l'ancienne administration, hautaine et répressive. En même temps, chez Maria, cette politesse reflète un respect réel et profond pour le prolétariat agricole de l'Alentejo, qu'elle admire et dont elle découvre, au fil des réunions et des conversations dans les campagnes, la générosité, le passé de luttas, le courage, la générosité.

« Les travailleurs ont-ils fait l'inventaire des machines ? » — Oui.

On va passer à l'élection de la « commission des travailleurs ». Tout

de suite se pose le problème de la participation des gens qui ne savent ni lire ni écrire à la commission de travailleurs. Plusieurs se refusent pour participer à la commission. Maria demande à une femme si elle veut en être. Non, Maria parle d'une autre coopérative qu'elle connaît, où la commission comprend quatre hommes et six femmes. On décide d'en repartir au cours d'une réunion future. Pour le moment, on convient de faire une commission provisoire. Maria explique qu'un camarade qui ne sait pas lire peut avoir des responsabilités dans la commission, il peut s'occuper des cultures ou d'un autre secteur, simplement, il ne pourra pas s'occuper de la comptabilité.

UN SALAIRE EGAL POUR TOUS

Deux des participants sont tout de suite volontaires, le délégué syndical du syndicat des ouvriers agricoles et le responsable de la Ligue des petits et moyens agriculteurs. Le syndicaliste a un bon sourire timide, mais il est assez porté aux discours et il parle parfois comme les éditeurs de « Avante » (journal du parti communiste). Maria m'a dit qu'à la précédente réunion il avait un peu trop tendance à répondre à toutes les questions à la place des autres participants, elle a dû insister pour qu'ils s'expriment aussi. Quant au responsable de la « Ligue », c'est un gros homme rougeaud et jovial, qui parle avec assurance. Au tour début de la réunion il a dit à des paysans présents de lui régler son peu de moto et lui a donné un cadeau. Plaisanterie d'un godi douillet. Ou l'habitude de paysan moyen employant de la main d'œuvre salariée ? Maria, qui avait également remarqué la chose et à qui j'ai, après la réunion, posé la question, ne savait pas non plus.

Les autres restent pour le moment sur la réserve. Maria insiste pour que les ouvriers se réunissent et désignent des représentants à la commission.

On parle maintenant de la question des salaires. Maria : « Certaines coopératives fixent un salaire égal pour tous, d'autres appliquent le principe à travail égal, salaire égal. Ce sera à vous d'en discuter et d'en décider ». Certains habitent loin, la plupart au village (ils sont venus en moto et gardent sur la tête leur casque rouge, vert...). On pose la question des maisons à occuper sur la propriété, de la maison du patron. Maria répond prudemment : il faudra voir ce que sera la réserve du patron.

La commission à nouveau. Comment s'organiser ? Il faut des responsables. On s'anime pour en dresser la liste. Plusieurs parlent :

« Il en faut pour le sequeiro » (les terres sèches).
« Pour le regadio » (le périmètre irrigué).
« Pour les bêtes ».
« Pour les machines ».

Un autre : « Il faut faire le compte des journées de travail de chacun ». Maria : « Le sequeiro », le « regadio », les bêtes et les machines, c'est la production. Le nombre d'heures, c'est autre chose : ce sont les papiers de la coopérative ».

Quelqu'un demande : « Et le crédit de la coopérative ? ». C'est du ressort de la « commission administrative », répond Maria. « Cette commission doit s'occuper de l'argent qui rentre, de l'argent qui sort, du paiement des travailleurs, etc. Plus la « prévoyance », les assurances, le crédit de la coopérative ».

Maria : « De quoi d'autre faut-il s'occuper ? ».

Un paysan : « L'un a travaillé au sequeiro, l'autre au regadio, il faut mixer tout ça ».

Maria : « Et où va le papier ? La commission administrative ou la commission production ? ».

Le paysan : « A la commission administrative, c'est là que vont les papiers ».

REORGANISER LES CIRCUITS COMMERCIAUX

Pendant que la discussion se poursuit sur ces questions d'organisation et de gestion, tous sont extraordinairement attentifs. Les pouces saillent dans le gilet, ou bien tirant à petits coups sur une bouffarde, légèrement penchés en avant pour bien suivre le tableau d'ensemble évoqué le conseil des sages d'un village reculé. Souvent, je pourrais convier à quel point les paysans de l'Alentejo — pourtant isolés pendant des dizaines d'années de fascisme — y intéressent à tout, suivent minutieusement débats et explications.

Maria explique qu'il y aura une fiche de travail par travailleur de la coopérative. A la fin de l'année, chacun recevra une part du bénéfice au prorata du salaire. Mais il faudra aussi qu'un partie du bénéfice de la coopérative serve à l'amortissement du matériel, à des investissements nouveaux etc.

Maria veut maintenant poser la question de la commercialisation. Elle demande : « Bon maintenant, supposons qu'on ait une récolte de patates, de riz, d'autres produits. Qu'est-ce qu'on va en faire ? ».

C'est le gros du syndicat qui répond : « On va faire une cantine pour nous, on y mettra les patates, le riz, les tomates. Si on tue un bœuf, on le donne à la cantine ». Les autres approuvent. Maria ne s'attendait pas exactement à cette réponse. Elle poursuit : « Est-ce que toute la production va aller à la cantine, ou une partie dehors ? ». Le syndicaliste : « Si on a une grande production de patates, alors on prend un camion et on va les vendre à Serubal, à Lisbonne, etc. ».

Maria : « Comment va s'appeler la commission qui s'occupe des achats et des ventes ? La commission commerciale. Elle est très importante : c'est elle qui fera rentrer l'argent pour faire marcher le tout. Mais la question de la commercialisation est aussi importante pour tout le pays. Il faut passer par-dessus les intermédiaires, pour faire baisser les prix en ville et vendre plus cher à la production ».

Le syndicaliste intervient aussi sur l'intérêt général et parle de la

« bataille de la production ». Quand Maria dit qu'il faudra réorganiser les circuits commerciaux, il cite la coopérative « Etoile Rouge » où, lui a-t-on dit, on s'est organisé en ce sens.

Je pose une question sur la superficie des terres. Il y a au total 873 hectares, dont 826 de cultures sèches et 47 hectares irrigués.

LUTTER CONTRE L'ANALPHABETISME

La réunion, commencée à 18h30 s'achève. Il est maintenant 20h30 et après que le volat se soit longuement couché dans le flamboiement rouge de la ligne d'horizon, une obscurité paisible enveloppe la masse blanchâtre des bâtiments. On n'entend plus les visages qu'à la lueur des cigarettes.

Maria fait le point. Il faudra faire une réunion privée des ouvriers agricoles. Maria insiste sur la participation des ouvriers aux commissions. Le fermier de la Ligue dit encore : « Il faut qu'ils sachent lire ».

Maria : « Pour la commission administrative, oui, mais pas pour les autres ». Maria parle de l'analphabétisme, dit combien c'est important, explique qu'il y a des méthodes pour adultes, différentes de la façon d'enseigner aux enfants. Elle dit que l'analphabétisme, du temps de Salazar et Caetano, relevait d'une volonté politique délibérée, pour isoler les masses paysannes. Elle explique aussi qu'il y a moins d'analphabétisme dans le Nord, parce que la population y est plus nombreuse et plus groupée. Il y a 33% d'analphabètes au Portugal.

On se sépare maintenant, après avoir fixé une autre réunion pour le mardi suivant. Rugissement des motos.

Avant de partir, Maria doit encore discuter d'un problème particulier pour lequel on demande l'aide du Centre de Réforme Agraire. C'est celui de la « maîtrise ». Souvent, les latifundiaires avaient une femme légitime à la ville et une maîtresse sur la propriété. Celle-ci est une ancienne ouïnière. Les paysans disent qu'elle était très bonne, et ils ne veulent pas qu'elle tombe dans la misère. Ils lui ont proposé de tenir la crèche de la coopérative. Mais elle est inquiète. Elle voudrait assurer son avenir matériel avec de l'argent. Elle est propriétaire de cinq vaches et a pris contact avec le Centre de Réforme Agraire pour les vendre. Elle voudrait aussi savoir si, en cas d'indemnisation, elle pourra en toucher une partie. Elle nous explique tout cela elle-même, sur le seuil de sa porte où nous sommes allés la voir. C'est une femme d'aspect digne, même grave. Elle porte des lunettes (peut-être les travaux de couture lui ont-ils fatigué les yeux). On entrevoit l'intérieur de sa maison, tenue avec soin. Maria lui dit qu'on s'occupera d'elle et lui fixe un rendez-vous, au Centre d'Alcacer do Sal.

Derniers adieux au syndicaliste et au fermier de la Ligue, restés après les autres, et nous repartons à travers les chemins de terre de la plaine, dans un nuage de poussière, pleins phares au milieu de la nuit.

Robert LINHART

Dernière la suite : « La coopérative et le village »

INTERNATIONAL



Les commandos d'Amadora, troupes de choc des Neuf, à l'entraînement. (Fotobli)

L'armée portugaise, depuis l'été, a vu se radicaliser divers courants, produit de l'éclatement du MFA des officiers. Ces courants sont tous animés par des officiers issus de la guerre coloniale, tous artisans du renversement de la dictature caetaniste.

TROIS COURANTS

Le courant gonzalviste rassemble la majeure partie de la hiérarchie de la marine, l'ancienne 56 division chargée de la dynamisation culturelle et de la propagande, les collaborateurs de l'ancien Premier ministre Vasco Gonçalves et les services de renseignements de l'armée portugaise. Ce courant est représenté au Conseil de la révolution par trois membres : Rosa Coutinho, Martins Guerreiro, Almeida Contreras. On dit souvent d'eux qu'ils sont les « durs » du parti communiste pour exprimer la conception autoritaire, putchiste de gauche, qui est la leur. Très franc-tireurs vis-à-vis du PC, ils sont volontiers autonomes. Ils seront les principales victimes du 25 novembre.

L'autre courant est généralement appelé le courant révolutionnaire dans l'armée, parce qu'à la différence du précédent, ses officiers ont travaillé à protéger militairement et politiquement les premiers organes de pouvoir populaire, commissions de travailleurs et d'habitants, occupations de palais et de terres. Ils étaient d'autant plus autonomes vis-à-vis de la gauche révolutionnaire que le MFA avait longtemps été l'avant-garde tactique du processus. C'est ainsi que la centralisation des organes de pouvoir populaire sur une zone où un quartier dépendait en général du régime et de ses officiers révolutionnaires. En dernière instance, et les événements l'ont confirmé, ce courant dirigeait la gauche révolutionnaire et leur pouvoir était devenu un mythe, celui des « régiments rouges » du Copcon.

Le troisième courant est en réalité une fédération de courants, sous la direction de ce que l'on appelle le « groupe des Neuf », qui s'est créé en réaction à l'emprise communiste dans les appareils d'Etat pendant l'été. Il fédère à ce titre des officiers progressistes, avides de restaurer leur autorité perdue par les soldats, droite unitaire, et une gauche anticomuniste. Cet équilibre instable maintenu grâce à un homme qui est vraisemblablement le seul politique de l'armée portugaise, le général Melo Antunes, très influent vis-à-vis de l'ensemble des partis politiques et qui tente depuis juillet dernier, de reconstruire le MFA.

LES REUNIONS DE L'ACADEMIE MILITAIRE

Le 9 novembre, ces trois courants se retrouvent à l'Académie militaire, autour de son directeur, le général Pinto Soares. Il y a là Melo Antunes et Vasco Lourenço pour les « Neuf », Tome Dinis de Almeida (aujourd'hui emprisonné) et Otelo, pour les révolutionnaires. C'est pendant l'été que l'Académie a été créée, pendant l'été pendant l'été entre les tenants du document des « Neuf » et ceux du document du Copcon. La rupture entre ces trois courants avait entraîné une première fois la chute de Vasco Gonçalves et la constitution d'un gouvernement à dominante PS.

Le PC est favorable à cette réunion du 9 novembre. Lui aussi, comme Melo Antunes, veut reconstruire le MFA. L'avant-garde du 23 octobre écrit : « La réunification du MFA sur des bases progressistes de ses principales tendances, serait un pas extraordinaire pour la consolidation et le développement du processus en cours. » Si le PC est favorable à un renforcement des positions gonzalvistes dans l'armée, il

est hostile à une insurrection ou à un coup d'Etat de gauche. Il le dira à un officier du Copcon, venu sonder les intentions du PC. Le PC refusera net.

La réunion du 9 novembre est un échec. Les officiers décident néanmoins d'attendre le mercredi 19.

Le 12 et le 13, 30 000 ouvriers de la construction civile sequestrent le gouvernement. Le gouvernement cède. Il est au bord de la démission. Pendant ce temps, Otelo est à Beja, dans l'Alentejo, avec le PC et les syndicats.

Alors, tout semble converger vers une solution commune, un remaniement ministériel qui se ferait en faveur des « Neuf », du PC et des indépendants de gauche. Et le samedi, le président Costa Gomes déclare à la télévision que si le gouvernement veut gouverner avec autorité, il a besoin de l'appui des travailleurs. Le remaniement ministériel est d'autant plus prévisible que le lendemain 15 novembre, 130 000 personnes défilent à Lisbonne à l'appel du PC et de la FUR (Front d'unité révolutionnaire, regroupant six organisations d'extrême gauche). Un message d'Otelo est lu et la foule scande : « Gouvernement de gauche. »

LA RUPTURE

Pendant ce temps, se poursuit la mutinerie de Tancos. Les parachutistes qui ont dynamisé l'émulateur de Radio-Renaissance, sur les ordres du gouvernement, font une autocritique publique. Le chef d'Etat-major de la force aérienne, le général Morais e Silva, décide de dissoudre le régiment : 2 000 parascopistes occupent la base de Tancos. Otelo les soutient, les gonzalvistes également, qui y voient une occasion de modifier le rapport de forces entre eux et les « Neuf » dans la force aérienne.

Le 18 et le 19, par *Diário de Notícias*, et *A Luta*, interposés, gonzalvistes et le groupe des « Neuf »

Normalisation au

1 - LES « NEUF » DECLENCHENT LA BATAILLE DANS L'ARMEE

s'accusent de préparer des coups d'Etat. « Un coup de droite en préparation » révèle la commission de vigilance révolutionnaire du Nord qui est une des ramifications de l'ancienne 56 division. De quoi s'agit-il d'une communication interceptée entre Pires de Veloso et Vasco Lourenço relative à des déplacements de troupes. Les brigades de vigilance révolutionnaire liées aux « Neuf » reviennent dans *A Luta* (journal du PSI) : « Les manœuvres déclenchées dans la zone aéroportée sont le fait de militaires liés au PCP et à la FUR. Il s'agit en réalité d'officiers gonzalvistes.

« Le seul moyen de continuer à gouverner avec le PCP, c'est d'abord de gagner la bataille de l'armée. »

(Melo Antunes)

C'est dans ce contexte que s'ouvre théoriquement la nouvelle réunion d'unité entre les trois courants. En fait, la réunion ne pourra pas se tenir. Otelo est convoqué à l'heure de la réunion à Belem, il y retrouve Melo Antunes et Vasco Lourenço : les « Neuf » ont abandonné quasiment tout espoir de réunification de la gauche militaire et de reconstitution du MFA sans un coup de force. Il propose à Otelo de quitter le commandement de la région militaire de Lisbonne (RML) son remplacement par Vasco. Otelo refuse. La proposition suivante lui aurait alors été faite : prendre le pouvoir avec le Copcon et les « Neuf ». Il refuse, c'est de nouveau la rupture.

Les choses vont alors aller très vite.

Les gonzalvistes et les révolutionnaires rédigent un manifeste commun qui scelle une alliance entre ces deux courants. Il est mis au point par le major Tome, de la police militaire, et le capitaine Clemente Durante, ancien de la 56 division, affecté à l'EPAM (école pratique

d'administration militaire). Ce manifeste qui définit les principes d'une armée révolutionnaire du peuple sera signé par 18 officiers de la région militaire de Lisbonne.

LE TOURNANT DU 20 NOVEMBRE

Le jeudi 20, les jeux sont faits. Les socialistes sont partis en campagne pour la démission d'Otelo et de Fabio. C'est devenu leur objectif principal et pour appuyer cette campagne, ils mettent tout simplement le gouvernement en greve. « Jusqu'à ce que le président de la République garantisse les conditions

de son côté, Melo Antunes téléphone à Paris. Il désire se faire interviewer par le *Nouvel Observateur*, pour faire une déclaration qui ne sera connue que samedi à Paris et lundi à Lisbonne. Il y déclare, après une longue critique du PCP : « Le seul moyen de continuer à gouverner avec le PCP, c'est d'abord de gagner la bataille de l'armée. »

Le Conseil de la révolution se réunit le soir même et nomme Vasco Lourenço à la tête de la RML. Un compromis de dernière heure est offert aux autres courants : la cinquième division reçoit le jour et l'AML, cette sorte d'anti-Copcon, est dissoute.

De fait, les « Neuf » ont pris ce jour-là toutes les mesures militaires destinées à faire respecter cette décision. Un commande-

ment opérationnel est mis en place avec Jaime Neves, le lieutenant-colonel Eanes, qui deviendra le chef d'état-major de l'armée de terre, Marcello Loureiro do Santos, secrétaire du Conseil de la révolution, et Canto e Castro, l'un des « Neuf ».

L'EPREUVE DE FORCE NECESSAIRE

Le jour même, le PCP manifeste devant Belem contre la grève du sixième gouvernement. Les militants applaudissent Costa Gomes donnant l'accolade à un membre du secrétariat provisoire des commissions de travailleurs de la ceinture de Lisbonne. L'idylle semble continuer.

A la même heure, par contre, des officiers et soldats de quatorze unités de la RML (sur vingt-trois) se réunissent au Copcon. Des soldats et les parascopistes sont également présents. Les gonzalvistes sont très peu représentés à la réunion, et c'est le courant révolutionnaire qui décide de refuser la démission d'Otelo. Une délégation accompagnée de Melo Antunes, Otelo reste protocolairement chef de la RML et un nouveau Conseil de la révolution devra trancher. Désormais, le compromis est impossible.



Otelo et Fabio, les deux principales victimes de la normalisation militaire (Normal). d'Angola et les 123 officiers parachutistes en désaccord avec la mutinerie des soldats de Tancos. Enfin, le colonel Neves, qui

« Les « Neuf », pour assurer leur pouvoir politico-militaire, y compris sur le gouvernement, ont besoin de la région militaire de

INTERNATIONAL

Portugal



(Normal)

Lisbonne. Pour cela, il leur faut éliminer et Otelo et Fabiao. L'épreuve de force est inévitable. Tout comme elle l'est pour la gauche révolutionnaire de l'armée qui entend défendre le Copcon et les régiments rouges. Les « Neuf » sont à l'offensive. Les révolutionnaires sur la défensive.

L'alliance tactique entre les révolutionnaires et les gonaçalistes se fait plus étroite. Samedi 22, une partie de la cinquième division déclare se mettre sous les ordres du Copcon. Otelo interroge répond qu'il n'est pas au courant. Les réunions se multiplient au fort Alto do Duque, le siège du Copcon. Plusieurs unités de la RML, dont les commandos et l'école pratique de cavalerie de Santarem, ne sont pas invitées. Les camps se radicalisent, mobilisent, pour arriver en force lundi soir à la réunion, cette fois décisive, du Conseil de la révolution.

Lundi 24, les dix-huit officiers du manifeste se rendent dans les usines de la ceinture de Lisbonne, profitant de la grève de deux heures, organisée par les commissions de travailleurs avec l'appui du PCP. Le major Tomé parle de la sidérurgie nationale. Cette grève est destinée à s'opposer au changement de commandement de la RML.

Le correspondant de *Libération* déjeune à la Police militaire et discute avec des officiers qui sont actuellement emprisonnés. Ils déclarent unanimement, semblant exprimer l'avis du régiment : « Les conditions ne sont pas réunies pour faire un coup d'Etat. »

Serge JULY

Le Conseil de la révolution se réunit à 17 heures.

res. Les « Neuf » abattent leurs cartes. Cent quarante officiers de l'état-major général des forces armées ont voté pour la démission d'Otelo et de Fabiao (contre trois). L'état-major de la région militaire Nord également. Contre, l'un des leaders des gonaçalistes, propose alors un nouvel accord entre les trois courants. Refus. Otelo ne participe pas au début de la réunion. Il discute au Copcon avec l'inter-commission de soldats et les commandants des unités opérationnelles. Celles-ci sont mises en état d'alerte. On apprend par ailleurs que tous les navires de guerre de la marine portugaise ont reçu l'ordre de sortir des ports pour se prévenir d'une éventuelle attaque aérienne.

Tard dans la nuit, après de nombreux appels de Costa Gomes, Otelo se rend à la réunion du Conseil de la révolution : il démissionne de la RML. A la même heure, l'état-major opérationnel des « Neuf » s'installe au régiment des commandos d'Amadora. Un épisode significatif aura lieu quelques heures avant le déclenchement des hostilités : à l'issue d'un meeting des « agriculteurs » de Rio Major édifient des barricades sur les grandes routes et coupent littéralement le Portugal en deux. Le Copcon ordonne à l'école pratique de Santarem de s'y rendre. Celle-ci refuse. C'est le régiment d'infanterie de Cádiz qui désamarrera les agriculteurs. Le compte à rebours commence.

(Demain : des « coups » enchevêtrés).

L'Espagne d'un règne à l'autre

Juan Carlos règne mais ne gouverne pas

Une semaine test

La *Hoya del Lunes*, le seul quotidien publié le lundi à Madrid, annonçait hier la libération de Marcelino Camacho par une large manchette à la « une ». La publication de cette information, la place qui lui a été accordée, le fait que la très officielle agence « Cifra » ait largement fait écho de cette nouvelle dès samedi en allant jusqu'à reproduire ses déclarations réclamant l'amnistie, tout cela a de quoi étonner ceux qui connaissent la grisaille de la presse franquiste. Ce changement de ton annonce-t-il des jours meilleurs ?

LA PIERRE DE TOUCHE

Il faudrait, pour répondre à cette question, que d'autres changements, autrement plus significatifs, interviennent : la libération d'un leader ouvrier aussi prestigieux que Camacho n'effacera pas, en dépit des efforts de la presse, la portée extrêmement limitée des mesures de grâce prononcées la semaine dernière.

La presse espagnole évalue, en outre, à trois ou quatre mille le nombre des détenus qui devraient bénéficier du pardon royal. Il s'agit là de personnes condamnées pour des délits économiques, de sportifs pénalisés au cours des matchs de football, de journalistes sanctionnés en vertu de la loi de la presse.

La *Hoya del Lunes* passe évidemment sous silence le fait que quelque cinq cents personnes, militants basques de l'ETA, révolutionnaires du FRAP, ou d'autres organisations, sont exclues des mesures de grâce prononcées mardi dernier.

Les informations publiées hier ne font pas non plus état de la conférence de presse tenue par Camacho et ses camarades à leur sortie de Carabanchel au cours de laquelle ils déclarent une « véritable amnistie ». Le même Camacho devait déclarer dimanche au *Monde* : « Il n'y a pas de rupture dans le régime fasciste (...) Des camarades restent encore en prison (...) Des actions pacifiques concrètes pour

les libertés élémentaires sont donc possibles. La pierre de touche, ce n'est pas la fidélité à tel ou tel système, c'est de mener le peuple vers la liberté. »

Sophie, « reine de tous les Espagnols » depuis une semaine, a retrouvé, samedi, les bancs de l'université autonome de Madrid où elle suit des cours d'« humanité contemporaine ». Lundi matin, la police a dû intervenir dans les locaux de la même université pour enlever les affiches, les inscriptions contre le roi et les drapeaux républicains qui avaient fleuri au cours du week-end.

Juan Carlos, de son côté, aura une semaine chargée et délicate à bien des égards pour son avenir politique. D'ici à la fin de la semaine, il devra désigner le successeur de Rodríguez de Valcarlos au poste de président des Cortes. On comprendra l'importance de ce choix quand on sait que le président des Cortes devient automatiquement président du Conseil du Royaume et que celui-ci est chargé de proposer la fameuse « terna », cette liste de trois noms parmi lesquels le roi doit choisir son premier ministre.

Le roi, qui vient d'annoncer qu'il restera dans sa « modeste » résidence de la Zarzuela, a déclaré, hier, qu'il ne présiderait pas les conseils des ministres, comme son titre lui en donne pourtant le droit. Cette décision est d'importance car elle intervient alors même que les diverses tendances du franquisme continuent à défendre leur position respective avec le même acharnement que lors de la longue agonie du caudillo. Ainsi, Antonio Giron, le chef des anciens combattants et représentant de l'orthodoxie franquiste, fait flèche de tout bois. Il s'est déclaré, au cours d'une cérémonie commémorative de la guerre civile, partisan d'une « évolution » à condition qu'elle parte d'un « désir de perfectionnement du système » constitutionnel sans éroder les principes idéologiques.

A la veille de la formation d'un nouveau cabinet ministériel, la fermeté des « ultras » du régime tranche singulièrement avec le silence actuel des franquistes dits « modernes ». Hier encore si loquaces. Le roi, qui semble avoir choisi de rester « au-dessus de la mêlée », a-t-il déjà fixé son choix sur un Premier ministre qui respecterait scrupuleusement ses instructions ? Contraint ou forcé, il semble surtout qu'il ait pris le parti de régner en laissant aux autres le soin de gouverner.

P.B.

Zimbabwe : accord sur l'avenir constitutionnel

Ian Smith, Premier ministre rhodésien, et Joshua Nkomo, président du Congrès national africain (ANC) de l'intérieur, ont signé, hier, un accord concernant les négociations sur l'avenir constitutionnel du pays.

Après la proclamation unilatérale d'indépendance de Ian Smith, en 1965, ce problème a été au centre de tout règlement possible entre la minorité blanche au pouvoir et les représentants légitimes de la majorité noire. Les quatre mouvements de libération du Zimbabwe s'étaient accordés sur une attitude commune face au gouvernement de Ian Smith, en acceptant de s'unir sous l'égide de l'ANC, unique mouvement légal toléré par Smith. Ensuite, après l'échec total de la conférence pré-constitutionnelle tenue aux chutes de Victoria, l'opposition noire éclatait en deux blocs : d'un côté, l'évêque Muzorewa et M. Sithole, plutôt intransigeant, et de l'autre, M. Joshua Nkomo, apparemment plus conciliant, qui tenait aussitôt un congrès à l'intérieur du pays. L'accord qu'il vient de signer prévoit l'ouverture prochaine de sessions pour étudier les divers aspects de la constitution. La véritable conférence constitutionnelle sera tenue hors du pays par la suite. En même temps, les membres de l'équipe de Nkomo pourront désormais réintégrer le pays. C'est un accord qui concerne plus la procédure que le fond même du problème, qui n'est pas mentionné, à savoir : est-ce que Ian Smith a accepté le principe de la « majorité noire au pouvoir » ou non ?

Les Casques bleus resteront sur le Golan

Le Conseil de sécurité de l'ONU a

adopté, hier, à l'unanimité la résolution qui prolonge jusqu'au 30 mai 76 le mandat de la force de l'ONU, les « Casques bleus », dans le Golan et stipule que le Conseil continuera, le 12 janvier, le débat sur le problème du Proche-Orient, y compris la question de la Palestine « en tenant compte des résolutions pertinentes de l'ONU », dont certaines contiennent la reconnaissance des droits légitimes du peuple de Palestine. Les représentants de l'OLP y seraient invités.

Les Etats-Unis ont finalement voté pour cette résolution, tout en soulignant que le nouveau débat prévu pour janvier ne doit pas se faire au préjudice d'une nouvelle réunion de la conférence de Genève ou de négociations entre les parties.

Ce vote, accueilli avec satisfaction à Damas, est perçu par Israël comme une « capitulation au chantage syrien et aux ordres soviétiques » et une « victoire politique d'Assad sur Sadate ».

Les « oubliés » de « Jeune Afrique »

La commission sénatoriale américaine, qui enquête sur les activités de la CIA, a rendu publics, le 20 novembre dernier, des détails intéressants sur la « mort » (lire assassinat) de plusieurs chefs d'Etat, dont le leader congolais Patrice Lumumba. *Jeune Afrique* de cette semaine reprend ces informations en détail. Apparemment du moins. En réalité, les « détails » deviennent flous au fur et à mesure que l'on approche le jour de l'assassinat du premier congolais. JA « oublie » en particulier de dire qui a fait assassiner Lumumba, à qui appartenait l'hélicoptère qui avait servi pour l'arrêter, et qui l'a envoyé. Mort en cadeau au sécessionniste katangais Moïse Tshombe. Ça se comprend. Le même numéro de JA dédie quarante pages — dont une bonne moitié en publicité — à cet homme et à sa « révolution » : Mobutu Sese Seko, président du Zaïre. Faut pas méconter ses mérites.

R.M.

Giscard à Rome

L'EUROPE DANS L'IMPASSE

L'Europe est dans l'impasse. Les grandes et belles discussions du conseil européen, réuni, à Rome, n'y changeront rien. Giscard est optimiste, mais il est bien le seul à apparaître en unité européenne réaliste à Hambourg. Ne se fonde que sur de fragiles positions défensives face aux Etats-Unis. Faire bloc pour freiner la baisse du dollar et tenter de limiter ainsi les ventes de marchandises U.S. sur les marchés européens. Là, tout le monde est bien d'accord. Mais les choses se compliquent singulièrement lorsqu'il s'agit de définir une attitude commune devant les graves problèmes posés par la crise et le chômage.

« Chacun pour soi et Dieu pour tous ». Ainsi peut se résumer la pratique réelle des différents « partenaires ». L'Allemagne ne veut plus payer pour les excédents français et italiens de produits agricoles, qu'il faut bien stocker... en attendant de les détruire. La surproduction est générale. 110 000 tonnes de beurre, 364 000 tonnes de poudre de lait, 200 000 tonnes de pommes, etc. Les prix s'effondrent et le revenu de agriculteurs avec. Les pressions s'accroissent pour que l'Allemagne accroisse sa contribution financière au soutien du revenu des pays méditerranéens.

Par ailleurs, la Grande-Bretagne ne veut pas être intégrée dans la « délégation européenne » qui se réunira la semaine prochaine à Rome. Elle exige que l'Allemagne ne soit pas seule. Pour échapper à la domination allemande sur les pays de la Communauté économique européenne. D'autant plus que les intérêts britanniques et ceux de la C.E.E. divergent de plus en plus. La Grande-Bretagne est grosse importatrice de produits agricoles et cherche à s'approvisionner aux meilleurs prix. Elle ne fait jouer à plein la concurrence entre ses différents fournisseurs européens, d'une part et entre eux et ses fournisseurs traditionnels, les pays membres du Commonwealth d'autre part.

Le terrain d'entente ne sera pas facile à trouver et la position britannique risque de faire capoter la Conférence nord-sud. Ce serait un sérieux coup porté au « prestige » de notre cher président de la République, qui avait laborieusement obtenu que la dite conférence siège à Paris.

Alors, en attendant que les questions sérieuses se règlent entre gens sérieux, on préfère amuser la galerie avec des projets de « passeport européen ».

2- LES TROIS «COUPS» DE LA JOURNÉE DES DUPES

• 3 coups enchevêtrés • L'accord Cunha-Antunes • Défaite et succès du PCP • Le désastre de l'extrême gauche

I. LE COUP - GONÇALVISTE

Les officiers gonçalvistes, proches du Parti communiste, sont d'abord des militaires. Ces centurions de gauche résolvent spontanément les contradictions politiques par des coups de force.

Dès la mi-novembre, ils envisagent un « coup ».

Plusieurs facteurs les y incitent.

D'abord, la poussée de la droite dans l'armée encouragée par Mario Soares et Sá Carneiro : une sorte de pragmatisme qui, à terme, verra l'hégémonie de cette droite aux postes-clés. Les gonçalvistes ne sont pas les seuls à s'inquiéter de cette poussée : ils trouvent des oreilles attentives de la part des « Neuf ». D'une part, des « Neuf » : le général Pezarrat qui commande la région militaire Sud, celle de l'Alentejo, le général Charras, qui commande la région militaire Centre, Vasco Lourenço, actuellement commandant de la région militaire de Lisbonne (HLM), et Melo Antunes. Les gonçalvistes disent de ces hommes aujourd'hui, plusieurs jours après le 25, que ce sont des hommes « profondément de gauche ».

A cette inquiétude s'ajoute un sondage réalisé par les services de l'état-major, aux environs du 20 novembre. Ce sondage confirme la poussée de la droite : CDS 16 %, PPD 35 %, PS 28 %, PC 17 %, MDP 1 % et extrême-gauche 3 %. En d'autres termes, le PPD et le CDS ont ensemble la majorité absolue. Et sans le PS, le PC est encerclé dans un ghetto.

Contredisant cette poussée à droite, les deux formidables mobilisations ouvrières de Lisbonne. Celle du 12 et 13 novembre, lorsque 30 000 ouvriers de la construction civile encerclent São Bento, celle du 15, lorsque 130 000 personnes manifestent « pour un gouvernement de gauche ».

Les chefs gonçalvistes commencent à construire une opération militaire dont les objectifs seraient : constitution d'un gouvernement de gauche avec le groupe Melo Antunes - rupture de la droite dans l'armée - mise entre parenthèse de la Constitution.

La direction politique de l'opération est « principalement gonçalviste ». Le Copcon est également associé à l'opération : il doit assurer la direction opérationnelle. Gonçalvistes et révolutionnaires du Copcon reprennent l'alliance. C'est l'état constitué pour défaire le gouvernement de Vasco Gonçalves.

Le plan militaire est en cours d'élaboration. Les opérations ne sont pas prévues pour le 25, ni même semble-t-il, pour le 26. Beaucoup d'éléments, en particulier les transmissions manquent encore au plan.

Les gonçalvistes après leur passage dans l'appareil d'Etat, ont gardé beaucoup de relations : ils prennent directement contact avec des cellules du PC et des commissions de travailleurs qui apporteront un soutien chimique. Ils évitent par ailleurs l'extrême-gauche civile qui joue pendant le mois de novembre un rôle politique mineur.

Le plan est simple, il s'agit d'une opération combinée de la marine, du Copcon et de milices civiles pour neutraliser les régiments hostiles de Lisbonne et du Nord. Et à partir de là, négocier.

II. LE COUP - DES PARAS

Les paras mutinés à Tancos font aussi leur propos « coup ». L'atmosphère à Tancos est survolée. Ils sont 2 000 soldats et sergents mutinés contre le chef d'état-major de la force aérienne. Ils viennent successivement de recevoir le soutien du major parachutiste Pessoa qui, attaché militaire à Londres, vient de rentrer pour « commander la mutinerie », après avoir été élu par les soldats. Enfin, vingt unités de l'armée ont apporté leur soutien aux parachutistes.

Deux organisations internes : les SUV, ultra-minoritaires, et surtout la coordination des sergents dont les membres à Tancos sont gonçalvistes, sont membres du PC. Ils sont partie prenante du plan gonçalviste. Dans ce plan, la mutinerie parachutiste est destinée à neutraliser les bases aériennes.

En stricte logique de coup d'Etat, les parachutistes auraient dû attendre. Mais le mouvement de masse n'attend pas : les parachutistes veulent agir et agir vite. Ils ont deux raisons pour cela : les parachutistes d'Angola viennent de rentrer, et le mercredi 27 novembre, doit se tenir l'assemblée de l'armée de l'air où ils veulent imposer un changement des membres de la force aérienne, qui siègent au Conseil de la révolution. La démission d'Otelo de la RML fera l'effet d'une étincelle : ils passent à l'action.

Leur opération va utiliser des dispositions du plan gonçalviste et répondre à la mentalité parachutiste : celle du coup de main.

Les coups de main ont lieu à 4 heures, le mardi 25. Les parachutistes occupent les bases aériennes de la région de Lisbonne : la BA 3 de Tancos, la BA 5 de Monte Real, la BA 6 de Montijo, plus tard celle d'Ota et surtout le quartier général de l'armée de l'air à Monsanto.

III. LE DEREGLEMENT

Il est 8 h 30 du matin. Le téléphone sonne dans la chambre à coucher du colonel Varela Gomes qui dirigeait la fameuse 5^e division. Un ami l'avertit que les bases aériennes ont été occupées. Le colonel n'est au courant de rien. Le « coup » a démarré tout seul. Varela Gomes ne s'attarde jamais : il va essayer de rattraper les événements.

Dès que l'occupation des bases aériennes est connue parmi les gonçalvistes, cela provoque grossièrement deux types de réactions. Les uns sont pour sauter dans le train en marche, les autres pour ne rien déclencher et conserver le potentiel militaire gonçalviste intact. Cette division sera fatale. L'argument avancé par les partisans de l'action immédiate, outre l'action des parachutistes, c'est la crainte d'un coup d'Etat de droite, dont les actions paysannes de Rio Major n'auraient été que la première phase : dans la nuit de lundi à mardi, plusieurs centaines de paysans, dirigés par des grands propriétaires, coupent tous les axes routiers nord-sud, isolant Lisbonne du Nord du pays.

Chez les partisans de l'occasion, cela va entraîner la précipitation, l'improvisation alors que le « coup » n'était pas encore totalement au point. Enfin, l'absence d'une partie des officiers gonçalvistes, hostiles à l'improvisation, va creuser des trous dans le dispositif et aggraver les faiblesses.



Les chars de Santarém en position sur l'autoroute

(Gamma)

Cette précipitation est à l'origine d'une erreur incroyable commise le mardi.

Almeida Contreras et les officiers du service de contrôle et de détection de l'information, le SCDI, se bécotaient dans leur immeuble, rue Castilho. Le SCDI devient le quartier général de l'opération. Deux officiers des renseignements qui étaient en voie d'être écartés pour leur hostilité aux gonçalvistes, se présentent comme chaque jour rue Castilho. Ce mardi matin, on les empêche d'entrer. L'un d'eux est le major Ajuda, ancien responsable des renseignements militaires. Le major Ajuda connaît le plan des gonçalvistes. Au lieu de s'assurer de sa personne, les gonçalvistes le laissent partir. Il va directement à Amadora, au régiment de commandos où il se met à la disposition du lieutenant-colonel Eanes, qui va diriger la répression de la tentative de « coup ».

Eanes va en partie utiliser les informations du major Ajuda pour intoxiquer les gonçalvistes avec de fausses informations, qui vont accroître la désorganisation.

IV. LE REPLI DE LA MARINE

Depuis le lundi soir, en prévision d'une attaque aérienne, les frégates de la marine de guerre ont pris la mer. Équipées de missiles anti-aériens, elles constituent une menace redoutable pour l'aviation.

Dès les premières heures de la matinée, après l'occupation des bases par les paras, l'état-major gonçalviste de la marine est divisé. Si Contreras est favorable à « foncer », Rosa Coutinho et Martins Guerrero y sont hostiles. D'autant plus hostiles que les demandes d'intervention des fusiliers marins arrivent en désordre, toute la journée, des paras, du Ralis, du Copcon. Sur pied de guerre, toute la journée de mardi, les fusiliers marins représentent la principale force opérationnelle du pays, avec 14 compagnies, alors que les commandos, en comparaison, n'en ont que quatre. Les fusiliers marins hésitent toute la journée. Dans la soirée du mardi, ils décident de ne pas intervenir. Le « coup » est terminé.

V. LA PARALYSIE DU COPCON

Depuis les premières heures de la matinée, les compagnies du Ralis en

tenue de combat ont pris position sur l'autoroute. L'EPAM (l'école pratique d'administration militaire) occupe la radio-télévision portugaise (RTP), pendant que la police militaire (PM) et le Train-auto s'assurent le contrôle de la station de Radio-Clube Portugaise.

A 16 heures, Dinis de Almeida, du Ralis, se présente à la base aérienne de Monsanto, occupée par les paras, avec deux chauffeurs et un charman. Il demande au capitaine d'aviation Paulino, qui commande les insurgés : « Ou sont les fusiliers marins ? » Réponse : « Je ne sais pas encore ». Alors Dinis de Almeida déclare : « Sans les fusiliers marins, ne comptez pas sur le Ralis ». Il laisse un chauffeur devant Monsanto et retourne au Copcon, puis au Ralis où il essaye de joindre les fusiliers. Il est 17 heures et la partie semble perdue.

Le plan gonçalviste prévoyait d'utiliser le Copcon comme commandement opérationnel. Otelo était favorable à une action qui stoppe la droite militaire. Mais Otelo, comme Rosa Coutinho, n'était pas favorable à une aventure improvisée. Mardi matin, il est à Belem avec Costa Gomes. L'après-midi, il revient au Copcon puis se rend à nouveau à Belem. Otelo absent, Varela Gomes s'installe au Copcon et essaie, de mobiliser les unités de la RML. En vain, les commandos n'obéissent qu'à Otelo. D'autant plus que c'est Varela Gomes qui téléphone et certains officiers craignent d'être manipulés par un officier que l'on suppose très très proche du PC.

Ces dissensions entre Gonçalvistes et révolutionnaires de l'armée se reflètent au niveau des relations entre les civils qui accourent aux casernes, au petit matin du mardi et les unités militaires. Des membres des commissions de travailleurs dépendant de l'inter-commission de la ceinture de Lisbonne, des CDR, comités de défense de la révolution, impulsées par le Parti communiste, viennent devant les casernes demander des armes, appliquant, semble-t-il, une phase du plan où les civils doivent jouer un rôle d'appui. Les unités du Copcon refusent à donner des armes qui, nous dira un officier, « auraient été au Parti communiste ». Certains ouvriers attendront ainsi pendant huit heures devant le Ralis que les officiers se décident. Làs, ils abandonnent et rentreront chez eux.

Dans la nuit, les officiers de la PM et du Ralis décident « d'arrêter les frais ». Ils défont leur point de vue en assemblée générale des régiments. Dinis de Almeida, en accord avec son unité, se rend au palais présidentiel de Belem, mercredi matin, à 4 heures. Les officiers de la PM décident de faire de même. Mais certains soldats du régiment sont favorables à une résistance. L'assemblée générale se prolonge. Il est maintenant 8 heures, les commandos arrivent. A ce moment-là, une provocation a lieu : des tirs, à l'origine imprécise, sont dirigés sur les commandos, faisant trois morts. Les trois commandos de la PM sont immédiatement arrêtés.

VI. LE RÔLE DU PCP

Mardi matin, à 4 heures, tous les CDR de la région de Lisbonne sont mobilisés. Les paras viennent d'occuper les bases. Le PC est mis en état d'alerte.

Pendant toute la journée, quelques cellules du PC vont prendre part aux événements. Celle d'Emissora Nacional prend les choses en main lorsque le capitaine Jorge Alves, ancien administrateur militaire de la radio, arrive en fin d'après-midi, mardi, une kalachnikov à la main. La cellule de la RTP par contre, est plus neutre. Les cellules ouvrières de la Cometa et de la Soreama, qui sont dans la zone d'Amadora, et dont les commissions ouvrières doivent intervenir en appui contre les commandos, sont très actives toute la journée. Comme celles des sociétés de construction civile Pimenta, et camions Jaimes Esteves. Les « durs » du PC sont sur le pied de guerre. Mais la grande majorité des militants et de l'appareil assistent aux événements. La hiérarchie du PC est manifestement au courant, mais elle ne dirige pas les opérations. C'est l'affaire des gonçalvistes. Et le Parti, dans les premières heures, laisse faire.

Cependant, dès mardi matin, aux environs de midi, Alvaro Cunha, secrétaire général du PCP, aurait rencontré Oreste Gomes, la négociation commence. Elle est nécessaire, quelle que soit l'issue du « coup ». Pour éviter une trop grande victoire de la droite militaire en cas d'échec du « coup » gonçalviste, et « limiter la casse », c'est l'intérêt commun et du PCP et des « Neuf ». Le PCP retire son appareil - le déreglement des opérations qu'il constate l'y incite - et négocie son repli.

Les négociations se poursuivront dans les journées de mardi et de mercredi. Melo Antunes rencontrera à plusieurs reprises Alvaro Cunha.

Le mercredi 26 à 0 h 59, le PCP déclare : « Il faut chercher une solution politique à la crise en réorganisant le MFA sur des bases progressistes et en formant un gouvernement de gauche ». Telle sera la base des négociations entre Melo Antunes et Alvaro Cunha.

En contrepartie, le groupe Melo Antunes va couvrir le repli du PCP en annonçant, le 26 au soir : « La participation du PC est indispensable à la poursuite du processus révolutionnaire ». La responsabilité de la tentative de coup d'Etat retombe sur l'extrême-gauche.

De notre envoyé spécial :
Serge JULY
(Suite page 8)

INTERNATIONAL

Portugal, à travers la réforme agraire

BATAILLE POUR 103 VACHES
DANS LE DISTRICT DE PORTALEGRE

Septembre 1975, dans le district de Portalegre, à l'est du Haut Alentejo, un conflit aigu surgit entre les paysans et les marchands de bestiaux qui s'opposent à la Réforme Agraire. 1500 paysans sont rassemblés sur la place de la ville, à l'appel des syndicats et des centres de réforme agraire, pour récupérer 103 vaches qui sont gardées dans la caserne de la ville (voir Libération du 2 décembre 1975).

A dix-huit heures, une délégation entre dans la caserne pour négocier (commission des travailleurs de Cujancas, syndicats, Centre de Réforme Agraire). Les manifestants applaudissent et scandent : « Les vaches appartiennent au peuple ».

Des petits groupes se forment sur la vaste place. Des discussions s'engagent avec les soldats du premier rang, en tenue de combat camouflée. Un peu en arrière, des officiers regardent, plutôt hostiles ou sarcastiques vis-à-vis de ce rassemblement de « bourgeois » — on sent la marque d'une hiérarchie militaire formée par le fascisme. Les soldats, par contre, acceptent volontiers la discussion.

De façon intermittente, on continue de scander des mots d'ordre : « départ du commandant ! ». « Soldats exploités sont fils du peuple ».

Un représentant syndical de l'industrie de la laine prend la parole au mégaphone. Puis le représentant d'une coopérative

de Castello Branco, qui réclame « la justice populaire contre les agrariens ». La foule scande : « justice populaire », « à bas les latifundiaires », « vive la réforme agraire ». Quelques personnes scandent : « le peuple est avec le MFA ». Mais le mot d'ordre n'est guère repété. Le temps des illusions est passé.

« La négociation est bloquée », dit Carlos Cabral, qui représente ici la coordination des Centres de Réforme Agraire. « notre position est que les vaches appartiennent au peuple, et le commandant refuse de l'admettre ». Et Pedro Espanha, directeur du Centre d'Elvas ajoute : « si on ne résiste pas aux parasites, c'est la fin de la Réforme Agraire ». Les travailleurs sentent bien l'importance de l'épreuve de force, certains d'entre eux sont dans la ville depuis 10 heures du matin.

L'attente se prolonge, qui donne lieu aux pourparlers : « L'événement est la Judas aussi », dit-on. Décidément, ces vaches de viennent une affaire d'É-

tat. « Maintenant », dit Pedro Espanha, la troupe de choc des agrariens, ce sont les marchands de bestiaux il faut mettre en échec leur terrorisme ».

Les travailleurs s'installent : un groupe de 2 ou 300 reste massé devant l'entrée de la caserne, les autres se répartissent autour de la place, en petits cercles de discussion, ou assis.

Une grosse voiture noire entre dans la caserne. Il est presque 18h30 et la foule s'élève. Les ouvriers crient : « Les vaches ! Les vaches ! ». Les paysannes se dressent, avec leur cabas, leur parapluie. On crie : « on veut les vaches tout de suite ». Puis, dans la foule : « On veut tout ».

Un véhicule militaire qui s'avance pour sortir de la caserne est accueilli par des huées violentes et bloqué. « C'est le commandant », me dit un ouvrier. Finalement, on laisse passer la voiture. Tout de suite après, la commission des travailleurs sort : elle revient bredouille. Nouvelles huées. Le groupe de fête de

la foule crie avec véhémence au contact des soldats : « les vaches sont au peuple ! ».

Un syndicaliste fait un petit discours : le commandant aurait dit que le problème relève du centre de réforme agraire et du gouvernement civil et que lui-même ne peut rien faire. On se réinstalle dans l'attente. Des gens se passent *República* ou *Vieira*, en rouge, en première page, un titre vigoureux : « L'Alentejo va gagner la bataille de Cujancas ».

Le soir tombe et il y a maintenant moins de monde sur la place.

La manifestation s'effile. Cortes Simões, sous-directeur du Centre de Réforme Agraire d'Alcacer do Sal remarque : « maintenant il faudrait faire des petits meetings au lieu d'attendre passivement ». Attendre, c'est précisément ce que préconise encore un syndicaliste au mégaphone : on appelle au téléphone le commandant de la Région Militaire, peut-être y aura-t-il du nouveau.

Bienôt la nuit. Il reste peut-être 150 personnes sur la place.

Prend alors la parole au mégaphone un « responsable ». Il s'agit d'Antonio Cervasio, membre du Comité Central du Parti Communiste Portugais. Il



(Photo Gamma)

dit : « Si on essaye de récupérer les vaches maintenant, il y a des risques d'affrontement avec l'armée. Rester ici, c'est difficile, il fait froid, on est fatigué. Demain il y aura une grève générale des travailleurs des districts d'Evora, Beja et Setúbal. Ce sera la contre-offensive des travailleurs. Pour le moment, il vaut mieux s'en aller ».

Brouhaha de protestation : « Pas d'accord ! On ne veut pas s'en aller ! ». Cervasio : « les vaches ne raquent pas de s'en aller ! Elles sont gardées par l'armée ». Les gens gueulent, Cervasio : « On est en rapport avec le Conseil de la Révolution etc. on va s'en occuper ». Tout le monde crie :

Cervasio : « Vous voulez rester ici, amis ? Très bien. Mais un conseil, il vaut mieux partir et s'organiser pour demain ». Malgré applaudissements. La majorité des présents pousse des cris contre : « dans la rue ! rassemblement du commandant ! ». Les responsables du PCP et des syndicats essayent de faire voter pour ou contre le départ, dans le tumulte. Vitorino, pourtant dirigeant syndical des ouvriers

agricoles, parle contre le départ. Un ouvrier crie en colère : « On a arrêté de travailler pour venir ! Nos vaches sont mal traitées dans cette caserne, elles sont mordues par les porcs ! Si le commandant est avec le peuple, qu'il se présente au peuple ! ».

Il y a du désarroi. Des paysannes partent, le visage fermé, se tenant par les bras.

Parmi les gens des Centres de Réforme Agraire règnent la désolation et l'amertume. Maria, du Centre d'Alcacer : « ce n'est pas l'armée bourgeoise qui peut faire la Révolution ». Cortes : « C'est l'enfermement de la Réforme Agraire ». Et il ajoute : « ça prouve que les occupations en grand nombre ne signifient pas une mobilisation, élever ». Il est vrai que la manifestation, pour importante qu'elle ait été, est loin d'avoir fait le plein du prolétariat de la région.

Carlos Cabral et les directeurs de Centres de Réforme Agraire décident d'aller, ce soir même, discuter avec le général commandant la région. Nous partons en convoi de voitures à travers la nuit, vers

Evora. Des camarades armés ont pris place dans le véhicule de tête, pour le cas où les agrariens tenteraient un mauvais coup.

Lorsqu'ils se présentent au quartier général à Evora, on leur dit de revenir plus tard. Pezzarati est parti dîner. A 23 heures la discussion finit par s'engager. Les jeunes dirigeants des centres de réforme agraire débattent à Pezzarati leurs griefs contre l'armée et réclament un soutien conséquent. Sinon, on va vers des troubles sérieux, parce qu'il est exclu que le prolétariat agricole se laisse arracher ses conquêtes. Les discussions durent tard dans la nuit. Finalement, un peu avant 2 heures du matin, Pezzarati décide de faire rendre vaches et cochons à la coopérative de Cujancas. Explosion de joie au centre de réforme agraire où l'on attendait le résultat.

Le lendemain, la commission des travailleurs de Cujancas est revenue à la caserne prendre possession du troupeau qui a été ramené triomphalement à la coopérative.

(Fin)

R. LINHARDT

Normalisation à la portugaise

2- LES TROIS «COUPS» DE LA JOURNÉE DES DUPES

(Suite de la page 12)

VII. LE COUP DE LA DROITE MILITAIRE

Depuis plusieurs jours, la droite militaire est sur pied de guerre.

La base aérienne de Corte Gaça, au Nord, a été remise en état et a reçu, depuis quelques jours, l'aviation de chasse portugaise. Les cent trois officiers de la base de Tancos, qui se sont désolidarisés des paras, y ont également concentrés, avec les cinq cents parachutistes du colonel Almeida, de retour d'Angola.

La droite militaire est informée des préparatifs gonzalvistes. Mais sa situation est très délicate. Les gonzalvistes, Copcon, ont la supériorité militaire, c'est pourquoi ils vont compter sur le facteur psychologique autant que sur le facteur militaire. On estime, dans les milieux militaires, que les incidents de Rio Major seraient une sorte de provocation destinée à faire sortir le loup du bois, à obliger les gonzalvistes à précipiter les événements. On s'interroge également du côté gonzalviste sur l'origine du « coup » des paras. Certains admettent le caractère spontané du mouvement, mais il est tout aussi possible que l'initiative des paras ait été accélérée dans le temps, précipitée, par de beaux parleurs faisant le double jeu.

Lorsque le coup des paras démarre, la droite militaire a déjà mis en place un commandement opérationnel sous les ordres du lieutenant-colonel Eanes, de Susa e Castro (la droite des « Neuf »), de Jaime Neves et de Pires de Veloso, le commandant de la région

militaire Nord. Des revenants refont surface à Amadora, comme l'ancien colonel spinoliste des commandos, Firmig Miguel.

Cet état-major laisse faire les événements, encourageant seulement pendant une grande partie de la journée de mardi, la désorganisation adverse. La droite ne dispose vraiment que de deux unités : les commandos et le CIAAC (Centre d'instruction anti-aérienne de Cascais). A 11 heures, les commandos entrent en prévention rigoureuse, à 13 h 30, le CIAAC arrive aux commandos pour défendre le régiment pendant que les compagnies de Neves partent en opération. A 16 heures, Neves fait une assemblée générale et démarre. A 20 heures, mardi soir, ils reprennent la base de Monsanto. C'est le début de la percée à droite.

VIII. LA CHARNIERE MELO ANTUNES - COSTA GOMES

Pour le groupe Melo Antunes - Costa Gomes, le principal problème de l'heure est de réprimer la tentative tout en limitant le succès de la droite militaire. Pour cela, elle doit éviter que la droite militaire concentre l'ensemble des opérations. Celle-ci, trop faible militairement, doit accepter le renfort d'unités proches du groupe Melo Antunes. C'est ainsi que les chars du capitaine Maia, de l'École pratique de cavalerie de Santarém, feront un peu l'école buissonnière toute la journée au nord de Lisbonne. Et ce n'est que le lendemain, mercredi à 15 heures, qu'ils se présenteront devant le dépôt d'armes de Beirolas, alors que les gon-

calvistes se sont déjà repliés depuis la nuit précédente. Au dépôt d'armes, la première mesure de Maia est de faire une réunion avec les commissions de travailleurs et d'habitants de Beirolas.

Politiquement, le groupe Melo Antunes va chercher à éviter une trop grande casse à gauche. Il couvre immédiatement le PC. Melo Antunes, à la télévision mardi soir, et le général Charras, mercredi matin, dans une interview parue dans l'édition régionale du Nord de *Jornal Novo*. Et lundi 1er décembre, le même *Jornal Novo*, très proche de Melo Antunes, paraissait avec une manchette éloquent : « Rien ne prouve que le PC soit impliqué dans la rébellion en tant que parti ». Une trop violente répression à gauche entraînerait nécessairement une violente modification du rapport de forces en faveur de la droite.

C'est en ce sens qu'il faut également interpréter la suspension de l'état de siège, hier, alors que la droite militaire voulait le prolonger sur deux mois, tout comme il faut interpréter la réception à la présidence de la République de tous les groupes d'extrême-gauche, y compris le PRP. Alors que la droite militaire s'était prononcée pour une dissolution de ces groupes.

IX. L'ECHEC DU COUP

Sans commandement unique, sans transmission, avec des effectifs réduits, sans la marine, le coup pouvait échouer. Mardi soir à minuit, c'est la précipitation devant l'immeuble de la rue Castilho, où se trouvent les bureaux du SCDI. Les hommes en

civil partent précipitamment avec des dossiers sous les bras. On dit aussi que beaucoup de documents ont été détruits quelques instants auparavant au sixième étage de l'immeuble.

Après la prise de la base de Montijo, le soir du 25, les parachutistes se replient vers Tancos. Le 27, une délégation des soldats et sergents parachutistes mutinés est reçue par le président Costa Gomes. Le 28, les paras de Tancos se rendent : ils sont immédiatement démobilisés.

Les gonzalvistes et les unités du Copcon se replient, la tentative de coup est terminée.

X. DEFAITE ET VICTOIRE DU PCP

Quand Alvaro Cunhal fait les comptes de ce « coup » gonzalviste, avorté parfois même avant d'avoir commencé — c'est le cas de la marine en particulier — la situation est loin d'être totalement noire.

Il y a un coup de barre à droite, mais « la situation au Portugal reste démocratique », dit Alvaro Cunhal. En d'autres termes, le pire a été évité.

Le PS, quant à lui, est moins victorieux qu'il ne le prétend. Tout le monde a remarqué que son journal *A Luta*, qui pouvait sortir légalement dimanche, ne l'a pas fait, ce qui serait le signe d'une inélasticité en ce qui concerne la position que va adopter le PS. Il pouvait, à juste titre, considérer la chute de Vasco Gonçalves cet été comme sa victoire. Cette fois, c'est impossible. Par ailleurs, l'avancée de la droite militaire est trop importante

pour que le PS lui emboîte le pas. Enfin, la droite gagnant du terrain au niveau électoral, aux dépens du PS, pour la première fois, ce dernier n'est plus un partisan acharné des élections. Interrogé, un dirigeant du PS nous a dit à ce propos : « Nous ferons peut-être des élections municipales, mais dans un premier temps, elles seront limitées à Lisbonne et à Porto ».

Les grands vaincus de cette journée de duperie, c'est l'extrême-gauche organisée, c'est la FUR. Ces journées sont pour elle un désastre politique qui risque d'entraîner sa disparition sous sa forme actuelle. Elle a été surprise par le « coup », elle a été incapable de réagir unaniment. L'extrémisme ouvrier, le « farisme » dans la classe ouvrière, gênent le PC. Cette normalisation n'est pas pour lui déplaire.

Enfin, au niveau de l'armée, les pertes pour le PC sont principalement circonscrites à l'armée de terre et à l'armée de l'air. La marine reste quasiment intacte.

XI. RIEN N'EST JOUE

Limitée, la normalisation n'a pas touché aux civils. Elle n'a pas atteint le mouvement social, qui est spontanément resté en dehors de ces affrontements militaires. La victoire de la droite militaire n'est pas suffisante pour bouleverser le rapport de forces qui reste fondamentalement fragile. Pour l'heure, la percée de la droite a été stoppée. Une nouvelle étape de la révolution portugaise commence.

Serge JULY
Demain : Les SUV après la tempête

Sartre e Portugal

Os títulos desta série de reportagens são os seguintes: “Revolução e Militares”, “As Mulheres e os Estudantes”, “O Povo e a Auto-gestão”, “As Contradições” e “Os Três Poderes – o MFA, os partidos, a iniciativa popular”.

O primeiro capítulo desta série de reportagens intitula-se “Revolução e Militares” (22/04/1975): nele fala-se do MFA como representativo da unidade nacional, uma analogia das opiniões da sociedade civil, representando o descontentamento do povo inteiro, é o “acordar” de Portugal. O autoritarismo associado ao militarismo sai, por isso, enfraquecido, enquanto o Exército se torna progressivamente um “serviço civil”. Aliás, um Exército destes já não era certamente fascista, mas também sem opinião política formada, ou seja, de base muito representativa; é, portanto, um movimento forte. O seu papel foi ainda melhor compreendido com a saída de Spínola. Sartre fala-nos de um “socialismo à portuguesa”, sem uma ligação específica da maioria a PS ou PC; a institucionalização do MFA é importante dada a sua forte ligação ao povo. Pierre Victor prefere destacar a originalidade dos acontecimentos e o auge do potencial democrático do Exército para com o poder que detém; a partir daqui, ele não cederá o poder de bom grado; por isso querem excluir o MRPP da vida política; é necessário apelar ao conflito de classes dentro do próprio Exército e não recuperar os hábitos do velho Exército. Há duas lógicas: a dos capitães e a do poder; esta última procura um Estado Central e agrava as possibilidades de autoritarismo; mesmo o seu radicalismo pode levar ao capitalismo. Serge July apela ao realce do papel dos soldados no golpe e, portanto, o seu direito a participar na assembleia do MFA. Também a representação de Spínola dos interesses da classe monopolista industrial portuguesa que procurava uma operação do tipo gaullista, procurando ainda uma solução neo-colonial, de forma a defender interesses económicos. A diferença entre um golpe de estado militar normal e este é que o primeiro é o conjunto do exército a tomar o poder, este é um movimento partido da base, sem interesse de classe específico – a própria linguagem com que falam o demonstra: assembleia geral, delegados, comissão de coordenação.

O segundo dá pelo nome “As Mulheres e os Estudantes” (23/04). P. Gavi começa por referir como Portugal contraria a teoria leninista de que é necessário um partido para o avanço de um movimento revolucionário. Pierre Victor prolonga o raciocínio defendendo que, não havendo uma ideologia forte, há lugar para o

dinamismo, ele mesmo ambíguo. Sartre prefere referir que a luta de classes, embora subtilmente, continua a acontecer e que na aliança povo-MFA, o MFA é considerado pelo povo um mal necessário, não um aliado privilegiado. Esse dito povo arranjou uma nova forma de andar, as ruas tornaram-se repletas de multidão. Pelo contrário, os estudantes parecem-lhe silenciosos; aqui, ao contrário do que ele esperaria, não são os estudantes a vanguarda, eles não têm ideologia, apenas um “vago marxismo”; a Revolução foi-lhes “roubada”, como diz Pierre Victor. Toma a palavra Simone de Beauvoir para falar das mulheres e da quase total existência da luta feminista porque, tal como em muitos outros grupos revolucionários, a luta de classes é tomada como prioritária, seguindo o machismo do PCP. A excepção é Maria Teresa Horta, que, mesmo assim, faz parte do grupo de intelectuais de luta burguesa, a qual não chega às mãos do povo, não se generalizando. Serge July acrescenta que as mulheres são bastante activas nos movimentos, mas raramente enquanto mulheres reclamando o seu direito. Simone de Beauvoir, por sua vez, refere que elas lutam contra o sistema capitalista, mas se deixam estar no sistema patriarcal. Sartre questiona-se, por fim, como ligar os intelectuais aos camponeses numa cultura camponesa.

O terceiro capítulo apresenta-se como “O Povo e a Auto-gestão” (24/04). Numa primeira parte fala-se de um contacto primitivo com a cultura partir das campanhas de dinamização. Serge July diz depender dos grupos dinamizadores, se são apertadários ou comunistas. Além dos cadernos de reivindicações dos camponeses, anotados pelos militares, constrói-se um discurso político simplificado, onde se inclui, no Norte, o conselho de voto em branco pelo MFA, em caso de indecisão. O modelo para educar politicamente é o modelo cubano – constituir brigadas, numa aliança entre militares e estudantes. Pierre Victor teme que as campanhas de dinamização sejam excessivamente rápidas para ensinar às povoações como lutar contra o reacionarismo ou como mobilizar-se democraticamente, dada a origem democrático-autoritária desta revolução, a qual necessita tornar-se plebeia. Sartre contribui com a maior facilidade da situação a Sul, pela grande propriedade e sistema de operariado agrícola, facilmente monopolizado pelo PC. A revolta do pequeno proprietário é uma diferente, mais dispersa e complicada de combater, necessitada de uma politização mais profunda. As experiências mais ricas são, portanto, nas fábricas em auto-gestão; sem recurso a partidos, as colectividades organizam-se, perante a partida do patrão. Em sistema democrático de assembleia tomam-se decisões para que os produtos em gestão vão para uma federação de

cooperativas – similar ao sistema jugoslavo –, diz-nos Serge July, colectivizando-se a gestão.

O quarto capítulo, “As Contradições” (25/04), começa com Pierre Victor a referir o caso único português de pequenas fábricas em auto-gestão. O seu futuro passa por ser um movimento subversivo essencial ou pela sua institucionalização, caso no qual será o poder central a definir as suas relações económicas com o sector nacional e privado. A personalidade jurídica pode dotar de poder o movimento subversivo, mas para isso é necessário a articulação com as iniciativas operárias dos grandes sectores (caso da Lisnave ou da TAP). Se chegar a ficar nas mãos do Governo, será cortada a iniciativa operária, a luta será institucionalizada. Caso as autoridades reprimam ou “desencorajem”, como fizeram no caso da TAP, estará cortado o acesso à energia operária, essencial para todo o processo. É a classe operária da grande indústria que pode dar a mão à pequena indústria auto-gestionária para fazer avançar o movimento. Os grupos esquerdistas têm descurado esta pequena indústria, erro crasso. Não serão, por sua vez, estes grupos de extrema-esquerda muitas vezes manipulados pela CIA? Foi, ao menos, hipotecada a luta entre esquerda e direita no seio do MFA, depois de derrotada a direita spinolista no 11 de Março. Agora sobra a esquerda e a direita social, entre soldados e sub-oficiais e oficiais. Já há alguns elementos de “Exército popular”, mas não está de todo concluído; está em curso uma revolução cultural nas Forças Armadas, são necessários uma data de pequenos mini-golpes de Estado (como a auto-gestão fabril já o é). Sartre pensa que o Exército está algo perdido; há dois Exércitos – o MFA e o resto. A “caserna vermelha” é um caso isolado. Acrescenta Pierre Victor que a agitação popular é passiva porque espera dos militares a resposta, em vez de agir por si mesmo, o que, juntamente com o avanço partidário sobre os outros dois vértices do triângulo pode aniquilar o motor da Revolução; tudo isso coroado pelas divisões no MFA. Pierre Victor e Sartre concordam que o MFA não aprova o MRPP por este querer tirar o próprio MFA do caminho.

O último capítulo, “Os Três Poderes – o MFA, os partidos, a iniciativa popular”, dá a oportunidade a Sartre de declarar a Assembleia Constituinte prestes a ser eleita como secundária, com o poder executivo a ser igualmente de segundo plano. Pierre Victor acredita mesmo que o pacto MFA-Partidos só vem afirmar o meio militar como poder primeiro, com o Conselho de Revolução a influenciar mais decisivamente o poder executivo que os agentes civis. Sartre defende que também o

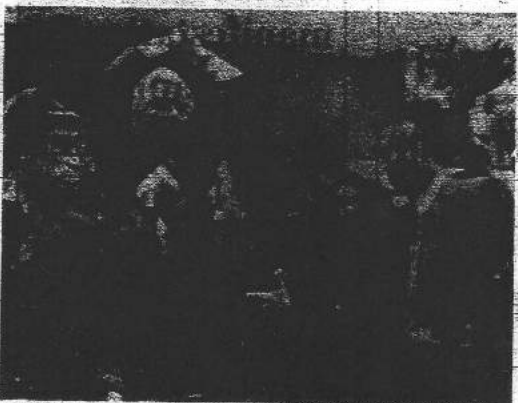
poder do trabalho, isto é das cooperativas, pode vir a ser decisivo, visto ser um país sem lei – as leis fascistas já não se aplicam, as leis novas ainda não foram aprovadas -, sendo a Assembleia legítima afinal esta Assembleia reduzida, a das cooperativas agrícolas e fabris. Assim, quer seja através do Exército, quer através do poder operário, também ele pensa que a Assembleia terá um poder pouco vital. Para o seu amigo Pierre Victor, dentro do triplo poder, o partidário foi ultrapassado depois do 11 de Março. Mais, enquanto poder partidário e poder militar se anularem mutuamente, o poder popular terá força para avançar; sozinho, não tem hipótese. O micro-poder avança subtilmente sob o signo das lutas do macro-poder. Com o único perigo da unidade fornecida pelo MFA ter laivos de autoritarismo; só a pluralidade que possa ser facultada pelo poder político poderá servir de contra-peso – pluralidade vazia, se for pautada pela passividade popular. O vencedor do Nobel prefere falar numa luta dupla que os partidos têm a fazer que levará à sua insignificância: a contra o Exército e as brigas entre si. Sem o apoio popular à Assembleia, a Revolução avança. O triplo poder, afirma Pierre Victor, é o garante da Revolução. “O processo português tem, então, um trunfo formidável em comparação com o processo chileno: o poder militar não está na sombra, ele é o iniciador de um processo libertador. Ele é, portanto, movido por um impulso libertário, por uma energia democrática. Ele dá a sua força ao socialismo português. De certa maneira, o processo português é intimado a criar liberdade: ele parará quando não puder criar mais liberdade. Enquanto isso, o processo chileno era totalmente diferente: o seu ideal era ser legal. O Chile era intimado a criar a legalidade, de estar dentro da “norma”.” As armas estão do lado democrático.

PORTUGAL : la formule de la situation du 1^{er} mai aura des conséquences importantes sur l'évolution de la situation

(De notre envoyé spécial Etienne GILBERT)

LISBOANE, 2 mai (par téléphone). — Lisbonne a repris ce matin sa physionomie habituelle, son activité a été normale et fervente. Les échos de la formidable manifestation du 1^{er} mai se sont apaisés, mais ses prolongements politiques sont l'objet de tous les commentaires.

De nombreux de Portugais ont travaillé dans les rues de la capitale. Et les informations qui proviennent aujourd'hui des diverses régions du Portugal font tout état de manifestations d'une ampleur exceptionnelle à Porto, Braga, Lissieux, Coimbra, etc.



Alvaro Cunhal, secrétaire général du Parti communiste portugais, avec la femme qui l'accompagne à son arrivée à Lisbonne. Des militaires assurent sa protection. A droite, sur la photo : Mario Soares, secrétaire général du Parti socialiste.

Mario Soares : les communistes doivent participer au gouvernement

LONDRES, 2 mai. — Le secrétaire général du Parti communiste portugais, arrive le matin même à Londres, a eu des conversations avec le premier ministre travailliste Harold Wilson et le secrétaire au Foreign Office, James Callaghan.

Il compte se rendre à Paris pour y rencontrer « une importante personnalité étrangère » et peut-être contrevenir à l'invitation de Mario Soares à la Grande-Bretagne.

Au cours d'une conférence de presse, il a indiqué qu'il était venu à Londres pour « expliquer la situation » au parti travailliste et demander à la Grande-Bretagne « tout l'appui diplomatique, économique et technique qu'elle peut lui offrir ».

Il a également déclaré que le Parti communiste portugais ne visait pas la participation au gouvernement, mais qu'il était prêt à participer à un gouvernement d'union nationale.

Il a souligné que le Parti communiste portugais était prêt à participer à un gouvernement d'union nationale, mais qu'il était prêt à participer à un gouvernement d'union nationale.

Il a souligné que le Parti communiste portugais était prêt à participer à un gouvernement d'union nationale, mais qu'il était prêt à participer à un gouvernement d'union nationale.

Message du P.C.F. au P.C. Portugais

Le Secrétariat du Comité Central du P.C.F. a adressé au Comité Central du Parti Communiste Portugais, le message suivant :

Chers camarades,

Caractérisé par les aspirations profondes de la classe ouvrière, le P.C.P. est une organisation révolutionnaire, qui a pour but de briser le despotisme de la dictature fasciste.

En cette période, l'opposition est devenue une nécessité pour la classe ouvrière portugaise et pour la classe ouvrière portugaise.

Le P.C.P. a pour but de briser le despotisme de la dictature fasciste.

Le P.C.P. a pour but de briser le despotisme de la dictature fasciste.

Le P.C.P. a pour but de briser le despotisme de la dictature fasciste.

Ce 1^{er} mai aura des conséquences importantes sur l'évolution de la situation. Les informations qui proviennent aujourd'hui des diverses régions du Portugal font tout état de manifestations d'une ampleur exceptionnelle à Porto, Braga, Lissieux, Coimbra, etc.

L'alliance des communistes, des socialistes, des catholiques progressistes des divers courants libéraux est sortie renforcée de cette journée ; l'alliance, ainsi que nous le voyons, est devenue une nécessité pour la classe ouvrière portugaise.

Toutefois, nous ne devons pas nous laisser aller à une confiance aveugle. La situation est encore très complexe. Nous devons rester vigilants et nous devons continuer à travailler pour la libération du Portugal.

L'appareil fasciste est encore en place dans des endroits importants. Nous devons continuer à travailler pour la libération du Portugal.

Il faut que nous soyons prêts à tout. Nous devons continuer à travailler pour la libération du Portugal.

Il faut que nous soyons prêts à tout. Nous devons continuer à travailler pour la libération du Portugal.

Il faut que nous soyons prêts à tout. Nous devons continuer à travailler pour la libération du Portugal.

Il faut que nous soyons prêts à tout. Nous devons continuer à travailler pour la libération du Portugal.

Il faut que nous soyons prêts à tout. Nous devons continuer à travailler pour la libération du Portugal.

Il faut que nous soyons prêts à tout. Nous devons continuer à travailler pour la libération du Portugal.

Il faut que nous soyons prêts à tout. Nous devons continuer à travailler pour la libération du Portugal.

Il faut que nous soyons prêts à tout. Nous devons continuer à travailler pour la libération du Portugal.

Il faut que nous soyons prêts à tout. Nous devons continuer à travailler pour la libération du Portugal.

Il faut que nous soyons prêts à tout. Nous devons continuer à travailler pour la libération du Portugal.

DANS LES B.O.M. Vaste courant populaire en faveur de F. Mitterrand

Le 1^{er} mai, un vaste mouvement de manifestation a eu lieu dans les B.O.M. (Bureau d'Organisation Militaire) en faveur de F. Mitterrand.

Le 1^{er} mai, un vaste mouvement de manifestation a eu lieu dans les B.O.M. (Bureau d'Organisation Militaire) en faveur de F. Mitterrand.

Le 1^{er} mai, un vaste mouvement de manifestation a eu lieu dans les B.O.M. (Bureau d'Organisation Militaire) en faveur de F. Mitterrand.

Le 1^{er} mai, un vaste mouvement de manifestation a eu lieu dans les B.O.M. (Bureau d'Organisation Militaire) en faveur de F. Mitterrand.

Le 1^{er} mai, un vaste mouvement de manifestation a eu lieu dans les B.O.M. (Bureau d'Organisation Militaire) en faveur de F. Mitterrand.

Le 1^{er} mai, un vaste mouvement de manifestation a eu lieu dans les B.O.M. (Bureau d'Organisation Militaire) en faveur de F. Mitterrand.

Le 1^{er} mai, un vaste mouvement de manifestation a eu lieu dans les B.O.M. (Bureau d'Organisation Militaire) en faveur de F. Mitterrand.

Le 1^{er} mai, un vaste mouvement de manifestation a eu lieu dans les B.O.M. (Bureau d'Organisation Militaire) en faveur de F. Mitterrand.

Le 1^{er} mai, un vaste mouvement de manifestation a eu lieu dans les B.O.M. (Bureau d'Organisation Militaire) en faveur de F. Mitterrand.

Le 1^{er} mai, un vaste mouvement de manifestation a eu lieu dans les B.O.M. (Bureau d'Organisation Militaire) en faveur de F. Mitterrand.

Le 1^{er} mai, un vaste mouvement de manifestation a eu lieu dans les B.O.M. (Bureau d'Organisation Militaire) en faveur de F. Mitterrand.

Le 1^{er} mai, un vaste mouvement de manifestation a eu lieu dans les B.O.M. (Bureau d'Organisation Militaire) en faveur de F. Mitterrand.

Le 1^{er} mai, un vaste mouvement de manifestation a eu lieu dans les B.O.M. (Bureau d'Organisation Militaire) en faveur de F. Mitterrand.

Le 1^{er} mai, un vaste mouvement de manifestation a eu lieu dans les B.O.M. (Bureau d'Organisation Militaire) en faveur de F. Mitterrand.

Le 1^{er} mai, un vaste mouvement de manifestation a eu lieu dans les B.O.M. (Bureau d'Organisation Militaire) en faveur de F. Mitterrand.

Le 1^{er} mai, un vaste mouvement de manifestation a eu lieu dans les B.O.M. (Bureau d'Organisation Militaire) en faveur de F. Mitterrand.

Le 1^{er} mai, un vaste mouvement de manifestation a eu lieu dans les B.O.M. (Bureau d'Organisation Militaire) en faveur de F. Mitterrand.

Grande-Bretagne : Dondres choisit hier ses conseillers municipaux

LONDRES, 2 mai. — Les élections municipales ont eu lieu hier à Dondres.

LONDRES, 2 mai. — Les élections municipales ont eu lieu hier à Dondres.

LONDRES, 2 mai. — Les élections municipales ont eu lieu hier à Dondres.

LONDRES, 2 mai. — Les élections municipales ont eu lieu hier à Dondres.

LONDRES, 2 mai. — Les élections municipales ont eu lieu hier à Dondres.

LONDRES, 2 mai. — Les élections municipales ont eu lieu hier à Dondres.

LONDRES, 2 mai. — Les élections municipales ont eu lieu hier à Dondres.

LONDRES, 2 mai. — Les élections municipales ont eu lieu hier à Dondres.

LONDRES, 2 mai. — Les élections municipales ont eu lieu hier à Dondres.

LONDRES, 2 mai. — Les élections municipales ont eu lieu hier à Dondres.

LONDRES, 2 mai. — Les élections municipales ont eu lieu hier à Dondres.

LONDRES, 2 mai. — Les élections municipales ont eu lieu hier à Dondres.

LONDRES, 2 mai. — Les élections municipales ont eu lieu hier à Dondres.

LONDRES, 2 mai. — Les élections municipales ont eu lieu hier à Dondres.

LONDRES, 2 mai. — Les élections municipales ont eu lieu hier à Dondres.

LONDRES, 2 mai. — Les élections municipales ont eu lieu hier à Dondres.

LONDRES, 2 mai. — Les élections municipales ont eu lieu hier à Dondres.

LONDRES, 2 mai. — Les élections municipales ont eu lieu hier à Dondres.

LA SESSION SPECIALE DE L'O.N.U. Refus des pays capitalistes d'admettre le droit du tiers monde à la pleine souveraineté

CONVOQUEE le 9 avril à la demande du président Sumner, la session spéciale de l'Assemblée générale des Nations Unies sur les matières premières et le développement économique a commencé hier à New York.

CONVOQUEE le 9 avril à la demande du président Sumner, la session spéciale de l'Assemblée générale des Nations Unies sur les matières premières et le développement économique a commencé hier à New York.

CONVOQUEE le 9 avril à la demande du président Sumner, la session spéciale de l'Assemblée générale des Nations Unies sur les matières premières et le développement économique a commencé hier à New York.

CONVOQUEE le 9 avril à la demande du président Sumner, la session spéciale de l'Assemblée générale des Nations Unies sur les matières premières et le développement économique a commencé hier à New York.

CONVOQUEE le 9 avril à la demande du président Sumner, la session spéciale de l'Assemblée générale des Nations Unies sur les matières premières et le développement économique a commencé hier à New York.

CONVOQUEE le 9 avril à la demande du président Sumner, la session spéciale de l'Assemblée générale des Nations Unies sur les matières premières et le développement économique a commencé hier à New York.

CONVOQUEE le 9 avril à la demande du président Sumner, la session spéciale de l'Assemblée générale des Nations Unies sur les matières premières et le développement économique a commencé hier à New York.

CONVOQUEE le 9 avril à la demande du président Sumner, la session spéciale de l'Assemblée générale des Nations Unies sur les matières premières et le développement économique a commencé hier à New York.

CONVOQUEE le 9 avril à la demande du président Sumner, la session spéciale de l'Assemblée générale des Nations Unies sur les matières premières et le développement économique a commencé hier à New York.

CONVOQUEE le 9 avril à la demande du président Sumner, la session spéciale de l'Assemblée générale des Nations Unies sur les matières premières et le développement économique a commencé hier à New York.

CONVOQUEE le 9 avril à la demande du président Sumner, la session spéciale de l'Assemblée générale des Nations Unies sur les matières premières et le développement économique a commencé hier à New York.

CONVOQUEE le 9 avril à la demande du président Sumner, la session spéciale de l'Assemblée générale des Nations Unies sur les matières premières et le développement économique a commencé hier à New York.

proche-orient M. Kissinger arrive à Damas avec un refus de Tel-Aviv de rendre le Golan

M. HENRY KISSINGER doit arriver aujourd'hui à Damas, où les dirigeants syriens veulent de réaffirmer leur position sur le dossier du Golan.

M. HENRY KISSINGER doit arriver aujourd'hui à Damas, où les dirigeants syriens veulent de réaffirmer leur position sur le dossier du Golan.

M. HENRY KISSINGER doit arriver aujourd'hui à Damas, où les dirigeants syriens veulent de réaffirmer leur position sur le dossier du Golan.

M. HENRY KISSINGER doit arriver aujourd'hui à Damas, où les dirigeants syriens veulent de réaffirmer leur position sur le dossier du Golan.

M. HENRY KISSINGER doit arriver aujourd'hui à Damas, où les dirigeants syriens veulent de réaffirmer leur position sur le dossier du Golan.

M. HENRY KISSINGER doit arriver aujourd'hui à Damas, où les dirigeants syriens veulent de réaffirmer leur position sur le dossier du Golan.

M. HENRY KISSINGER doit arriver aujourd'hui à Damas, où les dirigeants syriens veulent de réaffirmer leur position sur le dossier du Golan.

M. HENRY KISSINGER doit arriver aujourd'hui à Damas, où les dirigeants syriens veulent de réaffirmer leur position sur le dossier du Golan.

M. HENRY KISSINGER doit arriver aujourd'hui à Damas, où les dirigeants syriens veulent de réaffirmer leur position sur le dossier du Golan.

M. HENRY KISSINGER doit arriver aujourd'hui à Damas, où les dirigeants syriens veulent de réaffirmer leur position sur le dossier du Golan.

M. HENRY KISSINGER doit arriver aujourd'hui à Damas, où les dirigeants syriens veulent de réaffirmer leur position sur le dossier du Golan.

M. HENRY KISSINGER doit arriver aujourd'hui à Damas, où les dirigeants syriens veulent de réaffirmer leur position sur le dossier du Golan.

M. HENRY KISSINGER doit arriver aujourd'hui à Damas, où les dirigeants syriens veulent de réaffirmer leur position sur le dossier du Golan.

M. HENRY KISSINGER doit arriver aujourd'hui à Damas, où les dirigeants syriens veulent de réaffirmer leur position sur le dossier du Golan.

Après les élections italiennes M. JOBERT : Il ne faut pas que les nécessités nationales prennent le dessus

Après les élections italiennes, M. JOBERT a déclaré que les nécessités nationales ne doivent pas prendre le dessus.

Après les élections italiennes, M. JOBERT a déclaré que les nécessités nationales ne doivent pas prendre le dessus.

Après les élections italiennes, M. JOBERT a déclaré que les nécessités nationales ne doivent pas prendre le dessus.

Après les élections italiennes, M. JOBERT a déclaré que les nécessités nationales ne doivent pas prendre le dessus.

Après les élections italiennes, M. JOBERT a déclaré que les nécessités nationales ne doivent pas prendre le dessus.

Après les élections italiennes, M. JOBERT a déclaré que les nécessités nationales ne doivent pas prendre le dessus.

Après les élections italiennes, M. JOBERT a déclaré que les nécessités nationales ne doivent pas prendre le dessus.

Senhor souligne l'affaiblissement de la coopération franco-africaine

Léopold Sédar Senghor, chef de l'Etat sénégalais, a souligné l'affaiblissement de la coopération franco-africaine.

Léopold Sédar Senghor, chef de l'Etat sénégalais, a souligné l'affaiblissement de la coopération franco-africaine.

Léopold Sédar Senghor, chef de l'Etat sénégalais, a souligné l'affaiblissement de la coopération franco-africaine.

Léopold Sédar Senghor, chef de l'Etat sénégalais, a souligné l'affaiblissement de la coopération franco-africaine.

Léopold Sédar Senghor, chef de l'Etat sénégalais, a souligné l'affaiblissement de la coopération franco-africaine.

Léopold Sédar Senghor, chef de l'Etat sénégalais, a souligné l'affaiblissement de la coopération franco-africaine.

Léopold Sédar Senghor, chef de l'Etat sénégalais, a souligné l'affaiblissement de la coopération franco-africaine.

Léopold Sédar Senghor, chef de l'Etat sénégalais, a souligné l'affaiblissement de la coopération franco-africaine.

Léopold Sédar Senghor, chef de l'Etat sénégalais, a souligné l'affaiblissement de la coopération franco-africaine.

Léopold Sédar Senghor, chef de l'Etat sénégalais, a souligné l'affaiblissement de la coopération franco-africaine.

Léopold Sédar Senghor, chef de l'Etat sénégalais, a souligné l'affaiblissement de la coopération franco-africaine.

Léopold Sédar Senghor, chef de l'Etat sénégalais, a souligné l'affaiblissement de la coopération franco-africaine.

Léopold Sédar Senghor, chef de l'Etat sénégalais, a souligné l'affaiblissement de la coopération franco-africaine.

Léopold Sédar Senghor, chef de l'Etat sénégalais, a souligné l'affaiblissement de la coopération franco-africaine.

Léopold Sédar Senghor, chef de l'Etat sénégalais, a souligné l'affaiblissement de la coopération franco-africaine.

Léopold Sédar Senghor, chef de l'Etat sénégalais, a souligné l'affaiblissement de la coopération franco-africaine.

Léopold Sédar Senghor, chef de l'Etat sénégalais, a souligné l'affaiblissement de la coopération franco-africaine.

Léopold Sédar Senghor, chef de l'Etat sénégalais, a souligné l'affaiblissement de la coopération franco-africaine.

41

Alvaro Cunhal
« l'Humanité »

Tous les tenants et aboutissants de cette ténébreuse affaire ne sont pas encore connus. Il est difficile et prématuré d'avancer des hypothèses sur les éventuelles répercussions qu'elle aura, dans les jours et semaines à venir, sur l'évolution des événements.

Le long silence de Spinola

Que s'est-il passé exactement dans le cult de vendredi à samedi ? A vrai dire,

LISBONNE, 29 septembre. — Dimanche matin, la radio portugaise a donné lecture des nombreux communiqués des divers partis politiques et des syndicats, exaltant la victoire remportée samedi par les forces démocratiques et le mouvement des forces armées.

Le P.C.P. : La victoire obtenue

renforce les bases de l'unité

Vendredi vers minuit, en apparence, rien n'a changé. La manifestation réactionnaire reste prévue pour le lendemain. Protestations, demandes d'interdiction, mises en garde émanant de toutes les formations démocratiques n'ont pas été

Rumeurs de coup d'Etat

La rumeur s'entle : elle charrie dans un même flot le vrai et le faux, l'information et l'intoxication. ON parle de la mise sous surveillance, voire aux arrêts, du premier ministre, le général Vasco Gonçalves, de Otelo Saraiva Carvalho, une des figures de proue des événements du 25 avril, placé depuis à la tête du COPCON. A deux heures du min, les

in der Lage, die Kosten zu senken, die für die Herstellung der Produkte entstehen. Die Kosten für die Herstellung der Produkte sind in der Tabelle 1 dargestellt.

Inquiétantes nouvelles

caract. que les généraux Vasco Gonçalves, premier ministre, et Otelo Saraiva Carvalhal, gouverneur militaire de Lisbonne et chef adjoint du commando opérationnel (COPCON), charge du maintien de

Mobilisation populaire

Le MFA prend le contrôle de la situation. Il lance un appel au calme. La

Mais c'est aux abords des sièges des principales formations politiques, des syndicats que l'on ressent et que l'on retrouve l'atmosphère à la fois des lendemains de combat et des veillées d'armes.

Combien sont-ils, ces ouvriers, ces jeunes, rassemblés, debout, devant le siège du Comité central du Parti communiste ? Combien sont-ils, ceux de cette garde de jour après la garde de nuit ? La plupart n'ont ni mangé ni dormi. Ou

le chef de l'Etat déclarait qu'il se désolidarisait de la manifestation prévue sous

Le prétexte de la soutenir. Les armées, émanant des Forces armées, annonçaient que la manifestation était annulée. Le mauvais coup avait raté.

C'est grâce à eux, aux milliers et aux milliers de militants du parti communiste, vétérans des luttes souterraines contre le fascisme, et jeunes recrues volontairement accourues des usines et des champs ; c'est grâce aux militants

Barrages

A l'initiative des communistes, du mouvement démocratique, des syndicats, des barrages avaient surgi comme champignons après l'onde sur toutes les routes du nord du pays. Du nord au sud, Libanone n'était pas, ne serait pas, pas ville ouverte au fascisme. Et, littéralement, les fascistes n'ont

Ça pu l'air, des ouvriers avaient pris quelques précautions supplémentaires pour que les cars prévus pour le voyage de Libonne soient dans l'impossibilité d'accrocher un seul tour de roue. Ces propriétés techniques ne furent ni les plus répandues ni les plus efficaces. Mais la mécanique du coup d'État a été enrayée par la mobilisation populaire. On a compté jusqu'à 2.000 personnes autour des nombreux bureaux. Cheminots et conducteurs des transports publics avaient tout naturellement apporté leur concours à cette réglementation un peu particulière de la circulation ferroviaire et routière. Les militaires, arrivés par la suite sur les lieux, prêtèrent la main aux contraires de

— 1 —

d'abord refuse d'annuler la manifestation malgré une intervention du premier minis-

Et au lieu de la manifestation pro-fasciste qui avait été organisée, il y eut samedi après-midi devant le Palais de Belem, siège de la présidence à Lisbonne, des manifestations de protestation.

shoulée et fraternisèrent avec les gardes
couloirs.

40.000 armes saïles
Selon certaines informations, 40.000

armes de calibre divers, allant du pistolet-mitrailleur au poignard, ont été saisis et, de divers côtés, on assure que les conjurés avaient prévu d'assassiner, samedi matin, le général Vasco Gonçalves, premier ministre.

Dans tous les milieux démocratiques, al-
lons-nous se féliciter de la nouvelle victoire contre
la réaction et le fascisme, en met-
tant l'accent sur la nécessité de prendre d'ur-
gence toutes les mesures indispensables
pour priver la contre-révolution ses
moyens d'action dont elle dispose encore
et si qu'elle n'hésite pas à utiliser à la
prochaine occasion.

Arrestations

De nombreuses arrestations — 300 environ dit-on — ont été opérées par la MFA "armi les personnages envoyés au pénitencier de Cagaita, on relève les noms de plusieurs dignitaires de l'ancien régime et notamment ceux de Silva Costa, ancien des Colonias, Franco Lopez, ancien ministre de l'Intérieur, et de Francisco de Almeida, ancien ministre de l'Éducation. Parmi les autres noms cités, on relève ceux de : José Pineda, ancien ministre de l'Éducation ; Eimelo Alves, ancien secrétaire général du parti de Salazar ; José-Luis Peçanha, dirigeant de l'organisation des étudiants ; d'un nouveau Caeiro, le général Kaizua de Arriaga, ancien gouverneur général du Mozambique, de nombreux autres généraux et de plusieurs officiers supérieurs.

De diverses sources, on apprend que certains membres de la commission de coordination du MFA avaient, en outre, demandé la démission ou l'érection de tribunaux d'enquête pour contrôler des sept généraux ou amiraux qui constituaient la junte placée sous la direction de Spínola : il s'agissait des généraux Galvão de Melo (qui s'était prononcé publiquement pour le maintien de la manifestation réactionnaire), Diogo Nelo et Silverio Marquês.

Quel qu'il en soit, le combat pour ou contre la démocratie au Portugal, est entré dans une phase nouvelle.

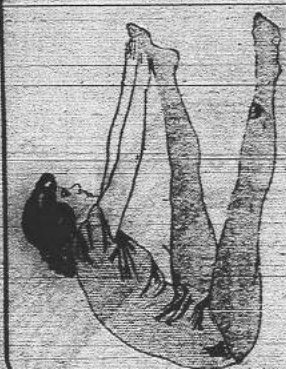
renversement du régime de dictature », le 25 avril. Mais cette journée « a démontré l'échec de la droite et de l'extrême-droite ainsi que la force et l'organisation du Mouvement des forces armées et des éléments démocratiques du pays, surtout celui du Parti communiste » qui « constitue la force politique la plus importante et la mieux organisée ».



Parti communiste » déclarent Aurelio et les camarades. « Bravo, très bien camarade, mais les maîtres de la défense ne se réjouissent pas de tout le monde. »

Un exemple d'art miteux au service de la mobilisation.

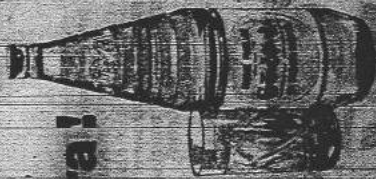
Le sor à Lacoste — à l'apogée du Parti communiste du MDP, du Mouvement de la gauche socialiste, du Parti socialiste, du Parti de l'Union des syndicats du Front socialiste.



Pour rajeunir de quelques kilos aide-toi...

La jeunesse, c'est d'abord une silhouette épurée. Une taille mince, des hanches plates. Cette jeunesse-là, elle dépend de trois bonnes résolutions. D'abord faire de l'exercice, marcher, courir, faire de la culture physique à votre choix. Ensuite manger moins et manger mieux. Enfin boire Contrex. Les minérales naturelles de Contrex ont les vertus de l'olimpionisme : elle vous aide efficacement à nettoyer votre silhouette.

Contrex t'aidera!



Tout ce « affaire du 11 mars » ne devait rien à l'improvisation. Si elle a tourné court, c'est pour deux raisons essentielles.

1) A de rares exceptions près, les forces armées ont été des premières à se débander. Les forces armées ont été des premières à se débander. Les forces armées ont été des premières à se débander.

2) Davantage encore que de la peur, il y avait de la lassitude. La lassitude de la guerre, la lassitude de la guerre, la lassitude de la guerre.

Partout la population s'est dressée

Même poétique du nord au sud du pays. Les vagues de révolte ont été partout. Les vagues de révolte ont été partout. Les vagues de révolte ont été partout.

Un de mes amis du parti communiste, l'ancien ministre de l'Intérieur, raconte que le 13 février, la radio diffuse de nouvelles de la tentative de coup d'Etat. Les nouvelles de la tentative de coup d'Etat. Les nouvelles de la tentative de coup d'Etat.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le ministre de l'Intérieur, l'ancien ministre de l'Intérieur, l'ancien ministre de l'Intérieur. Le ministre de l'Intérieur, l'ancien ministre de l'Intérieur, l'ancien ministre de l'Intérieur.

Le ministre de l'Intérieur, l'ancien ministre de l'Intérieur, l'ancien ministre de l'Intérieur. Le ministre de l'Intérieur, l'ancien ministre de l'Intérieur, l'ancien ministre de l'Intérieur.

Partout la population s'est dressée

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Partout la population s'est dressée

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Partout la population s'est dressée

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Partout la population s'est dressée

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Un dénouement qui passe mal

tu dans la presse

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Partout la population s'est dressée

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

Le 13 mai de Spinoza à l'heure du bouillonnement — pour reprendre le style de son 17 mai — les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout. Les Portugais ont été partout.

CLAUDE KROES

LA MPA RIUSALI à droite.

MANIFESTATIONS POPULAIRES DANS TOUT LE PAYS

[illegible]

plisé, devant la sous-commission parlementaire chargée d'enquêter sur les activités du "Secret Service", que figurent sur la liste des personnes sur lesquelles notre

[illegible]

Cette part à 500 francs, le
ministre des Finances, M. Giscard
d'Estaing, a refusé de verser
à la police, qui a refusé
de donner la moitié de cette
récompense.
M. Giscard avait déjà été
condamné à prison pour avoir
prélevé sur son portefeuille
un montant de 500 francs
pour acheter des bijoux.
Il a été condamné à 10
ans de prison.

1900. 1901. 1902. 1903. 1904. 1905. 1906. 1907. 1908. 1909. 1910. 1911. 1912. 1913. 1914. 1915. 1916. 1917. 1918. 1919. 1920. 1921. 1922. 1923. 1924. 1925. 1926. 1927. 1928. 1929. 1930. 1931. 1932. 1933. 1934. 1935. 1936. 1937. 1938. 1939. 1940. 1941. 1942. 1943. 1944. 1945. 1946. 1947. 1948. 1949. 1950. 1951. 1952. 1953. 1954. 1955. 1956. 1957. 1958. 1959. 1960. 1961. 1962. 1963. 1964. 1965. 1966. 1967. 1968. 1969. 1970. 1971. 1972. 1973. 1974. 1975. 1976. 1977. 1978. 1979. 1980. 1981. 1982. 1983. 1984. 1985. 1986. 1987. 1988. 1989. 1990. 1991. 1992. 1993. 1994. 1995. 1996. 1997. 1998. 1999. 2000. 2001. 2002. 2003. 2004. 2005. 2006. 2007. 2008. 2009. 2010. 2011. 2012. 2013. 2014. 2015. 2016. 2017. 2018. 2019. 2020. 2021. 2022. 2023. 2024. 2025. 2026. 2027. 2028. 2029. 2030. 2031. 2032. 2033. 2034. 2035. 2036. 2037. 2038. 2039. 2040. 2041. 2042. 2043. 2044. 2045. 2046. 2047. 2048. 2049. 2050. 2051. 2052. 2053. 2054. 2055. 2056. 2057. 2058. 2059. 2060. 2061. 2062. 2063. 2064. 2065. 2066. 2067. 2068. 2069. 2070. 2071. 2072. 2073. 2074. 2075. 2076. 2077. 2078. 2079. 2080. 2081. 2082. 2083. 2084. 2085. 2086. 2087. 2088. 2089. 2090. 2091. 2092. 2093. 2094. 2095. 2096. 2097. 2098. 2099. 2100. 2101. 2102. 2103. 2104. 2105. 2106. 2107. 2108. 2109. 2110. 2111. 2112. 2113. 2114. 2115. 2116. 2117. 2118. 2119. 2120. 2121. 2122. 2123. 2124. 2125. 2126. 2127. 2128. 2129. 2130. 2131. 2132. 2133. 2134. 2135. 2136. 2137. 2138. 2139. 2140. 2141. 2142. 2143. 2144. 2145. 2146. 2147. 2148. 2149. 2150. 2151. 2152. 2153. 2154. 2155. 2156. 2157. 2158. 2159. 2160. 2161. 2162. 2163. 2164. 2165. 2166. 2167. 2168. 2169. 2170. 2171. 2172. 2173. 2174. 2175. 2176. 2177. 2178. 2179. 2180. 2181. 2182. 2183. 2184. 2185. 2186. 2187. 2188. 2189. 2190. 2191. 2192. 2193. 2194. 2195. 2196. 2197. 2198. 2199. 2200. 2201. 2202. 2203. 2204. 2205. 2206. 2207. 2208. 2209. 2210. 2211. 2212. 2213. 2214. 2215. 2216. 2217. 2218. 2219. 2220. 2221. 2222. 2223. 2224. 2225. 2226. 2227. 2228. 2229. 2230. 2231. 2232. 2233. 2234. 2235. 2236. 2237. 2238. 2239. 2240. 2241. 2242. 2243. 2244. 2245. 2246. 2247. 2248. 2249. 2250. 2251. 2252. 2253. 2254. 2255. 2256. 2257. 2258. 2259. 2260. 2261. 2262. 2263. 2264. 2265. 2266. 2267. 2268. 2269. 2270. 2271. 2272. 2273. 2274. 2275. 2276. 2277. 2278. 2279. 2280. 2281. 2282. 2283. 2284. 2285. 2286. 2287. 2288. 2289. 2290. 2291. 2292. 2293. 2294. 2295. 2296. 2297. 2298. 2299. 2300. 2301. 2302. 2303. 2304. 2305. 2306. 2307. 2308. 2309. 2310. 2311. 2312. 2313. 2314. 2315. 2316. 2317. 2318. 2319. 2320. 2321. 2322. 2323. 2324. 2325. 2326. 2327. 2328. 2329. 2330. 2331. 2332. 2333. 2334. 2335. 2336. 2337. 2338. 2339. 2340. 2341. 2342. 2343. 2344. 2345. 2346. 2347. 2348. 2349. 2350. 2351. 2352. 2353. 2354. 2355. 2356. 2357. 2358. 2359. 2360. 2361. 2362. 2363. 2364. 2365. 2366. 2367. 2368. 2369. 2370. 2371. 2372. 2373. 2374. 2375. 2376. 2377. 2378. 2379. 2380. 2381. 2382. 2383. 2384. 2385. 2386. 2387. 2388. 2389. 2390. 2391. 2392. 2393. 2394. 2395. 2396. 2397. 2398. 2399. 2400. 2401. 2402. 2403. 2404. 2405. 2406. 2407. 2408. 2409. 2410. 2411. 2412. 2413. 2414. 2415. 2416. 2417. 2418. 2419. 2420. 2421. 2422. 2423. 2424. 2425. 2426. 2427. 2428. 2429. 2430. 2431. 2432. 2433. 2434. 2435. 2436. 2437. 2438. 2439. 2440. 2441. 2442. 2443. 2444. 2445. 2446. 2447. 2448. 2449. 2450. 2451. 2452. 2453. 2454. 2455. 2456. 2457. 2458. 2459. 2460. 2461. 2462. 2463. 2464. 2465. 2466. 2467. 2468. 2469. 2470. 2471. 2472. 2473. 2474. 2475. 2476. 2477. 2478. 2479. 2480. 2481. 2482. 2483. 2484. 2485. 2486. 2487. 2488. 2489. 2490. 2491. 2492. 2493. 2494. 2495. 2496. 2497. 2498. 2499. 2500. 2501. 2502. 2503. 2504. 2505. 2506. 2507. 2508. 2509. 2510. 2511. 2512. 2513. 2514. 2515. 2516. 2517. 2518. 2519. 2520. 2521. 2522. 2523. 2524. 2525. 2526. 2527. 2528. 2529. 2530. 2531. 2532. 2533. 2534. 2535. 2536. 2537. 2538. 2539. 2540. 2541. 2542. 2543. 2544. 2545. 2546. 2547. 2548. 2549. 2550. 2551. 2552. 2553. 2554. 2555. 2556. 2557. 2558. 2559. 2560. 2561. 2562. 2563. 2564. 2565. 2566. 2567. 2568. 2569. 2570. 2571. 2572. 2573. 2574. 2575. 2576. 2577. 2578. 2579. 2580. 2581.

[illegible][illegible][illegible][illegible]

1000

400.000 MANIFESTANTI A ATHÈNES

ATHENES, 21 avril. — 400.000 personnes, selon l'Agence France Presse, ont participé, lundi, en fin d'après-midi, à une manifestation antifasciste versaire du coup d'Etat des colonels, le 21 avril 1967.

LISBONNE, 21 avril (par téléphone). — Défilés, rassemblements, cortèges... A trois jours des élections, la révolution portugaise prend souvent, en apparence, l'allure et les couleurs d'une fête. Elle reste cependant et avant tout un combat. De la campagne qui touche à sa fin, quelques caractéristiques émergent. D'un côté des formations politiques avides de suffrages et ne négligeant rien pour faire le plein des voix d'origines diverses et d'appelation non contrôlée. De l'autre, — le Parti Communiste Portugais (PCP) — conduit avec sérénité et rigueur la bataille pour la mobilisation des forces populaires, pour leur participation active à la défense, à la consolidation, à l'extension des conquêtes politiques, sociales, économiques, résultat et fruit d'une lutte incessante menée sans trêve ni répit depuis bientôt un an. Une lutte difficile pour la vérité, pour la révolution.

L'incroyable est ici souvent devenu le tragique. La dévastation de la région du Sahel, la fixation des régions entières, dans le nord du pays notamment, ont anéanti communisme et socialisme. L'incroyable est tellement grossier, tellement primaire, que l'observateur

Est-il vrai

[illegible]

Quand Pékin prêche pour « l'Europe atlantique »

Recevant cette somme à Pékin le premier ministre belge, M. Tindemans, en visite officielle dans leur pays, les dirigeants de Pékin en ont profité pour révéler leur attaché anticolonialiste, pré-tendant notamment que « face aux pressions politiques et militaires des puissances occidentales, les pays européens devaient continuer de payer sur l'OTAN ». En réalité, donc, approuvés en cela par le réactionnaire belge l'indemnité des dirigeants chinois, les dirigeants chinois, en se prononçant à nouveau pour « une Europe européenne », ont fait apparaître la véritable cause de la présence de l'impérialisme américain en Europe.

Il apparaît d'ailleurs que ceux d'entre eux qui ont reçu M. Tintimpeux ne lui ont pas ménagé leurs « théories » antissoviétiques. Tant Mao Tse-toung que Chou En-lai et le vice premier ministre Chi Teng-kui ont, en effet, souligné à leur interlocuteur la tendance qu'ils jugent « regrettable » des pays capitalistes à « sous-estimer l'indus-

ni faut-il la situer ? Elle prend son cours dans un demi-siècle de fascisme. Elle est alimentée par les héritiers de Salazar. Par les caciques toujours en place dans les cols perdus du Minho ou du Tras Os Montes, mosaïque de propriétés,

que ?

manducapies ? » • Est-il vrai
qu'ils vont supprimer de poison
par une injection de venin
derrière l'oreille ? » Qu'ils vont
obliger les vieilles femmes à
couvrir les cruds ? Qu'ils vont
détruire la famille ? Qu'ils
vont tout prendre : la terre,
le bétail, les maisons ? »

On n'en finirait pas d'énumérer les pertes de ce qui pourrait n'être qu'un sot tissage de l'anti-communisme et qui est la poursuite d'une entreprise systématique dont les effets ne sauraient être tenus pour négligeables par la source de ces rumeurs.

Des flammes internes ou fausses

Des gosses d'église viennent à la messe, ils veulent aux fleurs, aux cierres, de l'enfer, les croquis qui fédèrent à la tentation du démon...
« Dieu vous voit, vous surveille. Il sait tout, entend tout. Ne l'oubliez pas... »
Comment, dans cette situation, parler de libre expression ? De vote conscient ? De conscience en connaissance de cause ?
Le faux et l'usage de faux complètent la panoplie du parti anticomuniste. Une circulaire anticomuniste, poste attribué au PC l'intention de provoquer des élections, la veille des élections, de préparer des listes de Vite...

Apprendre à voter

Il ne s'agit pas ici de mauvaise querelle, mais de contestation. Quelle incidence ce flot convergent d'anticommunistes aura-t-il sur le comportement des corps électoraux ? Quel corps électoral, qui, dans

Des incidents ont éclaté dans la nuit de dimanche à lundi

espagnole

Dans une lettre pastorale collective
**les évêques appellent
à la réconciliation et au
rétablissement des libertés**

Dans une lettre pastorale l'évêque espagnol demande que soient éliminés les effets nocifs de la guerre civile qui a divisé la population en vainqueurs et vaincus et qui sont toujours un obstacle à la réconciliation.

Ce texte, dont la mise au point a demandé deux ans, expose un certain nombre de positions essentielles de la hiérarchie catholique en faveur des changements fondamentaux dans la vie politique et sociale espagnole. Sur les 70 évêques ayant droit de vote, 70 ont approuvé ce texte, 11 seulement s'y sont opposés, montrant le fond d'adhésion qui sous-tend le fond d'adhésion qui sous-tend l'opportunité de sa publication. Ce fait a lui seul illustre l'isolement du francisme.

ALLADOLIP, 21 avril.

... ont fait grève toute l'année, pour protester contre les sanctions infligées à quatorze de leurs compagnons arrêtés sporadiques ont été également signalés dans divers autres ateliers.

Portugal, au cours d'un meeting à Guimarães, dans le nord du Portugal, le parti réactionnaire du Centre démocratique et social (CDS). Les forces armées sont intervenues pour dégager la salle de réunions. Il y a eu une vingtaine de blessés.

**appelent
ation et au
des libertés**

... effective rendue publique samedi, ...
... soient éliminés les « effets ...
... usé la population en vainqueurs ...
... obstacle à la réconciliation ».

Le texte réclame aussi l'adaptation, dans des formes juridiques adéquates, du « droit des minorités à affirmer leur particularisme et

Trois mille ouvriers
en grève
à Fasa Renault
de Valladolid

ALLADOLIP, 21 avril.

... ont fait grève toute l'année, pour protester contre les sanctions infligées à quatorze de leurs compagnons arrêtés sporadiques ont été également signalés dans divers autres ateliers.

l'ambassade, à 4 kilomètres de là. De l'endroit où furent massacrés, on novembre 1973,

TROIS DE

A Corfou son candidat a été battu par celui du Mouvement Socialiste Panhellénique (Pasek), de M. Andreass Papandréou, pour lequel les partis d'opposition appellent à voter. Le candidat socialiste a remporté le siège par 50,39 pour cent de voix. Lors des élections de novembre 1974, le candidat de « Démocratie Nouvelle » avait obtenu 48,3 pour cent des voix.

A Serres, le fief de M. Carmanlis, le candidat du ramanilis, le candidat du Socialiste Pan-« hellénique » à remporté le siège. Enfin à Jamina, en Epire, le candidat de « L'Union du Centre-Forces Nouvelles » M. Georges Mavros, a été élu.

A Kozani, en Grèce du Nord, le candidat du parti de la Démocratie Nouvelle, conservé son siège avec 55,5 % des voix.

Du fait de ces élections partielles, la répartition des 300 sièges à la Chambre de députés devient la suivante : Démocratie Nouvelle 216 (au lieu de 220), Union du Centre 61, Forces Nouvelles 61, Mouvement Socialiste, Panhellénique 15 et Gauche unie 8.

Ces résultats confirment ceux des récentes élections municipales qui s'étaient soldés par une défaite générale des listes de la Démocratie Nouvelle. La plupart des communes avant élu des municipalités de centre ou de gauche, sur des listes de front commun.

La majorité absolue obtenue en novembre dernier sous pression du slogan : « C'e

des blessés n'a pu être établi,
car beaucoup ont pu être sou-
lignés sur place ou emmenés

...permettrait de se rai-
plebisciter à la tête d'un ré-
gime présidentiel tel que le
prévoit son projet de Con-
stitution, sans qu'il se heurte,
pour le moins à une large
opposition de l'opinion grec-
que.

Les possibilités de compréhension de l'actuel gouvernement avec les Etats-Unis sur le problème des bases militaires

M. Walter
en France
pour qua

ARRIVE hier au début de l'après-midi à Orléans, il a été accueilli par M. Giscard d'Estaing, le président de la RFA. M. Walter Scheel, aura, ce matin, le premier entretien à l'Élysée avec le président de la République. Mais, bien que l'Union constitutionnelle ouest-allemande ne laisse pratiquement de reproches à Paris et à Bonn on veut profiter de ce séjour en France du président de la RFA pour tenter une nouvelle « relance de l'Europe » sous l'égide d'une alliance privilégiée France-Allemagne de l'Ouest, sans oublier pour autant, bien au contraire,

Le parti s'est livré à un examen approfondi du scrutin du 28 mars. Il en a rendu les conclusions publiques. Celle-ci fait ressortir les multiples cas d'impersonnifications sur les listes électorales, les fraudes, les falsifications, les falsifications des cartes d'identité, les falsifications des cartes d'électeurs, dans le fonctionnement des bureaux de vote, et dans le dépouillement des résultats.

Dans ces conditions, l'édification du Parti de la République africaine pour l'indépendance, et selon laquelle (ont au plus 3.743 suffrages) ont résident, et émis en faveur de la liste unique des candidats

L'œillet rouge
à la boutonnière

"Il fallait s'efforcer de réunir les bu-
reaux de vote pour réussir à
arracher, à force d'insistance,
quelques phrases, non pas sur



Hier, dans une file d'attente, dans un bureau de vote de Lisbonne, Alvaro Cunhal, secrétaire général du Parti communiste portugais. (Photo Jacques Marie.)

Etat de vigilance

Le Parti Communiste Po

L'armée française
est réservée
de l'OTAN

M. BOURGES

ESPAÑA

les ouvriers" de « Kasa Renault » à Valladolid expulsée par la police

VALLADOLID. 25 avril. — Les deux mille ouvriers de « FASA Renault » qui s'étaient enfermés jeudi matin à l'usine dans un atelier de l'usinage d'automobiles de Valadolid ont été expulsés jeudi soir par la police armée, tandis que la garde civile prenait possession

Cuba. Antonio Díaz Vial de los Rios, Jose Mario Díaz Vial de los Rios, par des héros anonymes qui devaient devenir à titre posthume des figures de la légende : Catarina Figueras, Maria, jeune paysanne de Matanzas, tombée au champ de bataille du prolétariat, le corps criblé de balles, puis, le héros principal, le héros de la légende, le héros de la terre, le héros des séigneurs de la terre, le héros des esclaves, le héros qui se redressa des ébènes caudées des ouvriers agricoles, se substitua à semer les graines de la liberté dans un désert de misère et de déolation.

Il y a un air tout un peu-
un liasse relatif sa luer-
de la nuit jusqu'à l'ou-
le monde de l'histoire, l'ou-

DERNIERE MINUTE
Tout premier

A l'heure où nous mettons sous presse, on ne connaît encore que des résultats très fragmentaires.

Ces premiers résultats ont

Le parti Populaire, le Parti Socialiste, le Parti Démocratique (PPD), en tête avec 18.895 voix sur 52.174 votants. Le Parti Socialiste vient ensuite avec 14.334 voix. Suivent le Parti du Centre Démocratique et Social (CDS) avec 6.020, le Parti Communiste avec 4.317 et le Mouvement Démocratique Portugais (MDP) avec 1.943.

encore officielles, le parti socialiste pourrait attendre la sortie absolue dans le

Vous qui cherchez des Infos de source soviétique sur les sociaux, scientifiques,

ETUDES S
Revue mensuelle
1 an : 17 F

Au sommaire du numéro

- Des témoins racontent : le rôle de l'activiste Cholekav de l'état-major central du
- Lettres, bouleversantes de
- Autres articles : L'URSS, ou l'usage de l'armée, etc.

CADEAUX : (contre lettre à l'éditeur)
ABONNEMENT 2 ans : Allemagne 300 pages, indispensable (Sovietique).
ABONNEMENT 1 an : Brochure - impuette - - Lu
 jusqu'à épuisement des stocks

ETUDES SOVIETIQUES

Tout premiers résultats

A l'heure où nous mettons sous presse, on ne connaît encore que des résultats très fragmentaires.

Dans les cinquante Nord pour contre le candidat du Parti socialiste, le Centre Démocratique Social (CDS), trois fois plus qu'avant le scrutin. Selon les premières données qui traversent les médias, la position communautaire n'aurait guère influencé la décision, surtout électorale, puisque les deux tiers des grands électeurs de l'Alsace ont voté pour le CDS.

encore officieuses, le parti socialiste pourrait attendre la fin de l'année 1962, dans la

Vous qui cherchez des informations sérieuses sur l'Union soviétique :

ABONNEZ-VOUS A
ETUDES SOVIETIQUES
Revue mensuelle remarquablement illustrée
1 an 17 F — 2 ans : 26 F seulement

Au sommaire du numéro de mai

- Des démons révoltés : le général Kossiolovski, le prince de Galicie et le général Choukrovo. Pochmaronko, ancien commandant en chef de l'Armée rouge, raconte le mouvement des partisans.
- Lettres, boulevards et de jordan : éphémères disparus.
- Autres articles : L'U.R.S.S. au Salon du Bouquet — Vienne, 1945.

CADEAUX (contre cette annonce)
ABONNEMENT 3 ans - Amasoch - U.R.S. 75 - (écoulement
300 pages, indispensable à tous ceux qui s'occupent
Soviétique).

ABONNEMENT 1 an : Brochures - Culture - - - - -
- Industrie - - - - - L'ultime aseau
jusqu'à épuisement des stocks

ETUDES SOVIÉTIQUES - 8, rue de Brny - 75017 P



PORTUGAL: Le fascisme agit désormais à grand jour

Le P.C.P. appelle à l'union de toutes les forces démocratiques

(De notre envoyé spécial, Antoine ACQUAVIVA)

LISBONNE. 11 août (par téléphone). — Instabilité, démission, contradictions, débats démontrent les caractéristiques sociales de la situation au Portugal en ce début de semaine. Les instances dirigeantes des formations politiques ont tenu séance hier.

Malaise au P.S.

Le Conseil national du Parti socialiste a confirmé l'adhésion du secrétaire général, mais a décliné la proposition de démission de Melo Antunes et a élu Melo Antunes et a élu Melo Antunes et a élu Melo Antunes.

Un état de fait contre-révolutionnaire

« L'Etat est venue de l'extérieur, il n'est pas à l'intérieur », a déclaré le secrétaire général du P.S. Melo Antunes, « le P.S. est une force de l'Etat, il n'est pas à l'intérieur, il est à l'extérieur ».

Trois tâches prioritaires

Le problème du pouvoir politique est au centre de la vie du P.S. Le renforcement du P.S. comme mouvement progressiste révolutionnaire et de son rôle de médiation entre la classe moyenne et la classe ouvrière.

L'affaire des « Neuf »

La situation est d'autant plus préoccupante que les neuf ministres du gouvernement ont été élus par le P.S. et que le P.S. est la seule force politique qui ait obtenu la majorité absolue.

Un appel à la croisade

La libération de l'Europe n'est pas une tâche facile, mais elle est une tâche qui doit être accomplie. Le P.S. appelle à la croisade pour la libération de l'Europe.

Les chouans de Mgr Da Silva

(Suite de la page 1)

Le Comité Central du P.C.P. analyse la crise

Comment s'y reconnaître dans les tourbillons d'événements, dans cette série de péripéties à l'œuvre à Lisbonne ? Le Comité Central du P.C.P. analyse la crise.

Reorganisation et renforcement du M.F.A.

Après avoir rappelé la responsabilité des dirigeants du M.F.A. dans la crise, le Comité Central du P.C.P. appelle à la réorganisation et au renforcement du M.F.A.

Le rapport d'Alvaro Cunhal

Le Comité central avait entériné le rapport d'Alvaro Cunhal, secrétaire général du P.C.P., sur la situation politique au Portugal.

Des hier soir, la solidarité des communistes français

Des hier soir, les messages adressés au Comité Central du P.C.P. par les communistes français ont été reçus avec satisfaction.

Rumeur de coup d'Etat dans l'île de Timor

Tout hier matin, on apprenait qu'un coup d'Etat était en cours à Timor. Les rumeurs ont été démenties par le gouvernement portugais.

ANGOLA : Le calme est revenu à Luanda

Le calme est revenu à Luanda après une période de troubles. Les négociations entre le gouvernement portugais et les forces armées angolaises se poursuivent.

Nouveau quotidien édité par un groupe privé à Saïgon

Un nouveau quotidien a été lancé à Saïgon par un groupe privé. Le journal s'appelle « Le Vietnam » et est dirigé par un journaliste français.

Le retour à la normale de l'Indonésie

Le retour à la normale de l'Indonésie est en cours. Les négociations entre le gouvernement indonésien et les forces armées indonésiennes se poursuivent.

Montée à grands frais par Giscard d'Estaing l'opération « Afrique du Sud » est un fiasco total

Si le président Giscard d'Estaing n'est pas un homme d'Etat, il est un homme d'affaires. Il a voulu faire passer l'opération « Afrique du Sud » à grands frais.

L'apartheid n'épargne pas les chiens

Le responsable de la Société Protectors des Animaux, M. Giscard d'Estaing, a déclaré que l'apartheid n'épargne pas les chiens.

PRETORIA : il nous manquait encore des sous-marins, Giscard d'Estaing va nous les donner

En Afrique du Sud, la décision de M. Giscard d'Estaing de donner des sous-marins à l'apartheid est une décision qui va nous les donner.

Le moment de la clarification

Le moment de la clarification est arrivé. Une réunion du Comité Central du P.C.P. a été tenue à Lisbonne.

Les divisions entre nous

Les divisions entre nous sont devenues de plus en plus évidentes. Le P.C.P. appelle à l'union de toutes les forces démocratiques.

Nécessité d'une large union

Le P.C.P. a besoin d'une large union pour accomplir sa mission. Il appelle à la coopération avec toutes les forces démocratiques.

L'INTERSYNDICALE DE BRAGA A SON TOUR DETRUIRE

Le mouvement de la clarification a été lancé à Braga. Les syndicats ont été appelés à la lutte pour la libération de l'Europe.

Des manifestations ont été organisées

Des manifestations ont été organisées à Braga. Les participants ont exprimé leur solidarité avec le peuple portugais.

Le rapport d'Alvaro Cunhal

Le rapport d'Alvaro Cunhal a été lu devant le Comité Central du P.C.P. à Lisbonne.

Vasco Gonçalves : « Il faut un gouvernement qui gouverne »

Vasco Gonçalves a déclaré que il faut un gouvernement qui gouverne. Il appelle à la réorganisation et au renforcement du M.F.A.

Rumeur de coup d'Etat dans l'île de Timor

Tout hier matin, on apprenait qu'un coup d'Etat était en cours à Timor. Les rumeurs ont été démenties par le gouvernement portugais.

ANGOLA : Le calme est revenu à Luanda

Le calme est revenu à Luanda après une période de troubles. Les négociations entre le gouvernement portugais et les forces armées angolaises se poursuivent.

Nouveau quotidien édité par un groupe privé à Saïgon

Un nouveau quotidien a été lancé à Saïgon par un groupe privé. Le journal s'appelle « Le Vietnam » et est dirigé par un journaliste français.

Le retour à la normale de l'Indonésie

Le retour à la normale de l'Indonésie est en cours. Les négociations entre le gouvernement indonésien et les forces armées indonésiennes se poursuivent.

« Si le président Giscard d'Estaing n'est pas un homme d'Etat, il est un homme d'affaires. Il a voulu faire passer l'opération « Afrique du Sud » à grands frais.

L'apartheid n'épargne pas les chiens

Le responsable de la Société Protectors des Animaux, M. Giscard d'Estaing, a déclaré que l'apartheid n'épargne pas les chiens.

PRETORIA : il nous manquait encore des sous-marins, Giscard d'Estaing va nous les donner

En Afrique du Sud, la décision de M. Giscard d'Estaing de donner des sous-marins à l'apartheid est une décision qui va nous les donner.

Le moment de la clarification

Le moment de la clarification est arrivé. Une réunion du Comité Central du P.C.P. a été tenue à Lisbonne.

Les divisions entre nous

Les divisions entre nous sont devenues de plus en plus évidentes. Le P.C.P. appelle à l'union de toutes les forces démocratiques.

Nécessité d'une large union

Le P.C.P. a besoin d'une large union pour accomplir sa mission. Il appelle à la coopération avec toutes les forces démocratiques.

L'INTERSYNDICALE DE BRAGA A SON TOUR DETRUIRE

Le mouvement de la clarification a été lancé à Braga. Les syndicats ont été appelés à la lutte pour la libération de l'Europe.

Des manifestations ont été organisées

Des manifestations ont été organisées à Braga. Les participants ont exprimé leur solidarité avec le peuple portugais.

Le rapport d'Alvaro Cunhal

Le rapport d'Alvaro Cunhal a été lu devant le Comité Central du P.C.P. à Lisbonne.

Vasco Gonçalves : « Il faut un gouvernement qui gouverne »

Vasco Gonçalves a déclaré que il faut un gouvernement qui gouverne. Il appelle à la réorganisation et au renforcement du M.F.A.

Rumeur de coup d'Etat dans l'île de Timor

Tout hier matin, on apprenait qu'un coup d'Etat était en cours à Timor. Les rumeurs ont été démenties par le gouvernement portugais.

ANGOLA : Le calme est revenu à Luanda

Le calme est revenu à Luanda après une période de troubles. Les négociations entre le gouvernement portugais et les forces armées angolaises se poursuivent.

Nouveau quotidien édité par un groupe privé à Saïgon

Un nouveau quotidien a été lancé à Saïgon par un groupe privé. Le journal s'appelle « Le Vietnam » et est dirigé par un journaliste français.

Le retour à la normale de l'Indonésie

Le retour à la normale de l'Indonésie est en cours. Les négociations entre le gouvernement indonésien et les forces armées indonésiennes se poursuivent.

« Si le président Giscard d'Estaing n'est pas un homme d'Etat, il est un homme d'affaires. Il a voulu faire passer l'opération « Afrique du Sud » à grands frais.

L'apartheid n'épargne pas les chiens

Le responsable de la Société Protectors des Animaux, M. Giscard d'Estaing, a déclaré que l'apartheid n'épargne pas les chiens.

PRETORIA : il nous manquait encore des sous-marins, Giscard d'Estaing va nous les donner

En Afrique du Sud, la décision de M. Giscard d'Estaing de donner des sous-marins à l'apartheid est une décision qui va nous les donner.

Le moment de la clarification

Le moment de la clarification est arrivé. Une réunion du Comité Central du P.C.P. a été tenue à Lisbonne.

Les divisions entre nous

Les divisions entre nous sont devenues de plus en plus évidentes. Le P.C.P. appelle à l'union de toutes les forces démocratiques.

Nécessité d'une large union

Le P.C.P. a besoin d'une large union pour accomplir sa mission. Il appelle à la coopération avec toutes les forces démocratiques.

L'INTERSYNDICALE DE BRAGA A SON TOUR DETRUIRE

Le mouvement de la clarification a été lancé à Braga. Les syndicats ont été appelés à la lutte pour la libération de l'Europe.

Des manifestations ont été organisées

Des manifestations ont été organisées à Braga. Les participants ont exprimé leur solidarité avec le peuple portugais.

Le rapport d'Alvaro Cunhal

Le rapport d'Alvaro Cunhal a été lu devant le Comité Central du P.C.P. à Lisbonne.

Vasco Gonçalves : « Il faut un gouvernement qui gouverne »

Vasco Gonçalves a déclaré que il faut un gouvernement qui gouverne. Il appelle à la réorganisation et au renforcement du M.F.A.

Rumeur de coup d'Etat dans l'île de Timor

Tout hier matin, on apprenait qu'un coup d'Etat était en cours à Timor. Les rumeurs ont été démenties par le gouvernement portugais.

ANGOLA : Le calme est revenu à Luanda

Le calme est revenu à Luanda après une période de troubles. Les négociations entre le gouvernement portugais et les forces armées angolaises se poursuivent.

Nouveau quotidien édité par un groupe privé à Saïgon

Un nouveau quotidien a été lancé à Saïgon par un groupe privé. Le journal s'appelle « Le Vietnam » et est dirigé par un journaliste français.

Le retour à la normale de l'Indonésie

Le retour à la normale de l'Indonésie est en cours. Les négociations entre le gouvernement indonésien et les forces armées indonésiennes se poursuivent.

Le retour à la normale de l'Indonésie

Le retour à la normale de l'Indonésie est en cours. Les négociations entre le gouvernement indonésien et les forces armées indonésiennes se poursuivent.

Nouveau quotidien édité par un groupe privé à Saïgon

Un nouveau quotidien a été lancé à Saïgon par un groupe privé. Le journal s'appelle « Le Vietnam » et est dirigé par un journaliste français.

Le retour à la normale de l'Indonésie

Le retour à la normale de l'Indonésie est en cours. Les négociations entre le gouvernement indonésien et les forces armées indonésiennes se poursuivent.

Le retour à la normale de l'Indonésie

Le retour à la normale de l'Indonésie est en cours. Les négociations entre le gouvernement indonésien et les forces armées indonésiennes se poursuivent.

Nouveau quotidien édité par un groupe privé à Saïgon

Un nouveau quotidien a été lancé à Saïgon par un groupe privé. Le journal s'appelle « Le Vietnam » et est dirigé par un journaliste français.

Le retour à la normale de l'Indonésie

Le retour à la normale de l'Indonésie est en cours. Les négociations entre le gouvernement indonésien et les forces armées indonésiennes se poursuivent.

Le retour à la normale de l'Indonésie

Le retour à la normale de l'Indonésie est en cours. Les négociations entre le gouvernement indonésien et les forces armées indonésiennes se poursuivent.

Nouveau quotidien édité par un groupe privé à Saïgon

Un nouveau quotidien a été lancé à Saïgon par un groupe privé. Le journal s'appelle « Le Vietnam » et est dirigé par un journaliste français.

Le retour à la normale de l'Indonésie

Le retour à la normale de l'Indonésie est en cours. Les négociations entre le gouvernement indonésien et les forces armées indonésiennes se poursuivent.

Le retour à la normale de l'Indonésie

Le retour à la normale de l'Indonésie est en cours. Les négociations entre le gouvernement indonésien et les forces armées indonésiennes se poursuivent.

Nouveau quotidien édité par un groupe privé à Saïgon

Un nouveau quotidien a été lancé à Saïgon par un groupe privé. Le journal s'appelle « Le Vietnam » et est dirigé par un journaliste français.

Le retour à la normale de l'Indonésie

Le retour à la normale de l'Indonésie est en cours. Les négociations entre le gouvernement indonésien et les forces armées indonésiennes se poursuivent.

Le retour à la normale de l'Indonésie

Le retour à la normale de l'Indonésie est en cours. Les négociations entre le gouvernement indonésien et les forces armées indonésiennes se poursuivent.

Nouveau quotidien édité par un groupe privé à Saïgon

Un nouveau quotidien a été lancé à Saïgon par un groupe privé. Le journal s'appelle « Le Vietnam » et est dirigé par un journaliste français.

Le retour à la normale de l'Indonésie

Le retour à la normale de l'Indonésie est en cours. Les négociations entre le gouvernement indonésien et les forces armées indonésiennes se poursuivent.

Le retour à la normale de l'Indonésie

Le retour à la normale de l'Indonésie est en cours. Les négociations entre le gouvernement indonésien et les forces armées indonésiennes se poursuivent.

Nouveau quotidien édité par un groupe privé à Saïgon

Un nouveau quotidien a été lancé à Saïgon par un groupe privé. Le journal s'appelle « Le Vietnam » et est dirigé par un journaliste français.

Le retour à la normale de l'Indonésie

Le retour à la normale de l'Indonésie est en cours. Les négociations entre le gouvernement indonésien et les forces armées indonésiennes se poursuivent.

Le retour à la normale de l'Indonésie

Le retour à la normale de l'Indonésie est en cours. Les négociations entre le gouvernement indonésien et les forces armées indonésiennes se poursuivent.

Nouveau quotidien édité par un groupe privé à Saïgon

Un nouveau quotidien a été lancé à Saïgon par un groupe privé. Le journal s'appelle « Le Vietnam » et est dirigé par un journaliste français.

Le retour à la normale de l'Indonésie

Le retour à la normale de l'Indonésie est en cours. Les négociations entre le gouvernement indonésien et les forces armées indonésiennes se poursuivent.

● Kurt Waldheim s'inquiète de la prolifération des armements dans le monde.

(Page 3.)

● Protestations vietnamiennes après le veto U.S. à l'entrée des deux Vietnam à l'O.N.U.

(Page 3.)

● La police tire et tue sans sommation.

(Page 3.)

● L'écho de l'émotion mondiale pour « Don Lucho ».

(Page 3.)

● Grève probable aux chèques postaux les 23 et 30 août. Le préavis a été déposé hier.

(Page 4.)

● du Parti Communiste créée à l'entreprise Cazenave (Gironde) où les salariés luttent contre les licenciements.

(Page 4.)

● « Coincée » ou attachée ?

(Page 4.)

● L'héritier des whiskies échangé contre rançon ?

(Page 7.)

● Une fédération des parents de victimes de catastrophes.

(Page 7, Claudine DUCOL)

● Les silences de M. Bourges.

(Page 7.)

● Deuxième journée de championnat difficile pour Marseille, Paris-S.G. et Saint-Etienne.

(Page 7.)

A Lisbonne, les divisions s'accroissent au sein du M.F.A. alors que la réaction multiplie ses agressions

En France, vague d'émotion et de protestation contre le fascisme

PLUS DE CENT PERSONNALITÉS LANÇENT UN APPEL

(Pages 2 et 3, notre envoyé spécial Henri ALLEG et nos informations.)

S'unir sans perdre une heure

« L' A logique de la croisade anticomuniste débouche sur la chasse aux sorcières. Après le Parti communiste et son allié, le Mouvement démocratique portugais, les petites formations de la gauche socialiste risquent d'être visées et pourquoi pas, après eux, les socialistes et les centristes dont le programme est jugé « marxiste » par les évêques intégristes ? Les bûchers de Braga illuminent le fossé qui sépare les deux Portugal. » C'est ainsi que se termine l'éditorial du journal « Le Monde », d'hier soir.

Et de partout en France, montent en même temps l'indignation et la volonté d'agir. Militants de toutes opinions, démocrates et patriotes condamnant la violence fasciste, l'appel du Bureau politique d'aujourd'hui à son heure. Il a été entendu. Ainsi, face à une nouvelle liquidation qui, au Portugal, répand la haine et la violence, s'efforce de susciter les massacres et le pogrome, Jean Robin, dans « La Croix » exprime son inquiétude : « Où s'arrêtera maintenant la violence ainsi déchaînée ? En tant que chrétiens et en tant qu'hommes qui réfléchissons aux conséquences de nos actes, nous ne pouvons qu'exprimer notre réprobation à l'égard des propos qui font grandir la haine et sèment la mort. » Les grandes organisations syndicales C.G.T. et C.F.D.T. ont déclaré, chacune de son côté, leur indignation et leur détermination. Aujourd'hui, les trois partis unis sur le Programme commun de la gauche se rencontrent.

En effet, tout montre déjà au Portugal que les coups portés aujourd'hui contre les communistes visent en fait la jeune démocratie portugaise et tous les démocrates. A Braga, après le siège du Parti communiste, celui de l'intersyndicale a été détruit par les émeutiers.

Il est vrai que tout le monde ne porte pas en France les mêmes appréciations sur les raisons immédiates de cette situation ; mais, il s'agit, comme nous l'avons dit hier, d'arrêter le bras des massacreurs. Pour cela, il n'est pas d'autre voie que celle de l'union sans attendre.

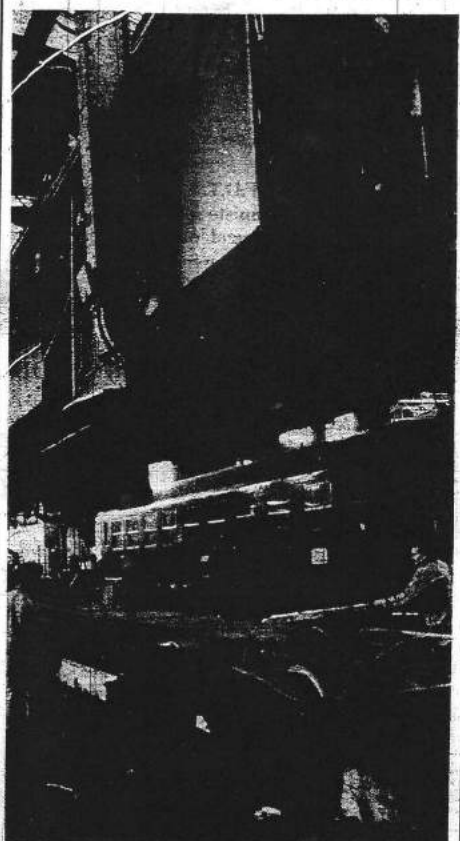
« Quand les bûches sont sous la grille

Fou qui fait le délicat. »

Les leçons du passé ne doivent pas être oubliées et déjà aujourd'hui le peuple de France montre qu'il peut trouver les chemins d'une union agissante et solidaire des démocrates portugais. Nul doute qu'une telle union puisse favoriser l'entente, face à l'offensive fasciste, de toutes les forces démocratiques portugaises, les communistes, les socialistes, les autres forces progressistes, les syndicalistes, le mouvement des forces armées, comme en modère la possibilité l'appel du Parti communiste portugais à l'élaboration d'une plate-forme commune. Il est donc possible de sauver un peuple frère, de sauver une démocratie nouvelle et d'ériger un échec au fascisme à nouveau menaçant.

A la condition de s'unir sans perdre une heure.

Roland LEROY.



Les cheminots en août

Ils sont 280.000, dont la plupart travaillent, comme ces ouvriers des ateliers du Landy, en cet été caniculaire. Grâce à eux, les trains partent et arrivent à l'heure, nous « roulent » dans une sécurité presque parfaite. Mais sait-on qu'ils sont parmi les salariés les plus mal payés de ce pays ? Sait-on qu'ils sont de moins en moins nombreux pour assurer un trafic toujours plus important ?

Nous les avons rencontrés pour que vous les connaissiez mieux. Aux ateliers de l'Ourcq, à la gare de Pantin et aussi à Saint-Lazare où notre Parti, on le verra, a fait toute sa place.

(Page 5.)

LA C.G.T. :

Exprimer partout l'opposition au fascisme et la solidarité à la démocratie portugaise

La C.G.T. a publié hier matin un communiqué par lequel elle déclare :

« La jeune démocratie portugaise est en péril. Les fascistes encouragés et fanatisés par les forces militaires réactionnaires du Portugal et des autres pays d'Europe Occidentale, ont entrepris de plonger le pays dans un bain de sang. »

« La haine anticomuniste et antydémocratique se déchaîne dans les régions où prédomine le cléricanisme le plus obscurantiste. Elle fait jour après jour le principal support de la dictature fasciste. » Ce ne sont pas seulement les persennances du Parti communiste portugais qui servent de cible à ce débordement de violence, d'effrayante formation démocratique en tant qu'elle représente les victimes et l'unité de la démocratie portugaise. Elle est aussi l'objet de nos agressions fascistes.

« Ce crime impie échoué vient, stoppé à temps, demain, c'est tout le mouvement démocratique portugais qui risque d'être brisé par les fascistes réactionnaires. »

« Le cléricisme et l'impérialisme au Portugal, en Europe Occidentale et ailleurs se reviennent à l'idée que, sous la pression des forces populaires unies, la dépression des résistances économiques progressistes favorables aux travailleurs puissent triompher au Portugal. Ils sont décidés à s'y opposer, même au prix de l'extermination des meilleurs fils du peuple portugais. »

« Telle est la véritable dimension de classe, nationale et internationale des événements dont le Portugal est aujourd'hui le théâtre. » Dans ces circonstances aussi graves de lutte pour la liberté au Portugal, la C.G.T. rappelle tous les travailleurs à se dresser résolument contre le complot international réactionnaire auquel sont confrontés leurs frères portugais. »

« La C.G.T. réaffirme sa solidarité à l'interprofessionnelle des travailleurs du Portugal dans son combat pour la démocratie et le progrès social, pour unir tous les travailleurs portugais, pour les démocrates civils et militaires face à l'ennemi commun. »

« Qu'ils soient au travail ou en vacances, en conscience l'importance de l'unité de tous les travailleurs portugais, des travailleurs français et de tous les travailleurs européens, pour leur opposition au fascisme, leur solidarité à la démocratie portugaise et leur participation à toute initiative d'action visée à l'extermination du fascisme et pour la liberté au Portugal. »

LA C.F.D.T. DENONCE LA VIOLENCE ANTI-COMMUNISTE

(Page 2.)

Les Afriques de Monsieur Giscard

DANS Quatrevingt-trois, Victor Hugo fait dire à Marius : « Je trouve utile de dénoncer le criminel avant le crime. J'ai l'habitude de dire la veille ce que vous autres dites le lendemain. » Marius a tort si de qualifier d'utile cette dénonciation. Et comme il vaut mieux prévenir que guérir, reportons ce scandale naissant avant que M. Pompidou n'ait accompli son mauvais coup.

Mongo Betti, que beaucoup disent le plus grand écrivain noir de la littérature, est un écrivain français. Il écrit dans notre langue, qu'il change, au reste, à Rome. Ce professeur, marié à une Française, est père d'une nombreuse famille. M. Jean Cassin, il a une grande affection pour le

peuple de ce pays, mais peu d'admiration pour le gouvernement dictatorial qui a, lui, en cette qualité, droit à l'indulgence et à l'oubli. L'adoption et la sous-estime de M. Pompidou, si bien que le livre de Mongo Betti, « Mais hier au Congo », est édité en 1975. Vive la liberté d'opinion ! Vive la liberté d'expression ! Pas à dire « vers le jour d'indulgence », on nous fait marcher.

A présent, sous l'évidence pressante des élections, nous sommes, M. Pompidou, prêt à retourner à Mongo Betti son passeport français.

COMMENT il dira-on, c'est sur l'U.S.A. qu'on veut se concentrer. A un citoyen d'un pays

moins dévoué au gouvernement. Il serait légal qu'un ministre français retourne à qui que ce soit un passeport français qui, par définition, n'a pu être délivré à un citoyen étranger. Ainsi hier Mongo Betti a-t-il pu se voir retirer son passeport. C'est la C.F.D.T. à l'Assemblée, qui a posé la question de droit et non de fait. Elle a été résolue par la C.F.D.T. en 1974 et à supporter l'irréversible : qu'il y ait un fondement juridique à ce retrait d'un passeport, dit-il en 1960. — Il aurait fallu dire : « Comme il est évident que l'Assemblée d'un pays qui a le droit de le retirer à un citoyen d'un pays qui a le droit de le lui retirer, c'est la République française, il y a citoyens de l'Union française », en un

temps où ce titre appartient à la citoyenneté française, comme tous la carrière de Mongo Betti le prouve, et la délivrance même de son passeport.

L'écop de force de M. Pompidou et de M. Abdjo, ces champions du libéralisme (le Congo est un pays de passeport, si comme il est évident qu'un membre du parti de M. Abdjo L., sous-éd. hier 7. II y a une affaire Mongo Betti, une affaire de rétroactive d'attribution de passeport. Si comme il est évident pour le bon sens, de par de M. Giscard d'Estaing en Afrique, elle avoue, nous serons très d'accord pour le rôle de l'Union française.

Le Parti Communiste Français, le Parti Socialiste, le Mouvement des Radicaux de Gauche sont convenus d'une rencontre, mercredi 13 août, à 10 h 30, au siège du Parti Communiste Français. Roland Leroy et Mireille Bertrand représenteront notre Parti, Jean Popper et Louis Mermoz le Parti Socialiste, Pierre Brasseur et Guy Gennesseux le Mouvement des Radicaux de Gauche.

IFASCISTES SE LÈVENT !

Il faut stopper la réaction portugaise
déclarent plus de cent personnalités

D'autre part, un appel d'hommes de culture, de médecine, architectes, avocats circula parmi les meilleurs intellectuels toulousains.

5 heures du matin
JEUDI
14 AOÛT 1975
 (Semaine 32) - 11 h 20
 120 F
 6, boul. Poissonnière
 PARIS-9
 Tél. : 776.73.29 et 91.53

l'Humanité

ORGANE CENTRAL DU PARTI COMMUNISTE FRANÇAIS

Roland Leroy a exprimé hier devant la presse sa vive indignation de l'attaque lancée contre « l'Humanité » et Yves Moreau par M. Jean Daniel (dir. « Nouvel Observateur »), soutenu par une dizaine de personnes.
 (VOIR PAGE 3)
 Les rédacteurs de notre journal, pour leur part, tiennent à affirmer leur totale solidarité avec leur camarade Yves Moreau.

Un nouveau document politique élaboré par Otelo de Carvalho

10 MEMBRES D'UN GROUPE FASCISTE ARRÊTÉS A LISBONNE

(Page 2, l'article de notre envoyé spécial Henri ALLEG.)

EN FRANCE, LA VOLONTÉ S'AFFIRME D'ARRÊTER LE BRAS DES MASSACREURS

LES REPRÉSENTANTS DU PCF, DU PS, DU MRG, SE SONT RENCONTRÉS HIER

(Page 3.)

Le communiqué des partis de gauche

Le Parti communiste français, le Parti socialiste, le Mouvement des radicaux de gauche ont procédé à un examen de la situation au Portugal.

Inguets de l'entretien des violences dans tout le pays, dont les dernières manifestations dans le Nord troupent de façon particulièrement odieuse les communistes, les trois partis, qui portent des appréciations différentes sur l'origine et le développement de la situation au Portugal, n'en sont pas moins d'accord pour insister sur l'urgence pour les forces démocratiques dans ce pays de trouver les voies de leur rapprochement et de leur coopération.

Le Parti socialiste, le Mouvement des radicaux de gauche, le Parti communiste français, sans vouloir s'ingérer dans les affaires intérieures portugaises, estiment qu'il appartient aux partis et mouvements initialement associés dans le soutien de la révolution du 25 avril de porter à tout retour du fascisme et de faire en sorte que le gouvernement et les organes de la vie politique aux divers niveaux reposent sur la plus large volonté populaire démocratiquement exprimée.

Le Mouvement des radicaux de gauche, le Parti communiste français, le Parti socialiste décident de rester en contact pour suivre les événements.

Paris, le 13 août 1975.



Paysans et ouvriers agricoles de la région d'Evora : ils manifestent contre les violences anticommunistes.

L'ENCHAÎNEMENT DES VIOLENCES

Les agressions dont les communistes portugais sont l'objet, depuis le début de l'été, ont pris un caractère de plus en plus grave. Malgré les vacances, d'un bout à l'autre du pays, les travailleurs, les démocrates ont entendu leur voix, exprimée sous des formes diverses leur solidarité avec nos frères du Portugal.

D'ores et déjà ce mouvement a pris une grande ampleur. Il est urgent qu'il se développe encore.

Il s'agit en effet de barrer la route à la plus noire des réactions. Elle s'est attaquée en priorité aux communistes, parce qu'elle voit en eux ses adversaires de toujours. Ceux qui les premiers, et longtemps seuls, ont organisé la résistance à la dictature de Salazar et de Carmona ; ceux qui n'ont reculé devant aucun sacrifice pour faire triompher la liberté.

Mais les précédents historiques ne sont que trop nombreux pour montrer que l'anticommunisme n'est que le début de la chasse aux sorcières. En Italie, après la marche sur Rome, comme ensuite en Allemagne, dans les premiers mois qui suivirent l'arrivée de Hitler au pouvoir, ce furent d'abord les communistes qui furent persécutés. Et en France, au début de la dernière guerre, l'interdiction du P.C.F. fut le signe avant-coureur de la terreur vichyste et nazie.

Nos compatriotes n'ont pas la mémoire courte. Et les plus jeunes savent qu'au Portugal les fascistes, après avoir donné l'assaut aux permanences communistes, s'en prennent aux sièges des syndicats.

Lutte contre l'anticommunisme et défense de la liberté sont inséparables. Celle-ci ne saurait être assurée sans que soit menée celle-là.

La conscience de cet enchaînement des violences se reflète dans le communiqué publié, hier, à Paris, par les trois partis de gauche. Quelles que

puissent être d'autre part leurs différences d'appréciation, communistes, socialistes et radicaux expriment une inquiétude commune au sujet des manifestations, comme celle de Braga, qui « troupent de façon particulièrement odieuse les communistes ».

Le gouvernement et les organes de la vie politique au Portugal, continuent en outre, doivent reposer « sur la plus large volonté populaire démocratiquement exprimée ».

Cette expression, ne la trouvait-on pas, d'ailleurs, dans la « plate-forme constitutionnelle » à laquelle le M.F.A. et les partis politiques avaient souscrit avant les élections, et qui tenait compte de la situation particulière existant au Portugal ?

La gauche française est enfin d'accord sur « l'urgence » de l'union des forces démocratiques « pour porter à tout retour du fascisme ».

Ces sentiments sont partagés par tous ceux qui, chez nous, sont attachés à la démocratie. Les commentateurs de nombre de journaux — et pas seulement de la presse de gauche — les témoignages recueillis sur place, au Portugal, par nos envoyés spéciaux, vont dans le même sens. Les chrétiens s'indignent de l'abus commis au nom de la loi par l'archevêque de Braga.

A Paris, seule l'Aurora ose exalter les pogromes.

Et seul M. Lecomte se refuse au moindre mot de réprobation contre Mgr Da Silva.

Mais l'opinion française, dans sa grande majorité, ne veut pas d'un retour du passé au Portugal. Elle a commencé de le dire. Dans les tout prochains jours, elle doit le crier encore plus fort.

Yves MOREAU.

UNE DELEGATION DU P.C.F. AU PORTUGAL

Jacques Chambaz, membre du Bureau politique, et Ch. Fichtermann, membre du Comité central, ont séjourné les 12 et 13 août 1975 à Lisbonne où ils ont eu des entretiens fraternels avec les camarades Alvaro Cunhal, secrétaire général du Parti Communiste Portugais, Serge Villagines, secrétaire du Comité Central, et Aurelio Santos, membre du Comité central.

La délégation s'est informée de la situation au Portugal et a fait connaître les positions et les initiatives du P.C.F. exprimées dans la déclaration du Bureau politique du 11 août.

La délégation est rentrée à Paris à 16 h 30.

Aux portes du « Printemps »

Vendeuses, manutentionnaires, techniciens menacés dans leur emploi, signaient hier la pétition proposée par les élus communistes de Paris. Quatre ont adhéré.

(Page 4.)



RENAULT

● En deux rencontres, trente-six travailleurs ont adhéré au P.C.F. à Billancourt. (Page 4.)

VACANCES 75

● Les Français réduisent leurs dépenses, écourtent leurs séjours et choisissent des hébergements économiques. (Page 7.)

LUNDI 18 AOÛT
à 19 h 20
GEORGES
MARCHAIS
 participera
 à l'émission de
FRANÇOIS
10 QUESTIONS
10 REPONSES

TRANSPORTS

● En région parisienne, la durée des trajets est encore accrue de 50 minutes par semaine. (Page 4.)

LIVRE

● Manifestation le 20 août à Paris contre le démantèlement de l'imprimerie. (Page 4.)

INCENDIE

● Le feu s'étend toujours en forêt de Basses-Saône (R.F.A.) malgré l'intervention des Canadairs français. (Page 7.)

LE JEUDI 21 AOÛT
 « L'HUMANITÉ »
 publiera une page
 spéciale sur
 les conditions
 de vie
 des hospitaliers

Dès à présent, passez vos commandes

FOOTBALL

Lens-Marseille 2-3.
 Bastia-Lille 1-1.
 Avignon-Nice 1-5.
 Metz-Saint-Etienne 1-1.
 Lyon-Valenciennes 1-1.
 Nantes-Troyes 2-2.
 Strasbourg-Nîmes 0-1.
 Sochaux-Nancy 3-0.
 Reims-Paris-S.G. 1-1.

(Page 5.)

« La lutte contre la violence fasciste est inséparable de la solution de la crise actuelle »

DECLARE ALVARO CUNHAL A LISBONNE

En France, un groupe de chrétiens lance un appel :
« NON A LA CROISADE ANTICOMMUNISTE ! »

(Page 3.)

LISBONNE 15 août (par téléphone)
de notre envoyé spécial Henri ALLEG

DES vides, magasins fermés, places désertes alors qu'habituellement y seraient une foule dense ou se verraient des cortèges de manifestants et de distributeurs de tracts dans un style très « mai 68 ». L'homme en ce 15 août donne l'impression de souffler un peu après les journées tumultueuses vécues cette semaine et les rassemblements qui ont eu lieu hier soir.

De côté du Parti socialiste, c'est par ce long week-end de l'Assomption que l'on espère le très relatif succès du rassemblement de jeudi, qui n'a pas attiré les « diables de juillet » de Portugal attendus. La raison donnée n'est pourtant pas entièrement convaincante : dans le nord du pays, à Porto, où un autre meeting socialiste était organisé, il semble qu'il y ait eu plus de monde que dans la capitale ; et à Lisbonne, même la fête de l'Assomption n'a pas empêché une présence plus nombreuse que celle prévue au meeting du P.C.P.

Les orateurs du Parti socialiste, à Lisbonne, à Porto et dans la petite ville de Portimão, ont exigé, dans le style du Vrai, lancé dans les rues pour appeler à la manifestation, la démission du premier ministre, et fait huer les noms d'officiers rapidement qualifiés de « communistes ». Sur une banderole posée dans le défilé on pouvait lire : « Vasco (premier ministre), Jeanne (ministre de l'Intérieur), Martins (ministre du Travail), Cadilhao (vice-amiral et ancien gouverneur de l'Angola) ne sont pas du peuple, mais sont de Moscou. » Un autre mot d'ordre, repris et développé par les orateurs, demandait la 5^e division de l'Etat-major comme « la 5^e colonne du P.C. » et la « dictature » de celui-ci. Pas un mot, par contre, pour condamner le développement de la terreur fasciste dans le Nord et la chasse aux communistes considérée comme des « mutilations populaires pour le rejet des méthodes stalinistes ». Rien par conséquent n'a été dit ni fait qui puisse concilier la droite et ceux qui trompent de se sentir concernés par ce « combat pour la liberté ».

AUTRE atmosphère et autre ton dans l'extraordinaire meeting du P.C.P. Des 20 heures, on se frayait difficilement un passage dans le pavillon des Sports, archicomble, brisé de drapoulis brandis par une foule à la fois enthousiaste, consciente de la gravité de la situation, tendue, à l'écoute des orateurs. Sortant brusquement des silences, les manifestants scandaient de temps à autre des mots d'ordre et exprimaient leur approbation comme s'ils leur faisaient, par moments, donner libre cours à toute une énergie contenue. « La victoire est difficile mais elle est à nous ! » lance quelqu'un que la foule applaudit. « Le peuple exige l'unité du M.F.A. ». « Action contre la réaction ». « Route vers le socialisme ». « A bas le fascisme ». Le secrétaire général du P.C.P. prend la parole.

LA violence contre-révolutionnaire, indique tout d'abord Alvaro Cunhal, est inséparable de la détérioration des difficultés internes qui assaillent le M.F.A., du regroupement des forces conservatrices qui relèvent aujourd'hui la tête avec l'espoir de subvertir le M.F.A. et de conspirer contre la jeune démocratie portugaise.

« C'est pourquoi le combat contre la violence fasciste, dit-il, est inséparable de la solution de la crise actuelle, de notre révolution, de la création d'un vaste front de lutte populaire et démocratique pour la défense des libertés et des conquêtes essentielles faites depuis le 25 avril, inséparable de la lutte pour le renforcement et l'élévation de la capacité d'action du M.F.A. et tout ce mouvement révolutionnaire progressiste qui a été et qui doit continuer à être une garantie pour un Portugal démocratique. »

La lutte contre la vague de violences fascistes est l'un des points essentiels du combat dans le moment présent, souligne le secrétaire du P.C.P. « Si nous ne repoussons pas cette offensive contre-révolutionnaire, elle peut se développer au point de mettre en péril à court terme l'existence même des libertés, ouvrant la voie à un coup de force, de la réaction et à l'instauration d'une dictature terroriste. »

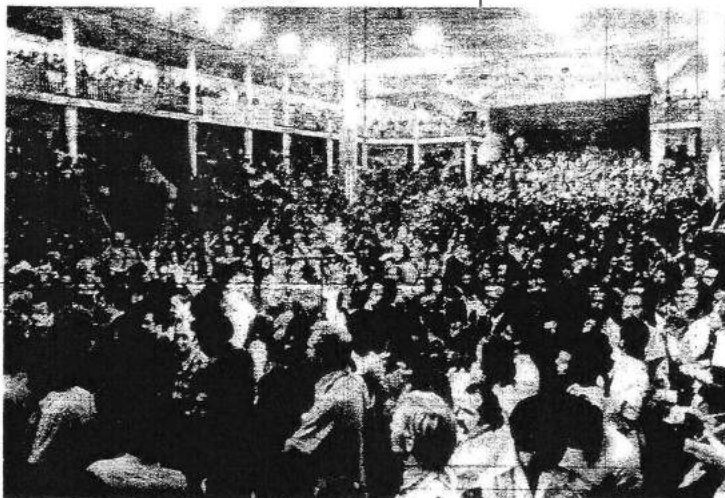
ALVARO CUNHAL examine ensuite l'attitude du P.S. Il rappelle qu'à de nombreuses reprises le P.C.P. s'est adressé aux dirigeants du P.S. afin de réaliser l'union des forces progressistes contre la réaction, mais que ces propositions ont malheureusement été rejetées, les amis de Mario Soares préférant des accords à droite.

« C'est pourquoi, il est non seulement juste mais nécessaire de dire que les bandes d'incendiaires fascistes repandent la terreur et la destruction avec dans leurs visages le vent de l'anticommunisme qui soufflent les dirigeants du P.S. » Alors que les fascistes se déchaînent et qu'ils arrivent même à créer de prétendues zones libres où l'Etat, avec la complicité des autorités, un pouvoir de fait, les dirigeants du P.S. au lieu de condamner les fascistes, rendent les communistes responsables de cette situation, dit encore Alvaro Cunhal.

• SUITE PAGE 2.

VOYER :
quatre usines occupées
5000 emplois menacés

(Page 2.)



Les piétons aux « champs »

Les Champs, c'est bien connu, c'est l'abréviation parisienne utilisée pour l'avenue des Champs-Élysées... Hier après-midi, ceux-ci, dans leur partie proche de la place de la Concorde, tout comme le parvis de Notre-Dame et la place du Carrousel, étaient pour quelques heures livrés aux piétons seuls, qui en ont profité pour flâner à leur aise.

(Photo Jacques MARIE) — (Page 4.)



PUTSCH AU BANGLADESH

● Un coup d'Etat militaire américain a été perpétré vendredi au Bangladesh. Le président Mujibur Rahman, une perle de sa famille et le premier ministre ont été assassinés.

(Page 2, nos informations et l'article de J.-E. VIDAL.)

PÉAGE

● Le gouvernement choisit le 15 août pour aller arracher les arbres, au point de péage de la A-4.

(Page 4.)

ATTENTAT

● Deux explosions à la centrale nucléaire des monts d'Arrée.

(Page 4.)

31^e anniversaire de la Libération

DEMAIN
à 16 heures
A LA CASCADE
DU BOIS
DE BOULOGNE
COMMEMORATION
DU MARTYRE
DE 35 JEUNES
RESISTANTS
MASSACRES
PAR LES NAZIS

ÉLECTROCUTÉE

● La fillette jouait sur un cheval à bascule.

(Page 4.)

504

● L'équipée sauvage des voleurs de voitures sur la route de Méru.

(Page 4.)

EXPULSION

● Un couple de personnes âgées expulsé en plein mois d'août.

(Page 4.)

LUNDI 18 AOÛT
à 19 h 30
GEORGES
MARCHAIS
participera
à l'émission de
FRANCE-INTER
10 QUESTIONS
10 REPONSES

REFUSANT DE CÉDER À LA TERREUR

Le Parti Communiste Portugais tient un meeting à Alcobaça

Les fascistes attaquent : 15 blessés

(Page 2, notre envoyé spécial Henri ALLEG.)

RETOUR DE LISBONNE
JACQUES CHAMBAZ et
CHARLES FITERMAN :

Graves inquiétudes mais
le rassemblement de
toutes les forces démocratiques peut battre
la réaction

(Page 2.)

SOLIDARITÉ

Communistes, socialistes, syndicats
C.G.T. et C.F.D.T. ensemble dans
de nombreuses villes et entreprises

(Page 3.)

Grâce à la bienveillance
de M. Poniatowski
les ravisseurs récidivent

Un responsable de l'Amicale des Algériens enlevé dans la Loire

(Page 7, Claude LECOMTE et Jo VAREILLE.)

Giscard et la vertu

La rentrée approche. Pour la plupart des Français, cela signifie l'heure des vacances. Le bilan, les examens. La perspective d'une rentrée scolaire de plus en plus incertaine. La feuille d'impôt qui s'avère de plus en plus inquiétante d'autant plus inquiétante que les maigres économies ont été au soleil des vacances. Quand elles n'avaient pas disparu avant, épuisées par les luttes longues et difficiles auxquelles les exploités quotidiens du patronat et du pouvoir contraignent les travailleurs.

Et quelle réalité !
L'inflation devait être vaincue : elle fut fléchée de tout bois. En plein week-end du 15 août - c'est beau, la démocratie - le gouvernement vint de procéder à une nouvelle hausse des médicaments. On nous promettrait un développement économique équilibré : nous constatons la « croissance zéro ». L'emploi des spécialistes devait être protégé : on a reversé 125.000 chômeurs en juillet. Deux fois plus qu'il y a un an. Chiffre encore appelé à augmenter. Quant au nombre des faillites, il a été aussi élevé durant le premier semestre que durant toute l'année 1973. Pour une réussite, c'est une réussite.

On comprend, dans ces conditions, que M. Giscard d'Estaing éprouve le besoin de se retirer une vertu. Et d'agiter un nouveau coquet en parlant d'un « changement de cap », d'une « autre croissance ».

Changement de cap ? Tant que M. Giscard d'Estaing finira la barre, la France s'enfoncera dans la zone des tempêtes. Parce que c'est le prix à payer pour permettre l'expansion multinationale de quelques multinationales financières. Pour tous les autres, le cap est sur l'austérité. Et il y restera.

Les projets du pouvoir, ils sont énumérés noir sur blanc dans le VII^e Plan. Il faut, nous dit-on, « réduire la part de la consommation dans la production », ou encore « maîtriser de manière durable la demande intérieure ». Pour cela, précise-t-on, il est nécessaire non seulement de faire pression sur les salaires, de laisser l'inflation faire ses ravages, mais aussi de s'attaquer à des conquêtes sociales telles que les allocations familiales ou la sécurité sociale. Sous prétexte de lutter contre les « inégalités ».

Le « plan de soutien » du 4 septembre sera dans cette ligne. Certes, la gravité de la situation économique et la puissance du mouvement contestataire ont certainement le pouvoir à lâcher quelques miettes aux travailleurs. Mais le gros du gâteau ne sera pas pour eux. Il sera pour les multinationales. Soit-disant afin de faciliter l'investissement. Ce qui signifie de nouvelles largesses financières à des trusts qui vont en profiter pour spéculer sur les monnaies ou pour aller investir à l'étranger.

Apparemment, selon le premier ministre a déclaré hier : « Nous sommes repartis sur une nouvelle voie. Nous apercevons la sortie du tunnel ». En fait, qu'il y ait « reprise » (temporaire) de l'activité économique ou pas, on voit mal comment une telle politique pourrait empêcher le pays de s'enfoncer dans la crise. Et les travailleurs d'en être les premières victimes.

Donc l'ampleur de l'opération publicitaire que compte organiser le pouvoir de la rentrée.

Les lattes moines durant tout l'été dans des centaines d'entreprises confirment en effet que la campagne sur la fatalité de la crise a fait long feu. Grâce aux explications des communistes, le chantage à la « crise pétrolière » s'est dissipé comme une boussole. Le chef de l'Etat change donc son fusil d'épaule.

Il joue la carte de la « bonne volonté ».

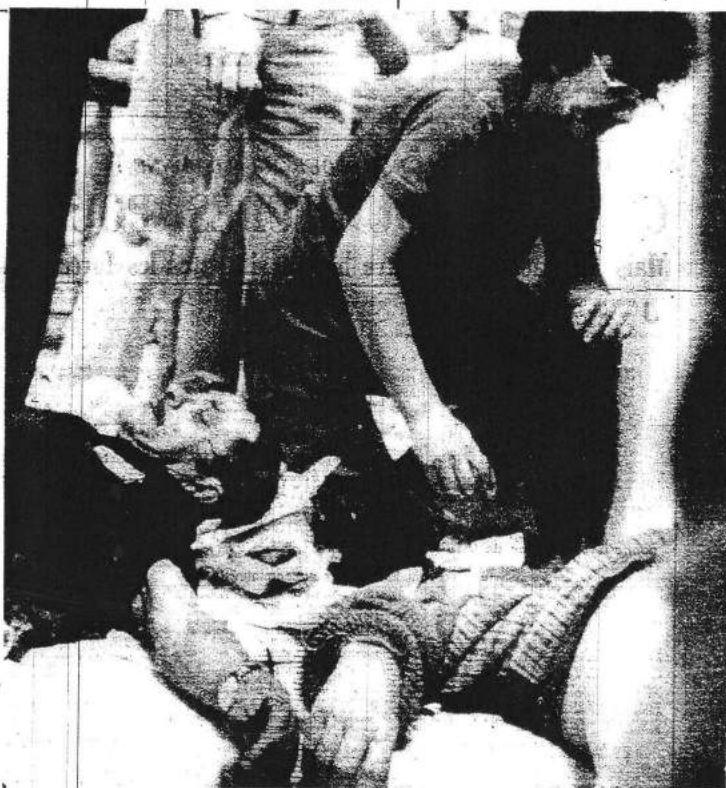
C'EST bien d'une nouvelle opération chloroforme qu'il s'agit. En martelant l'optimisme par ce thème, M. Giscard d'Estaing veut essayer de donner la cadence à la marche mentale de la nation. De démolir les travailleurs. De semer le doute parmi les exploités. De jeter un nouveau pont en direction de la gauche non communiste.

La riposte doit donc être immédiate. Les objectifs de cette campagne proposée par le Parti communiste vont dans ce sens.

Ces objectifs permettent de situer les responsabilités, de montrer la voie à suivre, de tracer le sillon dans lequel devrait s'engager la France. Les communistes font ainsi la démonstration que dès aujourd'hui, sans attendre l'application du Programme commun, il serait possible de lutter efficacement contre l'inflation, d'assurer l'emploi des travailleurs, de développer l'activité économique en relançant la consommation populaire, de s'attaquer au gaspillage qui, tel un bacille, infecte de plus en plus ce système.

Il y va de l'intérêt des travailleurs comme de l'intérêt national.

Jack DION.



Au meeting d'Alcobaça, des militants du P.C.P. blessés par les fascistes.

mais dit André Wurmser

L'INFECTION

UN périodique médical publie une page publicitaire : « le milieu infectieux » ; on y voit, sur le paré des ordres industriels, de vieux papiers, une bouteille peut-être, on ne sait trop qui encre. Seul est en évidence, au milieu de la page, un exemplaire de l'Humanité.

L'opinion est évidemment volontaire. Et significative.

Qui paie cette publicité ? Qui a choisi ce site et cette image suggestive ? Une entreprise de produits pharmaceutiques et il en est fort peu en France où leur monopole est l'un des plus évidents et mortels et économiquement des plus scandaleux.

Cette publicité dont les malades, les accidents du travail, la Sécurité sociale, c'est-à-dire le peuple en-semble, font les frais, contre qui est-elle dirigée ? Contre le journal qui pose la question jusqu'à réclamer depuis fort longtemps cette nationalisation comme sur l'effet anticommuniste que les monopoles spéculent.

AINSI, ceux dont la fortune a pour supports les trusts, la misère, le manque d'hygiène, la maladie, dénoncent un virus : le communisme. Et les communistes dénoncent le virus des monopoles qui infectent l'économie et la vie sociale, comme en témoignent, par tout ou le pouvoir leur est soumis, le chômage, l'inflation, le désordre, la violence.

Cette page ne mériterait pas d'être citée si elle révélait seulement l'intensité que la peur donne à la haine. Mais elle reconnaît aussi implicitement le sens même du combat d'aujourd'hui : pour ou contre le « milieu infectieux » des monopoles et, par conséquent, pour ou contre le Programme commun.

Le reste — chaque démocrate doit l'avoir sans cesse présent à l'esprit — le reste est secondaire et diversion, et c'est sur cette diversion que les monopoles spéculent.

CE SOIR, à 19 h 30

GEORGES MARCHAIS

participera
à l'émission de
FRANCE-INTER
10 questions
10 réponses

LIVRE

● Contre le plan patronal-pouvoir qui vise à supprimer 15.000 emplois dans l'imprimerie, grève nationale mercredi 20. Les journaux ne paraîtront pas le jeudi 21.

(Page 4.)

NON !

● C'est la réponse de Lecarnu à la demande des députés communistes d'une commission d'enquête relative aux entraves à la liberté d'expression.

(Page 4.)

GRÈCE

● L'ex-dictateur Papadopoulos récidive avec arrogance. Il a lancé samedi un appel à un nouveau putsch. Toujours pour parer à un « danger communiste ».

(Page 2, Jacques COUBARD.)

PARTI

● La diffusion de la vignette sur tous les fronts de combat des cellules communistes.

(Page 4.)

AGADIR

● L'avion accidenté avait été acheté d'occasion à la Panam.

(Page 7.)

THIERRY

● Une disparition mystérieuse.

(Page 7.)

TEMPS

● De belles éclaircies.

(Page 7.)

SPORTS

● A l'U.R.S.S. la Coupe d'Europe de natation.
● Brambilla vainqueur d'un Grand Prix automobile d'Autriche tronqué.
● Vladimir Kutz est mort.

(Page 15.)



Foule et ferveur hier après-midi à la cascade du bois de Boulogne
OU LES PATRIOTES ONT COMMÉMORÉ LE SACRIFICE
DE 35 JEUNES RÉSISTANTS MASSACRÉS PAR LES NAZIS

Vendredi soir encore, la télé-Giscard tentait une misérable réhabilitation de Pétain, le complice des assassins

(Page 8.)

5 heures du matin
JEUDI
28 AOÛT 1975
 (PAP. jour)
 1,50 F
 6, boulevard Polignac
 PARIS-8
 Tél. : 7723.28 et 81.89

l'Humanité

ORGANE CENTRAL DU PARTI COMMUNISTE FRANÇAIS

CORSE, C.E.A. DE GRENOBLE, CHEMINOTS DE TOULOUSE
 CREDIT LYONNAIS, P.T.T. ...

L'« AFFECTION » DE GISCARD EST DU GENRE POLICIER

(Page 4.)

LEUR « CONCERTATION »

LA « concertation démocratique avec les dirigeants de l'opposition », voilà ce que serait depuis deux jours la préoccupation principale de M. Giscard d'Estaing, si l'on en croit, du moins, la lettre qu'il a écrite mardi à son premier ministre, et les propos qu'il a tenus hier au Conseil des ministres.

Malheureusement, depuis qu'ils sont au pouvoir, le président et son ministre de l'Intérieur se sont comportés comme s'ils ignoraient le sens profond des mots « concertation » et « démocratie ». Passions sur le fait que M. Giscard d'Estaing prétend décider souverainement et sans appel de tout ce qui concerne la vie de la nation, d'une région ou même d'une ville. La hauteur des tours policières ou le tracé d'une autoroute ne sont-ils pas de son seul ressort ? Et n'a-t-il pas précisé, dans son message à M. Chirac, avec un mélange de candeur et de cynisme, que les rencontres proposées laisseraient « entière la responsabilité des choix du gouvernement ». Autrement dit, M. Giscard d'Estaing est prêt à bavarder autour d'une tasse de thé, mais le plan qui sera rendu public dans une semaine est déjà arrêté dans ses grandes lignes.

ILS ont minimisé l'inflation, nié le chômage, tourné en dérision les solutions contenues dans le Programme commun de la gauche, qualifié d'« infantiles » les propositions de notre Parti, et maintenant que la noyade de leur politique frappe la majorité des Français, ils voudraient que Georges Marchais leur fournisse la caution d'une entrevue privée ?

Le secrétaire général du Parti communiste est accueilli par la police de M. Poniatowski quand il veut exercer ses droits de citoyen, d'homme politique et d'homme du peuple en allant discuter avec les cheminots de la gare d'Austerlitz de la crise actuelle et des propositions que nous formulons, mais il se refuse à se rendre à l'Élysée ou à Matignon ? De qui se moque-t-on ?

Hier encore, Jacques Chabaz, député et membre du Bureau politique de notre Parti, n'a pu pénétrer dans les locaux du Commissariat à l'Énergie Atomique à Grenoble. Les dirigeants de la Fédération communiste de la Haute-Garonne étaient l'objet d'un même interdit devant une gare toulousaine. Mais les cheminots ne ont fait entrer à la barbe des sbires du ministre, et la concertation a eu lieu. Car les communistes sont pour la concertation.

MAIS d'abord avec les travailleurs, et pas avec ceux qui font travailler des gens pendant des mois en empêchant tout dialogue avec les ouvriers en lutte : pas avec les spécialistes des provocations en tous genres, les professionnels d'un anticommunisme grossier, les apôtres de la répression aveugle.

À ce moment même où M. Giscard d'Estaing assurait la population corse de son « affection », le Conseil des ministres décidait de dissoudre le mouvement autonomiste A.R.C. et M. Poniatowski faisait embarquer deux escadrons lourds de gendarmerie mobile. Certes, nous condamnons les actes violents, les méthodes des commandos, armes meurtrières. Mais précisément, il faudrait pour résoudre les grands problèmes de la Corse, une vaste concertation avec les élus, les organisations représentatives de la population, et des mesures concrètes, une aide économique à la mesure des problèmes posés. M. Giscard d'Estaing se contente de formuler, creuses, et il envoie d'autres contingents de gendarmes avec, probablement, des automitrailleuses, comme à Algérie...

SANS doute, M. Ceyrac, le président des patrons, a-t-il explicité hier, à sa manière, la véritable conception que l'on se fait en haut lieu de la concertation. « L'usage doit être retiré... c'est un lieu consacré au travail... au travail sérieux. Il y a des endroits pour faire de la politique, et des endroits pour travailler... »

Autrement dit, les ouvriers doivent travailler et se taire. Leur tâche est d'amasser des profits pour un patronat de droit divin. Nul n'est autorisé à les détourner de cette mission sacrée. Et surtout pas les communistes, bien entendu !

En bien ! les communistes continueront à militer dans leurs cellules, d'entrepreneurs, les dirigeants communistes continueront leur travail d'explication et de concertation sur les lieux mêmes où se créent les richesses de la nation, et où s'organise la lutte de classes. Les ouvriers ne sont pas des citoyens passifs que l'on pourrait placer sous tutelle. Et les autres Français pas davantage.

Le régime giscardien et son chef ne sont pas surs de belles paroles. MM. Poniatowski et Ceyrac nous rappellent opportunément que leur politique est tout simplement celle, inébranlable et éternelle, de quelques grands groupes capitalistes.

Marcel VEYRIER.

ESCALADE DE LA VIOLENCE FASCISTE DANS LE NORD DU PORTUGAL

A Leiria, les groupes contre-révolutionnaires disposent d'armes automatiques

(Page 3, envoyé spécial Henri ALLEG.)



A Leiria (80 km au nord de Lisbonne), les groupes fascistes portugais exercent une sorte de pouvoir de fait. En voici (cliché ci-contre) qui, mardi soir, désarmant des policiers qui leur remettent leur revolver. Un peu plus tard, dans la nuit, les contre-révolutionnaires ont incendié une voiture dont ils soupçonnaient le propriétaire d'être un membre du Parti communiste (cliché ci-dessous).



« L'HUMANITÉ » DANS SA FÊTE

LA fin de l'été est désormais marquée par cette manifestation de la fois politique et culturelle que constitue la Fête de « l'Humanité ». C'est la justification supplémentaire aux efforts que nous complétons déployer pour que « l'Humanité » ait, mieux encore, dans deux semaines, sa place au centre de la Fête de la Fête.

Aux multiples initiatives dépendant de la direction du journal — qui admettent à une plus spectaculaire mise en valeur de nos deux titres — viennent s'ajouter, un complément indispensable, l'effort organisé de nos militants pour gagner à la lecture de notre quotidien et de notre magazine des milliers de lecteurs nouveaux.

D'ici, avec la vente de la vignette (qui peut atteindre, voire dépasser celle de 1974), plus de 2.000 abonnements spéciaux (1) ont été renouvelés.

Ce premier résultat va servir de tremplin à la quinzième de l'abonnement dont plusieurs fédérations ont pris l'initiative.

Et sur le terrain, des milliers de camarades, dans une démarche organisée, stand par stand, vont parallèlement, recruter de nouveaux communistes et amener une moisson de lecteurs à nos deux titres.

Nombreux en effet sont ceux qui, partageant et défendant nos idées, passent faire de « l'Humanité » leur journal si nous leur l'occasion de le connaître.

les usines, dans les quartiers et les villages, ils viendront en masse à la Fête (2) ne dépend que de nous qu'ils fassent un pas de plus en devant des lecteurs réguliers de notre presse.

Les événements de l'automne seront suffisamment nombreux pour leur permettre, pendant trois mois, de connaître réellement notre politique si souvent tronquée et systématiquement déformée par les grands moyens d'information.

La Fête des communistes sera ainsi, mieux encore, celle de leur journal, celle des idées.

Georges CHIRIO.

Assessment spécial Fête mensuelle - quotidienne à 1 mois 7.

Le nouveau procès de Burgos s'ouvre aujourd'hui :

GARMENDIA et OTAEGUI
 risquent la peine de mort

● La nouvelle loi « antiterroriste » est entrée en application (Page 2.)

NÉGUS

● Déchu, il y a un an par de jeunes militaires, le roi des rois éthiopien Haile Sélassié est mort hier dans l'indifférence. (Page 2.)

CHOMAGE

● Robert Ballanger rappelle à Chirac la gravité de la situation et les solutions préconisées par le P.C.F. (Page 5.)

PRIME DE TRANSPORT

● Georges Séguy demande à Chirac qu'elle soit portée de 23 à 35 F. (Page 5.)

Aujourd'hui à 19 h 20
Georges MARCHAIS
 répond aux questions des journalistes d'Europe 1

FILMS

● Les négatifs de plusieurs films, dont le « Casanova » de Fellini, volés en Italie. (Page 7.)

SPORTS

● CYCLISME. — Geneviève Gambillon (27) cède son maillot arc-en-ciel à la Hollandaise Fopma.



De gauche à droite, G. Gambillon, Trinité Fopma (17) et Concha Van Coten-Baer (27), deux Hollandaises.

● FOOTBALL.
 Nantes - Lyon 2-3.
 Reims - Marseille 3-1.
 Monaco - Nîmes 3-1.
 Saint-Etienne - Bordeaux 5-2.
 Sochaux - Troyes 2-2.
 Lens - Paris-S.G. 3-3.
 Metz - Lille 5-2.
 Strasbourg - Valenciennes 1-0.
 Arignen - Nancy 2-3.

(Page 7.)

**SOIS
JEUNE**

**ET
TAIS
TOI**

